

::: HISTÓRIA DA LITERATURA

- » [Conceito de Literatura](#)
 - » [Origem](#)
 - » [Literatura Grega](#)
 - » [Literatura Latina](#)
 - » [Trovadorismo](#)
 - » [Humanismo](#)
 - » [Literatura Informativa sobre o Brasil](#)
 - » [Romantismo](#)
 - » [Realismo/Naturalismo](#)
 - » [Parnasianismo](#)
 - » [Simbolismo](#)
 - » [As vanguardas Européias](#)
 - » [Pré-Modernismo](#)
- Modernismo**
- » [Portugal](#)
 - » [Brasil](#)
 - » [Literatura Contemporânea](#)

Antes de se iniciar qualquer trabalho sobre Literatura deve-se ter reposta para a seguinte pergunta: **O que é Literatura?**

Para essa questão pode-se usar respostas de estudiosos de renome que nos dariam argumentos para uma infundável discussão.

Por não ser esse o objetivo desse trabalho, optou-se por definir Literatura, em um sentido estrito, como sendo: **Toda forma de expressão, escrita ou oral, baseada na realidade e que se dá por meio da Imaginação.**

Esse conceito pode ser usado como uma espécie de filtro para distinguir uma obra literária de uma outra não literária. O que passar pelo filtro é obra literária, o que não passar não é. Vamos usar o "filtro" nos dois exemplos abaixo:

Exemplo 1

"O investigador da polícia civil Vagner Ferreira de Souza, de 34 anos, reagiu a um assalto na noite de ontem e matou um dos bandidos. Ele trafegava pela Avenida Almirante Delamara, zona sul, por volta das 21h30, quando foi abordado por dois homens num semáforo. Vagner reagiu e baleou Virgílio Adriano Sobrero, de 19 anos, que foi socorrido no hospital Heliópolis mas não resistiu aos ferimentos. O outro assaltante fugiu"

Priscila Arone

Esse texto é uma forma de expressão(escrita ou oral)?

Sim!

É baseado na realidade?

Sim!

Se dá por meio da imaginação?

Não!

Então não é obra literária.

Exemplo 2

*"No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra".*

Carlos Drummond de Andrade

Esse texto é uma forma de expressão(escrita ou oral)?

Sim!

É baseado na realidade?

Sim!

Se dá por meio da imaginação?

Sim!

Então, é obra literária.

Apesar da palavra Literatura originar-se etimologicamente da palavra letra e isso sugerir que a sua existência está relacionada a escrita, a Literatura nasceu nos primórdios da humanidade, junto com o Homo Sapiens. Nessa época o homem vivia em tribos nômades, isto é, não tinham um lugar fixo para morar, e sua alimentação, caça e frutos, era retirada da natureza.

A dificuldade e a escassez da caça, as variações climáticas e as doenças, que levam a morte, geraram, nesse homem, o temor e o respeito às forças que ele não podia controlar nem entender. Surgiram então a fé nos deuses e os cultos religiosos. Esse homem acreditava que, por meio de um determinado ritual, era possível fazer com que chovesse, a caça voltasse ou que o avanço de uma doença fosse contido. Por isso, essas tribos, mesmo sem dominarem a escrita, possuíam um conjunto muito grande de lendas e canções, transmitidas de forma oral de geração a geração. Quando a escrita foi inventada esse acervo cultural foi registrado e a literatura tornou-se mais estável. No princípio, as paredes de cavernas eram usadas para pintar ou inscrever símbolos que contavam essas histórias. Depois, com a generalização do uso desses símbolos, surgiram novas formas para armazenar essas informações. Eram elas:



Tabuleta - Madeira coberta de barro ou cera, nas quais os signos eram gravados por meio de um processo muito parecido ao da escultura.

Óstracos - Vem do grego concha. Material de escrita, constituído por fragmento de cerâmica ou pedra, no qual anotava-se o que não merecia o suporte nobre do papiro. Era usado para escrever textos curtos como rascunhos, recibos, prescrições médico-mágicas etc. Quando não tinham mais utilidade eram jogados fora. Os óstracos são uma fonte incomparável de conhecimento da vida cotidiana dos egípcios.



Papiro - Material largamente usado pelos egípcios, era feito a partir da *Cyperius papyrus*, grande erva própria das margens alagadiças do rio Nilo. Suas compridas folhas eram cortadas em tiras e enroladas. A tinta, uma mistura feita de plantas, água e goma, era colocada no papiro por meio do Cálamo (pedaço de Bambu com um corte no meio).

Pergaminho - Era feito de pele de cabra, ovelha ou de outro animal, amolecida em cal, raspada e depois polida. A tinta usada era de cobre. Inicialmente, para escrever, usava-se o Cálamo, que foi substituído, posteriormente, por penas de aves.



Literatura Grega

- [Poesia Épica](#)
- [Poesia Lírica](#)
- [Teatro](#)

A civilização Grega deve aos povos indio-europeus, helenos, aqueus, dórios entre outros, os aspectos mais originais de sua literatura. Foram deles a primeira criação poética, a criação dos deuses e de suas lendas, conhecidas até hoje. Como exemplo pode-se citar os poemas homéricos, que fazem referência ao povo aqueu.

Ao longo de sua história, a literatura grega teve várias fases e gêneros e, por isso, geralmente é, dividida em três grandes gêneros:

- [Poesia épica ou epopéia](#): conta a história dos heróis e suas façanhas;
- [Poesia Lírica](#): possui origem nos antigos hinos, que eram dedicados aos deuses;
- [Teatro](#): tem o objetivo de emocionar o público, fazendo-o acreditar de que tudo o que acontece durante a peça também pode acontecer na vida real.



Além dessas três divisões temos ainda:

- a **didática** (cujo maior representante foi Esopo, que escreveu cerca de 400 fábulas, nas quais ensinava sobre os valores negativos e positivos e sobre o bem e o mal. A obra de Esopo, que muitas vezes era ilustrada com animais, que tinham as virtudes e os defeitos do homem, influenciou as fábulas romanas e as de La Fontaine),
- a **filosofia** (sendo as figuras de Platão e Aristóteles os maiores destaques)
- a **história** (que tinha o objetivo de salvar do esquecimento os motivos das guerras e os feitos heróicos dos gregos. Os autores que mais se destacaram foram Heródoto, Tucídides e Xenofonte);
- e a **eloquência** (tendo em Demóstenes o seu maior representante).

Esses gêneros não fazem parte do objetivo inicial deste estudo, e, por isso, não receberão o devido e merecido destaque.

Literatura Grega

- [Poesia Épica](#)
- [Poesia Lírica](#)
- [Teatro](#)

A poesia épica está relacionada a uma tradição literária muito antiga. Ela evoca a civilização dos aqueus, um povo guerreiro, que invadiu a atual Grécia e a ilha de Creta. Esse povo, a quem é atribuído a fundação da civilização micênica, fazia da guerra e do saque as suas atividades principais. Durante as batalhas era importante, para os aqueus, demonstrarem sua força e valentia para, assim, ganhar fama. A poesia épica, que era declamada em festas e em vários tipos de cerimônias, glorificava os feitos desses heróis. Os principais destaques da poesia épica foram Homero e Hesído.

Homero

Sete cidades gregas disputam a honra de ser o berço de Homero. Mas tudo leva a crer que ele viveu entre os séculos IX e VIII a.C. em Esmirna, atual Izmir. Ele recolheu e ampliou poemas que contavam as histórias dos heróis Odisseu (Ulisses) e Aquiles e transformou-os nas grandes obras: **A Odisséia** e a **Ilíada**. Essas obras derivam de uma tradição literária muito antiga, pois contam a história das façanhas do povo aqueu. Muitos estudiosos acreditam que essas histórias foram transmitidas via oral durante séculos até chegarem as mãos de Homero. No entanto, há indícios de que esses textos pertençam à Idade do Ferro e, devido a sua precisão e a forma rítmica dos versos, é pouco provável que sua transmissão tenha sido puramente oral. A Homero também são atribuídos vários hinos dedicados aos deuses. Esses hinos são de datas muito diferentes e, por isso, acredita-se que pertençam a autores diferentes. Os mais belos são os *Hinos a Deméter*, *Hinos a Afrodite* e os *Hinos a Apolo* (divididos em duas partes e, muito provavelmente, de dois autores diferentes).



Como se pode ver, motivos não faltam para se colocar em dúvida a atribuição da autoria dessas obras a Homero. Existem alguns estudiosos que chegam até a questionar a existência do autor. De qualquer maneira, tenha Homero existido ou não, tenha ele sido ou não apenas um compilador, que reuniu vários elementos e transformou-os em um todo homogêneo, essas obras, principalmente as epopéias, vieram ao mundo em datas muito próximas e se não pertencem realmente a Homero, são, sem sombra de dúvida, obras homéricas, ou seja, fora do comum. Durante muitos séculos vários escritores tentaram imitar as epopéias, mas não obtiveram menor sucesso.

Hesíodo

Hesíodo Nasceu no vilarejo de Ascra, próximo do Hélicon, na Beócia. Existem muitas controvérsias a respeito do período em que ele viveu. Alguns estudiosos acreditam que tenha sido por volta do final do século VIII a. C. ao começo do VII a.C. Acredita-se ainda que ele teve sua parte da herança de família espoliada, ou seja, roubada, por seu irmão Perses, que, depois de ir a falência, veio pedir ajuda a Hesíodo. Apesar de tudo, o poeta responde ao irmão com bons conselhos. Essa história, bem como toda as informações básicas sobre Hesíodo e sua família podem ser encontradas na obra *Os trabalhos e os Dias*. A poesia encontrada nessa obra é áspera e realista. Apesar da língua e da forma serem muito parecidas com as de Homero, existe um contraste muito grande no estilo dos dois autores. Homero nos mostra a vida dos senhores, baseada em festas e na guerra. Já Hesíodo nos fala, de maneira exata, nada idealizada, sobre a dura vida dos camponeses. Existe a hipótese das obras "Teogonia", que revela indicações de estudos sobre as origens das religiões e algumas cenas de grande profundidade humana, e o "Escudo de Hércules", que imita o canto da "Ilíada", no qual é descrito o escudo de Aquiles, serem de autoria de Hesíodo, porém, isso são só suposições e não havendo provas concretas para sustentar tal afirmação.

Literatura Grega

- [Poesia Épica](#)
- [Poesia Lírica](#)
- [Teatro](#)

A poesia lírica é baseada na expressão dos sentimentos. O ritmo e a melodia são a essência dessa poesia, que está associada intimamente à música e a dança. A poesia lírica, que recebe esse nome por ser geralmente acompanhada pelo som da lira, era usada em cerimônias fúnebres, para louvar os deuses ou celebrar a vitória de um atleta no jogos. Os poetas líricos que mais se destacaram foram: Píndaro, Safo, Alceu, Anacreonte e Simonides.

Píndaro

Acredita-se que ele nasceu em 518 próximo à cidade de Tebas e morreu por volta de 440. Píndaro viajou muito em sua vida. Sua presença foi registrada em Agrigento, Siracusa Atenas e Egina. Autor de poemas densos e profundos, que, para serem entendidos, necessitam de várias leituras e de muita concentração. Píndaro ficou mais conhecido como sendo o poeta dos jogos. Isso ocorreu devido as odes (entre os gregos antigos, composição em verso para ser cantada) compostas em homenagem aos vencedores dos jogos. Esses atletas eram geralmente príncipes ou proprietários muito ricos, que venciam as corridas de carro porque eram donos dos cavalos de corrida. As odes mais famosas compostas por Píndaro foram as Olímpicas, Píticas, Nemeanas e Ístmicas.

Safo e Alceu

Existem muitas coincidências entre Safo e Alceu. Ambos, além de viverem na ilha de Lesbos no último terço do século VII e começo do século VI, faziam parte da aristocracia, se envolveram nas lutas contra os regimes tirânicos de Mirsilo e Pítaco e foram exilados. Safo na Sicília e Alceu no Egito e na Trácia. Além disso, os dois são representantes legítimos da lírica composta para ser cantada por um solista e o amor sensual é comum em suas canções. Alceu é o autor de poemas políticos e convites para o desfrute dos prazeres do vinho e do amor. Já Safo é autora de poesias de cunho homossexual. Ela dirigiu uma escola de poesia e música em Lesbos, que era freqüentada por jovens de boa família. Safo foi muito criticada e acusada, ao longo de toda a história, devido às relações que ela mantinha com suas alunas. Isso ocorreu devido ao tom ardente com que a poetisa se dirigiu a algumas alunas em suas canções. Isso teve tamanha repercussão durante toda a história que deu origem aos termos Safismo e Lésbico e todos os seus derivados.

Anacreonte e Simônides

Anacreonte provém de uma família de origem jônica. Passou quase toda a primeira parte da sua vida na corte de Polícrates, tirano de Samos. Após a morte do seu protetor instalou-se em Atenas. Segundo testemunhos antigos viveu até os 85 anos e, conforme algumas lendas antigas, morreu engasgado com um cacho de uvas. Anacreonte é basicamente um poeta cortesão que celebra os prazeres do vinho e do amor com versos festivos e laudatórios. Não trata temas sérios, e se o faz é com tom burlão ou superficial. Aos fragmentos conservados dos seus cinco livros (odes, canções, elegias, epigramas, etc.) há que acrescentar toda uma tradição («poesia anacreônica») que canta os prazeres das musas e de Afrodite. Pouco se conhece sobre Simônides. Sabe-se que ele era um poeta pessimista muito preocupado com as limitações e o sofrimento do humano.

Literatura Grega

- [Poesia Épica](#)
- [Poesia Lírica](#)
- [Teatro](#)

O teatro grego atingiu todo o seu esplendor durante o período que vai do século V a.C. ao século IV a.C. Esse período também é conhecido como o Século de Ouro, porque foi durante esse intervalo de tempo que a cultura grega atingiu o seu apogeu. A cidade de Atenas foi o centro dessas manifestações e reuniu autores e intelectuais de toda a Grécia. O teatro grego pode ser dividido em três partes: Tragédia, Comédia antiga, e Comédia nova.



Ruínas do teatro grego em Epidauro

Tragédia

Tragédia é a expressão desesperada do homem, que luta contra todas as adversidades, mas não consegue evitar a desgraça. Ela é um gênero característico da Atenas clássica, fundamentada na temática mitológica. Sua raiz está nas festas dionisiacas, consagradas a Dionísio, deus do vinho. As Dionisiacas eram três:

- as **Dionisiacas Urbanas** - consideradas as mais importantes de todas, eram realizadas nas primaveras e duravam sete dias;
- as **Leneanas** - realizadas nas montanhas durante o inverno;
- e as **Dionisiacas Rurais** - realizadas também no inverno no fim do mês de dezembro.

Nessa época, os grandes autores e atores tinham um grande destaque social. Muitos deles eram sustentados pelas cidades em que viviam. Durante o Festival Dionísio ou Dionisiacas eles apresentavam três tragédias, seguidas de uma peça satírica. Essas obras eram julgadas por cidadãos escolhidos entre as famílias aristocráticas e por pessoas que ocupavam um lugar de destaque na sociedade ateniense. Pertencer ao júri da tragédia era uma espécie de distinção. Os grandes autores trágicos foram [Ésquilo](#), [Sófocles](#) e [Eurípedes](#).

Comédia Antiga

A origem da Comédia é a mesma da tragédia, ou seja, às festas dionisiacas, consagradas ao deus Dionísio. A palavra comédia vem do grego Komoidía e sua origem etimológica, Komos, remete ao sentido de procissão. Nessa época havia na Grécia dois tipos de procissão denominadas Komoi: na primeira os jovens saíam às ruas, fantasiados de animais, batendo de porta em porta pedindo prendas. Nessa Komoi era comum zombar dos habitantes da cidade; já no segundo tipo de procissão, era celebrado a fertilidade da natureza. Essa Komoi escoltava uma escultura, que representava um pênis. Durante essa procissão os participantes trocavam palavras grosseiras entre si. Esses palavrões, por conterem conotações religiosas, não eram considerados uma ofensa. Eles eram uma forma de desejar ao próximo fertilidade e fartura.

Acredita-se que essas procissões aconteciam porque a Grécia tinha grandes problemas com a fertilidade da terra também com a das mulheres. Existe ainda uma outra possível origem para a comédia. Segundo Aristóteles ela originou-se nos cantos fálicos. Nesses cantos uma prostituta liderava um cordão e os demais participantes cantavam obscenidades, porém, a primeira definição parece ser a mais concreta. Acredita-se que a comédia, apesar de também ser representada nas festas dionisiacas, era considerada um gênero literário menor, se comparada a tragédia. Isso se dá porque o júri que apreciava a tragédia era nobre, enquanto que o júri da comédia era simplesmente escolhido entre as pessoas que faziam parte da platéia.

A encenação da Comédia Antiga era dividida em duas partes com um intervalo. Na primeira, chamada agón, prevalecia um duelo verbal entre o protagonista e o coro. Depois dessa parte, havia o intervalo, parábase, no qual o coro retirava às máscaras e falava diretamente com o público. O objetivo da parábase era definir uma conclusão para a primeira parte. Depois do intervalo vinha a segunda parte da comédia. Seu objetivo era esclarecer os problemas que surgiram no agón.

A Comédia Antiga, por fazer alusões jocosas aos mortos, satirizar personalidades vivas e até mesmo os deuses, teve sempre a sua existência muito ligada à democracia. A rendição de Atenas na Guerra de Peloponeso no ano de 404 a.C. levou consigo a democracia e, conseqüentemente, pôs fim a Comédia

Antiga. O autor que mais se destacou nesse período foi [Aristófanes](#). Outros nomes, como os de Magnes, Cratino Crates etc., são conhecidos apenas por referências em textos e fragmentos de peças.

A Comédia Nova

Após a capitulação de Atenas frente à Esparta surge a Comédia Nova, que iniciou-se no fim do século IV e durou até o começo do século III. Nesse período a mentalidade dos gregos mudou muito. Eles já não tinham o ideal guerreiro e patriótico do século anterior e, por causa da derrota na guerra de Peloponeso, voltaram-se para o lar.

A Comédia Nova e a Comédia Antiga possuem muitas diferenças. Na Comédia Nova o coro já não é um elemento atuante, sua participação fica resumida à coreografia dos momentos de pausa da ação. Na Comédia Nova a política já quase não é discutida. O seu tema são as relações humanas, como por exemplo as intrigas amorosas. Na Comédia Nova não temos mais as sátiras violentas, ela é mais realista e procura, utilizando uma linguagem bem comportada, estudar as emoções do ser humano. Até meados do século XX a Comédia Nova só era conhecida pelas imitações latinas (Plauto e Terêncio). No entanto, algumas descobertas "papirológicas" resgataram a arte de [Menandro](#). Sabe-se ainda que existiram os autores Filémone e Difilo, porém, não existem indícios da existência de suas obras.

::.Ésquilo



Ésquilo, o primeiro grande autor trágico, nasceu em Elêusis no ano de 525 a.C., participou da batalha de Maratona no ano de 490 a.C. e, por muitas vezes, esteve na Sicília, onde morreu no ano de 456 a.C. Ésquilo acreditava que o Autor era, antes de tudo um educador.

Ele acreditava que se os atores sofressem em cena, isso despertaria os sentimentos de terror e piedade dos espectadores proporcionando-lhes o alívio ou purgação desses sentimentos. Ocorreria assim a purificação das paixões - **Catarse**.

Ésquilo, o primeiro autor a introduzir um segundo ator nas representações, escreveu mais de oitenta obras dentre as quais destacam-se *Os persas*(472), *Os sete contra Tebas*(467), *As suplicantes* (acredita-se que seja de 463), *Prometeu acorrentado* (de data desconhecida e autenticidade duvidosa) e as três peças da *Oréstia* (458): *Agamenon*, *As coéoras* e *As eumênides*.

Durante muito tempo acreditou-se que as trilogias ou tetralogias articuladas, ou seja, três tragédias de uma mesma lenda seguidas de um drama satírico, existiram desde a origem do teatro. Essa teoria começou a ser questionada a partir do momento em que *As suplicantes* não foram mais consideradas como a mais antiga obra de Ésquilo. Por isso, alguns estudiosos acreditam que foi Ésquilo quem instituiu as trilogias ou tetralogias articuladas. A única trilogia completa de Ésquilo que conhecemos é a *Oréstia*. Por meio dela pode-se tentar compreender um pouco o pensamento desse autor, sobretudo porque ela foi escrita pouco antes de sua morte.

Veja Também:

Literatura Grega

- [Poesia Épica](#)
- [Poesia Lírica](#)
- [Teatro](#)

::: Sófocles



Sófocles (496 a 405 a.C.) nasceu em Epidauro e, além de exercer uma brilhante carreira dramática, dedicou parte de sua vida às atividades atléticas, à música, à política, ao militarismo e, por fim, à vida religiosa (foi sacerdote do herói-curador Amino, e, nessa condição, contribuiu para a introdução do culto de Asclépio na Ática.

Sófocles, considerado o continuador da obra de Ésquilo, concentrava em suas obras a ação em um só personagem destacando o seu caráter e os traços de sua personalidade.

Ele sempre se preocupou em descobrir uma solução mais profunda para os problemas que as peças anteriores não resolviam por completo. Sófocles, que segundo Aristóteles mostrava o homem como ele deveria ser, escreveu várias peças dentre as quais destacam-se *Filoctetes*(409), *Édipo em Colona* (401), *Édipo Rei*, que, segundo Freud representa o "drama de todos nós", *Antígona*, *Traquinianas*, *Os investigadores* e *Ajax*.

Veja Também:

Literatura Grega

- [Poesia Épica](#)
- [Poesia Lírica](#)
- [Teatro](#)

Eurípedes

Pouco se sabe da origem de **Eurípedes**. Acredita-se que ele era filho de um mercador de legumes e que viveu entre os anos de 485 a.C. a 406. Eurípedes é considerado por muitos como o homem que revolucionou a técnica teatral.

Ele não tinha a mesma preocupação com o destino como tinha Ésquilo e os seus personagens não eram heróis, como os inspirados nas obras de Homero. Eurípedes tentou mostrar o homem como ele realmente é, ou seja, quase sempre perverso e fraco.

Sobreviveram ao tempo muito mais obras de Eurípedes do que dos outros autores trágicos. Isso aconteceu porque, apesar de Eurípedes não obter muito sucesso junto ao seu povo, pois poucas vezes conseguiu vencer os concursos que participou, sua obra, por abordar temas petéticos e idéias abstratas, foi muito apreciada no século IV.

Devido a essa preferência é possível a elaboração de uma lista de obras com datas quase precisas, são elas: Alceste(438), Medéia (431), Hipólito(428), Hécuba, Os Heráclidas, Andrômaca, Hércules, As suplicantes, Íon, As troianas(415), Eletra, Ifigênia em Táurida, Helena(412), As fenícias, Orestes (408), As bacantes, Ifigênia e Áulis, Ciclope (com data desconhecida). A obra Média, uma das mais conhecida entre nós, é um drama de amor e paixão. E essa é a grande diferença que existe entre as obras de Eurípedes e as de Ésquilo e Sófocles. Na obra de Ésquilo o amor é praticamente nenhum. Em Sófocles ele geralmente fica em segundo plano. No entanto, em Eurípedes ele é essencial e chega às últimas conseqüências, ou seja, a vingança e a morte. Em Eurípedes ainda encontramos a loucura, que pode ser vista na obra Hércules.

Veja Também:

Literatura Grega

- [Poesia Épica](#)
- [Poesia Lírica](#)
- [Teatro](#)



::. Aristófanes



Aristófanes nasceu em Atenas em 457 a.C. Ele viveu a época de maior grandeza da cultura ateniense e também viu o início da guerra do Peloponeso, que terminou em 404 com a sujeição de Atenas a Esparta.

O teatro de Aristófanes é extremamente sarcástico. Ele dirigiu críticas contra os elementos que julgava responsáveis pela decadência de Atenas, contra seus companheiros de ofício (na peça *As festas de Deméter* atacou Eurípedes e seu teatro "moderno", que era cheio de sutilezas retóricas e que invocava outros deuses e não os tradicionais membros do Olimpo) e também contra os filósofos. (em *As nuvens* critica a filosofia representada na pessoa de Sócrates).

Aristófanes era considerado por seus contemporâneos como o principal autor de comédias de sua época. De sua obra resistiram ao poder do tempo 11 peças, a maioria delas obteve grande sucesso nas Dionísticas, são elas: *Os acarnianos*(425), *Os cavaleiros*(424), *As nuvens*(423), *As vespas*(422), *A paz*(421), *As aves*(414), *Lisístrata*(411), *Tesmofórias*(411), *As rãs*(405), *A assembléia de mulheres* (392) e *Pluto*(388).

Veja Também:

Literatura Grega

- [Poesia Épica](#)
- [Poesia Lírica](#)
- [Teatro](#)

:: Menandro



Menandro, que era filho de uma rica família de pecuaristas, nasceu em 343 e morreu em 291 a.C. Durante a época em que viveu não foi reconhecido como um grande autor de comédias. No entanto, depois de sua morte, suas obras foram tão divulgadas que passaram a ser consideradas, por muitos intelectuais da época, como um primor estético.

Um exemplo da fama que Menandro conseguiu foi este epigrama criado por Aristófanes: "Menandro e vida: qual de vós imita o outro?".

As obras de Menandro foram quase todas consumidas pelo tempo. Somente em 1958 foi encontrado um papiro egípcio contendo a obra Misanthropo, que conta a história de um homem, cujo nome é emprestado a obra, e sua filha, Cnemon.

A mulher de Misanthropo, que já tinha o filho, Górgias, de um outro casamento, abandonou o marido e a filha logo após nascimento da menina por causa do caráter intratável de Misanthropo. Sóstrato, um jovem muito rico, tenta se casar com a moça, mas o pai dela não permite essa união.

Essa situação só é revertida quando Cnemon cai em um poço e é ajudada por Górgias. Diante a essa ajuda totalmente desinteressada, Misanthropo se comove, redime-se de seu caráter e permite o casamento de sua filha com Sóstrato.

Górgias, por sua vez, casa-se com a irmã do seu amigo Sóstrato e peça chega ao fim.

Veja Também:

Literatura Grega

- [Poesia Épica](#)
- [Poesia Lírica](#)
- [Teatro](#)

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)



Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

O espírito "prático" fez com que os latinos se destacassem, sobretudo, nas atividades relacionadas à guerra, à engenharia e à política. No entanto, por causa desse mesmo espírito, o interesse literário dos latinos acabou despertando tardiamente. Com efeito, a literatura Latina somente passa a ter um valor realmente literário a partir das guerras púnicas, quando os gregos, que estavam sob dominação Romana, passaram a influenciar os latinos.

Nota: A influência da cultura grega clássica em outras culturas tem o nome de Helenização.

Essa influência foi tanta, que muitos estudiosos consideram a literatura desenvolvida pelos latinos como uma imitação da literatura grega. A questão de os latinos terem ou não imitado os gregos não será abordada neste momento, mas deve-se saber que, se eles o fizeram tal imitações, fizeram com maestria, pois as obras de [Virgílio](#), [Horácio](#), [Ovídio](#), [Tácito](#), [Tito Lívio](#), [Plauto](#) e [Terêncio](#) são classificadas, no mínimo, como geniais.

A literatura Latina é, geralmente, dividida em quatro épocas:

- [primeira época \(das origens a Cícero- 81 a.C\)](#);
- [época de Cícero \(80 a.C a 29 a.C\)](#);
- [época de Augusto \(28 a.C a 14 d.C\)](#);
- [decadência](#).



>>>>Ruínas do Teatro de Mérida - Roma

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

Os textos mais antigos, em verso, da Literatura Latina que sobreviveram a ação do tempo são as orações "**O canto dos sacerdotes Arvais**" e o "**Canto dos sacerdotes Salios**". O primeiro, era recitado pelos sacerdotes de Ceres durante uma procissão campestre que se realizava no plenilúnio (lua cheia) de maio. Já o segundo, ininteligível para os romanos da Idade Clássica, era cantado pelos sacerdotes em procissões e recebiam o acompanhamento de danças. Da primitiva poesia profana, nada restou.

A mais antiga obra da prosa romana é a "**Lei das doze Tábuas**", redigida por volta de 451 a.C. pelos decênviros, que chegou até os Latinos por meio de fragmentos citados em obras posteriores. Essa obra era muito admirada pelos romanos, que viam nela a fonte para a confecção dos direitos públicos e privados.

Ao lado da "Lei das doze Tábuas" encontra-se também alguns fragmentos de leis religiosas, que, por serem coletadas por Papirio, receberam o nome de "**Jus Papirianum**", e algumas ações judiciais, denominadas "**Jus Flavianum**", por serem divulgadas por Cneio Flávio.

Como se pode ver, **essas obras não possuem**, no sentido estrito de literatura, **um caráter literário. O que só veio a acontecer por volta do século III a.C.** nas obras de:

- **Nevio** - soldado da Primeira Guerra Púnica, que escreveu comédias satíricas, tragédias e a epopéia "A Guerra Púnica";
- **Livio Andronico** - um preso, que escreveu tragédias, comédias e uma odisséia. Vale lembrar que essas obras são apenas mera traduções do grego para o Latim;
- [Eneio](#).

Origem do Teatro

Desde a mais alta antiguidade havia representações teatrais rudimentares. No entanto, essa atividade não se caracterizava-se como Teatro, propriamente dito, que teve seu início com Livio Andronico no século III a.C.



Anfiteatro de Pompeya - Roma 80 a.C.

Nas primeiras encenações teatrais os romanos armavam os tabladros ao ar livre e os espectadores acomodavam-se na relva. Depois, eles passaram a construir teatros provisórios, desarmados depois das representações. Só em meados do século I a.C. é que foi construído o primeiro teatro de pedra, o teatro de Pompeu.

Como base nessa nas demais construções de edifícios para as representações teatrais, nota-se a importância dada ao teatro pelos Romanos.

Nessa época as peças teatrais tinham o nome geral de "Favulae" e eram classificadas da seguinte maneira:

- **Fabula Palliata** - Imitava a comédia grega. A maioria dos personagens eram gregos e as cenas se passavam na Grécia. Os atores vestiam um manto negro denominado **Palium**.
- **Fabula Togada** - Comédia que se passava na Itália e apresentava cenas da vida romana. Os

atores usavam a **toga** (manto romano)

- **Fabulae Praetextae** - Tragédias que tratavam de assuntos romanos. Os personagens usavam uma toga branca e ornada de púrpura denominada **Praetexta**.

Os principais autores do teatro romano desse tempo são [Plauto](#) e [Terêncio](#).

A Prosa Literária

A Prosa, com caráter literário, da primeira época da Literatura Latina apareceu bem mais tarde do que a poesia e serviu como instrumento de divulgação da história e da eloquência. Os maiores representantes desse gênero foram: [Catão](#), Tibério, Caio, Marco-Antonio, e Licínio Crasso, sendo esse o maior orador do seu tempo.

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

A época de Cícero é conhecida assim porque Roma produziu, no primeiro século antes de Cristo, grandes oradores: **César, Catão de Útica, Marco-Antonio, Hortêncio** etc. No entanto, a todos eles, excedeu-se [Cícero](#), que não foi somente o maior orador do seu tempo. Ele foi também, sem sombra de dúvidas, o maior e mais completo homem de letras da antigüidade e, na opinião muitos estudiosos, um dos maiores homens de letras que á existiu. Assim, **devido a grande importância de Cícero na Literatura Latina**, o período em que ele viveu ficou conhecido como **Época de Cícero**.



"Cícero Orando no Senado. Por Cesare Marccari

Vale lembrar que esse período se inicia-se algum tempo depois do nascimento de Cícero e termina algum tempo depois de sua morte. Isso é fácil de se explicar porque Cícero, obviamente, só passou a ser respeitado e reconhecido depois alguns anos de ter nascido. Esse período vai além do ano de sua morte porque, devido a sua grandeza, Cícero, ainda fez muito sucesso e obteve muito respeito, mesmo depois de sua morte.

Além de [Cícero](#), e dos oradores citados acima, os nomes que mais se destacam nesse período são:
[Lucrécio](#);
[Catulo](#);
[Caio Júlio César](#);
[Salustio](#); e
[Cornélio Nepos](#).

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)



www.mundocultural.com.br

Devido à ascensão de Augusto ao poder, o Império Romano passa por um período de paz e prosperidade. Esse fato, aliado ao desaparecimento da Liberdade, com a queda do regime republicano, fez com que a Eloquência entrasse em decadência e a poesia e a história passassem a ser o centro das atenções nos meios literários.

Os principais destaques desse período foram:

[Virgílio](#);

[Horácio](#);

[Tíbulo](#);

[Propércio](#) na poesia e;

[Tito Lívio](#) na história.

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

Depois da morte de Augusto a Literatura Latina entrou em franca decadência. Dentre as varias razões que colaboraram para que isso ocorresse destacam-se:

- A tirania dos césaes;
- O cosmopolitismo;
- O mau gosto introduzido pelas literaturas públicas;
- O abandono dos modelos gregos em substituição dos modelos latinos, o que significava a imitação da imitação.

Na mediocridade geral a que decaiu a Literatura Latina depois da época de Augusto, as figuras que se destacaram foram:

- Poesia: [Lucano](#), Fredo, [Pérsio](#), [Juvenal](#) e [Marcial](#);
- História: [Tácito](#) e [Suetonio](#)
- Tragédia e filosofia moral: [Sêneca](#)
- Romance: [Petrônio](#) e [Apuléio](#)
- Ciências naturais: [Plínio, o Antigo](#).

:: Públio Virgílio Marão (70 a.C. - 19 a. C.)



Virgílio nasceu em uma aldeia chamada Andes atual Pietole, perto de Mântua, hoje Mantova, em 70 a. C. Filho de um pequeno agricultor, foi criado em um ambiente campestre, que amou por toda a vida. Foi educado em Cremona, de onde saiu primeiro para Mediolanum, hoje Milão, passou por Nápoles indo depois para Roma, onde se especializou em retórica e filosofia.

Em Roma fez numerosos amigos, muitos deles influentes como Cornélio Galo, Asínio Pólio, e sobretudo, Mecenas, que o ajudaram a tornar-se uma espécie de poeta oficial do regime do imperador Augusto.

>>>>

Foto da Estátua do Poeta Virgílio em Mântua

Por volta de 30 a.C. começou a composição da "**Eneida**". Em 19 a.C. a quando a obra estava quase completa, Virgílio, desejando visitar os lugares onde se passava uma parte da ação do poema, partiu para a Grécia e Ásia Menor. Durante essa viagem adoeceu e regressou a Itália, falecendo pouco depois de chegar ao porto de Brundisium, hoje Brindisi. Por não poder dar o seu toque final na "epopéia Eneida", pediu para que o poema fosse destruído. Desejo esse que não foi concretizado porque o Imperador Augusto, mesmo sabendo do desejo do poeta, não permitiu a destruição da obra, salvando assim uma das obras-primas da poesia em todos os tempos.

A **Eneida é a epopéia nacional dos Romanos**, ou seja, a glorificação da grandeza de Roma. Toda sua ação está baseada em uma lenda popular da península desde os tempos das guerras púnicas, na qual Enéias veio para a Itália e dele descendeu o povo romano. Nessa obra Virgílio faz uma espécie de síntese das fábulas gregas e das tradições latinas. Por isso, pode-se dizer que a Eneida está "contaminada" pela Ilíada e pela Odisséia, compostas por Homero. Os seis primeiros cantos de a Eneida são uma réplica abreviada da Odisséia. Neles temos: aventuras terrestres e marítimas de Enéias, que, no caso é errante como Ulisses; um episódio amoroso; e uma ida ao inferno. Já os seis cantos finais contêm uma série de combates muito parecidos como os da Ilíada.

Em a Eneida a história romana é contada por um interessante recurso literário: quando Enéias desce ao inferno a alma de seu pai, Anquises, lhe mostra no rio Lestes uma multidão de almas que, futuramente, se encarnariam. Dentre elas estão nomes de ilustres romanos, que fariam Roma tornar-se um grande império; No canto VIII, Enéias recebe, da deusa Vênus, armas forjadas por Vulcano. No escudo estão representados os grandes feitos que, no futuro, seriam executados pelos romanos.

A Eneida, no entanto, não resume-se somente a contar a história dos romanos, Isso se dá devido a "verdade humana de seus personagens". No episódio de Dido temos uma das mais patéticas cenas da paixão amorosa.

Além de a "Eneida" ainda destacam-se as seguintes obras compostas por Virgílio:

Bucólicas ou Églogas - Essa obra começou a ser escrita por Virgílio quando ele ainda vivia no ambiente campestre de sua terra natal, sendo terminada em Roma quando o poeta já tinha mais de trinta anos. A obra Bucólicas é composta por dez poemas curtos. Nove deles exaltam, pela voz de pastores, a vida no campo e a paisagem tipicamente italiana. A quarta égloga é uma espécie de profecia, que anuncia a chegada de uma nova idade de ouro. Os versos dessa égloga estão impregnados por um mistério tão próximo dos livros santos, que cristãos como Santo Agostinho, viram neles uma espécie de anúncio do nascimento de Cristo.

Geórgicas - Poema didático sobre a agricultura, dividido em quatro livros:

- cultura da terra;
- cultura das árvores, especialmente da vinha;

- criação animal;
- apicultura.

A obra de Virgílio, baseada em estilos gregos, deu origem a chamada escola virgiliana, que influenciou a poesia ocidental por muitos anos, até mesmo, autores épicos dos séculos XVI e XVII como Camões, Tasso, Milton.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Horácio (65 a.C. - 8 a. C.)



www.mundocultural.com.br

O poeta lírico, satírico e filósofo Quintus **Horatius** Flaccus ou Quinto Horácio Flaco nasceu em Venússia, posteriormente Venosa, Itália. Filho de um escravo emancipado, que exercia as funções de recebedor dos dinheiros públicos no leilões, Horácio teve boa educação literária em Roma, completada, depois, em Atenas. Nesta cidade se achava ainda quando ocorreu o assassinato de César (44 a. C.).

Horácio e vários de seus colegas de estudos acolheram com entusiasmo o feito de Brutus, e quando esse organizou o exército que iria combater em Filipos, Horácio, com apenas vinte anos, recebeu o comando de uma legião.

Apesar da derrota em Filipos, pôde regressar a Roma graças a uma anistia.

Em Roma, conseguiu o cargo de escrivão de questor e, graças proteção do influente Caio Mecenas, a quem foi apresentado por Virgílio, Horácio entrou para os círculos literários, tornando-se o primeiro literato profissional romano. Mecenas ainda presenteou-o com uma casa de campo nos arredores de Tibur, hoje Tívoli. A partir daí Horácio dedicou-se somente ao cultivo da poesia, chegando a recusar até mesmo o posto de secretário particular de Augusto.

Horácio reagiu contra a escola de Catulo, procurando os seus modelos nos velhos líricos da escola lesbiana. Em seus versos, de notável perfeição formal, vemos refletido a moral epicurista, ou seja, não se entregue a ambição, goze com moderação dos bens da vida e não se preocupe como o futuro (*carpe diem*).

As obra lieterária de Horácio é composta por:

Odes (19 a. C.) - Peças líricas sobre vários assuntos;

Epodos, ou Iambos - coleção de 17 poemas escritos na mocidade, que tratavam de assuntos romanos e imitava, tanto no metro como no espírito satírico, o poeta Arquíloco;

Satíricas ou Sermones - baseado em assuntos literários ou morais, discute questões éticas;

Canto Secular, composta a pedido de Augusto. (20 a. C.) - hino epistolar de caráter litúrgico dedicado a Apolo e Diana;

Epístolas - coleção de cartas sobre assuntos variados: recomendações, convites e discussões filosóficas e morais. Dentre essas cartas destaca-se a carta aos Pisões, conhecida como Arte Poética.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Tíbulo (55 a.C - 19 a.C.)

Poeta latino nascido provavelmente em Roma, tido como o segundo na clássica seqüência dos grandes escritores de elegias que se estende até Ovídio.

De origem nobre, teria perdido parte da fortuna nas guerras civis (41 a. C.), em conseqüência do confisco de suas propriedades por Marco Antônio e Otávio.

Protegido por Messala, estadista e incentivador das artes, tornou-se proeminente membro do seu círculo literário e acompanhou suas expedições à Gália e à Grécia. Adoecido durante a expedição em Corcira (29 a. C.), retirou-se para sua casa de campo, onde dedicou-se integralmente à poesia. Parte de sua obra foi reunida no Corpus Tibullianum, produção do círculo de Messala.

Foi considerado por Quintiliano como o maior dos líricos, e influenciou, no Renascimento, Ronsard e seus discípulos.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Propércio, Sextus Propertius (47 a.C. - 15 d.C.)

Propércio nasceu no ano de 47 a.C. em Assis, Úmbria. Filho de família abastada, ficou órfão de pai quando ainda era menino, cabendo à mãe os créditos por sua boa educação. No ano de 34 a.C. mudou-se, junto com a mãe, para Roma, onde dedicou-se quase que exclusivamente a poesia, uma vez que não tinha inclinação para a vida administrativa ou a política.

Como poeta, escreveu quatro livros de Elegias. O primeiro deles a ser publicado foi **Cíntia**, também conhecido como Monobiblos (28 a.C.), que tem, essencialmente, uma temática amorosa. Essa obra fez tanto sucesso que lhe possibilitou o ingresso no círculo de Mecenas, do qual faziam parte Virgílio e Horácio, poetas esses que constituíram a principal influência da sua arte.

O livro quatro, publicado postumamente em 16 a. C., gira em torno da descrição das lendas das fundações das cidades e a instituição dos ritos romanos. Pela riqueza estilística e hábil síntese de motivos estéticos, psicológicos e filosóficos, as elegias desse livro são consideradas o ápice do gênero na poesia romana.

Os poemas de Propércio foram largamente traduzidos durante o Renascimento, chegando a inspirar O Romântico Goethe em suas **Römische Elegien** (Elegias romanas). Apesar de sua linguagem vaga e obscura, poucos autores romanos são comparados a ele pelo seu poder de imaginação, força e calor erótico, cabendo, por isso, a Propércio o título de maior representante da poesia elegíaca latina.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

::. Tito Lívio - Titus Livius(59 a.C. - 17 d. C.)

Tito Lívio nasceu em Patavium, hoje Pádua, no ano de 59 a. C. De origem humilde, a base de sua educação foi o estudo de retórica e de filosofia. Graças à sua competência profissional como escritor adquiriu uma situação econômica confortável.

Cresceu em meio às guerras civis que assolaram a Itália antes e depois da morte de Júlio César, e que se encerraram com a vitória de Otávio, futuro imperador Augusto, na batalha de Actium, ou Accio (31 a. C.). Talvez esse tenha sido o motivo de Tito Lívio não ter estudado na Grécia, como era comum entre os romanos cultos.

Estabeleceu-se em Roma no ano de 30 a. C. e, nesse lugar, adquiriu grande prestígio junta a Augusto, sendo nomeado preceptor do jovem Cláudio, futuro imperador. Apesar disso, manteve-se isolado da política e do círculo de literatos que rodeava o imperador e que incluía Virgílio, Horácio e Ovídio, e, graças a essa independência, pôde expressar suas próprias idéias. Faleceu em Patavium no ano de 17 d. C.

Tito Lívio escreveu primeiro algumas obras filosóficas, todas elas perdidas. Nos últimos quarenta anos de sua vida dedicou-se a narrativa da **História de Roma**, desde a sua fundação, até o ano de 9 d.C. Essa obra, denominada **Ab urbe condita Libri**, é composta por 142 livros dos quais apenas 35 conservam a ação do tempo. Desde o início de sua composição, ela foi uma realização impressionante em imponência, tornando-se um clássico, ainda quando o seu autor era vivo e influenciando a historiografia produzida até o século XVIII. Para escrevê-la Tito Lívio recorreu mais a obra dos historiadores que o procederam, sobretudo à obra do grego Políbio, do que aos documentos originais.

Devido à grande extensão, produziram-se, a partir do século I d. C., muitos sumários. Por meio deles foi possível conhecer os conteúdos dos volumes perdidos. Acredita-se que os últimos vinte livros tenham sido publicados somente após a morte de Augusto, por conterem passagens críticas sobre seu reinado.

Os principais méritos de Tito Lívio foi o focar a história do ponto de vista moral e elevar a prosa latina ao mais alto grau de expressividade, correção e vigor. Devido a sua grande admiração por Cícero, Tito Lívio gostava da frase ampla e abundante.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Lucano - Marco Aneu Lucano (39 - 65)

O poeta latino Marco Aneu Lucano nasceu em Córdoba, Espanha, no ano de 39. Sobrinho do filósofo Sêneca, foi educado em Roma e Atenas e, ainda muito jovem, tornou-se um dos poetas favoritos de Nero. No entanto, essa predileção durou pouco, pois, devido a inveja de seu sucesso, Nero passou a persegui-lo com tanta intensidade que proibiu a divulgação de seus livros e sua participação em recitais. Em contrapartida o poeta ligou-se a oposição republicana e passou a escrever violentos epigramas contra o imperador.

Preso, como um dos principais articuladores da conspiração de Caio Piso, cujo objetivo era assassinar o imperador, o poeta foi obrigado a suicidar-se e cortou os pulsos, enquanto recitava seu poema sobre a morte de um soldado ferido.

Lucano ficou conhecido como um poeta sério, conciso e de sintaxe difícil, porém coerente com sua maneira de pensar e com seus ideais filosóficos e políticos.

A única obra de Lucano que resistiu a ação do tempo foi a epopéia *Bellum civile* (A guerra civil), conhecida também como *Farsália*. Nesse poema, de tom declamatório, o tema é a batalha travada em 48 a.C. em que Júlio César derrotou Pompeu, acabando com a guerra civil. Esse poema apresenta momentos de nobre beleza, como aquele que, descrevendo a visita de César às ruínas de Tróia, contém a reflexão que tornou-se provérbio: *Etiam periere ruinae* (até as ruínas pereceram)

Lucano foi um poeta muito admirado na Idade Média, chegando a influenciar autores do classicismo francês.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Pérsio - Aulo Pérsio Flaco (34 - 62)

Poeta estóico(1) romano nascido em Volterra, Etrúria, caracterizado por empregar em suas sátiras, um tom moralista mais acentuado que outros poetas clássicos, muito admirado em sua época, e menos apreciado pela crítica moderna.

Homem de grande fortuna, viveu em Roma, onde se tornou amigo do poeta Lucano e do filósofo Lúcio Cornuto, sob cuja influência tornou-se estóico. Influenciado pela leitura do décimo livro de Lucílio, dedicou-se então a escrever sátiras.

Escreveu um total de seis sátiras, compostas por 650 versos hexâmetros, em forma de diálogos e epístolas, publicadas postumamente por Cornuto. A primeira sátira critica as preferências literárias da época e a decadência da ética nacional. As demais são discussões filosóficas sobre temas freqüentemente tratados por Sêneca, como os pedidos que podem, por direito, ser feitos aos deuses, a necessidade de autoconhecimento para o homem público e a doutrina estóica de liberdade.

Morreu ainda muito jovem, em Roma, e deixou incompleta a obra *Satyræ* (Sátiras).

1 (Designação comum às doutrinas dos filósofos gregos Zenão de Cício (340-264) e seus seguidores Cleanto (séc. III a.C.), Crisipo (280-208) e os romanos Epicteto (?-125) e Marco Aurélio (121-180), caracterizadas sobretudo pela consideração do problema moral, constituindo a ataraxia o ideal do sábio.)

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

::: Juvenal - Décimo Júnio Juvenal (55 - 127)

Poeta satírico romano nascido em Aquino, Apúlia, que deixou em seus poemas uma imagem crítica e mordaz da sociedade romana do século I e que permaneceu admirável ao longo dos séculos.

De uma família abastada, obteve formação militar, mas ressentido por não obter um posto administrativo a serviço do imperador Domiciano, revelou-se de letras ao escrever uma sátira contra a parcialidade e o favoritismo da corte imperial, o que lhe valeu também o desterro na cidade egípcia de Syene, hoje Assuã, e o confisco de suas propriedades.

Depois da morte de Domiciano (96) e sob a proteção de homens poderosos, pode regressar a Roma, onde ficou até sua morte.

Sua obra compõe-se de 16 poemas satíricos em verso hexâmetro, repartidos em cinco livros, com versos que evocam os tempos antigos, apelam para o sentimento patriótico e atacam, com indignação, a decadência e corrupção a que haviam chegado a sociedade e a vida romanas. Imperadores, nobres, estrangeiros, homossexuais e mulheres, cujos vícios e costumes dissolutos foram tema de sua sátira mais famosa, são seus principais personagens, que critica acidamente a conduta de seus contemporâneos.

Suas sátiras inspiraram escritores de todos os tempos, desde o italiano Giovanni Boccaccio até os britânicos Jonathan Swift e Samuel Johnson.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Marcial - Marco Valério Marcial (38 - 103)



O escritor latino Marco Valério Marcial nasceu em BÍlbilis, Espanha, no ano de 38. No ano de 64 foi para Roma e, com a morte de seus conterrâneos Sêneca e Lucano, no ano de 65, procurou a proteção dos nobres e, depois de alguns anos, conseguiu a ajuda do imperador Tito. Proteção essa continuada pelo imperador Domiciano, sucessor de Tito, que o introduziu em seu pequeno círculo de favoritos, ao qual pertenciam intelectuais como Marco Fábio Quintiliano e Plínio o Moço.

Suas primeiras obras de sucesso foram o **Liber spectaculorum** (80), com mais de trinta poemas em exaltação aos jogos organizados por Tito para a inauguração do Coliseu, e as coletânea de poemas comemorativos para as festas em honra ao deus Saturno, **Xenia** (84) e **Apophoreta** (85).

Depois disso, começou a publicar a série de 12 livros denominada **Epigramas** (85-100), onde escreveu com desenvoltura textos mordazes, retratos satíricos, anedotas, quadros, trocadilhos e poemas de ocasião, uma verdadeira crônica de seu tempo e ao mesmo tempo um diário do poeta, considerado o mais original da literatura latina.

Com a morte de Domiciano (96), e o fim da dinastia dos Flávios, seu prestígio entrou em decadência e, então, voltou a BÍlbilis (102), onde morreu no ano seguinte, deixando um modelo de epigrama que se tornou uma fonte de inspiração inesgotável, tanto para os escritores latinos posteriores como para os renascentistas e os mestres do classicismo francês.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Tácito - Públio [ou Gaio] Cornélio Tácito (54 - 120)

O historiador, biógrafo e etnólogo Públio Cornélio Tácito provavelmente nasceu no norte da Itália ou no sul da Gália, hoje sudeste da França. De família abastada, estudou retórica e direito com dois oradores famosos: Marco Aper e Júlio Secundo. Um pouco mais tarde tornou-se amigo do erudito Plínio o Moço.

Tácito trabalhou como tribuno militar e casou-se, no ano de 77, com a filha do cônsul Júlio Agrícola, futuro governador da Bretanha. Nos anos seguintes, ocupou cargos sucessivos da carreira de funcionário administrativo, que o obrigaram a ausentar-se frequentemente de Roma, onde consolidou seu prestígio de orador e advogado.

No ano de 97 foi nomeado cônsul pelo imperador Nerva. A partir daí começou a redigir suas obras, iniciando por **Agrícola (De vita Julii Agricola - 98)**, uma biografia de seu sogro, que contém uma notável descrição de seus anos como governador da Bretanha. Continuou a prestar serviços ao império e chegou ao ponto máximo da carreira quando foi designado procônsul da Ásia (112-113). Morreu no ano de 120.

Além de Agrícola Tácito escreveu cerca de 30 livros dos quais restam alguns ou partes deles os que mais se destacam são:

Germania (De Moribus Germanorum - 99) - descreve o país e os costumes das diversas populações germânicas. Nessa obra Tácito opõe a simplicidade de vida e a energia dos bárbaros à molície e amor e do luxo de seus compatriotas;

Histórias (Historiae 109) - narra os acontecimentos que vão da morte de Nero até a de Domiciniano;

Anais (Annales -117) - englobam os sucessos anteriores da morte de Augusto à de Nero.

O Método de narrar de Tácito consiste em narrar os acontecimentos ano a ano, mas com freqüentes digressões. Apesar de citar documentos oficiais, Tácito põe na boca das personagens discursos, boa parte inventados. Apesar disso, sua imparcialidade é confirmada pelo testemunho de outros historiadores. O destaque na sua obra são os retratos psicológicos dos imperadores romanos.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Suetônio - Gaio Suetônio Tranqüilo (69 - 132)

Gaio Suetônio Tranqüilo nasceu no ano de 69 e pertencia à classe dos cavaleiros, os equites, intermediária entre as grandes famílias patrícias e as classes baixas. Foi protegido do escritor Plínio o Jovem, aparentemente recebeu boa educação em leis e na juventude exerceu o posto de tribuno militar.

Depois da morte de Plínio trabalhou para Septício Claro e, com a ascensão de Adriano ao trono, no ano de 117, entrou para o serviço imperial como encarregado de bibliotecas e arquivos e conselheiro cultural e foi secretário da correspondência do imperador (121-122).

A partir de então, passou a se dedicar apenas a seus trabalhos literários, uma obra inicialmente caracterizada por tratar de assuntos do passado, como antigas diversões gregas, história dos espetáculos romanos, origens das imprecisões e juramentos, terminologia do vestuário, cortesãos famosos, defeitos físicos e crescimento da burocracia.

Porém sua celebridade deve-se principalmente às obras *De viris illustribus*, sobre as vidas dos mais importantes autores romanos, como as biografias de Horácio e Virgílio, e *De vita caesarum*, coleção de biografias de Júlio César e dos 11 imperadores até a morte de Domiciano, organizadas por tópicos: antecedentes familiares do imperador, carreira antes da ascensão ao trono, ações públicas, vida privada, aparência, personalidade e morte, recheadas de avaliações críticas, humorísticas e ridicularizantes, que tiveram grande popularidade na Idade Média e no Renascimento.

De todos os historiadores antigos Suetônio é o que mais se aproxima do método histórico moderno, ou seja, não se vale da retórica, não insere discursos fictícios, narra os fatos segundo os documentos que consultou, documento esses, muitas vezes reproduzidos textualmente. A sua veracidade não recua diante de nenhum pormenor, por mais odioso e repugnante que fosse.

Veja Também:

Literatura Latina

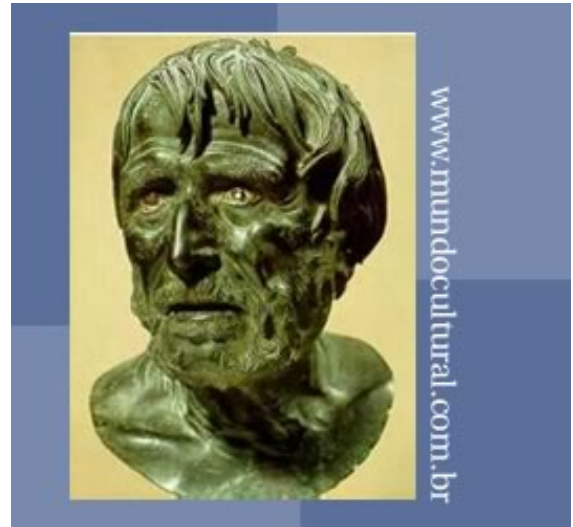
- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Sêneca - Lucius Aneus Seneca (4a.C. - 65d.C.)

Lucius Aneus Sêneca nasceu em Córdoba, na Espanha, no ano de 4 a.C. Conhecido como Sêneca o Jovem, era filho de Sêneca filho de Lúcio Aneu Sêneca o Velho, célebre orador. Devido a sua origem ilustre foi enviado a Roma para estudar oratória e filosofia.

Por problemas de saúde viajou para o Egito, onde ficou até se curar (31). Quando regressou a Roma iniciou sua carreira como orador e advogado, participando ativamente da vida política e logo chegou ao Senado.

Envolvido em um processo por causa de uma ligação com Júlia Livila, sobrinha do imperador Cláudio, foi exilado na Córsega durante os anos de 41 a 49. No exílio dedicou-se aos estudos e redigiu vários de seus principais tratados filosóficos, entre eles *Consolationes*, em que expôs os ideais estoicos clássicos de renúncia aos bens materiais e busca da tranquilidade da alma mediante o conhecimento e a contemplação.



Perdoado por interferência de Agripina, sobrinha do imperador, voltou para Roma no ano de 49 e, no ano seguinte, foi nomeado pretor. Com a morte de Cláudio em 54 escreveu a obra-prima das sátiras romanas, *Apocolocyntosis divi Claudii*, contra o ex-imperador. Com Nero, filho de Agripina, nomeado imperador, tornou-se seu principal conselheiro e orientador político.

Com o avanço dos delírios de Nero e a execução de Agripina no 59, Sêneca, depois de condescender um pouco com os maus instintos de Nero, retirou-se da vida pública em 62, passando a se dedicar exclusivamente a escrever e defender sua filosofia. No ano de 65 foi acusado de participar na conjuração de Pisão, recebendo de Nero a ordem de suicídio, que executou em Roma, no mesmo ano.

Sêneca escreveu oito tragédias, que foram uma espécie de modelo no Renascimento e inspirou o desenvolvimento da tragédia na Europa. No entanto, seu maior sucesso foram os seguintes tratados de moral:

- Da Brevidade da Vida;
- Da Vida feliz;
- Da Clemência;
- Dos Benefícios; etc.

Essas obras, desenvolvidas de maneira agradável, são consideradas as máximas da filosofia estoica (filosofia caracterizada, sobretudo, pela consideração do problema moral, constituindo a ataraxia o ideal do sábio).

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Petrônio, o Árbitro (14 a.C - 66 a.C.)

Petrônio nasceu em Marselha no de 14 a.C. Nascido em uma família aristocrática e abastada, mostrou toda a sua competência e eficiência política ao ocupar os cargos de governador e depois o de cônsul da Bitínia, atual Turquia. Depois ocupou o cargo de conselheiro de Nero, sendo nomeado arbiter elegantiae (árbitro da elegância, 63). Em 65, acusado de participar na conspiração contra o imperador, foi condenado ao suicídio.

Passou suas últimas horas numa festa, em Cumas. Nessa ocasião, catalogou os vícios de Nero e enviou-lhe a lista antes de cortar os pulsos.

Da obra de Petrônio destacam-se o livro **Satiricon**, uma espécie de romance em prosa e em verso, de composição bastante frouxa, mas de estilo muito natural, cheio de vivacidade e de graça mordaz, a julgar pelo que nos resta da obra, sobretudo pelo episódio "Festim de Trimalcião", uma sátira a um novo-rico da sua época. **Satiricon** originou ainda o filme, do mesmo nome, dirigido pelo cineasta italiano Federico Fellini. a obra, que se mantém atual como crítica social e fonte documental daquela época, tem a intenção de ridicularizar a oposição burguesa e intelectual a Nero. Além disso, Satiricon serviu de base para a novela moderna e para o primeiro romance realista da literatura universal.

Segundo Tácito, historiador romano, Petrônio foi o autor da obra que mostrou um retrato sarcástico da sociedade romana do século I da era cristã.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Apuléo - Lucius Apuleius (125 - 164)

Apuléo nasceu em Madaura, na Numídia (hoje Argélia) no ano de 125. Educado em Cartago e Atenas, viajou pelo Mediterrâneo, estudando ritos de iniciação e cultos. Profundo conhecedor de autores gregos e latinos, ensinou retórica em Roma antes de regressar à África para casar-se com uma rica viúva. Em virtude da oposição da família da noiva ao casamento, escreveu a obra Apologia (173), uma espécie de autobiografia, em que se defende da acusação da prática de magia.

Escreveu ainda diversos poemas e tratados, entre os quais Florida, coletânea de trabalhos de eloquência. A sua obra mais conhecida é O asno de ouro, uma narrativa em prosa em 11 livros a que inicialmente chamou Metamorfoses. Essa obra narra as aventuras do jovem Lúcio, que, para se transformar em pássaro unta-se de um unguento mágico, mas, por ter usado o unguento errado, se vê mudado em asno. Após passar por uma séria de aventuras extraordinárias recupera a forma humana graças à intervenção de Ísis.

O único romance da antiguidade a chegar completo aos nossos dias, é a bela fábula de Amor e Psiquê, que pode ser interpretada como uma alegoria da união mística, relacionando cenas grotescas, terrificantes, obscenas e, em parte, deliberadamente absurdas. O tema desta obra foi retomado por muitos escritores, entre os quais, no século XIX, os poetas ingleses William Morris e Robert Bridges. Outras passagens também reconhecidas em Decameron, de Giovanni Boccaccio, no Don Quixote, de Miguel de Cervantes, e no Gil Blas de Alain Le Sage.

Apuléo morreu em Cartago no ano de 164.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Plínio, o Antigo - Gaius Plinius Secundus(23 - 79)

Plínio, o Antigo nasceu no ano de 23 em Como. Estudou em Roma e iniciou-se na carreira militar na Germânia, aos 23 anos, como oficial de cavalaria, na qual chegou a comandante antes de dedicar-se a escrever e estudar. Desempenhou importantes cargos públicos e foi nomeado procurador na Espanha e, depois, no norte da África e na Gália.

Terminou de escrever *Historia naturalis* (77), em 37 volumes, a única de suas obras que chegou até a atualidade, um tratado de História Natural, por isto cognominado de o Naturalista, onde relatou todo o conhecimento científico até o início do cristianismo, com citação sobre 35.000 fatos úteis.

Teria compilado mais de dois mil livros de 146 autores romanos e 327 estrangeiros, inclusive descrevendo as reservas de aluminita da Itália. Dedicada a Tito, a obra revelava alto saber enciclopédico, num estilo que oscila entre a linguagem corrente e um vocabulário elaborado. Tratou de matérias diversas, como geografia, cosmologia, fisiologia animal e vegetal, medicina, história da arte, mineralogia e outras, numa tentativa de reunir todo o saber do mundo antigo. Apesar da imprecisão de alguns dados técnicos e matemáticos, muitas vezes oriunda das próprias fontes que transcreve, a obra é um dos melhores textos da antiguidade clássica e fornece também dados importantes para a história da arte antiga, pois trata de ourivesaria, escultura, pintura e arquitetura.

O que se sabe de sua vida e sua vasta produção literária provém de referências de seu sobrinho Plínio o Moço, que em carta a Tácito, por exemplo, resalta o caráter heróico da morte do tio, que morreu asfixiado na famosa erupção do Etna, em Estábia, quando para lá acorreu como comandante da frota em Messina, seu último cargo público, na tentativa de ajudar os sobreviventes de Pompéia e Herculano e Estábia, e ao mesmo tempo estudar o fenômeno.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Marco Tulio Cícero (106 a.C. - 43 a.C.)

Cícero nasceu em Arpino, uma pequena cidade do Lácio, e veio para Roma ainda jovem. Nessa cidade, freqüentava o Fórum, onde ouvia os grandes mestres da oratória, pois tinha o sonho de transforma-se em um deles e depois superá-los.

Esse sonho realizou-se quando Cícero tinha 25 anos, ao vencer o grande Hotêncio, na defesa de Quincio contra um poderoso protegido de Sila, atraindo contra si a perseguição deste. No ano seguinte, venceu a causa "Pro Roscio" e passou a ser um dos maiores advogados de Roma.

Devido a problemas de saúde foi para a Grécia e Ásia menor. A viagem, porém, não serviu apenas para tratar da saúde, Cícero aproveitou esse período para estudar oratória na escola de Rodes. Ao regressar a Roma entrou para a magistratura, e depois de galgar alguns cargos, chegou ao consulado.

Como cônsul, desmascarou a conspiração de "Catilina" e obteve do Senado a execução dos principais conspiradores, o que lhe valeu o título de "Pai da pátria".



Em 58 a.C., Clódio, um dos seus adversários, obteve a votação de uma lei que exilava. Dezoito meses depois, Cícero regressa à Roma entre aclamações. Essa boa receptividade foi enganosa, pois Cícero percebeu que já não tinha mais tanta influência. Por isso, aceita o proconsulado da Sicília, onde obtém alguns sucessos militares e é aclamado imperador pelos soldados.

Ao voltar a Roma, esperançoso de seu triunfo, rebenta a guerra civil entre Cesar e Pompeu. Cícero hesita entre quem apoiar, decidindo-se afinal por Pompeu, que é derrotado em Farsália. O ditador Cesar, procurou conciliar a simpatia de Cícero. Esse consentiu em aproximar-se, mas como o ditador não restituiu a liberdade a Roma, Cícero foi um dos que aplaudiu o feito de Brutos, que assassinou Cesar. Na luta entre Otavio e Antonio, Cícero mostrou-se contra Antonio, atacando-lhe com uma série de orações intituladas "Filípicas". Otavio, após acertar suas diferenças, com Antonio, abandonou seus aliados, inclusive Cícero. Os inimigos de Antonio foram sistematicamente sacrificados. Cícero ainda tentou fugir, quando foi decapitado por um centurião de Antonio no ano de 43 a.C.

As obras de Cícero se encontram sob a influência didática dos estóicos, sobretudo do pörtico médio, tendo por modelo livros estóicos já desaparecidos. Por exemplo, seu tratado De officiis está calcado sobre um correspondente de Panécio.

Os textos de Cícero não se ocupam exclusivamente de filosofia. Na sua primeira fase intelectual escreveu duas obras sociais, que marcam mesmo a vida pública de Cícero e sua preocupação de transportar para o mundo romano as teorias políticas dos gregos:

- Da República (De republica) - resistiu ao tempo apenas uma pequena parte;
- Sobre as leis (De legibus, libri III, c. do ano 52 a.C.), inacabada.

Por último escreveu:

- Paradoxos (Paradoxa, c. de 46 a.C.);
- Sobre a consolação (De consolatione, c. de 45 a.C.), opúsculo perdido;
- Hortensio (Hortensius, c. 45 a.C.) foi conservada apenas uma página por Sto. Agostinho;
- Assuntos acadêmicos (Academica, c. 45 a.C.), eram primeiramente dois livros, depois ampliados para quatro; conservou-se apenas "Academica priora" e parte de "Academica posteriora";
- Sobre os fins das boas e más ações (De finibus bonorum et malorum, V, 45 a.C.), expõe as filosofias morais dos epicureus, estóicos, peripatéticos, acadêmicos inclusive de Antíoco de Ascalon;
- Disputas tusculanas (Tusculanae disputationum, libri V, 45 a.C.) sobre a dor, a morte e a virtude;
- Sobre a natureza dos deuses (De natura deorum, libri III, concluído 45 a.C., editado em 44 a.C.)
- Catão o Velho, ou sobre a velhice (Cato maior, sive de senectute, 44 a.C.)
- Sobre a adivinhação (De divinatione, libri II, 44 a.C.)
- Sobre a amizade (De Amititia, 44 a.C.)

- Sobre os deveres (De officiis, 44 a.C.)
- Sobre o destino (De fato, 44 a.C.)
- Sobre a glória (De gloria, libri II, 44 a.C.)
- Sobre as virtudes (De virtutibus, 44 a.C.), obra perdida.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Lucrécio, Titus Lucretius Carus (96 - 53 a. C.)

Quase nada se sabe sobre a vida de Lucrécio. As datas de seu nascimento e morte, a lenda de sua loucura e de seu suicídio foram extraídas de algumas linhas da "Crônica de São Jerônimo". Os seus contemporâneos nada falaram a seu respeito, com exceção de Cícero, que lhe consagrou uma frase curta em toda a sua correspondência.

O que há de concreto sobre Lucrécio é que ele foi o autor do poema "De Natura Rerum" (Sobre a natureza das coisas), um longo poema filosófico que tentava explicar o universo em termos científicos com ênfase para a superstição e o medo do desconhecido das pessoas, uma exposição das doutrinas de Epicuro.

Desse longo poema de 6 cantos extraiu-se as seguintes informações sobre Lucrécio:

- temperamento ardente e apaixonado;
- gênio sombrio e pessimista;
- grande cultura científica e filosófica;
- materialista;
- anti-religioso;
- a sua moral é a do prazer, ou seja, gozar com moderação para gozar por mais tempo, evitando a ambição ou qualquer outro sentimento que possa perturbar a serenidade da alma.

Sobre o poema "De Natura Rerum" pode-se dizer o seguinte:

- poema longo, dividido em seis cantos;
- filosoficamente, pode se considerado uma exposição da doutrina epicurista (1. Doutrina de Epicuro, filósofo grego (341-270 a. C.), e de seus seguidores, caracterizada, na física, pelo atomismo, e na moral, pela identificação do bem soberano com o prazer, o qual, concretamente, há de ser encontrado na prática da virtude e na cultura do espírito. 2. Sensualidade, luxúria 3. Saúde do corpo e sossego do espírito.
- nos dois primeiros cantos instrui sobre a natureza das coisas;
- nos cantos três e quatro, trata da natureza do Homem;
- nos dois últimos cantos, fala do mundo exterior e dos fenômenos naturais;
- caráter didático;
- uso de digressões;
- Invocação aos deuses. Exemplo Vênus.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Caio Valério Catulo (84 - 54 a. C.)

Catulo nasceu em Verona no seio de uma família distinta e Rica. No entanto, a vida desregrada, cheia de prazeres, fez com que ele perdesse a fortuna e morresse jovem, antes dos 30 anos.

Educado em Roma iniciou sua carreira literária escrevendo poemas e panfletos políticos, sátiras a personagens da época, inclusive Júlio César e Pompeu, e recriações mitológicas e temas eróticos. Catulo Pertenceu a um grupo de poetas chamado por Cícero de "poetae novi", que valorizava a forma e as palavras raras. Catulo foi um poeta lírico, delicado e gracioso, que tinha como tema principal o amor.

De sua obra foram conservadas uma coleção de 114 poemas. Os textos mais bonitos foram as experiências pessoais, como a morte do irmão, que o fez escrever versos de profunda dor, e 25 poemas dirigidos a uma mulher, em que retrata excepcionais declamações de ternura e sentimento, uma paixão amorosa, desde os graus de maior êxtase até o ódio e o desespero.

Sua poesia influenciou os elegíacos latinos Tibulo, Propércio e Ovídio, dos quais pode ser considerado precursor, e foi admirado por poetas do nível de Virgílio e Horácio.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Caio Júlio César (100 a.C. - 44 a.C.)

Ao lado de Cícero, Júlio César é considerado pelos críticos como mestre da prosa latina clássica. Nascido em Roma, desde pequeno, recebeu instrução cuidada e, um pouco mais tarde, estudou oratória na escola de Rodes. Depois de filiar-se ao partido democrático, chegou ao consulado no ano de 59. No ano seguinte assumiu o proconsulado da Gália transalpina e cisalpina. César revela então seu gênio militar, aumentando ainda mais o Império Romano até a Grã-Bretanha e até o Reno.

Quando Pompeu obteve do Senado o decreto que destituía César do comando da Gália, este atravessou o rio Rúbicon à frente de suas legiões e, em dois meses, assenhoreou-se de toda a Itália.

Essa vitória, aliada a outras (derrota de Pompeu e Farsalia, derrotas dos generais de Pompeu em Tapso e Munda), fez César tornar-se "Imperador" e "profectus morum", exercendo o poder quase absoluto. César sempre foi clemente com seus adversários e governou visualizando o interesse geral, introduzindo desde cedo numerosas reformas.

Graças a essas reformas, Júlio César conquistou enorme apoio popular. Em compensação, os ricos (aristocratas e patrícios) sentiram-se prejudicados em seus privilégios e começaram a conspirar. O centro dessa conspiração era o Senado, controlado pelos patrícios.

No dia 15 de março de 44 a.C., quando Júlio César entrava no Senado, os conspiradores o envolveram armados de punhais. De início, ele tentou defender-se. Quando, porém, percebeu que entre os conspiradores se achava Bruto - quase um filho adotivo - , o choque foi tão grande que não resistiu e murmurou a célebre frase: **Tu quoque Brutus!**, que quer dizer "**Até você Bruto!**" -, caindo atravessado pelos punhais.

O assassinato de Júlio César provocou uma verdadeira revolta popular. Os conspiradores foram derrotados, formando-se um Segundo Triunvirato, composto por Marco Antonio, Otávio e Lépido. Na luta que se seguiu, Lépido foi afastado e Otávio venceu Marco Antonio, concentrando em suas mãos todo o poder (30 a.C.)

O status literário de César deriva das histórias que narram suas campanhas: *Commentarii de Bello Gallico* (história da conquista das Galias) e *Commentarii de Bello Civili* (história das lutas contra Pompeu e seus aliados). Essas obras possuem linguagem pura e estilo conciso.

As outras obras escritas por César são:

- Anticatão (resposta ao elogio de Catão de Útica, publicada por Cícero);
- De Analogia, tratado gramatical dedicado a Cícero;
- Discursos. Na opinião de Tácito essa obra se mostra a altura dos maiores oradores;
- Édipo - uma tragédia;
- Laudes Herculis - coleção de poemas.

Da correspondência de César restam algumas cartas conservadas na correspondência de Cícero.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)



Busto de César

:: Caio Salústio Crispo - Gaius Sallustius Crispus (86 - 35 a. C.)

O historiador e político latino Salústio é natural de Amiternum. Na política, o seu primeiro cargo político foi como tribuno do povo (52 a.C.), porém, expulso do Senado (50 a.C.) ficou sob a proteção de César e participou como comandante de uma das legiões na guerra civil contra Pompeu.

Depois disso, acompanhou o imperador numa viagem à África (46 a.C.) e, com grande prestígio, foi nomeado governador da Numíbia, na hoje costa argelina, norte da África. Ao ser acusado de extorsão e de pilhagem nas províncias, resolveu abandonar a atividade política e retornou a Roma (44 a.C.), onde continuou merecendo os favores de César, passando a viver na atividade de escritor.

Nessa atividade, é considerado o primeiro dos historiadores latinos, uma vez que, antes deles só houve autores de *anais*, ou seja, autores que se limitavam a enumerar os fatos, sem nenhuma preocupação filosófica, moral ou artística.

O estilo de Salústio é muito pessoal: esforça-se muito para atingir a concisão, força e movimento, mas não demonstra isso, parecendo, as vezes, até descuidado.

Salústio, que foi um grande adversário de Cícero, não só nos campo político, mas também no literário, pois desdenhava a abundância e as cadências rítmicas da prosa ciceroniana.

Suas obras mais conhecidas são *Bellum Catilinae* ou *De conjuratione Catilinae* (43-42 a.C.), *Bellum Jugurthinum* (41-40 a.C.) e *Historiarum libri quinque* (39 a.C.), narrativas históricas de fatos acontecidos em Roma (78-67 a.C.).

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

::: Cornélio Nepos - Cornelius Nepos (99 - 24 a.C.)

Cornélio Nepos provavelmente nasceu em Verona, Itália. Ele não passou de um Historiador medíocre, de estilo pobre e prentencioso, devido ao abuso das antíteses. Suas obras mais famosas são as biografias de Catão e de Cícero (De illustribus Viris).

Alguns fragmentos desta última obras é o que nos resta do trabalho de Cornélio Nepos.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Enio

Enio, um calabrês naturalizado Romano, foi um dos autores que mais difundiu a cultura grega em Roma, onde era muito admirado. Seu poema épico "Anais" era considerado, até o surgimento da "Eneida", como a epopéia nacional dos romanos.

A Influência de Enio era tanta, que até mesmo o próprio Virgílio, além de imitar-lhe, chegou a copiar versos inteiros de suas obras. Mas não foi só Virgílio que bebeu da fonte de Enio, muitos outros poetas fizeram o mesmo. Essa prática tornou-se tão comum nesse período, que os romanos a chamavam de "**catar pérolas no esterco de Enio**". Pérolas, no caso, estão relacionadas a poderosa inspiração de Enio. Já esterco, a sua linguagem rudimentar.

Além de Anais, Enio escreveu a epopéia Cipião, mais de vinte tragédias e várias comédias e sátiras. Vale lembrar que as sátiras escritas por Eneio são narrativas escritas em metro variado, tratam dos mais variados assuntos e não têm o mesmo sentido que, depois, essa palavra tomou. A sátira, propriamente dita, é de criação dos romanos e seu caráter era livre tanto no gênero como na forma e na métrica. Esse tipo de composição censurava os costumes, as instituições e as idéias contemporâneas em estilo irônico ou mordaz.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Tito Maccio Plauto (250a.C? - 184a.C?)

Plauto nasceu em Sarsina, Úmbria por volta do ano de 250a.C e faleceu, provavelmente em Roma, no ano de 184a.C. Considerado o maior comediógrafo da Roma antiga, é oriundo de berço humilde e veio para Roma ainda jovem, onde começou a fazer teatro, primeiro como ator e depois escrevendo comédias. Por muito tempo, ficou conhecido apenas como Plautus, que quer dizer "pés chatos", porém mais tarde se autodenomina Maccus ("palhaço") Titus.

Estima-se que tenha escrito 130 peças, das quais apenas 21 sobrevivem. Seus enredos, personagens e ambientação são copiados de autores da Nova Comédia Grega, como Menander, Filemon e Diphilus. Adiciona numerosas alusões romanas e introduz elementos de canto e dança. Com métrica elaborada e linguagem coloquial, sua obra reproduz com fidelidade a vida dos romanos da época. Os enredos são em geral baseados em casos de amor ou confusões decorrentes de troca de identidades, mas apresentam grande originalidade no tratamento dos temas. Os seus personagens são de origem popular: escravos mentirosos, Ladrões, velhos, soldados fanfarrões, cortesãs, etc.

Suas comédias inspiraram dramaturgos pós-renascentistas como por exemplo: Molière, que tomou como modelo a obra "O Vaso de Ouro" para escrever "O Avarento". Já Shakespeare baseou-se "Os Gêmeos" e "Anfitriões" para escrever A Comédia dos Erros.

As principais obras de Plauto são:

Anfitrião; Aulularia; O Soldado Fanfarrão; Os Menecmos; Persa; Pseudolus; Vidularia.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Terêncio - Publio Terêncio Afer (185a.C.? - 159a.C)

Terêncio nasceu na África, provavelmente no ano de 185a.C. Foi vendido como escravo ao senador Terêncio Lucano, que lhe deu educação e, algum tempo depois, a alforria. Por ser muito amigo de Cipião, muitos atribuíram a esse último a autoria de várias comédias de Terêncio.

Composta por **seis comédias**, toda a obra de Terêncio resistiu a ação do tempo e chegou até nos. São elas: Andria, Hécira (sogra em grego), Heautontimoroumenos (o que se pune a si próprio - em grego), O Eunuco, Formião, Os Adelfos (os irmãos)

Os personagens das comédias Terêncio pertencem, muitas vezes, a classes sociais mais altas. As suas obras são escritas em verso e seu estilo é "puro". Apesar disso, ele hoje é considerado um autor menor que seu contemporâneo Plauto.



Máscara teatral

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

::. Catão - Marcus Porcius Cato (234 a.C. - 149 a.C.)

O enciclopedista, estadista e general romano **Marcus Porcius Cato** nasceu em Túsculo, no Lácio, no ano de 234 a.C. Conhecido como o Velho ou o Censor, e famoso pela austeridade dos seus princípios, Catão Participou da segunda guerra contra Cartago, rival de Roma, cuja destruição pregava a todo o momento.

Figura íntegra e de forte sentido moral, daí os termos catoniano ou catônico, e exemplo para a regeneração dos costumes da Roma antigam, Catão tornou-se famosa sua frase **Delenda est Carthago** ou **Cartago deve ser destruída**, com a qual costumava concluir seus discursos.



www.mundocultural.com.br

Catão e sua esposa Pórcia -
Museu Pio Clementino - Vaticano

Nos diferentes cargos que ocupou, entre os quais o de censor, dedicou-se a combater não só os rivais externos mas também as influências gregas que se introduziram em Roma, o que o converteu num fiel representante da tradição conservadora romana.

Quando cônsul, tentou inutilmente impedir a revogação da **Lex Appia**, que restringia o luxo feminino (Modo de vida caracterizado por grandes despesas supérfluas e pelo gosto da ostentação e do prazer; fausto, ostentação). Apesar de não conseguir impedir a revogação dessa lei, como censor, estabeleceu severos regulamentos sobre luxo e ostentação.

Catão ficou muito conhecido ao longo da história por ter sido o **primeiro homem a escrever a história de Roma** e por ser **considerado o primeiro pensador importante da literatura latina**.

Deixou obras importantes como:

Origines - a primeira história de Roma em latim;

De agri cultura (160 a. C.) - contendo estudos sobre a fauna e a flora, o plantio e a colheita, e onde descreveu a vida rural da república romana.

Além dessas obras sobreviveram a ação do tempo **150 discursos**, nos quais a maioria é de ataque às atitudes e comportamentos dos jovens nobres da época.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

:: Públio Ovídio Nasão (43 a.C. - 17 d. C.)

Ovídeo nasceu em Sulmona, nos vales dos Apeninos, foi educado em Roma e depois viajou para a Ásia e a Sicília. Foi casado três vezes e durante sua vida exerceu algumas funções públicas, mas logo abandonou-as para dedicar-se exclusivamente à poesia e ao convívio social. Durante muito tempo foi o poeta mais festejado e mais disputado pela sociedade da época. No entanto, por motivos ainda não esclarecidos, talvez pela indisciplinada obra "Arte de Amar", considerada perigosa, Ovídeo foi exilado por Augusto para Tomos, pequena guarnição romana nas costas do Mar Negro, onde envelheceu e morreu.

O talento poético de Ovídeo despertou quando ele era ainda muito jovem. Ele mesmo confessa na obra "Tristes" que, desde a mocidade o que quer que tentasse escrever saía em versos - "quod tentaban scribere versus erat".

Essa facilidade, além de conservar-se por toda vida, tornou-se uma característica marcante em sua produção poética, pois, apesar de obedecer as regras de metrificação mais rigorosas, os seus versos ainda conservam-se leves e fluentes.

A obra de Ovídeo é composta por:

Amores - elegias;

Heroides - cartas em versos elegíacos;

Arte de Amar e Remédio do Amor - Obras maravilhosas, tanto pela forma como pela observação psicológica do sentimento humano e da vida romana, mas profundamente sensuais;

Medicamentos para o rosto da mulher - espécie de arte sobre como conservar a beleza, sem esquecer-se da moral;

Metamorfoses - conjunto de poemas que narram os mitos da antigüidade greco-latina;

Fastos - calendário poético da história e das lendas de Roma;

Tristes e Pônticas - obras escritas no exílio e totalmente impregnadas do sentimento de infortúnio;

Medéia - tragédia consumida pela ação do tempo;

Haliêutica - poema sobre pescaria, que só restam alguns fragmentos;

Íbis - sátira contra um inimigo que o injuriara depois de ele ser exilado;

A poesia de Ovídeo exerceu enorme influência, não só na Antigüidade como na Idade Média e no Renascimento, havendo ecos de sua arte mesmo em Shakespeare.

Veja Também:

Literatura Latina

- [Preliminares](#)
- [Das origens até Cícero](#)
- [Época de Cícero](#)
- [Época de Augusto](#)
- [Decadência](#)

Trovadorismo

- [Origens de Portugal](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A Arte medieval](#)
- [A literatura](#)
- [Características](#)



Trovadorismo

- [Origens de Portugal](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A Arte medieval](#)
- [A literatura](#)
- [Características](#)

As atividades Literárias em Portugal nascem quase que simultaneamente com o surgimento da nação portuguesa. Por isso, faz-se necessário salientar alguns aspectos históricos que marcaram a formação desse país. Por volta de 1094, Afonso VI, Rei Leão (um dos quatro reinos em que a Península Ibérica era dividida), casa suas filhas com dois bravos cavaleiros franceses, que estavam ali para expulsar os muçulmanos, que haviam se instalado no sul da Europa (região onde está localizada a Península Ibérica).

Urraca, uma das filhas do Rei, casa-se com o conde Raimundo de Borgonha e Teresa, a outra filha, com Henrique de Borgonha. A ambos os genros, D. Afonso oferece como dote grandes extensões de terras. Ao primeiro dá uma região que corresponde a Galiza e ao segundo o "Condado Portucalense", que mais tarde se transformaria em Portugal. Em 1109, nasce Afonso Henriques de Borgonha (o infante) filho de Teresa e D. Henrique.

Anos mais tarde, com a morte de D. Henrique, Teresa assume o governo do Condado Portucalense e estreita as relações com os galegos, especialmente com o Conde Fernão Peres de Trava. Descontente com a forma que sua mãe estava governando o condado e, mais ainda, com a aliança que a ela havia firmado com os galegos, Henriques (o infante) rebela-se e expulsa a própria mãe do solo Portucalense.

Agora, no comando do condado, Henriques inicia uma revolução que almejava à independência do Condado, até então ligado ao reino de Leão. Em outubro de 1143, após uma longa batalha, o condado torna-se autônomo e D. Henriques de Borgonha, aos 34 anos, é, enfim, reconhecido como rei. Inicia-se assim a Dinastia de Borgonha e, conseqüentemente, nasce a nação portuguesa.

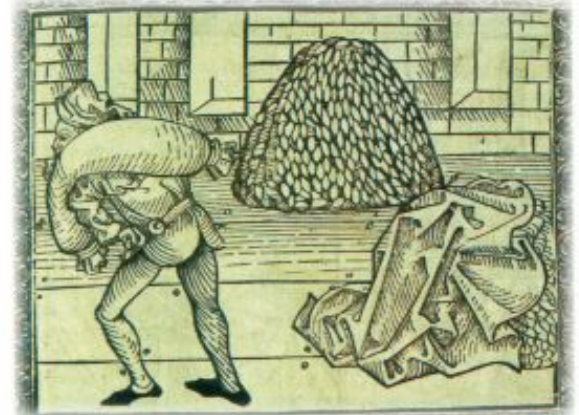
Trovadorismo

- [Origens de Portugal](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A Arte medieval](#)
- [A literatura](#)
- [Características](#)

A consolidação da nação portuguesa dá-se durante a Idade Média, período marcado por inúmeras lutas travadas entre os europeus, que buscavam a Reconquista Cristã da Península Ibérica, sobretudo, a libertação de Jerusalém situada na Palestina, contra os mouros, os quais dominavam a Palestina e haviam invadido a Península Ibérica. Os mouros eram vistos pelos cristãos como hereges e profanadores das relíquias das cidades sagradas. (Vale registrar que denominavam-se mouros os habitantes da Mauritânia, porém, os portugueses e espanhóis atribuíram esse nome aos árabes que invadiram a Península Ibérica.

Dois traços marcantes devem ser lembrados para se ter uma melhor visão da sociedade da época: o **Feudalismo**, no plano político-econômico, e o **Teocentrismo**, no plano religioso. O Feudalismo foi uma forma de governo baseado no poder diretamente relacionado à posse da terra. Esse poder estava nas mãos dos nobres, conhecidos como **senhores feudais ou suseranos**. Praticamente todas as mercadorias negociadas nessa época vinham da terra. Por isso, a quantidade de terra possuída era, sem dúvida, a chave da fortuna e do poder.

O cultivo da terra não era feito pelos senhores feudais. Para essa tarefa, havia a figura dos **servos ou vassallos**, indivíduos pobres, que arrendavam pequenos lotes de terra e tinham a obrigação de cultivá-los em troca da proteção oferecida pelos senhores feudais. Essa relação de dependência entre os vassallos e os suseranos é conhecida como **vassalagem**. Os servos, além da obrigação de cultivar esses lotes, tinham que pagar inúmeras taxas impostas pelos donos das terras. Os valores dessas taxas eram tão altos que o dinheiro que restava para os servos era apenas o suficiente para a sua subsistência e para o plantio de uma nova safra. Enriquecer, para os servos, era um sonho impossível de ser realizado.



Além da nobreza e dos servos, havia ainda uma outra classe social: o **clero**. Nessa época o seu poder muito forte. Além de possuir grandes extensões de terras, a Igreja ainda tinha forte influência política. A sociedade feudal foi marcada pelo Teocentrismo (Deus como centro do universo). Por se tratar de uma época extremamente religiosa, não é de se espantar que a Igreja fosse detentora de um enorme poder e, dessa forma, determinasse o modo de pensar e viver da sociedade daquele período e, devido a sua riqueza e organização, se tonasse a maior Instituição feudal da época. Os conventos eram verdadeiros centros difusores da cultura medieval, pois era neles que se escolhiam os textos filosóficos a serem divulgados em função da moral cristã.

A influência clerical sobre a sociedade feudal evidenciou-se, acima de tudo, durante às Cruzadas (batalhas de cunho religioso entre os cristãos e os muçulmanos). Diante do domínio de Jerusalém (cidade sagrada dos cristãos) pelos muçulmanos e, principalmente, após a destruição da igreja do santo Sepulcro por Al-Hakim, califa "louco" do Cairo, a Igreja resolve patrocinar um movimento para reconquistar os lugares santos situados na Palestina. Esse movimento, denominado como "Cruzadas", objetivava ainda a expulsão de todos os árabes da Península Ibérica. Essa luta foi muito longa, durou cerca de cinco séculos, e os cristãos não reconquistaram os lugares sagrados e nem expulsaram todos os muçulmanos da Europa. Boa parte deles já haviam se adaptado à vida



européia e desejavam continuar estabelecidos no continente. Para esses, a Igreja concedeu o perdão, desde que eles fossem cristianizados e renegassem ao "Al Corão", livro sagrado dos muçulmanos.

Os muçulmanos que permaneceram na Europa ficaram conhecidos como Cristãos Novos. Muitos deles usaram essa condição apenas como um disfarce, pois continuaram a manter, apesar de ocultas, as suas práticas religiosas. A maioria dos Cristãos Novos, para camuflarem ainda mais sua condição de muçulmano e para não comprometerem suas vidas sociais e econômicas, adotaram novos nomes. Esses nomes eram inspirados em árvores e permanecem vivos até os dias de hoje. São eles os Pereiras, Oliveiras, Pinhos etc.

É importante ressaltar que o domínio do povo muçulmano contribuiu em muito para o avanço da sociedade européia, a qual era demasiada retrograda, principalmente nos campos da medicina, bélico e organização social, se comparada com a sociedade muçulmana. A cultura muçulmana foi muito importante para o desenvolvimento da sociedade européia, pois contribuiu até mesmo para a formação das línguas escritas dos países por eles dominados. As Cruzadas, juntamente com a Peste Negra, que chegou a matar quase um terço da população européia, contribuiu para o fim do Feudalismo. O povo, que até então encontrava-se preso a terra, aproveitou a ausência de seus senhores, que aventuravam-se por terras distantes, e libertou-se da escravidão do solo. As Cruzadas contribuíram também para o fim do Trovadorismo. Os trovadores, subvencionados pela monarquia, perderam esse apoio e deixaram os ambientes palacianos para habitar as tavernas.

Trovadorismo

- [Origens de Portugal](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A Arte medieval](#)
- [A literatura](#)
- [Características](#)

Tanto a pintura quanto a escultura procuraram retratar cenas da vida de santos ou episódios bíblicos. Essas características são sem sobra de dúvidas, os maiores indícios do poder Teocêntrico da Idade Média.

Quanto à arquitetura, predominava o estilo gótico, ou seja, a expressão da grandiosidade e da crença na existência de um Deus que vive em um plano superior. Assim, tudo se volta para o alto, na direção do céu. Isso explica o fato de as catedrais góticas serem enormes, imponentes, muito elegantes e com arcos agudos, que se assemelham a mãos prece, que tentam tocar o céu.

A palavra "gótico" sugere, erroneamente, a predominância da arte dos gôdos. Tal fato se deve a Rafael Sânzio, um dos grandes mestres do Renascimento, o qual, sendo estremado admirador da arte grego-romana, classificava como bárbara àquelas novas formas arquitetônicas. (os italianos usavam a expressão "godos" quando se referiam aos povos bárbaros).

A pintura, seguindo mais o menos o mesmo estilo da arquitetura, quase sempre explorou temas religiosos e seus personagens tinham o corpo franzino, coberto por muita roupa e com o olhar voltado para o céu.

Trovadorismo

- [Origens de Portugal](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A Arte medieval](#)
- [A literatura](#)
- [Características](#)

Na literatura, o Trovadorismo foi a primeira escola literária portuguesa. Esse movimento compreende o período que vai, aproximadamente, do século XII ao século XIV.

Nessa época floresciam as cantigas, poemas musicados, ou melhor, verdadeiras letras de música, que duas tradições poéticas fundamentais. De um lado, a tradição popular da região e, de outro, a influência direta do "Troubadours" provençais. Esse movimento tem início a partir 1198 ou 1186, data essa que se tem utilizado para marcar o começo das atividades literárias em Portugal, quando o Trovador Paio Soares de Taveirós compõe a [cantiga de Guarvaia](#), mais conhecida como "[A ribeirinha](#)".

Essa cantiga, originalmente em galego-português - visto que ainda não havia uma unidade lingüística entre Portugal e a Galiza, foi endereçada a Maria Pais Ribeiro, uma mulher muito cobiçada na corte portuguesa e que foi amante de D. Sanho I, o segundo rei de Portugal.

O fim do Trovadorismo é marcado com a nomeação de Fernão Lopes para cronista-mor da torre do Tombo em 1418. (Vale lembrar que as datas que marcam os períodos literários são aproximadas, afinal ninguém vai dormir trovador em um dia e acorda humanista no outro.) Esse período inicial da literatura portuguesa pode ser dividido em dois momentos principais: o da [poesia](#) e o da [prosa](#).

Trovadorismo

- [Origens de Portugal](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A Arte medieval](#)
- [A literatura](#)
- [Características](#)

Principais característica do período Trovadoresco	
Cantigas de Amor	<ul style="list-style-type: none"> ● Eu-lírico masculino acometido de coita, ou seja, sofrimento amoroso; ● Ambientação palaciana (corte); mulher idealizada; ● Vassalagem amorosa. O eu-lírico assume uma atitude submissa, de vassalo em relação à amada, ele é servo da mulher amada; ● O nome da mulher amada está sempre oculto; ● Composição masculina.
Cantiga de Amigo	<ul style="list-style-type: none"> ● Eu-lírico feminino; ● Ambiente popular (campo vilas etc.); ● Amor real (saudades de quem o eu-lírico teve); ● Sentimentos de saudade do "amigo"; ● Composições com diálogo; ● Presença das forças da natureza; ● Composição masculina.
Cantigas de Maldizer	<ul style="list-style-type: none"> ● Sátiras diretas por meio das quais falava-se mal das pessoas conhecidas; ● Cita-se nomes; ● Vocabulário de baixo calão; ● Grosseiras com a intenção de ofender.
Cantigas de Escárnio	<ul style="list-style-type: none"> ● Sátiras indiretas por meio das quais critica-se, de forma irônica e velada, pessoas sem citar nomes; ● Sutis e bem-humoradas

Trovadorismo

- [Origens de Portugal](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A Arte medieval](#)
- [A literatura](#)
- [Características](#)

Nessa época em que há o predomínio da oralidade, a poesia é marcada pelas cantigas trovadorescas, que possuem uma estreita relação com a música, o canto e a dança. Em virtude disso, fazia-se necessário o acompanhamento de instrumentos musicais, tais como a harpa, a flauta, a guitarra, o alaúde, a viola etc. É natural que esses poemas, por serem obras transmitidas oralmente, acabassem desaparecendo.

Para evitar que isso acontecesse, inicialmente, foram criados pequenos cadernos de apontamento, nos quais essas obras eram transcritas. Esses cadernos não foram suficientes para armazenar todas as obras conhecidas, então, alguns mecenas, em especial o rei, resolveram agrupar essas obras em coletâneas de canções. Dessa forma, as cantigas que antes eram apenas apresentadas oralmente e estavam guardadas apenas na memória do trovador foram compiladas e viraram os **Cancioneiros**.

Mesmo com a preocupação de preservar essas obras, muitos cancioneiros pereceram ao longo do tempo. Os três Cancioneiros mais importantes, em número e qualidade, que nos restaram são:

Cancioneiro da Ajuda - datado do século XIII, composto por 310 cantigas, sendo 304 de amor;

Cancioneiro da Biblioteca nacional de Lisboa ou Cancioneiro Colocci Brancutti (esse último nome é em homenagem a seus dois últimos possuidores italianos) - Contém 1647 cantigas de todos os tipos e engloba Trovadores dos reinados de Afonso III e D. Diniz;

Cancioneiro do Vaticano (Esse nome lhe é atribuído por ter sido descoberto na Biblioteca do Vaticano, em Roma) - Inclui 1205 cantigas de escárnio, de maldizer, de amor e de amigo.

Os principais artistas da época eram os **Trovadores** (em geral, poetas cultos que compunham a letra e a música das canções), os **Menestreis** (músicos-poetas sedentários, pois viviam na casa de um fidalgo), os **Jograis** (cantores e tangedores ambulantes, geralmente de origem plebéia), os **Segreís** (trovadores profissionais, geralmente fidalgos desqualificados, que iam de corte em corte na companhia de um jogral, **Jogralesa e Soldadeira** (moças que acompanhavam tocando pandeiro e dançando, animando o ambiente).

O mais importante trovador foi D. Dinis, sexto Rei de Portugal, que governou de 1279 a 1325. Esse período é considerado o apogeu das cantigas. Ele compôs todos os tipos de cantigas. Além disso, incentivou a agricultura e a navegação, tornou oficial a língua portuguesa em 1290 e foi o fundador da Universidade de Lisboa, primeira universidade portuguesa, em 1308. As 138 cantigas de todos os gêneros escritas por D. Diniz compõem o maior conjunto individual da poesia medieval portuguesa. Os outros compositores da época que merecem destaque foram Martim Codax, João de Guilhada, Aires Nunes de Santiago e Paio Soares Taveirós.

A poesia composta nessa época pode ser dividida em dois gêneros: o **lírico-amoroso**, em que o amor é a temática principal e o **satírico**, cujo objetivo é criticar alguém, ridicularizando-o de forma sutil ou grosseira.

As cantigas lírico-amorosas, em que o amor é a temática constante, subdividem-se em **cantigas de amor** e **cantigas de amigo**.

As cantigas de Amor são palacianas, ou seja, desenvolvem-se nos palácios e revelam os amores velados e sublimados da corte. Nelas, o eu-lírico é masculino, sofredor e, geralmente, de boa condição social. Sua amada é chamada de senhor (as palavras terminadas em "or", como senhor ou pastor, em galego-português não tinham feminino. Usava-se "meu senhor" e "mia senhor". O pronome possessivo é quem designava o gênero masculino ou feminino.

O eu-lírico está sempre acometido de "coita", palavra freqüente nas cantigas de amor, que significa "sofrimento por amor". Essa relação amorosa vertical é chamada "vassalagem amorosa", pois reproduz à relação dos vassallos, ou seja, o trovador assume uma atitude submissa, de vassalo em relação à amada, o homem é servo da mulher amada. O nome da mulher amada está sempre oculto por força das regras da boa educação ou para não comprometer a dama, geralmente, nas cantigas de amor, o eu-lírico é um amante de uma classe social inferior à da dama. As cantigas de amor podem ser divididas em dois tipos: **cantiga de amor de refrão**, que continha o estribilho e **cantiga de amor de maestria**, ou seja, de mestre, que não possui o efeito facilitador da repetição, sendo essas mais elaboradas do que às primeiras. Observe os exemplos das cantigas de amor. A primeira é da época do Trovadorismo e a segunda é contemporânea.

<p>Preguntar-vos quero por Deus, senhor fremosa, que vos fez mesurada e de bom prez (1), que pecados foron os meus que nunca tevestes por bem de nunca mi fazerdes bem. Pero (2) sempre vos soub'amar des aquel dia que vos vi, mais que os meus olhos em mi, e assi o quis Deus guisar (3) que nunca tevestes por bem de nunca mi fazerdes bem. Des que vos vi, sempr' o maior bem que vos podia querer, vos quiji (4) a todo meu poder; e pero quis nostro senhor que nunca tevestes por bem de nunca mi fazerdes bem.</p> <p>D. Dinis</p>	<p>Glossário 1 - bem prendada 2 - apesar disso, entretanto 3 - arranjar, orientar os acontecimentos 4 - vos quis</p>
---	---

<p>"Um amor assim delicado Você pega e despreza Não devia ter despertado Ajoelha e não reza Dessa coisa que mete medo Pela sua grandeza Não sou o único culpado Disso eu tenho certeza Princesa Surpresa Você me arrasou Serpente Nem sente que me envenenou Senhora, e agora Me diga onde eu vou Senhora Serpente Princesa..."</p> <p>Fragmento - Caetano Velloso</p>

Na canção de Caetano Velloso há um eu-lírico masculino em plena condição de vassalo que se dirige a amada com termos como "Senhora" e "Princesa" referindo-se a uma mulher que está em um grau superior, em uma posição quase inatingível. A palavra "Princesa" remete ainda à idéia de uma ambientação palaciana.

As cantigas de amigo são composições populares que retratam a vida nos arredores dos palácios, no campo e nas vilas em formação. A palavra "amigo" significa, em galego-português, "amado" ou "amante". Esse tipo de cantiga é marcado pela presença de um eu-lírico feminino, ou seja, a voz que ouvimos no poema é de uma mulher, embora os poemas tenham sido escritos por homens.

Para compreender melhor as cantigas de amigo observe as canções abaixo. Repare que a primeira é uma cantiga da época do trovadorismo, mas a segunda pertence aos nossos dias:

<p>"Bailemos nós já todas três, ai amigas, so aquestas avelaneiras frolidas, e quen for velida (1), como nós, velidas, se amigo amar, so aquestas avelaneiras frolidas verrá (2) bailar. Bailemos nós já todos três, ai irmanas, so aqueste ramo destas avelanas, e quem for louçana (3), como nós, louçanas, se amigo amar, so aqueste ramo destas avelanas verrá bailar. Por Deus, ai amigas, mentr'al (4) non fazemos, e quem bem parecer (5), como nós parecemos se amigo amar, so aqueste ramo so lo que bailemos verrá bailar."</p> <p>Airas Nunes</p>	<p>Glossário: 1- linda 2 - virá 3 - formosa, louçã 4 - enquanto outras coisas 5 - tiver belo especto</p>
---	---

<p>"Vem, meu menino vadio Vem, sem fantasia Vem, sem mentir pra você Que da noite pro dia Você não vai crescer Vem, por favor não evites Meu amor, meus convites Minha dor, meus apelos..."</p> <p>Fragmento - Chico Buarque de Hollanda</p>

Observe que os compositores dessas cantigas são homens, porém, o eu-lírico é uma mulher, ou seja, o poeta procura passar a sensibilidade feminina no terreno amoroso. Nas cantigas de amigo sempre há uma mulher que chora por um cavalheiro distante e recorre à mãe, às amigas e à natureza para que procurem o amante por quem se sente abandonada. Além dessas características, essas cantigas são geralmente construídas a partir de repetições sucessivas que remetem à origem oral dos textos. Por isso são conhecidas como cantigas paralelísticas.

<p>"Ondas do mar de Vigo, Se vistes meu amigo? E ai Deus, se verrá cedo! Ondas do mar Levado Se vistes meu amado? E ai Deus, se verrá cedo!"</p> <p>fragmento - Martin Codax</p>

Para melhor entender e distinguir as cantigas lírico-amorosas observe o quadro abaixo:

Cantigas de Amor	Cantigas de Amigo
Origem Provençal	Origem popular ou peninsular
Autoria masculina	Autoria masculina (nesse período as mulheres não escreviam)
Sentimento masculino (eu-lírico masculino)	Sentimento feminino (eu-lírico feminino)
Ambientação palaciana	Ambientação popular (natureza, rio, campo, lago, mar festas religiosas)
Amor cortês em que há vassalagem	Amor real (saudades de quem ela teve)
Mulher idealizada, inacessível	Sentimentos de saudade do "amigo"
Vassalagem	Linguagem mais simples
Coita (sofrimento de amor)	Temática variada
Mulher socialmente superior e casada	Composições com diálogo (mãe, amigas, natureza)
Cantigas de refrão	Cantigas de refrão
Cantigas de maestrias, sem refrão	Cantigas com paralelismo

As cantigas satíricas eram compostas pelos trovadores portugueses com o objetivo de criticar alguém, ridicularizando esta pessoa de forma sutil ou grosseira. Elas dividiam-se em dois grupos básicos:

- **Cantigas de maldizer** - sátiras diretas por meio das quais falava-se mal das pessoas conhecidas, muitas vezes usava-se vocabulário de baixo calão.

"Meu senhor arcebispo, and'eu escomungado
porque fiz lealdade; enganou-me o pecado!
Soltade-m, ai senhor, e jurarei, mandado,

que seja traëdor.

Se traïçon fizesse, nunca vo-la diria;
mais pois fiz lealdade, vel por Santa Maria,
Soltade-m, ai senhor, e jurarei, mandado,

que seja traëdor.

Per mia malaventura tive hun en Sousa
e dei-o a seu don' e tenho que fiz gran cousa.
Soltade-m, ai senhor, e jurarei, mandado,

que seja traëdor.

Por meus negros pecados tive hun castelo forte
e dei-o a seu don', e hei mêdo da morte.
Soltade-m, ai senhor, e jurarei, mandado,

que seja traëdor."

Cantigas de escárnio - por meio delas o trovador criticava, de forma irônica e velada, pessoas sem citar nomes. Nesta modalidade de sátira é indireta, a pessoa criticada é facilmente reconhecida.

<p>"Ai dona fea! Fostes-vos queixar porque vos nunca louv' en meu trobar (1): mais ora (2) quero fazer un cantar en que vos loarei toda via (3); e vedes como vos quero loar: dona fea, velha e sandia (4)! Ai dona fea! Se Deus mi perdon! e pois haveades tan gran coraçon que vos eu loe en esta razon, vos quero já loar toda via; e vedes qual sera'a loaçon (5): dona fea, velha e sandia! Dona fea, nunca vos eu loei en meu trobar, pero muito trobei; mais ora já un bom cantar farei en que vos loarei toda via; e direi-vos como vos loarei: dona fea, velha e sandia!"</p>	<p>Glossário 1 - trovar 2 - mas agora 3 - louvarei sempre, inteiramente 4 - louca 5 - louvor</p>
---	---

Para melhor distinguir as cantigas de escárnio com as de maldizer confira o quadro abaixo:

Cantigas de escárnio	Cantigas de maldizer
Sátira indireta (não cita nomes, mas todos sabem quem é a pessoa que está sendo satirizada).	Sátira direta (cita nomes)
Sutis e bem-humoradas	Grosseiras com a intenção de ofender

Obs.: Todas as cantigas Trovadorescas são escritas em galego-português, porém, percebe-se claramente que ainda não havia um padrão ortográfico definido, pois é comum encontrar uma mesma palavra grafada de formas diferentes.

Trovadorismo

- [Origens de Portugal](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A Arte medieval](#)
- [A literatura](#)
- [Características](#)

Com a intensificação do intercâmbio cultural, a partir do século XIV, entre Portugal e outras nações, a produção literária deixa de ser apenas as cantigas. Portugal começa a consumir histórias ficcionais importadas, inicialmente manuscritas e depois impressas. Com isso surge a prosa de ficção e atividade de ler e escrever aumenta significativamente. A produção em prosa nesse período apresenta-se sob a forma de:

livros de linhagens - contendo a árvore genealógica dos nobres, a fim de evitar casamentos entre parentes próximos;

hagiografias - biografia de santos;

crônicas - registros, em ordem rigorosamente cronológica dos acontecimentos históricos, quase todos redigidos em Latim; e novelas de cavalaria - que eram narrativas derivadas das antigas canções de gesta (poemas relatando assuntos épicos - a canção de Rolando (Chanson Of Roland) é considerada a mais popular canção de gesta da Europa.) As novelas de cavalaria sustentam a prosa de ficção da época medieval. Elas tem, como assunto principal, os feitos dos cavaleiros e agrupam-se em três ciclos, dependendo do assunto que tratam:



Ciclo Carolíneo ou francês - Focalizam as aventuras de Carlos Magno e seus guerreiros;

Ciclo grego-romano ou clássico - envolvem os heróis da mitologia antiga;

Ciclo arturiano ou bretão - tratam das façanhas do Artur e os cavaleiros da Távola Redonda.

Desses ciclos o mais importante para a Literatura Portuguesa é o Arturiano, porque contém as primeiras novelas traduzidas para a língua portuguesa de maneira correta, sem estrangeirismo(1). As novelas que mais se destacam desse período foram: "José de Arimatéia", "Histórias de Merlin" e a "Demanda do Santo Graal".

Essa última é uma das mais importantes novelas de cavalaria conhecidas. Sua história gira ao redor das aventuras dos cavaleiros da Távola Redonda, presidida pelo rei Artur. Os cavaleiros saem em demanda do Santo Vaso, isto é, o cálice em que José de Arimatéia teria recolhido o sangue que Cristo derramou na cruz. Era véspera de Pentecostes (Festa católica celebrada 50 dias depois da Páscoa em comemoração da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos) quando, em Cammalot, reunidos os cavaleiros para a ceia, surge um misterioso vaso esparzindo luz, que a todos nutre de um místico alimento, e depois desaparece. O rei e os cavaleiros resolvem sair a busca do vaso para poderem usufruir de sua celestial presença. A lenda, que remonta às origens célticas, foi inicialmente glosada em verso e apresentava Perceval como o cavaleiro que daria fim à demanda do Graal.

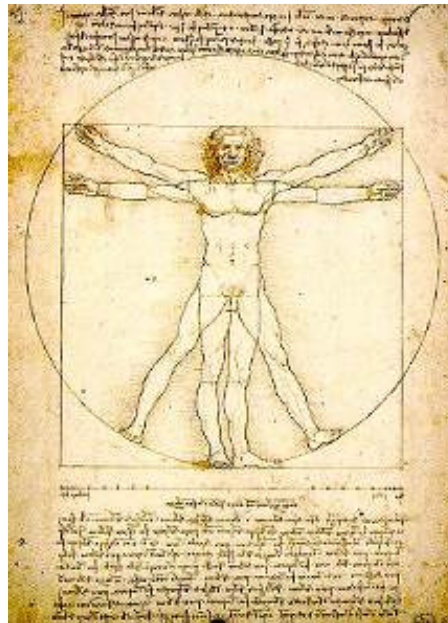


Por volta de 1220, na França, por influência clerical, o tema é posto em novela e Galahad, filho de Lancelot, substitui Perceval. A lenda, até então pagã, é cristianizada, passando os seus símbolos (o Vaso, a Espada e outros) a ter valor místico. E, em lugar de aventuras muitas vezes carregadas de realismo, o exercício espiritual de devoção passa a dominar as forças físicas no sentido de alcançar a Eucaristia. Com isso, a novela de cavalaria torna-se mística e simbólica e os cavaleiros tornam-se, em sua maioria, homens voltados para o símbolo da comunhão. O cavaleiro escolhido, cujo nome bíblico se liga a Galaad ("puro dos puros" o próprio Messias), simboliza um novo Cristo, que atinge o fim almejado somente depois de uma penosa Via-crúcis, cheia de aventuras, que põem à prova todas as suas virtudes. A demanda Santo Graal corresponde à reação da igreja Católica contra o desvirtuamento da cavalaria durante as cruzadas. Os cavaleiros, andantes feudais, transformavam-se, em sua maioria, em indivíduos desocupados, verdadeiros bandoleiros. A Igreja, preocupada com isso, resolve formar uma Cavalaria Cristã. Essas narrativas revelam aspectos religiosos diferentes dos mostrados nas cantigas de amor. Elas são uma espécie de inversão de valores, pois consideram o amor como um ato pecaminoso. O auge das novelas de cavalaria ocorreu em meados do século XIII com as obras "Lancelot" e "Tristão", ambas narram histórias de cavaleiros que reúnem múltiplas qualidades físicas e morais e vagam por um mundo povoado por personagens fantásticos e geografias exóticas.

(1) Desde suas origens, o povo português sempre se preocuparam muito em preservar a sua língua. Prática essa que continua até hoje, pois, mesmo com a verdadeira invasão de palavras de origem inglesa, causada pela informática, os portugueses sempre procuram encontrar uma palavra portuguesa para ser usada no lugar da inglesa e, dessa forma, preservar sua língua. Por isso, em Portugal, o "mouse" dos computadores é conhecido como "rato".

Humanismo

- [Preliminares](#)
- **Momento Histórico:**
 - [Europa](#)
 - [Portugal](#)
- [Literatura em Portugal](#)



Estudo das proporções humanas
Leonardo Da Vince

Humanismo

- [Preliminares](#)
- **Momento Histórico:**
- [Europa](#)
- [Portugal](#)
- [Literatura em Portugal](#)

Humanismo deriva, etimologicamente, da palavra francesa humanisme. Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira no "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa", **Humanismo é a "doutrina dos humanistas da Renascença que ressuscitaram o culto da línguas e das literaturas antigas"**.

No entanto, **literariamente, convencionou-se relacionar a palavra Humanismo ao movimento artístico iniciado na Itália no século XIV**. Petrarca, poeta italiano, é considerado o pai do Humanismo, pois foi o principal precursor desse movimento que espalhou-se pela Europa, no período que corresponde à **transição** da Idade Média à Idade Moderna.

O Humanismo abrange praticamente todas as artes como por exemplo a pintura, a arquitetura, a escultura, a música e a literatura. As obras desse período tinham como centro de interesse o próprio homem. Assim, enquanto no Trávicadorismo Deus era o centro de tudo (**teocentrismo**) no Humanismo o homem passa a ser o centro de interesse da cultura (**antropocentrismo**).

De acordo com o professor de História A. Souto Maior em seu livro História Geral "o Humanismo foi a própria alma do Renascimento. Era um apelo ao homem universal. Traduzia-se sobretudo pelo enaltecimento da cultura da Antigüidade Clássica".

Os principais destaques do Humanismo são: na Itália, berço do Renascimento, [Dante Alighieri](#), [Giovanni Boccaccio](#) e [Francesco Petrarca](#). Em Portugal merece destaque o teatro poético de [Gil Vicente](#).



Estudo dos músculos humanos
Leonardo Da Vince

Humanismo

- [Preliminares](#)
- **Momento Histórico:**
- [Europa](#)
- [Portugal](#)
- [Literatura em Portugal](#)

O período medieval é caracterizado pela extrema severidade que separava as classes sociais. No entanto, essa rigidez começa a ser abalada principalmente com o **surgimento da Burguesia**, uma nova classe social voltada para o comércio, para à pequena indústria que valorizava a vida material.

Essas novas atividades econômicas podem ser consideradas como o início **da decadência do Feudalismo**, pois favoreceram o crescimento e até mesmo o surgimento de novas cidades, que se apresentavam como uma alternativa para o homem que estava cansado do regime de servidão que lhe era imposto no campo.

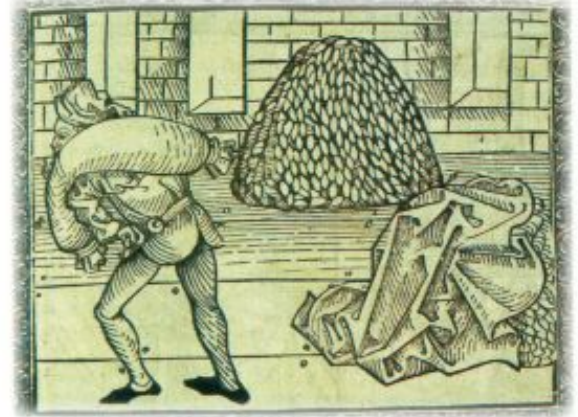
Toda essa transformação fez com que o Mercantilismo ocupasse o espaço cedido pelo Feudalismo e a Burguesia, líder desse processo, se tornasse uma das classes sociais mais importantes. Assim, o **poder material tornou-se mais importante do que os títulos de nobreza**. Além disso, novas leis fizeram-se necessárias, pois o comportamento do homem da cidade era muito diferente ao do camponês. Com isso, pode-se dizer que o processo de transição do Feudalismo para o Capitalismo estava completo.

Outro fato que contribuiu para as mudanças ocorridas durante a transição do Trovadorismo para o Humanismo foi a **generalização do uso do papel em toda a Europa o que favoreceu, juntamente com a imprensa**, a difusão dos manuscritos. Isso tudo acabou por determinar a supremacia da escrita sobre a oralidade, que anteriormente fora muito difundida.

Nota: A invenção da imprensa é erroneamente atribuída ao alemão Johann Gutenberg (1397-1468). Hoje em dia sabe-se que os chineses, mestres na arte da gravura, foram os verdadeiros precursores da imprensa. Eles utilizavam pranchas de madeira, nas quais gravavam os textos a imprimir. A partir do modelo chinês não foi difícil para o impressor alemão aperfeiçoar o sistema que já existia. Os tipos móveis e metálicos utilizados por Gutenberg foram apenas e tão somente uma melhoria natural do antigo processo. Possivelmente, o primeiro livro impresso por Gutenberg foi a Bíblia em dois volumes, publicada segundo alguns historiadores em 1445 ou, como outros insistem em afirmar, no ano de 1456.

Todas essas transformações sócio-econômicas influenciaram drasticamente no modo do homem compreender o mundo, que até esse momento limitava-se a extensão do feudo. O período das grandes navegações, aliado ao surgimento da imprensa ampliou os limites físicos do mundo e também o horizontes intelectuais do homem. Como consequência, o Teocentrismo, começa a perder, gradativamente, espaço para o **Antropocentrismo**, que atinge seu ápice no Renascimento.

Como não poderia deixar de ser, a arte produzida nesse período também passa por transformações consideráveis: **a vida religiosa, tema dos artistas até aquele momento, é substituída pelas emoções e pelo comportamento humano.**



Vassalo - Figura típica do Feudalismo



O detalhe da obra "Davi" de Donatelo mostra essa mudança do tema nas artes.

Humanismo

- [Preliminares](#)
- **Momento Histórico:**
- [Europa](#)
- [Portugal](#)
- [Literatura em Portugal](#)

O acontecimento que marca o início das transformações da mentalidade do homem medieval, em Portugal, foi, principalmente, a **Revolução popular de 1383**. Essa revolução foi deflagrada a partir da morte de D. Fernando, que por conseguinte, levou sua esposa, D. Leonor Teles, espanhola de nascimento, a assumir o governo de Portugal. Essa, mancomunada com seu patrício, o Conde de Andeiro, pretendia anexar Portugal ao trono espanhol. Descoberta a manobra de D. Leonor, o povo rebelou-se, sob o comando do Mestre de Avis, filho bastardo de D. Pedro I (de Portugal). A luta pelo trono português, a qual ficou conhecida como **Revolução de Avis**, durou dois anos.

Terminada a Revolução, o Conde de Andeiro é assassinado, o povo toma o trono e elege o herdeiro natural, o Mestre de Avis, o novo rei de Portugal. Ele torna-se então D. João I, dando início à dinastia de Avis.

Essa dinastia marca uma das mais importantes etapas da história de Portugal. Pois, compreende o início da renovação cultural portuguesa. D. João I era tido como um rei culto, determinado e empreendedor. Entre outras coisas, escreveu o livro *Montaria*. Suas idéias foram tão importantes que tiveram continuação no reinado de seu filho D. Duarte. No entanto, o governo de D. João I, não foi apenas vitorioso no campo cultural. Ao aliar-se aos burgueses, detentores do poder econômico da época, ele proporcionou a **expansão ultramarina** de Portugal.

A partir da Tomada de Conta (1415), os navegantes portugueses chegaram à África, à Ásia e à América. Essa nova realidade mercantil provocou uma crise no sistema feudal e no pensamento místico-religioso que dominavam a época. O Teocentrismo, pouco a pouco, cedeu espaço ao Antropocentrismo. Essa nova visão refletiu-se nas grandes obras do período, que passaram a ter como centro de interesse o próprio homem.



Humanismo

- [Preliminares](#)
- **Momento Histórico:**
 - [Europa](#)
 - [Portugal](#)
- [Literatura em Portugal](#)

Didaticamente, convencionou-se determinar como **marco inicial do Humanismo a nomeação de [Fernão Lopes](#) como guarda-mor da Torre do Tombo, em 1418**. Seu termino ocorre em 1527 quando Sá de Miranda retorna da Itália e começa a introduzir em Portugal a nova estética Clássica.

D. Duarte, filho de D. João I, ao nomear **Fernão Lopes** como guarda-mor, dá início a nova época da Literatura Portuguesa. Por meio do **[momento histórico](#)**, podemos perceber que **a cultura da época passa por um importante processo de humanização**.

O homem, desse período, começa a romper com o fechado sistema feudal e com a visão Teocêntrica imposta pela Igreja. Assim, ele começa também a se valorizar, sem contudo abandonar por completo o temor a Deus e a submissão, visto que essa é uma fase predominantemente de transição.



Esse **conflito entre o homem medieval e o homem moderno** é facilmente percebido nas principais manifestações literárias da época. Principalmente no teatro Vicentim ([Gil Vicente](#)).

Na obra "O Auto da Barca do Inferno", fica evidenciada o momento conflitante entre o medieval e o moderno. Pois ao mesmo tempo em que o autor trava a interminável batalha maniqueísta entre Deus e o diabo, batalha essa defendida pelo homem medieval, ele nós apresenta os defeitos do homem da época, mostrando assim uma forte tendência antropocêntrica e moderna. As manifestações literárias mais significativas do período humanista em Portugal podem ser divididas em:

- **Teatro**
- **Poesia**
- **Prosa**
 - não ficção*
 - Historiografia
 - Prosa doutrinária
 - ficção*
 - Novela de cavalaria

Teatro Humanista

O caráter de transição do humanismo vai aparecer na obra daquele que é considerado o criador do teatro português: [Gil Vicente](#). Antes dele, encontram-se referências a representações religiosas, mas tratava-se de espetáculos que utilizavam apenas cenário e mímica, que não tinham ação conduzida por texto literário.

O teatro propriamente dito, com texto elaborado, inaugurou-se em Portugal com a obra de [Gil Vicente](#).

Poesia

Na poesia destaca-se a figura de **João Ruiz de Castelo Branco**. Sobre o autor o professor Massaud Moisés diz:

*"Alguns poetas merecem especial referência, exceções felizes em meio à trivialidade Lírica do Cancioneiro Geral. João Ruiz de Castelo Branco representa-se com a "Cantiga sua **Partindo-se**", amplamente conhecida e apreciada, onde a limpidez da linguagem e os achados expressivos servem de coro a uma primorosa síntese do lancinante sentimento de amar e ter de partir, num clima de quase elegia, tão mortificante o sofrimento que no poema se confessa: o ritmo, determinado por uma melopéia propositadamente monótona e plangente qual, contilena, ondulante e reticente, colabora com eficácia para conferir aos versos um ar de mistério e fugacidade, motivo suficiente para fazê-los de permanente agrado do leitor de poesia".*

Além disso, tudo o que se conhece do gênero lírico Humanista é uma coletânea de mil poemas de diversos autores compilada pôr Garcia de Resende e publicada em 1516, com o título de **Cancioneiro Geral**. Diferentemente da poesia trovadoresca, a poesia dessa época, classificada como palaciana, é feita para ser lida e não cantada, como eram as cantigas medievais. Nesse novo estilo, a mulher é vista de maneira menos idealizada, pois, sem a rígida divisão entre as classes sociais da Idade Média, o amor torna-se possível entre as pessoas de categorias sociais diferentes.

Confira algumas das mais significativas diferenças entre a poesia trovadoresca e a palaciana:

Poesia trovadoresca	Poesia palaciana
- A música é essencial para a expressão da poesia, os versos vêm com um acompanhamento musical;	- A música dissocia-se da palavra; há ausência de acompanhamento musical. A musicalidade é utilizada apenas como recurso de linguagem;
- A poesia expressa "grave e profundo sentimento de tristeza e saudosismo;	- A poesia expressa "cousa de folgar e gentilezas";
- A poesia é feita para ser cantada;	- A poesia é para ser lida e declamada;
- Tema: o fingimento de amor e o amor cortês, a vassalagem amorosa;	- Tema: amor-cortês, numa concepção diferente da do Trovadorismo;
- Nem sempre a paixão se reveste de caráter pecaminoso, adultério, mas o trovador consagra à sua dona um amor platônico, sem esperança, fingido, produtora da imaginação;	- O amor platônico não é tão freqüente, os poetas palacianos são mais realistas;
- Rigidez de forma;	- São muitas as formas usadas para o desenvolvimento dos mais variados temas. - Maior artificialismo e opulência verbal na poesia palaciana;
- Via de regra, o namorado é tímido, não ousa manifestar o seu amor.	- São freqüentes as poesias de índole religiosa, especialmente as em louvor à Virgem Maria;

Historiografia

Apesar de não ser, conforme o conceito de literatura, uma obra literária, a historiografia é de extrema importância pois revela a mentalidade, os usos e costumes da sociedade portuguesa da época. O mais importante historiografista de Portugal foi **Fernão Lopes**. Seu sucessor, Gomes Eanes de Azurara, foi responsável por um retrocesso, pois apresentou uma visão senhorial da história, sem se preocupar com a veracidade dos fatos. Os demais cronistas do período foram: Vasco Fernandes de Lucena, Rui de Pina e Duarte Galvão de Resende. Vale lembrar a obra de nenhum deles é comparável com a de **Fernão Lopes**.

Prosa Doutrinária

A prosa doutrinária era dirigida à nobreza, com finalidade pedagógica, conforme atestam os títulos das obras:

- Livro da Montaria, de D.João I, em que se ensina a caça ao porco montês, considerado o esporte ideal para a fidalguia;
- Livro da Falcoaria, de Pero Menino, que se ensina a tratar das doenças dos falcões;
- Livro da Ensinança, de Bem Cavalgar, toda sela, é o mais conhecido deles leal conselheiro.

Novela de Cavalaria

As Novelas de Cavalaria são relatos de combate, em que valentes cavaleiros enfrentam toda sorte de perigo a serviço de damas muito bonitas. Elementos fantásticos e sobrenaturais não faltam no enredo dessas novelas, além das aventuras amorosas que correm paralelas ao feitos guerreiros. Do Humanismo data uma das mais importantes novelas de cavalaria escritas em Portugal. **Amadis de Gaula (1508)**. Desta obra não se sabe ao certo quem a escreveu, tampouco em que língua. Sabe-se porém que ela foi reeditada várias vezes e continuada ao longo do século XVI, formando o ciclo dos Amadises, em 12 livros todos em Castelhana, são eles:

- Sergas de Esplandiám (1510), escrito pôr Garcia Ordonez de Montalvo;
- Florisando (1510), por Páez de Rivera;
- Lisuarte de Grécia (1514), por Feliciano da Silva;
- Lisuarte de Grécia (1526), por Juan Diaz;
- Amadis de Grécia (1530), por Feliciano da Silva;
- Florisel de Niquea (1532), por Feliciano da Silva;
- Florisel de Niquea (1535 e 1551), por Feliciano da Silva;
- Silves de La Selva (1546), por Feliciano da Silva.

::: Fernão Lopes (1380? 1460?)



Igual a maioria dos autores dessa época, pouco se sabe sobre a vida de Fernão Lopes. Acredita-se que ele tenha nascido por volta de 1380.

Considerado o **criador da historiografia** em Portugal foi nomeado, em 1418, o guardador-mor da Torre do Tombo, onde são guardados os documentos históricos do país. Em 1434, foi promovido a cronista-mor, passando a escrever a história dos reis de Portugal.

Apesar de ter que centralizar a sua crônica na família real, teve o mérito de investigar as relações sociais que movimentavam o país, além de captar o sentimento coletivo do povo português.

Devido ao posto que ocupava na Torre do Tombo, pode fundamentar suas idéias com documentos escritos, o que se constitui numa das bases da historiografia moderna. Em 1454, por estar muito velho e fraco, foi substituído por Gomes Eanes de Azurara.

A data de falecimento de Fernão Lopes também é desconhecida, acredita-se que tenha ocorrido por volta de 1460.

As principais obras escritas por Fernão Lopes são:

- Crônica del-Rei D. Pedro - Nela, além de traçar o perfil psicológico de Dom Pedro I, Fernão Lopes narra os episódios sobre Inês de Castro, que ficaram famosíssimos ao longo da história;
- Crônica del-Rei D. Fernando - Essa crônica é muito importante, pois reconstitui o período que vai desde o início do Reinado de D. Fernando até o começo da Revolução de Avis. Nela, Fernão Lopes ainda revela muitas características psicológicas do rei, como por exemplo sua alegria e seu "achego às mulheres";
- Crônica del-Rei de D. João I - Essa crônica divide-se em duas partes distintas: a primeira inicia-se por volta de 1383, com a morte de D. Fernando, e estende-se até 1385, quando D. João é aclamado Rei de Portugal. A Segunda parte relata o governo de D. João I e estende-se até a 1411, quando esse é assassinado.

As principais características da obra de Fernão Lopes são: as pesquisas históricas, **a ironia e a crítica à sociedade portuguesa**. Além disso, com um estilo próprio e elegante, Fernão Lopes **evitou a criação de heróis**. Isso significa que analisou com objetividade e justiça os documentos históricos e foi cauteloso em determinar a verdade histórica ao confrontar textos e versões sobre um mesmo assunto.

Veja Também:

Humanismo

- [Preliminares](#)
- **Momento Histórico:**
 - [Europa](#)
 - [Portugal](#)
 - [Literatura em Portugal](#)

:: Gil Vicente(1465? 1537?)



Como afirma o professor Segismundo Spina "Gil Vicente, como outros grandes gênios da literatura ocidental - desde Homero a Camões e Shakespeare - não tem uma biografia segura, ignora-se o lugar de seu nascimento (...) como se ignoram as datas de sua existência". O mais provável é que ele tenha vivido entre os anos de 1465 e 1537.

Gil Vicente foi ourives oficial da corte, como afirmam seus biógrafos, até por volta do ano de 1502, quando encenou a sua primeira peça o **Auto da Visitação ou Monólogo do Vaqueiro**, em homenagem ao nascimento do filho de D. Manuel com D. Maria. A peça fez tanto sucesso que o levou a elaborar outras, igualmente cheias de êxito.

Gil Vicente, além de ser colaborador na obra O Cancioneiro Geral, de Garcia Resende desempenhou na corte a importante função de organizar as festas palacianas. Ele alcançou tanto prestígio na corte que ousou em 1531, pôr ocasião de um terremoto, num discurso feito perante os frades em Santarém, censurar energeticamente os sermões nos quais os frades explicavam a catástrofe como resultado da ira divina. Na sua carreira de dramaturgo, foi protegido pela rainha D. Leonor.

Perfil literário

Gil Vicente foi sem dúvida um homem que viveu um conflito interno, por conta da transição da idade Média para a Idade Moderna. Isso quer dizer que foi um homem ligado ao medievalismo e ao mesmo tempo ao humanismo, ou seja, um homem que **pensa em Deus mais exalta o homem livre**.

O Autor critica em sua obra, de forma impiedosa, toda a sociedade de seu tempo, desde os membros das mais altas classes sociais até os das mais baixas. Contudo as **personagens** por ele criadas não se sobressaem como indivíduos. São sobretudo tipos que ilustram a sociedade da época, com suas aspirações, seus vícios e seus dramas (tipo é o nome dado aos personagens que apresentam características gerais de uma determinada classe social). Esses tipos utilizados por Gil Vicente raramente aparecem identificados pelo nome. Quase sempre, são designados pela ocupação que exercem ou por algum outro traço social (sapateiro, onzeneiro, ama, clérigo, frade, bispo, alcoviteira etc.). Ainda com relação aos personagens pode-se dizer que eles são simbólicos, ou seja, simbolizam vários comportamentos humanos.

Os membros da Igreja são alvo constante da crítica vicentina. É importante observar, no entanto, que o espírito religioso presente na formação do autor, jamais critica as instituições, os dogmas ou hierarquias da religião, e sim os indivíduos que as corrompem. Acreditando na função moralizadora do teatro, colocou em cenas fatos e situações que revelam a degradação dos costumes, a imoralidade dos frades, a corrupção no seio da família, a imperícia dos médicos, as práticas de feitiçaria, o abandono do campo para se entregar às aventuras do mar.

A **linguagem** é o veículo que Gil melhor explora para conseguir efeitos cômicos ou poéticos. Escritas sempre em versos, as peças incorporam trocadilhos, ditos populares e expressões típicas de cada classe social.

A estrutura cênica do teatro vicentino apresenta enredos muito simples. Provavelmente as peças do teatrólogo eram encenadas no salão de festas do castelo real.

O teatro de Gil Vicente não segue a lei das três unidades básicas do teatro clássico (Grego e Romano) ação, tempo, espaço. A ideologia das obras vicentinas apresentam sempre o confronto entre a idade Média e o Renascimento ou Medievalismo (Teocentrismo versus antropocentrismo).

As obras de Gil Vicente podem ser divididas em três fases distintas:

1ª fase (1502/1508)

- Juan del Encima
- Temas Religiosos

2ª fase (1508/1515) - Problemas sociais Decorrentes da expansão marítima Destacando:

- "O Velho da Horta" (obra de cunho hedonta);
- "Auto da Índia".

3ª fase (1516/1536) - Maturidade artística

- "Farsa de Inês Pereira", que tem como tema é a educação feminina;

- "Trilogia das Barcas", uma crítica social e religiosa.

A obra teatral de Gil Vicente pode ser didaticamente dividida em dois blocos:

Autos: peças teatrais de assunto religioso ou profano; sério ou cômico.

Os autos tinham a finalidade de divertir, de moralizar ou de difundir a fé cristã.

Os principais autos vicentinos são: Monólogo do Vaqueiro; Auto da Alma; Trilogia das Barcas (compreendendo: Auto da Barca do Inferno; Auto da Barca da Glória, Auto da Barca do purgatório); Auto da Feira, Auto da Índia e Auto da Mofina Mendes.

Farsas: são peças cômicas de um só ato, com enredo curto e poucas personagens, extraídas do cotidiano.

Destacam-se Farsa do Velho da Horta, Farsa de Inês Pereira e Quem tem Farelos?

A obra vicentina completa contém aproximadamente 44 peças (17 escritas em português, 11 em castelhano e 16 bilingües).

Algumas obras de Gil Vicente estão disponíveis para Download na seção [Biblioteca Virtual](#). Dentre elas destaca-se "**O velho da horta**" e "**O Auto da Barca do Inferno**". A análise do "**O Auto da Barca do Inferno**" também está a sua disposição na seção [Análises Literárias](#). Confira!!

Veja Também:

Humanismo

- [Preliminares](#)

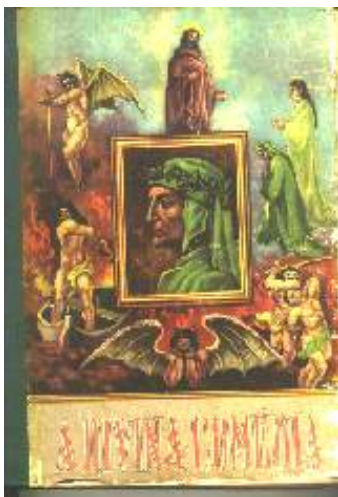
- **Momento Histórico:**

- [Europa](#)

- [Portugal](#)

- [Literatura em Portugal](#)

::: Dante Alighieri (1265 - 1321)



O poeta italiano Dante Alighieri nasce 1265 na cidade de Florença. Ainda jovem, escreve Vita Nuova, experiência literária e filosófica dedicada a Beatrice Portinari, paixão platônica da mocidade que marcaria toda a sua vida.

Entre 1305 e 1306, defende no tratado Sobre a Língua do Povo o uso do **idioma italiano** na poesia. É nessa língua que escreve **A Divina Comédia**, obra-prima da literatura italiana e que deu o título "**o precursor da literatura italiana**", uma vez que até então todas as obras literárias na Itália eram escritas em Latim.

O livro relata uma viagem imaginária pelo inferno e purgatório e pelo paraíso, guiadas, as duas primeiras por Virgílio e a última, por Beatrice. Nessa obra Dante discute política, filosofia e teologia com amigos, inimigos e adversários, vivos ou mortos, numa alegoria do percurso do homem em busca de si mesmo.

Por motivos políticos é banido e condenado à morte. Vive exilado em várias cidades italianas até morrer, em Ravena no ano de 1321.

Veja Também:

Humanismo

- [Preliminares](#)
- **Momento Histórico:**
 - [Europa](#)
 - [Portugal](#)
 - [Literatura em Portugal](#)

:: Giovanni Boccaccio (1313 1375)



O escritor italiano Giovanni Boccaccio nasceu em Paris no ano de 1313. Filho de um mercador da região italiana de Toscana. Após cursar as primeiras letras em Florença, foi enviado a Nápoles, por imposição do pai, para desempenhar o trabalho mercantil. em seguida, devido a sua má vontade para dedicar-se a tal atividade, começa a estudar direito canônico.

Nessa época lê os clássicos latinos, a literatura de corte francesa e italiana, e escreve as suas primeiras obras: Filoloco, L'Amorosa Visione, Elegia di Madonna Fiammetta, Ninfale Fiesolano, e muitos poemas, obras essas que ainda expressam o romanesco, o fantástico e o bizarro da imaginação medieval.

Em 1341 teve que voltar para a casa do pai em Florença, pois esse passava por dificuldades econômicas devido à falência do banco de Bardi. Em 1348 volta em Florença, onde assiste à peste, e depois da morte do pai (1350?) lá permanece para administrar o pouco patrimônio que lhe restara. Ainda nessa época Começa a participar da vida pública e cultural da sua cidade, e, por isso, lhe foram confiados trabalhos e embaixadas.

Em 1351 conclui a sua maior obra, o **Decameron**, iniciada por volta de 1348. Essa obra, escrita em prosa, relata em dez histórias curtas, contadas por sete moças e três rapazes que se refugiam no campo para escapar da peste negra, os conflitos entre os valores cristãos e o espírito libertino da época, questões ligada à transição para o Renascimento. Essa obra, apesar de ter sido escrita há mais de seiscentos anos, ainda pode ser lida como enorme prazer. Por isso, tornou-se um clássico da prosa ocidental e um dos maiores livros eróticos de todos os tempos.

Em seus últimos anos de vida fortalece a amizade com Francesco Petrarca, que o ajudou a superar uma crise religiosa, dirigindo a atividade do Boccaccio à cultura literária do tipo "humanístico". Nesse mesmo período, Boccaccio introduz na Itália a obra de diversos autores gregos clássicos e também estuda a obra de Dante, tornando-se assim o primeiro biógrafo desse autor. Reconhecido por seus contemporâneos como poeta, recebe inúmeros postos diplomáticos. Morre na cidade italiana de Certaldo em 1375.

Veja Também:

Humanismo

- [Preliminares](#)
- **Momento Histórico:**
 - [Europa](#)
 - [Portugal](#)
 - [Literatura em Portugal](#)

:: Francesco Petrarca (1304? - 1374?)



O Poeta italiano Francesco Petrarca, como quase todos os autores dessa época tem datas de nascimento e falecimento incertas. Acredita-se que ele tenha nascido no ano de 1304 e falecido em 1374.

Além de ter fixado a forma do soneto, **Petrarca é considerado o pai Humanismo**, devido a suas poesias de intenso conhecimento humanista e por ser o principal precursor desse movimento que espalhou-se pela Europa, no período que corresponde à Transição da Idade Média à Idade Moderna.

Petrarca nasceu em Arezzo e, em 1312, muda-se com a família para Avignon, na França. Por influência do pai que era advogado, começa em 1316 a estudar Direito em Montpellier, continuando o curso em Bolonha, em 1320.

Com a morte do pai, em 1326, interrompe os estudos e volta a Avignon, onde se aprofunda na literatura. Em abril de 1327, vê Laura (provavelmente Laura Novaes, casada com Hugo de Sade) na porta da Igreja de St. Clare e apaixona-se por ela, dedicando a ela um amor não correspondido até o fim da vida. Os poemas de Rime e Canzoniere mostram a intensidade desse amor.

Em 1333, viaja pela França e lê manuscritos clássicos nas bibliotecas monásticas. Em 1337, visita Roma pela primeira vez. De volta a Avignon, busca refúgio no Monte Vacluse para seus momentos de meditação. Em 1353, vai para Milão, onde permanece por oito anos. Transfere-se em 1361 para Pádua e depois para Veneza, onde recebe várias vezes a visita de Boccaccio. Ainda em fase de intensa produção literária, muda-se para uma casa de campo em Arquà, onde morre de malária.

Veja Também:

Humanismo

- [Preliminares](#)
- **Momento Histórico:**
 - [Europa](#)
 - [Portugal](#)
 - [Literatura em Portugal](#)

Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)



Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)



Na literatura brasileira é possível encontrar milhares de textos que, sob diversos aspectos, retratam o Brasil. O primeiro desses textos é a [Carta](#) de [Pêro Vaz de Caminha](#) endereçada a D. Manuel, rei de Portugal. Essa [Carta](#), "considerada a certidão de nascimento do Brasil", **revela a primeira impressão que o homem europeu teve de um mundo novo**, habitado por pessoas diferentes e com costumes estranhos.

Assim, seu caráter puramente informativo, não permite que se fale em literatura do Brasil, mas sim em uma literatura informativa feita pelos portugueses sobre o Brasil.

Apesar da descoberta do Brasil ter ocorrido em 1500, Portugal só demonstrou interesse pela nova terra algum tempo depois, quando começou a enviar expedições para a nova terra com o objetivo de colher informações sobre a sua fauna, flora e de seus nativos. Todas essas informações foram registradas em textos, que ficaram conhecidos ao longo da história como **literatura dos viajantes ou literatura de informação**. Apesar de não ter um grande valor literário, esses textos são de importância inestimável, pois retratam a primeira fase do Brasil-colônia.



Nessa época, o fato de predominar, nos meios literários portugueses, o **Classicismo, também conhecido como Quinhentismo**, fez com que toda a literatura informativa sobre o Brasil ficasse também conhecida como **Quinhentismo Brasileiro**.

Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)

Apesar de o Brasil ter sido descoberto em 1500, em virtude da expansão mercantilista portuguesa, sua colonização só começou a realmente acontecer cerca de trinta anos depois. Esse aparente descaso ocorreu porque, naquele momento, o comércio com a Índia era muito mais vantajoso para a coroa portuguesa. Nesse intervalo de tempo a nova terra ficou a mercê de toda a espécie de pirataria.

Essa situação só foi revertida em 1530, quando Martim Afonso de Souza veio para o Brasil com a missão de colonizar a nova terra. Esse processo, iniciado efetivamente quatro anos depois com a criação das [Capitanias Hereditárias](#), colocou o Brasil na rota mercantilista portuguesa, uma vez que a **extração predatória de pau-brasil e a exploração de mão-de-obra indígena**, passaram a representar uma importante fonte de renda para Portugal.

O processo de colonização, aliado a chegada dos primeiros escravos em 1548, representou o início da destruição da organização tribal e da cultura indígena, uma vez que os elementos responsáveis por toda produção do país (colonizadores e escravos) passaram a ser estrangeiros.



Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)

O homem europeu do século XVI, especificamente o português, tinha duas preocupações distintas: uma **material**, resultante da política das Grandes Navegações e que visava o lucro decorrente da exploração das terras recém descobertas; e outra **espiritual**, resultante do movimento da contra-reforma, ou seja, da tentativa de a Igreja Católica reconquistar os indivíduos que se converteram ao protestantismo.

Essas duas preocupações básicas fizeram com que a literatura feita no Brasil naquele período se manifestasse de duas formas: a primeira, de **caráter puramente informativo, conhecida como literatura de informação**, levava a Portugal as novidades sobre as riquezas do Brasil; já a segunda, de **aspecto doutrinário, também conhecida literatura dos jesuítas, voltada para a catequese do povo indígena**.

A literatura de informação

Em seu primeiro século de "vida" o Brasil foi visitado por muitos viajantes e missionários europeus. Muitos deles colheram informações sobre a terra e seus habitantes. Esses relatos, por possuírem pouca importância literária, estão relacionados a crônica histórica e, por isso, são classificados como **literatura de informação** ou como **literatura dos cronistas e viajantes**. A primeira e mais importante dessas obras foi a [Carta de Pêro Vaz de Caminha](#), escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, endereçada a el-rei Rei D. Manuel. Nela Caminha mostra claramente as duas preocupações que atormentavam o povo português da época, ou seja, a **conquista de bens materiais e o aumento do número de fiéis adeptos ao Catolicismo**.



Armada de Pedro Álvares Cabral

Além de [Pêro Vaz de Caminha](#), outros viajantes também relataram a sua impressão sobre a nova terra e seus habitantes. As obras e autores que merecem destaque são os seguintes:

- [Diário de Navegação](#) (1530) de [Pêro Lopes e Sousa](#), escrivão do grupo colonizador liderado por Martim Afonso de Sousa;
- [Tratado da Terra do Brasil e a História da Província de Santa Cruz a que Vulgarmente Chamamos de Brasil](#) (1576) de [Pêro Magalhães de Gândavo](#);
- [Tratado Descritivo do Brasil](#) (1587) de Gabriel Soares de Souza;
- [Os Diálogos das Grandezas do Brasil](#) (1618) de Ambrósio Fernandes Brandão.

A Literatura Jesuítica

Paralelamente à literatura de informação, acontecia no Brasil a **literatura dos jesuítas**. Os jesuítas chegaram ao Brasil junto com os primeiros colonizadores e sua missão, conseqüente da Contra-Reforma, era catequizar os indígenas. Esteticamente, a literatura dos jesuítas foi a melhor produção literária feita no Brasil na primeira fase do Brasil-colônia. Os jesuítas, nesse período de catequização dos índios cultivaram:

- **a poesia didática** - que tinha o objetivo de dar exemplos moralizantes aos indígenas;
- **a poesia sem finalidade catequizadora** - relacionada a necessidade de individual de expressão;



- **o teatro pedagógico** - baseado em textos extraídos da Bíblia;
- **e as cartas de informação** - relatavam, aos líderes da Igreja Católica Portuguesa, como iam os trabalhos de catequese no Brasil.

Os representantes mais importantes da Literatura Jesuítaica foram os padres [José de Anchieta](#), [Manuel da Nóbrega](#) e Fernão Cardim.

Literatura Informativa**Carta de Pêro Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil**

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)

Senhor,

posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que -- para o bem contar e falar -- o saiba pior que todos fazer! Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinagem e das singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza -- porque o não saberei fazer -- e os pilotos devem ter este cuidado.

E portanto, Senhor, do que hei de falar começo:

E digo quê:

A partida de Belém foi -- como Vossa Alteza sabe, segunda-feira 9 de março. E sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grande Canária. E ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber da ilha de São Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.

Na noite seguinte à segunda-feira amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com a sua nau, sem haver tempo forte ou contrário para poder ser !

Fez o capitão suas diligências para o achar, em umas e outras partes. Mas... não apareceu mais !

E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando da dita Ilha -- segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas -- os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos.

Neste mesmo dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!

Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças. E ao sol-posto umas seis léguas da terra, lançamos ancoras, em dezenove braças -- ancoragem limpa. Ali ficamo-nos toda aquela noite. E quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitura à terra, indo os navios pequenos diante -- por dezessete, dezesseis, quinze, catorze, doze, nove braças -- até meia légua da terra, onde todos lançamos ancoras, em frente da boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas, pouco mais ou menos.

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.

Então lançamos fora os batéis e esquifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam

dezoito ou vinte.

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem entendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sobretudo preto. E um deles lhe arremessou um sobretudo de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se voltou às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

À noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez caçar as naus. E especialmente a Capitaina. E sexta pela manhã, às oito horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar ancoras e fazer vela. E fomos de longo da costa, com os batéis e esquifes amarrados na popa, em direção norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso, onde nós ficássemos, para tomar água e lenha. Não por nos já minguar, mas por nos prevenirmos aqui. E quando fizemos vela estariam já na praia assentados perto do rio obra de sessenta ou setenta homens que se haviam juntado ali aos poucos. Fomos ao longo, e mandou o Capitão aos navios pequenos que fossem mais chegados à terra e, se achassem pouso seguro para as naus, que amainassem.

E velejando nós pela costa, na distância de dez léguas do sítio onde tínhamos levantado ferro, acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada. E meteram-se dentro e amainaram. E as naus foram-se chegando, atrás deles. E um pouco antes de sol-pôsto amainaram também, talvez a uma légua do recife, e ancoraram a onze braças.

E estando Afonso Lopez, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, foi, por mandado do Capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meter-se logo no esquife a sondar o porto dentro. E tomou dois daqueles homens da terra que estavam numa almadia: mancebos e de bons corpos. Um deles trazia um arco, e seis ou sete setas. E na praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas não os aproveitou. Logo, já de noite, levou-os à Capitaina, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber. Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar.

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com ele íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e

novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata!

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão.

Depois lhe pegaram, mas como espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais.

Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora.

Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que lho não havíamos de dar! E depois tornou as contas a quem lhas dera. E então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas.

O Capitão mandou pôr por baixo da cabeça de cada um seu coxim; e o da cabeleira esforçava-se por não a estragar. E deitaram um manto por cima deles; e consentindo, aconchegaram-se e adormeceram.

Sábado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e tinha seis a sete braças de fundo. E entraram todas as naus dentro, e ancoraram em cinco ou seis braças -- ancoradouro que é tão grande e tão formoso de dentro, e tão seguro que podem ficar nele mais de duzentos navios e naus. E tanto que as naus foram distribuídas e ancoradas, vieram os capitães todos a esta nau do Capitão-mor. E daqui mandou o Capitão que Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias fossem em terra e levassem aqueles dois homens, e os deixassem ir com seu arco e setas, aos quais mandou dar a cada um uma camisa nova e uma carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que foram levando nos braços, e um cascavel e uma campainha. E mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de dom João Telo, de nome Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver e maneiras. E a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho. Fomos assim de frecha direitos à praia. Ali acudiram logo perto de duzentos homens, todos nus, com arcos e setas nas mãos.

Aqueles que nós levamos acenaram-lhes que se afastassem e depusessem os arcos. E eles os depuseram. Mas não se afastaram muito. E mal tinham pousado seus arcos quando saíram os que nós levávamos, e o mancebo degredado com eles. E saídos não pararam mais; nem esperavam um pelo outro, mas antes corriam a quem mais correria. E passaram um rio que aí corre, de água doce, de muita água que lhes dava pela braga. E muitos outros com eles. E foram assim correndo para além do rio entre umas moitas de palmeiras onde estavam outros. E ali pararam. E naquilo tinha ido o degredado com um homem que, logo ao sair do batel, o agasalhou e levou até lá. Mas logo o tornaram a nós. E com ele vieram os outros que nós leváramos, os quais vinham já nus e sem carapuças.

E então se começaram de chegar muitos; e entravam pela beira do mar para os batéis, até que mais não podiam. E traziam cabaças d'água, e tomavam alguns barris que nós levávamos e enchiam-nos de água e traziam-nos aos batéis. Não que eles de todo chegassem a bordo do batel. Mas junto a ele, lançavam-nos da mão. E nós tomávamos-los. E pediam que lhes dessem alguma coisa.

Levava Nicolau Coelho cascavéis e manilhas. E a uns dava um cascavel, e a outros uma manilha, de maneira que com aquela encarna quase que nos queriam dar a mão. Davam-nos daqueles arcos e setas em troca de sombreiros e carapuças de linho, e de qualquer

coisa que a gente lhes queria dar.

Dali se partiram os outros, dois mancebos, que não os vimos mais.

Dos que ali andavam, muitos -- quase a maior parte -- traziam aqueles bicos de osso nos beiços.

E alguns, que andavam sem eles, traziam os beiços furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha. E alguns deles traziam três daqueles bicos, a saber um no meio, e os dois nos cabos.

E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada; e outros quartejados d'escaques.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.

Ali por então não houve mais fala ou entendimento com eles, por a barbana deles ser tamanha que se não entendia nem ouvia ninguém. Acenamos-lhes que se fossem. E assim o fizeram e passaram-se para além do rio. E saíram três ou quatro homens nossos dos batéis, e encheram não sei quantos barris d'água que nós levávamos. E tornamo-nos às naus. E quando assim vínhamos, acenaram-nos que voltássemos. Voltamos, e eles mandaram o degredado e não quiseram que ficasse lá com eles, o qual levava uma bacia pequena e duas ou três carapuças vermelhas para lá as dar ao senhor, se o lá houvesse. Não trataram de lhe tirar coisa alguma, antes mandaram-no com tudo. Mas então Bartolomeu Dias o fez outra vez tornar, que lhe desse aquilo. E ele tornou e deu aquilo, em vista de nós, a aquele que o da primeira agasalhara. E então veio-se, e nós levamo-lo.

Esse que o agasalhou era já de idade, e andava por galanteria, cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia seteado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; e outros, de vermelhas; e outros de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela. Nenhum deles era fanado, mas todos assim como nós.

E com isto nos tornamos, e eles foram-se.

À tarde saiu o Capitão-mor em seu batel com todos nós outros capitães das naus em seus batéis a folgar pela baía, perto da praia. Mas ninguém saiu em terra, por o Capitão o não querer, apesar de ninguém estar nela. Apenas saiu -- ele com todos nós -- em um ilhéu grande que está na baía, o qual, aquando baixamar, fica mui vazio. Com tudo está de todas as partes cercado de água, de sorte que ninguém lá pode ir, a não ser de barco ou a nado. Ali folgou ele, e todos nós, bem uma hora e meia. E pescaram lá, andando alguns marinheiros com um chinchorro; e mataram peixe miúdo, não muito. E depois volvemo-nos às naus, já bem noite.

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os capitães que se arransassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem arranjado. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que todos assistiram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.

Ali estava com o Capitão a bandeira de Cristo, com que saíra de Belém, a qual esteve sempre bem alta, da parte do Evangelho.

Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação, da história evangélica; e no fim tratou da nossa vida, e do achamento desta terra, referindo-se à Cruz, sob cuja obediência viemos, que veio muito a propósito, e fez muita devoção.

Enquanto assistimos à missa e ao sermão, estaria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos, como a de ontem, com seus arcos e setas, e andava folgando. E olhando-nos, sentaram. E depois de acabada a missa, quando nós sentados atendíamos a pregação,

levantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço. E alguns deles se metiam em almadias -- duas ou três que lá tinham -- as quais não são feitas como as que eu vi; apenas são três traves, atadas juntas. E ali se metiam quatro ou cinco, ou esses que queriam, não se afastando quase nada da terra, só até onde podiam tomar pé.

Acabada a pregação encaminhou-se o Capitão, com todos nós, para os batéis, com nossa bandeira alta. Embarcamos e fomos indo todos em direção à terra para passarmos ao longo por onde eles estavam, indo na dianteira, por ordem do Capitão, Bartolomeu Dias em seu esquife, com um pau de uma almadia que lhes o mar levava, para o entregar a eles. E nós todos trás dele, a distância de um tiro de pedra.

Como viram o esquife de Bartolomeu Dias, chegaram-se logo todos à água, metendo-se nela até onde mais podiam. Acenaram-lhes que pousassem os arcos e muitos deles os iam logo pôr em terra; e outros não os punham.

Andava lá um que falava muito aos outros, que se afastassem. Mas não já que a mim me parecesse que lhe tinham respeito ou medo. Este que os assim andava afastando trazia seu arco e setas. Estava tinto de tintura vermelha pelos peitos e costas e pelos quadris, coxas e pernas até baixo, mas os vazios com a barriga e estômago eram de sua própria cor. E a tintura era tão vermelha que a água lha não comia nem desfazia. Antes, quando saía da água, era mais vermelho. Saiu um homem do esquife de Bartolomeu Dias e andava no meio deles, sem implicarem nada com ele, e muito menos ainda pensavam em fazer-lhe mal. Apenas lhe davam cabaças d'água; e acenavam aos do esquife que saíssem em terra. Com isto se voltou Bartolomeu Dias ao Capitão. E viemo-nos às naus, a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem os mais constranger. E eles tornaram-se a sentar na praia, e assim por então ficaram.

Neste ilhéu, onde fomos ouvir missa e sermão, espraia muito a água e descobre muita areia e muito cascalho. Enquanto lá estávamos foram alguns buscar marisco e não no acharam. Mas acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um muito grande e muito grosso; que em nenhum tempo o vi tamanho. Também acharam cascas de berbigões e de amêijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira. E depois de termos comido vieram logo todos os capitães a esta nau, por ordem do Capitão-mor, com os quais ele se aportou; e eu na companhia. E perguntou a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir e saber dela mais do que nós podíamos saber, por irmos na nossa viagem.

E entre muitas falas que sobre o caso se fizeram foi dito, por todos ou a maior parte, que seria muito bem. E nisto concordaram. E logo que a resolução foi tomada, perguntou mais, se seria bem tomar aqui por força um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza, deixando aqui em lugar deles outros dois destes degredados.

E concordaram em que não era necessário tomar por força homens, porque costume era dos que assim à força levavam para alguma parte dizerem que há de tudo quanto lhes perguntam; e que melhor e muito melhor informação da terra dariam dois homens desses degredados que aqui deixássemos do que eles dariam se os levassem por ser gente que ninguém entende. Nem eles cedo aprenderiam a falar para o saberem tão bem dizer que muito melhor estoutros o não digam quando cá Vossa Alteza mandar.

E que portanto não cuidássemos de aqui por força tomar ninguém, nem fazer escândalo; mas sim, para os de todo amansar e apaziguar, unicamente de deixar aqui os dois degredados quando daqui partíssemos.

E assim ficou determinado por parecer melhor a todos.

Acabado isto, disse o Capitão que fôssemos nos batéis em terra. E ver-se-ia bem, quejando era o rio. Mas também para folgarmos.

Fomos todos nos batéis em terra, armados; e a bandeira conosco. Eles andavam ali na praia, à boca do rio, para onde nós íamos; e, antes que chegássemos, pelo ensino que dantes tinham, puseram todos os arcos, e acenaram que saíssemos. Mas, tanto que os batéis puseram as proas em terra, passaram-se logo todos além do rio, o qual não é mais ancho que um jogo de mancal. E tanto que desembarcamos, alguns dos nossos passaram

logo o rio, e meteram-se entre eles. E alguns aguardavam; e outros se afastavam. Com tudo, a coisa era de maneira que todos andavam misturados. Eles davam desses arcos com suas setas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer coisa que lhes davam. Passaram além tantos dos nossos e andaram assim misturados com eles, que eles se esquivavam, e afastavam-se; e iam alguns para cima, onde outros estavam. E então o Capitão fez que o tomassem ao colo dois homens e passou o rio, e fez tornar a todos. A gente que ali estava não seria mais que aquela do costume. Mas logo que o Capitão chamou todos para trás, alguns se chegaram a ele, não por o reconhecerem por Senhor, mas porque a gente, nossa, já passava para aquém do rio. Ali falavam e traziam muitos arcos e continhas, daquelas já ditas, e resgatavam-nas por qualquer coisa, de tal maneira que os nossos levavam dali para as naus muitos arcos, e setas e contas.

E então tornou-se o Capitão para aquém do rio. E logo acudiram muitos à beira dele. Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma.

Também andava lá outra mulher, nova, com um menino ou menina, atado com um pano aos peitos, de modo que não se lhe viam senão as perninhas. Mas nas pernas da mãe, e no resto, não havia pano algum.

Em seguida o Capitão foi subindo ao longo do rio, que corre rente à praia. E ali esperou por um velho que trazia na mão uma pá de almadia. Falou, enquanto o Capitão estava com ele, na presença de todos nós; mas ninguém o entendia, nem ele a nós, por mais coisas que a gente lhe perguntava com respeito a ouro, porque desejávamos saber se o havia na terra.

Trazia este velho o beijo tão furado que lhe cabia pelo buraco um grosso dedo polegar. E trazia metido no buraco uma pedra verde, de nenhum valor, que fechava por fora aquele buraco. E o Capitão lha fez tirar. E ele não sei que diabo falava e ia com ela para a boca do Capitão para lha meter. Estivemos rindo um pouco e dizendo chalaças sobre isso. E então enfadou-se o Capitão, e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho; não por ela valer alguma coisa, mas para amostra. E depois houve-a o Capitão, creio, para mandar com as outras coisas a Vossa Alteza.

Andamos por aí vendo o ribeiro, o qual é de muita água e muito boa. Ao longo dele há muitas palmeiras, não muito altas; e muito bons palmitos. Colhemos e comemos muitos deles.

Depois tornou-se o Capitão para baixo para a boca do rio, onde tínhamos desembarcado. E além do rio andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante os outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então para a outra banda do rio Diogo Dias, que fora almoxarife de Sacavém, o qual é homem gracioso e de prazer. E levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem ao som da gaita. Depois de dançarem fez ali muitas voltas ligeiras, andando no chão, e salto real, de que se eles espantavam e riam e folgavam muito. E conquanto com aquilo os segurou e afagou muito, tomavam logo uma esquiveza como de animais montezes, e foram-se para cima.

E então passou o rio o Capitão com todos nós, e fomos pela praia, de longo, ao passo que os batéis iam rentes à terra. E chegamos a uma grande lagoa de água doce que está perto da praia, porque toda aquela ribeira do mar é apaulada por cima e sai a água por muitos lugares.

E depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito deles meter-se entre os marinheiros que se recolhiam aos batéis. E levaram dali um tubarão que Bartolomeu Dias matou. E levavam-lho; e lançou-o na praia.

Bastará que até aqui, como quer que se lhes em alguma parte amansassem, logo de uma

mão para outra se esquivavam, como pardais do cevadouro. Ninguém não lhes ousa falar de rijo para não se esquivarem mais. E tudo se passa como eles querem -- para os bem amansarmos !

Ao velho com quem o Capitão havia falado, deu-lhe uma carapuça vermelha. E com toda a conversa que com ele houve, e com a carapuça que lhe deu tanto que se despediu e começou a passar o rio, foi-se logo recatando. E não quis mais tornar do rio para aquém. Os outros dois o Capitão teve nas naus, aos quais deu o que já ficou dito, nunca mais aqui apareceram -- fatos de que deduzo que é gente bestial e de pouco saber, e por isso tão esquiva. Mas apesar de tudo isso andam bem curados, e muito limpos. E naquilo ainda mais me convenço que são como aves, ou alimárias montezinhas, as quais o ar faz melhores penas e melhor cabelo que às mansas, porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode ser mais! E isto me faz presumir que não tem casas nem moradias em que se recolham; e o ar em que se criam os faz tais. Nós pelo menos não vimos até agora nenhuma casa, nem coisa que se pareça com elas. Mandou o Capitão aquele degredado, Afonso Ribeiro, que se fosse outra vez com eles. E foi; e andou lá um bom pedaço, mas a tarde regressou, que o fizeram eles vir: e não o quiseram lá consentir. E deram-lhe arcos e setas; e não lhe tomaram nada do seu. Antes, disse ele, que lhe tomara um deles umas continhas amarelas que levava e fugia com elas, e ele se queixou e os outros foram logo após ele, e lhas tomaram e tornaram-lhas a dar; e então mandaram-no vir. Disse que não vira lá entre eles senão umas choupaninhas de rama verde e de feteiras muito grandes, como as de Entre Douro e Minho. E assim nos tornamos às naus, já quase noite, a dormir.

Segunda-feira, depois de comer, saímos todos em terra a tomar água. Ali vieram então muitos; mas não tantos como as outras vezes. E traziam já muito poucos arcos. E estiveram um pouco afastados de nós; mas depois pouco a pouco misturaram-se conosco; e abraçavam-nos e folgavam; mas alguns deles se esquivavam logo. Ali davam alguns arcos por folhas de papel e por alguma carapucinha velha e por qualquer coisa. E de tal maneira se passou a coisa que bem vinte ou trinta pessoas das nossas se foram com eles para onde outros muitos deles estavam com moças e mulheres. E trouxeram de lá muitos arcos e barretes de penas de aves, uns verdes, outros amarelos, dos quais creio que o Capitão há de mandar uma amostra a Vossa Alteza.

E segundo diziam esses que lá tinham ido, brincaram com eles. Neste dia os vimos mais de perto e mais à nossa vontade, por andarmos quase todos misturados: uns andavam quartejados daquelas tinturas, outros de metades, outros de tanta feição como em pano de ras, e todos com os beiços furados, muitos com os ossos neles, e bastantes sem ossos. Alguns traziam uns ouriços verdes, de árvores, que na cor queriam parecer de castanheiras, embora fossem muito mais pequenos. E estavam cheios de uns grãos vermelhos, pequeninos que, esmagando-se entre os dedos, se desfaziam na tinta muito vermelha de que andavam tingidos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam.

Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas.

Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas de tinta preta, que parece uma fita preta da largura de dois dedos.

E o Capitão mandou aquele degredado Afonso Ribeiro e a outros dois degredados que fossem meter-se entre eles; e assim mesmo a Diogo Dias, por ser homem alegre, com que eles folgavam. E aos degredados ordenou que ficassem lá esta noite.

Foram-se lá todos; e andaram entre eles. E segundo depois diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais diziam que eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitaina. E eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoável altura; e todas de um só espaço, sem repartição alguma, tinham de dentro muitos esteios; e de esteio a esteio uma rede atada com cabos em cada esteio, altas, em que dormiam. E de baixo, para se aquentarem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma numa extremidade, e outra na oposta. E diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e

que assim os encontraram; e que lhes deram de comer dos alimentos que tinham, a saber muito inhame, e outras sementes que na terra dá, que eles comem. E como se fazia tarde fizeram-nos logo todos tornar; e não quiseram que lá ficasse nenhum. E ainda, segundo diziam, queriam vir com eles. Resgataram lá por cascavéis e outras coisinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapuças de penas verdes, e um pano de penas de muitas cores, espécie de tecido assaz belo, segundo Vossa Alteza todas estas coisas verá, porque o Capitão vo-las há de mandar, segundo ele disse. E com isto vieram; e nós tornamo-nos às naus. Terça-feira, depois de comer, fomos em terra, fazer lenha, e para lavar roupa. Estavam na praia, quando chegamos, uns sessenta ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram logo para nós, sem se esquivarem. E depois acudiram muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcos. E misturaram-se todos tanto conosco que uns nos ajudavam a acarretar lenha e metê-las nos batéis. E lutavam com os nossos, e tomavam com prazer. E enquanto fazíamos a lenha, construíam dois carpinteiros uma grande cruz de um pau que se ontem para isso cortara. Muitos deles vinham ali estar com os carpinteiros. E creio que o faziam mais para verem a ferramenta de ferro com que a faziam do que para verem a cruz, porque eles não tem coisa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, medidas em um pau entre duas talas, mui bem atadas e por tal maneira que andam fortes, porque lhas viram lá. Era já a conversação deles conosco tanta que quase nos estorvavam no que havíamos de fazer.

E o Capitão mandou a dois degredados e a Diogo Dias que fossem lá à aldeia e que de modo algum viessem a dormir às naus, ainda que os mandassem embora. E assim se foram.

Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios essas árvores; verdes uns, e pardos, outros, grandes e pequenos, de sorte que me parece que haverá muitos nesta terra. Todavia os que vi não seriam mais que nove ou dez, quando muito. Outras aves não vimos então, a não ser algumas pombas-seixeiras, e pareceram-me maiores bastante do que as de Portugal. Vários diziam que viram rolas, mas eu não as vi. Todavia segundo os arvoredos são mui muitos e grandes, e de infinitas espécies, não duvido que por esse sertão haja muitas aves!

E cerca da noite nós volvemos para as naus com nossa lenha.

Eu creio, Senhor, que não dei ainda conta aqui a Vossa Alteza do feitio de seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos, e as setas compridas; e os ferros delas são canas aparadas, conforme Vossa Alteza verá alguns que creio que o Capitão a Ela há de enviar.

Quarta-feira não fomos em terra, porque o Capitão andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejá-lo e fazer levar às naus isso que cada um podia levar. Eles acudiram à praia, muitos, segundo das naus vimos. Seriam perto de trezentos, segundo Sancho de Tovar que para lá foi. Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degredado, aos quais o Capitão ontem ordenara que de toda maneira lá dormissem, tinham voltado já de noite, por eles não quererem que lá ficassem. E traziam papagaios verdes; e outras aves pretas, quase como pegas, com a diferença de terem o bico branco e rabos curtos. E quando Sancho de Tovar recolheu à nau, queriam vir com ele, alguns; mas ele não admitiu senão dois mancebos, bem dispostos e homens de prol. Mandou pensar e curá-los mui bem essa noite. E comeram toda a ração que lhes deram, e mandou dar-lhes cama de lençóis, segundo ele disse. E dormiram e folgaram aquela noite. E não houve mais este dia que para escrever seja.

Quinta-feira, derradeiro de abril, comemos logo, quase pela manhã, e fomos em terra por mais lenha e água. E em querendo o Capitão sair desta nau, chegou Sancho de Tovar com seus dois hóspedes. E por ele ainda não ter comido, puseram-lhe toalhas, e veio-lhe comida. E comeu. Os hóspedes, sentaram-no cada um em sua cadeira. E de tudo quanto lhes deram, comeram mui bem, especialmente lacão cozido frio, e arroz. Não lhes deram vinho por Sancho de Tovar dizer que o não bebiam bem.

Acabado o comer, metemo-nos todos no batel, e eles conosco. Deu um grumete a um

deles uma armadura grande de porco montês, bem revolta. E logo que a tomou meteu-a no beijo; e porque se lhe não queria segurar, deram-lhe uma pouca de cera vermelha. E ele ajeitou-lhe seu adereço da parte de trás de sorte que segurasse, e meteu-a no beijo, assim revolta para cima; e ia tão contente com ela, como se tivesse uma grande jóia. E tanto que saímos em terra, foi-se logo com ela. E não tornou a aparecer lá.

Andariam na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e de aí a pouco começaram a vir. E parece-me que viriam este dia a praia quatrocentos ou quatrocentos e cinqüenta.

Alguns deles traziam arcos e setas; e deram tudo em troca de carapuças e por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos, e alguns deles bebiam vinho, ao passo que outros o não podiam beber. Mas quer-me parecer que, se os acostumarem, o hão de beber de boa vontade! Andavam todos tão bem dispostos e tão bem feitos e galantes com suas pinturas que agradavam. Acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mil boas vontades, e levavam-na aos batéis. E estavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós estávamos entre eles.

Foi o Capitão com alguns de nós um pedaço por este arvoredo até um ribeiro grande, e de muita água, que ao nosso parecer é o mesmo que vem ter à praia, em que nós tomamos água. Ali descansamos um pedaço, bebendo e folgando, ao longo dele, entre esse arvoredo que é tanto e tamanho e tão basto e de tanta qualidade de folhagem que não se pode calcular. Há lá muitas palmeiras, de que colhemos muitos e bons palmitos. Ao sairmos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos em direitura à cruz que estava encostada a uma árvore, junto ao rio, a fim de ser colocada amanhã, sexta-feira, e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. E a esses dez ou doze que lá estavam, acenaram-lhes que fizessem o mesmo; e logo foram todos beijá-la.

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o Ele nos para aqui trazer creio que não foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim! Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhamo, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Nesse dia, enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos do que nós seus. Se lhes a gente acenava, se queriam vir às naus, aprontavam-se logo para isso, de modo tal, que se os convidáramos a todos, todos vieram. Porém não levamos esta noite às naus senão quatro ou cinco; a saber, o Capitão-mor, dois; e Simão de Miranda, um que já trazia por pagem; e Aires Gomes a outro, pagem também. Os que o Capitão trazia, era um deles um dos seus hóspedes que lhe haviam trazido a primeira vez quando aqui chegamos -- o qual veio hoje aqui vestido na sua camisa, e com ele um seu irmão; e foram esta noite mui bem agasalhados tanto de comida como de cama, de colchões e lençóis, para os mais amansar.

E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra com nossa bandeira; e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul onde nos pareceu que seria melhor arvorar a cruz, para melhor ser vista. E ali marcou o Capitão o sítio onde haviam de fazer a cova para a fincar. E enquanto a iam abrindo, ele com todos nós outros fomos pela cruz, rio abaixo onde ela estava. E com os religiosos e sacerdotes que cantavam, à frente, fomos trazendo-a dali, a modo de procissão. Eram já aí quantidade deles, uns

setenta ou oitenta; e quando nos assim viram chegar, alguns se foram meter debaixo dela, ajudar-nos. Passamos o rio, ao longo da praia; e fomos colocá-la onde havia de ficar, que será obra de dois tiros de besta do rio. Andando-se ali nisto, viriam bem cento cinqüenta, ou mais. Plantada a cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiro lhe haviam pregado, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco, a ela, perto de cinqüenta ou sessenta deles, assentados todos de joelho assim como nós. E quando se veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco, e alçaram as mãos, estando assim até se chegar ao fim; e então tornaram-se a assentar, como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram assim como nós estávamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira sossegados que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção.

Estiveram assim conosco até acabada a comunhão; e depois da comunhão, comungaram esses religiosos e sacerdotes; e o Capitão com alguns de nós outros. E alguns deles, por o Sol ser grande, levantaram-se enquanto estávamos comungando, e outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de cinqüenta ou cinqüenta e cinco anos, se conservou ali com aqueles que ficaram. Esse, enquanto assim estávamos, juntava aqueles que ali tinham ficado, e ainda chamava outros. E andando assim entre eles, falando-lhes, acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou com o dedo para o céu, como se lhes dissesse alguma coisa de bem; e nós assim o tomamos!

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima, e ficou na alva; e assim se subiu, junto ao altar, em uma cadeira; e ali nos pregou o Evangelho e dos Apóstolos cujo é o dia, tratando no fim da pregação desse vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, que nos causou mais devoção.

Esses que estiveram sempre à pregação estavam assim como nós olhando para ele. E aquele que digo, chamava alguns, que viessem ali. Alguns vinham e outros iam-se; e acabada a pregação, trazia Nicolau Coelho muitas cruces de estanho com crucifixos, que lhe ficaram ainda da outra vinda. E houveram por bem que lançassem a cada um sua ao pescoço. Por essa causa se assentou o padre frei Henrique ao pé da cruz; e ali lançava a sua a todos -- um a um -- ao pescoço, atada em um fio, fazendo-lha primeiro beijar e levantar as mãos. Vinham a isso muitos; e lançavam-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cinqüenta. E isto acabado -- era já bem uma hora depois do meio dia -- viemos às naus a comer, onde o Capitão trouxe consigo aquele mesmo que fez aos outros aquele gesto para o altar e para o céu, (e um seu irmão com ele). A aquele fez muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca; e ao outro uma camisa destoutras.

E segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar; porque já então terão mais conhecimentos de nossa fé, pelos dois degredados que aqui entre eles ficam, os quais hoje também comungaram.

Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher, moça, a qual esteve sempre à missa, à qual deram um pano com que se cobrisse; e puseram-lho em volta dela. Todavia, ao sentar-se, não se lembrava de o estender muito para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior -- com respeito ao pudor.

Ora veja Vossa Alteza quem em tal inocência vive se se convertera, ou não, se lhe ensinarem o que pertence à sua salvação.

Acabado isto, fomos perante eles beijar a cruz. E despedimo-nos e fomos comer. Creio, Senhor, que, com estes dois degredados que aqui ficam, ficarão mais dois grumetes, que esta noite se saíram em terra, desta nau, no esquife, fugidos, os quais não vieram mais. E cremos que ficarão aqui porque de manhã, prazendo a Deus fazemos nossa partida daqui.

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto havemos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos -- terra que nos parecia muito extensa. Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d'agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé!

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo.

E pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que levo como em outra qualquer coisa que de Vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro -- o que d'Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha.

:: Pero Vaz de Caminha (1450-1500)

Pouco se sabe sobre a vida de Pero Vaz de Caminha. Sabe-se ao certo que ele era filho de Vasco Fernandes de Caminha, cavaleiro do duque de Bragança e que provavelmente ele nasceu na cidade do Porto. Casou-se com dona Catarina e dessa união nasceu a filha Isabel. Em 1476 substituiu o pai na função de mestre da balança da Casa da Moeda. Logo depois dedicou-se ao comércio e, em seguida, é designado escrivão da feitoria de Calicute, na Índia, de onde segue com Cabral, em 1500, a caminho do Brasil.

Nessa viagem escreve [a carta de nascimento do Brasil](#) ao rei Dom Manuel, datada de 1º de maio de 1500. Essa carta, considerada o mais importante documento relativo ao descobrimento do Brasil, ficou guardada nos arquivos da Torre do Tombo por mais de três séculos, sendo divulgada pela primeira vez em 1817, no livro Corografia Brasileira, escrito pelo padre Aires do Casal. Ainda em 1500, Caminha segue com Cabral para a Índia e morre, no dia 15/12/1500, durante um assalto dos mouros à feitoria de Calicute.



Veja Também:

Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)

Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)

Diário de Navegação de Pêro Lopes e Sousa (fragmento)

"Terça-feira, 31 do dito mês (janeiro), no quarto d'alva, vimos terra, que nos demorava a oeste: chegando-nos mais a ela houvesmos vista de uma nau; e demos as velas todas, e a fomos demandar: e mandou o Capitão I dois navios na volta do Norte - na volta em que a nau ia, e outros dois na volta do Sul: a nau como se viu cercada arribou à terra, e a meia légua dela surgiu, e lançou o batel fora. Como fomos dela um tiro de bombardas se meteu a gente toda no batel e fugiu para a terra. Mandou o Capitão I a Diogo Leite, capitão da caravela Princesa, que fosse com seu batel após o batel da nau: quando já chegou à terra, era já a gente metida pela terra dentro, e o batel quebrado. Fomos à nau e nela não achamos mais que um só homem; tinha muita artilharia e pólvora, e estava toda abarrotada de brasil. Ao meio-dia nos fizemos a vela para ir demandar o cabo de Santo Agostinho: seríamos dele seis léguas. Tomamos esta nau de França defronte ao cabo de Percaauri; corre-se com o cabo de Santo Agostinho norte e sul, tomada quarta de noroeste e sueste. Da banda do sul do cabo de Santo Agostinho achamos outra nau de França, que tomamos carregada de Brasil."

::. Pêro Lopes de Sousa (1497 - 1539)

Pêro Lopes de Sousa, irmão Martim Afonso de Sousa, nasceu em Lisboa no ano de 1497. Filho de família nobre, viveu na corte toda sua infância e juventude. Ainda jovem tornou-se navegador e em dezembro de 1530 parte, juntamente com o irmão, em missão ordenada pelo rei D. João III para explorar terras brasileiras. Em 1532, decide voltar a Portugal. Na viagem de volta enfrenta e aprisiona dois navios franceses em Pernambuco. Essa aventura lhe rendeu cinquenta léguas de terras no litoral do Brasil, oferecidas pela Coroa portuguesa.

Em 1539, ocupando o posto de capitão-mor de uma esquadra de seis navios, parte de Lisboa para à Índia. Na viagem de volta, naufraga em São Lourenço, perto de Madagascar, e seu corpo desaparece no mar.

Em 1839, o historiador Francisco Adolfo de Varnhagem descobre [o Diário de Navegação de Pero Lopes de Sousa](#). Nessa obra , Pêro Lopes de Sousa narra, além de sua biografia e a de seu irmão, episódios como a fundação das vilas de São Vicente e Piratininga e os descobrimentos do Rio de Janeiro, do rio da Prata e da ilha de Fernando de Noronha.

Veja Também:

Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)

:: Pero de Magalhães Gândavo

O Historiador e cronista português Pero de Magalhães Gândavo é o autor da primeira história do Brasil. Nascido em Braga em data ignorada, Gândavo foi professor de Latim e escreveu o primeiro manual ortográfico da língua portuguesa. Após trabalhar na transcrição de documentos na Torre do Tombo, em Lisboa, é nomeado provedor da Fazenda na Bahia, no Brasil, onde permanece de 1565 a 1570, provavelmente visitando outras regiões do país.

Nessa época escreve o **Tratado da Província do Brasil** e o **Tratado da Terra do Brasil**. Esses dois textos sobre a nova terra são uma espécie de propaganda de incentivo a imigração, pois baseiam-se no clima, nas riquezas e na possibilidade de os portugueses enriquecerem na terra recém descoberta. Em 1576 publica a **História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil**. Morre em Portugal em local e data em local incertos.

Veja Também:

Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)

:: Pe. José de Anchieta (1534-1597)

José de Anchieta, o mais importante dos jesuítas que estiveram no Brasil, nasceu na ilha de Tenerife, uma das ilhas Canárias, em 19 de março de 1534. Após estudar em Coimbra, Portugal, ingressa na Companhia de Jesus em 1551.

Dois anos depois, ainda noviço, vem para o Brasil na comitiva de Duarte da Costa, segundo governador geral, com o intuito de catequizar os índios. Em 25 de janeiro de 1554, funda, com Manuel da Nóbrega, um colégio em Piratininga. Aos poucos se forma um povoado ao redor do colégio, batizado por José de Anchieta como São Paulo. Algum tempo depois, é enviado a São Vicente, onde aprendeu a língua tupi.

Em 1563, foi refém, durante cinco meses, dos índios tamoios. Nesse período escreve o poema em latim "De Beata Virgine Dei Matre Maria" e vários autos religiosos. Já doente muda-se para o Espírito Santo, onde morre aos 63 anos, na cidade de Reritiba, atual Anchieta. Em 1980, foi beatificado pelo papa João Paulo II.



José de Anchieta escreveu um número muito grande de autos, cartas e poesias de cunho religioso. Além disso, resultante do seu trabalho de catequese, escreveu **Arte da gramática da língua mais usada na costa do Brasil**, primeira gramática da língua tupi-guarani. A poesia escrita por José Anchieta está impregnada de conceitos morais, espirituais e pedagógicos. Por isso, sua linguagem é simples, apesar de ser escrita em redondilhas menores (cinco sílabas poéticas).

Os vários autos de Anchieta têm um valor literário muito menor do que sua poesia. De caráter extritamente pedagógico, esses autos foram escritos em português e em tupi, dependendo do grau de compreensão do público a ser catequizado. Além disso, esses autos, ainda presos modelo medieval deixado por Gil Vicente, misturam a moral religiosa católica aos costumes dos índios e se materializam nas figuras de anjos ou demônios, pólos do Bem e do Mal.

Veja Também:

Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)

:: Pe. Manuel da Nóbrega (1517-1570)

Manuel da Nóbrega nasceu em Entre-Douro-e-Minho, Portugal, no ano de 1517. No ano de 1541 formou-se bacharel em Direito Canônico e Filosofia na Universidade de Coimbra. Três anos depois vem para o Brasil, sob ordens da Companhia de Jesus, com a missão de proteger e converter os indígenas à fé cristã, além de fundar igrejas e seminários.

Em 1552, acompanha o governador Tomé de Sousa à capitania de São Vicente e, dois anos depois, colabora com a fundação de São Paulo. Em 1559, é demitido do cargo de provincial no Brasil, sendo substituído pelo padre Luís da Graça. Mesmo assim, auxilia o governador Mem de Sá na expulsão dos franceses do Rio de Janeiro. Ainda nesse ano escreve **Informações das Terras do Brasil, Cartas da Bahia e de Pernambuco**, publicadas em Veneza entre 1559 a 1570.

Em 1570, é nomeado novamente para o cargo de provincial, mas morre no Rio de Janeiro antes de assumir o antigo posto.

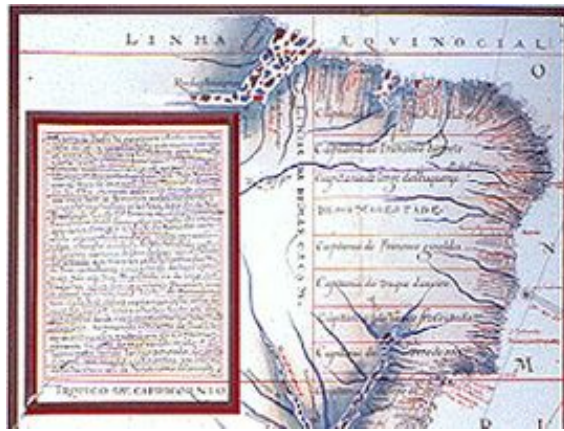
Veja Também:

Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)

Literatura Informativa

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [A literatura](#)



As **Capitanias hereditárias** representam a primeira estrutura de governo colonial implantada por pela metrópole para funcionar, de maneira descentralizada, em todo o Brasil. No ano de 1532, D. João III anuncia que o Brasil seria dividido em 15 amplas faixas de terra, que seriam entregues a alguns nobres do reino português. Conhecidos como capitães donatários, esses nobres deveriam povoar e explorar a sua faixa de terra com recursos próprios e governá-la em nome da Coroa Portuguesa.

As larguras dessas faixas de terra, que estendiam-se do litoral para o interior da colônia até a linha imaginária de Tordesilhas, variavam de 150 a 600 km. Entre 1534 e 1536, D. João III concede 14 capitânicas a 12 donatários. Somadas a capitania doada em 1504 a Fernão de Noronha pelo rei D. Manuel, totalizam-se 15 capitânicas.

O sistema de capitânicas implantado no Brasil segue o modelo implantado por Portugal nas Índias, África, Ilhas do Atlântico e até mesmo em próprio reino português. A doação das capitânicas era oficializada por meio das **Cartas de Doação**. Nelas eram fixados o caráter perpétuo e hereditário das concessões em troca do compromisso com o povoamento, do bom aproveitamento das riquezas naturais e da propagação da fé católica. Além disso, o rei atribuía aos donatários inúmeros direitos e isenções, como por exemplo a isenção do pagamento de tributos sobre a venda de pau-brasil e de escravos.

Apesar de todas essas facilidades, a maioria das capitânicas implantadas no Brasil não conseguiu se desenvolver. Isso ocorreu por falta de recursos ou por desinteresse de seus donatários. As únicas capitânicas que alcançaram uma certa prosperidade foram a de São Vicente, que tinha Martim Afonso de Souza como primeiro donatário, e a de Pernambuco, pertencente a Duarte Coelho.

Face a esse panorama adverso, a Coroa portuguesa instituiu, em 1548, o Governo Geral, pois acreditava que um governo mais centralizado seria capaz de administrar melhor essa situação. No século XVII, outras capitânicas são criadas para ocupar a Região Norte, mas o sistema vai se enfraquecendo dia após dia e em 1758 as capitânicas são extintas de uma vez por todas.

Apesar da extinção, as capitânicas, além de fixar o nome de muitos dos atuais estados brasileiros, dão origem a uma estrutura de poder regional que ainda se mantém atuante.

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)



Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
 - [Momento Histórico](#)
 - [França](#)
 - [Alemanha](#)
 - [Inglaterra](#)
- **Portugal**
 - [Momento Histórico](#)
 - [A Literatura](#)
 - [Cronologia](#)
- **Brasil**
 - [Momento Histórico](#)
 - [A Literatura](#)
 - [Cronologia](#)

Antes de iniciar o trabalho sobre o romantismo, é necessário diferenciar a palavra "Romantismo", grafada com "R" maiúsculo, de "romantismo", com "r" minúsculo, bem como seus derivados. Vale lembrar que o artifício de grafar as palavras com essas formas é apenas uma maneira de melhor explicar os dois termos.

As palavras "Romantismo" e "Romântico", grafadas com "R" maiúsculo, definem o movimento literário que teve origem na Alemanha, com a publicação, em 1774, de "**Os sofrimentos do Jovem Werther**", de Johan Wolfgang Von Goeth, e na Inglaterra, quando Walter Scott, em 1819, reviveu o passado medieval com "**Ivanhoé**". No entanto, foi a França, a partir do século XVIII - mais precisamente a partir da Revolução Francesa, em 1789 - que se ocupou da tarefa de difundir o Romantismo pelos demais países europeus.



Esse movimento estético possui, entre outras, as seguintes características:

- Rejeição à tradição clássica
- Liberdade de criação
- Predomínio da emoção sobre a razão
- Pessimismo
- Culto à natureza
- Culto ao fantástico

Já "romantismo", grafada com "r" minúsculo, é uma palavra que não significa um movimento estético, mas sim uma postura perante a vida, ou seja, um modo de ser e de agir. Por isso, pode-se dizer que o "romantismo" existiu mesmo antes de os primeiros ecos Românticos soarem na Europa. Isso quer dizer que sempre existiram os sonhadores, os melancólicos, os exaltados e aqueles que simplesmente se deixam levar pela emoção, não se importando se ela, a emoção, sobrepuja a razão.

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O Romantismo, em seu princípio, caracterizava-se por **opor-se aos modelos da antigüidade clássica**. Essa oposição tem um caráter ideológico muito importante, pois, ao opor-se aos clássicos, o artista Romântico estava abolindo todo tipo de padrão preestabelecido e opondo-se também aos nobres, que, até então, financiavam toda a produção artística. Graças a essa oposição, a arte perdeu o caráter erudito e nobre, passando a assumir um outro, mais popular.

Com isso, o trabalho do artista sofreu transformações: antes, com as obras de encomenda, ele sabia exatamente para quem estava compondo e seguia a forma e os temas tradicionais. Agora, com o Romantismo, seu público é amplo e anônimo e isso faz com que ele desenvolva uma nova **linguagem, baseada na imaginação e nos sentimentos**, resultando em uma interpretação **subjetiva** da realidade. A forma estética dos poemas talvez seja a maior expressão dessa ruptura entre o Romantismo e o Classicismo. O **verso livre**, sem métrica ou estrofação e o **verso branco**, sem rima, passam a ser usados em larga escala e transformaram-se na maior representação da liberdade idealizada pelos autores Românticos.

Quanto ao conteúdo, o período Romântico é caracterizado por uma evasão no tempo que remete à **Idade Média**. Essa exaltação ao passado histórico, além de tentar criar um herói nacional, não contaminado pela civilização, também serve para negar o paganismo pregado no período Clássico e afirmar o Cristianismo. Além disso, também há o **culto à natureza**. No período Arcade, a natureza era apenas um "pano de fundo", mas agora, com o Romantismo, ela é atuante, tem vários significados, chegando a fazer parte do poeta e de seu estado emocional.

O **amor**, outra característica fundamental do Romantismo, é visto como a coisa mais importante na vida. A realização do amor traz conseqüências extremas como o suicídio. Já a **mulher**, objeto do amor Romântico, é idealizada, ou seja, a mulher é um ser perfeito, assemelhando-se muitas vezes a uma deusa.



A característica que talvez seja a mais marcante de todo o período Romântico é o **subjetivismo**, ou seja, a supervalorização das emoções pessoais, uma espécie de busca do "eu" interior ou o verdadeiro "eu". À medida que essa busca se aprofunda, a concepção de beleza torna-se relativa e o poeta Romântico perde a consciência do coletivo, surgindo assim o **egocentrismo** (aquele que refere tudo ao próprio eu, tomado como centro de todo o interesse; personalista). Essa supervalorização do "eu" choca-se violentamente com o objetivismo do período Clássico, que era baseado na verossimilhança e na harmonia das formas.

O Egocentrismo choca-se também com a realidade do mundo exterior. Mundo esse que os Românticos ajudaram a construir, mas que não se parece nem um pouco com aquele que eles idealizavam. A derrota do ego é inevitável. Surgem então a **melancolia, a angústia, a busca da solidão, a frustração e o tédio, que são seguidos das evasões românticas**, ou seja, as fugas da realidade: o álcool; o ópio; as saudades da infância; as idealizações do amor, da sociedade e da mulher. Todas essas evasões, nas quais a **emoção sempre supera a razão**, têm ida e volta, porém, essa inadaptação à vida leva o Romântico à maior de todas as evasões: **a morte**.

Para entender melhor as características do Romantismo, é importante contrastar a estética Clássica com a Romântica:

Classicismo	Romantismo
Classe dominante: nobreza	Classe dominante: burguesia

Razão	Emoção
Formas poéticas fixas	Formas livres
Antigüidade Clássica	Idade Média
Geral, universal	Particular, individual
Impessoal, objetivo	Pessoal, subjetivo
Paganismo	Cristianismo
Apelo à inteligência	Apelo à imaginação
Disciplina	Liberdade de criação
Culto ao real	Culto ao fantástico
O amor e a mulher são idealizados racionalmente	O amor e a mulher são idealizados subjetivamente

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O Romantismo nasceu na metade do século XVIII, junto com a revolução Industrial, que provocou profundas transformações na organização política e social de vários países da Europa. Esse período não foi nada tranqüilo, pois foi marcado por uma série de movimentos políticos que tiveram início nos Estados Unidos da América em 1776, atingiram alguns países europeus, como, por exemplo, a Inglaterra, Holanda, Bélgica, Itália e Alemanha, culminando na França em 1789 com a Revolução Francesa.

Todos esses movimentos políticos visavam atender às aspirações políticas e econômicas da burguesia - classe social formada por banqueiros, industriais e comerciantes - bem como acabar com o feudalismo. Para a burguesia, era necessário chegar ao poder político porque a nobreza e o clero prejudicavam o seu crescimento econômico. Isso acontecia porque estas duas classes sociais possuíam muitas terras, tendo forte influência política, e estarem isentas de impostos. Os burgueses pregavam o liberalismo econômico e os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Com esse discurso contagiaram as camadas populares, que se juntaram aos burgueses e derrubaram os regimes absolutistas.



Depois desse período de revoluções, a Europa mudou muito: foram construídas estradas e ferrovias, as ruas foram pavimentadas, a água corrente chegou às casas urbanas, os alimentos passaram a ser produzidos em escalas cada vez maiores, as epidemias foram controladas e o povo europeu adquiriu novos hábitos de higiene pessoal.

Tudo isso fez com que a população crescesse significativamente. Mas essas mudanças não ocorreram apenas no panorama social europeu.

As classes sociais passaram a ser formadas por duas partes distintas: **a classe dominante**, agora representada pela **burguesia capitalista**, e **a classe dominada**, representada pelo **proletariado**. Como se pode ver, apesar de todas as revoluções ocorridas na Europa, o ideal de igualdade jamais chegou a existir, pois a distância que separava os ricos dos pobres continuou a ser muito grande. Conseqüentemente a liberdade também não existiu, pois não pode haver liberdade sem igualdade social.

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O Romantismo na França teve a função de propagar os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade pregados pela Revolução Francesa. A sociedade dessa época era dividida em duas partes. De um lado estava uma pequena classe dominante, o clero e a nobreza e, do outro, uma grande massa de pessoas entregues à miséria e à opressão. O resultado não podia ser outro, a não ser a explosão de uma Revolução, ocorrida em 1789.

Depois da tomada da Bastilha, símbolo do regime feudal, instaurou-se na França o Novo Estado, que agora poderia propiciar felicidade e garantir liberdade individual para a população.

Os Românticos, que haviam acreditado e se engajado nos princípios revolucionários, logo perceberam que as transformações sociais almeçadas não ocorreram e que a liberdade não foi amplamente traduzida em igualdade. Essa "traição" gerou, no Romântico, um sentimento de frustração e desencanto, que marcou a segunda geração Romântica.

Na França as principais figuras desse período foram:

François-René de Chateaubriand (1768-1848)

O escritor e político François-René de Chateaubriand, visconde de Chateaubriand, foi um dos precursores do Romantismo e deixou uma obra que influenciou decisivamente a literatura francesa e européia. Por causa de sua atividade política foi exilado para Londres e, depois de reabilitado, retornou à França, onde seguiu carreira política.

Da obra de Chateaubriand destacam-se: "Génie du Christianisme", onde reuniu escritos como "Atala", "René" e "Les Natchez"; "Itinéraire de Paris à Jérusalem"; "Vie de Rancé"; e a sua primeira obra de peso "Essai Historique, Politique et Moral Sur les Révolutions" (1797). Após a sua morte, e sob o apropriado título, foi publicada as "Mémoires d'Outre-Tombe", (Memórias de Além-Túmulo).



Alphonse de Lamartine (1790-1869)

Além de participar ativamente da política, ocupando cargos de importância, Lamartine conseguiu um grande destaque na poesia com a obra "Meditações Poéticas" (1820). Essa obra é caracterizada por sua linguagem simples e repleta de cenas tipicamente cotidianas. Em 1836 Lamartine lançou dois poemas narrativos: "Jocelyn" e "A Queda de um Anjo".



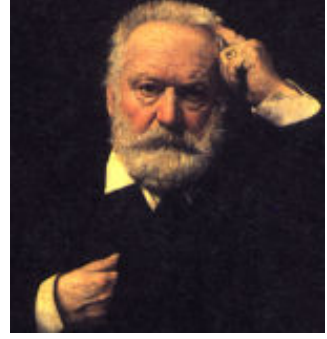
Alfred de Musset (1810-1857)

Alfred de Musset, considerado por muitos o "menino prodígio do Romantismo" francês, teve sua obra fortemente influenciada por Lord Byron. Foi Musset que, para explicar o pessimismo, o tédio e a melancolia que tomou conta da segunda geração Romântica, utilizou pela primeira vez o termo "mal do século". Musset é um escritor extremamente crítico no que se refere à religião e sua poesia é tão sentimental que, por muitas vezes, chega a ser ridícula. De sua obra poética destacam-se: "Primeiras Poesias" e "Novas Poesias". Além disso, Musset escreveu comédias de teores crítico e satânico.

Victor Hugo (1802-1885)

Victor Marie Hugo é considerado por muitos estudiosos a maior expressão do Romantismo francês. Sua obra mais popular é "O Corcunda de Notre Dame"(1831). No entanto, é em "Os miseráveis", escrito na Inglaterra durante o exílio, que podemos perceber a preocupação que o escritor tinha com a questão da educação. Vitor Hugo não conseguiu fama apenas escrevendo romances. Além de escrever peças teatrais, cujo maior destaque é "Cromwell", de 1827, e ele foi autor de uma extensa obra lírica, que, além de exaltar valores como a pátria e o lar, ainda revelam toda sua popularidade e intimismo.

Da obra lírica de Vitor Hugo destacam-se "Odes e Baladas" (1827); "As Folhas de Outono" (1831); "As Vozes Interiores" e "Os Cantos do Crepúsculo".



Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Diferentemente do observado em países como a Inglaterra e a França, o Romantismo alemão, que é marcado pela valorização do individualismo, não defendeu os interesses e valores da burguesia. Isso ocorreu porque na Alemanha não havia uma classe média com poder político. Face a isso, alguns estudiosos chegam a dizer que um movimento político como a Revolução Francesa não teria o menor êxito na Alemanha.



Goethe

Os precursores do Romantismo na Alemanha foram Johan Wolfgang Von Goethe (1749 - 1832) e Johan Christoph Friedrich Von Shiller (1759 - 1805). Eles foram os principais fundadores do movimento literário "**Sturn Und Drang**" - Tempestade de ímpeto - que lançou pela Europa as bases do Romantismo, ou seja, **o pessimismo, a melancolia e a valorização da morte como forma de evasão do indivíduo**, que está em conflito com a sociedade e totalmente inadaptado à vida. A partir daí, a literatura passou a ser uma espécie de porta para um mundo misterioso e invisível. A obra "**Os sofrimentos do Jovem Werther**", de Goethe, foi uma espécie de modelo, seguido por vários escritores desse período, pois mostra o herói Romântico totalmente inadequado a seu tempo. Devido a profundidade de seu conteúdo, essa obra gerou uma onda de suicídios em toda a Europa.

O Romantismo Alemão foi consolidado com as figuras dos Irmãos August e Carl Wilhelm Friedrich Von Shlegel, além dos escritores Novalis e Johann Cristian Friedrich Hölderlin.

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

A Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra entre os anos de 1798 e 1832, determinou o surgimento do proletariado. O aparecimento dessa nova classe social e a incorporação da figura da mulher no mundo cultural favoreceram o nascimento do Romantismo, porque deram origem a um novo público leitor, que buscava nos romances um pouco de realismo, humor, emoções e, sobretudo, novas idéias. Dentre os vários autores desse período destacam-se:

Daniel Defoe (1660 - 1731)

Autor de "As Aventuras de Robinson Crusoe". Esse romance fez tanto sucesso que ele escreveu duas continuações. As obras de Defoe defendiam, por meio da verdade e da edificação social, os valores da sociedade moderna.

Jonathan Swift (1667 - 1745)

Escritor irlandês, crítico mordaz da sociedade e da política de seu tempo, que ridiculariza em sátiras brilhantes, é considerado um dos maiores prosadores da língua inglesa. Nasce em Dublin. Depois de se formar no Trinity College, vai para a Inglaterra e, em 1692, gradua-se em teologia pela Universidade de Oxford. Três anos mais tarde, é ordenado sacerdote da Igreja Anglicana e, em 1713, torna-se deão da catedral de Saint Patrick, em Dublin. Desde 1701, participa ativamente da vida política inglesa, primeiro a favor dos whigs (liberais) e, depois, dos tories (conservadores).



Como escritor, torna-se alvo de admiração e ódio com seus panfletos satíricos, como *A Tale of a Tub* (A História de um Tonel, 1704), em que ridiculariza as instituições religiosas. Em 1726, publica sua obra-prima, *Viagens de Gulliver*, sátira aos liberais, aos juristas, às instituições e ao gênero humano em geral. Sucesso imediato, o livro transforma-se num clássico da literatura infantil universal. A intenção dos panfletos satíricos de Swift é defender os interesses da Irlanda contra a aristocracia inglesa. Em 1742 sofre um derrame que o deixa paralítico. Morre em Dublin.

A poesia Romântica inglesa inicia-se com a figura de William Blake (1757 a 1827), um pré-romântico, que influenciou muitos poetas em toda a Europa. Em seus poemas, Blake recria paisagens e situações exóticas e afirma a existência do eu-lírico. Além de Blake temos ainda duas gerações de poetas muito distintas:

A primeira delas, classificada como "**lake poets**", surgiu, por volta de 1770, em uma região situada à noroeste da Inglaterra, onde há muitos lagos. Os dois nomes de destaque desse movimento foram William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge, autores da obra "Baladas Líricas", que tinha o objetivo de provar que tanto a linguagem culta, quanto a coloquial são capazes de exprimir o sentido da vida;

a segunda geração, também conhecida como **poetas malditos ou satânicos**, além de influenciar vários poetas em todo o mundo, inclusive os brasileiros, foi caracterizada pela exaltação à liberdade e à rebeldia. Os potas dessa geração morreram ainda muito jovens e distantes de sua pátria. Os que mais se destacaram foram:

Lord George Gordon Byron (1788-1824)

A sua obra e personalidade romântica têm grande repercussão na Europa do início do século XIX. George Gordon Noel Byron nasce em Londres e, em 1798, herda o título nobiliárquico de um tio-avô, tornando-se o sexto Lord Byron. Em 1807, publica Horas de Ócio, livro de poemas mal recebido pela crítica. Com apenas 21 anos, ingressa na Câmara dos Lordes e viaja pela Europa e pelo Oriente, regressando em 1811. No ano seguinte publica o poema A Peregrinação de Childe Harold, sobre as aventuras de um herói e a natureza da península Ibérica, sucesso em vários países europeus. Muda-se para a Suíça em 1816, após o divórcio de Lady Byron, causado pela suspeita de incesto do poeta com sua meia-irmã Augusta Leigh.



Escreve o terceiro canto de *A Peregrinação de Childe Harold*, *O Prisioneiro de Chillon* (1816) e *Manfred* (1817). Transfere-se para Veneza, onde escreve em 1818 *Beppo*, uma *História Veneziana*, sátira à sociedade local. Um ano depois, começa o inacabado *Don Juan*. Torna-se membro do comitê londrino para a independência da Grécia, país para onde viaja em 1823 para lutar ao lado dos gregos contra os turcos. Morre quatro meses depois, em Missolonghi.

Percy Bysshe Shelley (1792-1822)

Percy Bysshe Shelley casou-se e tronou-se pai ainda muito jovem. O movimento Romântico aproximou Percy da figura do pensador e reformista William Godwin, pai de Mary Wollstonecraft, com quem Percy fugiu para viver ilegalmente na França e na Suíça até que Harriet, esposa de Percy, matou-se em 1816 e eles puderam, enfim, se casar. Mary e Percy mudaram-se para a Itália em 1818 e, em 1822, o poeta morreu afogado. As obras mais importantes de Shelley são "*Adonais*" e "*Prometeu Libertado*". Essa última simboliza a luta do homem frente ao poder absoluto.

John Keats (1795 a 1821)

Considerado um dos maiores nomes do romantismo na Inglaterra. Sua obra oscila entre as freqüentes referências à morte e um intenso sentimento de prazer com a vida. Influenciado pelos poetas gregos do período helênico, como Homero, bem como pelos poetas elizabetanos do século XVI, persegue a perfeição estética. Sua poesia é marcada pelo sentimentalismo romântico, por imagens vibrantes, de grande apelo sensual, e pela expressão de aspectos da Filosofia clássica. Nascido em Londres, fica órfão na infância e passa a ser criado em Edmonton por um tutor, que o transforma em aprendiz de cirurgião. Volta em 1814 para Londres, onde trabalha como assistente de cirurgia em dois hospitais. Em 1817, decide abandonar a Medicina para se dedicar inteiramente à poesia. No mesmo ano, publica seu primeiro livro, *Poems*, marcado por imagens ultra-românticas, mas não obtém sucesso. Em 1818, lança *Endymion* e inicia a produção de seu maior poema, *Hyperion*, que não chega a concluir devido aos primeiros sinais da tuberculose. Não obtém reconhecimento em vida, sendo cultuado apenas após a morte, ocorrida em Roma, quando ele está com apenas 26 anos.

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Em Portugal o Romantismo durou cerca de 40 anos (1825 a 1865). Vale lembrar que as datas usadas para delimitar os períodos literários representam o início e o fim de um momento em que a literatura teve o predomínio de algumas determinadas características. Isso significa que é possível encontrar essas características antes e depois do período delimitado. Um bom exemplo é a figura de Bocage que, para a maioria dos estudiosos, está inserida no período do Arcadismo, porém, sua obra denuncia valores do Romantismo.

Voltemos ao Romantismo em Portugal. Esse movimento estético teve como marco inicial a publicação do poema "**Camões**", de **Almeida Garret**, em 1825, e terminou por volta de 1865 com a "**Questão Coimbrã**" ou "**Questão do Bom Senso e do Bom Gosto**". Foi liderada por Antero de Quental e desenvolveu-se num clima político muito conturbado.

Durante o governo de D. João VI, de 1816 a 1826, além de espalhar ideais liberais em toda a Europa, a influência da Revolução Francesa fez com que a corte portuguesa fugisse para o Brasil, por causa das invasões francesas. Em 1820 explode na cidade do Porto uma revolução militar e civil que tinha o objetivo de proclamar uma constituição em harmonia com os ideais correntes na Europa. Em 1821 D. João VI retorna a Portugal para governar como rei constitucional e deixa a regência do Brasil nas mãos de seu filho D. Pedro (no Brasil, D. Pedro era Pedro I e em Portugal Pedro IV). Em 1822, mais precisamente em 7 de setembro, D. Pedro I declara a independência do Brasil e é coroado imperador. Em 1826, com a morte de D. João VI, D. Pedro vê-se diante de um dilema: ficar no Brasil como imperador e deixar seu irmão, D. Miguel, apossar-se do trono e instaurar um governo absolutista. Ou voltar para Portugal e governar o país, como queriam os liberais. No início, tenta conciliar essa situação da seguinte maneira: fica no Brasil, D. Miguel casa-se com D. Maria, filha de D. Pedro, e sentam-se ambos no trono, porém, quem governaria seria ela.



D. Pedro IV de Portugal

D. Miguel jura aceitar essas condições, mas assim que desembarca em Portugal envolve-se em manifestações populares que o aclamam rei absoluto. D. Miguel, apoiado pela mãe, esquece as promessas feitas a D. Pedro e governa o país durante oito anos como rei absolutista. Essa atitude faz D. Pedro abdicar do trono brasileiro e voltar a Portugal com tropas militares para lutar e vencer os exércitos de D. Miguel em uma violenta guerra civil, que ficou conhecida como "**Revolução Liberal**". Depois da morte de D. Pedro em 1834 inicia-se o reinado de D. Maria II, que é marcado por grande instabilidade social e política, mas que deixa como herança a consolidação do regime constitucional. Após a morte de D. Maria II, em 1853, seu filho, D. Pedro V, sobe ao trono e governa até 1861. Durante o seu reinado foi inaugurado o primeiro telegrafo elétrico de Portugal e o caminho de ferro que liga Lisboa ao Carregado.

Nessa época o país foi assolado por duas epidemias, uma de cólera e outra de febre amarela, porém, o rei não se refugiou para fugir delas. Ele percorreu os hospitais para ver a situação dos doentes e isso lhe trouxe muita popularidade. D. Pedro V morreu em 1861 sem deixar herdeiros. Isso fez com que D. Luís assumisse o trono e governasse até 1889.

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O Romantismo português teve início em 1825 quando [Almeida Garrett](#) publicou o poema "**Camões**". Seu término ocorreu por volta de 1865 com a **Questão Coimbrã ou Questão do Bom Senso e do Bom Gosto**, liderada por Antero de Quental. Como pode ser visto no Panorama Histórico de Portugal, o Romantismo desenvolveu-se sob um clima político muito conturbado. Apesar disso, os autores românticos foram aos poucos fazendo reformas literárias significativas, que se alimentaram dessa revolução social e política, e acabaram modificando o padrão estético neoclássico que até então vigorava em Portugal.



O período Romântico português é geralmente dividido em três fases ou melhor, três gerações distintas:

A primeira geração (ou 1º Romantismo), fase que desenvolveu-se aproximadamente entre os anos de 1825 a 1840 e é caracterizada pela guerra civil, pelo liberalismo e ainda está presa a alguns valores neoclássicos. Os primeiros Românticos, [Almeida Garrett](#) e [Alexandre Herculano](#), por defenderem os ideais liberais, foram exilados, porém participaram ativamente da Revolução Liberal e, vitoriosos em 1834, retornaram ao país para implantar a Literatura Romântica. Nessa primeira fase ainda teve destaque o escritor Antônio Feliciano de Castilho.

A segunda geração (ou 2º Romantismo) é a fase do Romantismo português que vai de, aproximadamente, 1840 a 1860 e é conhecida também como ultra-romântica por caracterizar-se, sobretudo, pelo sentimentalismo melodramático e um erotismo melancólico que chega ao desespero. Se na primeira fase do Romantismo ainda existiam alguns resíduos do Neoclassicismo, nessa segunda fase eles desaparecem por causa dos excessos cometidos por seus adeptos. Dentre eles destacam-se [Camilo Castelo Branco](#), na prosa, e [Soares Passos](#), na poesia.

A terceira geração (ou 3º Romantismo) vai de 1860 a 1870 e é considerada um período de transição para o Realismo por ser uma fase mais equilibrada. Os principais autores dessa época foram: [Júlio Diniz](#) e [João de Deus](#).

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Tábua Cronológica do período Romântico em Portugal	
1825	- A independência do Brasil é reconhecida; - Almeida Garret publica o poema "Camões".
1826	- Morre D. João VI e D. Isabel Maria assume a regência; - D. Pedro abdica ao trono em favor de sua filha, D. Maria da Glória, que casa-se com seu tio D. Miguel.
1828	- Golpe de estado absolutista. D. Miguel declara-se rei absoluto; - Revolta liberal.
1831	- D. Pedro abdica ao trono brasileiro.
1832	- Desembarque dos liberais no Mindelo e entrada no Porto.
1833	- D. Pedro desembarca em Lisboa.
1834	- Início do regime liberal, tendo D. Pedro como regente; - Morte de D. Pedro e início do reinado de D. Maria II; - Liberdade de imprensa.
1835	- As máquinas a vapor são introduzidas na indústria.
1836	- Alexandre Herculano publica "A Voz do Profeta".
1838	- Publicação da Constituição de 1838.
1843	- Almeida Garrett publica "Viagens na minha Terra", "Frei Luís de Sousa" e "Romanceiro"; - Alexandre Herculano publica "O Bobo".
1844	- Alexandre Herculano publica "O Pároco de Aldeia" e "Eurico, o Presbítero".
1848	- Alexandre Herculano publica "O Monge de Cister".
1851	- Publicação do jornal "O País", de Alexandre Herculano.
1852	- Publicação do Ato Adicional à Carta Constitucional.
1853	- Almeida Garret publica "Folhas Caídas".
1856	- Inauguração da linha de caminho de ferro Lisboa-Carregado; - Inauguração do telégrafo elétrico; - Epidemia de cólera.
1861	- Morre D. Pedro; - Início do reinado de D. Luís I.
1862	- Camilo Castelo Branco publica "Amor de Perdição".
1865	- Publicação das "Odes Modernas", de Antero de Quental.

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
 - [Momento Histórico](#)
 - [França](#)
 - [Alemanha](#)
 - [Inglaterra](#)
- **Portugal**
 - [Momento Histórico](#)
 - [A Literatura](#)
 - [Cronologia](#)
- **Brasil**
 - [Momento Histórico](#)
 - [A Literatura](#)
 - [Cronologia](#)

O Romantismo brasileiro tem início em 1836, 14 anos depois da proclamação da independência, quando, por ironia do destino, em Paris, Domingos J. Gonçalves de Magalhães publica os "Suspiros Poéticos e Saudades". Por isso, pode-se dizer que o Romantismo brasileiro nasceu, oficialmente, na França sob um clima Romântico já fortalecido.

No momento em que nascia o Romantismo brasileiro o país passava por muitas transformações sociais. O Brasil tornou-se independente de Portugal em 1822. Logo depois, em 1831, D. Pedro I abdicou ao trono em favor de seu filho, Pedro de Alcântara, para combater o governo absolutista imposto em Portugal por seu irmão D. Miguel. Na época, Pedro de Alcântara (D. Pedro II) tinha apenas 5 anos e só poderia assumir o governo ao completar 18 anos. Até lá o poder ficaria nas mãos de um conselho eleito pela Assembléia Legislativa.

Em 1840 os liberais, por meio de uma manobra política, anteciparam a maioria de D. Pedro II de 18 para 15 anos. Dessa forma, teve início o segundo reinado, que durou até 1889, quando foi proclamada a República. Essa fase, em que o país enfrentou uma série de dificuldades econômicas, foi marcada pelos seguintes acontecimentos:



Café - Em razão da decadência do ouro e das lavouras tradicionais (açúcar, algodão e tabaco), o café passou a ser exportado em larga escala. Esse aumento na exportação começou por volta de 1776, quando os EUA passaram a importar o produto brasileiro para livrar-se de vez da Inglaterra. A economia passou a girar quase exclusivamente em torno da produção cafeeira, trazendo riqueza para os cafeicultores e miséria para a maioria do povo. Nessa época, com capital inglês foram construídas ferrovias e indústrias e os portos foram aparelhados, gerando uma dívida de cerca de 60 milhões de libras. A economia do país só ficou estável em razão da elevação da taxa de importação para produtos ingleses, que subiu de 15 para 30%.

A Guerra do Paraguai - Luta armada entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai. Os motivos da guerra giraram em torno da independência econômica paraguaia, que representava uma ameaça para os ingleses. Como o Brasil e a Argentina tinham o interesse em algumas terras paraguaias, só faltava o estopim para deflagrar a guerra. Isso ocorreu quando Solano López, governador paraguaio, rompeu relações com o Brasil e invadiu o Mato Grosso, tentando adquirir a soberania sobre o lugar. O saldo da guerra, que teve como vencedora a Inglaterra, pois não participou da luta e ainda ampliou seu domínio econômico na América do Sul, foi o seguinte: mais da metade da população paraguaia foi exterminada; as terras do Paraguai foram vendidas para estrangeiros e o povo que restou teve de pagar altas taxas para poder trabalhar em suas antigas propriedades. Brasil e Argentina conseguiram as terras pretendidas, mas aumentaram suas dívidas com a Inglaterra.

Fim da escravidão - Depois da independência do Brasil os movimentos contra a escravidão cresceram muito. Eles apoiaram-se na tese de que não se poderia construir um país livre mantendo-se a população dividida em homens livres e escravos. A Inglaterra, que aboliu a escravidão nas suas colônias em 1833, começou a pressionar o Brasil para que também abolisse a escravatura. Gesto de bondade?

Nada disso. Depois da consolidação do capitalismo, com a Revolução Industrial, era necessário a formação de novos mercados consumidores e, como escravo não compra, era preciso mão-de-obra assalariada. Apesar de toda a pressão inglesa, a abolição da escravidão deu-se apenas em 1888, quando a princesa Isabel assinou a **Lei Áurea**.





Chegada dos imigrantes - A abolição da escravidão pôs fim à estrutura do sistema colonial. A mão-de-obra escrava foi substituída, em parte, pela mão-de-obra assalariada dos imigrantes europeus, que em sua maioria era composta por italianos e portugueses.

A indústria - A princípio, a abertura dos portos, aliada a uma série de fatores como a deficiência de energia, a elevação de tarifas alfandegárias etc., dificultaram o crescimento da indústria nacional. Somente no fim do Império é que se investiu nesse ramo da economia e a indústria começou a crescer.

O Romantismo no Brasil é considerado por muitos estudiosos o verdadeiro início da literatura brasileira. Essa tese gera muita polêmica, pois não podemos esquecer que, antes do movimento romântico, o Brasil teve escritores de destaque como o árcade Antônio Tomás de Gonzaga, Gregório de Mattos (o boca do inferno) e até mesmo o Padre José de Anchieta. No entanto, ela é sustentada porque, até antes do movimento romântico, o Brasil ainda não tinha liberdade de imprensa e, conseqüentemente, não tinha público leitor.

Para muitos estudiosos isso já seria o bastante, pois literatura sem público leitor não é literatura. Porém, a defesa dessa tese é engrossada por dois fatos significativos: o Brasil ainda estava sob dominação portuguesa e todos os nossos intelectuais iam à Europa em busca de formação superior. Ao retornar ao país estavam naturalmente influenciados pelas idéias que corriam na Europa. Esse panorama só começou a ser mudado quando a Família Real veio para o Brasil, em 1808, e o Rio de Janeiro passou por um processo de urbanização. Mas foi com a Proclamação da Independência, em 1822, que o homem brasileiro passou a sentir necessidade de varrer para sempre a imagem do português conquistador e auto-afirmar-se membro de uma nova nação que estava se formando. Não importa aqui levantar argumentos para se considerar ou não se o Romantismo é o verdadeiro marco inicial de uma literatura genuinamente nacional.

O importante é destacar que nesse período houve o barateamento do papel e a difusão da imprensa. Isso permitiu que os livros, jornais e revistas fossem mais acessíveis ao público e, conseqüentemente, a circulação aumentasse.

Além disso, nessa época, o brasileiro estava inquieto, buscava uma consciência nacional, pois não podia nem queria mais continuar a agir como o colono do tempo do império e se considerar "europeu", porém, não podia ser considerado indígena, por causa dos costumes absorvidos da civilização europeia.

Quem era então esse homem? Essa era a pergunta que perturbava os intelectuais da época. A literatura nacional participou ativamente dessa "perturbação", tendo grande importância na vida social e na formação da conscientização nacional. Ela, a literatura, passou a olhar para o futuro e quando se remetia ao passado, não o fazia como os românticos europeus, que se baseavam na Idade Média. Mesmo porque o Brasil não teve cavaleiros e damas medievais. O Brasil teve um passado indígena que já estava totalmente perdido e foi para esse passado que a literatura brasileira voltou seus olhos.

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O movimento romântico brasileiro tem como marco inicial o ano de 1836, quando Gonçalves de Magalhães publicou, na França, um livro de poesias românticas intitulado "**Suspiros Poéticos e Saudades**". Ainda nesse ano Gonçalves de Magalhães lançou, juntamente com Araújo Porto Alegre, Torres Homem e Pereira da Silva, a revista "**Niterói**".

Esse movimento dura até cerca de 1881, quando foram lançados os primeiros livros que apresentavam tendências realistas e naturalistas: "**O Mulato**", de Aluísio Azevedo e "**Memórias Póstumas de Brás Cubas**", de Machado de Assis. Para melhor explicar o Romantismo brasileiro, convém dividi-lo em três grupos:

- **poesia;**
- **prosa; e**
- **teatro.**



::: Poesia

O movimento romântico brasileiro durou quase meio século. Por isso, é comum que seus autores apresentem semelhanças e diferenças entre si. Tomando por base as diferenças, é possível formar grupos que possuem algo em comum e, dessa forma, dividir o movimento em três fases ou gerações.

Primeira geração: Nacionalista ou Indianista

Essa geração é marcada pelo **nacionalismo, patriotismo e, sobretudo, pela exaltação da natureza brasileira** que, devido a sua exuberância tropical e erotismo, se contrapõe às paisagens das terras européias. A figura do índio, em substituição a dos cavaleiros medievais, passa a ser vista como um espécie de mito e lenda, porque representa a nossa volta a um passado genuinamente nacional.



O **índio**, por ser considerado o legítimo formador da nação brasileira, **passa a ser idealizado**, ou seja, os primeiros Românticos o vêem sempre sob um ângulo positivo e lhe atribuem características de herói. Surgem assim o mito do bom selvagem e o termo indianismo, que marcou essa primeira geração de poetas românticos brasileiros, cujos principais representantes são: [Gonçalves de Magalhães](#) e [Gonçalves Dias](#).

Segunda geração: Ultra-romântica

A segunda geração de poetas românticos brasileiros foi fortemente influenciada pela poesia de Musset e pela de Lord Byron. A influência de **Byron** foi tanta que essa geração também ficou conhecida como "**geração byroniana**". Além de manter, com exceção do indianismo, os traços da primeira, essa segunda geração é caracterizada pelo spleen (palavra inglesa que significa "baço". No século XIX era atribuído a esse órgão a capacidade de determinar o estado melancólico das pessoas) e pelo **mal-do-século**. Isso quer dizer que essa geração estava impregnada de **individualismo ou egocentrismo, subjetivismo, negativismo, pessimismo, dúvida, desilusão e tédio constante**.

Cabe aqui um parêntese: Grande parte dos poetas dessa geração morreu muito jovens, vítima da tuberculose. Por isso, é comum a associação do termo mal-do-século a essa doença. No entanto, o mal-do-século, que caracterizou a segunda geração de poetas Românticos não foi a tuberculose, mas o tédio, a melancolia e a inadaptação à vida, que levavam os poetas a desejar a morte, pois ela era a

única maneira de o indivíduo libertar-se do fardo que era viver.

Uma outra característica que marcou essa geração foi o **satanismo ou o culto ao demônio**. A imagem do poeta ultra-romântico era igual a do anjo Rebelde(diabo). Ambos, por estarem insatisfeitos e inadaptados ao seu universo, se rebelaram contra as regras que regiam seus mundos e o preço de tal rebeldia foi a condenação às trevas e à solidão. Por isso, é comum na poesia dessa fase, a presença de aves noturnas, cemitérios, caveiras etc.



O tema mais abordado por essa geração é **fuga da realidade**, manifestado na idealização da mulher, da infância e na exaltação da morte. Esse tema é tratado quase sempre em tom de humor e ironia, como se o poeta estivesse rindo de sua própria desgraça. Os principais destaques dessa geração foram: [Alvares de Azevedo](#), [Casimiro de Abreu](#), [Junqueira Freire](#), entre outros.

Terceira geração: Condoreira

Essa geração é caracterizada pelos ideais **aboliconistas** e pelo **culto ao progresso**. Os seus poetas foram fortemente **influenciados pela poesia político-social do francês Vitor Hugo**. Por isso, essa geração também ficou conhecida como "**Hugoana**".

O termo condoreiro vem de condor, ave que habita a Cordilheira dos Andes. O Condor, por conseguir alcançar grandes altitudes, representa o alto vôo que a palavra pode alcançar em defesa da liberdade. O principal representante dessa geração foi [Castro Alves](#), seguido de [Tobias Barreto](#) e [Sousândrade](#), cuja poesia ficou esquecida durante muito tempo.

::: Prosa

O romance, que até antes do Romantismo não fazia parte da cultura brasileira, só começou a se desenvolver após a vinda da Corte para a cidade do Rio de Janeiro. Com a urbanização da cidade, surgiu uma sociedade consumidora, formada por estudantes, profissionais liberais etc., que necessitava de alguma espécie de entretenimento. A princípio a importação e a tradução de romances europeus satisfaziam esse público.

No entanto, o processo de independência do país gerou, nesse leitor, uma espécie de espírito nacionalista, que exigia uma tonalidade tipicamente nacional para os enredos dos romances. Para atender essa necessidade os romances passaram a descrever os costumes da vida urbana e rural e contou histórias de heróis indígenas.

Os primeiros romances foram publicados em **folhetins**, seções publicadas nos jornais, que traziam capítulos de histórias de ficção com um desenrolar muito lento. Isso se dava porque, ao final de cada capítulo, o leitor ficava ansioso para saber a continuação da história. As novelas de televisão de hoje possuem exatamente o mesmo esquema dos romances publicados em folhetim.

O romance, nesse período, foi o gênero literário mais consumido pelo público. Eles tornaram-se verdadeiros sinônimos de diversão, pois permitiam ao leitor identificar-se com os personagens e viver uma realidade que a vida lhe negava. Dessa forma, o leitor tinha uma espécie de "compensação" das insatisfações e frustrações que a vida lhe causava.

A fórmula para tanto sucesso talvez esteja na estrutura dos romances. A maioria das histórias girava em torno do amor, uma vez que o amor é considerado pela maioria das pessoas o maior sentido para a existência humana. Os personagens viviam em um mundo **maniqueísta**, ou seja, o bem só existe se

estiver em confronto com o mal. Por isso, **os personagens que amam são sempre belos, generosos e corajosos. Já os que não tem a capacidade de amar são feios e mesquinhos.**

Os **protagonistas** dos romances geralmente amam e sofrem muito para poder superar todas as dificuldades que lhe são impostas para concretizar esse amor. Por isso, o herói do romance é sempre dotado de qualidades fantásticas. Nessa época havia uma super valorização da família que é percebida na clara defesa do casamento. O ato sexual só poderia acontecer depois que o casamento estivesse sacramentado e até mesmo os heróis mais rebeldes tinham o objetivo de se casar e constituir família. Por isso, o romance termina sempre quando os personagens centrais se casam.

O primeiro romance nacional foi "**O Filho do Pescador**", escrito por Teixeira e Souza em 1843. No entanto, a obra, devido a sua trama confusa e à falta de observação dos costumes da época, não agradou ao público, não teve o reconhecimento da crítica da época e, para a maioria dos críticos, não serve para definir as linhas que o romance nacional seguiria. Por isso, e pela aceitação que teve junto ao público leitor, cabe à obra "**A Moreninha**", do médico Joaquim Manuel de Macedo, lançada em 1844, a honra de ser o primeiro romance romântico oficial da literatura nacional.

Os principais romancistas brasileiros foram: [Joaquim Manuel de Macedo](#), [Manuel Antônio de Almeida](#) e [José de Alencar](#).

:: Teatro

Desde a Independência, em 1822, um exacerbado sentimento nacionalista tomou conta das nossas manifestações culturais. Esse espírito nacionalista também atingiu o teatro. No entanto, a literatura dramática brasileira ainda estava no início e dependia de iniciativas isoladas.

Muitas peças, a partir de 1838, foram influenciadas pelo Romantismo. O romancista Joaquim Manuel de Macedo destacou alguns mitos do nascente sentimento de nacionalidade da época: o mito da grandeza territorial do Brasil, da abundância da natureza, da igualdade de todos os brasileiros etc. Esses mitos nortearam a maioria dos artistas românticos desse período.

O primeiro passo para a implantação de um teatro genuinamente brasileiro foi dado no dia 13 de março de 1838 quando foi encenado a tragédia "**Antônio José**" ou "**O Poeta e a Inquisição**" de Gonçalves de Magalhães. No mesmo ano, a 4 de outubro, foi encenada pela primeira vez a comédia "O Juiz de paz da roça", de Martins Pena. A peça deu o pontapé inicial para consolidação da comédia de costumes como gênero preferido do público.

As peças de Martins Pena estavam integradas ao Romantismo, portanto, eram bem recebidas pelo público. O autor é considerado o verdadeiro fundador do teatro nacional, não só pela quantidade de peça que escreveu, mas também pela sua qualidade.

A importância de [Martins Pena](#) foi tanta que o crítico Silvio Romero uma vez escreveu:

"Se se perdessem todas as leis, escritos, memórias da história brasileira dos primeiros cinquenta anos deste século XIX, e nos ficassem somente as comédias de Martins Pena, era possível reconstruir por elas a fisionomia moral de toda essa época".

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Tábua Cronológica do período Romântico no Brasil	
1836	- Gonçalves de Magalhães publica "Suspiros Poéticos e Saudades".
1837 a 1838	- A Revolução Sabinada instaura a República na Bahia.
1838	- João Caetano, o primeiro grande ator brasileiro, encena a peça "O poeta e a Inquisição" de Gonçalves de Magalhães; - Martins Pena escreve a comédia de costumes "O Juiz de paz na roça"; - Eclode no Maranhão a revolta popular Balaiada
1840	- Manobra política liberal antecipa a maioria de D. Pedro II, iniciando assim o segundo reinado.
1843	- Teixeira e Souza publica o "O Filho do Pescador", primeiro romance nacional.
1844	- Joaquim Manuel de Macedo lança "A Moreninha", considerado pela crítica como o primeiro romance nacional.
1839	- Nascimento de Machado de Assis.
1850	- Lei Eusébio de Queiroz extingue o tráfico negreiro no Brasil.
1852	- O Visconde de Mauá organiza a Cia. de Navegação a Vapor do Amazonas
1854	- Manuel Antônio de Almeida publica "Memórias de um Sargento de Milícias"; - O Visconde de Mauá cria a primeira ferrovia do Brasil, que liga Petrópolis e o Rio de Janeiro; - A cidade do Rio de Janeiro recebe iluminação a gás.
1857	- José de Alencar publica "O Guarani".
1861 a 1865	- Questão "Christie" rompe as relações entre o Brasil e a Inglaterra.
1864	- Início da Guerra do Paraguai.
1865	- Tripla Aliança do Brasil, Uruguai e Argentina se unem na luta contra o Paraguai; - José de Alencar publica "Iracema".
1870	- Castro Alves publica "Espumas Flutuantes"; - O jornal carioca "A República" lança o Manifesto Republicano.
1871	- A Lei do ventre Livre é promulgada.
1873	- Primeiro congresso Republicano - Itu - SP.
1874	- Início da imigração italiana para o Brasil
1881	- Machado de Assis publica "Memórias Póstumas de Brás Cubas"; - Aluísio Azevedo publica "O Mulato".

:: Almeida Garrett (1799 - 1854)

O escritor e político João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett foi fortemente influenciado pelo escritor neoclássico Filinto Elísio. Em 1820 participou, como líder da classe estudantil, da Revolução Liberal.

Em 1821, após concluir o curso de Direito na Faculdade de Coimbra, publicou o poema "Retrato de Vênus" e depois foi processado por obscenidade. Após o golpe de 1822, no qual o liberalismo foi derrotado, Garret partiu para o exílio na Inglaterra, de onde regressou somente em 1826. Durante o exílio Garret, influenciado pelas obras de Walter Scott e Lord Byron, compôs os poemas "Camões" e "Dona Branca". Essas obras foram publicadas em 1824 e são consideradas o marco inicial do Romantismo em Portugal.



Garret voltou a Portugal em 1832 integrando o exército de D. Pedro no cerco à cidade do Porto. Entre 1833 e 1836, foi cônsul geral na Bélgica.

Após a Revolução de Setembro foi encarregado de organizar um plano de um teatro nacional, que veio a promover.

Em 1851 recebeu o título de Visconde de Almeida Garrett. Da sua vasta obra literária destacam-se a peça de teatro "Frei Luís de Sousa" (1844), o romance "Viagens da Minha Terra" (1846) e a coletânea de poemas líricos "Folhas Caídas" (1853).

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Abaixo seguem alguns poemas de Garret:

Este Inferno de Amar

Este Inferno de Amar

Este inferno de amar - como eu amo!-

Quem mo pôs n'alma... quem foi?

Esta cham que alenta e consome,

Que é a vida - e que a vida destrói-

Como é que se veio a atear,

Quando - ai quando se há de ela apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,
A outra vida que dantes vivi
Era um sonho talvez... - foi um sonho -
Em que paz tão seran a dromi!
Oh! que doce era aquele sonhar...
Quem me veio, ai de mim! desperatar?

Só me lembra que um dia formoso
Eu passei... dava o Sol tanta luz!
E os meus olhos, que vagos giravam,
Em seus olhos ardentes os pus.
Que fez ela? eu que fiz? - Não no sei;
Mas nessa hora a viver comecei...

Não te Amo

Não te amo, quero-te: o amor vem d'alma.
E eu n'alma - tenho a calma,
A calma - do jazigo.
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida - nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

Não te amo. És bela; e eu não te amo, ó bela.
Quem ama a aziaga estrela
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,
De mau feitiço azado
Este indigno furor.
Mas oh! não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto
Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror...
Mas amar!... não te amo, não.

Destino

Quem disse à estrela o caminho
Que ela há de seguir no céu?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprendeu?
Quem diz à planta - "Floresce!"
E ao mudo verme que tece
Sua mortalha de seda
Os fios quem lhos enreda?

Ensinou alguém à abelha
Que no prado anda a zumbir
Se à flor branca ou à vermelha
O seu mel há de ir pedir?
Que eras tu meu ser, querida,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem...
Ai! não mo disse ninguém.

Como a abelha corre ao prado,
Como no céu gira a estrela
Como a todo o ente o seu fado
Por instinto se revela,
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino...
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.

:: Alexandre Herculano (1810 - 1877)

O escritor e historiador Alexandre Herculano envolveu-se nas lutas liberais e, por isso, foi mandado para o exílio na França em 1831. No ano seguinte partiu para a Inglaterra e regressou a Portugal integrando o exército de D. Pedro no cerco à cidade do Porto.

Em 1833 assumiu as funções de segundo bibliotecário na Biblioteca Pública do Porto. Em 1836 foi para Lisboa e passou a dirigir a revista "O Panorama", principal veículo de divulgação do Romantismo em Portugal. Ainda nesse ano, publicou "A Voz do Profeta".

Em 1839 assumiu a função de diretor da Real Biblioteca da Ajuda. Entre 1850 e 1860, exerceu grande atividade jornalística e política e, a partir de 1867, foi para a Quinta de Vale de Lobos (Santarém), onde dedicou-se quase que exclusivamente às suas propriedades.

A sua obra literária é muito extensa. Como historiador destacam-se "A História de Portugal" (1853) e a "História e Origem da Inquisição em Portugal" (1859). Ele escreveu ainda contos e novelas que foram reunidos na obra "Lendas e Narrativas" (1851).

Entre nós, brasileiros, Alexandre Herculano ficou mais conhecido por suas narrativas históricas, dentre as quais destacam-se "O Monge de Cister" (1841), "O Bobo" (1843) e "Eurico, O Presbítero" (1844), esta considerada a sua obra prima.

Links

[Biblioteca On-line](#)

Eurico, o Presbítero

A Harpa do Crente

Arras por Foro de Espanha

O Bispo Negro

[Análises Literárias](#)

Eurico, o Presbítero

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)



:: Camilo Castelo Branco (1825 - 1890)



Camilo Castelo Branco teve uma vida que pode ser confundida com uma de suas próprias novelas, ou seja, uma vida dramática e tão cheia de atribulações que chega a espelhar as histórias que escreveu.

Nascido em Lisboa em 1825, Camilo ficou órfão de mãe aos dois anos e de pai aos dez, passando a ser criado por uma tia e uma irmã. Aos 16 anos casou-se com Joaquina Pereira e, dois anos depois, em 1843, matricula-se na Faculdade de Medicina, porém, não conclui o curso. A partir de 1848, passa a viver do jornalismo e a frequentar a boêmia.

Quando completa 21 anos, rapta Patrícia Emília e vai viver com ela na cidade do Porto. Logo depois é acusado e preso por bigamia. Depois de conseguir a liberdade, Camilo tem alguns amores passageiros até encontrar, por volta de 1824, Ana Plácido, a "mulher de sua vida". Essa nova relação amorosa, no entanto, não é nada tranqüila, uma vez que Ana é casada com Pinheiro Alves, um rico comerciante local.

Na impossibilidade de concretizar o seu amor, Camilo busca refúgio na religião e ingressa no Seminário do Porto, porém passa a ter um caso amoroso com a freira Isabel Cândida. Camilo permanece nesse seminário por dois anos e, depois de tentar o suicídio, consegue viver junto à sua amada, que abandona o marido para viver com o escritor. Logo depois o casal é preso pelo crime de adultério. Os dois são julgados, absolvidos e vão morar em Lisboa.

Camilo e Ana têm dois filhos com problemas de saúde e, por isso, enfrentam sérios problemas financeiros. Para garantir a sobrevivência da família, Camilo passa a escrever por encomenda, tornando-se o primeiro escritor português a viver exclusivamente da literatura. Em 1888 Ana e Camilo finalmente se casam. Ainda nesse ano o escritor começa a sentir os primeiros sintomas de cegueira, causada por uma sífilis crônica. Em 1890, a novela da vida de Camilo chega ao fim. Ele suicida-se com um tiro de pistola em 1º de junho.

O fato de ter de sobreviver da literatura fez com que Camilo Castelo Branco concentrasse seus esforços na produção de novelas (narração, usualmente curta, ordenada e completa, de fatos humanos fictícios, mas, por via de regra, verossímeis). Isso se deu porque esse gênero literário agradava ao novo público consumidor, tornando-se assim de fácil consumo.

Dentre a vasta obra composta por Camilo Castelo Branco podemos encontrar novelas de terror, satíricas, históricas e as passionais. Essas últimas compõem o gênero que mais caracteriza o ultra-romantismo português. Nelas são apresentadas personagens que, devido os obstáculos encontrados para a realização do amor, tornam-se verdadeiros mártires desse sentimento. As obras que merecem maior destaque são:

"Amor de Perdição" (1862);
"O Irônico Coração" (1862);
"Cabeça e Estômago" (1862); e
"Amor de Salvação" (1864)

Links

[Biblioteca On-line](#)

Amor de Perdição
Cabeça e Estômago

[Análises](#)

Amor de Perdição
Confira

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

::. Soares de Passos (1826-1860)

Soares de Passos nasceu no Porto e foi estudar em Coimbra onde fundou o jornal "O Novo Trovador". Nele colaboraram poetas da segunda geração romântica. Os seus poemas foram publicados no ano de 1856 em uma coletânea intitulada "Poesias". Soares de Passos faleceu prematuramente, sendo, no entanto, um dos mais significativos poetas ultra-românticos portugueses. A sua composição mais conhecida é "O Noivado do Sepulcro", que foi muito ironizado pelos escritores realistas.

O Noivado do Sepulcro

Balada

Vai alta a lua! na mansão da morte
Já meia-noite com vagar soou;
Que paz tranqüila; dos vaivéns da sorte
Só tem descanso quem ali baixou.

Que paz tranqüila!... mas eis longe, ao longe
Funérea campa com fragor rangeu;
Branco fantasma semelhante a um monge,
Dentre os sepulcros a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se!... na amplidão celeste
Campeia a lua com sinistra luz;
O vento geme no feral cipreste,
O mocho pia na mormórea cruz.

Ergueu-se, ergueu-se!... com sombrio espanto
Olhou em roda... não achou ninguém...
Por entre as campas, arrastando o manto,
Com lentos passos caminhou além.

Chegando perto duma cruz alçada,
Que entre os ciprestes alvejava ao fim,
Parou, sentou-se com a voz magoada
Os ecos tristes acordou assim:

"Mulher formosa, que adorei na vida,
E que na tumba não cessei de amar,
Por que atraíças, desleal, mentida,
O amor eterno que te ouvi jurar?

Amor! engano que na campa finda,
Que a morte despe da ilusão falaz:
Quem dentre os vivos se lembrara ainda
Do pobre morto que na terra jaz?

Abandonado neste chão repousa
Há já três dias, e não vens aqui...
Ai, quão pesada me tem sido a lousa
Sobre este peito que bateu por ti!

Ai quão pesada me tem sido!" e em meio
A fronte exausta lhe pendeu na mão,
E entre soluços arrancou do seio
Fundo suspiro de cruel paixão.

"Talvez que rindo dos prostestos nossos,
Gozes com outro d'infernal prazer;
E o olvido cobrirá meus ossos
Na fria terra sem vingança ter!"

— "Ó nunca, nunca!" de saudade infinita,
Responde um eco suspirando além...
— "Ó nunca, nunca!" repetiu ainda
Formosa virgem que em seus braços tem.

Cobrem-lhe as formas divinais, airosas.
Longas roupagens de nevado cor;
Singela c'roa de virgíneas rosas
Lhe cerca a fronte dum mortal palor.

"Não, não perdeste meu amor jurado:
Vês este peito? reina a morte aqui...
É já sem forças, ai de mim, gelado,
Mas ainda pulsa com amor por ti.

Feliz que pude acompanhar-te ao fundo
Da sepultura, sucumbindo à dor:
Deixei a vida... que importava o mundo,
O mundo em trevas sem a luz do amor?

Saudosa ao longe vês no céu a lua?"
— "Ó vejo sim... recordação fatal"
— Foi à luz dela que jurei ser tua
Durante a vida, e na mansão final.

Ó vem! se nunca te cingi ao peito,
Hoje o sepulcro nos reúne enfim...
Quero o repouso do teu frio leito,
Quero-te unido para sempre a mim!"

E ao som dos pios co cantor funéreo,
E à luz da lua de sinistro alvor,
Junto ao cruzeiro, sepulcral mistério
Foi celebrado, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,
Já desse drama nada havia então,
Mais que uma tumba funeral vazia,
Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido
Das sepulturas o gelado pó,
Dois esqueletdos, um ao outro unido,
Foram achados num sepulcro só.

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

:: Júlio Diniz (1839 - 1871)



Júlio Diniz, pseudônimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, nasceu no Porto e foi entre esta cidade, Ovar e o Douro que passou grande parte da sua vida. Formou-se na Faculdade de Medicina do Porto e aliou a profissão de médico à de escritor.

Originário de uma família de tuberculosos (a mãe e os irmãos morreram vítimas da doença), Júlio Diniz também contraiu o mal e abandonou a medicina em busca da cura na Ilha da Madeira.

Essa tentativa lhe valeu pouco, pois veio a falecer ainda muito novo. Os primeiros textos de Júlio Diniz já antecipavam o Realismo, pois apresentavam diálogos ágeis e descreviam a psicologia da burguesia. Eles foram publicados em "A Grinalda" e em "O Jornal do Comércio". O primeiro deles, "As Pupilas do Senhor Reitor" (1866) foi recebido com muito entusiasmo pela crítica.

Das obras de Julio Diniz destacam-se ainda:

- "Uma Família Inglesa" (1868);
- "Serões da Província" (1870);
- "Os Fidalgos da Casa Mourisca" (1871);
- "Poesias" (1873); e
- "Teatro Inédito" (1946).

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

:: João de Deus (1830-1896)

João de Deus nasceu em São Bartolomeu de Messines, no Algarve. Frequentou o curso de Direito na Universidade de Coimbra e, acabando o curso, dedicou-se ao jornalismo e à advocacia. Inicialmente ligou-se ao ultra-romantismo, mas logo depois seguiu uma estética muito própria.

As suas poesias foram reunidas na coletânea "Campo de Flores"(1893), que inclui duas outras obras escritas anteriormente: "Flores do Campo" e "Folhas Soltas". João de Deus dedicou-se ainda à pedagogia, resultando daí a "Cartilha Maternal", publicada em 1876, cuja finalidade era o ensino de leitura às crianças.

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Abaixo seguem alguns poemas de João de Deus:

Adeus

A ti que em astros desenhei nos céus,
A ti que em nuvens desenhei nos ares,
A ti que em ondas desenhei nos mares,
A ti, bom anjo, o derradeiro adeus!

Parto! Se um dia(que é possível, flor!)
Vires ao longenegrejar um vulto,
Sou eu que aos olhos desta gente oculto
O nosso imenso desgraçado amor.

Talvez as feras ao ouvir meus ais,
As brutas selvas, as montanhas brutas,
Côncavas rochas, solitárias grutas,
Mais se condoam, se comovam mais!

E lá daquelas solidões se aqui
Chegar gemido que uma pedra estale,
Que um cedro vibre, que um carvalho abale,
Sou eu que o solto por amor de ti...

De ti, que em folha que varrer o ar,
Em rama, em sombra que bandeie a aragem,
De fito sempre nessa cara imagem
Verei sorrindo, sentirei passar!

De ti em astros desenhei nos céus,
De ti que em nuvens desenhei nos ares!
De ti que em ondas desenheir nos mares,
E a quem envio o derradeiro adeus!

Último Adeus

Fique em silêncio eterno a minha lira;
Vai eflúvio de Deus! Deus te bem fade;
Nesta alam em teu lugar fica a saudade,
Se a essência sobrevive à flor que expira.

Dizer-te adeus não pude; quando ocorre
Tal voz ao lábio, o lábio empalidece,
Com a nota da lira nos falece
Ante a lua que cai, eo sol que morre;

Ante o sopro que varre o cedro e o vime,
Ante o sublime aspecto do oceano,
Ante a esposa Mártir sobre-humano,
Ante tudo o que é grande e que é sublime.

Emobora: quando a lâmpada crepita,
Já falta de óleo lânguida esvoaça;
A nuvem estala, ruge a onda, e passa...
Guarda silêncio a abóbada infinita.

Resposta

Em fumo se vai tudo, amigo: olhando
Para as nuvens do céu, nuvens daquelas,
E até sei se diga que mais belas
Anda a gente fazendo e desmanchando!

Dá-me uma saudade e me lembrando
Do belo tempo que passei com elas
Por essa imensa abóbada de estrelas,
Por esse mar de fogo viajando!

Andasse ainda eu lá, que não me havia
De ver por estes charcos atolado,
Onde nem sol nem lua me alumia!

Andasse ainda eu lá, desenganado
Mesmo já como estou de achar um dia
Essa pátria de onde ando desterrado!

:: Gonçalves de Magalhães (1811 - 1882)

Considerado o homem que iniciou o Romantismo no Brasil, Domingos José Gonçalves de Magalhães nasceu em Niterói em 1811 e, após formar-se em medicina, viajou para a Europa, onde tomou contato com as idéias românticas. Em 1836, juntamente com Araújo Porto Alegre, Torres Homem e Pereira da Silva, fundou, em Paris, a "Niterói - Revista Brasiliense".

Nesse mesmo ano publicou o livro "Suspiros Poéticos e Saudade", considerado como o marco inicial do Romantismo brasileiro. Em 1837, Gonçalves de Magalhães retornou ao Brasil e em 1847 ingressou na carreira diplomática.

Foi exercendo essa função que o escritor faleceu, em Roma, no ano de 1882. Sua poesia, considerada fraca pela crítica literária, cultivava os valores fundamentais do Romantismo na sua primeira fase, ou seja, a religião, o patriotismo etc.

Além de "**Suspiros Poéticos e Saudade**", Gonçalves de Magalhães publicou o poema épico indianista "**A confederação dos Tamoios**". Essa obra obteve um certo destaque em razão da polêmica causada por sua visão do índio, eu se contrapunha à visão de José de Alencar.

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Confira alguns poemas de Gonçalves de Magalhães:

A Confederação dos Tamoios

Como da pira extinta a labareda,
Ainda o rescaldo crepitante fica,
Assim do ardente moço a mente acesa
Na desusada luta que a excitara,
Ainda, alerta e escaldada se revolve!
De um lado e de outro balanceia o corpo,
Como após da tormenta o mar banzeiro;
Alma e corpo repouso achar não podem.
Debalde os olhos cerra; a igreja, as casas,
A vila, tudo ante ele se apresenta.
Das preces a harmonia inda murmura
Como um eco longínquo em seus ouvidos.

Os discursos do tio mutilados,
Malgrado seu, assaltam-lhe a memória.
No espontâneo pensar lançada a mente,

Redobrando de força, qual redobra
A rapidez do corpo gravitante,
Vai discorrendo, e achando em seu arcanos
Novas respostas às razões ouvidas.
Mas a noite declina, e branda aragem
Começa a refrescar. Do céu os lumes
Perdem a nitidez desfalecendo.
Assim já frouxo o Pensamento do índio,
Entre a vigília e o sono vagueando,
Pouco a pouco se olvida, e dorme, sonha,

Como imóvel na casa entorpecida,
Clausurada a crisálida recobra
Outra vida em silêncio, e desenvolve
Essas ligeiras asas com que um dia
Esvoaçará nos ares perfumados,
Onde enquanto reptil não se elevava;
Assim a alma, no sono concentrada,
Nesse mistério que chamamos sonho,
Preludiando a vista do futuro,
A póstuma visão preliba às vezes!
Faculdade divina, inexplicável
A quem só da matéria as leis conhece.

Ele sonha... Alto moço se lhe antolha
De belo e santo aspecto, parecido
Com uma imagem que vira atada a um tronco,
E de setas o corpo traspassado,
Num altar desse templo, onde estivera,
E que tanto na mente lhe ficara,
— "Vem!" lhe diz ele e ambos vão pelos ares.
Mais rápidos que o raio luminoso
Vibrado pelo sol no veloz giro,
E vão pousar no alcantilado monte,
Que curvado domina a Guanabara.

Cerrado nevoeiro se estendia
Sobre a vasta extensão de espaço em tórno,
Cobertando o verdor da imensa várzea;
E o topo da montanha sobranceiro
Parecia um penedo no Oceano.

Mas o velário de cinzenta névoa
Pouco a pouco, subindo adelgaçou-se,
E rarefeito enfim, em brancas nuvens.
Foi flutuando pelo azul celeste.

Que grandeza! Que imensa majestade!
Que espantoso prodígio se levanta!
Que quadro sem igual em todo o mundo,
Onde o sublime e o belo em harmonia
O pensamento e a vista atraí, enleva
E faz que o coração extasiado

Se dilate, se expanda, e bata, e impila
O sangue em borbotões pelas artérias!
Os olhos encantados se exorbitam,
Como as vibradas cordas de uma lira,
De almo prazer os nervos estremecem;
E o espírito pairando no infinito,
Do belo nos arcanos engolfado,
Parece alar-se das prisões do corpo.

Niterói! Niterói! como és formosa!
Eu me glorio de dever-te o braço!
Montanhas, várzeas, lagos, mares, ilhas,
Prolífica Natura, céu ridente,
Léguas e léguas de prodígios tantos.
Num todo tão harmônico e sublime,
Onde olhos o verão longe deste Éden?

A Beleza

Oh Beleza! Oh potência invencível,
Que na terra despótica imperas;
Se vibras teus olhos
Quais duas esferas,
Quem resiste a teu fogo terrível?

Oh Beleza! Oh celeste harmonia,
Doce aroma, que as almas fascina;
Se exalas suave
Tua voz divina,
Tudo, tudo a teus pés se extasia.

A velhice, do mundo cansada,
A teu mando resiste somente;
Porém que te importa
A voz impotente,
Que se perde, sem ser escutada?
Diga embora que o teu juramento
Não merece a menor confiança;
Que a tua firmeza
Está só na mudança;
Que os teus votos são folhas ao vento.

Tudo sei; mas se tu te mostrares
Ante mim como um astro radiante,
De tudo esquecido,
Nesse mesmo instante,
Farei tudo o que tu me ordenares.

Se até hoje remisso não arde
Em teu fogo amoroso meu peito,
De estóica dureza
Não é isto efeito;
Teu vassalo serei cedo ou tarde.

Infeliz tenho sido até agora,
Que a meus olhos te mostras severa;
Nem gozo a ventura,
Que goza uma fera;

Entretanto ninguém mais te adora.

Eu te adoro como o anjo celeste,
Que da vida os tormentos acalma;
Oh vida da vida,
Oh alma desta alma,
Um teu riso sequer me não deste!

Minha lira que triste ressoa,
Minha lira por ti desprezada,
Assim mesmo triste,
Assim malfadada,
Teu poder, teus encantos pregoa.
Oh Beleza, meus dias bafeja,
Em teu fogo minha alma devora;
Verás de que modo
Meu peito te adora,
E que incenso ofertar-te deseja.

Napoleão em Waterloo

**Tout n'a manqué que quand tout avait réussi.
Napoleão em S. Helena (memorial).**

Eis aqui o lugar onde eclipsou-se
O Meteoro fatal às régias fronte!
E nessa hora em que a glória se obumbrava,
Além o Sol em trevas se envolvia!
Rubro estava o horizonte, e a terra rubra!
Dous astros ao ocaso caminhavam;
Tocado ao seu zenite haviam ambos;
Ambos iguais no brilho; ambos na queda
Tão grandes como em horas de triunfo!

Waterloo! ... Waterloo! ... Lição sublime
Este nome revela à Humanidade!
Um Oceano de pó, de fogo, e fumo
Aqui varreu o exército invencível,
Como a explosão outrora do Vesúvio
Até seus tetos inundou Pompéia.

O pastor que apascenta seu rebanho;
O corvo que sangüíneo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando;
O eco da floresta, e o peregrino
Que indagador visita estes lugares:
Waterloo! ... Waterloo! ... dizendo, passam.

Aqui morreram de Marengo os bravos!
Entretanto esse Herói de mil batalhas,
Que o destino dos Reis nas mãos continha;
Esse Herói, que coa ponta de seu gládio
No mapa das Nações traçava as raias,
Entre seus Marechais, ordens ditava!
O hálito inflamado de seu peito
Sufocava as falanges inimigas,
E a coragem nas suas acendia.

Sim, aqui stava o Gênio das vitórias,
Medindo o campo com seus olhos de águia!
O infernal retintim do embate de armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,

O sibilo das balas que gemiam.
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orquestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! — Abóbadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvavam respeitosas,
Quais submissos leões; e nem ousando
Tocá-lo, ao seu ginete os pés lambiam.

Oh! por que não venceu? — Fácil lhe fora!
Foi destino, ou traição? — Águia sublime
Que devassava o céu com vôo altivo
Desde as margens do Sena até ao Nilo!
Assombrando as Nações coas largas asas,
Por que se nivelou aqui cos homens?

Oh! por que não venceu? — O Anjo da glória
O hino da vitória ouviu três vezes;
E três vezes bradou: — É cedo ainda!
A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginete,
Que soía escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas.
Na pugna os esquadrões se encarniçavam;
Roncavam pelos ares os pelouros;
Mil vermelhos fuzis se emaranhavam;
Encruzadas espadas, e as baionetas,
E as lanças faiscavam retinindo,
Ele só impassível como a rocha,
Ou de ferro fundido estátua eqüestre,
Que invisível poder mágico anima,
Via seus batalhões cair feridos,
Como muros de bronze, por cem raios;
E no céu seu destino decifrava.

Pela última vez coa espada em punho,
Rutilante na pugna se arremessa;
Seu braço é tempestade, a espada é raio!...
Mas invencível mão lhe toca o peito!
É a mão do Senhor! barreira ingente;
Basta, guerreiro, Tua glória é minha;
Tua força em mim stá. Tens completado
Tua augusta missão. — És homem; — pára.
Eram poucos, é certo; mas que importa?

Que importa que Grouchy, surdo às trombetas,
Surdo aos trovões da guerra que bradavam:
Grouchy, Grouchy, a nós, eia, ligeiro;
O teu Imperador aqui te aguarda.
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente lutar, que mal vencida

Uma após outra em turbilhões se eleva,
Como vagas do Oceano encapelado,
Que furibundas se alçam, lutam, batem
Contra o penedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam.

Eram poucos, é certo; e contra os poucos
Armadas as Nações aqui pugnavam!
Mas esses poucos vencedores foram
Em Iena, em Montmirail, em Austerlitz.
Ante eles o Tabor, e os Alpes curvos
Viram passar as águias vencedoras!
E o Reno, e o Manzanar, e o Adige, e o Eufrates
Embalde à sua marcha se opuseram.

Eram os poucos que jamais vencidos
Os dias seus contavam por batalhas,
E de cãs se cobriram nos combates;
O sol do Egito ardente assoberbaram,
A peste em jafa, a sede nos desertos,
A fome, e os gelos dos Moscóvios campos;
Poucos que se não rendem; — mas que morrem!

Oh! que para vencer bastantes eram!
A terra em vão contra eles pleiteara,
Se Deus, que os via, não dissesse: Basta.

Dia fatal, de opróbrio aos vencedores!
Vergonha eterna à geração que insulta
O Leão que magnânimo se entrega.

Ei-lo sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o eco fúnebre das ondas,
Que murmuram seu cântico de morte:
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual náufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho rejeitaram;
Ou qual marmórea estátua sobre um túmulo.
Que grande idéia ocupa, e turbilhona
Naquela alma tão grande como o mundo?

Ele vê esses Reis, que levantara
Da linha de seus bravos, o traírem.
Ao longe mil pigmeus rivais divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca;
Como do Macedônio outrora o Império
Entre si repartiram vis escravos.
Então um riso de ira, e de despeito
Lhe salpica o semblante de piedade.

O grito ainda inocente de seu filho
Soa em seu coração, e de seus olhos
A lágrima primeira se desliza.
E de tantas coroas que ajuntara
Para dotar seu filho, só lhe resta
Esse Nome, que o mundo inteiro sabe!

Ah! tudo ele perdeu! a esposa, o filho,
A pátria, o mundo, e seus fiéis soldados.
Mas firme era sua alma como o mármore,
Onde o raio batia, e recuava!

Jamais, jamais mortal subiu tão alto!
Ele foi o primeiro sobre a terra.
Só, ele brilha sobranceiro a tudo,
Como sobre a coluna de Vendôme
Sua estátua de bronze ao céu se eleva.
Acima dele Deus, — Deus tão-somente!

Da Liberdade foi o mensageiro.
Sua espada, cometa dos tiranos,
Foi o sol, que guiou a Humanidade.
Nós um bem lhe devemos, que gozamos;
E a geração futura agradecida:
NAPOLEÃO, dirá, cheia de assombro.

:: Gonçalves Dias (1823 - 1864)

O poeta Antônio Gonçalves Dias, que se orgulhava de ter no sangue as três raças formadoras do povo brasileiro (branca, indígena e negra), nasceu no Maranhão em 10 de agosto de 1823. Em 1840 foi para Portugal cursar Direito na Faculdade de Coimbra. Ali, entrou em contato com os principais escritores da primeira fase do Romantismo português.

Em 1843, inspirado na saudade da pátria, escreveu "**Canção do Exílio**".

No ano seguinte graduou-se bacharel em Direito. De volta ao Brasil, iniciou uma fase de intensa produção literária. Em 1849, junto com Araújo Porto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo, fundou a revista "Guanabara".

Em 1862 retornou à Europa para cuidar da saúde. No ano seguinte, durante a viagem de volta ao Brasil, o navio Ville de Boulogne naufragou na costa brasileira. Salvaram-se todos, exceto o poeta que, por estar na cama em estado agonizante, foi esquecido em seu leito.

Se por um lado deve-se a Gonçalves de Magalhães a introdução do Romantismo no Brasil, por outro, deve-se a Gonçalves Dias a sua consolidação. Isso porque o poeta trabalhou com maestria todas as características iniciais da primeira fase do Romantismo brasileiro. De sua obra, geralmente dividida em lírica, medieval e nacionalista, destacam-se "I-juca Pirama", "Os Tibiramas" e "Canção do Tamoio".



Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

I-JUCA PIRAMA

I

No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos – cobertos de flores,
Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânimos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!

As tribos vizinhas, sem forças, sem brio,
As armas quebrando, lançando-as ao rio,
O incenso aspiraram dos seus maracás:
Medrosos das guerras que os fortes acendem,
Custosos tributos ignavos lá rendem,
Aos duros guerreiros sujeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
Onde ora se aduna o concílio guerreiro
Da tribo senhora, das tribos servis:
Os velhos sentados praticam d'outrora,
E os moços inquietos, que a festa enamora,
Derramam-se em torno dum índio infeliz.

Quem é? – ninguém sabe: seu nome é ignoto,
Sua tribo não diz: – de um povo remoto
Descende por certo – dum povo gentil;
Assim lá na Grécia ao escravo insulano
Tornavam distinto do vil muçulmano
As linhas corretas do nobre perfil.

Por casos de guerra caiu prisioneiro

Nas mãos dos Timbiras: – no extenso terreiro
Assola-se o teto, que o teve em prisão;
Convidam-se as tribos dos seus arredores,
Cuidosos se incubem do vaso das cores,
Dos vários aprestos da honrosa função.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira
Entesa-se a corda da embira ligeira,
Adorna-se a maça com penas gentis:
A custo, entre as vagas do povo da aldeia
Caminha o Timbira, que a turba rodeia,
Garboso nas plumas de vário matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,
Afeitas ao rito da bárbara usança,
Índio já querem cativo acabar:
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem,
Brilhante enduape no corpo lhe cingem,
Sombreira-lhe a fronte gentil canitar,

II

Em fundos vasos d'alvacenta argila
Ferve o cauim;
Enchem-se as copas, o prazer começa,
Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anseiam,
Sentado está,
O prisioneiro, que outro sol no ocaso
Jamais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o colo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim!

Contudo os olhos d'ignóbil pranto
Secos estão;
Mudos os lábios não descerram queixas
Do coração.

Mas um martírio, que encobrir não pode,
Em rugas faz
A mentirosa placidez do rosto
Na fronte audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
No passo horrendo?
Honra das tabas que nascer te viram,
Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, à chuva,

Lá murcha e pende:
Somente ao tronco, que devassa os ares,
O raio ofende!

Que foi? Tupã mandou que ele caísse,
Como viveu;
E o caçador que o avistou prostrado
Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
Revive o forte,
Que soube ufano contrastar os medos
Da fria morte.

III

Em larga roda de novéis guerreiros
Ledo caminha o festival Timbira,
A quem do sacrifício cabe as honras,
Na frente o canitar sacode em ondas,
O enduape na cinta se embalança,
Na destra mão sopesa a iverapeme,
Orgulhoso e pujante. – Ao menor passo
Colar d'alvo marfim, insígnia d'honra,
Que lhe orna o colo e o peito, ruge e freme,
Como que por feitiço não sabido
Encantadas ali as almas grandes
Dos vencidos Tapuias, inda chorem
Serem glória e brasão d'imigos ferros.

"Eis-me aqui", diz ao índio prisioneiro;
"Pois que fraco, e sem tribo, e sem família,
"As nossas matas devassaste ousado,
"Morrerás morte vil da mão de um forte."

Vem a terreiro o mísero contrário;
Do colo à cinta a muçurana desce:
"Dize-nos quem és, teus feitos canta,
"Ou se mais te apraz, defende-te." Começa
O índio, que ao redor derrama os olhos,
Com triste voz que os ânimos comove.

IV

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribo tupi.

Da tribo pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci;
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,

Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribos inimigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que ameí.

Andei longes terras
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aimoréis;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes – escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo,
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Serenos e composto,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,

Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessorêgo
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego
Qual seja, – dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? – Morrer.
Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.
Guerreiros, não coro
Do pranto que choro:
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

V

Soltai-o! – diz o chefe. Pasma a turba;
Os guerreiros murmuram: mal ouviram,
Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!
Brada segunda vez com voz mais alta,
Afrouxam-se as prisões, a embira cede,
A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.

Timbira, diz o índio enternecido,
Solto apenas dos nós que o seguravam:
És um guerreiro ilustre, um grande chefe,
Tu que assim do meu mal te comoveste,
Nem sofres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não cintila,
Chore a morte do filho o pai cansado,
Que somente por seu na voz conhece.
– És livre; parte.
– E voltarei.
– Debalde.
– Sim, voltarei, morto meu pai.
– Não voltes!

É bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: és livre; parte!
– Acaso tu supões que me acobardo,
Que receio morrer!
– És livre; parte!
– Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso afronta.

– Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste!... parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: – arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precípitate. – Do rosto afogueado
Gélidas bagas de suor corriam:
Talvez que o assaltava um pensamento...
Já não... que na enlutada fantasia,
Um pesar, um martírio ao mesmo tempo,
Do velho pai a moribunda imagem
Quase bradar-lhe ouvia: – Ingrato! Ingrato!
Curvado o colo, taciturno e frio.
Espectro d’homem, penetrou no bosque!

VI

– Filho meu, onde estás?
– Ao vosso lado;
Aqui vos trago provisões; tomai-as,
As vossas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!
– Tardaste muito!
Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!
– Sim demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convém partir, e já!
– Que novos males
Nos resta de sofrer? – que novas dores,
Que outro fado pior Tupã nos guarda?
– As setas da aflição já se esgotaram,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.
– Mas tu tremes!
– Talvez do afã da caça...
– Oh filho caro!
Um quê misterioso aqui me fala,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupã que nos aflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... –
E com mão trêmula, incerta

Procura o filho, tacteando as trevas
Da sua noite lúgubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéia fatal ocorreu-lhe à mente...
Do filho os membros gélidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: – fuge, volta,
Encontra sob as mãos o duro crânio,
Despido então do natural ornato!...
Recua aflito e pálido, cobrindo
Às mãos ambas os olhos fulminados,
Como que teme ainda o triste velho
De ver, não mais cruel, porém mais clara,
Daquele exício grande a imagem viva
Ante os olhos do corpo afigurada.
Não era que a verdade conhecesse
Inteira e tão cruel qual tinha sido;
Mas que funesto azar correra o filho,
Ele o via; ele o tinha ali presente;
E era de repetir-se a cada instante.
A dor passada, a previsão futura
E o presente tão negro, ali os tinha;
Ali no coração se concentrava,
Era num ponto só, mas era a morte!

– Tu prisioneiro, tu?

– Vós o dissestes.

– Dos índios?

– Sim.

– De que nação?

– Timbiras.

– E a muçurana funeral rompeste,

Dos falsos manitôs quebrastes maça...

– Nada fiz... aqui estou.

– Nada! –

Emudecem;

Curto instante depois prossegue o velho:

– Tu és valente, bem o sei; confessa,

Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!

– Nada fiz; mas souberam da existência

De um pobre velho, que em mim só vivia....

– E depois?...

– Eis-me aqui.

– Fica essa taba?

– Na direção do sol, quando transmonta.

– Longe?

– Não muito.

– Tens razão: partamos.

– E quereis ir?...

– Na direção do acaso.

VII

"Por amor de um triste velho,

Que ao termo fatal já chega,

Vós, guerreiros, concedestes

A vida a um prisioneiro.
Ação tão nobre vos honra,
Nem tão alta cortesia
Vi eu jamais praticada
Entre os Tupis, – e mas foram
Senhores em gentileza.

"Eu porém nunca vencido,
Nem nos combates por armas,
Nem por nobreza nos atos;
Aqui venho, e o filho trago.
Vós o dizeis prisioneiro,
Seja assim como dizeis;
Mandai vir a lenha, o fogo,
A maça do sacrifício
E a muçurana ligeira:
Em tudo o rito se cumpra!
E quando eu for só na terra,
Certo acharei entre os vossos,
Que tão gentis se revelam,
Alguém que meus passos guie;
Alguém, que vendo o meu peito
Coberto de cicatrizes,
Tomando a vez de meu filho,
De haver-me por se ufane!"
Mas o chefe dos Timbiras,
Os sobrolhos encrespando,
Ao velho Tupi guerreiro
Responde com tórvo acento:

– Nada farei do que dizes:
É teu filho imbele e fraco!
Aviltaria o triunfo
Da mais guerreira das tribos
Derramar seu ignóbil sangue:
Ele chorou de cobarde;
Nós outros, fortes Timbiras,
Só de heróis fazemos pasto.

– Do velho Tupi guerreiro
A surda voz na garganta
Faz ouvir uns sons confusos,
Como os rugidos de um tigre,
Que pouco a pouco se assanha!

VIII

"Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste?
Não descende o cobarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!
Possas tu, descendente maldito
De uma tribo de nobres guerreiros,
Implorando cruéis forasteiros,
Seres presa de via Aimorés.

"Possas tu, isolado na terra,

Sem arrimo e sem pátria vagando,
Rejeitado da morte na guerra,
Rejeitado dos homens na paz,
Ser das gentes o espectro execrado;
Não encontres amor nas mulheres,
Teus amigos, se amigos tiveres,
Tenham alma inconstante e falaz!

"Não encontres doçura no dia,
Nem as cores da aurora te ameiguem,
E entre as larvas da noite sombria
Nunca possas descanso gozar:
Não encontres um tronco, uma pedra,
Posta ao sol, posta às chuvas e aos ventos,
Padecendo os maiores tormentos,
Onde possas a frente pousar.

"Que a teus passos a relva se torre;
Murchem prados, a flor desfaleça,
E o regato que límpido corre,
Mais te acenda o vesano furor;
Suas águas depressa se tornem,
Ao contacto dos lábios sedentos,
Lago impuro de vermes nojentos,
Donde fujas com asco e terror!

"Sempre o céu, como um teto incendiado,
Creste e punja teus membros malditos
E oceano de pó denegrido
Seja a terra ao ignavo tupi!
Miserável, faminto, sedento,
Manitôs lhe não falem nos sonhos,
E do horror os espectros medonhos
Traga sempre o cobarde após si.

"Um amigo não tenhas piedoso
Que o teu corpo na terra embalsame,
Pondo em vaso d'argila cuidadoso
Arco e frecha e tacape a teus pés!
Sê maldito, e sozinho na terra;
Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, cobarde, meu filho não és."

IX

Isto dizendo, o miserando velho
A quem Tupã tamanha dor, tal fado
Já nos confins da vida reservada,
Vai com trêmulo pé, com as mãos já frias
Da sua noite escura as densas trevas
Palpando. – Alarma! alarma! – O velho pára!
O grito que escutou é voz do filho,
Voz de guerra que ouviu já tantas vezes
Noutra quadra melhor. – Alarma! alarma!
– Esse momento só vale a pagar-lhe
Os tão compridos trances, as angústias,

Que o frio coração lhe atormentaram

De guerreiro e de pai: – vale, e de sobra.
Ele que em tanta dor se contivera,
Tomado pelo súbito contraste,
Desfaz-se agora em pranto copioso,
Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
Gritos, imprecções profundas soam,
Emaranhada a multidão braveja,
Revolve-se, enovela-se confusa,
E mais revolta em mor furor se acende.
E os sons dos golpes que incessantes fervem,
Vozes, gemidos, estertor de morte
Vão longe pelas ermas serranias
Da humana tempestade propagando
Quantas vagas de povo enfurecido
Contra um rochedo vivo se quebravam.

Era ele, o Tupi; nem fora justo
Que a fama dos Tupis – o nome, a glória,
Aturado labor de tantos anos,
Derradeiro brasão da raça extinta,
De um jacto e por um só se aniquilasse.

– Basta! Clama o chefe dos Timbiras,
– Basta, guerreiro ilustre! Assaz lutaste,
E para o sacrifício é mister forças. –

O guerreiro parou, caiu nos braços
Do velho pai, que o cinge contra o peito,
Com lágrimas de júbilo bradando:
"Este, sim, que é meu filho muito amado!

"E pois que o acho enfim, qual sempre o tive,
"Corram livres as lágrimas que choro,
"Estas lágrimas, sim, que não desonram." <

X

Um velho Timbira, coberto de glória,
Guardou a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi!
E à noite, nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Dizia prudente: – "Meninos, eu vi!

"Eu vi o brioso no largo terreiro
Cantar prisioneiro
Seu canto de morte, que nunca esqueci:
Valente, como era, chorou sem ter pejo;
Parece que o vejo,
Que o tenho nest' hora diante de mi.

"Eu disse comigo: Que infâmia d'escravo!
Pois não, era um bravo;
Valente e brioso, como ele, não vi!

E à fé que vos digo: parece-me encanto
Que quem chorou tanto,
Tivesse a coragem que tinha o Tupi!"

Assim o Timbira, coberto de glória,
Guardava a memória
Do moço guerreiro, do velho Tupi.
E à noite nas tabas, se alguém duvidava
Do que ele contava,
Tornava prudente: "Meninos, eu vi!".

:: Álvares de Azevedo (1831-1852)

Manuel Antônio Álvares de Azevedo nasceu na cidade de São Paulo em 12 de outubro de 1831. Ainda criança transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro, onde fez o curso primário. Em 1848, retornou a São Paulo e matriculou-se no curso de Direito.

Nessa cidade não se sabe ao certo como foi sua vida. Alguns dizem que viveu uma intensa e tumultuada vida boêmia, já outros falam que sua vida foi calma e serena. O que sabemos ao certo é que durante esse período sua produção poética foi muito intensa.

A partir de 1851 o poeta passa a ter fixação pela idéia da morte. Isso fica claro nas cartas destinadas à mãe e à irmã.

Em 1852, quando tinha apenas 21 anos, Álvares de Azevedo morreu vítima de tuberculose, deixando uma obra relativamente extensa, para quem viveu tão pouco.



Álvares de Azevedo, representante brasileiro mais legítimo do mal-do-século, foi fortemente influenciado por Lord Byron e Musset. Sua poesia é marcada pelo subjetivismo, melancolia e um forte sarcasmo. Os temas mais comuns são o desejo de amor e a busca pela morte. O amor é sempre idealizado, povoado por virgens misteriosas, que nunca se transformam em realidade, causando assim a dor e a frustração que são acalmadas pela presença da mãe e da irmã.

Já a busca pela morte tem o significado de fuga, o eu-lírico sente-se impotente frente ao mundo que lhe é apresentado e vê na morte a única maneira de libertação.

De sua obra, toda ela publicada postumamente, destacam-se os contos do livro "**Noite na Taverna**" (1855), a peça de teatro "**Macário**" (1855) e o livro de poesias "**Lira dos Vinte Anos**" (1853).

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Confira alguns poemas de Álvares de Azevedo:

Se Eu Morresse Amanhã!

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria

Se eu morresse amanhã!
Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!
Que sol! que céu azul! que dove n'alva
Acorda a natureza mais loucã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!
Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o dolorido afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

Por que mentias?

Por que mentias leviana e bela?
Se minha face pálida sentias
Queimada pela febre, e minha vida
Tu vias desmaiar, por que mentias?
Acordei da ilusão, a sós morrendo
Sinto na mocidade as agonias.
Por tua causa desespero e morro...
Leviana sem dó, por que mentias?
Sabe Deus se te amei! Sabem as noites
Essa dor que alentei, que tu nutrias!
Sabe esse pobre coração que treme
Que a esperança perdeu por que mentias!
Vê minha palidez- a febre lenta
Esse fogo das pálpebras sombrias...
Pousa a mão no meu peito!
Eu morro! Eu morro!
Leviana sem dó, por que mentias?

A Lagartixa

A lagartixa ao sol ardente vive,
E fazendo verão o corpo espicha:
O clarão dos teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sol a lagartixa.
Amo-te como o vinho e como o sono,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu néctar de amor jamais se esgota,
Travesseiro não há como teu peito.
Posso agora viver: para coroas
Não preciso no prado colher flores;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores.
Vale todo um harém a minha bela,
Em fazer-me ditoso ela capricha;
Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

Amor

Amemos! Quero de amor
Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão!
Na tu'alma, em teus encantos
E na tua palidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus lábio beber
Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!
Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela,
Minha'alma, meu coração!
Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!

Lembrança de Morrer

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,
Que o espírito enlaça à dor vivente,
Não derramem por mim nenhuma lágrima
Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
A flor do vale que adormece ao vento:
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto, o poento caminheiro,
– Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade – é desses tempos
Que amorosa ilusão embelecia.

Só levo uma saudade – é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus únicos amigos,
Pouco - bem poucos – e que não zombavam
Quando, em noites de febre endoudecido,
Minhas pálidas crenças duvidavam.

Se uma lágrima as pálpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda,
É pela virgem que sonhei... que nunca
Aos lábios me encostou a face linda!

Só tu à mocidade sonhadora
Do pálido poeta deste flores...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e nua,
Verei cristalizar-se o sonho amigo...

Ó minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céu, eu vou amar contigo!

Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela:
Foi poeta - sonhou - e amou na vida.

Sombras do vale, noites da montanha
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando à meia-noite o céu repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua pratear-me a lousa!

:: Casimiro de Abreu (1839 -1860)



Casimiro José Marques de Abreu nasceu e morreu em Barra de São João, no Estado do Rio de Janeiro. Filho de um imigrante português enriquecido às custas do comércio, Casimiro estudou em Nova Friburgo e depois foi para Lisboa, contra a própria vontade, estudar comércio. Em Lisboa entrou em contato com o meio intelectual, mas logo adoeceu e retornou ao Brasil, onde iniciou sua produção literária.

Escreveu para alguns jornais e graças a essa tarefa conheceu Machado de Assis. Em 18 de outubro de 1860, quando tinha apenas 21 anos, faleceu vítima de tuberculose. A poesia de Casimiro de Abreu é marcada por dois traços fundamentais: o pessimismo decorrente do mal-do-século e o saudosismo nacionalista, que se revela na melancolia produzida pela saudade da terra natal e da infância.

Graças a um lirismo já gasto, às rimas repetitivas e a uma linguagem simples, Casimiro de Abreu transformou-se em um dos poetas mais populares do Romantismo brasileiro. De toda a sua produção poética, que está reunida na obra "As Primaveras" (1859), destaca-se o poema "Meus oito anos".

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Confira alguns poemas de Casimiro de Abreu:

Canção do Exílio

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!
Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
Do que a pátria não tem;
E este mundo não vale um só dos beijos
Tão doces duma mãe!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem cor-de-rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir à sombra dos coqueiros,
As folhas por dossel;
E ver se apanho a borboleta branca,
Que voa no vergel!

Quero sentar-me à beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sozinho cismando no crepúsculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
Dum clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras,
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranqüilo
À sombra do meu lar!
As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulcro os meus amores
Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Meus oito anos

Oh ! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
- Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é - lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquela doce alegria,
Naquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

h ! dias da minha infância!
Oh ! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberta o peito,
- Pés descalços, braços nus -
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,

Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

.....

Oh ! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais! .

A Valsa

Tu, ontem,
Na dança
Que cansa,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim;
Na valsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugas,
Ardente,
Contente,
Tranqüila,

Serena,

Sem pena

De mim!

Quem dera

Que sintas

As dores

De amores

Que louco

Senti!

Quem dera

Que sintas!...

– Não negues,

Não mintas...

– Eu vi!...

Valsavas:

– Teus belos

Cabelos,

Já soltos,

Revoltos,

Saltavam,

Voavam,

Brincavam

No colo

Que é meu;

E os olhos

Escuros

Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias,
P'ra outro
Não eu!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
– Não negues,
Não mintas...
– Eu vi!...

Meu Deus!
Eras bela
Donzela,
Valsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual silfo

Risonho

Que em sonho

Nos vem!

Mas esse

Sorriso

Tão liso

Que tinhas

Nos lábios

De rosa,

Formosa,

Tu davas,

Mandavas

A quem ?!

Quem dera

Que sintas

As dores

De arnores

Que louco

Senti!

Quem dera

Que sintas!...

– Não negues,

Não mintas,..

– Eu vi!...

Calado,

Sózinho,

Mesquinho,

Em zelos

Ardendo,

Eu vi-te

Correndo

Tão falsa

Na valsa

Veloz!

Eu triste

Vi tudo!

Mas mudo

Não tive

Nas galas

Das salas,

Nem falas,

Nem cantos,

Nem prantos,

Nem voz!

Quem dera

Que sintas

As dores

De amores

Que louco

Senti!

Quem dera

Que sintas!...

– Não negues

Não mintas...

– Eu vi!

Na valsa

Cansaste;

Ficaste

Prostrada,

Turbada!

Pensavas,

Cismavas,

E estavas

Tão pálida

Então;

Qual pálida

Rosa

Mimosa

No vale

Do vento

Cruento

Batida,

Caída

Sem vida.

No chão!

Quem dera

Que sintas

As dores

De amores

Que louco

Senti!

Quem dera

Que sintas!...

— Não negues,

Não mintas...

Eu vi!

Amor e Medo

Quando eu te vejo e me desvio cauto

Da luz de fogo que te cerca, ó bela,

Contigo dizes, suspirando amores:

— "Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!"

Como te enganas! meu amor, é chama

Que se alimenta no voraz segredo,

E se te fujo é que te adoro louco...

És bela — eu moço; tens amor, eu — medo...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,

Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes.

Das folhas secas, do chorar das fontes,

Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores

A luz da aurora me entenece os seios,

E ao vento fresco do cair cias tardes,

Eu me estremece de cruéis receios.

É que esse vento que na várzea — ao longe,

Do colmo o fumo caprichoso ondeia,

Soprando um dia tornaria incêndio

A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,

Cedendo ao raio que a tormenta envia:

Diz: — que seria da plantinha humilde,

Que à sombra dela tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco

Torrara a planta qual queimara o galho

E a pobre nunca reviver pudera.

Chovesse embora paternal orvalho!

Ai! se te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabelos nas espáduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Madalena pura,
Sobre o veludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volúpia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginais do pejo,
Trêmula a fala, a protestar baixinho...
Vermelha a boca, soluçando um beijo!...

Diz: — que seria da pureza de anjo,
Das vestes alvas, do candor das asas?
Tu te queimaras, a pisar descalça,
Criança louca — sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
Ébrio e sedento na fugaz vertigem,
Vil, machucara com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a inocência que teu lábio encerra,
E tu serias no lascivo abraço,
Anjo enlodado nos pauis da terra.

Depois... desperta no febril delírio,
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntaras: que é da minha coroa?...
Eu te diria: desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês: traí-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito!
És bela — eu moço; tens amor, eu — medo!...

:: Junqueira Freire (1832 - 1855)

O monge beneditino, sacerdote e poeta Luís José Luís José Junqueira Freire nasceu e morreu em Salvador. Por motivos familiares, ingressou na Ordem dos Beneditinos em 1851 e permaneceu enclausurado até 1854, quando lhe foi concedida a secularização, que lhe permitiria libertar-se da disciplina imposta pela igreja, embora continuasse a ser sacerdote, devido aos votos perpétuos.

Nesse período, apesar de viver atormentado pela falta de vocação e com uma sexualidade latente e reprimida, encontrou tempo para fazer suas leituras prediletas, escrever poesias e exercer atividade de professor. Seus poemas mostram um jovem angustiado, incapaz de seguir a vida religiosa e que vê na morte a única forma de libertação. A sua obra mais importante foi "Inspirações do Claustro" (1855).

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Confira alguns poemas de Junqueira Freire

Soneto

Arda de raiva contra mim a intriga,
Morra de dor a inveja insaciável;
Destile seu veneno detestável
A vil calúnia, pérfida inimiga.

Una-se todo, em traiçoeira liga,
Contra mim só, o mundo miserável.
Alimente por mim ódio entranhável
O coração da terra que me abriga.

Sei rir-me da vaidade dos humanos;
Sei desprezar um nome não preciso;
Sei insultar uns cálculos insanos.

Durmo feliz sobre o suave riso
De uns lábios de mulher gentis, ufanos;
E o mais que os homens são, desprezo e piso.

Temor

Ao gozo, ao gozo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te oferece a cova.
Pisemos devagar. Olhe que a terra Não sinta o nosso peso.

Deitemo-nos aqui. Abre-me os braços.
Escondamo-nos um no seio do outro.
Não há de assim nos avistar a morte,
Ou morreremos juntos.

Não fales muito. Uma palavra basta
Murmurada, em segredo, ao pé do ouvido.
Nada, nada de voz, - nem um suspiro,
Nem um arfar mais forte.

Fala-me só com o revolver dos olhos.
Tenho-me afeito à inteligência deles.
Deixa-me os lábios teus, rubros de encanto.
Somente pra os meus beijos.

Ao gozo, ao gozo, amiga. O chão que pisas
A cada instante te oferece a cova.
Pisemos devagar. Olha que a terra
Não sinta o nosso peso.

Martírio

Beijar-te a fronte linda
Beijar-te o aspecto altivo
Beijar-te a tez morena
Beijar-te o rir lascivo

Beijar o ar que aspiras
Beijar o pó que pisas
Beijar a voz que soltas
Beijar a luz que visas

Sentir teus modos frios,
Sentir tua apatia,
Sentir até répúdio,
Sentir essa ironia,

Sentir que me resguardas,
Sentir que me arreceias,
Sentir que me repugnas,
Sentir que até me odeias,

Eis a descrença e a crença,
Eis o absinto e a flor,
Eis o amor e o ódio,
Eis o prazer e a dor!

Eis o estertor de morte,
Eis o martírio eterno,
Eis o ranger dos dentes,
Eis o penar do inferno!

:: Castro Alves (1847 - 1871)



Antônio Frederico de Castro Alves nasceu em 14 de março de 1847 em Curalinho, na Bahia. Em 1862 foi para o Recife com o intuito de estudar Direito. Lá, além de iniciar o seu romance com a atriz portuguesa Eugênia Câmara, percebe também os primeiros sintomas da tuberculose.

Em 1864, após ser reprovado nos primeiros exames necessários para a admissão na faculdade, ingressa na Faculdade de Direito, porém dedica-se mais à poesia do que aos estudos. Nesse período conhece Tobias Barreto, a quem tanto admirava e cujas idéias liberais passou a seguir.

Em 1867 abandona definitivamente o Recife e vai para Salvador, onde é encenada a peça "Gonzaga" ou "Revolução de Minas" de sua autoria.

Em 1868 vai para São Paulo acompanhado de Eugênia Câmara e do amigo Rui Barbosa, com quem fundou uma sociedade abolicionista, e matricula-se no terceiro ano da Faculdade de Direito do largo São Francisco, onde declama pela primeira vez o poema "**Navio Negroiro**". Ainda nesse ano é abandonado por Eugênia e, durante uma caçada, fere acidentalmente o pé com uma arma de fogo. Esse acidente provocou a amputação de seu pé e, logo em seguida, sua tuberculose agrava-se e o poeta vai para a Bahia, onde falece em 6 de julho de 1871.

A obra de Castro Alves, o poeta dos **escravos**, foi fortemente influenciada pela literatura político-social de Vitor Hugo. O poeta cultivou o egocentrismo, porém, diferentemente dos românticos tradicionais, interessou-se também pelo mundo que o cercava e defendeu a república, a liberdade e a igualdade de classes sociais. Castro Alves, segundo Jorge Amado, teve muitos amores, porém, o maior de todos eles foi a Liberdade.

Se por um lado a temática social adotada por Castro Alves já o aproximam do Realismo, por outro a sua linguagem, repleta de figuras de estilo (metáforas, comparações, personificações, invocações, hipérboles, típicas do condoreirismo), o enquadra perfeitamente no movimento Romântico. Além disso, o poeta não deixou de lado a poesia de caráter lírico-amoroso, cultivada por todos os escritores de sua época. Mas, diferentemente de seus contemporâneos, raramente idealiza a figura feminina; ele nos apresenta uma mulher mais concreta, mais próxima de um ser de "carne e osso", mais sensual.

A obra de Castro Alves é composta por:

- Espumas Flutuantes (1870);
- Gonzaga ou a Revolução de Minas (1875);
- A Cachoeira de Paulo Afonso (1876);
- Vozes d'África e Navio Negroiro (1880);
- Os Escravos (1883).



Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)

- [A Literatura](#)

- [Cronologia](#)

- **Brasil**

- [Momento Histórico](#)

- [A Literatura](#)

- [Cronologia](#)

Confira alguns poemas de Castro Alves

Ode ao Dous de Julho

Era no Dous de Julho. A pugna imensa
Travara-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte pálido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
'Neste lençol tão largo, tão extenso,
'Como um pedaço roto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito:
'Qual dos gigantes morto rolará?!...

Debruçados do céu... a noite em os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha - o fuzil avermelhado!
Era o circo de Roma - o vasto chão!
Por palmas - o roar da artilharia!
Por feras - os canhões negros rugiam!
Por atletas - dous povos se batiam!
Enorme anfiteatro - era a amplidão!

Não! Não eram dous povos, que abalavam
Naquele instante o solo ensangüentado...
Era o porvir - em frente do passado,
A liberdade - em frente à escravidão,
Era a luta das águias - e do abutre,
A revolta do pulso - contra os ferros,
O pugilato da razão - contra os erros,
O duelo da treva - e do clarão!...

No entanto a luta recrescia indômita...
As bandeiras - como águias eriçadas -
Se abismavam com as as asas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha,
O arcanjo do triunfo vacilava...
E a glória desgrenhada acalentava
O cadáver sangrento dos heróis!...

.....
.....

Mas quando a branca estrela matutina
Surgiu do espaço... e as brisas forasteiras
No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hinos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu - Liberdade peregrina!

Esposa do porvir - noiva do sol!...

Eras tu que, com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sangravas a colúmbia terra,
Sangravas livre a nova geração!
Tu que erguias, subida na pirâmide,
Formada pelos mortos de cabrito,
Um pedaço de gládio - no infinito...
Um trapo de bandeira - n'amplidão!...

Adormecida

Ses longs cheveux épars la couvrent tout entière
La croix de son collier repose dans sa main,-
Comme pour témoigner qu'elle a fait sa prière.
Et qu'elle va la faire en s'éveillant demain.
A. DE MUSSET

UMA NOITE, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.

'Stava aberta a janela. Um cheiro agreste
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, num pedaço do horizonte,
Via-se a noite plácida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscilando ao tom das auras,
Iam na face trêmulos - beijá-la.

Era um quadro celeste!...A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ela serenava... a flor beijava-a...
Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-ia que naquele doce instante
Brincavam duas cândidas crianças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
P'ra não zangá-la... sacudia alegre
Uma chuva de pétalas no seio...

Eu, fitando esta cena, repetia
Naquela noite lânguida e sentida:
'Ó flor! - tu és a virgem das campinas!
'Virgem! - tu és a flor da minha vida!...'

Vozes d'Àfrica

Deus! ò Deus! onde estàs que não respondes?

Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos cèus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estàs, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia
— Infinito: galé! ...
Por abutre — me deste o sol candente,
E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno
Sob a vergasta tomba ressupino
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do simoun dardeja
O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
Dos harêns do Sultão.
Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...
Ganges amoroso beija a praia
Coberta de corais ...
A brisa de Misora o céu inflama;
E ela dorme nos templos do Deus Brama,
— Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa! ...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortesã.
Artista — corta o mármore de Carrara;
Poetisa — tange os hinos de Ferrara,
No glorioso afã! ...

Sempre a lãurea lhe cabe no litígio...
Ora uma c'roa, ora o barrete frígio
Enflora-lhe a cerviz.
Universo após ela — doudo amante
Segue cativo o passo delirante
Da grande meretriz.

.....

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!
Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra de floresta...

Para cobrir-me nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo ás Pirâmides do Egito
Embalde aos quatro céus chorando grito:
'Abrija-me, Senhor!...'

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal que volve
O siroco feroz...
Quando eu passo no Saara amortalhada...
Ai! dizem: 'Lá vai África embuçada
No seu branco albornoz. . . '

Nem vêem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o cardo apenas medra
Boceja a Esfinge colossal de pedra
Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim ...
Onde branqueia a caravana errante,
E o camelo monòtono, arquejante
Que desce de Efraim

.....

Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!
É, pois, teu peito eterno, inexaurível
De vingança e rancor?...
E que é que fiz, Senhor? que torvo crime
Eu cometi jamais que assim me oprime
Teu gládio vingador?!

.....

Foi depois do dilúvio... um viadante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Arará...
E eu disse ao peregrino fulminado:
'Cão! ... serás meu esposo bem-amado...
— Serei tua Eloá. . . '

Desde este dia o vento da desgraça
Por meus cabelos ululando passa
O anátema cruel.
As tribos erram do areal nas vagas,
E o Nômada faminto corta as plagas
No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...
Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
Trilho de perdição.
Depois vi minha prole desgraçada
Pelas garras d'Europa — arrebatada —
Amestrado falcão! ...

Cristo! embalde morreste sobre um monte
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimária do universo,
Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre
Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão,
Ela juntou-se às mais... irmã traidora
Qual de Josè os vis irmãos outrora
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito...
escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

O Navio Negreiro

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

.....

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês — marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,

(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir.. .
O Francês — predestinado —
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu ...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu! ...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais ...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai riço o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.

Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . .

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus ...
... Adeus, ó choça do monte,
... Adeus, palmeiras da fonte!...
... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chacal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer. .
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,

Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

:: Tobias Barreto (1839-1889)

Além de filósofo, ensaísta, jurista, crítico, polemista, educador e político, Tobias Barreto de Meneses foi também um dos maiores nomes da poesia social brasileira. Quando estudante, participava de polêmicas célebres com Castro Alves. Aos 15 anos Tobias Barreto ensinava latim, aos 20, quando ia tornar-se padre foi expulso do seminário por boêmia e indisciplina. No Recife, onde morreu, foi catedrático da Faculdade de Direito. Seu único livro de versos publicado foi "Dias e Noites"

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Abaixo temos o poema "O Beija-flor" de Tobias Barreto

Era uma moça franzina,
Bela visão matutina
Daquelas que é raro ver,
Corpo esbelto, colo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.

Vede-a lá: tímida, esquiva...
Que boca! é a flor mais viva,
Que agora está no jardim;
Mordendo a polpa dos lábios
Como quem suga o ressábio
Dos beijos de um querubim!

Nem viu que as auras gemeram,
E os ramos estremeceram
Quando um pouco ali se ergueu...
Nos alvos dentes, viçosa,
Parte o talo de uma rosa,
Que docemente colheu.

E a fresca rosa orvalhada,
Que contrasta descorada,
Do seu rosto a nívea tez,

Beijando as mãozinhas suas,
Parece que diz: nós duas!...
E a brisa emenda: nós três!...

Vai nesse andar descuidoso,
Quando um beija-flor teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzela,
Peneira na face dela,
E quer-lhe os lábios também

Treme a virgem de surpresa,
Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flor da mão;
Nas asas d'ave mimosa
Quebra-se a flor melindrosa,
Que rola esparsa no chão.

Não sei o que a virgem fala,
Que abre o peito e mais trescala
Do trescalar de uma flor:
Voa em cima o passarinho...
Vai já tocando o biquinho
Nos beijos de rubra cor.

A moça, que se envergonha
De correr, meio risonha
Procura se desviar;
Neste empenho os seios ambos
Deixa ver; inconhos jambos
De algum celeste pomar! ...

Forte luta, luta incrível
Por um beijo! É impossível
Dizer tudo o que se deu.
Tanta coisa, que se esquece
Na vida! Mas me parece
Que o passarinho venceu! ...

Conheço a moça franzina
Que a fronte cândida inclina
Ao sopro de casto amor:
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ela conta sorrindo
A história do beija-flor.

::. Sousândrade (1833-1902)

Joaquim de Souza Andrade nasceu no Maranhão em 9 de junho de 1833 e passou a vida dividida entre o Brasil, a Europa e os Estados Unidos. A originalidade e o caráter inovador de sua poesia são as marcas principais de sua obra poética, que ficou esquecida durante décadas, sendo resgatada somente em 1950 por um grupo de críticos literários.



Essas características, aliadas a um lirismo reflexivo, influência dos poetas alemães, somadas ao fato de Sousândrade ter iniciado sua produção artística no período que corresponde à segunda geração Romântica, dificultam o enquadramento de sua obra dentro das gerações desse período.

No entanto, as suas preocupações sociais o aproximam da terceira geração e a maioria dos críticos classificam o poeta com pertencente a geração condoreira. Sua primeira obra foi "Harpas Selvagens" (1850), porém, foi com "Guesa Errante", que não chegou a ser terminada, que Sousândrade conseguiu o Reconhecimento da crítica.

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Confira Também Alguns Poemas de Sousândrade

Harpa XXXII

Dos rubros flancos do redondo oceano
 Com suas asas de luz prendendo a terra
 O sol eu vi nascer, jovem formoso
 Desordenando pelos ombros de ouro
 A perfumada luminosa coma,
 Nas faces de um calor que amor acende
 Sorriso de coral deixava errante.
 Em torno de mim não tragas os teus raios,
 Suspende, sol de fogo! tu, que outrora
 Em cândidas canções eu te saudava
 Nesta hora d'esperança, ergue-te e passa
 Sem ouvir minha lira. Quando infante
 Nos pés do laranjal adormecido,
 Orvalhado das flores que choviam

Cheirosas dentre o ramo e a bela fruta,
 Na terra de meus pais eu despertava,
 Minhas irmãs sorrindo, e o canto e aromas,
 E o sussurrar da rúbida mangueira
 Eram teus raios que primeiro vinham
 Roçar-me as cordas do alaúde brando
 Nos meus joelhos tímidos vagando.

O Guesa / Canto Terceiro

As balseiras na luz resplandeciam —
 oh! que formoso dia de verão!
 Dragão dos mares, — na asa lhe rugiam
 Vagas, no bojo indômito vulcão!
 Sombrio, no convés, o Guesa errante
 De um para outro lado passeava
 Mudo, inquieto, rápido, inconstante,
 E em desalinho o manto que trajava.
 A fronte mais que nunca aflita, branca
 E pálida, os cabelos em desordem,
 Qual o que sonhos alta noite espanca,
 "Acordem, olhos meus, dizia, acordem!"
 E de través, espavorido olhando
 Com olhos chamejantes da loucura,
 Propendia p'ra as bordas, se alegrando
 Ante a espuma que rindo-se murmura:
 Sorrindo, qual quem da onda cristalina
 Presentia surgirem louras filhas;
 Fitando olhos no sol, que já s'inclina,
 E rindo, rindo ao perpassar das ilhas.
 — Está ele assombrado?... Porém, certo
 Dentro lhe idéia vária tumultua:
 Fala de aparições que há no deserto,
 Sobre as lagoas ao clarão da lua.

Imagens do ar, suaves, flutuantes,
 Ou deliradas, do alcantil sonoro,
 Cria nossa alma; imagens arrogantes,
 Ou qual aquela, que há de riso e choro:
 Uma imagem fatal (para o ocidente,
 Para os campos formosos d'áureas gemas,
 O sol, cingida a frente de diademas,
 índio e belo atravessa lentamente):
 Estrela de carvão, astro apagado
 Prende-se mal seguro, vivo e cego,
 Na abóbada dos céus, — negro morcego
 Estende as asas no ar equilibrado.

Elogio do Alexandrino

Asclepiádeo verso: à evolução do poema
 Das sextas, cadenciar d'altas antigüidades,
 já porque bipartido em fúlgidas metades
 Reata em conjunção opostos de um dilema,
 E já por ser de gala a forma do matiz
 Heleno na escultura e lácio na linguagem
 Reacesda, de Alexandre, em fogos de Paris:
 Paris o tom da moda, o bom gosto, a roupagem;

Que desperta aos tocsins, galo às estrelas d'alva,
Que faz revoluções de Filadélfia às salvas
E o verso-luz, *fardeur* das formas, de grandeza,
o verso-formosura, adornos, lauta mesa
Ond' tokay, champanh', flor, copos cristal-diamantes
Sobrelevam *roast-beef* e os queijos e o *pudding*.
Porém, *mens divinior*, poesia é o férreo guante:
Ao das delícias tempo, o fácil verso ovante,
o verso cor de rosa, o de oiro, o de carmim,
Dos raios que o astro veste em dia azul-celeste;
E para os que têm fome e sede de justiça,
O verso condor, chama, alárum, de carniça,
D'harpas d'Ésquilus, de Hugo, a dor, a tempestade:
Que, embora contra um deus "Figaro" impiedade
Vesgo olhinho a piscar diga *tambour-major*,
Restruge alto acordando os cândidos espíritos
Às glórias do oceano e percutindo os gritos
Réus. Ao belo trovoar do magno Trovador
Ouve-se afinação no mundo brasileiro,
Acorde tão formoso, hodierno, hospitaleiro,
Flamívomo social, encantador. Fulgura
Luz de dia primeiro, a nota formosura,
Que ao jeová-grande-abrir faz novo Éden luzir.

:: Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882)

Joaquim Manuel de Macedo nasceu no RJ e formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, mas nunca chegou a exercer a profissão.

Em 1844 publicou "A Moreninha", seu primeiro romance. Sua carreira seguiu um caminho totalmente diferente ao de sua profissão.



Além de escritor foi fundador da Revista "Guanabara", secretário, orador do Instituto Histórico, político, professor e preceptor dos filhos da princesa Isabel.

Macedo, que faleceu no Rio de Janeiro em 11 de abril de 1882, foi o escritor mais lido durante o final da década de 40 e início da de 50.

Isso se deu devido ao esquema usado por ele na composição dos romances. Ele atendia à expectativa do leitor burguês pois descrevia em uma linguagem simples, os costumes da sociedade carioca. Eram tramas fáceis, pequenas intrigas de amor, que sempre tinham finais felizes.

Os seus personagens eram o estud

ante conquistador, a moça apaixonada e namorada, o galã irresistível e outros tipos com quem o público leitor pudesse se identificar. Além de "A Moreninha" Macedo escreveu ainda outros 17 romances, 16 peças de teatro e um livro de contos. Entre essas obras destacam-se:

- O Moço Loiro (1845);
- Os Dois Amores (1848).

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

::: Manuel Antônio de Almeida (1831-1861)

Filho de pais humildes, Manuel Antônio de Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 1831. Formou-se em Medicina, porém não exerceu a profissão porque era jornalista por excelência. Entre 1852 e 1853 publicou, em folhetins, a obra "Memórias de um Sargento de Milícias". Em 1857 foi nomeado diretor da Tipografia Nacional. Nessa função, ficou conhecido por ter dado emprego a um jovem pobre e mestiço chamado Machado de Assis. Em 1861 morreu tragicamente no naufrágio do navio Hermes, enquanto fazia campanha para eleger-se deputado federal.

Manuel Antônio de Almeida é considerado um homem de transição entre o Romantismo e o Realismo. Isso se dá porque sua obra, apesar de apresentar convenções do Romantismo, já traz algumas características do movimento que estava por vir, como, por exemplo, os personagens não idealizados, ou seja, mais próximos do real, e linguagem mais simples e popular, se comparada, à outros escritores do mesmo período.

Manuel Antônio de Almeida foi autor de apenas uma obra: **Memórias de um Sargento de Milícias**.

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

:: José de Alencar (1829 - 1877)

José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejana, no Ceará, em 1 de maio de 1829 e faleceu no Rio de Janeiro (vítima de tuberculose contraída na mocidade) em 12 de dezembro de 1877.

O escritor formou-se em Direito e teve uma brilhante carreira de advogado, jornalista, deputado, ministro da justiça, orador, dramaturgo e, sobretudo, romancista.

Embora não tenha sido propriamente o criador do romance romântico, título que cabe a Joaquim Manuel de Macedo, Alencar é considerado o maior romancista de nossa literatura e um dos nossos melhores escritores de todos os tempos.



Tinha um estilo poético lírico, livre, muito pessoal. Seus romances trazem os aspectos históricos da formação do nosso povo, da nossa gente. Através de sua linguagem, os costumes, o meio ambiente e a paisagem são valorizados e o ser humano aparece integrado a eles.

Seus romances podem ser catalogados e divididos em quatro grupos principais:

Romances Urbanos

Focalizam o meio social carioca da época (o Segundo Reinado). Criticam com rigor a idolatria ao dinheiro, os costumes burgueses, os conflitos sociais que se refletem no relacionamento homem-mulher.

Obras: Cinco minutos (1856); A Viuvinha (1857); Lucíola (1862); Diva (1864); Sonhos Dóuro (1872); Senhora (1875); Encarnação (1877).

Romances Regionalistas Exaltavam os valores locais e americanos

Obras: O Gaúcho (1870); O Tronco do Ipê (1871); Til (1872); O Sertanejo (1875)

Romances Históricos

Reconstituem nosso passado histórico, aspectos coloniais e o sentimento nativista.

Obras: As Minas de Prata 1º Vol. (1865); 2º Vol. (1866); A Guerra dos Mascates 1º Vol. (1871); 2º Vol. (1873).

Romances Indianistas

Focalizam os primeiros donos do Brasil e seu contato com a civilização portuguesa.

Obras: O Guarani (1857); Iracema (1865); Ubirajara (1874).

Nota: Deve-se levar em consideração que O Guarani e Iracema, além de romances indianistas, são considerados também, por alguns estudiosos, romances de linha histórica.

Além de romances, Alencar escreveu outras obras:

Teatro: O Demônio Familiar (1858); Mãe (1859); O Jesuíta (1907)

Poesia: Os Filhos de Tupã (1910)

Crônica: Ao Correr da Pena (1874)

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)

- **Portugal**

- [Momento Histórico](#)
 - [A Literatura](#)
 - [Cronologia](#)
-
- **Brasil**
 - [Momento Histórico](#)
 - [A Literatura](#)
 - [Cronologia](#)

::Luís Carlos Martins Pena (1815 - 1848)



Martins Pena nasceu no dia 5 novembro de 1815 no Rio de Janeiro. Filho de João Martins Pena e Francisca de Paula Julieta Pena, ficou órfão de pai quando tinha apenas um ano de idade e de mãe aos dez. Dai por diante foi criado por tutores que o incentivaram a aprender as artes do comércio.

Após completar o curso de Comércio em 1835, passou a estudar, dentre outras coisas, pintura, música, literatura e teatro. Dedicou-se também ao estudo de outras línguas, tendo grande facilidade em dominá-las. Essa aptidão facilitou o seu ingresso na carreira diplomática, chegando a ser adido(1) de Primeira classe na legação de Londres.

Tuberculoso, deixou o frio Londres e tentou retornar ao Brasil. No entanto, não completou a viagem, vindo a falecer em 7 de dezembro de 1848 em Lisboa.

Martins pena é considerado o fundador da **comédia de costumes** no teatro brasileiro. É considerado ainda **um dos principais precursores do Romantismo** no Brasil e um dos primeiros autores a **retratar o processo de urbanização no século XIX**.

Grande parte da obra composta por Martins foi teatro. Em suas aproximadas 30 peças, divididas em comédias e farsas, percebe-se que Martins Pena usa com precisão a **linguagem coloquial**. Outras características importante são o seu extraordinário estilo cômico e a **sátira**, usada para censurar, entre outras coisas, a hipocrisia da Igreja e os abusos políticos. Vale lembrar que graças a esse estilo conseguiu grande popularidade não só no período em que viveu, mas também nos dias atuais, pois sua obras são representadas com êxito nos dias atuais.

O mundo dos seus personagens englobam, sobretudo, o povo simples da roça e a gente comum das cidades. Em sua verdadeira galeria de personagens destacam-se os seguintes "tipos": juizes, profissionais da época, malandros, estrangeiros, falsos cultos etc. O tema das peças gira em torno de casamentos, heranças, dívidas, festas da cidade e da roça, pequenas intrigas domésticas etc. Esses temas, por serem cotidianos, agradaram em demasia o público.

Dentre suas obras as que mais se destacam são as seguintes:

- O Juiz de paz na roça;
- Os Irmãos das Almas;
- O Judas em sábado de Aleluia;
- Os Dois ou O Inglês maquinista;
- Os Namorados ou a Noite de S. João;
- Os Três Médicos;
- O Cigano;
- O Noviço;
- As Casadas Solteiras;
- Quem casa, quer casa;
- O Segredo d'Estado;
- D. Leonor Telles
- etc.

Martins Pena é o patrono da Cadeira n. 29 da Academia Brasileira de Letras, por escolha do fundador Artur Azevedo.

1 - (Pessoa não pertencente aos quadros diplomáticos designada para servir junto a uma embaixada como representante de interesses específicos) Dicionário Aurélio

Veja Também:

Romantismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [França](#)
- [Alemanha](#)
- [Inglaterra](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)



Um enterro em Ornans - Gustave Courbet

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Antes de se iniciar qualquer estudo sobre o movimento Realista é necessário diferenciar "**realismo**", grafado com inicial minúscula, de "**Realismo**", com inicial maiúscula, bem como seus derivados. Vale lembrar que o artifício de grafar essas palavras dessa forma é apenas para melhor explicar os dois termos.

O termo "**realismo**", grafado com inicial minúscula, pode ser empregado toda vez que a arte/artista procura expressar o mundo de maneira objetiva, deixando a imaginação e o subjetivismo em segundo plano. Assim, pode-se falar em **realismo** sempre que uma obra procura reproduzir de forma objetiva a vida real, tendo como assunto o mundo contemporâneo do artista. Um exemplo desse realismo é a obra "Vidas Secas" de Graciliano Ramos, que, apesar de ser classificada, devido as suas características, como uma obra Modernista, procura retratar a dura realidade do sertanejo.

Já palavras "**Realismo**" e "**Realista**", grafadas com R maiúscula, definem o movimento literário, surgido em meados do século XIX, em oposição ao Romantismo e aos excessos do lirismo e da imaginação. O sentimento Romântico e suas visões fantasiosas da vida perderam espaço para o espírito prático Realista. Isso se deu devido ao progresso das cidades, a industrialização, o avanço da ciência e o surgimento de novas correntes filosóficas dentre as quais destacam-se: o Método dialético de Georg Wilhelm Friedrich Hegel; o Positivismo de Augusto Comte; o Darwinismo ou Evolucionismo de Charles Darwin; o Socialismo científico de Karl Marx e o Determinismo de Hyppolite Taine.

O termo Realismo é de origem francesa. Ele foi usado pela primeira vez em 1855 pelo pintor Gustave Coubert, que intitulou sua exposição de arte, realizada em Paris, como **Le Réalisme**. A arte de Coubert já demonstrava uma certa oposição à liberdade artística do Romantismo, pois tentava retratar os costumes de sua época. O primeiro romance que refletiu essa nova tendência foi **Madame Bovary** (1857) de [Gustave Flaubert](#), seguido por **Thérèse Raquin** (1867), de [Émile Zola](#).

Em linhas gerais pode-se dizer que as manifestações artísticas **realistas** sempre existiram e sempre existirão, mas quando se emprega o termo Realismo, faz-se referência ao estilo de época do século XIX.



Ao lado temos a pintura "Jo" de Gustave Coubert, que retrata uma mulher de acordo com os padrões Realistas, ou seja, com nitidez na imagem e precisão nos contornos. Esse tipo de pintura busca retratar o mundo de maneira real, sem idealizações.

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O Realismo é uma estética que tem uma **espécie de compromisso com o tempo presente** e, por isso, vê o mundo de forma objetiva e exata. As suas características refletem as tendências filosóficas da época, ou seja, as idéias positivistas, socialistas, deterministas e darwinistas estão sempre presentes, tanto na literatura quanto nas outras formas de arte.

O **objetivismo** surge como uma espécie de recusa ao subjetivismo e ao individualismo, característicos do período Romântico. Com isso, o personalismo é substituído por uma espécie de **não-eu**, revelando assim um **homem mais universal**, voltado para **as coisas que estão ao seu redor**. A emoção perde seu espaço para a **razão** e para o **materialismo** (doutrina que explica em termos evolutivos o problema da origem do mundo, dispensando assim a criação divina.).

Os Realistas procuram **retratar o homem a partir da observação do seu meio ambiente e dos seus costumes**, preocupando-se com o **momento presente e com o cotidiano**, desprezando o nacionalismo e o passado histórico. A **literatura** passa então a ser um **instrumento de denúncia social**, ou seja, contra tudo o que havia de ruim na sociedade. Por isso, é comum encontrar obras que satirizam: o clero, a monarquia, a burguesia e, em especial, a família burguesa. Devido a essa postura ideológica, pode-se dizer que os artistas desse período eram **antimonárquicos, antiburgueses e anticlericais**.



Pastor com seu rebanho - Jean Millet

Os personagens dos romances passam a ser muito parecidos com pessoas comuns e representam sempre uma classe social, ou seja, são personagens **típicos**: patrão, empregado, escravo, industrial etc. Dessa forma, é possível estabelecer relações críticas entre o texto e a sociedade da época. As **atitudes** e o **comportamento** desses personagens **são sempre explicadas de maneira objetiva, realista lógica ou científica**.

A objetividade pregada pelos Realistas requer uma **linguagem** de compreensão imediata, parecida com um texto informativo, ou seja, **simples, com períodos curtos e contruída sintaticamente na ordem direta**. Assim, as inversões e metáforas, muito utilizadas pelos Românticos, perdem o sentido e, conseqüentemente, o seu espaço.

Outra característica importante do Realismo é a explicação lógica e racional de todas as atitudes dos personagens e acontecimentos ocorridos. Isso quer dizer que tudo o que é fantasioso e sobrenatural, como por exemplo acasos e milagres, é rejeitado pelos Realistas. Vale lembrar que esses recursos eram muito usados pelos Românticos. Com exemplo pode-se citar o bora **Senhora**, de José de Alencar, quando Aurélia, a protagonista, enriquece, de maneira casual, ao receber uma herança vinda de um parente que ela sequer conhecia.

Para fins didáticos, o quadro abaixo esquematiza as principais diferenças entre o Realismo / Naturalismo e o Romantismo.

Romantismo	Realismo / Naturalismo
Volta ao passado	Análise crítica do tempo presente
Individualismo (eu-lírico)	Universalismo (não eu)
Emoção	Razão
Subjetividade	Objetividade
Linguagem metafórica	Linguagem direta
Fantasia	Fatos observáveis
Imaginação	Realidade

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

A aproximação dos termos Realismo e Naturalismo é muito comum nos livros de história da literatura. Em muitos casos eles são usados até como sinônimos. Isso ocorre porque existem muitos pontos em comum entre o romance Realista e o Naturalista. Como exemplo pode-se citar o ataque à burguesia ao clero e à monarquia.

As proximidades dessas estéticas são tantas, que, muitas vezes, é difícil classificar um autor e, até mesmo uma obra, como pertencente a essa e àquela corrente literária. Um bom exemplo é o escritor português Eça de Queiros, considerado por muitos críticos literários como sendo Realista e, por outros, como Naturalista.

Apesar de toda essa proximidade, é possível encontrar algumas diferenças entre a prosa Realista e a Naturalista. O **Naturalismo** é fortemente influenciado pela teoria evolucionista de Charles Darwin. Por isso, **vê o homem sempre pelo lado patológico**. Sob essa ótica o **Homem se comporta como um animal**, ou seja, não usa a razão, pois os **seus instintos naturais são mais fortes**. Ainda sob esse ponto de vista, **o comportamento humano nada mais é do que o reflexo do meio em que o homem vive** (Esse meio é composto por educação, pressão social, o próprio meio ambiente etc.). Esse homem, que ainda é subjugado(dominado moralmente, reprimido, amansado domesticado) pelo fator hereditariedade física, está preso a um destino que ele não consegue mudar. Um bom exemplo disso é o personagem "Pombinha", da obra "O Cortiço", de Aluísio de Azevedo. No início do romance ela era uma jovem cheia de virtudes e destinada ao casamento. No entanto, devido às influências do seu meio, cedeu ao homossexualismo e à prostituição.

O **Naturalismo** aprofunda a visão científica do Realismo, pois acredita no princípio de que somente as leis da ciência são válidas, renegando assim, qualquer tipo de visão espiritualista. Dessa forma, **acredita que o comportamento do homem pode ser explicado cientificamente**. Então, o escritor naturalista observa o seu personagem muito de perto, buscando conhecer as causas desse comportamento para chegar ao conhecimento objetivo dos fatos e das situações.



The Sleepers, or Sleep - Gustave Coubert

Esses temas são abordados sempre por meio de personagens que representam os grupos marginalizados da sociedade, como por exemplo em "O Mulato", "O Cortiço" de Aluísio Azevedo.

Face a tudo o que foi exposto pode-se dizer que **todo Naturalista é Realista, porém, nem todo Realista é Naturalista**. Pode-se dizer ainda que o Naturalismo é um prolongamento do Realismo, só que mais intenso.

A **temática** também é um dos pontos em que há **diferenças significativas entre o Naturalismo e o Realismo**. Os autores Naturalistas, sempre por meio de uma análise rigorosa do meio social e de aspectos patológicos, trazem para sua obra temas como a miséria, a criminalidade e os problemas relacionados ao sexo como o adultério e o homossexualismo, tanto feminino como masculino.

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

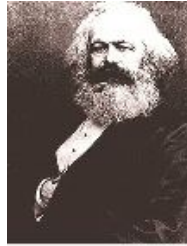
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O processo de industrialização, que já entrava em uma nova fase com a utilização da energia elétrica e do petróleo, aliado ao capitalismo crescente, favoreceram o surgimento de uma nova sociedade dividida em duas partes muito distintas. De um lado estava a **burguesia dominadora**, que controlava as empresas, visando sempre um lucro maior e pouco se importando com a situação do **proletariado**, que tinha pouca importância no processo econômico e era submetido a duríssimas condições de trabalho em troca de salários miseráveis. Essa divergência, aliada ao desenvolvimento da ciência, serviu de base para uma nova interpretação da realidade, sem idealizações Românticas, gerando novos movimentos filosóficos, científicos e político-sociais.

Dentre esses movimentos destacam-se:

o positivismo ou comtismo formulado por Augusto Comte defende o desenvolvimento de uma orientação positivista do pensamento filosófico, atribuindo à constituição e ao processo da ciência positiva importância fundamental para o progresso de qualquer parte do conhecimento. O positivismo estabelecia que o saber utilitário era superior ao saber metafísico ou teológico;



o socialismo científico ou socialismo marxista ou ainda socialismo revolucionário, de Karl Marx e Friedrich Engels, é baseado na doutrina do materialismo histórico. Esse movimento propõe a eliminação das classes sociais e a estatização dos meios de produção, implicando em uma distribuição mais justa e da renda de um país.

o evolucionismo, teoria formulada por Charles Darwin. Sistema de história natural cuja conclusão extrema é o parentesco fisiológico e a origem comum de todos os seres vivos, com a formação de novas espécies por um processo de seleção natural, ou seja, predomínio do mais forte sobre o mais fraco. Essa teoria nega, portanto, a posição defendida pelo Cristianismo, de que a origem da vida e de criação divina. A literatura desse período alegou que a seleção natural pregada por Darwin também ocorria com o homem que vive em sociedade;



o determinismo de Hypolite Taine. Segundo essa teoria o homem é um produto de leis físicas e sociais. Em linhas mais gerais pode-se dizer que o homem é visto como um produto biológico e o seu comportamento é determinado pelo meio ambiente, pela educação, pelas pressões sociais e pela hereditariedade.

Nessa fase da industrialização passou-se a utilizar a energia elétrica e o petróleo. Ainda nesse período o transporte coletivo passou a ser muito utilizado pelas classes trabalhadoras. A pintura "**Vagão de Terceira Classe**" de Daumier caracteriza muito bem essa época.



Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)
- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O Momento Histórico e as características do período Realista foram muito semelhantes em quase toda a Europa. Na França, país onde nasceu esse movimento, os principais autores foram [Gustave Flaubert](#), [Balzac](#) e [Emile Zola](#). Já na Inglaterra os destaques foram [William Thackeray](#) e [George Eliot](#). A grande surpresa desse período ficou por conta do Realismo Russo. Isso ocorreu porque até esse momento a Rússia não ocupava um lugar de destaque no cenário literário, porém, com o advento do Realismo essa situação foi totalmente invertida. Naquele período a Rússia vivia uma das piores crises econômicas de toda a sua história. O atraso econômico e cultural do país e as péssimas condições de vida dos camponeses e operários serviram de estímulo para que os autores Realistas Russos, muito influenciados pelo Realismo do resto da Europa, utilizassem a literatura como forma de crítica e instrumento de denúncia social. Os autores que mais se destacaram foram: [Fiódor Dostoievski](#) e [Leon Tolstoi](#).



À direita temos a pintura "The Walk to Work" (caminhando para o trabalho) de Jean Millet. À esquerda "The Scrapers" (Os Raspadores de Assoalho) de Caillebotte. Os dois quadros representam muito bem o cotidiano dos trabalhadores, rurais e urbanos, do período Realista.

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O Realismo em Portugal tem seu início marcado com a [Questão Coimbrã](#)(1865), liderada por [Antero de Quental](#), e estende-se até 1890, quando Eugênio de Castro publica a obra "Oaristos", dando início ao período Simbolista. Durante esses 25 anos de predomínio da estética Realista, Portugal foi governado por D. Luis I e, em seguida por D. Carlos I.

D. Luis I herdou a coroa em 1861 quando seu irmão D. Pedro V faleceu sem deixar descendentes. Durante o seu reinado e, em consequência da criação do imposto geral de consumo, que não agradou a opinião pública, aconteceu a rebelião "Janeirinha" (final de 1867). Em 1870 estourou uma revolta militar, que pretendia a demissão do governo. Em represália o Rei substituiu todo o ministério. Depois do conflito parlamentar ocorrido em 1878, os progressistas atacaram o rei, acusando-o de patrocinar os regeneradores. Este episódio constituiu um incentivo ao desenvolvimento do movimento republicano. No ano seguinte, D. Luís chamou os progressistas para formarem governo. Em 1889, com a morte de D. Luis, tem início o governo de D. Carlos. Nesse período país atravessava uma grave crise econômica. Os bancos e as empresas estavam falidos, o desemprego aumentava em grande escala e, por isso, as classes trabalhadoras eram submetidas a duríssimas condições de trabalho em troca de salários miseráveis. Tudo isso gerou um descontentamento geral, que foi refletido em uma série de protestos e greves. Para piorar ainda mais a situação, em janeiro de 1890 a Inglaterra deu um ultimato a Portugal, exigindo que fossem retirados os exércitos portugueses que se encontravam entre Angola e Moçambique, caso contrário a guerra seria declarada.

O desfecho desse momento conturbado vivido por Portugal se dá no ano 1891, já sob a influência da estética Simbolista. Para saber o que aconteceu consulte o Momento Histórico de Portugal desse movimento.



Music in the Tuileries - Edouard Manet

Por meio das obras dos autores Realistas portugueses é possível montar um verdadeiro documentário sobre os usos e costumes da burguesia desse país.

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O Realismo em Portugal tem como marco inicial ano de 1865 com a [Questão Coimbrã ou Bom Senso e Bom Gosto](#), liderada por [Antero de Quental](#), e termina oficialmente em 1890 quando [Eugênio de Castro publica o livro de poesias "Oaristos"](#), dando início à estética Simbolista. Ao contrário do que se possa imaginar o advento do Simbolismo não neutralizou por completo a escola Realista, que se manteve presente nos meios literários até, pelo menos, o ano de 1915.

Para se entender esse período da literatura portuguesa é necessário compreender o que foi a [Questão Coimbrã](#) e quais foram as suas conseqüências.

Os autores Realistas portugueses desenvolveram com maestria a poesia o romance e também o conto.

A **poesia** desse período é dividida, pela maioria dos críticos literários em três grupos:

- **poesia revolucionária ou "Realista"**- reflete os ideais revolucionários da geração de 70 (ver [Questão Coimbrã](#)) e é comprometida com uma causa social. Os principais representantes foram: Guerra Junqueiro, [Teófilo Braga](#) e [Antero de Quental](#).
- **poesia do cotidiano** - tratava de temas simples do dia-a-dia. Até então esses temas eram vistos com não poéticos. O principal representante foi [Cesário Verde](#).
- **poesia metafísica ou filosófica** - Representada por [Antero de Quental](#).

O professor Massaud Moisés, considerado por muitos como sendo a maior autoridade no assunto, ainda cita em sua obra "A literatura Portuguesa através de textos" um quarto tipo de poesia:

- **"a poesia de veleidades parnasianas"** - que, segundo ele "sem constituir tendência filiada ao Parnasianismo francês, realizava uma poesia entre formalista e lírica ou satírica". Os principais representantes são: João Penha, Antônio Feijó, Guilherme Azevedo etc.



Toillet - Frédéric Bazille

Já o romance e o conto foram, como a poesia, uma espécie de arma de denúncia social e ataque à burguesia, ao clero e à monarquia. Devido a observação aprofundada da sociedade, o romance registrou magnificamente a burguesia portuguesa da época.

Quanto ao **Naturalismo**, aconteceu mais no fim do século XIX. Os grandes representantes desse gêneros foram: [Eça de Queirós](#), Abel Botelho Teixeira de Queirós etc.

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Tábua Cronológica do período Realista / Naturalista em Portugal	
1865	- Publicação das "Odes Modernas" de Antero de Quental.
1867	- Publicação do Código Civil, abolição da pena de morte para os crimes civis; - Publicação de "As Pupilas do Sr. Reitor" de Júlio Dinis.
1868	- Revolta no Porto - Janeirinha.
1869	- Abolição da escravatura em todos os domínios portugueses.
1871	- Ciclo das Conferências Democráticas.
1872	- Primeiros movimentos grevistas portugueses; - Campanha militar em Angola.
1873	- Fundação do Centro Republicano Federal .
1875	- Publicação de "O crime do Padre Amaro" de Eça de Queirós .
1877	- Inauguração das primeiras comunicações telefônicas.
1878	- Primeiras experiências com iluminação elétrica; - Publicação de "O Primo Basílio" de Eça de Queirós .
1886	- Publicação de "Sonetos Completos" de Antero de Quental..
1887	- Publicação de "A Relíquia" de Eça de Queirós
1888	- Publicação de "Os Maias" de Eça de Queirós .
1889	- Morte de D. Luís I e início do reinado de D. Carlos.
1890	- Ultimato Inglês; - Publicação de "Oaristos" de Eugênio de Castro.

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

O Brasil do período Realista sofreu uma série de transformações políticas, sociais e econômicas. Algumas delas iniciaram-se ainda no período Romântico e tiveram o seu apogeu somente durante o Realismo. Dentre elas podemos citar:

- **os movimentos abolicionistas**, que tiveram com conseqüências o fim da escravidão em 1888;
- **a chegada dos imigrantes europeus**, em sua maioria italianos e portugueses, que substituíram a mão de obra escrava pela mão de obra assalariada; e
- **o movimento republicano**, que teve início em 1870 com a fundação do Partido Republicano e ganhou muita força a partir de 1873 com a convenção realizada em Itu em São Paulo.

A medida em que esses dois movimentos se fortificavam a Monarquia, representada pela figura de D. Pedro II, que governou por quase 40 anos, entrou em decadência e teve seu fim marcado quando os militares proclamaram a República em 20 de novembro de 1889.

Até que fosse promulgada a nova constituição o país passou a ser governado provisoriamente pelo Marechal Deodoro da Fonseca. As principais medidas tomadas por esse governo foram:



- o desterro da família imperial;
- a escolha da República Federativa com regime político
- transformação das províncias em Estados, com posterior nomeação de governadores
- instituição da Bandeira republicana, que permanece até hoje e que foi inspirada no positivismo de Augusto Comte;
- diminuição do poder da Igreja com a instituição do casamento civil, secularização dos cemitérios e, sobretudo, com a separação entre Igreja e Estado;
- reforma do Código Criminal e organização judiciária do país.

Apesar de todas essas transformações, muitos republicanos, descontentes com o governo, formaram um forte grupo de oposição ao governo do Marechal Deodoro, que, não suportando a pressão, renunciou. O seu cargo foi ocupado pelo Mal. Floriano Peixoto e, em 15 de novembro de 1890, foi instalado o Congresso Constituinte, cujos membros haviam sido escolhidos pela primeira eleição republicana realizada em 24 de fevereiro de 1891. Os principais propósitos eram:

- a suprema autoridade do país seria o Presidente da República, com mandato de quatro anos e eleito diretamente pelo povo;
- os ministros seriam de sua livre escolha;
- senadores e deputados também seriam eleitos pelo povo;
- os Estados e o Distrito Federal seriam representados por 3 senadores, com mandatos de nove anos, e por deputados em número proporcional às suas respectivas populações, com mandatos de 3 anos.

Em 1894 o fazendeiro paulista Prudente José de Moraes e Barros foi eleito primeiro presidente civil. Ele assumiu a Presidência da República em uma época em que o país passava por uma forte depressão econômica resultante do **encilhamento** (Fase de grande especulação na Bolsa de Valores devido as facilidade de crédito e a liberdade que foi dada aos bancos). Além disso, teve que enfrentar a Guerra de Canudos. Chegamos então ao ano de 1893, que marca o nascimento oficial do Simbolismo no Brasil. Apesar do Realismo só ter terminado realmente em 1922 com a Semana de Arte Moderna, a continuação histórica desse período continua no Momento Histórico do [Pré-Modernismo](#).



Vale lembrar que durante esse período o Brasil viu surgir duas novas classes sociais: o **proletariado** que era formada pelos imigrantes e pelos ex-escravos, e a **classe média**, que composta por profissionais liberais, um grande número de funcionários públicos os indivíduos que estavam ligados ao comércio de exportação e importação.

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Os primeiros ecos Realistas no Brasil surgiram no final da década de 1860 com Castro Alves, Tobias Barreto e Manuel Antônio de Almeida. Esses autores escreveram suas obras ainda com um estilo tipicamente Romântico, porém, o seu conteúdo já denunciava valores do Realismo, ou seja, estava voltado para uma nova realidade política e social. Por isso, pode-se classificar esses autores como **Pré-Realistas**.

Na década de 1870, Tobias Barreto, idealizador da "**Escola do Recife**", junto com Silvio Romero e outros, aproximam-se das idéias estéticas, científicas e filosóficas do Realismo europeu e passam a divulgar-las para no Brasil. Essas idéias, positivismo, darwinismo, cientificismo etc., chegam ao Brasil no momento em que Segundo Império estava em decadência e o ideal republicano começava a fortalecer-se.

Essa nova tendência somente passou a dominar o cenário literário brasileiro no ano de **1881**, considerado o **ano inicial do movimento Realista/Naturalista do Brasil**, quando foram publicados o **primeiro romance Realista e o primeiro romance Naturalista**. São eles, respectivamente, "**Memórias Póstumas de Brás Cubas**", de [Machado de Assis](#) e "**O Mulato**" de [Aluísio Azevedo](#).

Tradicionalmente o **término do Realismo/Naturalismo no Brasil se dá no ano de 1893**, quando **Cruz e Souza** rompe com a estética e publica as obras "**Missal**" e "**Broquéis**", dando início ao movimento Simbolista. No entanto, como ninguém vai dormir Realista em um dia e acordar Simbolista no outro, tivemos ainda algumas movimentações Realistas em anos posteriores a 1893. Dentre elas pode-se destacar:

- publicação das obras "**D. Casmurro**" (1900) e "**Esaú e Jacó**"(1904), ambas de autoria de Machado de Assis;
- fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897, templo Realista, pois os primeiros integrantes foram, em sua maioria, escritores representantes desse movimento;
- o Parnasianismo, movimento estético, considerado pela maioria dos críticos literários como sendo o Realismo em forma de "poesia".

Importante: Devido a todas essas manifestações que ultrapassam ao ano de 1893, pode-se dizer que o período Realista/Naturalista brasileiro terminou somente em 1922 com o advento do Modernismo.

Os principais representantes do Realismo no Brasil são: [Machado de Assis](#), [Raul Pompéia](#), [Aluísio Azevedo](#), Inglês de Souza, Júlio Ribeiro, Adolfo Caminha e Domingos Olímpio.

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Tábua Cronológica do Período Realista / Naturalista no Brasil	
1881	- Machado de Assis publica "Memórias Póstumas de Brás Cubas"; - Aluísio Azevedo publica "O Mulato"
1882	- A borracha torna-se o terceiro produto de exportação do Brasil. Ficando atrás apenas do café e do algodão.
1883	- Joaquim Nabuco publica o panfleto literário "O Abolicionismo"
1885	- Lei dos Sexagenários
1888	- Lei Áurea; - Raul Pompéia publica "O Ateneu"; - Olavo Bilac publica "Poesias".
1889	- Proclamação da República; - Inicia-se o processo de imigração. Até 1928 três milhões de imigrantes entraram no Brasil.
1890	- Aluísio Azevedo escreve o romance Naturalista "O cortiço"; - Fundação do Jornal O Estado de São Paulo; - Surge o partido operário, primeira organização popular do Brasil.
1891	- Machado de Assis publica "Quincas Borba"; - Promulgada a primeira constituição republicana no Brasil
1893	- Cruz e Souza publica "Missal e Broquéis"; - Início da Revolta Armada no Rio de Janeiro, que exige a deposição de Floriano Peixoto. Essa revolta durou até o ano seguinte. - estoura a Revolta Federalista, que pretendia a independência do Rio Grande do Sul.

Gustave Flaubert (1821- 1880)

É um dos representantes mais importantes do romance realista. Nasce em Rouen e cresce no hospital onde seu pai trabalha como cirurgião-chefe. Começa a escrever em 1843, depois de ser reprovado nos exames de direito da Universidade de Paris.

Um ano depois, com epilepsia, se isola em um sítio em Croisset, perto de Rouen, propriedade de seu pai. Faz amizades no círculo literário parisiense e escreve duas novelas, publicadas bem mais tarde: "A Educação Sentimental" (1869) e "A Tentação de Santo Antônio" (1874).

Entre 1849 e 1851, viaja para a África, de onde traz as anotações para o livro "Salambô" (1862), sobre a queda da antiga civilização de Cartago.

Em 1856, após cinco anos de trabalho, publica "**Madame Bovary**", seu romance mais importante, no qual critica os valores românticos e burgueses da época. O livro conta a história de Emma Bovary, que se entrega a sucessivos casos de adultério para fugir da vida medíocre que julga levar ao lado do marido, um médico de província. O romance causa escândalo na França. Flaubert é acusado de imoralidade e submetido a julgamento.

Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)



::: Émile Zola (1840 - 1902)

Fundador do naturalismo literário, Émile-Édouard-Charles-Antoine Zola nasce em Paris e passa a infância em Aix-en-Provence. Muda-se para Paris, onde termina os estudos.

Reprovado duas vezes no baccalauréat (vestibular), trabalha como balconista de uma editora e escreve Contos para Ninon (1864). A partir da publicação de A Confissão de Claude (1865) dedica-se apenas à literatura.

Inspira-se na Comédia Humana, de Balzac, e escreve uma série de romances contando a história de uma família com ricos e pobres. O primeiro é A Fortuna dos Rougon (1871).

A Taberna (1877) faz muito sucesso. Germinal (1881), que narra uma greve de mineiros, é considerado sua obra-prima.

Conclui o trabalho com 20 volumes em 1893. Toma o partido de um oficial judeu francês condenado por traição, Alfred Dreyfus, com a carta aberta, J'Accuse (Eu Acuso), de 1898. Nela, afirma que os generais franceses haviam falsificado documentos para incriminar Dreyfus. Acusado de injúria e condenado a um ano de prisão, foge para a Inglaterra e volta a Paris quando o caso se resolve, em 1900.

Morre acidentalmente em sua casa, asfixiado pela fumaça de uma chaminé.

Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)



Fiódor Dostoiévski (1821 - 1881)



Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski nasceu em Moscou no ano de 1821 e perdeu os pais quando ainda era muito jovem.

Em 1849 foi condenado a morte por causa de suas atividades revolucionárias. Pouco antes de ser executada a sentença, sua pena foi comutada por dez anos de trabalhos forçados, parte deles cumpridos na Sibéria.

Durante essa época casou-se com a viúva Maria Dmítrieva Issáieva, mas esse casamento fracassou logo em seguida. Em 1862, após cumprir a pena, fugiu para a Europa Ocidental com a estudante Polina Súslova.

Essa nova tentativa amorosa também foi frustrada, pois, corroído pelo remorso, abandonou a amante em Paris e retornou a Rússia, onde reencontrou a esposa que estava à beira da morte. Retornou a Paris para reencontrar a amante, mas essa não quis mais viver a seu lado.

Todas esses transtornos, aliados a epilepsia, faziam com que sua vida fosse muito difícil, mas também serviram de inspiração para composição de algumas obras como "Recordações da casa dos mortos" (1861), inspirando no tempo em que cumpria pena na Sibéria, e "O jogador"(1867), inspirado em sua própria vida de jogador compulsivo.

No ano de 1867 casou-se com Ana Grigórieva Sitkina, sua estenógrafa e, a partir daí, conseguiu estabilizar-se financeiramente. Quando faleceu em 1881 já era considerado um dos maiores escritores russos e contava ainda com algumas obras traduzidas em várias línguas européias.

Além das obras citadas destacam-se ainda: "Notas do subterrâneo"(1864), "Crime e Castigo"(1866), "Os demônios"(1871) e "Os irmãos karamázov"(1880).

Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Leon Tolstói (1828-1910)

Escritor russo, expoente da literatura realista, faz a crítica da sociedade e da moral na Rússia do final do século XIX, sendo considerado um dos maiores escritores de todos os tempos. Lev Nikoayevich, conde de Tolstói, nasce Iasnaia-Poliana, província de Tula.



Estuda línguas e leis na Universidade de Kazan, mas, insatisfeito com o sistema formal de educação, abandona os estudos antes da graduação.

Em 1852, alista-se no Exército e luta na Guerra da Criméia (1853-1856). Inicia então a carreira literária, inspirado pelas experiências da vida militar. São dessa época Contos de Sebastopol (1855) e Os Cossacos (1863). Retorna à propriedade da família e casa-se com Sônia Andreievna Bers.

Enquanto escreve seus dois maiores romances, Guerra e Paz (1869) e Anna Karenina (1877), entra em crise espiritual e questiona a sociedade em que vive. Rejeita a autoridade da Igreja Ortodoxa Russa e é excomungado em 1901.

Aos 82 anos, sai de casa, após várias brigas com a esposa, que não aceita seu desejo de doar as propriedades da família. Morre dias depois, de pneumonia, na estação ferroviária de Astapovo, na província de Riazan..

Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)



Desde o início dos anos 60 os estudantes de Coimbra acompanhavam atentamente a todas as novidades culturais que aconteciam na Europa. Esse interesse intensificou-se em 1864 quando foi inaugurado o caminho-de-ferro de Beira Alta, que ligava Coimbra a Paris, pois facilitou o acesso aos livros publicados nos demais países do continente europeu. Por isso, não demorou muito para que chegassem a Portugal a poesia social de Vitor Hugo e as novas doutrinas filosóficas e sociais, que corriam pelo resto do continente.

Influenciados por essas novas idéias, os jovens de Coimbra passaram a ter uma preocupação social voltada para o momento presente, deixando para trás todos os tipos de idealizações Românticas. Esse grupo de intelectuais, conhecidos também como a **geração de 70**, era composto por [Antero de Quental](#), [Teófilo Braga](#), Guerra Junqueiro, Oliveira Martins etc.

Como era de se esperar, essa nova postura adota pela geração de 70 causou uma série de **divergências com os velhos e já consagrados autores Românticos**. Esses "atritos" intensificaram-se a partir de 1864 com a publicação das obras: "**Visão dos tempos**" e "**Tempestade**", ambas de [Teófilo Braga](#), e "**Odes Modernas**", de [Antero de Quental](#). Essas obras eram revolucionárias pois apresentavam uma nítida preocupação social e, ao mesmo tempo, eram uma espécie de **ataque à poesia inocente e sem compromisso praticada pelos Românticos**.

A resposta Romântica a esse ataque veio no ano seguinte quando o poeta Pinheiro Chagas publicou o livro "**Poema da Mocidade**". No posfácio dessa obra foi divulgado uma carta do poeta Romântico e mentor da escola de Lisboa, Antônio Feliciano de Castilho, endereçada ao editor, criticando duramente a poesia de Teófilo Braga e a de Antero de Quental. Em represália, [Antero de Quental](#) escreve uma pequena obra intitulada "**Bom senso e Bom Gosto**", defendendo a postura da poesia Realista e atacando duramente a figura de Castilho. Sem ficar atrás, [Teófilo Braga](#) publica o folheto "**Teocracias Literárias**", no qual critica a influência dos velhos Românticos. Algum tempo depois, **Camilo Castelo Branco lança o folheto "Vaidades Irritadas e Irritantes"**, defendendo a posição dos Românticos.

Depois desses conflitos iniciais, vários folhetos de ambas as partes, foram publicados em Portugal. Essa polêmica só terminou no ano de 1871 com o **Ciclo das Conferências Democráticas**, realizado no casino Lisbonense. Essas conferências públicas tinham como objetivo a popularização de questões sociais que circulavam por toda a Europa, visando a modernização de Portugal, que, se comparado aos demais países europeus, estava muito atrasado. Apenas cinco, das dez conferências previstas, foram realizadas. **O Governo proibiu a realização das demais e fechou o cassino**, alegando que as conferências atacavam a Igreja e ao Estado.

Ao contrário do que se possa esperar, a atitude de cancelar as conferências tomada pelo Governo **determinou, de uma vez por todas, a vitória dos jovens Realistas sobre os velhos Românticos**.

Os temas abordados nas Conferências eram os seguintes:

- 1 - "**O espírito das Conferências**", 22 de maio de 1871, apresentada por Antero de Quental
- 2 - "**Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos Três Séculos**", 27 de maio de 1871, apresentada por Antero de Quental
- 3 - "**Literatura e Língua Portuguesa**", 5 de junho de 1871, apresentada por Augusto Soromenho
- 4 - "**O Realismo como Nova Expressão da Arte**", apresentada por [Eça de Queirós](#)
- 5 - "**O Ensino**", 19 de junho 1871, apresentada por Adolfo Coelho
- 6 - "**Os Historiadores Críticos de Jesus**", programada para ser apresentada por Salomão Sáraga em 26 de junho, porém, foi impedida pelo Governo de ser pronunciada
- 7 - "**O Socialismo**" - Não apresentada
- 8 - "**A República**" - Não Apresentada
- 9 - "**A Instrução Primária**" - Não Apresentada
- 10- "**Dedução Positiva da Idéia Democrática**" - Não apresentada

:: Antero de Quental (1842 - 1891)



Antero Tarquínio de Quental nasceu a 18 de abril de 1842 em Ponta Delgada, no Açores. Com dez anos foi para Lisboa completar o seus estudos. Aos 16 anos ingressou na Faculdade de Direito de Coimbra, onde tomou contato com as principais as idéias vigentes em toda a Europa e acabou se afastando dos valores conservadores e católicos herdados na infância.

Em 1864 publicou "Odes Modernas", obra que, junto com "Visão dos Tempos" e "Tempestades Sonoras" de Teófilo Braga, é responsável por provocar a polémica "Questão Coimbrã".

Em 1865 foi para Paris com intenção de por em prática as suas teorias socialistas.

Em 1871, após ver frustrada essa tentativa, retorna a Portugal e passa a ser um dos líderes das Conferências Democráticas, que determinam o fim da "Questão Coimbrã", com a vitória dos jovens Realistas sobre os velhos Românticos.

A partir daí Antero de Quental dedica-se quase que exclusivamente à defesa dos ideais socialistas. Isso só muda 1873 quando seu pai falece e ele se vê forçado a retornar a Ponta Delgada para assumir os negócios da família. Para aumentar ainda mais seus sofrimentos vê a violenta repressão às lutas operárias deitado de costas em uma cama, pois é atacado por uma estranha doença que o faz passar a maior parte nessa posição. Tudo isso vai, pouco a pouco, deixando-o muito deprimido e ele acaba se suicidando em 11 de setembro de 1891 com um tiro de revólver .

A produção poética de Antero de Quental está intimamente ligada a sua vida. Isso pode ser percebido claramente no livro "Sonetos", organizado pelo crítico literário Antônio Sérgio em oito partes. Na primeira delas, "da expressão lírica do amor-paixão", vemos um poeta lírico que segue as regras da escola Romântica; na segunda parte, "do apostolado social", vemos uma poesia revolucionária, voltada para o momento histórico da época e com uma nítida preocupação social; as outras seis partes ("do pensamento pessimista", "do desejo de evasão", "da morte", "do pensamento em Deus", "da metafísica" e "da voz interior e do amor puro, sempiterno") referem-se ao período em que ele retorna para Ponta Delgada é atacado pela estranha doença. Nas quatro últimas partes há ainda o predomínio dos temas metafísicos.

Devido a perfeição técnica dos seus sonetos, Antero de Quental é considerado um dos melhores sonetistas portugueses, dividindo esse título apenas com Bocage e Camões.

Confira abaixo alguns deles:

[Ideal](#)

[Oceano Nox](#)

[Hino à Razão](#)

[Lacrimae Rerum](#)

[Solemnia Verba](#)

[NOX](#)

[Com os mortos](#)

[Espiritualismo](#)

[Mors-amor](#)

[O Convertido](#)

[Idílio](#)

Links

[Biblioteca On-line](#)

Odes Modernas

Primaveras Românticas

Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

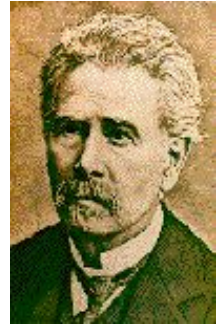
- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

:: Teófilo Braga (1843 - 1924)

Joaquim Teófilo Fernandes Braga nasceu a 24 de fevereiro de 1843 em Ponta Delgada. Desde cedo mostrou inclinação para a literatura, pois em 1859, com apenas dezesseis anos publicou, na tipografia onde trabalhava, o livro "Folhas Verdes".



Em 1861 vai para Coimbra e ingressa no curso de Direito. Nessa época, em suas colaborações no jornal "O Instituto" e na "Revista de Coimbra", já mostrava-se contra aos exageros ultra-românticos.

Em 1864 publica as obras "Visão dos Tempos" e "Tempestades Sonoras". Essas obras, junto à "Odes Modernas", de Antero de Quental, são consideradas obras revolucionárias, pois tem uma nítida função social. Elas também são consideradas o estopim deflagrou a polémica "Questão Coimbrã".

Ao terminar o curso de Direito, Teófilo foi viver na cidade do Porto e depois vai para Lisboa, onde passa a lecionar literatura no Curso Superior de Letras.

Republicano Militante, é convidado em 1910 para exercer o cargo de Presidente do Governo Provisório, sendo eleito, algum tempo depois, Presidente da República. Além de poeta e político, Teófilo Braga foi um dos mais brilhantes historiadores da literatura portuguesa. Faleceu 28 de janeiro de 1924 na cidade de Lisboa.

Obras: Visão dos Tempos (1864), Tempestades Sonoras (1864), Torrentes (1869), Miragens Seculares (1884). Ficção: Contos Fantásticos (1865), Viriato (1904).

Ensaio: As Teorias Literárias - Relance sobre o Estado Actual da Literatura Portuguesa (1865), História da Poesia Moderna em Portugal (1869), História da Literatura Portuguesa (Introdução) (1870), História do Teatro Português (4 vols., 1870-1871), Teoria da História da Literatura Portuguesa (1872), Manual da História da Literatura Portuguesa (1875), Bocage, sua Vida e Época (1877), Parnaso Português Moderno (1877), Traços gerais da Filosofia Positiva (1877), História do Romantismo em Portugal (1880), Sistema de Sociologia (1884), Camões e o Sentimento Nacional (1891), História da Universidade de Coimbra (4 vols., 1891-1902), História da Literatura Portuguesa (4 vols., 1909-1918). Antologias: Cancioneiro Popular (1867), Contos Tradicionais do Povo Português (1883).

Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

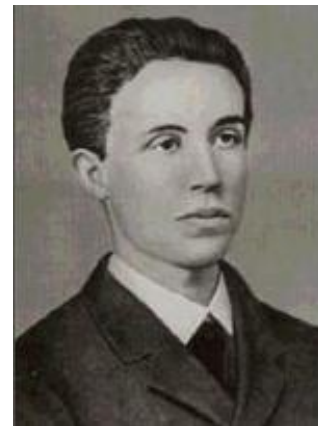
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

:: Cesário Verde (1855 - 1886)

José Joaquim Cesário Verde nasceu em 25 de fevereiro de 1855 na cidade de Lisboa em Portugal. Filho de um lavrador e comerciante, dedicou-se desde muito jovem a essas atividades. No ano de 1873 matriculou-se no curso de Letras da Universidade de Coimbra, mas frequentou o curso somente por alguns meses.

Nesse período, começou a publicar poesias no "Diário de Notícias", no "Diário da Tarde", no "Ocidente" e em alguns outros periódicos. Nessa época também surgem os sintomas mais agudos da tuberculose, doença que o levaria a morte em 18 de julho de 1886.

No ano seguinte, Silva Pinto, seu amigo dos tempos de universidade, reúne seus poemas em um livro intitulado "O Livro de Cesário Verde".



Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Confira abaixo alguns trechos dessa obra da obra O Livro de Cesário Verde

O SENTIMENTO DE UM OCIDENTAL

A Guerra Junqueiro

I

AVE-MARIAS

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba-me;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba

Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, Sampetersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga, os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos,
Embrenho-me a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atracam botes.

E evoco, então, as crónicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra num tinido de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um trôpego arlequim braceja numas andas;
Os querubins do lar flutuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!

II

NOITE FECHADA

Toca-se às grades, nas cadeias. Som
Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!
O Aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças,
Bem raramente encerra uma mulher de "dom"!

E eu desconfio, até, de um aneurisma
Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;

À vista das prisões, da velha Sé, das Cruzes,
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,
E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos
Alastram em lençol os seus reflexos brancos;
E a Lua lembra o circo e os jogos malabares.

Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,
Assim que pela História eu me aventuro e alargo.

Na parte que abateu no terremoto,
Muram-me as construções rectas, iguais, crescidas;
Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,
E os sinos dum tanger monástico e devoto.

Mas, num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutrora ascende, num pilar!

E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,
Nesta acumulação de corpos enfezados;
Sombrios e espectrais recolhem os soldados;
Inflama-se um palácio em face de um casebre.

Partem patrulhas de cavalaria
Dos arcos dos quartéis que foram já conventos;
Idade Média! A pé, outras, a passos lentos,
Derramam-se por toda a capital, que esfria.

Triste cidade! Eu temo que me avives
Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes,
Enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes,
Curvadas a sorrir às montras dos ourives.

E mais: as costureiras, as floristas
Descem dos *magasins*, causam-me sobressaltos;
Custa-lhes a elevar os seus pescoços altos
E muitas delas são comparsas ou coristas.

E eu, de luneta de uma lente só,
Eu acho sempre assunto a quadros revoltados:
Entro na *brasserie*; às mesas de emigrados,
Ao riso e à crua luz joga-se o dominó.

III

AO GÁS

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos
Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.
Ó moles hospitais! Sai das embocaduras
Um sopro que arrepia os ombros quase nus.

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso

Ver círios laterais, ver filas de capelas,
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,
Em uma catedral de um comprimento imenso.

As burguesinhas do Catolicismo
Resvalam pelo chão minado pelos canos;
E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.

Num cutileiro, de avental, ao torno,
Um forjador maneja um malho, rubramente;
E de uma padaria exala-se, inda quente,
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

E eu que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem;
Casas de confecções e modas resplandecem;
Pelas vitrines olha um ratoneiro imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistras, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!

Que grande cobra, a lúbrica pessoa,
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo!
Sua excelência atrai, magnética, entre luxo,
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.

E aquela velha, de bandós! Por vezes,
A sua *traîne* imita um leque antigo, aberto,
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto,
Escarvam, à vitória, os seus mecklemburgueses.

Desdobram-se tecidos estrangeiros;
Plantas ornamentais secam nos mostradores;
Flocos de pós-de-arroz pairam sufocadores,
E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.

Mas tudo cansa! Apagam-se nas frentes
Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;
Da solidão regouga um cauteleiro rouco;
Tornam-se mausoléus as armações fulgentes.

"Dó da miséria!... Compaixão de mim!..."
E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
Pede-me sempre esmola um homenzinho idoso,
Meu velho professor nas aulas de Latim!

IV

HORAS MORTAS

O tecto fundo de oxigénio, de ar,
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;
Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,
Enleva-me a quimera azul de transmigrar.

Por baixo, que portões! Que arruamentos!
Um parafuso cai nas lajes, às escuras:
Colocam-se taipais, rangem as fechaduras,
E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.

E eu sigo, como as linhas de uma pauta
A dupla correnteza augusta das fachadas;
Pois sobem, no silêncio, infaustas e trinadas,
As notas pastoris de uma longínqua flauta.

Se eu não morresse, nunca! E eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!
Esqueço-me a prever castíssimas esposas,
Que aninhem em mansões de vidro transparente!

Ó nossos filhos! Que de sonhos ágeis,
Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!
Eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,
Numas habitações translúcidas e frágeis.

Ah! Como a raça ruiva do porvir,
E as frotas dos avós, e os nómadas ardentes,
Nós vamos explorar todos os continentes
E pelas vastidões aquáticas seguir!

Mas se vivemos, os emparedados,
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas
E os gritos de socorro ouvir, estrangulados.

E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.

Eu não receio, todavia, os roubos;
Afastam-se, a distância, os dúbios caminhantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente, os cães parecem lobos.

E os guardas que revistam as escadas,
Caminham de lanterna e servem de chaveiros;
Por cima, as imorais, nos seus roupões ligeiros,
Tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.

E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!

::. Eça de Queirós (1845-1900)

José Maria Eça de Queirós, considerado um dos maiores romancistas portugueses do século XIX, nasceu a 25 de novembro de 1845 na cidade de Póvoa de Varzim.

Devido ao casamento não oficial de seus pais, Eça foi criado na zona rural para não comprometer a carreira de seu pai. Aos dez anos foi estudar na cidade do Porto, aos 16, ingressou na Faculdade de Direito em Coimbra, e aos 21 estava formado.

Em Coimbra conheceu e tornou-se amigo de Antero de Quental, Teófilo Braga e dos demais integrantes da chamada "geração de 70", que revolucionou a literatura portuguesa. Apesar de ser simpatizante da "Questão Coimbrã", manteve-se alheio a ela e foi à Évora, onde dirigiu um jornal que fazia oposição ao governo.



No final de 1867 vai para Lisboa, conhece o Positivismo e o Socialismo e passa a viajar pelo mundo exercendo a função de repórter. Em 1871 participa de forma brilhante das "Conferências Democráticas", assumindo de vez os ideais defendidos pela "geração de 70".

Ainda nesse ano funda "As Farpas", um folheto mensal que criticava a sociedade portuguesa da época. No ano seguinte é nomeado cônsul, passando a viver fora de Portugal. Eça de Queirós casou-se em 1886, com 41 anos de idade, e faleceu a 16 de agosto de 1900 na França.

A obra de Eça de Queirós é geralmente dividida em três fases:

- A primeira fase corresponde aos textos iniciais de sua carreira, publicados em folhetim e reunidos em um único volume intitulado "Prosas bárbaras";
- A segunda fase, ou fase realista inicia-se em 1875 com a publicação da obra "O crime do padre Amaro" e vai até 1888 com a publicação de "Os maias";
- A partir daí inicia-se a terceira fase, ou fase pós-realista, na qual destacam-se as obras "A ilustre casa de Ramires" (1900) e "A cidade e as serras" (1901).

Das obras escritas por Eça de Queirós destacam-se ainda "Uma Campanha Alegre" (1871), "O Primo Basílio" (1878), "A Relíquia" (1887), "Correspondência de Fradique Mendes" (1900).

Links

[Análises Literárias](#)

Os Maias

[Biblioteca On-line](#)

A cidade e as serras

A relíquia

Alves e Cia

O crime do padre Amaro

O Mandarim

Os Maias

Singularidades de uma Rapariga Loura



Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Pré-Modernismo

- Brasil

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)

- Portugal

- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

O fato de o Pré-Modernismo ter se desenvolvido praticamente junto com o Simbolismo e o fim do Realismo faz com que o momento histórico desses movimentos estejam muito próximos e por vezes se completam. Por isso, é aconselhável consultar também o [Momento Histórico do Realismo](#).

Oficialmente o Pré-Modernismo teve início em 1902, mas como nos últimos anos do sec. XIX e início do sec. XX tivemos três correntes literárias que caminharam praticamente juntas, iniciaremos o momento histórico Pré-Modernismo no ano de 1894, quando o fazendeiro paulista Prudente José de Moraes e Barros foi eleito o primeiro presidente civil. Ele assumiu a Presidência da República em uma época em que o país passava por uma forte depressão econômica resultante do encilhamento (Fase de grande especulação na Bolsa de Valores devido às facilidades de crédito e a liberdade que foi dada aos bancos).

Além disso, teve que enfrentar a [Guerra de Canudos](#), que eclodiu no interior da Bahia e terminou com o extermínio de cerca de 25 mil pessoas.



Em 1898, Manuel Ferraz de Campos Sales, outro fazendeiro paulista, assumiu o a presidência da República. Em seu governo, que durou até 1902, Campos Sales tentou valorizar a moeda nacional. Para isso, renegociou a dívida externa do país com banqueiros estrangeiros e fechou um acordo denominado Funding Loan, pelo qual ficavam suspensos durante algum tempo os pagamentos de juros dos empréstimos anteriores, contraindo-se, para isso, novo empréstimo.

Para garantir a tranqüilidade de sua administração Campos Sales organizou a chamada "**política dos governadores**". Que consistia na troca de favores entre os governos federal e estaduais, ou seja, os governos estaduais apoiavam o presidente e, em troca, o recebiam tudo o que pediam. Como se pode ver, essa política marginaliza as classes médias e o proletariado. Esses dois primeiros governos republicanos marcam o início da **política do café-com-leite**. Essa expressão passou a ser usada porque, com o fim da oligarquia do açúcar substituída pela do café, os presidentes da república eram revezados por políticos de São Paulo (maior produtor de café) e de Minas Gerais (maior produtor de leite).

Em 1902 Francisco de Paula Rodrigues Alves, outro fazendeiro de café paulista, assumiu o governo, que durou até 1906. Durante o seu governo modernizou o Rio de Janeiro, comprou o Acre, erradicou a febre amarela, em projeto comandado pelo médico e cientista Osvaldo Cruz, e fez uma campanha pela obrigatoriedade da vacina de varíola. Essa medida não foi bem aceita pela população, pois ia contra a liberdade individual. Aproveitando-se da situação, algumas pessoas, militares e civis, tentaram um golpe revolucionário, conhecido como a **Revolta da Vacina**. O governo feriu alguns dos vários líderes do movimento e então os outros abandonaram a luta. Dessa forma o governo pode continuar sua administração.

Cabe aqui uma observação: O motivo dessa revolta não foi simplesmente à vacina obrigatória. Os verdadeiros motivos foram: o desemprego; a política dos governadores, imposta por Campos Sales e seguida por Rodrigues Alves; e a modernização do Rio de Janeiro, que desabrigou milhares de pessoas com a demolição dos cortiços.

No ano de 1906 o mineiro Afonso Augusto Moreira Pena assumiu o governo, apoiado pelos fazendeiros de café. Esse foi um período de prosperidade, porém, ainda persistiam problemas como a miséria das classes proletárias e a corrupção política. A antiga aristocracia rural da cana-de-açúcar decaíra completamente; os patriarcais fazendeiros de café começaram a sofrer a concorrência das novas classes urbanas e industriais que procuravam afirmar-se na direção política. Afonso Pena, que morreu em 1909, um ano antes de acabar o seu governo, investiu muito na compra e estoque do café para forçar a sua alta. Além disso, apoiou um amplo programa ferroviário desenvolvido pelo ministro Miguel Calmon, que completou as ligações São Paulo - Rio Grande do Sul - Rio de Janeiro - Espírito Santo e estimulou a imigração, que trouxe para o País uma grande leva de europeus, em sua maioria, italianos.

Após a morte de Afonso Pena, o seu vice, Nilo Peçanha, assumiu a presidência. Durante o seu governo, que durou até 1910, foi criado o SPI - Serviço de Proteção ao Índio e desenvolveu-se a campanha eleitoral para o período seguinte disputada entre Rui Barbosa, que defendia a predominância de um civil no governo, e o marechal Hermes da Fonseca, que além de gozar do prestígio das classes armadas, estava alinhado com os interesses dos grades produtores de café. O vencedor foi Hermes da Fonseca, que governou de 1910 a 1914. Apesar de contar com o apoio dos cafeicultores e dos militares, o seu governo foi muito tumultuado: Além da revolta dos marinheiros contra o regime de castigos corporais ainda vigente na Marinha (também conhecida como **Revolta da Chibata**), da **Guerra do Contestado** e da **Revolta do Juazeiro** no Ceará, liderada pelo Padre Cícero, teve que enfrentar a retração de capitais estrangeiros causado pela instabilidade política e pela decadência da Borracha na Amazônia.



Em 1914 Venceslau Brás Pereira Gomes assumiu a presidência e governou durante o período da Primeira Guerra Mundial. Por causa da guerra as exportações caíram e, como era impossível importar produtos fabris, houve um surto industrial, que mudou um pouco a nossa estrutura tradicionalmente agrícola. Além disso, no ano de **1917 houve os primeiros movimentos grevistas em São Paulo** e, nos últimos meses do seu governo, o País foi atingido pela terrível epidemia conhecida pelo nome de "gripe espanhola", que matou cerca de 18.000 pessoas.

Em 1918 Rodrigues Alves foi eleito mais um vez presidente da República, porém, morreu antes da posse e Delfim Moreira, o seu vice, assumiu o cargo. Após novas eleições Epitácio da Silva Pessoa foi eleito e governou de 1919 a 1922. Por ser nordestino e conhecer de perto o problema da seca nessa região, investiu muito na construção de açudes, poços e vias férreas locais. O final de sua administração foi agitado: a campanha do futuro presidente Artur Bernardes foi desenvolvida sob uma permanente ameaça revolucionária e no ano de 1922 houve a realização da Semana de Arte Moderna, que marca o início do Modernismo. Para saber um pouco mais sobre esse período consulte o Momento Histórico do Modernismo.

Como se pode ver no texto acima e no esquema abaixo, nas primeiras décadas do século XX o Brasil sofreu com muito com revoltas, guerras e greves, resultantes da forte tensão social, que dividiu a sociedade brasileira em **proletariado e burguesia**.



:: Machado de Assis (1839 - 1908)

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu em 21 de junho de 1839 no Morro do Livramento(RJ) e teve todas às condições favoráveis para dar errado na vida: pobre; filho de um pintor de paredes com um lavadeira portuguesa; neto de escravos alforriados; e, ainda por cima, epilético.

No entanto, graças a seu talento e a uma enorme força de vontade, superou todas essas dificuldades e tornou-se em um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.

A infância de Machado de Assis não foi nada fácil. Perdeu sua única irmã quando tinha apenas seis anos, quatro anos depois sua mãe morreu e, passado algum tempo, perdeu o pai. Para sobreviver, ajudou a madrastra a vender doces.



Face a tantas dificuldades não é de se estranhar que não tenha freqüentado regularmente a escola. Sua instrução veio por conta própria, graças ao interesse que tinha em todos os tipos de leitura.

Aos 16 anos empregou-se na tipografia de Paula Brito, onde era publicado o jornal "Marmota Fluminense". Em 21 de janeiro de 1855, Machado publicou, nesse jornal, o poema "Ela". Nada de excepcional, era apenas a sua estréia no mundo literário. A partir daí sua carreira teve uma rápida ascendência e em pouco tempo passou a ser colaborador em vários jornais da época. O escritor Machado de Assis ganhava popularidade e cada vez mais se distanciava de Joaquim Maria, menino do subúrbio. Nas roupas, na postura, na expressão. Os meios literários da Corte tornavam-se, pouco a pouco, terreno conhecido para ele e ele tornava-se cada vez mais conhecido nesse terreno.

Em 12 de novembro de 1869 casou-se com Carolina Xavier de Novais, irmã de um poeta famoso na época. Esse casamento ocorreu contra a vontade da família, uma vez que Machado era Mulato e ainda não era muito famoso. Essa união durou cerca de 35 anos e casal não teve filhos. Em 1873 foi nomeado primeiro oficial da secretária de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras públicas. A sua carreira burocrática teve uma ascensão muito rápida, uma vez que em 1892 já era Diretor Geral do Ministério da Viação. O emprego publico garantiu a estabilidade financeira de Machado de Assis, uma vez que viver de literatura naquela época era muito difícil, mesmo para os grandes escritores.

Em 1897 Machado foi eleito o presidente da recém fundada Academia Brasileira de Letras, também conhecida como casa de Machado de Assis. Por volta de 1904 sua mulher faleceu, causando profunda tristeza no escritor. Depois disso, raramente ele saía de casa e sua saúde foi piorando por causa da epilepsia. Os problemas nervosos e uma gagueira progressiva contribuíram ainda mais para o seu isolamento. Em 29 de setembro de 1908 Machado de Assis faleceu em sua casa situada na rua Cosme Velho.

Machado de Assis escreveu romances, crônicas, poesias, peças de teatro e muitos artigos de jornais. A sua obra é geralmente dividida em duas fases distintas: a primeira fase, também chamada de **fase romântica ou de amadurecimento**, é caracterizada por apresentar alguns traços das escola Romântica; já a segunda fase, conhecida como **fase realista ou de maturidade**, revela um escritor totalmente envolvido com os ideais Realistas.

Dentro dessas fases pode-se ainda dividir a obra de Machado em poesia e prosa. A poesia da primeira fase possui características tipicamente Românticas e revelam um poeta fortemente influenciado por Gonçalves Dias. Já a poesia da segunda fase nos mostra um poeta que cultua o conceito da "arte pela arte", pois tem uma extrema preocupação formal, ou seja, nessa segunda fase temos um poeta totalmente envolvido pelos ideais Parnasianos.

A primeira fase da prosa machadiana, que engloba sua produção até o ano de 1880, pode ser considerada como um período autenticamente Romântico, embora o seu Romantismo não seja tão sentimental e os seus personagens não sejam tão lineares como os dos demais autores desse período. No entanto, sua narrativa ainda é muito linear, ou seja, tem começo, meio e fim bem demarcados. A segunda fase da prosa de Machado de Assis inicia-se com a publicação de "Memórias Póstumas de Brás Cubas". Nessa fase fica claro o amadurecimento do escritor. Seus personagens, mais elaborados, são construídos sob a ótica da psicologia e nos revelam o egoísmo, o pessimismo e o negativismo do ser humano. Machado evoluiu também na técnica de composição: as suas frases e os capítulos de suas obras passaram a ser curtos e a preocupação em se estabelecer uma "conversa" com o leitor passou a ser mais freqüente. Além disso, nessa fase temos ainda a ironia, o estudo da alma feminina, a análise mais apurada da sociedade brasileira da época e uma severa crítica aos valores Românticos.

A marca registrada de Machado Assis era o seu estilo sutil e irônico. Suas crônicas são atuais até hoje, pois remetem a reflexões profundas de fatos corriqueiros, tocando na essência daquilo que observava com um meio riso de contemplação e quase sempre esse

riso traz, implícita ou explicitamente, uma advertência. Em Machado de Assis, o fato em si tinha menor importância, o que interessava era a reflexão que esse fato provocava.

A principais obras de Machado de Assis são as seguintes:

Poesia: Crisálidas (1864); Falenas (1870); Americanas (1875); Poesias completas (1901).

Romance: Ressurreição (1872); A mão e a luva (1874); Helena (1876); Iaiá Garcia (1878); Memórias póstumas de Brás Cubas (1881); Quincas Borba (1891); Dom Casmurro (1899); Esaú e Jacó (1904); Memorial de Aires (1908).

Contos: Contos fluminenses (1870); Histórias da meia-noite (1873); Papéis avulsos (1882); Histórias sem data (1884); Várias histórias (1896); Páginas recolhidas (1899); Relíquias de casa velha (1906).

Teatro: Queda que as mulheres têm para os tolos (1861); Desencantos (1861); Hoje avental, amanhã luva(1861); O caminho da porta (1862); O protocolo.(1862); Quase ministro (1863); Os deuses de casaca (1865); Tu, só tu, puro amor (1881)

Links:

Biblioteca Virtual

A mão e a luva
O Alienista
Dom Casmurro
Esaú e Jacó
Iaiá Garcia
Helena
Memórias Póstumas de Bras Cubas
Papéis Avulsos
Quincas Borba
Memorial de Aires

Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

::. Aluísio Azevedo (1857-1913)

Aluísio Tancredo Gonçalves Azevedo nasceu a 14 de abril de 1857 em São Luís, capital do Maranhão. Após cursar as primeiras letras no "Liceu Maranhense", foi para o Rio de Janeiro estudar arte na Academia Belas Artes.

Após conhecer o cotidiano e a vida política carioca, passou a trabalhar como chargista em alguns jornais da cidade. Por causa da morte do seu pai em 1878, Aluísio Azevedo retornou a São Luís para tomar conta da família.

Nesse período, atraído pelo jornalismo, passou a escrever em alguns jornais locais, publicou o romance Romântico "Uma Lágrima de Mulher" e colaborou muito na fundação do jornal "O Pensador", que criticava o clero e a sociedade maranhense.



Em 1881 chocou a sociedade local com o lançamento de "O mulato", primeiro romance Naturalista da literatura brasileira. Essa obra, que abordava a questão do preconceito racial, foi muito mal recebida pela sociedade maranhense e Aluísio Azevedo, que já não era visto com bons olhos, tornou-se o "Satanás da cidade". Para se ter uma idéia da indignação causada pela obra, pode-se citar o fato de o redator do jornal "A civilização" ter aconselhado Aluísio a "pegar na enchada, em vez de ficar escrevendo". O clima na cidade ficou tão ruim para o autor que ele decidiu retornar ao Rio de Janeiro.

Nesse lugar, Aluísio tentou sobreviver exclusivamente de seus escritos, porém, como a vida de escritor não lhe deu a estabilidade desejada, abandonou a literatura e ingressou na carreira diplomática. Em 1895 foi nomeado vice-consul e, nessa função, viajou por vários países do mundo. Em 21 de janeiro de 1913 faleceu na cidade de Buenos Aires, Argentina.

Na tentativa de ganhar dinheiro como escritor, Aluísio era obrigado a fazer muitas concessões e a estar sempre publicando alguma coisa. Por isso, pode-se explicar porque sua obra apresenta muitas alternâncias entre romances Românticos, chamadas, pelo próprio autor de "comerciais" e romances Naturalistas, denominados de "artísticos". À essa necessidade de escrever também é atribuído o desnível de qualidade de seus romances.

O Aluísio Romântico, publicou os romances "Uma lágrima de mulher" (1879); "Memórias de um condenado" (ou A condessa Vésper) (1882); "Mistério da Tijuca" (ou Girândola de amores) (1882); "Filomena Borges" (1884); "A mortalha de Alzira" (1894). etc. Essas obras são consideradas como de consumo e, por isso, possuem pouco valor literário. Já o Aluísio Naturalista preocupou-se em interpretar a realidade de uma camada social marginalizada, em franco processo de degradação. Além disso, defendeu os ideais Republicanos e criticou clero e a burguesia. Os romances Naturalistas publicados pelo autor foram os seguintes: "O mulato" (1881); "Casa de pensão" (1884); "O homem" (1887); "O cortiço" (1890); e, "O coruja" (1890).

Links:

[Biblioteca On-Line](#)

[A Mortalha de Alzira](#)
[Casa de Pensão](#)
[Livro de uma sogra](#)
[O Cortiço](#)
[O Mulato](#)

Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- **Europa**
- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- **Brasil**
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

:: Raul Pompéia (1863 - 1895)

Raul D'Ávila Pompéia nasceu a 12 de abril de 1863 em Angra dos Reis, Rio de Janeiro. Coursou as primeiras letras no colégio interno "Abílio". Aos 16 anos transferiu-se para o Colégio Pedro II, onde tomou contato com as idéias de Augusto Comte, Hyppolite Taine etc. Admirador da obra de Gustave Flaubert e Emile Zola, Raul pompéia iniciou sua carreira literária no ano de 1880, com a publicação do romance "Uma tragédia no Amazonas". No ano seguinte matriculou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco em São Paulo. Nessa cidade, os jovens poetas iam às praças publicas defender os ideais abolicionistas.

Não demorou muito para que o Jovem Raul Pompéia se encantasse com essas idéias e se engajasse nas lutas contra a escravidão. Em 1883 publicou, em folhetim, o romance "As jóias da Coroa". No ano seguinte, já como jornalista consagrado e ferrenho defensor da República, foi reprovado na faculdade. Em 1885 transferiu-se para a Faculdade de Direito de Recife, onde concluiu o curso. Nesse período, começou a escrever "O Ateneu", obra que o consagraria como grande escritor da literatura nacional. Em 1887 volta para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte vê "O Ateneu" publicado em folhetim. A partir daí, passou a ser muito respeitado como escritor, porém passou a dedicar-se aos comícios em prol da República e à colaboração em vários jornais da cidade.

Depois da proclamação da República em 1891, passou a lecionar mitologia na Escola de Belas Artes. Nessa época, alguns de amigos foram perseguidos pela polícia Floriano Peixoto e ele próprio chegou a ser agredido por Olavo Bilac, com quem tinha sérios atritos políticos. A agressão sofrida por Raul Pompéia deixou-o tão humilhado que ele chegou a desafiar Bilac para um duelo, que não aconteceu por que os padrinhos impediram. Daí por diante tornou-se cada vez mais radical, chegando a publicar charges que criticavam o governo. Uma delas ofendeu tanto o presidente Prudente de Moraes, que os jornalistas da época passaram a atacar duramente o escritor. Devido ao seu temperamento ultra-sensível, Raul Pompéia não suportou o fato de ser considerado um homem sem honra e suicidou-se na noite de Natal de 1895.

"O Ateneu", única obra relevante de Raul Pompéia, não se enquadra exatamente dentro da escola Realista/Naturalista. Isso ocorre porque, apesar de, em certos momentos, o romance tender para o Naturalismo, ele não se apoia na realidade objetiva dos fatos e sim na memória subjetiva de um narrador (Sérgio). Com isso, o romance foge da exatidão descritiva e sua narrativa não é tão fria como a maioria das obras Realistas/Naturalistas. Além disso, o estilo de Raul Pompéia acrescenta a técnica impressionista ao nosso Realismo.

Obras: O Ateneu (1888) Canções sem metro (1900).

Veja Também:

Realismo/Naturalismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Limites entre o Realismo e o Naturalismo](#)

- Europa

- [Momento Histórico](#)
- [Panorama Literário](#)

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

- Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Pré-Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- **Portugal**
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

Diferente da Europa, que nos primeiros vinte anos do século XX foi invadida por uma série de movimentos da vanguarda Modernista, o Brasil, nesse mesmo período, ainda era dominado por estilos literários surgidos no século anterior. Eram eles o Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo. No entanto, logo nos primeiros anos do século XX surgiram alguns autores que romperam com a estética dominante e, por isso, passaram a ser chamados de Pré-Modernistas.

Apesar disso, o Pré-Modernismo - que teve seu início oficial em 1902 com a publicação das obras "Canaã", de Graça Aranha, e "Os sertões", de Euclides da Cunha, e terminou em 1922 com a Semana de Arte Moderna - **não é especificamente uma escola literária**. Isso se dá porque esses autores tinham uma individualidade muito forte e seus ideários e estilos eram muito diferentes.

Pode-se dizer então que o **Pré-Modernismo é termo usado para designar a produção literária de alguns autores que, apesar de romperem com a estética anterior, ou seja, Realista-Naturalista-Parnasianista, ainda não podem ser considerados autores Modernos propriamente ditos**. Os principais representantes desse período são Augusto dos Anjos, Euclides da Cunha, Graça Aranha, Lima Barreto e Monteiro Lobato.

Pré-Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- **Portugal**
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

COMO PODE SER VISTO no item [preliminares](#), o Pré-Modernismo não é uma "escola literária", propriamente dita. No entanto, isso não impede o estabelecimento de alguns pontos em comum entre algumas obras publicadas nesse período.

Durante o período em que se desenvolveu o Pré-Modernismo, como em qualquer período de transição de um movimento literário para outro, tivemos a existência de várias tendências literárias que se entrecruzam. De um lado havia o Realismo-Naturalismo-Parnasianismo que começa a agonizar, de outro, uma lenta afirmação do Simbolismo e o surgimento do Pré-Modernismo. Devido à existência dessas correntes literárias, que somente foram neutralizadas com o Modernismo, a literatura dos primeiros anos do sec. XX apresentou **dois tipos de nacionalismo: um conservador e outro renovador.**

O primeiro, nacionalismo ufanista ou conservador, conquistou muito prestígio entre as camadas sociais detentoras do poder, pois enaltecia a Pátria sem lhe fazer nenhuma espécie de crítica. Os principais representantes desse tipo de nacionalismo foram Coelho Neto, autor de "Miragem" e "A Capital Federal", e o conde Afonso Celso, autor de "Por que me Ufano de meu País". Na poesia, autores como José Albano e Amadeu Amaral mantiveram-se fieis às regras acadêmicas, praticaram a linguagem da arte pela arte e, por isso, ficaram conhecidos como Neoparnasianos.

O segundo tipo de nacionalismo, ou renovador, olha para o Brasil com olhos extremamente críticos e denuncia a realidade brasileira, ou seja, nega o Brasil sem problemas, enaltecido pelos Românticos e Neoparnasianos, e revela-se um País repleto de problemas culturais, políticos e, sobretudo, sociais. Esse tipo de literatura rompeu com passado acadêmico e valorizou o homem e a paisagem regional. Isso quer dizer que tipos humanos como o caipira, o sertanejo, os mulatos etc. e as paisagens como o subúrbio, o nordeste e o interior paulista, que até então eram marginalizados pela literatura, passaram a ser valorizados. Os principais representantes desse período são [Augusto dos Anjos](#), [Euclides da Cunha](#), [Graça Aranha](#), [Lima Barreto](#) e [Monteiro Lobato](#).



A direita temos o Caipira e a esquerda o Sertanejo, figuras que, aliadas aos mulatos, passaram a ser valorizadas na literatura nacional



Além disso, os autores Pré-Modernistas colaboraram para a formação de uma consciência política no leitor, pois suas obras estavam ligadas a vários fatos políticos econômicos e sociais como por exemplo a guerra de Canudos, que foi retratada em "Os Sertões" de Euclides da Cunha. A soma de todas essas características, que revelam um outro Brasil, preparou o terreno para o surgimento do Modernismo brasileiro, que foi desencadeado pela Semana de Arte Moderna de 1922.

Pré-Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- **Portugal**
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

Principais fatos do período Pré-Modernista Brasileiro

1893	<ul style="list-style-type: none"> ● Cruz e Souza publica as obras "Missal" e "Broqueis", iniciando oficialmente o Simbolismo no Brasil.
1898	<ul style="list-style-type: none"> ● Cruz e Souza morre na cidade mineira de Sítio, vítima de tuberculose.
1902	<ul style="list-style-type: none"> ● Euclides da Cunha publica "Os Sertões" relatando o movimento de Canudos; ● Graça Aranha publica a obra "Canaã"; ● Início do governo de Francisco de Paula Rodrigues Alves; ● Fundação do Partido Socialista Brasileiro.
1903	<ul style="list-style-type: none"> ● -Oswaldo Cruz coordena, no Rio de Janeiro, a campanha de vacinação contra a varíola e a febre amarela; ● O Brasil tem a posse do Acre
1904	<ul style="list-style-type: none"> ● Revolta da vacina, contra a política sanitária de Oswaldo Cruz.
1906	<ul style="list-style-type: none"> ● Santos Dumont voa ao redor da Torre Eiffel em Paris com 14 BIS; ● Início do Governo de Afonso Augusto Moreira Pena.
1907	<ul style="list-style-type: none"> ● Olavo Bilac é eleito o primeiro "Príncipe dos Poetas do Brasil".
1909	<ul style="list-style-type: none"> ● Lima Barreto faz sua estréia literária com o lançamento da obra "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" publicada em Portugal; ● Morte de Afonso Pena e Início do Governo de Nilo Peçanha.
1910	<ul style="list-style-type: none"> ● O Marechal Cândido Rondon cria o serviço de Proteção ao Índio; ● Início do Governo de Hermes da Fonseca; ● "Revolta da Chibata".
1911	<ul style="list-style-type: none"> ● Lima Barreto escreve o romance "Triste fim de Policarpo Quaresma".
1912	<ul style="list-style-type: none"> ● Augusto dos Anjos publica "EU"
1913-1914	<ul style="list-style-type: none"> ● Revolta do Juazeiro no Ceará, liderada por Padre Cícero; ● Início do Governo de Venceslau Brás Pereira Gomes.
1914	<ul style="list-style-type: none"> ● Primeira Guerra Mundial.
1917	<ul style="list-style-type: none"> ● O Brasil entra oficialmente na Primeira Guerra Mundial; ● O Governo Federal ordena a queima de 3 milhões de sacas de café para evitar a queda de preços; ● Primeiros movimentos grevistas em São Paulo.
1918	<ul style="list-style-type: none"> ● Fim da Primeira Guerra Mundial; ● Monteiro Lobato escreve "Urupês"; ● Rodrigues Alves foi eleito mais um vez Presidente da República, porém, morreu antes da posse e Delfim Moreira assumiu o cargo.
1919	<ul style="list-style-type: none"> ● Epitácio da Silva Pessoa é eleito Presidente República.

Pré-Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- **Portugal**
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

O SAUDOSISMO é um movimento literário de caráter essencialmente poético surgido, por volta de 1910. Por ter se manifestado pouco tempo depois da proclamação da República, esse movimento é influenciado pelos princípios que essa nova realidade lhe impunha.

O meio divulgador dos idéias Saudosistas foi a revista "**A Águia**", que, ao que tudo indica, tornou-se propriedade, por volta de 1912, da sociedade portuense "**Renascença Portuguesa**", fundada por [Teixeira de Pascoaes](#), Raul Brandão, Antonio Sergio, Augusto Casimiro, Mário Beirão, Jaime Cortesão, Álvaro Pinto e Leonardo Coimbra.

O grupo "Renascença Portuguesa", que ganhou "corpo" no início de 1912, reuniu muitas pessoas que acreditavam que **sua atuação no plano da cultura**, ou seja, proporcionar maior cultura para o povo português, por meio de conferências, manifestos, livros, revistas etc., **poderia promover a reconstrução do País**, que estava sendo destruído pelos interesses e divergências políticas que a República não remediava.

A revista "A Águia" circulou até o ano de 1932 e teve três fases:

- a primeira iniciou-se em 1910 e terminou em 1912;
- a segunda vai de 1912 até 1919;
- já a terceira fase, iniciada após 1919 (ditadura de Sidonio Pais), é marcada pelo fato de a "Renascença Portuguesa" transforma-se na "Seara Nova" um grupo mais político do literário.



[Teixeira Pascoaes](#)

Para fins literários a segunda fase da revista "**A Águia**" é, sem sombra de dúvidas, a mais importante. Isso porque, nesse período, Teixeira de Pascoais, fundou a doutrina do Saudosismo, que tinha a intenção de proteger Portugal da invasão do elemento estrangeiro, que estava afastando Portugal da sua verdadeira "**alma**".

Para Pascoais a "**alma portuguesa**" é "**caracterizada pela fusão que se realizou, na nossa Raça, do princípio naturalista ou ariano e do princípio espiritualista ou semita, e pelas qualidades morais da paisagem que, em vez de contrariar a herança étnica, a acentua e fortalece**". Em outras palavras pode-se dizer que a "**alma portuguesa**", por possuir tantas qualidades, tem a força necessária para a reconstruir o País. No entanto, é preciso despertá-la, dar-lhe o animo dos tempos das grandes glórias e dos feitos memoráveis, como os descritos nos Lusíadas.

" Ora, a nossa Pátria possui felizmente essas qualidades que se ergueram (...). O que é preciso, antes de tudo, o que é urgentíssimo, é ressuscitá-las, para que readquiram a perdida atividade."

Teixeira de Pascoaes

Assim, a doutrina do Saudosismo passa a ser encarada como uma atitude perante a vida que definia a **"alma nacional"**. Algo como um elo com o passado que dava as diretrizes para a construção do futuro. A Saudade, por sua vez, não tem um caráter de nostalgia, mas sim de esperança. Por ser uma palavra que não tem equivalente em outras línguas, a saudade torna-se um **"sentimento-idéia"**, mais que isso, torna-se uma **"promessa de uma nova civilização lusitana"**, uma espécie de política-religião tipicamente portuguesa que faz o homem reagir e o impulsiona a realizar o que ainda está por fazer.

Tudo isso pode ser mais bem explicado nas seguintes palavras de Teixeira Pascoais: "o movimento da Renascença Portuguesa se faz e fará dentro da Saudade revelada, a qual se ergue à altura duma Religião, duma Filosofia e de uma Política. Dentro dela Portugal, sem deixar de ser Portugal, poderá realizar os maiores progressos de qualquer natureza".

A obra impulsionadora desta nova tendência foi "O Encoberto", de autoria de Sampaio Bruno, cujo tema é a decadência dos povos peninsulares.

Essa nova doutrina político-social em pouco tempo deixou de satisfazer o espírito positivista de alguns membros, dentre eles António Sérgio, que acabou manifestando o seu desagrado com a revista e acusando Pascoaes de **"utópico e passadista, fechado num lusitanismo xenófobo, provinciano, incompatível com o moderno espírito europeu"**.

Essas críticas geraram muita polêmica interna e o grupo sofreu uma ruptura, que acarretou no aparecimento da **"Seara Nova"**.

A maioria dos poetas que colaboraram na revista "A Águia" pode ser classificada como **neo-românticos**. A grande exceção se dá a [Fernando Pessoa](#), que estreou, em 1912, como crítico literário. Nesse período, Pessoa chegou a afirmar que os poetas saudosistas anunciam o pensamento da **"futura civilização europeia"**, que corresponderia à "civilização lusitana", e é neste clima de [exaltação sebastianista](#) que escreve a obra **"Mensagem"**.

No entanto, a exaltação patriótica em Fernando Pessoa não dura muito, pois na série de artigos **"A Nova Poesia Portuguesa"**, onde prevê o surgimento do **supra-Camões**, já pode ser percebido o seu distanciamento desses ideais:

"... o inevitável aparecimento do poeta ou poetas supremos, desta corrente, e da nossa terra, porque fatalmente o Grande Poeta, que esse movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões. (...) Mas é precisamente por isso que mais concluível se nos afigura o próximo aparecer de um supra-Camões na nossa terra".

Fernando Pessoa

Esses artigos geraram muita controvérsia, que se manifestaram, principalmente, **por meio de inquéritos literários divulgados no jornal República**. Os participantes do movimento da Renascença também não gostaram nenhum pouco desses artigos, classificando-os como absurdos e acusando o autor de lesar o patriotismo.

A má receptividade desses artigos foi recebida com certa tristeza por Fernando Pessoa, mas isso não abalou seu desejo de construir um novo mundo literário, o que o afastou da exaltação patriótica para dar novos rumos a sua obra, bem como à literatura portuguesa. **Assim, essa série de artigos escritos por Pessoa podem ser classificados como "verdadeiros ecos do Modernismo"**, que estava por surgir, **o que dá ao período em que participou da Revista "A Águia" um caráter Pré-moderno**.

Pré-Modernismo

- Brasil

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)

- Portugal

- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

O fato de o Saudosismo ou Pré-Modernismo ser um momento de transição entre o Simbolismo e o Modernismo faz com que os momentos históricos e cronológicos desses períodos sejam praticamente os mesmos. Assim, para entender melhor o Saudosismo recomenda-se a consulta dos seguintes momentos históricos e cronologias:

- [Momento histórico do Simbolismo](#)
- [Cronologia do Simbolismo](#)
- [Momento histórico do Modernismo](#)
- [Cronologia do Modernismo](#)

Pré-Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- **Portugal**
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)



O FENÔMENO de Canudos aconteceu no final do século XIX, no sertão do norte da Bahia. Depois de pregar muitos anos no sertão Antônio Conselheiro, uma espécie de Messias, funda o Arraial de Canudos em 1893 e reúne, nesse local, milhares de seguidores.

Enquanto constrói a cidade e organiza o sistema de produção, baseado no trabalho coletivo, Antônio Conselheiro continua sua pregação, na qual mistura a doutrina cristã à religiosidade popular. Durante sua pregação, além de criticar a Igreja e a república, Conselheiro anuncia o início de uma "nova era" e convoca os seus fiéis a defender a Monarquia.

Canudos passa então a ser visto não só como um "arraial de fanáticos" mas também como perigoso reduto de rebeldes monarquistas e desordeiros que precisa ser eliminado.

Assim, o Governo Federal envia, entre 1896 e 1897, duas expedições militares para sertão com o intuito de acabar com o Arraial de Canudos.

Após fracassarem, de março a outubro de 1897 outras duas expedições são enviadas, a última com 6 mil homens e artilharia pesada, consegue finalmente tomar e destruir Canudos. Junto com Conselheiro morrem milhares de combatentes, restando aproximadamente 400 prisioneiros, entre velhos, mulheres e crianças.

Aos olhos da opinião pública da capital federal e da maioria das cidades brasileiras, a dura repressão imposta pelas autoridades a Canudos foi necessária para defender a República recém-proclamada e acabar com a rebelião.



:: Augusto dos Anjos (1884 - 1914)

AUGUSTO CARVALHO RODRIGUES DOS ANJOS nasceu em 28 de abril de 1884 no Engenho Pau D'arco, localizado na Vila do Espírito Santo, Paraíba. Augusto dos Anjos viveu nesse lugar até os 24 anos, quando a propriedade teve que ser vendida para o pagamento de dívidas. Em 1903 matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife, formando-se bacharel quatro anos depois. Apesar da formação acadêmica, preferiu exercer as funções de professor no Liceu Paraibano.

Em 1910 casou-se e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde continuou lecionando. Dois anos depois publicou o livro de poesias "Eu", que causou enorme polêmica devido a sua linguagem "malcriada", se comparada às obras Parnasianos do mesmo período. Em 1914 transferiu-se para o Estado de Minas Gerais, onde assumiu a direção de um grupo escolar na cidade de Leopoldina. Ainda nesse ano apanhou uma forte gripe, que o levou a morte a 12 de novembro de 1914.

Augusto dos Anjos, "**o poeta do mau gosto**", obteve muita popularidade graças a sua linguagem, que era, ao mesmo tempo elaborada e incrivelmente vulgar. Além disso, o pessimismo e as incertezas perante um novo mundo que surgia foram fatores determinantes para que o autor atingisse altos índices de popularidade.



:: **Obras**

- EU (1912)

:: **Confira abaixo dois poemas de Augusto dos Anjos**

- [O Martírio do Artista](#)
- [Asa De Corvo](#)
- [Soneto](#)
- [Versos Íntimos](#)
- [Eterna Mágoa](#)
- [Homo Infimus](#)
- [Vítima do Dualismo](#)
- [Ao Luar](#)

Veja Também:

Pré-Modernismo

- **Brasil**

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)

- **Portugal**

- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

:: Euclides da Cunha (1866 - 1909)



EUCLIDES RODRIGUES PIMENTA DA CUNHA nasceu em 20 de janeiro de 1866 em Cantagalo, no Estado do Rio de Janeiro. Órfão de mãe desde os três anos, passou a ser criado por suas tias e depois por seus avós.

Aos 19 anos, depois de ter cursado um ano na Escola Politécnica, transferiu-se para a Escola Militar. Algum tempo depois, devido a um incidente de desacato ao Ministro da Guerra, foi desligado da Escola Militar, para onde seria reconduzido em 1890, logo após a proclamação da República.

Em 1896, depois de formar-se em Engenharia Militar e Ciências Naturais, abandonou definitivamente a farda, por causa dos caminhos tomados pela República. No ano seguinte foi para São Paulo, de onde sairia no ano seguinte como correspondente do jornal O Estado de S. Paulo, incumbido de fazer a cobertura da Guerra de Canudos.

Dessa cobertura jornalística resultou uma obra-prima: **Os sertões**, publicada em 1902 e que o conduziu à Academia Brasileira de Letras.

Em 1904 voltou ao Rio de Janeiro, onde conseguiu um cargo no Ministério das relações Exteriores. O cargo no ministério público afastava-o com muita frequência de Ana, sua esposa, que, nessa época já tinha um caso extra-conjugal.

Em 1909, disposto a por um fim na farsa que era seu casamento, morreu, no dia 15 de agosto, em uma troca de tiros com o amante de sua mulher .



Os sertões, sua obra mais importante, revela-nos um verdadeiro painel do nordeste brasileiro e denuncia as condições de vida das "sub-raças sertanejas do Brasil". Essa obra - dividida em três partes: **A terra, O homem e A luta** - demonstra a preocupação de narrar os fatos de forma científica e coloca-nos diante de um país e de um povo que, até então, eram ignorados.

:: Obras

- Os sertões (1902);
- Peru versus Bolívia (1907);
- Contrastes e confrontos (1907);
- À margem da História (1909).

:: [Biblioteca On-line](#)

As obras abaixo estão disponíveis para download.

- Os sertões
- Contrastes e confrontos
- À margem da História

Veja Também:

Pré-Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)

- **Portugal**
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

:: Graça Aranha (1868 - 1931)

JOSE PEREIRA DA GRAÇA ARANHA nasceu no Maranhão em 1868 no seio de uma família muito rica e culta, que favoreceu o seu desenvolvimento cultural. Formou-se em Direito pela Faculdade de Recife, onde foi aluno de Tobias Barreto, mestre que marcaria sua vida. Depois de formado seguiu carreira como juiz de Direito no Estado do Rio de Janeiro e no município de Porto do Cachoeiro, Espírito Santo.

Nesse lugar colheu material e começou a escrever a obra *Canaã*, que foi publicada em 1902. Enquanto a obra não estava completa, mostrou partes dela para Machado de Assis e Joaquim Nabuco e, por causa disso, acabou ingressando na Academia Brasileira de Letras, mesmo sem ter publicado uma obra se quer. Entre 1900 e 1920, percorreu vários países europeus como diplomata, o que lhe proporcionou o contato com os novos rumos que a arte estava seguindo, afastando-o da Academia.

Em 1922 participou da Semana de Arte Moderna e em 1924, após a conferência "O Espírito Moderno" desligou-se de vez da academia. Faleceu no Rio de Janeiro a 26 de janeiro de 1931.

O obra mais significativa de Graça Aranha é *Canaã*. Ela retrata a vida em uma colônia de imigrantes europeus no Espírito Santo. Seus dois personagens principais, Milkau e Lentz têm modos diferentes de enxergar o mundo.

O primeiro acha que a "terra prometida", ou seja, *Canaã* é o Brasil. Já o segundo, inadaptado à realidade brasileira, é racista e preconceituoso, pois acredita na supremacia da raça ariana sobre os mestiços, considerados por ele fracos e indolentes.

:: Obras

- *Romance*
 - *Canaã* (1902);
 - *A Viagem Maravilhosa* (1929).
- *Teatro*
 - *Malazarte* (1911).
- *Ensaios*
 - *A Estética da Vida* (1920).
- *Conferência*
 - *Espírito Moderno* (1925);
 - *Correspondência de Machado de Assis e Joaquim Nabuco*, (1923);
 - *Futurismo. Manifesto de Marinetti e Seus Companheiros* (1926);
 - *O Meu Próprio Romance* (1931).

Veja Também:

Pré-Modernismo

- **Brasil**
 - [Preliminares](#)
 - [Características Gerais](#)
 - [Momento Histórico](#)
 - [Cronologia](#)
- **Portugal**
 - [Características Gerais](#)
 - [Momento Histórico](#)

:: Lima Barreto (1881 - 1922)

AFONSO HENRIQUES DE LIMA BARRETO nasceu a 13 de maio de 1881 no Rio de Janeiro. Filho de uma escrava com um português, cursou as primeiras letras em Niterói e depois transferiu-se para o Colégio Pedro II. Em 1897 ingressou no curso de engenharia da Escola Politécnica. Em 1902 abandonou o curso para assumir a chefia e o sustento da família, devido ao enlouquecimento do pai, e empregou-se como amanuense na Secretaria da Guerra.



Apesar do emprego público e das várias colaborações no jornais da época lhe darem uma certa estabilidade financeira, Lima Barreto começou a entregar-se ao álcool e a ter profundas crises de depressão. Tudo isso causado pelo preconceito racial.

No ano de 1909 fez sua estréia como escritor com o lançamento da obra "**Recordações do Escrivão Isaías Caminha**" publicada em Portugal. Nessa época, dedicou-se à leitura dos grandes nomes da literatura mundial, dos escritores realistas europeus de seu tempo, tendo sido dos poucos escritores brasileiros a tomar conhecimento e a ler os romancistas russos.

Em 1910, fez parte do júri no julgamento dos participantes do episódio chamado "Primavera de sangue", condenando os militares no assassinato de um estudante, sendo por isso preterido, daí para frente, nas promoções na Secretaria da Guerra. Em 1911 escreveu o romance "**Triste fim de Policarpo Quaresma**", publicado em folhetins no Jornal do Comércio.

Apesar do aparente sucesso literário, Lima Barreto não consegue afastar-se do álcool é internado por duas vezes entre os anos de 1914 e 1919. A partir de 1916 começou a militar a favor da plataforma anarquista. Em 1917 publicou um manifesto socialista, que exaltava a Revolução Russa. No ano seguinte, doente e muito fraco, foi aposentado do serviço público e em 1º de novembro de 1922 veio a falecer, vítima de um colapso cardíaco.

Lima Barreto é considerado um autor Pré-modernista por causa da forma com que encara os verdadeiros problemas do Brasil. Dessa forma, critica o nacionalismo ufanista surgido no final do séc. XIX e início do XX. Apesar de Lima Barreto não ter sido reconhecido, em seu tempo, como um grande escritor, é inegável que pelo menos o romance "Triste Fim de Policarpo Quaresma" figure entre as obras primas da nossa literatura.

:: Principais Obras

- *Romances*
 - Recordações do escrivão Isaías Caminha (1909);
 - Triste fim de Policarpo Quaresma (1915);
 - Numa e a ninfa (1915);
 - Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá (1919);
 - Clara dos Anjos (1948).
- *Sátira*
 - Os Bruzundangas (1923);
 - Coisas do Reino do Jambom (1953).
- *Contos*
 - Histórias e sonhos (1920);
 - Outras histórias e Contos argelinos (1952)

[:: Biblioteca On-line](#)

As obras abaixo estão disponíveis para download.

- Os Bruzundangas;
- Clara dos Anjos;
- Histórias e sonhos;
- Marginália;
- O homem que sabia Javanês;
- O Subterrâneo do Morro do Castelo;
- Recordações do Escrivão Isaías Caminha;
- Triste Fim de Policarpo Quaresma



Veja Também:

Pré-Modernismo

- Brasil

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)

- Portugal

- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

:: Monteiro Lobato (1882 - 1948)

JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO nasceu em Taubaté, cidade do interior paulista, em 18 de abril de 1882. Após passar sua infância entre a cidade de Tremembé, onde residia seu avô, e a fazenda de seu pai em Taubaté, onde cursou as primeiras letras, transferiu-se para São Paulo para dar continuidade aos seus estudos. Em 1888 perdeu o pai e, logo em seguida, a mãe. Sua educação ficou por conta de seu avô que impôs-lhe o curso de direito, embora o jovem mostrasse inclinação para as artes.

Em 1900 ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e ficou amigo de Godofredo Rangel, com quem se correspondeu por cerca de 40 anos (Essa correspondência está reunida na obra "A Barca de Gleyre"). Junto com Rangel e outros companheiros Monteiro Lobato fundou o grupo literário "Marinete". Depois de formado, exerceu o cargo de promotor público em Areias. Em 1908 casou-se com Maria Pureza Natividade e em 1911, após herdar a fazenda do seu avô, dedicou-se a agricultura por cerca de três anos.

O inverno rigoroso de 1914 aliado a uma série de outras dificuldades fizeram com Monteiro Lobato pensasse em vender a fazenda por várias vezes. Durante esse período escreveu um manifesto intitulado "Velha Praga" e a enviou para o Jornal O Estado de S. Paulo. Devido ao valor desse trabalho, a Redação resolveu publica-lo, fato que gerou muita polêmica. Alguns estudiosos da obra de Lobato dizem que o sucesso desse artigo serviu de inspiração para que o escritor escrevesse o livro de contos "Urupês", que trazia o famoso personagem "Jeca Tatu".

Em 1919, após vender sua fazenda, fundou a editora Monteiro Lobato e Cia, que tinha o objetivo de "Inundar o País de livros". Esse sonho durou pouco. Em 1924 a editora foi a falência. Em 1927 Lobato foi nomeado adido cultural do Brasil nos Estados Unidos. Nesse período já acreditava que a salvação do Brasil estava no aço e no petróleo. Ao retornar ao País, em 1931, fundou o Sindicato do Ferro, a Cia. Petróleos do Brasil, pois acreditava que havia petróleo no subsolo brasileiro, contrariando os técnicos que afirmavam o contrário.

Devido a essa posição, teve que enfrentar o governo brasileiro e as multinacionais, que levou-o a escrever o livro "O escândalo do petróleo". Durante essa luta, acusou de corrupto o Conselho Nacional do Petróleo e, por isso, foi preso pela ditadura Vargas por seis meses. Após sair da prisão fundou a Editora Brasiliense e passou a dedicar-se à literatura infantil, em livros como "Reinações de Narizinho" e "Caçadas de Pedrinho", que fazem parte da série do "Sítio do Pica-Pau Amarelo". Em 1946, descontente com o Brasil, mudou-se para a Argentina, retornando um ano depois. Em 5 de julho de 1948 faleceu, devido à problemas cardíacos, na cidade de São Paulo.

Apesar de Monteiro Lobato ser classificado por vários críticos literários como pertencente ao Pré-Modernismo, pois sua obra denuncia uma realidade brasileira, que até então era marginalizada, o próprio Lobato assumiu uma postura antimoderna ao criticar, com o artigo "**Paranóia ou Mistificação?**", a exposição de Anita Malfatti, realizada em 1917. Além disso, Lobato fez questão de não participar da Semana de Arte Moderna de 1922.

Apesar de tudo isso, antecipou a preocupação social e a linguagem bem-humorada e coloquial dos modernistas nas suas obras mais significativas: Os contos regionalistas "Urupês" (1918) em que cria a figura do caipira Jeca Tatu, e "Cidades Mortas" (1919). Para conhecer mais sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato visite o seu site oficial na Internet: www.lobato.com.br



::. Principais obras

Obras Adultas

- Urupês;
- Cidades mortas;
- Negrinha;
- Idéias de Jeca Tatu;
- A onda verde e O presidente negro;
- Na antevéspera;
- O escândalo do petróleo e Ferro.

Obras Infantis

- Reinações de Narizinho;
- Viagem ao céu e O Saci;
- Caçadas de Pedrinho e Hans Staden;
- História do mundo para as crianças;
- Memórias da Emília e Peter Pan;
- Emília no país da gramática e Aritmética da Emília;
- D. Quixote das crianças;
- O poço do Visconde;
- Histórias de tia Nastácia;
- O Picapau Amarelo e A reforma da natureza;
- O Minotauro;
- Os doze trabalhos de Hércules



Ilustração de V. J Campos

Veja Também:

Pré-Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- **Portugal**
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

:: Teixeira de Pascoais (1877 - 1952)

TEIXEIRA DE PASOAIS é o pseudônimo que Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos usou para assinar sua obra literária. Nascido no dia 2 de novembro de 1877 em Amarante - Gato, Teixeira Pascoais formou-se em direito pela Universidade de Coimbra no ano de 1901.



Depois disso, exerceu a profissão de advogado na cidade de Amarante e no Porto. Essa atividade, no entanto, nunca o impossibilitou de seguir também a carreira literária, cuja estréia ocorreu no ano de 1897 com a coletânea de poesias intitulada "Sempre".

No ano de 1912, à frente da Revista "A Águia" e do movimento Renascença Portuguesa, difundiu a doutrina do Saudosismo, que foi encarada como uma atitude perante a vida que definia a "alma nacional". O Sebastianismo divulgado por Pascoais influenciou muitos escritores portugueses do início do século XX. Dentre eles destaca-se Fernando Pessoa.

O Saudosismo de Pascoais, no entanto, não dura muito tempo: em 1919, por considerarem Pascoais "utópico" e "passadista", alguns integrantes rompem com o grupo Renascença Portuguesa, o que acarreta no aparecimento do grupo "Seara Nova". Anos antes o próprio Fernando Pessoa já havia abandonado o grupo para dar novos rumos a sua poesia.

Teixeira de Pascoais morreu no dia 14 de dezembro de 1952 em Amarante. A enciclopédia Barsa define Teixeira de Pascoais como o "principal inspirador do saudosismo sebastianista em Portugal início do século XX".

:: **Abaixo temos as obras mais significativas de Teixeira Pascoais:**

Poesia

Sempre -1898;
À Minha Alma -1898;
Terra Proibida -1899;
Vida Etérea -1906;
As Sombras -1907;
Marânus -1911;
Regresso ao Paraíso -1912;
Elegias -1912;
O Doido e a Morte -1913;
Contos Indecisos -1921;
Sonetos -1925;
Cânticos -1925.

Prosa

O Espírito Lusitano ou o Saudosismo - 1912;
O Génio Português na sua Expressão Filosófica, Política e Religiosa -1913;
A Era Lusíada - 1914;
O Penitente - 1942

Biografias

São Paulo - 1934;
Napoleão 1940;
Santo Agostinho - 1945.



:: **Confira abaixo dois poemas de Teixeira Pascoais**

- [O Poeta](#)

- [Painel](#)

Veja Também:

Pré-Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)

- **Portugal**
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

Pré-Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- **Portugal**
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)



PODE-SE dizer que o sebastianismo é uma forma de "**messianismo**" lusitano que tem povoado, ao longo dos séculos, o universo imaginário povo português e que, devido à colonização, encontrou seguidores também no Brasil.

Essa crença gira em torno da lenda de D. Sebastião (penúltimo rei de Portugal antes do domínio espanhol - 1580/1640). Segundo ela, o rei D. Sebastião não teria morrido na batalha de Alcácer-Quibir, ocorrida na África a quatro de Agosto de 1578, e retornaria, em um dia de nevoeiro, para ocupar novamente o trono e fundar o "**quinto império**", ou seja, um império universal sob a regência portuguesa.

Ao longo do tempo o termo "**sebastianismo**" ganhou um sentido um pouco mais amplo: o messias, que importaria uma nova ordem política e social, não tinha mais uma identificação única, passando a ser chamado apenas de "**o encoberto**".

Essa lenda, por estar presente no imaginário do povo português, acabou ganhando espaço também literatura e na política.

Na literatura o mito do sebastianismo pode ser encontrado nas obras:

- Os Lusíadas - de Luiz Camões, onde o sebastianismo tem um caráter religioso e patriótico;
- Frei Luiz de Souza - de Almeida Garrett, essa obra é uma autêntica tragédia sebastianista;
- No primeiro sermão de Padre Antônio Vieira, que fala sobre os ideais sebastianistas e que cita o surgimento de um novo Império: o quinto e último império;
- Mensagem - de Fernando Pessoa. Na terceira parte dessa obra, intitulada "O Encoberto", o tema central é o Sebastianismo e o sonho do "Quinto Império".

Já na política pode-se citar o fato de o sebastianismo ser usado para manipular as camadas populares da sociedade pela inquisição, pelos liberais, miguelistas, republicanos etc.

No Brasil, o fenômeno do sebastianismo manifestou-se, sobretudo, entre as camadas mais populares da sociedade. Ele pode ser encontrado em diversos estados do Sul, Sudeste e Nordeste. No entanto, a maior manifestação sebastianista do Brasil gira em torno da figura Antônio Conselheiro, líder do movimento de Canudos, ocorrido na Bahia. Para conhecer um pouco mais sobre a história de Antônio Conselheiro consulte o Pré-modernismo no Brasil.

Na literatura brasileira o sebastianismo pode ser encontrado nas obras:

- Os sertões - Euclides da Cunha;
- Pedra Bonita, de José Lins do Rego;
- Romance da pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta, de Ariano Suassuna.



Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)

O Simbolismo em Portugal tem seu início oficial quando Eugênio de Castro publica a obra "Oaristos" em 1890. Seu término se ocorre em 1915, quando Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro lançam a revista Orpheu e dão início ao movimento Modernista. Durante esses 25 anos de predomínio da estética Simbolista, Portugal foi governado por D. Carlos I, seguido por D. Manuel II e, no ano de 1910 tivemos a Proclamação da República.

Como pode ser visto no [Momento Histórico do Período Realista](#), nessa época Portugal passava por um período muito conturbado, pois atravessava uma grave crise econômica e financeira e, para piorar a situação, a Inglaterra deu um Ultimato a Portugal, exigindo que fossem retirados os exércitos portugueses que se encontravam entre Angola e Moçambique, caso contrário a guerra seria declarada.

Nessa época a Inglaterra já era um país muito rico e poderoso. A tentativa de enfrentar os exércitos ingleses em qualquer tipo de batalha seria considerado uma verdadeira loucura. Por isso, o governo português acabou cedendo. Essa atitude deixou o povo português humilhado e a culpa de tal vexame caiu sobre a figura do rei, D. Carlos.

Aproveitando-se dessa crise que se instaurava na monarquia, os republicanos fizeram uma forte campanha para a derrubada da monarquia. O povo, aderindo essa idéia, fez uma série de manifestações contra o Ultimato e os jornais de todo o país encheram-se de artigos que criticavam violentamente a Inglaterra, o rei e a monarquia. Nesse período surgiu o hino militar "A Portuguesa", que é hoje o hino nacional.

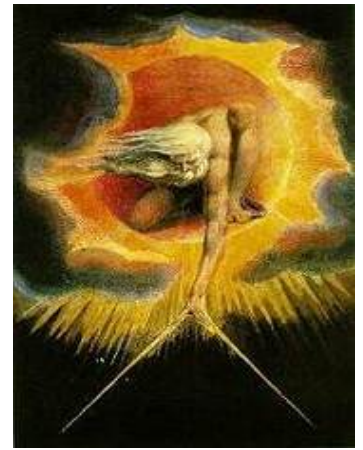
Para dominar os tumultos, o governo solicitou a intervenção da polícia, que abusava da força e batia violentamente nos manifestantes. O resultado dessa ação foi muito pior que o esperado. Ao invés de acalmar os ânimos os manifestantes se rebelavam ainda mais e quanto mais a polícia batia nas pessoas, mais elas iam simpatizando com o Partido Republicano.

Em 1907 ocorreu um golpe de estado com a conivência do rei para engrandecimento do seu poder. João Franco, governando em regime de ditadura, dissolveu a Câmara dos Deputados, perseguiu todos os partidos políticos e afastou ou prendeu os seus opositores. Isso fez com que o povo e alguns monárquicos passassem a odia-lo. Os republicanos aproveitaram essa situação para fazer desacreditar a monarquia e organizaram uma revolução em prol da república, ocorrida em 28 de janeiro e que terminou muito mal para os republicanos, pois a maioria dos revoltosos acabou presa. João Franco decidiu que os prisioneiros deviam ser degredados para África ou para Timor. Por isso, preparou um Decreto que foi assinado por D. Carlos em 1 de fevereiro de 1908. Nesse mesmo dia, ao tentar embarcar na carruagem que a levaria ao Palácio das Necessidades, D. Carlos e o seu filho mais velho, D. Luis, foram mortos em um intenso tiroteio causado por um homem que estava no meio da multidão.

Com a morte de D. Carlos e de D. Luis, D. Manuel II, que tinha apenas 18 anos, subiu ao trono. As primeiras medidas, tomadas em conjunto com o Conselho de Estado, foram:

- afastar João Franco do governo, pois o consideravam culpado da morte do rei e de seu filho;
- instauração da "Política de Acalmação", que tinha o objetivo de acalmar o país. Uma das medidas tomadas foi a libertação de todos os republicanos que haviam sido presos.

A princípio essa política deu certo, porém, os problemas do país não foram resolvidos e os republicanos adotaram o discurso de que o problema estava na Monarquia decadente e que só a República poderia salvar o país. Essa idéia se alastrou muito rapidamente e em Abril de 1909, durante o congresso republicano, ficou decidido que o único caminho a ser tomado era a preparar a revolução,



The Ancient of days, William Blake

que se iniciou na madrugada do dia 4 de abril em Lisboa e terminou no dia 5 com a vitória dos republicanos. Foi estabelecido então um governo provisório presidido por Teófilo Braga. Em 1911 foi Promulgada a Constituição de 1911 e, ainda nesse mesmo ano, foi eleito o primeiro presidente da República: Manuel de Arriaga. No final do seu mandato, Manuel de Arriaga, alarmado com a venenosa da luta política (várias intentonas revolucionárias aconteceram ao longo do ano de 1914), procedeu a um autêntico golpe de Estado: ele demitiu todo governo e encarregou, em ditadura, o general Pimenta de Castro de organizar um ministério, com o objetivo de pacificar a Nação e preparar próximas eleições legislativas.

A ditadura Pimenta Castro durou pouco. Ainda em 1914 o povo rebelou-se e a ditadura chegou ao fim com a renúncia de Manuel Arraiga. Mais uma vez Teófilo Braga assume a Presidência da República até que se organizasse novas eleições. A continuação desse agitado período pode ser conferida no Momento Histórico do Modernismo.

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)

Tábua Cronológica do período Simbolista Português	
1889	- Começam a circular as revistas "Os Insubmissos" e "Boêmia Nova"
1890	- Ultimato Inglês; - Eugênio Castro publica o livro de poemas "Oaristos".
1891	- Revolta republicana causada pelo Ultimato Inglês; - Crise financeira e bancária; - Publicação de "O Barão de Lavos" do escritor Naturalista Abel Botelho.
1896	- Publicação do Ato Adicional à Carta Constitucional.
1900	- Publicação de "A Ilustre Casa de Ramires" de Eça de Queirós.
1901	- Publicação de "As Cidades e as Serras" de Eça de Queirós.
1907	- Golpe de estado; - Ditadura de João Franco.
1908	- Tentativa de Revolução; - Prisão de republicanos; - Regicídio - Morte do Rei D. Carlos e do seu filho mais velho, D. Luis; - D. Manuel Sobe ao trono.
1909	- Lima Barreto faz sua estréia literária com o lançamento da obra "Recordações do Escrivão Isaías Caminha" publicada em Portugal.
1911	- Greves; - Reforma do ensino; - Lei de separação entre a Igreja e o Estado; - Manuel de Arriaga é eleito o 1º Presidente da República.
1913	- Tentativa de Golpe de Estado em Lisboa; - Tentativa revolucionária monárquica.
1914	- Início da Primeira Guerra Mundial
1915	- Ditadura de Pimenta de Castro; - Revolta contra o governo de Pimenta de Castro, que terminou com a ditadura; - Renúncia de Manuel de Arriaga à P. da República; - Teófilo de Braga assume a P. da República; - Eleições gerais e Bernardino Machado é eleito Presidente da República; - Publicação da revista "Orpheu".

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

O INÍCIO DO MODERNISMO Português se dá em um período em que o panorama mundial era muito conturbado. Além da Revolução Russa de 1917, no ano de 1914 eclodiu a Primeira Guerra Mundial, que favoreceu a afirmação dos Estados Unidos da América no cenário Internacional.

Em Portugal esse período foi muito difícil, porque, com a guerra, estavam em jogo as colônias africanas, que já vinham sendo cobiçadas pelas grandes potências desde o final do séc. XIX, quando a Inglaterra deu um Ultimato a Portugal. Aliado a isso, em 1911, foi Promulgado a Constituição e Manuel de Arriaga, eleito o primeiro presidente da República.

Os primeiros anos do governo republicano foram marcados por profundas crises, que geraram duas atitudes opostas: **uma nacionalista**, favorável à nova forma de governo e outra, do grupo de oposição, **os integralistas**, que defendiam as idéias do nazi-fascismo emergentes na Europa.



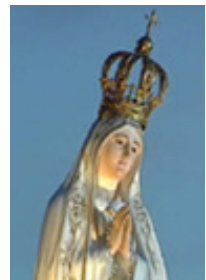
Essa situação conturbada gerou, no povo português, um certo saudosismo, ou seja, o desejo de ver Portugal grandioso como era na época das grandes navegações. Ressurge assim o [Sebastianismo](#) e às saudades das glórias vividas em "Os Lusíadas".

No ano de 1915 Manuel de Arriaga toma posse e, logo em seguida, alarmado com a venenosa luta política (várias intencões revolucionárias aconteceram ao longo do ano de 1914), **executa um autêntico golpe de Estado**: provoca a demissão do governo e encarrega, em ditadura, o general Pimenta de Castro de organizar um ministério, com o objetivo de pacificar a Nação e preparar as próximas eleições legislativas. Inicia-se aqui o aumento de poder dos militares, tendência que marcaria os últimos anos da República.

Ainda em 1915 eclode a revolta contra o governo de Pimenta de Castro. Em 14 de Maio, na cidade de Lisboa, uma multidão assalta armazéns e padarias em busca de comida. Neste mesmo dia, os republicanos, com a participação de civis e militares, executam um movimento revolucionário que tem como resultado, além de centenas de mortos e feridos, a derrocada do Governo.

No dia 15 termina a ditadura de Pimenta de Castro e é proclamada, de novo, a República. [Teófilo de Braga](#) assume interinamente a função de Presidente da República e governa até cindo de Outubro de 1915, quando Bernardino Machado é eleito Presidente.

No ano de 1916 Portugal apreende todos os navios mercantes alemães, que estavam ancorados em portos portugueses, a fim de serem colocados ao serviço da aliança luso-britânica. Como consequência, a Alemanha declara a guerra a Portugal. Dessa forma, Portugal entra formalmente na Primeira Guerra Mundial. No ano seguinte parte para França a 1ª Brigada do Corpo Expedicionário Português. Até esse momento, o único contato das tropas portuguesas com a guerra limitara-se às colônias.



Em 1917 acontece a Primeira aparição de Nossa Senhora de Fátima. Três pequenos pastores afirmaram que Nossa Senhora apareceu para eles e transmitiu-lhes um conjunto de mensagens de caráter pessoal, nacional e internacional. Embora de difícil averiguação, o fenômeno, foi muito bem explorado pela Igreja Católica no sentido do revigoreamento da fé.

Ainda no ano de 1917 Bernardino Machado é destituído do poder e Sidónio Pais assume a Presidência da República. No ano seguinte ele é eleito o presidente e, no dia 14 de dezembro, Canto e Castro assume o cargo, uma vez que Sidónio Pais morre, vítima de um atentado.

Em 1919 Antônio José de Almeida é eleito Presidente da República, governando até 1923 quando foi substituído por Manuel Teixeira. Em 1925 Bernardino Machado é eleito presidente da República, governando até o ano seguinte, quando se demite e transmite os poderes a Mendes Cabeçadas. Logo em seguida o general Gomes da Costa dá um Golpe de Estado e assume o poder, mas logo é destituído e desterrado.



Como se pode ver, esse período foi cheio de golpes militares, eleições e destituições. Isso só termina em 1928 quando Antônio de Oliveira Salazar estabelece as diretrizes do chamado Estado Novo. Em 1932 Salazar, então ministro das finanças, assume oficialmente o governo, consolidando assim a vitória do Integralismo lusitano e dando origem a uma das mais longas ditaduras da história, que só cairia em 1974 com a Revolução dos Cravos.

No ano de 1933 a Constituição, além de instituir o Estado Novo, passa a admitir somente a existência de um único partido político: a União Nacional.

No ano de 1940, em meio à Segunda Guerra Mundial, **o grupo presencista encerra suas atividades. Encerrando também o Modernismo em Portugal.**

Modernismo**Principais fatos do período Modernista Português**

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

1910	<ul style="list-style-type: none"> • Uma rebelião derruba o rei Manuel II e a República é proclamada. Os republicanos adotam leis liberais e anticlericais; • Surgimento do saudosismo;
1911	<ul style="list-style-type: none"> • Promulgada a Constituição; • Manuel de Arriaga é eleito o primeiro presidente da República.
1912	<ul style="list-style-type: none"> • É fundado, em Janeiro, o movimento da Renascença Portuguesa. A revista "A Águia" torna-se o órgão divulgador desse movimento; • Abril - Fernando Pessoa faz estréia como crítico literário na Revista "A Águia";
1915	<ul style="list-style-type: none"> • Ditadura de Pimenta de Castro; • Revolta contra o governo de Pimenta de Castro, que terminou com a ditadura; • Renúncia de Manuel de Arriaga à P. da República; • Teófilo de Braga assume a P. da República; • Eleições gerais: Bernardino Machado é eleito Presidente da República; • 26 de março, publicação da revista "Orpheu", marco inicial do Modernismo português.
1916	<ul style="list-style-type: none"> • Alemanha declara a guerra a Portugal. Assim, Portugal entra formalmente na Primeira Guerra Mundial; • Falecimento de Mário de Sá Carneiro em 26 de abril.
1917	<ul style="list-style-type: none"> • Primeira aparição de Nossa Senhora de Fátima; • Abril, publicação do único número da revista Portugal Futurista.
1919 - 1928	<ul style="list-style-type: none"> • Período marcado pela instabilidade política do país: vários golpes militares, eleições e destituições.
1927	<ul style="list-style-type: none"> • Março, publicação do primeiro número da revista literária "Presença".
1928	<ul style="list-style-type: none"> • Antônio de Oliveira Salazar estabelece as diretrizes do chamado Estado Novo; • Morte de Florbela Espanca no dia 7 de Dezembro; • Ferreira Castro publica a obra "Emigrantes".
1930	<ul style="list-style-type: none"> • Ferreira Castro publica "A Selva". Essa obra e "Emigrantes", publicada em 1928, são consideradas obras precursoras do movimento Neo-Ralista em Portugal.
1932	<ul style="list-style-type: none"> • Antônio de Oliveira Salazar assume oficialmente o governo dando início a chamada "Ditadura Salazarista", que durou mais de quarenta anos.
1933	<ul style="list-style-type: none"> • A Constituição, além de instituir o Estado Novo, decreta a existência de apenas um partido político: a União Nacional.

1935	<ul style="list-style-type: none">• Falecimento de Fernando Pessoa a 30 de novembro.
1939	<ul style="list-style-type: none">• Alves Redol publica Gaibéus, obra que consolida o movimento Neo-Realista em Portugal.
1940	<ul style="list-style-type: none">• Em meio à Segunda Guerra Mundial, o grupo presencista encerra suas atividades. Encerrando também o Modernismo em Portugal.

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)



The Nightmare - Johann Heinrich Füssli

O **Simbolismo** é uma escola literária do fim do séc. XIX, surgida na França como reação ao Realismo e, sobretudo, ao Parnasianismo. Essa escola caracteriza-se por apresentar uma visão subjetiva, simbólica e espiritual do mundo.

A primeira obra Simbolista é "**As flores do mal**" de **Charles Baudelaire**, datada de 1857. No entanto, o termo **Simbolismo** foi usado pela primeira vez somente em 1886 por Jean Moréas, que divulgou um manifesto no qual afirmava que simbolismo era o único termo capaz de designar as tendências artísticas de época.

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)

Antes de começar leia atentamente alguns significados da palavra símbolo:

1. Aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui outra coisa;
2. Aquilo que, por sua forma ou sua natureza evoca, representa ou substitui, num determinado contexto, algo abstrato ou ausente;
3. Aquilo que tem valor evocativo, mágico ou místico;
4. Objeto material que, por convenção arbitrária, representa ou designa uma realidade complexa;
5. Elemento descritivo ou narrativo suscetível de dupla interpretação, associada quer ao plano das idéias, quer ao plano real;
6. Elemento gráfico ou objeto que representa e/ou indica de forma convencional um elemento importante para o esclarecimento ou a realização de alguma coisa; sinal, signo;
7. Sinal que substitui o nome de uma coisa ou de uma ação;
8. Figura convencional elaborada expressamente para representar uma coisa; emblema, insígnia;
9. Pessoa ou personagem que representa determinado comportamento ou atividade;
10. Alegoria, comparação; metáfora.

A literatura simbolista é caracterizada por todos esses itens e mais alguns. Por isso, pode-se dizer que o Simbolismo, além de ser uma espécie de reação ao positivismo, ao racionalismo e ao cientificismo cultivado pelos Realistas/Naturalistas, busca um certo distanciamento do materialismo, intensificado a partir da Revolução Industrial e com o posterior surgimento do capitalismo. Por isso, assume um caráter contrário ao objetivismo Realista. Assim há a **retomada alguns ideais Românticos** como por exemplo o **subjetivismo e o individualismo**. No entanto, isso não significa que o Simbolismo é simplesmente uma reedição do movimento Romântico, ele é muito mais profundo que isso. O culto ao eu Simbolista não é ridiculamente sentimental como o Romântico, ele é a busca pelo que há de mais profundo e universal no ser humano, ou seja, **a alma**. Dessa forma **a morte** não é vista simplesmente como uma forma de evasão, ela **passa a ser encarada como uma espécie libertação**, ou seja, **a alma só é livre quando as amarras que a prendem ao corpo se rompem**.



The Plague - Arnold Böcklin



Na tentativa de atingir os estados da alma os Simbolistas valorizam **o sonho, a loucura, a fé, a religião, o misticismo**, chegando a atingir camadas do **inconsciente e do subconsciente**.

Assim, a **realidade Simbolista expressa-se de maneira vaga e imprecisa**, obrigando a **linguagem** a ser apresentada de forma indireta e figurada, **repleta de sinestésias, aliterações e metáforas**.

Por isso, a **linguagem Simbolista é muito sugestiva, ou seja, sugere conteúdos**, sem, no entanto, descrevê-los ou narrá-los. Dessa forma, as palavras transcendem o seu significado proporcionando **textos ambíguos**.

>>>>The Aparitiion - Gustave Moreau

**"De la musique avant toute chose"
(A música acima de tudo)
Paul Verlaine**

Como se pode ver na afirmação de Paul Verlaine, os poetas simbolistas tentam fazer a **aproximação da poesia com a música**. Graças a isso, inovaram a métrica, rompendo assim com as rigorosas regras de versificação seguidas pelos poetas parnasianos. Eles passaram a trabalhar com o **deslocamento e atenuação do acento tônico do verso, jogos de palavras, aliterações, repetições de palavras e versos**.

Se por uma lado o Simbolismo rompeu com os excessos realistas/naturalistas, que por muitas vezes chegavam a ser preconceituosos, por outro, distanciou a sua literatura do leitor médio, devido ao nível intelectual de seus escritores e, conseqüentemente, da sua linguagem.

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)

O Simbolismo, que ocorreu em período de transição do séc. XIX para o séc. XX, rejeita as correntes materialistas, racionalistas, empíricas e mecânicas trazidas pelo avanço da ciência da época e valoriza valores e ideais que estavam esquecidos: o espírito, o sonho, o absoluto, o nada, o bem, o belo, o sagrado etc.

A origem dessa tendência situa-se na aristocracia decadente e na classe média. Essas camadas sociais, por não participarem da euforia do progresso materialista, que solidificou o poder burguês, propõem a volta da supremacia do sujeito sobre o objeto, rejeitando desse modo o desmedido valor dado às coisas materiais.

Por isso, os Simbolistas procuraram resgatar a relação do homem com o sagrado, com a liturgia e com os símbolos. Buscam o sentimento de totalidade, que se daria numa integração da poesia com a vida cósmica, como se ela, a poesia, fosse uma religião.



Dentro dessa nova concepção da realidade e da arte, as correntes materialistas racionalistas não correspondem às exigências Simbolistas e isso faz com que eles sejam criticados pela sociedade, que chegou a clama-los de malditos ou decadentes.

Apesar de ignorar a opinião pública e fechar-se, numa quase religião da palavra e de suas capacidades expressivas, os simbolistas não conseguem sobreviver por muito tempo. O mundo presencia a euforia capitalista causadas pelo o avanço científico e tecnológico, a burguesia vive um período de prosperidade, a "belle époque", e isso só terminaria com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914.

É nesse clima que o Simbolismo desaparece, porém, deixa para o mundo um alerta sobre o mal trazido pela civilização moderna e industrializada. Eles deixam também perspectivas literárias que abrem as portas para o surgimento de novas correntes literárias e artísticas.

A Primeira Guerra Mundial, simboliza o mal trazido pela civilização moderna e industrializada e marca o fim do simbolismo.

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)



The Isle of the Dead, Arnold Böcklin

Os primeiros sinais da escola Simbolista aparecem em Portugal no ano de 1889 quando circulavam no país as revistas **Os Insubmissos** e **Boêmia Nova**. Esses periódicos, ambos fundados pelos estudantes de Coimbra, seguiam as regras dos Simbolismo Francês e contavam com a colaboração de [Eugênio Castro](#) e [Antônio Nobre](#).

No ano seguinte (1890), [Eugênio Castro](#) publica o livro de poemas "**Oaristos**", considerado oficialmente o marco inicial do Simbolismo português.

O termo "Oaristo" é de origem grega e significa "diálogo íntimo" ou "diálogo entre amantes". Essa obra, além dos poemas, que tratam de um amor ardente e fatal, traz em seu prefácio um verdadeiro programa da estética Simbolista.

Paralelamente ao início do Simbolismo, acontecia em Portugal o movimento "**Os Vencidos da Vida**". Os integrantes desse grupo revelavam em tom melancólico o espírito de depressão vivido na época e toda a incerteza em relação ao destino do país e de sua cultura. Do grupo "Os Vencidos da Vida", considerado por muitos críticos literários como a última manifestação Realista, destacam-se as figuras de Eça de Queirós e Guerra Junqueiro. A existência do grupo "Os Vencidos da vida", aliada a figura do escritor Naturalista Abel Botelho, que em 1891 publicou a obra "O Barão de Lavos", nos mostram que o advento do Simbolismo não neutralizou a escola Realista, que se manteve presente nos meios literários até, pelo menos, o ano de 1915.

O término do Simbolismo português se dá em 1915, já em meio à primeira guerra mundial, quando Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa lançam a revista "Orpheu" e dão início ao movimento Modernista.

Além dos já citados [Eugênio de Castro](#) e [Antônio Nobre](#), ainda merecem destaque os seguintes autores simbolistas: [Camilo Pessanha](#), João Barreira, Manuel Teixeira-Gomes, Augusto Gil etc.

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico -](#)

[Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)

Devido ao fato de o Simbolismo ter sido praticamente sufocado pela poesia Parnasiana, pois desenvolveu-se na região sul do país, que até então não fazia parte da elite cultural brasileira, achamos mais apropriado montar o [Momento Histórico](#) e a [Cronologia](#) Simbolista junto com o Pré-Modernismo.

Lembramos ainda que nessa época ainda houve algumas manifestações Realistas, Naturalistas e Parnasianas. Por isso, a consulta ao Movimento Realista torna-se indispensável.



Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)



Orpheus - Gustave Moreau

O simbolismo inicia-se, no Brasil em 1893, com a publicação dos livros "Missal" e "Broqueis", ambos de autoria de [Cruz e Souza](#) e termina, definitivamente, em 1922 com a Semana da Arte Moderna.

Ao contrário do que se possa imaginar, o início do Simbolismo não marca o término do Realismo/Naturalismo e do Parnasianismo no Brasil. Diferente do que aconteceu na França, onde o Simbolismo sobrepôs-se ao Realismo e ao Parnasianismo, no Brasil o Simbolismo foi quase inteiramente abafado por esses movimentos, que tiveram muito prestígio entre as camadas cultas do País.

No ano de 1902, com a publicação de obra Canaã de Graça Aranha, tivemos também o início também o Pré-Modernismo. Dessa forma, nas primeiras décadas dos século XX, essas três escolas literárias caminharam praticamente juntas e somente foram neutralizadas no ano de 1922 com a Semana de Arte Moderna.

O Simbolismo no Brasil teve um caráter poético. A prosa praticamente não existiu, uma vez que, quando houve prosa, ela foi poesia em prosa e pode ser encontrada na obra de Cruz e Souza. Os principais autores dessa escola no País foram: [Cruz e Souza](#), representante máximo da estética simbolista brasileira, [Alphonsus de Guimaraens](#) e [Pedro Kilkerry](#).

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

NO INÍCIO DP SÉC. XX as revistas culturais foram o principal meio de divulgação das transformações sofridas pela arte. No ano de 1910 surgiu, em Portugal, a revista mensal "A **Águia**", dirigida por [Teixeira Pascoaes](#). O objetivo dessa revista era ressuscitar a Pátria Portuguesa a partir do saudosismo, ou seja, por uma espécie de retomada das tradições do País.

O período em que a revista "A Águia" circulou é conhecido também como [Saudosismo](#). Por ser um **momento de transição**, uma vez que em 1915 surge a revista "Orpheu", marco inicial do Modernismo português, **esse período também pode ser classificado como Pré-Modernismo**.

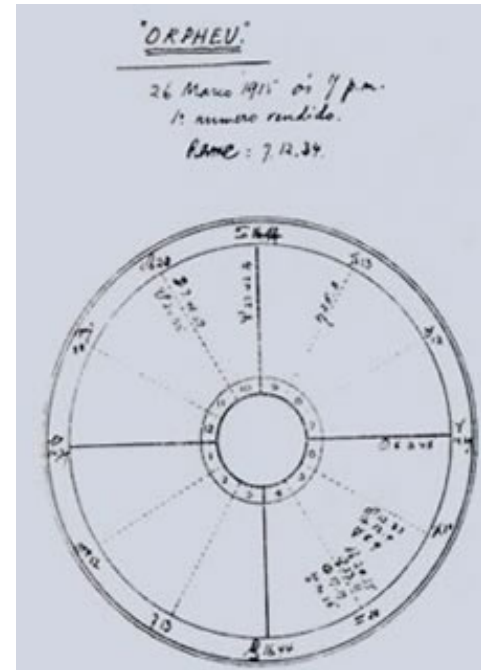
O Modernismo em Portugal é difícil de ser estruturado. Alguns estudiosos o dividem em dois, três e até mesmo em quatro momentos. Quanto ao primeiro e segundo momentos não há divergências entre esses estudiosos, mas as duas outras fases geram muitas controvérsias.

Após muita pesquisa, optou-se em dividir o período Modernista português em duas partes: [Primeiro Momento ou Orphismo](#) e [Segundo Momento ou Presencismo](#). As duas outras fases são classificadas como [Neo-realismo](#) e [Surrealismo](#).



Isso se justifica porque os escritores da fase Neo-realista repudiam a literatura psicológica e propõem uma literatura de caráter social, muito próxima à praticada pelos autores Realistas. Já os escritores da fase Surrealista são influenciados pelas teorias de Andre Breton, idealizador do Surrealismo.

Devido a tudo o que foi exposto, **o ano de 1940**, quando o grupo Presencista desintegrou-se, é considerado **o término do período Modernista em Portugal**.



Horóscopo da revista Orpheu elaborado por Fernando Pessoa

Modernismo

- Portugal
- Preliminares
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)



[Caricatura de Fernando Pessoa.](#)

O MODERNISMO em Portugal tem seu início oficial no ano de 1915, quando um grupo de escritores e artistas plásticos lança o primeiro número da "Orpheu", revista trimestral de literatura. Esse grupo é composto por [Mário de Sá-Carneiro](#), Raul Leal, Luís de Montalvor, [Almada Negreiros](#) o brasileiro [Ronald de Carvalho](#) e, entre outros, o fantástico e polêmico, [Fernando Pessoa](#) e seus heterônimos ([Álvaro de Campos](#), [Ricardo Reis](#), [Alberto Caeiro](#)).

Segundo Luís de Montalvor, Orfeu "é um exílio de temperamentos de arte que a querem como a um segredo ou tormento". Ainda conforme Montalvor, a pretensão dos integrantes da Orfeu "é formar, em grupo ou idéia, um número escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este princípio aristocrático tenham em Orfeu o seu ideal esotérico e bem nosso de nos sentirmos e conhecermos".

Esses jovens artistas, também conhecidos como Orfistas, foram influenciados pelo **Futurismo de Marinetti**; pelo **Institucionalismo de Henri Bérghson**, cuja linha de pensamento só admitia o conhecimento natural e espontâneo e dizia não à ciência e à técnica; e **pelos ensinamentos de Martin Heidegger**, que colocava a existência individual como determinação do próprio indivíduo e não como uma determinação social.

Os objetivos principais dos orfistas eram:

- **Chocar a burguesia com sua obra irreverente (poesias sem metro, exaltando a modernidade);**
- **Tirar Portugal de seu descompasso com a vanguarda do resto da Europa.**

Logo no primeiro número, publicado em abril de 1915, os orfistas conseguiram criar o ambiente de escândalo desejado, graças a críticas violentas, que podem ser encontradas nos poemas "[Ode triunfal](#)" de [Álvaro de Campos](#) (Heterônimo de [Fernando Pessoa](#)) e "[Manucure](#)" de [Mário de Sá-Carneiro](#). Esse primeiro número esgotou-se em apenas três semanas graças a um sucesso "negativo": as pessoas que compravam a revista ficavam horrorizadas e despejavam sua ira contra os seus colaboradores. Armando Cortes Rodrigues, um dos membros da Orpheu, conta que os orfistas eram constantemente ironizados e chamados de loucos.

O segundo e último número da revista Orpheu foi lançado em julho de 1915, com conteúdos bem mais futuristas. O terceiro número chegou a ser planejado, mas não foi editado por causa do suicídio de [Mário de Sá-Carneiro](#), responsável pelos custos da revista.



[Mário de Sá Carneiro](#)



[Ronald Carvalho](#)



[Almada Negreiros](#)

Essa primeira geração Modernista, surgida em meio à Primeira Guerra Mundial, foi nitidamente influenciada pelos vários manifestos de vanguarda europeus. Esse talvez seja o motivo principal dos autores desse período apresentarem individualidades muito fortes e não seguirem um padrão estético linear.

Apesar do precoce desaparecimento da "Orpheu", essa revista deixou uma rica herança, uma vez que surgiram várias outras revistas que, a grosso modo, foram seguidoras do orphismo e que tiveram duração efêmera, ou seja, duraram pouco. Foram elas:

- Centauro (1916);
- Exílio (1916);
- Ícaro (1917);
- Portugal Futurista (1917);
- Etc.

Ainda nesse primeiro momento do Modernismo português surgiram as figuras de [Aquilino Ribeiro](#) e [Florbela Espanca](#). Nomes de destaque na literatura portuguesa, que não tiveram ligação com nenhum dos momentos modernistas. Para o professor de Literatura Portuguesa Massaud Moisés esses dois poetas são enquadrados em um momento literário que classifica como "**Interrogno**".



Revista Exílio - nº unico abril 1916.
Direção Augusto de Santa Rita

Modernismo

- Portugal
- Preliminares
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)



O **SEGUNDO MOMENTO** Modernista surgiu da herança deixada pelo orphismo. A revista literária "**Presença**", que teve o primeiro exemplar publicado em 10/03/1927, foi o meio divulgador das idéias desse grupo, também conhecido como **presencismo**.

A revista Presença foi fundada e editada por Branquinho da Fonseca. Em 1930, quando a revista já estava no número 27, [Branquinho da Fonseca](#), por considerar haver imposição de limites à liberdade criativa, abandona a direção da revista, que fica a cargo de [Adolfo Casais Monteiro](#).

Dentre os seus principais colaboradores destacam-se as figuras de [José Régio](#), Adolfo Rocha, [João Gaspar Simões](#), [Miguel Torga](#), Irene Lisboa, entre outros.

Além de dar continuidade às idéias do orphismo e de eleger os membros desse período como "mestres", os presencistas pregavam uma literatura mais **intimista e artística**.

Revista Presença n.º 1 - 10/ 03/1927

Isso quer dizer que a literatura defendida por esse grupo estava voltada para uma análise interior e para a introspeção.

Por causa dessas posturas os presencistas tiveram algumas dissidências e receberam muitas críticas, baseadas nos exageros do individualismo e do esteticismo.

A revista Presença foi, em Portugal, o **principal veículo divulgador das principais obras e escritores europeus da primeira metade do século**. Além disso destaca-se ainda o **espírito crítico de seus fundadores e de alguns de seus colaboradores**. Graças a esse espírito, muitos estudiosos consideram o Presencismo como um movimento mais crítico do que criador.

No ano de 1940, em meio à Segunda Guerra Mundial, o grupo presencista encerra suas atividades. Encerrando também o Modernismo em Portugal.

Para alguns estudiosos, o Modernismo português ainda teve mais uma ou até duas fases, que são aqui classificadas como [Neo-realismo](#) e [Surrealismo](#).



Revista Presença nº1 março de 1927

:: Eugênio de Castro (1869 - 1944)

Eugênio de Castro e Almeida nasceu em Coimbra no dia 4 de março de 1869. Por volta de 1889 formou-se em Letras pela Faculdade de Coimbra e mais tarde veio a lecionar nessa faculdade. Colaborou com a publicação das revistas "**Os insubmissos**" e "**Boêmia nova**", ambas seguidoras do Simbolismo Francês. Em 1890 entrou para a história da literatura portuguesa com o lançamento do livro de poemas "**Oaristos**", marco inicial do Simbolismo em Portugal. Faleceu em 1944 no dia 17 de agosto.

A obra de Eugênio de Castro pode ser dividida em duas fases: Na primeira fase ou fase Simbolista, que corresponde a sua produção poética até o final do século XIX, Eugênio de Castro definiu algumas características da Escola Simbolista, como por exemplo o uso de rimas novas e raras, novas métricas, sinestésias, aliteraões e vocabulário mais rico e musical.

Na segunda fase ou neoclássica, que corresponde aos poemas escritos já no século XX, vemos um poeta voltado à Antiguidade Clássica e ao passado português, revelando um certo saudosismo, característico das primeiras décadas do século XX em Portugal.

Veja Também:

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)

:: Antônio Nobre (1867 - 1900)



Antônio Nobre nasceu na cidade do Porto no dia 16 de agosto de 1867. Em 1888 matriculou-se no curso de Direito na Universidade de Coimbra. Como os estudos lhe corresse mal, partiu para Paris onde frequentou a Escola Livre de Ciências Políticas, licenciando-se em Ciências Jurídicas.

Em 1892, ainda na França, lançou seu livro de poesias "Só". Ao regressar a Portugal, tentou seguir na carreira diplomática, mas a tuberculose impediu-o. Faleceu em 1900 após uma intensa luta contra a tuberculose.

Sua principal contribuição para o Simbolismo português foi a alternância do vocabulário refinado dos Simbolistas com um outro mais coloquial.

A princípio, sua poesia mostra uma certa influência de Almeida Garret e de Júlio Dinis, porém, em uma segunda fase fica clara a influência do Simbolismo Francês.

Obras poéticas: Só (publicada em Paris em 1892), Despedidas (1902) e Primeiros Versos (1921), ambas publicadas postumamente.

Confira abaixo alguns poema de Antônio Nobre

[Memória](#)

[Soneto - Meus dias de rapaz, de adolescente,](#)

[\(Ladainha\)](#)

[Soneto- Vou sobre o oceano \(o luar, de doce, enleva!\)](#)

[Soneto - Ó virgens que passai, ao Sol-poente,](#)

Veja Também:

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)

Memória

Ora isto, Senhores, deu-se em Trás-os-Montes,
Em terras de Borba, com torres e pontes.

Português antigo, do tempo da guerra,
Levou-o o Destino pra longe da terra.

Passaram os anos, a Borba voltou,
Que linda menina que, um dia, encontrou!

Que lindas fidalgas e que olhos castanhos!
E, um dia, na Igreja correram os banhos.

Mais tarde, debaixo dum signo mofino,
Pela lua-nova, nasceu um menino.

O mães dos Poetas! sorrindo em seu quarto,
Que são virgens antes e depois do parto!

Num berço de prata, dormia deitado,
Três moiras vieram dizer-lhe o seu fado

(E abria o menino seus olhos tão doces):
"Serás um Príncipe! mas antes... não fosses."

Sucedo, no entanto, que o Outono veio
E, um dia, ela resolve ir dar um passeio.

Calçou as sandálias, tocou-se de flores,
Vestiu-se de Nossa Senhora das Doress:

"Vou ali adiante, à Cova, em berlinda,
Antônio e já volto..." E não voltou ainda!

Vai o Esposo, vendo que ela não voltava,
Vai lá ter com ela, por lá se quedava.

Ó homem egrégio! de estirpe divina,
De alma de bronze e coração de menina!

Em vão corri mundos, não vos encontrei
Por vales que fora, por eles voltei.

E assim se criou um anjo, o Diabo, a lua;
Ai corre o seu fado! a culpa não é sua!

Sempre é agradável ter um filho Virgílio,
Ouvi estes carmes que eu compus no exílio.

Ouvi-os vós todos, meus bons Portugueses!
Pelo cair das folhas, o melhor dos meses,

Mas, tende cautela, não vos faça mal...
Que é o livro mais triste que há em Portugal!



Meus dias de rapaz, de adolescente,
Abrem a boca a bocejar, sombrios:
Deslizam vagarosos, como os Rios,
Sucedem-se uns aos outros, igualmente.

Nunca desperto de manhã, contente.
Pálido sempre com os lábios frios,
Ora, desfiando os meus rosários pios...
Fora melhor dormir, eternamente!

Mas não ter eu aspirações vivazes,
E não ter como têm os mais rapazes,
Olhos boiados em sol, lábio vermelho!

Quero viver, eu sinto-o, mas não posso:
E não sei, sendo assim enquanto moço,
O que serei, então, depois de velho.



(Ladainha)

Teu coração dentro do meu descansa,
Teu coração, desde que lá entro:
E tem tão bom dormir essa criança!
Deitou-se, ali caiu, ali ficou.

Dorme, menino! dorme, dorme, dorme!
O que te importa o que no mundo vai?
Ao acordares desse sono enorme,
Tu julgarás que se passou num ai.

Dorme, criança! dorme sossegada
Teus sonhos brancos ainda por abrir:
Depois a morte não te custa nada,
Porque a ela habituaste-te a dormir...

Dorme, meu anjo! (a noite é tão comprida!)
Que doces sonhos tu não hás-de ter!
Depois, com o hábito de os ter na vida,
Continuarás depois de falecer...

Dorme, meu filho! Cheio de sossego,
Esquece-te de tudo e até de mim!
Depois... de olhos fechados, és um cego,
Tu nada vês, meu filho! e antes assim...

Dorme os teus sonhos, dorme, e não mos digas,
Dorme, filhinho, dorme "ó-ó..."
Dorme, minha alma canta-te cantigas,
Que ela é velhinha como a tua avó!

Nenhuma ama tem um pequenino
Tão bom, tão meigo; que feliz eu sou!
E tem tão bom dormir esse menino...
Deitou-se, ali caiu, ali ficou.



Vou sobre o oceano (o luar, de doce, enleva!)
Por este mar de glória, em plena paz.
Terras da Pátria somem-se na treva
Águas de Portugal ficam, atrás.

Onde vou eu? Meu fado onde me leva?
Antônio, onde vais tu, doido rapaz?
Não sei. Mas o vapor, quando se eleva,
Lembra o meu coração, na ânsia em que jaz.

Ó Lusitânia que te vais à vela!
Adeus! que eu parto (rezarei por ela)
Na minha Nau Catarineta, adeus!

Paquete, meu pacote, anda ligeiro,
Sobe depressa à gávea, marinheiro,
E grita, França! pelo amor de Deus!



Ó virgens que passai, ao Sol-poente,
Pelos estradas ermas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantai-me, nessa voz onipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a Graça, a formosura, o luar!

Cantai! cantai as límpidas cantigas!
Das ruína do meu LAr desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
Ó suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai!



:: Camilo Pessanha (1867 - 1926)

Camilo de Almeida Pessanha nasceu no dia 7 de setembro de 1867 na cidade de Coimbra em Portugal. Após formar-se em Direito foi para Macau, na China, onde exerceu a função de Professor. Acometido de Tuberculose e, segundo alguns estudiosos, viciado em ópio, o que contribuía para o agravamento da doença, retornou várias vezes para a Portugal para tratar da sua saúde.

Essas viagens de pouco valeram, uma vez que o poeta faleceu em 1º de março de 1926 em Macau. Camilo Pessanha que é, sem sombra de dúvidas, o maior e mais autêntico poeta Simbolista português foi fortemente influenciado pela poesia de do poeta frances Verlaine.



Sua poesia, que influenciou vários poetas modernistas, como por exemplo Fernando Pessoa, mostra o mundo sob a ótica da ilusão, da dor e do pessimismo. O exílio do mundo e a desilusão em relação à Pátria também estão presentes em sua obra e passam a impressão de desintegração do seu ser. A sua obra mais famosa é "Clepsidra", relógio de água, que contém poemas com musicalidade marcante e temas até certo ponto dramáticos.

Abaixo temos alguns poemas extraídos da o Clepsidra. Confira!

[Vénus](#)

[Fonógrafo](#)

[Ao longe os barcos de flores](#)

[Violoncelo](#)

[Soneto - Passou o Outono já, já torna o frio...](#)

[Soneto -Floriram por engano as rosas bravas](#)

Veja Também:

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)

Vénus

À flor da vaga, o seu cabelo verde,
Que o torvelinho enreda e desenreda...
O cheiro a carne que nos embebeda!
Em que desvios a razão se perde!

Pútrido o ventre, azul e aglutinoso,
Que a onda, crassa, num balanço alaga,

E reflui (um olfacto que embriaga)
Que em um sorvo, murmura de gozo.

O seu esboço, na marinha turva...
De pé flutua, levemente curva;
Ficam-lhe os pés atrás, como voando...

E as ondas lutam, como feras magem,
A lia em que se desfazem disputando,
E arrastando-a na areia, co'a salsugem.



Fonógrafo

Vai declamando um cómico defunto.
Uma plateia ri, perdidamente,
Do bom jarreta... E há um odor no ambiente
A cripta e a pó – do anacrónico assunto.

Mudo o registo, eis uma barcarola:
Lírios, lírios, águas do rio, a lua...
Ante o Seu corpo o sonho meu flutua
Sobre um paul – extática corola.

Muda outra vez: gorjeios, estribilhos
Dum clarim de oiro – o cheiro de junquinhos,
Vívido e agro! – tocando a alvorada...

Cessou. E, amorosa, a alma das cornetas
Quebrou-se agora orvalhada e velada.
Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas.



Ao longe os barcos de flores

Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
– Perdida voz que de entre as mais se exila,
– Festões de som dissimulando a hora.

Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.

E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
Cauta, detém. Só modulada trila
A flauta flébil... Quem há-de remi-la?
Quem sabe a dor que sem razão deplora?

Só, incessante, um som de flauta chora...



Violoncelo

Chorai arcadas
Do violoncelo!
Convulsionadas,
Pontes aladas
De pesadelo...

De que esvoaçam,
Branços, os arcos...
Por baixo passam,
Se despedaçam,
No rio, os barcos.

Fundas, soluçam
Caudais de choro...
Que ruínas (ouçam)!
Se se debruçam,
Que sorvedouro!...

Trémulos astros...
Soidões lacustres...
– Lemos e mastros...
E os alabastros
Dos balaústres!

Urnas quebradas!
Blocos de gelo...
– Chorai arcadas,
Despedaçadas,
Do violoncelo.



Passou o Outono já, já torna o frio...
– Outono de seu riso magoadado.
Álgido Inverno! Oblíquo o sol, gelado...
– O sol, e as águas límpidas do rio.

Águas claras do rio! Águas do rio,
Fugindo sob o meu olhar cansado,
Para onde me levais meu vão cuidado?
Aonde vais, meu coração vazio?

Ficai, cabelos dela, flutuando,
E, debaixo das águas fugidias,
Os seus olhos abertos e cismando...

Onde ides a correr, melancolias?
– E, refractadas, longamente ondeando,
As suas mãos translúcidas e frias...



Floriram por engano as rosas bravas
No Inverno: veio o vento desfolhá-las...
Em que cismas, meu bem? Porque me calas
As vozes com que há pouco me enganavas?

Castelos doidos! Tão cedo caístes!...
Onde vamos, alheio o pensamento,
De mãos dadas? Teus olhos, que um momento
Perscrutaram nos meus, como vão tristes!

E sobre nós cai nupcial a neve,
Surda, em triunfo, pétalas, de leve
Juncando o chão, na acrópole de gelos...

Em redor do teu vulto é como um véu!
Quem as esparze – quanta flor! – do céu,
Sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?



:: Cruz e Sousa (1862 - 1898)

João da Cruz e Sousa nasceu em 21 de novembro de 1861 em Desterro, hoje Florinaópolis, Santa Catarina. Seu pai e sua mãe, negros puros, eram escravos alforriados pelo marechal Guilherme Xavier de Sousa. Ao que tudo indica o marechal gostava muito dessa família pois o menino João da Cruz recebeu, além de educação refinada, adquirida no Liceu Provincial de Santa Catarina, o sobrenome Sousa.



Apesar de toda essa proteção, Cruz e Sousa sofreu muito com o preconceito racial. Depois de dirigir um jornal abolicionista, foi impedido de deixar sua terra natal por motivos de preconceito racial.

Algum tempo depois é nomeado promotor público, porém, é impedido de assumir o cargo, novamente por causa do preconceito. Ao transferir-se para o Rio, sobreviveu trabalhando em pequenos empregos e continuou sendo vítima do preconceito.

Em 1893 casa-se com Gravita Rosa Gonçalves, que também era negra e que mais tarde enlouqueceu. O casal teve quatro filhos e todos faleceram prematuramente, o que teve vida mais longa morreu quando tinha apenas 17 anos.

Cruz e Sousa morreu em 19 de março de 1898 na cidade mineira de Sítio, vítima de tuberculose. Suas únicas obras publicadas em vida foram *Missal* e *Broquéis*.

Cruz e Sousa é, sem sombra de dúvidas, o mais importante poeta Simbolista brasileiro, chegando a ser considerado também um dos maiores representantes dessa escola no mundo. Muitos críticos chegam a afirmar que se não fosse a sua presença, a estética Simbolista não teria existido no Brasil. Sua obra apresenta diversidade e riqueza.

De um lado, encontram-se aspectos noturnos, herdados do Romantismo como por exemplo o culto da noite, certo satanismo, pessimismo, angústia morte etc. Já de outro, percebe-se uma certa preocupação formal, como o gosto pelo soneto, o uso de vocábulos refinados, a força das imagens etc. Em relação a sua obra, pode-se dizer ainda que ela tem um caráter evolutivo, pois trata de temas até certo ponto pessoais como por exemplo o sofrimento do negro e evolui para a angústia do ser humano.

Poemas:

[Inefável](#)

[Vida Obscura](#)

[Tristeza do Infinito](#)

[Música da Morte](#)

[Acrobata da Dor](#)

[Sinfonias do Ocaso](#)

[Dilacerações](#)

[Flor do Mar](#)

[Dança do Ventre](#)

[Velhas Tristezas](#)

[Encarnação](#)

[Braços](#)

[Siderações](#)

[Antífona](#)

[Biblioteca On-line](#)

Broqueis

Faróis

O Livro Derradeiro

Últimos Sonetos

Veja Também:

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)

::. Alphonsus de Guimaraens (1870 - 1921)



AFONSO HENRIQUES DA COSTA GUIMARÃES nasceu a 24 de julho de 1870 na cidade de Ouro Preto em Minas Gerais. Após cursar as primeiras letras, matriculou-se, em 1887, no curso de engenharia. No entanto, em 1888, morre sua noiva, Constança, filha de Bernardo Guimarães, autor de "A escrava Isaura". A morte da moça abalou moralmente e e fisicamente o poeta.

Doente, vem, em 1891, para São Paulo, onde matricula-se no curso de Direito da Faculdade do Largo São Francisco. Em São Paulo, colaborou na imprensa e entrou em contato com os jovens simbolistas. Em 1895, no Rio de Janeiro, conheceu Cruz e Souza. Após concluir o curso volta para Minas Gerais e, no ano de 1897, casa-se com Zenaide de Oliveira. Em 1906 é nomeado juiz em Mariana, onde falece em 15 de julho de 1921.

Devido ao período que viveu em Mariana, ficou conhecido como "O Solitário de Mariana", apesar de ter vivido lá com a mulher e, acredite se quiser, seus 14 filhos. O apelido foi dado a ele devido ao estado de isolamento completo em que viveu. Sua vida, nessa época, passou a ser dedicada basicamente às atividades de juiz e à elaboração de sua obra poética.

Apesar de ter se casado posteriormente, **o amor** por Constança marcou profundamente sua poesia. Além disso, **o misticismo e a morte** são outras características que marcaram profundamente sua poesia. O misticismo surge em decorrência do amor pela noiva e de sua profunda devoção pela Virgem Maria. A morte é vista como a única maneira de aproximar-se de sua Amada é também da Virgem Maria. Por isso, o amor é totalmente espiritual.

Além dessas influências, Alphonsus de Guimaraens foi influenciado também pelos escritores Verlaine e Mallarmé, a quem chegou a traduzir.

A obra de Alphonsus de Guimaraens é composta por:

Poesia

- Setenário das Dores de Nossa Senhora (1899);
- Câmara Ardente (1899);
- Dona Mística (1899);
- Kyriale (1902);
- Pauvre Lyre (1921);
- Pastoral aos crentes do Amor e da Morte (1923);

Prosa

- Mendigos (1920)

Confira alguns poemas de Alphonsus de Guimaraens:

[Ossa Mea](#)

[Terceira Dor](#)

[Cisnes Brancos](#)

[A Catedral](#)

[Ismália](#)

[Hão de Chorar por Ela os Cinamomos...](#)

[Soneto](#)

[Cantem outros a clara cor virente](#)

Veja Também:

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)

Ossa Mea

II

Mãos de finada, aquelas mãos de neve,
De tons marfíneos, de ossatura rica,
Pairando no ar, num gesto brando e leve,
Que parece ordenar mas que suplica.

Erguem-se ao longe como se as eleve
Alguém que ante os altares sacrifica:
Mãos que consagram, mãos que partem breve,
Mas cuja sombra nos meus olhos fica...

Mãos de esperança para as almas loucas,
Brumosas mãos que vêm brancas, distantes,
Fechar ao mesmo tempo tantas bocas...

Sinto-as agora, ao luar, descendo juntas,
Grandes, magoadas, pálidas, tateantes,
Cerrando os olhos das visões defuntas...



Terceira Dor

VI

É Sião que dorme ao luar. Vozes diletas
Modulam salmos de visões contritas...
E a sombra sacrossanta dos Profetas
Melancoliza o canto dos levitas.

As torres brancas, terminando em setas,
Onde velam, nas noites infinitas,
Mil guerreiros sombrios como ascetas,
Erguem ao Céu as cúpulas benditas.

As virgens de Israel as negras comas
Aromalizam com os unguentos brancos
Dos nigromantes de mortais aromas...

Jerusalém, em meio às Doze Portas,
Dorme: e o luar que lhe vem beijar os flancos
Evoca ruínas de cidades mortas.



Cisnes Brancos

Ó cisnes brancos, cisnes brancos,
Porque viestes, se era tão tarde?
O sol não beija mais os flancos
Da Montanha onde mora a tarde.

Ó cisnes brancos, dolorida
Minh'alma sente dores novas.
Cheguei à terra prometida:
É um deserto cheio de covas.

Voai para outras risonhas plagas,
Cisnes brancos! Sede felizes...
Deixai-me só com as minhas chagas,
E só com as minhas cicatrizes.

Venham as aves agoireiras,
De risada que esfria os ossos...
Minh'alma, cheia de caveiras,
Está branca de padre-nossos.

Queimando a carne como brasas,
Venham as tentações daninhas,
Que eu lhes porei, bem sob asas,
A alma cheia de ladainhas.

Ó cisnes brancos, cisnes brancos,
Doce afago da alva plumagem!
Minh'alma morre aos solavancos
Nesta medonha carruagem...

Quando chegaste, os violoncelos
Que andam no ar cantaram no hinos.
Estrelaram-se todos os castelos,

E até nas nuvens repicaram sinos.

Foram-se as brancas horas sem rumo,
Tanto sonhadas! Ainda, ainda
Hoje os meus pobres versos perfume
Com os beijos santos da tua vinda.

Quando te foste, estalaram cordas
Nos violoncelos e nas harpas...
E anjos disseram: — Não mais acordas,
Lírio nascido nas escarpas!

Sinos dobraram no céu e escuto
Dobres eternos na minha ermida.
E os pobres versos ainda hoje enluto
Com os beijos santos da despedida.



A Catedral

Entre brumas ao longe surge a aurora,
O hialino orvalho aos poucos se evapora,
Agoniza o arrebol.

A catedral eburnea do meu sonho
Aparece na paz do ceu risonho
Toda branca de sol.

E o sino canta em lugebres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O astro glorioso segue a eterna estrada.
Uma aurea seta lhe cintila em cada
Refulgente raio de luz

A catedral eburnea do meu sonho,
Onde os meus olhos tao cansados ponho,
Recebe a bencao de Jesus.

E o sino clama em lugebres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

" Por entre lirios e lilases desce
A tarde esquiva: amargurada prece
Poe-se a luz a rezar.

A catedral eburnea do meu sonho
Aparece na paz do ceu tristonho
Toda branca de luar.

E o sino chora em lugebres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

O ceu e todo trevas: o vento uiva.
Do relampago a cabeleira ruiva
Vem acoitar o rosto meu.

A catedral eburnea do meu sonho
Afunda-se no caos do ceu medonho
Como um astro que ja morreu.

E o sino chora em lugebres responsos:
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus! "



Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...
Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava longe do céu...
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu
As asas para voar. . .
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma, subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...



Hão de Chorar por Ela os Cinamomos...

Hão de chorar por ela os cinamomos,
Murchando as flores ao tombar do dia.
Dos laranjais hão de cair os pomos,
Lembrando-se daquela que os colhia.

As estrelas dirão — "Ai! nada somos,
Pois ela se morreu silente e fria.. .
" E pondo os olhos nela como pomos,
Hão de chorar a irmã que lhes sorria.

A lua, que lhe foi mãe carinhosa,
Que a viu nascer e amar, há de envolvê-la
Entre lírios e pétalas de rosa.

Os meus sonhos de amor serão defuntos...
E os arcanjos dirão no azul ao vê-la,
Pensando em mim: — "Por que não vieram juntos?"



Soneto

Encontrei-te. Era o mês... Que importa o mês? Agosto,
Setembro, outubro, maio, abril, janeiro ou março,
Brilhasse o luar que importa? ou fosse o sol já posto,
No teu olhar todo o meu sonho andava esparso.

Que saudades de amor na aurora do teu rosto!
Que horizonte de fé, no olhar tranqüilo e garço!
Nunca mais me lembrei se era no mês de agosto,
Setembro, outubro, abril, maio, janeiro, ou março.

Encontrei-te. Depois... depois tudo se some
Desfaz-se o teu olhar em nuvens de ouro e poeira.
Era o dia... Que importa o dia, um simples nome?

Ou sábado sem luz, domingo sem conforto,
Segunda, terça ou quarta, ou quinta ou sexta-feira,
Brilhasse o sol que importa? ou fosse o luar já morto?



Cantem outros a clara cor virente

Cantem outros a clara cor virente
Do bosque em flor e a luz do dia eterno...
Envoltos nos clarões fulvos do oriente,
Cantem a primavera: eu canto o inverno.

Para muitos o imoto céu clemente
É um manto de carinho suave e terno:
Cantam a vida, e nenhum deles sente
Que decantando vai o próprio inferno.

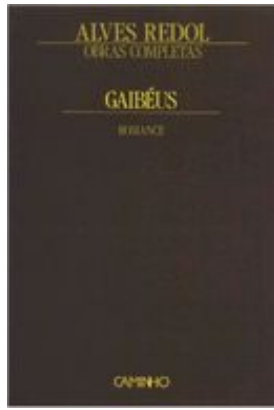
Cantem esta mansão, onde entre prantos
Cada um espera o sepulcral punhado
De úmido pó que há de abafar-lhe os cantos...

Cada um de nós é a bússola sem norte.
Sempre o presente pior do que o passado.
Cantem outros a vida: eu canto a morte...



Literatura Contemporânea

- Portugal
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [Neo-Realismo](#)
- [Surrealismo](#)



Capa de Gaibéus - Alves redol

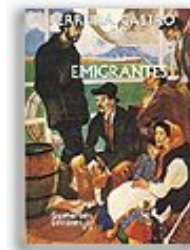
O **NEO-REALISMO** surgiu por volta de 1940, pouco antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, e desenvolveu-se principalmente no Romance. O precursor dessa estética foi **Ferreira de Castro**, com as obras "Emigrantes" e "A Selva", que foram ambientadas na Amazônia. No entanto, a consolidação dessa proposta se dá somente em 1939 quando **Alves Redol** publica o romance "Gaibéus", que retrata as modestas condições de vida dos camponeses da região do Ribatejo.

Influenciados pela literatura norte-americana da época e pelos autores regionalistas do Nordeste brasileiro (Jorge Amado, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos etc.), esse grupo de escritores, alguns deles dissidentes do grupo Presencista, **repudia a literatura psicológica e intimista e**, em contra partida, propõe uma literatura engajada, de ação social, visando à transformação da sociedade com a denúncia das injustiças sociais, ou seja, os Neo-Realistas **propõem uma literatura caráter nitidamente social**.

Pode-se dizer ainda que o **romance neo-realista** reativa os mecanismos da representação narrativa. Inspirando-se nas categorias marxistas de consciência de classe e de luta de classes, o **romance Neo-Realista fundamenta-se nos conflitos sociais que põem em cena camponeses, operários, patrões e senhores da terra. Os melhores textos Neo-Realistas analisam de maneira objetiva as diversas facetas dessas entidades.**

Alves Redol, na epígrafe da obra Gaibéus, sintetiza os ideais Neo-Realistas:

"este romance não pretende ficar na literatura como obra de arte. Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo. Depois disso, será o que os outros entenderem".



Emigrantes e A Selva - Ferreira de Castro

Outros nomes relevantes do Neo-realismo são: Fernando Namora, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Augusto Abelaira, Urbano Tavares Rodrigues, José Carlos Pires e, segundo Massaud Moisés, Vergílio Ferreira, no começo de sua carreira.

Literatura Contemporânea

- Portugal
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [Neo-Realismo](#)
- [Surrealismo](#)

O **SURREALISMO** em Portugal desenvolveu-se tardiamente. A primeira manifestação artística ocorre somente em 1942, quando António Pedro escreve a obra "**Apenas uma narrativa**".

No entanto, em 1947, durante o período [Neo-realista](#), e reagindo contra ele, **surge um grupo de críticos, pintores e poetas, fortemente influenciado pelas teorias de André Breton, fundador do Surrealismo francês, que cria o Grupo Surrealista.**



1ª exposição do grupo Surrealista

Composto por António Pedro, José Augusto França, [Alexandre O'Neill](#), [Mario Cesariny de Vasconcelos](#), esse grupo, organiza, em 1949, uma exposição em Lisboa, com obras totalmente subjetivas, nas quais a denúncia social fica totalmente esquecida. Dessa forma, estabelece-se um antagonismo entre a tendência Neo-realista e a Surrealista.



Obra sem título de Mario Cesariny

Pouco tempo depois, os integrantes desse Grupo começam a divergir sobre a forma de interpretar a tendência Surrealista. [Mário Cesariny](#) e mais alguns membros pretendiam seguir a linha original, traçada por André Breton. Já uma outra parte acreditava que deveriam seguir um caminho politicamente comprometido.

Os membros que defendiam essa tese, além de pretenderem participar ativamente da campanha para as eleições a presidente, queriam publicar um manifesto contra o Fascismo.

Face a essa divergência, Mario Cesariny e mais alguns membros afastam-se de maneira polêmica do grupo Surrealista e fundam o "**Grupo Surrealista Dissidente**". Essa ruptura é fatal a tendência Surrealista em Portugal que, por volta de 1952, começa a enfraquecer.

Os Surrealistas propõem: **o desregramento dos sentidos humanos; a desordem e o caos; a libertação dos poderes imaginativos por meio do sonho e da magia.** Tudo isso com o intuito de romper com a falsa ordem castradora, que predomina através dos séculos e que, na opinião dos Surrealistas, nada mais é do que a literatura Neo-Realista.

Conforme Massaud Moisés, "**O Surrealismo defendia uma concepção de literatura fundada nos conteúdos oníricos e do inconsciente, que seriam expressos livremente, sem trava nenhuma, por meio de uma linguagem automática**".

"A mosca Albertina, que ele domesticava.
Vem agora ao papel, como um insecto-insulto,
Mas fingindo que o poeta a esperava..."

Quase mulher e muito mosca,
Albertina quer o poeta para si,
Quer sem versos o poeta.
Por isso fica, mosca-mulher, por ali..."

Alexandre O'Neill



Melancolia - António Dacosta



**"O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.**

**E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.**

**E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração. "**





:: Mário de Sá Carneiro (1890 - 1916)

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO nasceu em Lisboa no dia 19 de maio de 1890. Os primeiros anos de sua vida são marcados pela dor causada pela morte da mãe, em 1892, quando ele tinha apenas dois anos.

Em 1911 matricula-se na Faculdade de Direito de Coimbra e, no ano seguinte, transfere-se para Universidade de Paris para dar continuidade ao curso de Direito, que não conseguiu concluir. Ainda em 1912 publica a peça teatral "Amizade" e o volume de novelas "Princípio". Nessa época, começa a corresponder-se com Fernando Pessoa. Nessa correspondência já é refletido o agravamento dos seus problemas emocionais e as idéias de morte e suicídio.

Em 1914, além de publicar as obras "**Dispersão**" e "**A confissão de Lúcio**", Sá Carneiro intensifica sua correspondência com [Fernando Pessoa](#), a quem envia seus poemas e projetos de obras, revelando crescentes sinais de pessimismo e desespero.



Em 1915, como integrante do grupo modernista em Portugal, participa do lançamento da revista "**Orpheu**". No segundo volume dessa revista publica o poema futurista "[Manucure](#)", que, ao lado do poema "[Ode triunfal](#)" de [Álvaro de Campos](#) (Heterônimo de Fernando Pessoa), provocam impacto e polêmicas nos meios literários.

Ainda em 1915 regressa à Paris, onde passa por constantes crises de depressões, que são agravadas por causa das suas dificuldades financeiras. Em 1916, em uma carta a Fernando Pessoa, anuncia sua intenção de suicídio, o que efetivamente ocorre no dia 26 de abril, num quarto do Hotel Nice, em Paris.

A obra de Mário Sá-Carneiro está intimamente relacionada a sua vivência pessoal, ou seja, revela toda a sua inadaptação ao mundo e a constante busca do seu próprio eu. Isso faz com que o poeta mergulhe no seu mundo interior e, diferente de Fernando Pessoa, que se desdobrou em heterônimos, atinja a autodestruição. Para o bom entendimento da obra de Mário de Sá Carneiro é necessária a análise das "Cartas a Fernando Pessoa", publicadas postumamente.



::. Obras

- Princípio (novela) - 1912;
- Dispersão (poemas) - 1914;
- A Confissão de Lúcio (narrativa) - 1914;
- Céu em Fogo (contos) - 1915;
- Indícios de Ouro - 1937;
- Poesias - 1946;
- Poemas juvenis - 1903/1908 - 1986;
- Cartas a Fernando Pessoa - 1958/59.

Mário de Sá Carneiro por Almada Negreiros

::. Confira abaixo alguns poemas de Mário Sá-Carneiro

- [Taciturno](#)
- [Fim](#)
- [Crise Lamentável](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

::: Almada Negreiros (1893 - 1970)



JOSÉ SOBRAL DE ALMADA NEGREIROS nasceu no dia 7 de Abril de 1893 em S. Tomé. Filho de António Lobo de Almada Negreiros e de Elvira Sobral, Almada fica órfão de mãe quando tinha apenas três anos e, em 1900, com sete anos, é internado num colégio de jesuítas em Lisboa, pois seu pai fixa residência em Paris e acaba casando-se novamente.

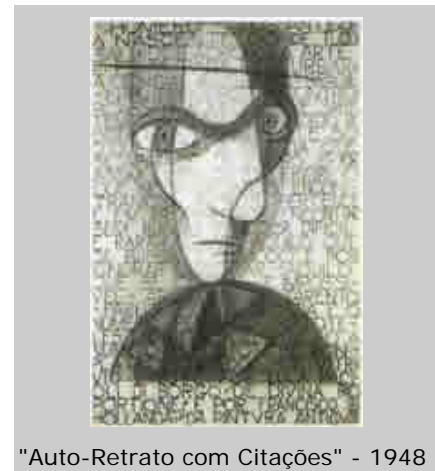
A infância longe dos pais não afetou os dotes artísticos de Almada Negreiros, pois em 1905, com apenas 12 anos, já redige e ilustra os jornais manuscritos "A República" e o "O Mundo". Em 1910, com a instauração da República, o Colégio dos Jesuítas onde estudava é extinto. Almada então passa a estudar no Liceu de Coimbra.

Em 1911 vai para Lisboa e ingressa na Escola Internacional. A partir daí começa uma verdadeira campanha cultural que tem o objetivo de **tirar Portugal de seu descompasso com os movimentos de vanguarda que estavam acontecendo no resto da Europa.**

Em 1913 faz sua primeira exposição individual de desenhos, com cerca de 90 obras. Fernando Pessoa publica, na revista "A Águia" um artigo sobre a exposição intitulado "Caricaturas de Almada Negreiros". **A amizade entre os dois começa a se intensificar.**

Em abril de 1915 é publicado o primeiro número da revista Orpheu, que contém a obra "Frisos" de Almada Negreiros. Júlio Dantas faz uma crítica voraz à revista.

Em 21 de Outubro desse mesmo acontece a estréia a Peça "Soror Mariana", cuja autoria pertence a Júlio Dantas. Almada aproveita a ocasião e publica o "Manifesto Anti-Dantas e por Extenso" que na verdade não é apenas contra Dantas, mas sim contra o tradicionalismo e passadismo que sua figura representa.



"Auto-Retrato com Citações" - 1948

No ano de 1917 publica os livros "K4 O Quadrado Azul" e "A Engomadeira". Ainda nesse ano participa da "Conferência Futurista" e publica, no primeiro e único número da revista "Portugal Futurista", as seguintes obras:

- Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do Século XX;
- Mima-Fataxa -Sinfonia Cosmopolita e Apologia do Triângulo Feminino;
- Saltimbancos (Contrastes Simultâneos).

Em 1919, com o intuito de estudar pintura, vai para Paris, regressando a Lisboa um ano e meio depois. No ano de 1924 publica "Pierrot e Arlequim". Dois anos depois realiza e publica a conferência "Modernismo". Em 1927, ainda seguindo seu propósito de aprimorar-se nas artes plásticas, vai para Madrid, onde permanece por cerca de 5 anos.



Cartaz da 1ª Conferência Futurista

Ao regressar a Portugal, continua com sua cruzada de divulgação dos movimentos de vanguarda em sua terra. Para isso realiza várias conferências e intensifica sua produção artística, dividindo-se entre as artes plásticas, o romance, a poesia, a crítica etc.

No ano de 1934 casa-se com a pintora Sarah Affonso, com quem tem dois filhos. Em 1954, pinta o retrato de Fernando Pessoa à mesa do café com o "Orpheu" (ao lado)

Em 1970 essa obra é leiloadada, Almada, que assistia ao leilão, fica admirado pois a tela é vendida por 1300 contos. Nunca um pintor português conseguira tal proeza.

Em Junho de 1970 é internado no Hospital de S. Luís dos Franceses em Lisboa. No dia 15 morre, no mesmo quarto em que morrera o amigo Fernando Pessoa.



Durante o Estado Novo, a pintura ao lado, produzida por Almada Negreiros, foi usada em um cartaz publicitário. Nele, o Estado Novo faz um apelo ao voto utilizando a imagem da "mãe".

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

::. Ronald de Carvalho (1893 - 1935)

FILHO DO ENGENHEIRO naval Artur Augusto de Carvalho e de Alice Paula e Silva Figueiredo de Carvalho, Ronald de Carvalho nasce na cidade do Rio de Janeiro - RJ no dia 16 de maio de 1893. No ano de 1899 inicia o curso secundário no Colégio Abílio (Rio de Janeiro), formando-se em 1907. No ano seguinte, ingressa no curso de Direito da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, formando-se bacharel no ano de 1912. Nessa época já colaborava com a revista A Época e com o jornal "Diário de Notícias", de Rui Barbosa.

Em 1913 vai para Paris estudar Filosofia e Sociologia. Nessa cidade faz sua estréia literária com a publicação da obra "Luz gloriosa", que mostra uma forte influência de Charles Baudelaire e Paul Verlaine.

No ano de 1914 começa a exercer atividades diplomáticas e estabelece-se em Lisboa - Portugal. Conhece então os membros do grupo modernista desse país e, em 1915, já integrado a esse grupo, participa do lançamento da revista "Orpheu", marco inicial do modernismo português.



De volta ao Brasil, publica, em 1919, a obra "Poemas e Sonetos" que revela um certo contato com a estética parnasiana.

A experiência de fincar o marco inicial modernismo em Portugal parece ter agradado a Ronald de Carvalho, pois em 1922 participa ativamente da SAM (Semana de Arte Moderna), marco inicial do Modernismo no Brasil.

Na noite de 15 de fevereiro, segundo dia da SAM, Ronald de Carvalho causa o maior escândalo ao declamar o poema "Os Sapos", de autoria de Manuel Bandeira. Isso ocorre porque o poema satiriza violentamente a poesia e, sobretudo os poetas parnasianos, que são comparados a sapos coachando.

Depois da sua participação explosiva na SAM, Ronald dá novos rumos sua poesia: ainda em 1922 publica "Epigramas irônicos e sentimentais"; dois anos depois, é vez de "Toda a América". Nesta última obra percebe-se que o poeta está sob forte influência de Walt Whitman, pois seus versos agora são amplos e com ritmo livre.

Ronaldo de Carvalho falece a 15 de fevereiro de 1935, no Rio de Janeiro, vítima de um acidente de automóvel. Nessa época ocupava o cargo de Secretário da Presidência da República.

No campo da literatura, além de poesia, Ronald de Carvalho dedicou-se aos ensaios, à crítica literária, e aos estudos de história da literatura. As obras de maior destaque nesses campos foram:

Espelho de Ariel (1923) - Crítica literária;

Pequena história da literatura brasileira (1919)

::. **Alguns poemas em destaque:**

- [O Mercador de Prata, de Ouro e Esmeralda](#)
- [Epigrama](#)
- [Uma noite em Los Andes](#)
- [Sabedoria](#)
- [Brasil](#)

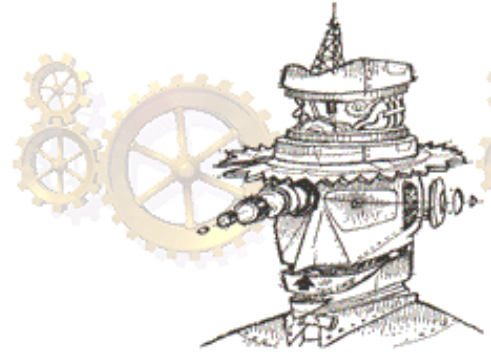
Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

"No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perderei o sentido da vida..."



Ponho na ativa mente o fixo esforço
Da altura, e à sorte deixo,
E as suas leis, o verso;

Que, quanto é alto e régio o pensamento,
Súbita a frase o busca
E o 'scravo ritmo o serve.



:: Alberto Caeiro

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [Pessoas](#)

"Olá, guardador de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?"
"Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?"

"Muita cousa mais do que isso.
Fala-me de muitas outras cousas.
De memórias e de saudades
E de cousas que nunca foram."

"Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti."



Manucure

Na sensação de estar polindo as minhas unhas,
Súbita sensação inexplicável de ternura,
Tudo me incluo em Mim – piedosamente.
Entanto eis-me sozinho no Café:
De manhã, como sempre, em bocejos amarelos.
De volta, as mesas apenas – ingratas
E duras, esquinadas na sua desgraciosidade
Bocal, quadrangular e livre-pensadora...
Fora: dia de Maio em luz
E sol – dia brutal, provinciano e democrático
Que os meus olhos delicados, refinados, esguios e citadinos
Nem podem tolerar – e apenas forçados
Suportam em náuseas. Toda a minha sensibilidade
Se ofende com este dia que há-de ter cantores
Entre os amigos com quem ando às vezes –
Trigueiros, naturais, de bigodes fartos –
Que escrevem, mas têm partido político
E assistem a congressos republicanos,
Vão às mulheres, gostam de vinho tinto,
De peros ou de sardinhas fritas...
E eu sempre na sensação de polir as minhas unhas
E de as pintar com um verniz parisiense,
Vou-me mais e mais enternecendo
Até chorar por Mim...
Mil cores no Ar, mil vibrações latejantes,
Brumosos planos desviados
Abatendo flechas, listas volúveis, discos flexíveis,
Chegam tenuamente a perfilar-me
Toda a ternura que eu pudera ter vivido,
Toda a grandeza que eu pudera ter sentido,
Todos os cenários que entretanto Fui...
Eis como, pouco a pouco, se me foca
A obsessão débil dum sorriso
Que espelhos vagos reflectiram...
Leve inflexão a sinusar...
Fino arrepio cristalizado...
Inatingível deslocamento...
Veloz faúlha atmosférica...

E tudo, tudo assim me é conduzido no espaço
Por inúmeras intersecções de planos
Múltiplos, livres, resvalantes.

É lá, no grande Espelho de fantasmas
Que ondula e se entregolfa todo o meu passado,
Se desmorona o meu presente,
E o meu futuro é já poeira...

Deponho então as minhas limas,
As minhas tesouras, os meus godets de verniz,
Os polidores da minha sensação –

E solto meus olhos a enlouquecerem de Ar!
Oh! poder exaurir tudo quanto nele se incrusta,
Varar a sua Beleza – sem suporte, enfim! –
Cantar o que ele revolve, e amolda, impregna,
Alastra e expande em vibrações:
Subtilizado, sucessivo – perpétuo ao Infinito!...

Que calotes suspensas entre ogivas de ruínas,
Que triângulos sólidos pelas naves partidos!
Que hélices atrás dum voo vertical!
Que esferas graciosas sucedendo a uma bola de ténis! –
Que loiras oscilações se ri a boca da jogadora...
Que grinaldas vermelhas, que leques, se a dançarina russa,
Meia nua, agita as mãos pintadas da Salomé
Num grande palco a Oiro!
– Que rendas outros bailados!

Ah! mas que inflexões de precipício, estridentes, cegantes,
Que vértices brutais a divergir, a ranger,
Se facas de apache se entrecruzam
Altas madrugadas frias...
E pelas estações e cais de embarque,
Os grandes caixotes acumulados,
As malas, os fardos – pêle-mêle...
Tudo inserto em Ar,
Afeiçoado por ele, separado por ele
Em múltiplos interstícios
Por onde eu sinto a minh'Alma a divagar!...

– Ó beleza futurista das mercadorias!

– Sarapilheira dos fardos,
Como eu quisera togar-me de Ti!
– Madeira dos caixotes,
Como eu ansiara cravar os dentes em Ti!
E os pregos, as cordas, os aros... –
Mas, acima de tudo,
Como bailam faiscantes,
A meus olhos audazes de beleza,
As inscrições de todos esses fardos –
Negras, vermelhas, azuis ou verdes –
Gritos de actual e Comércio & Indústria
Em trânsito cosmopolita:

FRÁGIL! FRÁGIL!

843 – AG LISBON

492 – WR MADRID

Ávido, em sucessão da nova Beleza atmosférica,

O meu olhar coleia sempre em frenesis de absorvê-la
À minha volta. E a que mágicas, e m verdade, tudo baldeado
Pelo grande fluido insidioso,
Se volve, de grotesco – célere,
Imponderável, esbelto, leviano...
– Olha as mesas... Eia! Eia!
Lá vão todas no Ar às cabriolas,

Em séries instantâneas de quadrados
Ali – mas já, mais longe, em losangos desviados...
E entregolfam-se as filas indestrinçavelmente,
E misturam-se às mesas as insinuações berrantes
Das bancadas de veludo vermelho
Que, ladeando-o, correm todo o Café...
E, mais alto, em planos oblíquos,
Simbolismos aéreos de heráldicas ténues
Deslumbra m os xadrezes dos fundos de palhinha
Das cadeiras que, estremunhadas em seu sono horizontal,
Vá lá, se erguem também na sarabanda...

Meus olhos ungidos de Novo,
Sim! – meus olhos futuristas, meus olhos cubistas, meus olhos interseccionistas,
Não param de fremir, de sorver e faiscar
Toda a beleza espectral, transferida, sucedânea,
Toda essa Beleza-sem-Suporte,
Desconjuntada, emersa, variável sempre
E livre – em mutações contínuas,
Em insondáveis divergências...
– Quanto à minha chávena banal de porcelana?

Ah, essa esgota-se em curvas gregas de ânfora,
Ascende num vértice de espiras
Que o seu rebordo frisado a oiro emite...

É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!...

...Dos longos vidros polidos que deitam sobre a rua,
Agora, chegam teorias de vértices hialinos
A latejar cristalizações nevoadas e difusas.
Como um raio de sol atravessa a vitrine maior,
Bailam no espaço a tingi-lo em fantasias,
Laços, grifos, setas, ases – na poeira multicolor

:: Aquilino Ribeiro (1885-1963)

AQUILINO GOMES RIBEIRO nasceu a 13 de setembro de 1885 em Carregal de Tabosa, Beira Alta. Aos dez anos, vai, junto com os pais, para Soutosa, onde faz a instrução primária.

Com a intenção de tornar-se padre vai, para Lamego e, em seguida, para Viseu, onde passa a frequentar o seminário. Em 1906, devido à falta de vocação, abandona a vida religiosa e parte para Lisboa, onde passa a ter, por causa do seu ativismo político, uma vida muito tumultuada.

Em 1907, devido à explosão de dinamite, que guardava no seu quarto, onde morrem dois carbonários (membros de qualquer sociedade secreta e revolucionária), é preso, mas consegue fugir e, entre 1908 e 1914, passa a dividir sua residência entre Paris e Berlim. Durante o período vivido em Paris frequenta o Sorbonne (Centro francês de estudos superiores).



Em 1914, com a eclosão da I Grande Guerra, regressa a Portugal e começa a lecionar no Liceu Camões. Ainda nesse período une-se ao grupo que formaria a "Seara Nova". Em 1918 publica "A Vida Sinuosa", seu primeiro romance, que é dedicado à memória de Joaquim Francisco Ribeiro, seu pai.

Em 1919, começa a trabalhar, a convite de Raul Proença, na Biblioteca Nacional, onde permanece até 1927, quando sofre novas perseguições por envolver-se em revoltas contra a ditadura militar. Exila-se, por duas vezes (1927 e 1928) em Paris, onde se casa pela segunda vez, sua primeira mulher falecera.



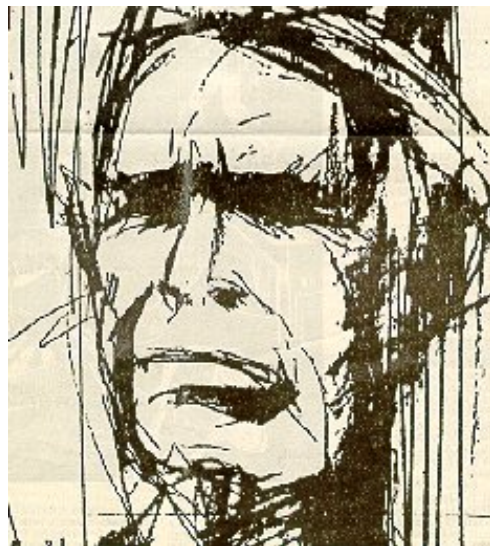
A partir de 1935 sua produção literária intensifica-se e Aquilino publica várias obras. Dentre elas está "Quando os Lobos Uivam" (1959), que, além de ser apreendida pela censura, custou-lhe um processo em tribunal.

Em 1963, durante as comemorações do 50º aniversário do seu primeiro livro, Aquilino Ribeiro adoece, vindo a falecer no dia 27 de Maio de 1963.

Como se pode ver, Aquilino Ribeiro é um homem marcado por personalidade inquieta. No entanto isso não o impediu de produzir uma vasta obra literária, caracterizada pela riqueza de estilo e por um regionalismo apegado ao campo a sua gente. Essa inclinação à vida rural não significa que O poeta limitou-se a isso. Sua obra também é caracterizada por uma ironia benévola perante aos vícios humanos mais comuns e por uma crítica violenta ao fanatismo ideológico e a opressão política.

:: **Obras mais importantes:**

- A Via Sinuosa - 1918;
- Terras do Demo - 1919;
- O Malhadinhas - 1920;
- Estrada de Santiago - 1922;
- Andam Faunos pelo Bosque - 1926;
- Romance da Raposa - 1929;
- Batalha Sem Fim - 1931;
- As Três Mulheres de Sansão - 1932;
- Volfrâmio - 1944;
- Constantino de Bragança - 1947;
- O Homem da Nave - 1951;
- Abóboras no Telhado - 1955;
- A Grande Casa de Romarigães - 1957.



Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

::. Florbela Espanca (1894 - 1930)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [alguns poemas](#)



*"Até agora eu não me conhecia,
julgava que era Eu e eu não era
Aquela que em meus versos
descrevera
Tão clara como a fonte e como o
dia.*

*Mas que eu não era Eu não o
sabia
mesmo que o soubesse, o não
dissera...*

*Olhos fitos em rútila quimera
Andava atrás de mim... e não me
via!*

*Andava a procurar-me - pobre
louca!-*

*E achei o meu olhar no teu olhar,
E a minha boca sobre a tua boca!*

*E esta ânsia de viver, que nada
acalma,*

*E a chama da tua alma a
esbrasear*

*As apagadas cinzas da minha
alma!"*

:: Branquinho da Fonseca (1905-1974)

FILHO DE D. CLOTILDE BRANQUINHO e do escritor Tomás da Fonseca, António José Branquinho da Fonseca nasceu em Mortágua no dia 4 de maio de 1905.

Depois de cursar os primeiros anos do Liceu em Lisboa, parte para Coimbra, onde termina os seus estudos secundários. Em seguida matricula-se na Faculdade de Direito. Ainda como estudante participa da fundação da revista "Triplico" (1924 - 1925), que teve 9 números publicados.

Em 1926 passa a exercer a função de Conservador no Museu Biblioteca Conde de Castro Guimarães - Cascais. Ainda nesse ano faz sua estréia literária com a obra "Poemas". No ano seguinte, mais precisamente no dia 10 de março, quando ainda era estudante de Direito, funda, juntamente com Adolfo Casais Monteiro, José Régio e João Gaspar Simões, a revista Presença, que é considerada o marco inicial da segunda fase do modernismo português.

A revista Presença foi dirigida por Branquinho da Fonseca até o ano 1930. Quando a revista estava no seu 27º número, Branquinho da Fonseca, por considerar haver imposição de limites à liberdade criativa, abandona a direção, que fica a cargo de Adolfo Casais Monteiro. Ainda Nesse ano Branquinho da Fonseca Licencia-se em Direito e, junto com Miguel Torga, funda a revista Sinal, que teve apenas um número publicado.

Falece em Lisboa no dia 16 de maio de 1974.

A enciclopédia Barsa define Branquinho da Fonseca como "um dos fundadores e principais colaboradores da revista Presença, porta-voz do modernismo no país".

:: Os primeiros textos de Branquinho da Fonseca foram assinados com o pseudônimo António Madeira. Abaixo temos algumas de suas obras mais importantes:

Poesia

Poemas - 1926;

Mar Coalhado - 1932;

Teatro

Posição de Guerra - 1928;

Teatro I - 1939.

Contos

Zonas - 1931;

Caminhos Magnéticos - 1938;

Bandeira Preta - 1956.

Romances

Porta de Minerva - 1947;

Mar Santo - 1952.

:: Confira alguns poemas de Branquinho da Fonseca

- [As Viagens](#)
- [Naufrágio](#)
- [Arquipélago das Sereia](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

:: Adolfo Casais Monteiro (1908 - 1972)



O POETA E ENSAÍSTA ADOLFO CASAIS MONTEIRO nasceu no dia 4 de julho de 1908 na cidade do Porto em Portugal. Formado em história, filosofia e pedagogia ocupou o cargo de professor. Em 1929 publica a obra "Confusão". No ano seguinte assume a direção da Revista Presença, órgão divulgador do grupo das idéias do grupo Presencista.

No ano de 1933 Casais Monteiro publica "Considerações Pessoais", uma coletânea de ensaios críticos. Ainda em 1933, publica, em parceria com o poeta brasileiro Ribeiro Couto, a obra poética "Correspondência de Família".

Em 1937, devido à ditadura Salazar, é demitido do cargo de professor. Dois anos depois, muda-se para Lisboa com o intuito de manter-se como escritor. Por ter sido preso várias vezes, indigna-se contra a ditadura e publica "**Canto da Nossa Agonia**" (1942) e "**Europa**" (1946), obras que revelam toda a sua "revolta" contra o sistema político vigente em seu país.

Em 1946 torna-se diretor da revista "Mundo Literário", depois de ter publicado de ensaios sobre vários autores, dentre eles, Manuel Bandeira.

Em 1954 muda-se para o Brasil, passa então a lecionar Literatura Portuguesa nas universidades do Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo, onde, a partir de 1962, na cidade de Araraquara passa a ocupar o posto de professor titular de Teoria da Literatura. Nesse período, além de colaborar com vários jornais do país, desenvolve ainda uma intensa atividade de crítica literária.

Em 1969, publica a obra "Poesias Completas", que incluíam vários poemas escritos no exílio, com o expressivo título de "O Estrangeiro Definitivo". Da obra de Casais Monteiro destaca-se os ensaios am os estudos dedicados a Fernando Pessoa.

:: Principais obras:

- Confusão - 1929;
- Canto da Nossa Agonia - 1942;
- Noite aberta aos quatro ventos - 1943;
- Europa - 1946;
- Vôo sem pássaro dentro -1954;
- A Poesia da Presença -1959;
- Clareza e mistério da crítica - 1961;
- A Palavra Essencial -1965;
- Poesias completas -1969;
- A Poesia Portuguesa Contemporânea -1977.

:: Confira abaixo alguns poemas de Adolfo Casais Monteiro

- [Eu Falo das Casas e dos Homens](#)
- [Aurora](#)
- [Vem Vento, Varre](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

:: José Régio (1901 - 1969)



JOSÉ RÉGIO é o Pseudônimo que José Maria dos Reis Pereira escolheu para assinar sua obra literária. Nascido no dia 17 de novembro de 1901 em Vila do Conde, distrito do Porto, José Régio, após cursar os estudos de Liceu, ingressa na Faculdade de Coimbra, formando-se em Letras.

Sua carreira literária inicia-se em 1925, antes mesmo de concluir o curso superior, com a publicação do volume de poesias "Poemas de Deus e do Diabo". Em 1927, na companhia de João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, funda a revista Presença, marco inicial da segunda fase do modernismo português. Devido a sua forte atuação na Revista Presença, é considerado por muitos estudiosos como "**uma das principais personalidades dessa geração**".

Depois de formado, leciona, por mais de 30 anos, no Liceu de Portalegre. José Régio falece em Vila do Conde, sua terra natal, em 22 de dezembro de 1969.

:: Dentre a vasta obra de José Régio destaca-se:

Poesia:

- Poemas de Deus e do Diabo -1925;
- Biografia - 1929;
- As Encruzilhadas de Deus - 1936;
- Fado -1941;
- Mas Deus é Grande -1945;
- A Chaga do Lado -1955;
- Filho do Homem - 1961.

Teatro:

- Jacob e o Anjo - 1941;
- Benilde ou a Virgem-Mãe - 1947;
- El-Rei Sebastião - 1949;
- A Salvação do Mundo - 1954;
- Três Peças em um Ato - 1957.

Conto:

- Histórias de Mulheres - 1946;
- Há mais mundos - 1962.

Romances/Novelas

- Jogo da Cabra Cega - 1934;
- O Príncipe com Orelhas de Burro - 1952;
- O ciclo da casa velha: Uma Gota de Sangue - 1945;
- As raízes do futuro - 1947;
- Os avisos do destino - 1953;
- As Monstruosidades Vulgares - 1961;
- Vidas são Vidas - 1966.



Crítica

- Críticos e Criticados - 1936;
- Antônio Botto e o Amor - 1938;
- Em torno da Expressão Artística - 1940;
- Pequena história da Moderna Poesia Portuguesa - 1941.

Ensaios

No campo do ensaio, os destaques ficam por conta dos estudos elaborados sobre as obras de Camões, Raul Brandão, Florbela Espanca etc.

:: Confira abaixo Alguns poema de José Régio:

- [Cântico Negro](#)
- [Fado português](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

:: João Gaspar Simões (1903 - 1987)

JOÃO GASPASIMÕES nasceu na Figueira da Foz no dia 25 de Fevereiro de 1903. Depois de concluir os estudos básicos, matricula-se, em 1921, na Faculdade de Direito de Coimbra.

No ano de 1927, juntamente com Branquinho da Fonseca, Adolfo Casais Monteiro e José Régio, funda a revista *Presença*, que teve o primeiro exemplar publicado em 10/03/1927 e que é considerado o marco inicial da segunda fase do modernismo português.

No ano de 1929 publica, na revista *Presença*, o livro de ensaios "Temas". Em 1932 publica seu primeiro romance: "Elói ou o romance numa cabeça". Em 1935 fixa-se em Lisboa, onde, além de bibliotecário da Biblioteca da Imprensa Nacional, funda a Editora Portugália. Colabora também em vários jornais, destacando-se: o *Diário de Lisboa*; o *Diário Popular*; o *Diário de Notícias*; e *O Primeiro de Janeiro*.

Falece no dia 06 de janeiro de 1987 na cidade de Lisboa.

João Gaspar Simões escreveu, dentre outras coisas, romances, peças de teatro e biografias. No entanto, foi no campo da crítica literária que seu trabalho mais se destacou.

:: **Algumas obras do Autor:**

Romances

Elói ou Romance numa Cabeça - 1932;
Uma História de Província I - Amores Infelizes - 1934;
Uma História de Província II - Vida Conjugal - 1936);
Pântano - 1940;
O Marido Fiel - 1942;
Internato - 1946;

Teatro

O Vestido de Noiva;
Marcha Nupcial

Biografia

Eça de Queirós. O Homem e o Artista;
Vida e Obra de Fernando Pessoa;
Júlio Dinis. A Obra e o Homem;
Camilo Pessanha. A Obra e o Homem.

Ensaaios

Temas - 1929;
O Mistério da Poesia - 1931;
Tendências do Romance Contemporâneo - 1933;
Ensaio sobre a Criação num Romance - 1944;
Fernando Pessoa - Heteropsicografia - 1973;



João Gáspar Simões por Mário Eloy Pereira.

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

:: Miguel Torga (1907- 1995)

MIGUEL TORGA é o pseudônimo adotado por Adolfo Correia da Rocha para assinar a sua obra literária. O Nome Miguel é uma espécie de homenagem aos espanhóis: Miguel Cervantes, Miguel de Molinos e Miguel de Unamuno. O nome Torga, por sua vez, é uma homenagem a planta urze, também conhecida como "torga", que existia em grande número na terra natal do poeta.

Miguel Torga nasce a 12 de agosto de 1907 em São Martinho da Anta, Trás-os-Montes. Depois de cursar as primeiras letras, ingressa, em 1918, no seminário de Lamego, para fazer os estudos do Liceu, mas, por não se adaptar ao colégio, sai depois de um ano e vem para o Brasil, com apenas 13 anos, para trabalhar na "capinagem" do café na fazenda de um tio, localizada em Santa Cruz, Estado de Minas Gerais.



Em 1925, retorna a Portugal, cursa o Liceu e, em 1928, além de matricular-se na Universidade de Coimbra, faz sua estréia no mundo literário com o livro de poesias "Ansiedade". Durante os anos de estudante universitário liga-se ao grupo da Revista Presença. Essa revista, que teve o primeiro exemplar publicado em 10/03/1927, foi o meio divulgador das idéias desse grupo, também conhecido como presencismo.

Por volta de 1930 Miguel Torga e Branquinho da Fonseca (diretor da revista) abandonam o grupo por considerarem haver imposição de limites à liberdade criativa. Juntos fundam a revista Sinal, que teve apenas um número publicado.



Em 1934 usa pela primeira vez o pseudônimo de Miguel Torga ao publicar o livro em prosa "A Terceira Voz". Dois anos depois participa do lançamento da revista Manifesto, que teve apenas cinco números publicados. A partir daí afasta-se dos grupos literários dedicando-se a medicina e à produção literária.

No ano de 1939 casa-se com a belga Andrée Crabbé, que lecionava na Universidade de Lisboa. Algum tempo depois, por motivos políticos, sua esposa é proibida de lecionar.

Em 1940, graça as críticas à ditadura fascista implantada na Espanha pelo general Francisco Franco contidas na obra "O quarto dia..." levaram-no à prisão. Torga também teve alguns de seus livros apreendidos porque, até antes do "do 25 de Abril", opunha-se abertamente a Ditadura Salazarista, vigente em Portugal. Depois da queda de Salazar presidiu à primeira reunião do órgão regional do centro do Partido Socialista, mas nunca se filiou a partido algum, porque não concordava com suas ideologias.

Torga falece em Coimbra no dia 17 de janeiro de 1995.

Na obra de Miguel Torga há o predomínio do "homem" e suas relações, harmoniosas ou não, com a terra e com o mundo. A morte e a solidão também são temas constantes em seus escritos, que revelam não só a amplitude universal do poeta, mas também a consciência da brevidade humana.

:: **Obra**

Poesia

Ansiedade - 1928;
Rampa -1930;
Tributo - 1931;
Abismo - 1932;
O outro Livro de Job - 1936;
Lamentação - 1943;
Libertação - 1944;
Odes - 1946;
Nihil Sibi - 1948;
Cântico do Homem - 1950;
Alguns Poemas Ibéricos - 1952;
Penas do Purgatório - 1954;
Orfeu Rebelde - 1958;
Câmara Ardente - 1962;
Poemas Ibéricos - 1965;

Prosa de Ficção

Pão Ázimo - 1931;
A Terceira Voz - 1934;
A Criação do Mundo - 5 volumes, 1937-1939;
Bichos - 1940;
Contos da Montanha - 1941;
Rua - 1942;
O Senhor Ventura - 1943;
Novos Contos da Montanha - 1944;
Vindima - romance, 1945;
Pedras Lavradas - contos, 1951;
Traço de União - 1955;
Fogo Preso - 1976.

Teatro

Terra Firme, Mar - 1941;
Sinfonia - 1947;
O Paraíso - 1949.

Autobiografia

Diário - 16 volumes, 1941-1995;
Portugal - 1950.



::: Confira abaixo dois poemas de Miguel Torga

- [Camões](#)
- [Dom Sebastião](#)
- [Orpheu Rebelde](#)
- [Identidade](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

Literatura Contemporânea **NO ANO DE 1940, em meio à Segunda Guerra Mundial, o grupo presencista encerra suas atividades. Encerrando também o Modernismo em Portugal.**

- Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [Neo-Realismo](#)
- [Surrealismo](#)

Em 1955, graças a sua neutralidade durante a II Guerra Mundial, Portugal passa a ser integrante da ONU (Organização das Nações Unidas). Ainda nesse ano, a recusa em admitir a independência das colônias de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau faz nascer, nessas colônias, vários movimentos guerrilheiros que lutavam em prol da libertação. Para combater essas guerrilhas, Portugal, a partir de 1961, fortalece sua presença militar na África.

Em 1968, Salazar sofre um derrame cerebral e é substituído por Marcelo Caetano, ex-ministro das Colônias, que permite o funcionamento de partidos de oposição.

No dia 25 de abril de 1974 ocorre a Revolução dos Cravos: os oficiais de média patente das forças armadas, descontentes com as guerras nas colônias e com a situação econômica do país, rebelam-se e derrubam o governo de Caetano, que foge para o Brasil. O povo português comemora a fim da ditadura Salazar distribuindo "cravos" (flor nacional) para os soldados rebeldes.

O general António de Spínola assume a presidência de Portugal, cargo esse que ocupa somente até o mês de setembro, pois forte agitação revolucionária vivida pelo país nesses meses provoca a sua renúncia. O país então passa a ser governado pelo MFA (Movimento das Forças Armadas), que era fortemente influenciado pelo Partido Comunista. Ainda nesse ano Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau conseguem sua independência.



Criança retirando um quadro de Salazar



Cartazes sobre a revolução dos Cravos

Literatura Contemporânea

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [Neo-Realismo](#)
- [Surrealismo](#)

1949	<ul style="list-style-type: none"> ● Surgimento do movimento Surrealista em Portugal.
1955	<ul style="list-style-type: none"> ● Portugal é admitido na ONU.
1961	<ul style="list-style-type: none"> ● Portugal fortalece sua presença militar na África.
1968	<ul style="list-style-type: none"> ● Salazar afasta-se do poder por motivos de saúde; ● Marcelo Caetano, ex-ministro das Colônias, assume o cargo; ● Os partidos de oposição recebem permissão para voltar a funcionar.
1974	<ul style="list-style-type: none"> ● Abril, no dia 25 ocorre a Revolução dos Cravos; ● Caetano é deposto e foge para o Brasil; ● A presidência do país é assumida pelo general António de Spínola; ● Setembro, Spínola renuncia; ● O país passa a ser governado pelo MFA (Movimento das Forças Armadas); ● Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau conseguem sua independência.

:: Ferreira de Castro (1898 - 1974)



JOSÉ MARIA FERREIRA DE CASTRO nasceu em Salgueiros, vila Oliveira de Azeméis, Portugal, no dia 24 de maio de 1898. Filho de José Eustáquio Ferreira de Castro e D. Maria Rosa Soares de Castro, Ferreira Castro viveu boa parte de sua infância nesse modesto local. Em 1904 entra na escola primária de Ossela. Dois anos depois passa por sérios problemas financeiros por causa da perda do pai.

Em 1911 emigra para Belém do Pará - Brasil, onde trabalhar, por cerca de quatro anos, em um seringal da floresta Amazônica. Essa fase, vivida em regime de semi-escravidão, proporcionou-lhe o contato com os sofrimentos e injustiças vividos pelo povo local, o que lhe serviu de "inspiração" para escrever o romance "A selva", publicado em 1930.

Por volta de 1914 deixa o Seringal e vai para Belém - PA. Os anos seguintes lhe são muito duros, pois tem que se submeter a trabalhos humildes para conseguir manter-se. Em 1916 consegue publicar o romance "Criminoso por Ambição", cuja distribuição era feita por ele mesmo.

A partir daí começa a colaborar com alguns jornais locais (Jornal dos Novos e a Cruzada). No entanto a vida ainda lhe castiga muito e o escritor chega a viver em estado de extrema miséria.

Sua situação começa a melhorar somente em 1917 quando funda, juntamente com o também português João Pinto Monteiro, um seminário intitulado "Portugal".

Em 1919, já com a situação financeira regularizada, Ferreira Castro viaja pelo Brasil e faz vários contatos importantes. No entanto, retorna a Portugal com a intenção de seguir carreira literária.

Em 1920, funda, com Nuno Romano, o jornal "O Luso", que tinha a intenção de aproximar o Brasil de Portugal. Esse periódico se extingue alguns meses depois e, novamente, Ferreira Castro vive em estado de extrema miséria.

Pouco a pouco, começa a criar relações com pessoas que lhe abrem o caminho na vida jornalística. Começa também a produzir e publicar romances: Carne Faminta - 1920; O Êxito fácil - 1923; Sangue Negro - 1923; A boca da esfinge - 1924; A morte Redimida - 1925 etc.

Segundo o professor Massaud Moisés, esses romances são todos de "**duvidosa valia a tal ponto que mais tarde o escritor os renegaria**". Apesar da "duvidosa valia" essas obras, somadas a vários artigos escritos por Ferreira Castro, fazem com que ele se re-estabeleça financeiramente e chegue a ser eleito, em 1927, "**Presidente do Sindicato dos Profissionais da Imprensa**". Ainda nesse ano passa a viver com Diana de Lis.



Caricatura de Ferreira de Castro

Em 1928 funda e dirige, junto com Campos Monteiro, o magazine "Civilização". Ainda nesse ano, publica o romance "**Emigrantes**", que, além de receber elogios da crítica em Portugal, marca também o início definitivo de sua carreira de escritor.

Em 1930 publica "**A Selva**", na qual resgata as experiências vividas na Amazônia. Essa romance tornou-se um grande sucesso tanto em Portugal como no Brasil. Isso porque a obra trata dos problemas sociais vividos pelo povo da região Amazônia com objetividade e extremo senso crítico. Em 30 de Maio deste ano morre sua companheira Diana de Lis. Angustiado, interrompe suas atividades literárias e abandona a direção do magazine "Civilização".

A obra "**Eternidade**" publicada em 1933, marca o seu retorno as atividades literárias, que se prolonga até a sua morte, ocorrida em 29 de Junho de 1974 na cidade do Porto.

Ferreira de Castro teve seus livros traduzidos para vários idiomas. Sem sombra de dúvidas, as obras mais importantes de sua carreira são "**Emigrantes**" e "**A Selva**", pois são consideradas precursoras do [Neo-Realismo](#) em Portugal.

::. Outras obras de obras de destaque:

Eternidade - 1933;
Terra fria - 1934;
Tempestade - 1940;
A lã e a neve - 1947;
A curva da Estrada - 1950;
A missão - 1954;
O Instinto Supremo - 1968;

Veja Também:

Literatura Contemporânea

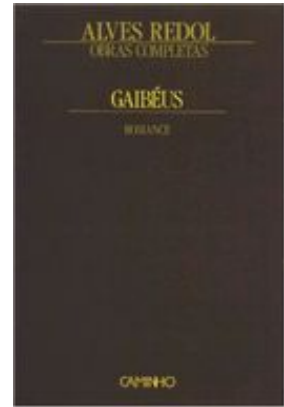
- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [Neo-Realismo](#)
- [Surrealismo](#)

::. Alves Redol (1911 - 1969)

ANTÔNIO ALVES REDOL nasceu no dia 29 de dezembro de 1911 em Vila Franca de Xira - distrito de Lisboa. Nascido em berço humilde, desde muito jovem Alves Redol teve que trabalhar para garantir o seu sustento.

Em 1927 concluí o Curso Comercial e, no ano seguinte, vai para Angola, na África, onde permanece por cerca de três anos. No ano de 1936 torna-se colaborador do jornal "O Diabo", onde escreve contos e crônicas. Ainda nesse ano participa da conferência sobre arte, proferida em Vila Franca.

No ano de 1939 publica Gaibéus, romance que retrata as modestas condições de vida dos camponeses da região do Ribatejo. Antes de escrever essa obra Alves Redol realizou um grande trabalho de coleta de material. Para isso, foi várias vezes até a Ribeira do Tejo ouvir as histórias dos trabalhadores. Ele chegou até a morar, por um certo período no campo, pois isso lhe facilitava a coleta de dados sobre o trabalho dos camponeses nos arrozais. Nos seus cadernos de anotações são descritas várias técnicas sobre o cultivo do arroz.



Capa de Gaibéus

Essa obra, além de marcar, de maneira propriamente dita, o início da sua carreira literária, serve também para consolidar o movimento Neo-Realista em Portugal.

Segundo palavras do próprio Alves Redol, na epígrafe de Gaibéus, "**este romance não pretende ficar na literatura como obra de arte. Quer ser, antes de tudo, um documentário humano fixado no Ribatejo. Depois disso, será o que os outros entenderem**".

Essas palavras, além de sintetizarem os ideais do movimento Neo-Realista em Portugal, servem também para demonstrar a preocupação que Alves Redol tinha de não ver sua obra literária limitada somente ao campo da ficção. O que ele queria era, a partir da experiência vivida e documentada, transformar sua obra num instrumento de transformação da sociedade e isso só seria possível da denúncia das injustiças sociais.

Alves Redol falece no dia 29 de novembro de 1969 na cidade de Lisboa.

::. **Dentre a obra de Alves Redol destaca-se:**

Romances

Gaibéus - 1940;
Marés -1941;
Avieiros-1942;
Fanga - 1943;
Anúncio -1945;
Porto Manso -1945;
horizonte Cerrado - 1949;
Os Homens e as Sombras - 1951;
Vindima de Sangue - 1953;
Olhos de Água - 1954;
A Barca dos Sete Lemes - 1958;
Uma Fenda na Muralha -1959;
Barranco de Cegos -1962;
O Muro Branco - 1966.

Teatro

Maria Emília - 1945;
Forja - 1948;
O Destino Morreu de Repente - 1967

Contos

Nasci com passaporte de turista - 1940;

Espólio - 1943;

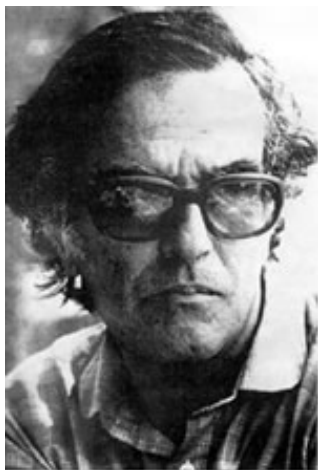
Histórias Afluentes - 1963

Veja Também:

Literatura Contemporânea

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [Neo-Realismo](#)
- [Surrealismo](#)

:: Alexandre O'Neill (1924 -1986)



ALEXANDRE MANUEL VAHIA DE CASTRO O'NEILL DE BULHÕES nasceu no dia 19 de Dezembro de 1924 na cidade de Lisboa - Portugal. Filho do bancário António Pereira de Eça O'Neill de Bulhões e de Maria da Glória Vahia de Castro O'Neill de Bulhões, dona de casa, Alexandre, depois de concluir os estudos do Liceu, ingressa na Escola Náutica de Lisboa.

Em 1944, após concluir o 1º ano, solicitou, junto à capitania de Lisboa, a cédula marítima, que lhe permitira exercer a função de piloto. O pedido lhe foi negado por causa da sua miopia. O'Neill, em entrevista ao semanário Expresso de 21/09/85, se manifestou assim sobre esse episódio:

"Já andei para marinheiro, mas pus óculos e fiquei em terra".

Em 1946, por um motivo banal, abandona a casa dos pais e passa a viver com um tio. O'Neill reproduziu várias vezes a "discussão" travada com o pai antes de abandonar sua casa:

- "- Alexandre, leva o guarda chuva.**
- Não é preciso, pai. Não chove.**
- Chove. Leva o guarda chuva.**
- Não é preciso, pai.**
- Já te disse que levavas o guarda-chuva.**
- Não levo o guarda-chuva e nunca mais cá apareço..."**

Em 1947 publica, na revista Mundo Literário, os seus primeiros textos. Em 1948 participa da fundação do **"Movimento Surrealista de Lisboa"**. Ainda nesse ano publica, na coleção **"Cadernos Surrealistas"**, o poema gráfico **"Ampola Miraculosa"**.

A relação de O'Neill com o grupo Surrealista dura pouco. Em 1950, devido ao seu descontentamento com o rumo decadente e simulado que o grupo seguira, O'Neill abandona o grupo. Vale lembrar que apesar de não concordar com os caminhos seguidos pelo grupo, ele não era avesso aos ideais básicos do Surrealismo, ou seja, libertação total do homem e a da arte.

Passa então a colaborar com os **"Cadernos de Poesia"**. No ano de 1951, publica a obra **"Tempo de Fantasmas"**. Essa obra era composta por versos que mais tarde são ampliados e publicados sob o título **"No Reino da Dinamarca"**.

Em 1953, fica preso por cerca de 40 dias. No ano de 1957, casa-se com Noémia Delgado, artista surrealista francesa, que conhecera em 1949. Dois anos depois, nasce o filho do casal (Alexandre Delgado O'Neill). No dia 15/01/ 1971, Alexandre divorcia-se de Noémia e, no mesmo ano, casa-se com Teresa Patrício Gouveia, com quem tem o filho Afonso.

A união com Teresa dura até 1981, quando, no dia 20 de Fevereiro, ocorre o divórcio do casal. Nos últimos anos de sua vida O'Neill ainda teve uma relação amorosa com Laurinda Bom.

No dia 9 de Abril de 1986, Alexandre O'Neill é internado, após um ataque cardíaco, vindo a falecer em 21 de Agosto.

O'Neill trabalhou também com publicidade. Apesar de não ser sua paixão criou alguns slogans de destaque, como por exemplo: "Há mar e mar, há ir e voltar" e "Boch é Bom". A publicidade foi o meio encontrado por O'Neill para garantir a sua estabilidade financeira.

::. Obras em destaque

- No Reino da Dinamarca -1958;
- Abandono Vigiado -1960;
- Poemas com Endereço -1962;
- Feira Cabisbaixa -1965;
- De Ombro na Ombreira -1969;
- As Andorinhas Não em Restaurante -1970;
- Entre a Cortina e a Vidraça -1972;
- A Saca de Orelhas -1979;
- Uma Coisa em Forma de Assim -1980;
- As Horas já de Números Vestidas -1981.

::. Alguns Poemas

- [Soneto a duas mãos](#)
- [Auto-retrato](#)
- [Soneto](#)
- [A Central das Frases](#)
- [Fala](#)
- [Poema Pouco Original do Medo pintores](#)
- [O Ciclista](#)
- [Elogio Barroco da Bicicleta](#)
- [A Bicicleta](#)

Veja Também:

Literatura Contemporânea

- [Portugal](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [Neo-Realismo](#)
- [Surrealismo](#)

O'NEILL!
...IENTE.
...HO CORAJOS.
...NCAPAZ TRABALHADOR ...
...R ELOQUENTE MASCARADO ...
...ANTE PREGUIÇOSO HIEROMÁNTICO ...
...STRO INOCENTE RIDÍCULO ATRASADO ...
...ROMÁNTICO MARRÃO HOSTIL INCRIV ...
...NISTA ABOMINÁVEL RESSENTIDO PLA ...
...O EGOCÊNTRICO CAPACÍSSIMO MORDAZ ...
...PONDEROSO VOLÚVEL INDECENTE ATA ...
...IRRENTO FUGITIVO SORRIDENTE COBARI ...
...TO JÚLIO PANCRÁCIO CLANDESTINO GUEL ...
...RICAS OPORTUNISTA GENTIL OSCURO FAI ...
...SOQUISTA ATRAPALHADO PONTO MIRABOLAN ...
...ULTÍSSIMO ATRAPALHADO PONTO MIRABOLAN ...
...JO IRRESISTÍVEL PESADO ARROGANTE DEMAG ...
...ADO ÁSPERO VIRIL PROLIXO AFÁVEL TRI PIDAN ...
...JDO GASPAR MAVIOSO MACACÃO ESFOMADO EI ...
...UTO RASCA PALAVROSO ZEZINHO IMPOLUTO MA ...
...CERTO INSEGURÍSSIMO BONDOSO GOSMA IMPOTE ...
...ANANA VIDRINHO CONFIDENTE PELUDO I ESTA BA ...
...TE GAGO ATILADO ACINTOSO SOLERTE HIPO ...
...TE MELIFLUO ARRAPAZADO SOLERTE HIPO ...
...PRECO DESOPILANTE MOLE MOTEJADOR AC ...
...LHADO IMPECÁVEL MISERICORDI ...
...BADO TIGRINO HOSPITALEIRO IMPAI ...
...MBAREIRO SUP ... QUISTA AMOR ...
...HDO SOEZ ... RAZENTEIRO ...

:: Mário Cesariny (1923 -



MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS nasceu no dia 9 de Agosto de 1923 em Lisboa. Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio e estudou música com o compositor Fernando Lopes Graça.

Considerado o mais importante representante poeta português da escola Surrealista, encontra-se em 1947 com André Breton, fato determinante no desenvolvimento de seu trabalho literário. Ainda nesse ano participa, junto com Alexandre O'Neill, Antônio Pedro etc., do Grupo Surrealista de Lisboa. Algum tempo depois, por não concordar com a linha ideológica do grupo, afasta-se de maneira polêmica e funda o "**Grupo Surrealista Dissidente**".

Principal representante do Surrealismo português, Mario Cesariny, no início de sua produção literária, mostra-se influenciado por Cesário Verde e pelo Futurismo de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa. Ao integrar-se ao Grupo Surrealista, muda o seu estilo, trazendo para sua obra o "absurdo", o "insólito" e o "o inverossímil".

Além de poeta, romancista, ensaísta e dramaturgo, também dedicou-se a às artes plásticas, sobretudo à pintura.

:: **Obras mais importantes:**

- Corpo Visível - 1950;
- Discurso sobre a Reabilitação do Real Quotidiano - 1952;
- Louvor e Simplificação de Álvaro de Campos - 1953;
- Manual de Prestidigitação - 1956;
- Pena Capital - 1957;
- Alguns Mitos Maiores e Alguns Mitos Menores Postos à Circulação pelo Autor - 1958;
- Nobilíssima Visão - 1959;
- Poesia - 1961;
- Planisfério e Outros Poemas - 1961;
- Um Auto para Jerusalém - 1964;
- Titânia e A Cidade Queimada - 1965;
- Burlescas, Teóricas e Sentimentais - 1972;
- Primavera Autônoma das Estradas - 1980;
- Titânia - 1994.

:: **Alguns Poemas**

- [Todos por Um](#)
- [Calçada do Cordeal](#)
- [Rua do Ouro](#)
- [A um rato morto encontrado num parque](#)
- [Fidelidade](#)
- [Tantos pintores](#)

Veja Também:

Literatura Contemporânea

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [Neo-Realismo](#)
- [Surrealismo](#)


Vida
1 | [2](#) | [3](#)

Abaixo temos uma cronologia da vida e da obra de Fernando Pessoa. No entanto, para entender melhor a vida desse grande poeta, [nada melhor ler a nota biográfica escrita por Fernando Pessoa em 30 de Março de 1935](#) e publicada, em parte, como introdução ao poema editado pela Editorial Império em 1940 e intitulado: "À memória do Presidente-Rei Sidónio Pais").

A Vida em Datas

Ano	Idade	Acontecimentos
1888	-	<ul style="list-style-type: none"> No dia 13 de julho às 15h20 nasce Fernando Antônio Nogueira Pessoa. Coincidência ou não esse poeta que , por não caber si, multiplicou-se em vários poetas, sendo três deles (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos) heterônimos perfeitos, nasceu sob o signo de gêmeos, no 4º andar esquerdo do nº 4 do Largo de São Carlos. Filho de Maria Magdalena Pinheiro Nogueira, natural da Ilha Terceira, nos Açores, e de Joaquim de Seabra Pessoa, um modesto funcionário público e crítico musical do Diário de Notícias, Fernando Pessoa e seus heterônimos transformaram-se nos maiores expoentes da Literatura Universal do século XX.
1893	5	<ul style="list-style-type: none"> Janeiro, nasce Jorge, irmão de Pessoa; 13 julho, vítima de tuberculose pulmonar, falece Joaquim Seabra, seu pai; novembro, após leiloar boa parte dos seus bens, Maria Magdalena muda-se com os filhos para a rua S. Marçal, 104.
1894	6	<ul style="list-style-type: none"> 2 de janeiro, falece Jorge, seu irmão. Nessa mesma época Fernando Pessoa cria seu primeiro heterônimo "um certo Chevalier de Pas(...) por quem escrevia cartas dele a mim mesmo...".
1895	7	<ul style="list-style-type: none"> 26 de julho, Pessoa escreve seu primeiro poema: "A minha querida mamã"; 30 de dezembro, sua mãe se casa com João Miguel Rosa, cônsul português em Durban, África do Sul.
1896	8	<ul style="list-style-type: none"> Janeiro, Pessoa e sua mãe partem para Durban. Lá chegando vai freqüentar o convento de freiras irlandesas da West Street, onde toma contato com a língua inglesa e faz a primeira comunhão (Nessa escola alcança a equivalência de cinco anos letivos em apenas três anos; 17 de novembro, nasce Henriqueta Madalena, primeira filha do segundo casamento de sua mãe.
1898	10	<ul style="list-style-type: none"> 22 de outubro, nasce Madalena Henriqueta, segunda filha do segundo casamento de sua mãe.

1899	11	<ul style="list-style-type: none"> ● Abril, Fernando Pessoa matricula-se na High School, onde permanece por três anos e revela-se um dos melhores alunos do seu curso. Ainda nesse ano cria o heterônimo Alexander Search.
1900	12	<ul style="list-style-type: none"> ● 11 de janeiro, nasce Luís Miguel, terceiro filho do segundo casamento de sua mãe; ● Junho, Fernando Pessoa é premiado na escola pelo seu desempenho em Francês.
1901	13	<ul style="list-style-type: none"> ● Nesse ano escreve os primeiro poema em língua inglesa; ● Junho, é aprovado com distinção no seu primeiro exame, o "Cape School Higher Certificate Examination". Ainda nesse mês morre sua irmã Madalena Henriqueta; ● Agosto, acompanha a família em visita a Portugal, onde fica por alguns meses.
1902	14	<ul style="list-style-type: none"> ● 17 de Janeiro, em Lisboa nasce seu irmão João Maria; ● Maio, Fernando Pessoa visita a Ilha Terceira, nos Açores, onde vivem seus parentes por parte de mãe. Na ilha escreve a poesia "Quando Ela Passa"; ● Junho, sua família retorna para a África do Sul; ● Setembro, Pessoa retorna, sozinho, para a Durban. Ainda nesse mês matricula-se na Commercial School;
1903	15	<ul style="list-style-type: none"> ● Novembro, presta o exame de admissão à Universidade do Cabo da Boa esperança, obtendo uma classificação relativamente baixa.
1904	16	<ul style="list-style-type: none"> ● Fevereiro, recebe o prêmio "Queen Victoria Memorial Prize" pelo melhor ensaio de estilo em Língua Inglesa como prova de admissão à Universidade do Cabo; - Escreve poesia e prosa em inglês; ● Lê Byron, Shelley, Keats, Poe e, sobretudo, Shakespeare; ● 16 de Agosto, nasce sua irmã Maria Clara; ● Dezembro, publica o ensaio "Macaulay" no jornal da escola. Ainda em dezembro faz o "Intermediate Examination in Arts", encerrando assim os seus estudos na África do Sul.
1905	17	<ul style="list-style-type: none"> ● Agosto, com o intuito de matricular-se no Curso de Letras, retorna sozinho e definitivamente para Lisboa, onde vai viver com a avó paterna e duas tias.
1906	18	<ul style="list-style-type: none"> ● Outubro, matricula-se no Curso Superior de Letras. Ainda nesse mês sua mãe, o padrasto e os irmãos vão passar férias em Lisboa; ● 11 de dezembro, falece, em Lisboa, sua irmã Maria Clara.
1907	19	<ul style="list-style-type: none"> ● Sua família retorna para a África do Sul; ● Agosto, desiste do curso de Letras. Ainda nesse mês morre sua avó, que lhe deixa uma pequena herança. Com o dinheiro Pessoa monta a empresa Íbis, uma pequena tipografia, de duração efêmera; ● Começa a dedicar-se quase que exclusivamente a criação de uma obra literária. Por isso, recusa bons empregos, por incluírem obrigações de horário, que poderiam tornar-se empecilho para a concretização de sua obra.

1908	20	<ul style="list-style-type: none">• Começa a trabalhar como correspondente estrangeiro de firmas comerciais sediadas em Lisboa;• Vai morar sozinho em um quarto alugado;• Começa a ler os poetas portugueses Antero de Quental, Almeida Garret e, principalmente, Cesário Verde.
1910	22	<ul style="list-style-type: none">• Dezembro, publicação da revista a Águia.

[Próxima](#)



Fernando
Pessoa

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [estudos](#) | [depoimentos](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ *Estilo*

A poesia assinada por Fernando Pessoa "**ortônimo**" ou "**ele mesmo**" pode ser dividida em três partes: **poesias escritas em língua inglesa, poesia lírica e poesia histórico nacionalista.**

Poemas escritos em Língua Inglesa

Devido educação recebida em Durban, África do Sul com ênfase na língua inglesa, e a leitura de Byron, Shelley, Keats, Poe e, sobretudo, Shakespeare; **os primeiros poemas de Fernando Pessoa**, como não podia deixar de ser, **foram escritos em Inglês.**

A sua produção poética em língua inglesa é composta por: English Poems, I, II, III, IV, Antinons e 35 Sonets, nelas se revela ocultista, amante do mistério e abúlico, ou seja, com a vontade diminuída ou suprimida.

Poesia Lírica

A poesia lírica escrita por Fernando Pessoa está reunida sob os títulos de "**Cancioneiro**" e "**Quadras ao gosto Popular**".

Apesar do próprio Fernando pessoa afirmar que "**Cancioneiro (ou outro título igualmente inexpressivo) reuniria vários dos muitos poemas soltos que tenho, e que são por natureza inclassificáveis salvo de essa maneira inexpressiva.**", o título dessa obra não é, de forma alguma, "**inexpressivo**", porque o seu entendimento global está relacionado diretamente ao título.

Cancioneiro é a designação dada ao conjunto poesias líricas medievais, portuguesas ou espanholas. Como se sabe, as poesias medievais, também conhecidas como cantigas trovadorescas, possuem uma ampla relação com a música, o canto e a dança. Essa relação é tão forte que o professor Antônio Carlos Pinho, em seu ensaio "A poesia medieval portuguesa" disse que essas cantigas são "verdadeiras letras de música".

As poesias de Fernando Pessoa reunidas sob o título de "Cancioneiro", além de prestar uma homenagem a tradição lírica lusitana de preservar os seus mais antigos textos literários, também se relacionam com as cantigas medievais, pois o ritmo e a métrica dos versos deixam esses poemas tão harmoniosos que eles se transformam também em "verdadeiras letras de música". Exemplos disso são os vários poemas de Fernando Pessoa gravados por grandes músicos, brasileiros e portugueses:

Gilberto Gil gravou o poema "Prece", Zé Ramalho - "Bandarra", e Raimundo Fagner - "Qualquer Música".

**"Qualquer música, ah, qualquer,
Logo que me tire da alma
Esta incerteza que quer
Qualquer impossível calma!**

Qualquer música - guitarra,
Viola, harmônio, realejo...
Um canto que se desgarra...
Um sonho em que nada vejo...

Qualquer coisa que não vida!
Jota, fado, a confusão
Da última dança vivida...
Que eu não sinta o coração!"

Outras características importantes em "O cancionero" são a forte influência do Simbolismo e as reflexões sobre a arte e o fazer poético.

"O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração."

O poema "**Autopsicografia**", reproduzido acima, apesar de sua aparente simplicidade, é, sem sombra de dúvidas, o texto mais discutido de Fernando Pessoa. Nele, as reflexões sobre a "**criação artística**" são levadas as últimas conseqüências. Isso porque, ao afirmar que "O poeta é um fingidor", Fernando Pessoa não restringe-se apenas ao poeta. Na verdade ele se refere ao artista em geral, que cria "**um mundo fictício para representar o mundo real**". Pablo Picasso ao dizer que "**a arte é uma mentira que revela a verdade**" reforça o que foi dito.

Em "**O Cancioneiro**", além dessas características, **merece especial destaque o interseccionismo**, que é, na realidade, uma teoria elaborada por Fernando Pessoa.

Para explicá-la, nada melhor do que as palavras do próprio Pessoa: "**a arte que queira representar bem a realidade terá de dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar uma intersecção de duas paisagens**"

Abaixo temos um fragmento do poema "Hora Absurda", que contém um bom exemplo de interseccionismo:

"Hoje o céu é pesado como a idéia de nunca chegar a um porto..."

Repare que o poeta constrói o verso com dois espaços, ou melhor, duas paisagens distintas: uma exterior, caracterizada pelo "céu pesado" e outra interior, caracterizada pela "idéia de nunca chegar a um porto". No entanto, a compreensão global da frase não permite que esses espaços sejam compreendidos de forma autônoma,

ocorrendo então uma intersecção dessas paisagens, que formam um "quadro" único, refletindo o "céu pesado" e também o estado interior do eu-lírico.

Quadras ao gosto popular

Nos dois últimos anos antes de morrer Fernando Pessoa cultivou as "**Quadras Portuguesas**". Essa modalidade de "quadras" **tem como principal característica o esquema métrico**, composto por redondilhas maiores também conhecido como "**medida velha**".

A Medida velha, ou seja, versos redondilhos maiores (sete sílabas) e menores (cinco sílabas) foi um esquema de composição muito usado pelos poetas Medievais (Trovadorismo e Humanismo), antes que Sá de Miranda introduzisse, em 1527, a "medida nova", versos decassílabos (dez sílabas métricas).

Tem-se registro de que Fernando Pessoa escreveu mais de 400 quadras, muitas delas não datadas e, devido a sua ordem não cronológica, presume-se que estavam destinadas a formação de um livro. Em 1965 George Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho organizaram e publicaram muitas dessas quadras sob o título de "**Quadras ao Gosto Popular**". Em 1997 Luís Prista incrementa a edição de 1965 com mais de 100 quadras e as publica sob o título de "**Quadras**". A explicação para esse novo título é que "quadras populares" ou "ao gosto popular" são expressões nunca usadas por Fernando Pessoa.

Não vamos aqui iniciar uma discussão sobre qual o melhor título para esses livros de quadras pois isso não é relevante nesse momento. O importante agora é que, ao escrever quadras com a chamada "medida velha", Fernando Pessoa, além de mostrar a capacidade de o "velho" fazer-se "novo", busca "comungar com a alma do povo", pois retoma as antigas tradições portuguesas, uma vez que as quadras nasceram no meio do povo na era medieval.

Para explicar melhor o porquê da composição das "quadras portuguesas" nada melhor do que as palavras do próprio Fernando Pessoa:

"A quadra é um vaso de flores que o Povo põe à janela da sua alma. Da órbita triste do vaso escuro a graça exilada das flores atreve o seu olhar de alegria. Quem faz quadras portuguesas comunga a alma do povo, humildemente de todos nós e errante dentro de si próprio. Ser intensamente patriótico é, primeiro, valorizar em nós o indivíduo que somos, e fazer o possível por que se valorizem os nossos compatriotas, para que assim a Nação que é a suma viva dos indivíduos que a compõem, e não o amontoado de pedras e areia que compõem o seu território, ou a coleção de palavras separadas ou ligadas de que forma o seu léxico ou a sua gramática - possa orgulhar-se de nós que, porque ela nos criou, somos seus filhos, e seus pais, porque a vamos criando."

Face a tudo o que foi exposto, **pode-se dizer que a poesia lírica escrita por Fernando Pessoa - ele mesmo tem um caráter "Saudosista"**, pois retoma as antigas tradições do povo português.

Poesia histórico nacionalista

A poesia Histórico Nacionalista escrita por Fernando Pessoa ocorre na obra "**Mensagem**", único livro em língua portuguesa publicado em vida pelo poeta. Os poemas dessa obra, estão organizados de forma a compor uma

epopéia que traça a história de Portugal, ou seja, um poema longo que tem como tema a grandiosidade e o heroísmo da pátria.

Nessa obra Fernando Pessoa praticamente narra a história de Portugal, desde sua origem, com a lenda de Ulisses, passando pela pré-história, pela formação do reino português, pelo período das grandes navegações, pelas glórias vividas em "Os Lusíadas", pelo advento do Sebastianismo até chegar ao sonho de que Portugal voltará a ser um grande império.

O próprio Fernando Pessoa classificou esse poema como "**um livro de poemas, formando um só poema**". **Ele também** chegou a cogitar a hipótese de **intitular o poema como Portugal**, mas desistiu da idéia, provavelmente, por um dos dois motivos abaixo:

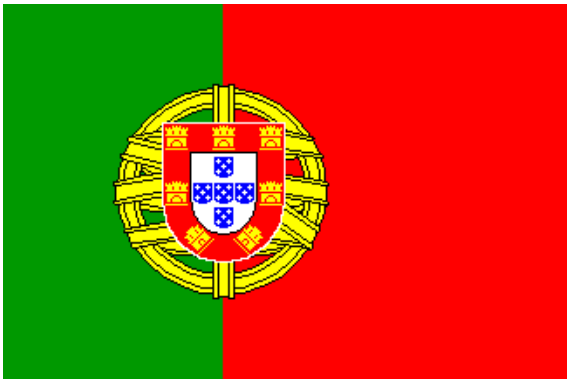
- não achar a sua obra à altura do nome da Pátria;
- seu amigo Da Cunha Dias o convenceu de o nome da pátria estava desacredita e prostituído.

O livro **Mensagem é dividido em três partes: Brasão, Mar português e O Encoberto**.

Na primeira parte é narrada a formação e à história propriamente dita de Portugal. Nela, Fernando Pessoa, toma como base o **brasão** português, que é representado por sete castelos amarelos, em um campo vermelho e cinco quinas azuis, em um campo branco.

Cada castelo eqüivale a um personagem ligado a formação de Portugal, desde Ulisses, que segundo uma antiga lenda, fundou Lisboa, passando pela pré-história portuguesa, até chegar a D. João I, o mestre de Avis, responsável pelo período das grandes navegações.

As quinas correspondem as figuras ligadas ao período das grandes navegações, são elas: D. Duarte, filho de D. João I, D. Fernando, D. Pedro, D. João e D. Sebastião. Pode-se dizer que na primeira parte temos a base do império Português.



Mar Portuguez, a segunda parte de Mensagem, fala das grandes navegações em que Portugal tornou-se um grande império graças ao domínio do mar. Ainda nessa parte o grande império entra em decadência e, na tentativa de restaurar a grandiosidade da pátria, desaparece, na "última nau", D. Sebastião, desaparecendo consigo o sonho do "Quinto Império". Para finalizar essa parte, há o pedido, em forma de "Prece", para que Portugal torne-se novamente um grande império.

**"E outra vez conquistemos a Distância -
Do mar ou outra, mas que seja nossa!"**

Em O Encoberto, terceira e última parte da obra, o tema é o Sebastianismo e o sonho do "Quinto Império".

■ ■ ■ *Imagens*

1 | [2](#) | [3](#)



[Próxima](#)



■ ■ ■ *Obra*

Abaixo você encontra alguns poemas escritos por Fernando pessoa. Em seguida, toda a sua Bibliografia.

[Tudo quanto penso,](#)

[Chuva Oblíqua](#)

[Hora Absurda](#)

[Chove? Nenhuma chuva cai...](#)

[Qualquer música, ah, qualquer,](#)

[Autopsicografia](#)

[Eros e Psique](#)

[Navegar é Preciso](#)

[Isto](#)

[Ela canta, pobre ceifeira](#)

[Quadras ao Gosto Popular](#)

[Fragmentos de Mensagem](#)

Ficções do Interludio

[- Notas preliminares assinadas por Fernando Pessoa, Ricardo Reis e Álvaro de Campos.](#)

Cartas

[- Carta a Adolfo Casais Monteiro, na qual o próprio Fernando Pessoa explica a gênese dos heterônimos;](#)

[- Carta a Armando Côrtes-Rodrigues;](#)

Volumes de poesia publicados em vida

35 Sonnets. 1918.

Antinous. 1918.

English Poems. I - Antinous. II. 1921.

English Poems. III - Epithalamium. 1921.

Mensagem. 1934.

Publicações póstumas

Poesia

Obras Completas de Fernando Pessoa. Edições Ática:

- I – Poesias de Fernando Pessoa. Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. 1942.
- II – Poesias de Álvaro de Campos. Nota Editorial e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. 1944.
- III – Poemas de Alberto Caeiro. Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. 1946.
- IV – Odes de Ricardo Reis. Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor. 1946.
- V – Mensagem. de Fernando Pessoa. 3.^a ed., 1945 (desde a 6.^a ed. com uma nota de David Mourão-Ferreira).
- VI – Poemas Dramáticos de Fernando Pessoa. Nota explicativa e notas de Eduardo Freitas da Costa. 1952.
- VII – Poesias Inéditas (1930-1935) de Fernando Pessoa. Nota prévia de Vitorino Nemésio e notas de Jorge Nemésio. 1955.
- VIII – Poesias Inéditas (1919-1930) de Fernando Pessoa. Nota prévia de Jorge Nemésio. 1956.
- IX – Quadras ao Gosto Popular de Fernando Pessoa. Texto estabelecido e prefaciado por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. 1965.
- X – Novas Poesias Inéditas de Fernando Pessoa. Direcção, recolha e notas de Maria do Rosário Marques Sabino e Adelaide Maria Monteiro Sereno. 1973.
- XI – Poemas Ingleses Publicados por Fernando Pessoa. Antinous, Incriptions, Epithalamium, 35 Sonnets e Dispersos. Edição bilingue, com prefácio, traduções, variantes e notas de Jorge de Sena e traduções também de Adolfo Casais Monteiro e José Blanc de Portugal. 1974.
- Obra Poética. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1960.

Prosa

- Banqueiro Anarquista (O). Lisboa, Ed. Amigona, Lisboa, 1981.
- Da República (1910-1935). Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa, Edições Ática, 1979.
- Livro do Desassossego por Bernardo Soares. Recolha e transcrição dos textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Edições Ática, 1982 (2 vols.).
- Obras em Prosa. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1974.
- Páginas de Doutrina Estética. Selecção, prefácio e notas de Jorge de Sena. Lisboa, Editorial Inquérito, 1946.
- Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Edições Ática, 1966.
- Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa, Edições Ática, 1966.
- Sobre Portugal. Introdução ao Problema Nacional. Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa, Edições Ática, 1979.
- Textos Filosóficos. Estabelecidos e prefaciados por António de Pina Coelho. Lisboa, Edições Ática, 1968 (2 vols.).
- Textos de Crítica e de Intervenção. Lisboa, Edições Ática, 1980.
- Ultimatum e Páginas de Sociologia Política. Recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão. Introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa, Edições Ática, 1980.

Correspondência

- Cartas de Amor de Fernando Pessoa. Organização, posfácio e notas de David Mourão-Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de Maria da Graça Queiroz. Lisboa, Edições Ática, 1978.
- Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues. Introdução de Joel Serrão. Lisboa, Editorial Confluência, 1944 (2.^a ed., Editorial Inquérito, 1959).
- Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões. Introdução, apêndice e notas do destinatário. Lisboa,

Publicações Europa-América, 1957 (2.^a ed., IN-CM, 1982).



■ ■ ■ *Estudos*

Fernando Pessoa é hoje reconhecido, pela crítica e pelo público, como um dos maiores expoentes da literatura universal. Devido a repercussão da sua obra nos últimos 50 anos, muitos ensaios, teses e livros foram dedicados a Fernando Pessoa e seus Heterônimos e muitos outros trabalhos desse caráter serão produzidos e publicados, pois os mistérios e a complexidade que envolvem a obra pessoana ainda estão longe de serem amplamente esclarecidos. Por isso, o espaço "Estudos" deste site tem um dupla função:

- 1) Servir de base para a elaboração de novos estudos sobre esse fenômeno chamado Fernando Pessoa;
- 2) Divulgar, sem fazer qualquer distinção, uma "Fortuna Crítica" sobre Fernando Pessoa e seus heterônimos.

Material de Base

- [Carta a Adolfo Casais Monteiro, na qual o próprio Fernando Pessoa explica a gênese dos heterônimos;](#)
- [Carta a Armando Côrtes-Rodrigues;](#)
- [Fernando Pessoa por ele mesmo](#)
- [Notas preliminares da obra "Ficções do Interludio" assinadas por Fernando Pessoa, Ricardo Reis e Álvaro de Campos;](#)
- [Distinção entre Heterônimos e Pseudônimo.](#)

Fortuna Crítica

- [Fernando Pessoa: Alquimia do Verbo - Flávio Calazans](#)



Fernando
Pessoa



[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [estudos](#) | [depoimentos](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ *Depoimentos*

- [Costa Pinheiro](#)
- [Diário de Notícias \(nota de Falecimento\)](#)
- [Haroldo de Campos](#)
- [Jean-Pierre Thibaudat](#)
- [Jorge Luis Borges](#)
- [José Saramago](#)
- [Miguel Torga](#)
- [Roman Jakobson](#)

■ ■ ■ *Vida**Álvaro de Campos (1890 - ?)*

Álvaro de Campos nasceu em Tavira, extremo sul de Portugal, a 15 de outubro de 1890. **"Magro, e com tendência a curvar-se", Campos tem a "cara raspada e sua cor fica entre o branco e o moreno",** um tipo de "judeu português", embora com **"cabelo liso e normalmente apartado ao lado"**.

Em Tavira **"teve uma educação vulgar de liceu, depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica, depois naval"**. Numas férias, viajou para o oriente de onde resultou a obra **"Opiário"** datado de 8 de março de 1914.

Depois de formado retornou a Portugal, mais precisamente a Lisboa, onde passou a viver, por opção, em inatividade. Seu espírito inquieto jamais conseguiria submeter-se às regras e o confinamento das quatro paredes de um escritório.

Em março de 1915 publica, no primeiro número da **Revista Orpheu**, os poemas **"Opiário"** e **"Ode Triunfal"**. Em junho publica na segunda edição dessa revista a **"Ode Marítima"**. Em julho desse mesmo ano o jornal "A capital" publica uma nota sarcástica contra o grupo da Orpheu. Em resposta Álvaro de Campos envia ao diretor do jornal uma [carta irreverente](#). Alguns membros da Orpheu, indignados, discordam dessa atitude e acabam abandonando o grupo.

Em 1917 Álvaro de Campos publica na única edição da revista Portugal Futurista o poema **"Ultimatum"**. A data de falecimento de Álvaro de Campos é desconhecida.

■ ■ ■ *Imagens*

Álvaro de Campos apresenta **três fases muito distintas em sua produção poética**. Na primeira, vemos um poeta **ainda influenciado pelo Simbolismo Decadente**, que escreve **quodras metrificadas e rimadas**. No fragmento abaixo vemos que esse poeta apresenta-se insatisfeito e amargurado.

"(...)
Sou/ dê/s/gra/ça/do/ por/ meu/ mor/ga/di/o. (A)
Os/ ci/ga/nos/ rou/ba/ram/ min/ha Sor/te. (B)
Tal/vez/ nem/ mes/mo en/con/tre ao/ pé/ da/ mor/te (B)
Um/ lu/gar/ que/ me a/bri/gue/ do/ meu/ fri/o. (A)
Eu/ fin/gi/ que es/tu/dei/ em/gen/há/ri/a. (C)
Vi/vi/ na Es/co/cia/. Vi/si/tei/ a Ir/lan/da. (D)
Meu/ co/ra/ção/ é/ uma/ avò/zin/há/ que an/da (D)
Pe/din/do es/mo/la às /por/tas/ da A/lê/gri/a. (C)
(...)"

Repare que as duas quadras desse fragmento têm esquema de rimas definido e a métrica é rigorosa, dez sílabas poéticas.

A **segunda fase** de Álvaro de Campos nos **revela um poeta que rendeu-se ao futurismo**, à velocidade, às máquinas e a agitação das cidades. O Álvaro de Campos dessa segunda fase tem um estilo "febril", no qual a forma fixa dos poemas e o esquema de rimas não têm mais espaço e são substituídos por **versos longos, próximos a prosa, que têm um ritmo nervoso** e emoção descontrolada.

Esse "novo" poeta é nitidamente influenciado pelo **Futurismo de Felipo Tomamaso Marinetti**, movimento esse caracterizado por uma forte ruptura com o passado e pela exaltação à vida moderna, ou seja, à máquina, ao automóvel, à eletricidade, à velocidade etc. Confira abaixo alguns trechos do manifesto futurista publicado em 1909 por Marinetti:

- nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito à energia e à temeridade;
- os elementos essenciais da nossa poesia serão a coragem, a audácia e a revolta;
- Não há mais beleza senão na luta. Nada de obra prima sem caráter agressivo;

Leia agora alguns trechos da "Ode Triunfal" de Álvaro de Campos:

**"À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.**

**Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
(...)**

**Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!"**

Repare que os ideais do manifesto Futurista são praticamente refletidos no poema de Campos: logo no começo do poema percebemos que o eu-lírico está em uma fábrica, iluminada por lâmpadas elétricas e rodeado por máquinas que trabalham a todo vapor, como se estivessem em fúria. O eu-lírico, por sua vez, é como as máquinas, pois está em estado febril, e escreve, rangendo os dentes, ou seja, fazendo um barulho igual ao das engrenagens.

O processo de exaltação à modernidade é tanto que o eu-lírico, passando por um processo de identificação com os "maquinismos", deseja "Ser completo como uma máquina".

Face ao brilhante ambiente futurista criado por Campos nesse poema, Mário de Sá Carneiro, um dos fundadores da revista Orpheu, disse o seguinte:

"(...) Não tenho dúvida em assegurá-lo, meu Amigo, você acaba de escrever a obra-prima do futurismo..."

Uma outra influência marcante nessa fase de Álvaro de Campos é o **poeta Norte Americano Walt Whitman**. A respeito dessa influência **Massaud Moisés**, na obra Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge, **diz o seguinte: "Walt Whitman é o seu mestre em modernidade e no corte do verso, estirado em longos metros que mais se afiguram períodos de prosa ritmada moldados segundo o pulsar nervoso da emoção descontrolada"**.

A influência de Whitman na obra de Álvaro de Campos não resume-se apenas ao "corte do verso", ela ainda pode ser encontrada na valorização dos sentidos e na exaltação à vida moderna, uma vez que Whitman presenciou e trouxe para sua obra todo processo de industrialização do seu país.

A terceira e última fase de Álvaro de Campos nos revela um poeta amargurado, que reflete de forma pessimista e desiludida sobre a existência. Devido a desilusão com a vida moderna, Campos buscou, conscientemente, afastar-se do convívio social e mergulhou nas profundezas da angústia e do pessimismo, características essas que aproximam muito a sua obra com a de Fernando Pessoa.

Devido a essa última fase, Álvaro de Campos ficou conhecido como o poeta do **não**, histericamente, "histérico". O poema que melhor representa essa última fase é, sem sombra de dúvidas, "Tabacaria".

**"Não sou nada.
Nunca serei nada.**

**Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo"**

Pode-se dizer que nessa última fase a loucura esteve muito próxima de Álvaro de Campos. Próxima porque Campos é um poeta lúcido. Lúcido de tudo, inclusive de sua própria loucura:

**"tenho a loucura exatamente na cabeça
[.....]
Graças a Deus estou doido".**

A lucidez de Álvaro de Campos pode ser atribuída à influência de seu Mestre, Alberto Caeiro. **Segundo José de Nicola "Campos aprendeu a lucidez de Caeiro, mas não seu espírito claro e direto. E essa lucidez passou a ser mais um forte componente da insatisfação de Álvaro de Campos."**

**"(...)
Meu mestre e meu guia!
A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,
Seguro como um sol fazendo o seu dia involuntariamente,
Natural como um dia mostrando tudo,
Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.
Meu coração não aprendeu nada.
Meu coração não é nada,
Meu coração está perdido.
Mestre, só seria como tu se tivesse sido tu.
(...)
Depois, mas por que é que ensinaste a clareza da vista,
Se não me podias ensinar a ter a alma com que a ver clara?
(...)"**

Álvaro de Campos, nas suas duas últimas fases poéticas, e Alberto Caeiro escreveram poemas com versos livres e brancos (sem rima). Deve-se deixar claro que, apesar de Caeiro ser o mestre de Campos, o abandono às formas fixas não é uma característica que Campos herdou de Caeiro. O Mestre Caeiro é um poeta "natural", que não se preocupa com as regras poéticas. Já Campos, por outro lado, preocupa-se, em sua primeira fase, com essas regras. Preocupação essa que só é abandonada quando o poeta rende-se ao Futurismo, que tinha como principal característica a ruptura com o passado, o que implica na quebra de regras e modelos preestabelecidos.

■ ■ ■ *Imagens*



■ ■ ■ *Obra*

Todas as poesias escritas por Álvaro de Campos foram reunidas sob o título de "Poesias de Álvaro de Campos. Abaixo você encontra algumas delas.

[Opiário](#)

[Ode Triunfal](#)

[Dobrada à morda do Porto](#)

[Ode Marítima](#)

[Saudação a Walt Whitman](#)

[Passagem das Horas](#)

[Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa](#)

[Tabacaria](#)

[Lisbon Revisited](#)

[Mestre](#)

[Bicarbonato de Soda](#)

[Aniversário](#)

**Ricardo
Reis**[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [Pessoas](#)■ ■ ■ *Vida****Ricardo Reis (1887 - ?)***

Ricardo Reis nasceu a 19 de setembro de 1887 na cidade do Porto em Portugal. Educou-se em um colégio de Jesuítas, onde estudou latim, grego e mitologia, sendo por isso, segundo Fernando Pessoa, um "**latinista por educação alheia e um semi-helenista por educação própria**". Depois disso, estudou medicina, formando-se médico, profissão essa que não chegou a exercer.

Em 1919, devido aos ideais monárquicos que defendia, exilou-se espontaneamente no Brasil, por não concordar com República que se instaurara em Portugal.

Em 1924 colaborou com a publicação do primeiro número da revista Athena. Isso leva a crer que "mantinha correspondência com o diretor da Revista, no caso, Fernando Pessoa". A data de falecimento de Ricardo Reis é desconhecida.



[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ *Estilo*

Profundo admirador da cultura clássica, Ricardo Reis pode ser considerado um poeta **Neoclássico tardio**. Isso quer dizer que sua poesia bucólica e pastoril foi escrita muito tempo depois de o período Neoclássico ou Arcádico ter acabado.

Os principais autores que influenciaram sua poesia foram o poeta latino **Horácio** e o grego **Epicuro**. De Horácio herdou as filosofias da "Áurea mediocritas" (equilíbrio de ouro) e do "Carpe Diem" (aproveite o momento). A primeira enaltece a vida mediana, sem grandes ambições ou desejos. Já a filosofia do "Carpe Diem" valoriza o "momento presente", pois a vida é breve e do futuro, nada se sabe. No fragmento abaixo temos o reflexo do "Carpe Diem" na poesia de Ricardo Reis:

(...)

**Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele."**

De Epicuro, Reis absorveu os ensinamentos de que o objetivo central do ser humano é a busca da felicidade. Epicuro pregava ainda que o homem deve buscar uma vida equilibrada de prazeres, fugindo das paixões violentas e dos excessos.

**"Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada
É livre: quem não tem, e não deseja,
Homem, é igual aos deuses"**

Repare que nesse fragmento a filosofia epicurista é levada as últimas conseqüências, pois o homem que quer pouco, "tudo tem" e o homem que "não deseja" é comparado aos deuses.

Além dessas filosofias clássicas, Reis também é fortemente influenciado por uma outra doutrina clássica: o **estoicismo**. Os estóicos, como Sêneca e Marco Aurélio, pregam que o homem deve permanecer indiferente a circunstâncias exteriores, como dor, prazer e emoção. Procuram submeter sua conduta à razão, mesmo que isso traga dor e sofrimento, e não prazer. Repare no fragmento abaixo como a atitude do eu-lírico é estóica, pois encara a morte como uma coisa justa e boa:

(...)

**Só nada teme ou sofre a visão clara
E inútil do Universo
Essa a si basta,
Nada deseja
Salvo o orgulho de ver sempre claro
Até deixar de ver."**

Apesar de toda essa influência clássica, engana-se quem pensa que Reis limita-se a imitar os modelos clássicos, prática essa muito comum durante o período Neoclássico. **O Neoclassicismo de Ricardo Reis é, segundo Fernando Pessoa, um neoclassicismo "científico"**, pois visa "reagir contra duas correntes - tanto contra o romantismo moderno, como contra o neoclassicismo à murras."

Devido a sua educação, a linguagem de Ricardo Reis é refinada, o ritmo dos seus poemas é **'scravo**, ou seja, obedecem a um número fixo de sílabas, a sua sintaxe é rebuscada e o vocabulário, como não poderia deixar de ser, extremamente erudito. Tudo isso, aliado a complexidade de suas frases, tornam difíceis a leitura e entendimento dos seus poemas.

**"Ponho na ativa mente o fixo esforço
Da altura, e à sorte deixo
E as suas leis, o verso;
Que, quando é alto e régio o pensamento,
Súbita a frase o busca
E o 'scravo ritmo o serve."**

Note no poema acima que todo trabalho de composição do poema está a serviço de um **pensamento "alto e régio"**, ou seja, um pensamento equilibrado, no qual a emoção é submissa à razão.

Reis escreve seus **poemas na forma de Odes**, poemas líricos em tom alegre e entusiástico, cantados pelos gregos ao som da cítara ou da flauta. Neles convida pastoras como **Lídia, Neera ou Cloe** para desfrutar de prazeres contemplativos e regrados:

**"Vem sentar-se comigo. Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos dadas.
(Enlacemos as mãos.)"**

Reis mostra-se um discípulo de Alberto Caeiro ao abordar temas como o "locus amenus" (local ameno) e do "Carpe Diem". No entanto, é no **paganismo** que mestre e discípulo se aproximam e, ao mesmo tempo, se distanciam. Aproximam-se pois os dois poetas são pagãos. Se distanciam pois **Reis crê nos antigos deuses**, deuses esses que, segundo sua ótica, estão acima de tudo e controlam o destino dos homens. Caeiro, ao contrário de Reis, é convicto de que não se deve pensar em deus. Devido a essa postura de Caeiro com relação a deus, Ricardo Reis, disse que **Caeiro era "mais pagão do que o próprio paganismo"**.

**"Acima da verdade estão os deuses.
Nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles
Sabem que há o Universo"**

Nas odes de Ricardo Reis são elogiáveis: a **concisão formal**, tendo sido fundamental a erudição latina do poeta; e **o seu conhecimento estrutural da língua inglesa**, concisa e reflexiva, que moldou basicamente a sua "personalidade".



⋮
**Ricardo
Reis**

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ *Imagens*





■ ■ ■ *Obra*

Toda obra produzida por Ricardo Reis foi publicada sob o título de Odes de Ricardo Reis. Abaixo você encontra alguns dos poemas que compõem essa fascinante obra.

[Tirem-me os deuses](#)

[Não só quem nos odeia ou nos inveja](#)

[A palidez do dia é levemente dourada.](#)

[Ponho na altiva mente o fixo esforço](#)

[Vem sentar-te comigo Lídia, à beira do rio.](#)

[Para ser grande, sê inteiro: nada](#)

[Coroai-me de rosas,](#)

[Uns, com os olhos postos no passado,](#)

[O Deus Pã não morreu,](#)

[Não a Ti, Cristo, odeio ou te não quero.](#)

[Mestre, são plácidas](#)

[Breve o dia, breve o ano, breve tudo.](#)



**Alberto
Caeiro**

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ Vida

Alberto Caeiro (1889 - 1915)

Alberto Caeiro da Silva nasceu a 16 de abril de 1889 na cidade de Lisboa em Portugal. Desde cedo ficou órfão de pai e de mãe, passando a viver no campo com uma tia avó. Caeiro não teve profissão e só teve instrução primária, o que explica o fato de escrever mal o português.

Os traços físicos de Alberto Caeiro são descritos dessa forma pelo poeta Álvaro de Campos:

"Vejo-o diante de mim, ve-lo-ei talvez eternamente como primeiro o vi. Primeiro os olhos azuis de criança que não tem medo; depois, os maldades já um pouco salientes, a cor um pouco pálida, e o estranho ar grego, que vinha de dentro e era uma calma, e não de fora, porque não era expressão nem feições. O cabelo, quase abundante, era louro, mas, se faltava luz, acastanhava-se. A estatura era média, tendendo para mais alta, mas curvada, sem ombros altos. O gesto era branco, o sorriso era como era, a voz era igual, lançada num tom de quem não procura senão dizer o que está dizendo - nem alta, nem baixa, clara livre de intenções, de hesitações, de timidez. O Olhar azul não sabia deixar de fixar. Se a nossa observação estranhava qualquer coisa, encontrava-a: a testa, sem ser alta, era poderosamente branca. Repito: era pela sua brancura, que parecia maior que a da cara pálida, que tinha majestade. As mãos um pouco delgadas, mas não muito; a palma era larga".

Entre 1913 e 1914 Alberto Caeiro escreve os "Poemas Inconjuntos". No dia oito de março de 1914 ele escreve, de uma só vez os 49 poemas que compõem a obra "O guardador de rebanhos".

Em 1915, vítima de tuberculose, Alberto Caeiro Falece em Lisboa.

O poeta Ricardo Reis, em um apontamento fragmentário, emendado e incompleto, escreveu o seguinte sobre Alberto Caeiro:

"Alberto Caeiro da Silva nasceu em Lisboa a... de abril de 1889, e nessa cidade faleceu, tuberculoso, em ... de ... de 1915. A sua vida, porém decorreu quase toda numa Quinta do Ribatejo (*). Ali foram escritos seus primeiros poemas, os do livro intitulado "O Guardador de Rebanhos", os do livro, ou o quer que fosse, incompleto, chamado "O Pastor Amoroso" e alguns, os primeiros do que eu mesmo, herdando-os para publicar, com todos os outros, reuni sob a designação que Álvaro de Campos me lembrou bem, de "Poemas Inconjuntos". (Essa passagem tem uma passagem de emendas totalmente ilegíveis). Os últimos poemas, a partir de aquele numerado... são porém produto do último período da vida do autor, de novo passada em Lisboa. Julgo de meu dever estabelecer esta breve distinção, pois alguns desses poemas revelam, pela perturbação da doença, uma novidade um pouco estranha ao caráter geral da obra, assim em natureza como em direção...

A vida de Caeiro não pode narrar-se, pois que não há nela de que narrar. Seus poemas são o que houve nele da vida. Em tudo mais não houve incidentes nem há história. O mesmo breve episódio, improficuo e absurdo que deu origem aos... poemas de "O Pastor Amoroso" não foi um incidente, senão por assim dizer, um esquecimento."

[Clique aqui para ler mais alguns trechos desses comentários sobre Alberto Caeiro.](#)

(*) passagem ilegível Como se pode ver no fragmento acima, a obra poética do Mestre Caeiro é composta por:

- **Poemas Inconjuntos;**
- **O guardador de rebanhos; e**
- **O pastor Amoroso**



Alberto
Caeiro

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ Estilo

Alberto Caeiro escreve seus poemas com vocabulário pouco refinado, linguagem simples e fluente, quase em prosa, e em versos livres (sem metrificação) e brancos (sem rima).

**"Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior**

**Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre o chão é inclinado,
E a minha poesia é natural como levantar-se vento..."**

Com base nos fragmentos desse poema pode-se perceber como Caeiro faz seus poemas: eles não têm rimas nem padrão fixo, mas isso não significa que o poeta não tenha conhecimento dessas técnicas.

Uma das características que mais impressionam na obra de Caeiro é **o objetivismo absoluto ou antimetafísico**. Caeiro não procura ver "mistérios" por trás das coisas. Ele busca ver as coisas como elas são, sem atribuir-lhes nada de subjetivo, ou seja, significados ou sentimentos humanos.

**"Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.**

**Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.**

**Mas as flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivesse alma, eram coisas vivas, não eram pedras;
E se os rios tivesse êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes."**

Para Caeiro as coisas são como são. Isso é o que Álvaro de Campos, recordando seu mestre, afirmava ser "**O conceito direto das coisas**". Por isso, o mundo de Caeiro é o mundo real-sensível, ou real-objetivo, ou seja, é tudo aquilo que existe e que percebemos através dos sentidos. Dessa forma observa-se uma radical oposição entre "**sensação**" e "**pensamento**". As sensações são boas porque são naturais, já o pensamento é algo que só

acrescenta falsidade as coisas.

Outra característica marcante na obra de Caeiro é o **bucolismo**, pois, além de estar presente em vários de seus poemas, reflete o seu estilo de vida, ou seja, seu contato com a natureza.

**"Aquele senhor tem um piano
Que é agradável mas não é o correr dos rios
Nem o murmúrio que as árvores fazem..."**

**"Para que é preciso Ter um piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza."**

Nesse poema Caeiro faz uma comparação da vida da cidade, representada pelo piano, com a vida no campo, representada pela natureza. Mesmo admitindo que o som do piano é agradável, ele acaba optando pela vida no campo, pois os sons da natureza, para ele, são superiores ao do piano.

Caeiro é um homem que, por não estar contaminado pela civilização moderna, tem na Natureza a sua religião e a razão fundamental da sua vida. Ele não crê em mais nada, a não ser na Natureza e no existir pelo existir.

**"Não acredito em deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que acreditasse nele.
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, Aqui estou.
(...)
Mas se Deus é as flores e as árvores
E os mares e sol e o luar,
Então acredito nele(..)"**

Nota: Repare que no fragmento do poema acima a palavra deus está grafada de duas maneiras diferentes. Na primeira parte do poema o eu-lírico fala que não acredita em deus e escreve essa palavra com inicial minúscula. Já na segunda parte, na qual ele levanta a hipótese de Deus ser "as flores e as árvores", essa palavra aparece grafada com inicial maiúscula.

É dessa crença na Natureza e no existir pelo existir, que surge a característica mais importante de Alberto Caeiro: **O paganismo**. Como se sabe os poetas que antecederam a Caeiro eram os Simbolistas, que estavam impregnados por um forte misticismo, herdado dos Românticos. Portanto, seus poemas eram carregados de religiosidade. Já Caeiro, procura ver as coisas como elas realmente são, assim, afasta-se da reflexão sobre Deus, surgindo daí o seu paganismo.

**"Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou..."**

No fragmento abaixo o paganismo de Caeiro intensifica-se. Repare que Cristo é destituído de santidade, ou seja,

é visto como uma criança normal: brincalhona, alegre e levada.

**"Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe."**

Ainda com relação ao paganismo pode-se repetir as palavras de **Célia Passoni sobre Caeiro: "Poeta pagão, porque tem a ordem e a disciplina que o paganismo tinha e que o cristianismo nos fez perder: poesia é ver, é a força dos sentidos"**

Em outras palavras Célia quer dizer que para os pagãos o mundo sensível é fundamental, pois nele se manifestam as formas divinas. Essa crença, no entanto, é descartada pelo cristianismo que, por crer na vida após a morte, coloca o mundo espiritual em primeiro lugar.

Já para o Poeta Ricardo Reis, Caeiro era **"mais pagão do que o próprio paganismo"**. Reis diz isso porque Caeiro não busca simplesmente a integração sensorial com a Natureza, o que ele busca é uma integração que transcende a esse conceito, na qual integrar-se com a natureza significa fazer parte dela sem, no entanto, pensar nela.

**"...Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é.
Mas porque a amo, e amo-a por isso..."**

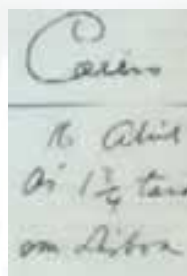
Alberto Caeiro é conforme afirma Fernando Pessoa, o seu mestre. Caeiro é também mestre de Álvaro de Campos, que desenvolveu um sistema baseado nas sensações e de Ricardo Reis, que, além de admirar-lhe a inocência natural, também adquiriu a lição do paganismo espontâneo.



Alberto Caero

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ Imagens





**Alberto
Caeiro**

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ Estilo

A Obra poética de Alberto Caeiro é Composta por: "**O Guardador de Rebanhos**", "**Poemas Inconjuntos**" e "**O Pastor Amoroso**".

Abaixo Você encontra alguns poemas que compõem essas obras.

O Guardador de Rebanhos

[I - Eu Nunca Guardei Rebanhos](#)

[VI- Pensar em Deus é desobedecer a Deus,](#)

[VII - Da minha aldeia vejo quanto da terra...](#)

[IX - Sou um Guardador de Rebanhos](#)

[X - Olá, Guardador de Rebanhos](#)

[XI - Aquela senhora tem um piano](#)

[XII - os pastores de Virgílio tocavam avenas...](#)

[XXX - Se quiserem que eu tenha um misticismo...](#)

[XXXVI - E há poetas que são artistas](#)

[XXXVII - Como um grande borão de fogo sujo](#)

[XXXVIII - Bendito seja o mesmo sol...](#)

[XXXIX - O mistério das cousas, onde está ele?](#)

Poemas Inconjuntos

[Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol.](#)

[Creio que irei morrer.](#)

[A noite desce, o calor soçobra um pouco,](#)

[Seja o que for que esteja no centro do Mundo,](#)

[É noite. A noite é muito escura. Numa casa a uma grande](#)

[É talvez o último dia da minha vida.](#)

[Gozo os campos sem reparar para eles.](#)

[Hoje de manhã saí muito cedo,](#)

[Pouco a pouco o campo se alarga e se doura.](#)

[Primeiro prenúncio de trovoada de depois de amanhã.](#)

[Também sei fazer conjeturas.](#)

[Todas as opiniões que há sobre a Natureza](#)

O Pastor Amoroso

O amor é uma companhia.

O pastor amoroso perdeu o cajado,

Todos os dias agora acordo com alegria e pena.

Passei toda a noite, sem dormir, vendo, sem espaço, a figura dela,

Quando eu não te tinha

Vai alta no céu a lua da Primavera

::: Florbela Espanca (1894 - 1930)[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [alguns poemas](#)**::: VIDA :::**

FLORBELA DE ALMA DA CONCEIÇÃO LOBO ESPANCA nasceu em 8 de dezembro de 1894 em Vila Viçosa, Alto do Alentejo. Como era filha ilegítima, cresceu na charneca, espécie de caatinga alentejana.

Florbela ou Bela, como era chamada carinhosamente por sua família, era filha de Antonia da Conceição Lobo e de João Maria Espanca. Seu pai era casado com Maria Toscano, mas, como essa união não lhe gerou nenhum filho, João Maria manteve um relacionamento ilícito com Antonia. Dessa relação nasceram dois filhos: Florbela e Apeles. A mãe de Florbela logo desiste deste relacionamento e troca João Maria por um outro homem, com quem vai viver em Évora. Os dois filhos do casal passam a ser criados pelo pai e por sua mulher, Maria Toscano.

Florbela, quando atinge a idade escolar, passa a frequentar o colégio Dona Ana Locádia, em Vila Viçosa. Ao concluir o primeiro ciclo de ensino é transferida para a escola secundária do professor Romeu, onde permaneceu até o ano de 1907, quando conclui o 3º ano. Seus primeiros versos são datados dessa época. Em seguida vai, junto com toda a família, para Évora e ingressa no Liceu André de Gouveia, onde permanece até 1912. Sua permanência nesse estabelecimento não é bem vista, sobretudo pelos professores, pois nessa época ainda havia muito preconceito com relação ao acesso da mulher a estabelecimentos de ensino secundários.

No dia em que completa 19 anos (8 de dezembro) Florbela casa-se com Alberto Moutinho. Em 1919, após o fracasso desse casamento, matricula-se na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Nesse mesmo ano publica o livro de poesias "Livro de Mágoas", que passa despercebido pela crítica e pelo público.

No ano de 1923 publica o livro "Sóror de Saudade", que também passa despercebido. Em 1925, depois do fracasso do segundo casamento com Antônio Guimarães, Florbela casa-se, com Mário Lage, outro fracasso. Florbela então tem uma relação com o médico e pianista Luís Maria Cabral, que não termina em casamento.

No meio desse torvelinho de paixões, destaca-se a figura de seu irmão Apeles, que morreu em 6 de Junho de 1927. Tudo indica que, por desesperar-se com a morte de uma namorada, ele, que era aviador, mergulhou com sua aeronave nas águas do Tejo. A partir daí, Florbela jamais voltou a ser como antes e, por isso, temos a sensação de que o grande amor da sua vida era o irmão.

Numa carta escrita ao pai, a poetisa diz:

"Não me sinto nada bem e estou magríssima... Estou uma velha cheia de cabelos brancos e sem vontade para nada".

Em Agosto de 1928, Florbela Espanca tenta suicidar-se. Em Novembro de 1930 ela tenta o suicídio pela segunda vez. Finalmente, em 8 de Dezembro desse mesmo ano é encontrada morta em sua casa em Matosinhos. Em seu quarto, debaixo do colchão, são encontrados dois frascos de Veronal, uma droga com poder hipnótico de ação prolongada, que a poetisa tomava para conseguir dormir.

Com pode-se perceber, 8 de Dezembro marca três coincidências curiosas na vida de Florbela:

8 de dezembro de 1894, data de nascimento;

8 de dezembro de 1914, data do seu primeiro casamento;

8 de dezembro de 1930, data da sua morte.

Só depois da sua morte é que a poetisa viria a ser conhecida pelo grande público, tendo contribuído para isso a publicação de "Charneca em Flor" (1930) pelo professor italiano Guido Batelli.

À MEMÓRIA DE FLORBELA ESPANCA

Dorme, dorme, alma sonhadora,
Irmã gémea da minha!
Tua alma, assim como a minha,
Rasgando as núvens pairava
Por cima dos outros,
À procura de mundos novos,
Mais belos, mais perfeitos, mais felizes.
Criatura estranha, espírito irrequieto,
Cheio de ansiedade,
Assim como eu criavas mundos novos,
Lindos como os teus sonhos,
E vivias neles, vivias sonhando como eu.
Dorme, dorme, alma sonhadora,
Irmã gémea da minha!
Já que em vida não tinhas descanso,
Se existe a paz na sepultura:
A paz seja contigo!
*(Poema de autor desconhecido encontrado no
espólio de Fernando Pessoa)*

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

::: Florbela Espanca (1894 - 1930)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [alguns poemas](#)

::: ESTILO :::

NOS DIAS DE HOJE, Florbela Espanca é considerada com uma "Sonetista excelente", chegando até a ser comparada a Antero de Quental e Bocage. **Em seus poemas, as emoções são expressas por meio de uma linguagem impregnadas de verdade física e arrebatamento**, traduzindo de forma livre e nítida a intimidade da mulher. A intensidade emocional e erótica dos seus versos envolvem o leitor em um verdadeiro turbilhão de sentimentos: amor, ternura, tristeza, decepção, desencanto e, até mesmo o sofrimento exacerbado.

Na **Enciclopédia Larousse**, ela é definida como "**parnasiana, de intenso acento erótico feminino, sem precedentes na Literatura Portuguesa. A sua obra lírica, iniciada em 1919, com o Livro das Mágoas, antecipa em seu meio a emancipação literária da mulher**". Já a **Enciclopédia Barsa** a define como "**Poeta portuguesa. Seus versos de aparência parnasiana expressam um erotismo e uma liberdade pioneiros na poesia de seu país**".

O Professor **José Atanásio da Rocha** referiu-se assim sobre Florbela:

"Florbela D'Alma da Conceição Espanca foi uma sonetista com noções elementares e superficiais da estética de Antero de Quental e de Antônio Nobre, em quem ela se inspirou. Apegou-se às formas típicas do fim do século, cuja estética entraria em desuso com a chegada dos modernistas no seu tempo. A obsessão e a idéia de ser uma eleita maldita faziam dela uma poetisa decadente do Simbolismo. Todavia, Florbela foi uma das mais notáveis personalidades líricas isoladas, pela intensidade de um emotivo erotismo feminino. Suas faces literárias se apresentam ora com exagerado sentimento do seu "eu", ora com uma sublimada abnegação dos padrões sociais, ora com um sentimento de expressão de amor intenso e instável, procurando Deus por meio dos homens.

Sem pudor, Flor Bela desnuda-se, expondo seus mais íntimos sentimentos de erotismo, de fanatismo e de amor, sem atenuar a força de suas palavras. As imagens fortes de sua poesia levam-na à conseqüência de uma paixão transcendental com exótica ênfase nada usual em sua época. Assim, Florbela parece estimular um movimento literário da mulher, exprimindo nos destaques mais patéticos a imensa frustração feminina diante das opressivas tradições patriarcais. Por um lado, Florbela revela as dificuldades da condição feminina na sociedade e, por outro, o forte anseio de se libertar das regras e das amarras sociais impostas à mulher. Suas forças poéticas e líricas deixaram neste inglório mundo um legado de notável coragem, por escrever seus mais íntimos e profundos sentimentos, conhecido, talvez, como o sinal mais evidente de sua modernidade."

SER POETA

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda gente!

Veja Também:

Modernismo

- Portugal
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

::: Florbela Espanca (1894 - 1930)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [alguns poemas](#)

::: IMAGENS :::



AMAR!

*Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!*

*Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!*

*Há uma Primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi pra cantar!*

*E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... pra me encontrar...*

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

::: Florbela Espanca (1894 - 1930)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [alguns poemas](#)

::: OBRA :::

Poesia

- » Juvenília 1931
- » [Livro de Mágoas 1919](#) *
- » [Livro Sórora de Saudade 1923](#) *
- » [Reliquiae 1931](#) *
- » [Charneca em Flor 1931](#) *

Contos

- » As Máscaras do Destino 1931
- » Dominó Negro 1931

* Obras disponíveis em nossa [Biblioteca On-line](#)

**"Eu odeio os felizes, sabes?
Odeio-os do fundo da minha alma,
tenho por eles o desprezo e o horror que
se tem por um réptil que dorme
sossegadamente. Eu não sou feliz mas
nem ao menos sei dizer porquê. Nasci
num berço de rendas rodeada de
afectos, cresci despreocupada e feliz,
rindo de tudo, contente da vida que não
conhecia, e de repente, amiga, ao
alvorecer dos meus 16 anos, compreendi
muita coisa que até ali não tinha
compreendido e parece-me que desde
esse instante cá dentro se fez noite.
Fizeram-se ruínas todas as minhas
ilusões, e, como todos os corações
verdadeiramente sinceros e meigos,
despedaçou-se o meu para sempre.
Podiam hoje sentar-me num trono,
canonizar-me, dar-me tudo quanto na
vida representa para todos a felicidade,
que eu não me sentiria mais feliz do que
sou hoje. Falta-me o meu castelo cheio**

de sol entrelaçado de madressilvas em flor; falta-me tudo o que eu tinha dantes e que eu nem sei dizer-te o que era...É a história da minha tristeza. História banal como quase toda a história dos tristes."

FlorBela Espanca

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

::: Florbela Espanca (1894 - 1930)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [alguns poemas](#)

::: ALGUNS POEMAS :::

- [Ser Poeta](#)
- [Volúpia](#)
- [Charneca em Flor](#)
- [Nostalgia](#)
- [Amar](#)
- [Lágrimas ocultas](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Portugal**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)

Ano	Idade	Acontecimentos
1911	23	<ul style="list-style-type: none"> ● Fernando Pessoa aceita traduzir, para o português, uma Antologia de Autores Universais.
1912	24	<ul style="list-style-type: none"> ● Janeiro, é fundado, no Porto, o movimento da Renascença Portuguesa. A revista A Águia torna-se o órgão divulgador desse movimento; ● Abril, Fernando pessoa faz sua estréia como critico literário com a publicação do polêmico artigo "A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente e Psicologicamente Considerada", em que prevê o surgimento do supra-Camões. <p>"... o inevitável aparecimento do poeta ou poetas supremos, desta corrente, e da nossa terra, porque fatalmente o Grande Poeta, que esse movimento gerará, deslocará para segundo plano a figura, até agora primacial, de Camões. (...) Mas é precisamente por isso que mais concluível se nos afigura o próximo aparecer de um supra-Camões na nossa terra."</p> <p>Esse artigo gerou muita controvérsia, inclusive entre os participantes do movimento da Renascença.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Maio, Pessoa publica na mesma revista o seu segundo artigo: "Reincidindo"; ● Ainda Nesse ano conhece o poeta Mário de Sá-Carneiro, que se transformará no seu melhor amigo; ● Outubro, Sá-Carneiro vai para Paris. Inicia-se uma intensa correspondência entre os dois amigos. Por meio das cartas de Sá-Carneiro Pessoa conhece o Movimento Futurista, idealizado por Fellipo Marinetti em 1909.
1913	25	<ul style="list-style-type: none"> ● Nesse ano Fernando Pessoa conhece os jovens artistas de sua geração: Almada Negreiros, Aramando Côrtes Rodrigues e os brasileiros Ronald de Carvalho e Luís de Montalvor. Pessoa, Sá-Carneiro e esses jovens formariam o grupo que introduziria o Modernismo em Portugal. ● 1º de março, Fernando Pessoa publica na revista Teatro um artigo intitulado "Naufrágio de Bartolomeu", que criticava o livro Bartolomeu Marinheiro de Afonso Lopes Vieira; ● 8 de março, novo artigo na revista Teatro: "Cousas Estilísticas que Aconteceram"; ● 22 de março, Fernando Pessoa prepara um artigo sobre a Renascença Portuguesa; ● 29 de março, Escreve a poesia "Pauis"; ● Abril, publica na revista A Águia o artigo "Caricaturas de Almada Negreiros"; ● Maio, Sá-Carneiro envia a Pessoa as poesias para o livro Dispersão. Ainda nesse mês Pessoa escreve o poema "Epithalamium" em inglês. ● Outubro, escreve "O marinheiro, drama estático"; ● Ainda nesse ano escreve o poema "Hora Absurda"

1914	26	<ul style="list-style-type: none"> ● Fevereiro, publica na revista A Renascença, número único, os poemas "Pauis" e "O Sino da Minha Aldeia", sob o título de "Impressões do Crepúsculo"; ● 8 de março, como o próprio Fernando Pessoa diz esse foi "o dia triunfal da minha vida , e nunca poderei Ter outro assim", pois surgiu seu famoso heterônimo Alberto Cairo. Em nome dele escreveu "numa espécie de êxtase" os poemas que compõem "O Guardador de Rebanhos". Em seguida e quase em resposta a Caeiro, escreve em seu próprio nome os seis poemas de Chuva Oblíqua. Sucessivamente, cria Álvaro de Campos e Ricardo Reis; ● 13 de julho, em carta endereçada a Sá-Carneiro, declara ter atingido o período completo da sua maturidade literária; ● Ainda nesse ano, Sá-Carneiro regressa Portugal e traz consigo toda a efervescência dos "ismos" que invadiam a Europa(Futurismo, Cubismo, etc.); ● Sob essa influência Pessoa e Sá-Carneiro criam duas novas correntes literárias o "Paulismo"(derivado do poema Pauis, de Fernando Pessoa) e o "Sensacionismo". Vale Lembrar que essas correntes não tiveram grande repercussão e caíram quase que no esquecimento; ● Outubro, primeiras reuniões do grupo que lançaria, no ano seguinte, a revista Orpheu, marco inicial do modernismo em Portugal; ● Durante uma crise depressiva Fernando Pessoa escreve, de maneira desconexa e fragmentada, trechos do Livro do Desassossego, cuja autoria é atribuída ao semi-heterônimo Bernardo Soares.
1915	27	<ul style="list-style-type: none"> ● Janeiro, Pessoa escreve, em inglês, o poema "Antinous"; ● 25 de fevereiro, publica o artigo "Para a memória de Antônio Nobre"; ● 26 de março, sai o primeiro número da revista Orpheu, recebido com irritação e zombaria pela crítica e pelo público. Nessa edição, entre outras coisas, são publicados os poemas: O Marinheiro, de Fernando Pessoa; Opiário e Ode Triunfal, de Álvaro de Campos; ● Junho, é publicado o segundo número da revista Orpheu. Nessa edição são publicados Chuva Oblíqua de Fernando Pessoa e Ode Marítima de Álvaro de Campos; ● Julho, o jornal A Capital publica uma nota sarcástica contra o grupo da Orpheu. Em resposta Álvaro de Campos envia ao diretor do jornal uma carta irreverente. Alguns membros da Orpheu, indignados com a atitude de Álvaro de Campos abandonam o grupo. Sá-Carneiro e Almada Negreiros também discordam da atitude de Álvaro de Campos; ● Sá-Carneiro volta para Paris. Em setembro, em carta endereçada a Fernando Pessoa, avisa que, por motivos econômicos, a edição número 3 da Orpheu não poderia sair.
1916	28	<ul style="list-style-type: none"> ● Pessoa publica na revista Exílio o poema "Hora Absurda"; ● 31 de março, Sá-Carneiro escreve uma carta a Pessoa anunciando o seu desejo de suicidar-se; ● 18 de abril, última carta de Sá-Carneiro; ● 26 de abril, suicídio de Mário de Sá-Carneiro; ● Setembro, Fernando Pessoa, em carta endereçada a seu amigo Côrtes Rodrigues, anuncia a publicação do terceiro número da Orpheu, mas isso jamais acontece; ● Dezembro, publica no número único da Centauro os catorze sonetos de Passos da Cruz; ● Nesse ano Fernando Pessoa muda frequentemente de habitação e começa interessar-se por astrologia e por mediunidade.
1917	29	<ul style="list-style-type: none"> ● Abril, publicação do único número da revista Portugal Futurista, que trazia poemas de Fernando Pessoa e o "Ultimatum", de Álvaro de Campos. Ainda nesse mês o editor da revista, Almada negreiros, faz a conferência Ultimatum futurista às Gerações Portuguesas do Século XX.
1918	30	<ul style="list-style-type: none"> ● Fernando Pessoa publica, em inglês, "Antinous" e "35 Sonnets".
1919	31	<ul style="list-style-type: none"> ● Escreve os Poemas Inconjuntos de Alberto Caeiro. Devido a biografia do heterônimo, que faleceu em 1915, esses poemas são datados de 1913/1914; ● 5 de outubro, Falece seu padasto João Miguel Rosa.

1920	32	<ul style="list-style-type: none"> ● Conhece e começa a namorar com Ophélia Queiroz; ● Sua mãe e os irmãos regressam a Portugal. Pessoa passa a viver com eles; ● Nesse ano participa com freqüência, com o nome de A. A. Crosse, dos concursos de charadas da revista inglesa Times; ● Outubro, pensa em internar-se numa casa de saúde, devido a grande depressão que passava; ● Novembro, interrompe o namoro com Ophélia, mas não em definitivo.
1921	33	<ul style="list-style-type: none"> ● Funda a Editora Olisipo, de duração efêmera. Por meio dela publica os English Poems I e II e English Poems III. Essa editora ainda publica A Invenção do Dia Claro de Almada Negreiros.
1922	34	<ul style="list-style-type: none"> ● Pessoa publica na revista Contemporânea o conto "O banqueiro anarquista". Ainda nesse ano sua editora publica a Segunda edição das "Canções" de Antônio Botto; ● Dezembro, A revista Contemporânea publica o poema "Natal" de Fernando Pessoa.
1923	35	<ul style="list-style-type: none"> ● A Editora Olisipo lança o folheto "Sadoma Divinizada", de Raul Leal, que é atacado pelos estudantes de Lisboa. O texto, junto com "Canções" de Antônio Botto, é apreendido por ordem do Governo Civil. Em defesa dos Amigos, Álvaro de Campos publica os artigos: "Sobre um Manifesto de Estudantes" e "Aviso por Causa da Moral".
1924	36	<ul style="list-style-type: none"> ● Publicação do primeiro número da revista Athena, dirigida por Fernando Pessoa e pelo Pintor Ruy Vaz. Essa revista contava com a colaboração do heterônimo Ricardo Reis.
1925	37	<ul style="list-style-type: none"> ● Fevereiro, é publicado o 5º e último número da revista Athena; ● 17 de março, falece a mãe de Pessoa.

[Anterior](#) | [Próxima](#)

Ano	Idade	Acontecimentos
1926	38	<ul style="list-style-type: none"> 28 de maio, instaurada a Ditadura Militar em Portugal.
1927	39	<ul style="list-style-type: none"> Março, publicação do primeiro número da revista Presença. No número 3, José Régio reconhece em Fernando Pessoa o Mestre da nova geração.
1928	40	<ul style="list-style-type: none"> Fernando Pessoa publica O Interregno - Defesa e justificação da ditadura militar em Portugal. Esse panfleto foi recebido por alguns como fascista e, por outros, como uma fina ironia à ditadura de Salazar.
1929	41	<ul style="list-style-type: none"> Pessoa organiza, junto com Antôno Botto, a Antologia de Poetas Portugueses Modernos; Retoma o namoro com Ophélia; João Gaspar publica o primeiro estudo crítico sobre a poesia de Fernando Pessoa.
1930	42	<ul style="list-style-type: none"> Recebe a visita do famoso mago inglês Aleister Crowley; 5 de outubro, o jornal "Notícias Ilustradas" publica o depoimento de Pessoa sobre o "misterioso" desaparecimento do mago.
1931	43	<ul style="list-style-type: none"> Outubro, publica na revista Presença a tradução do "Hino a Pã" de Aleister Crowley. Ainda nesse ano rompe definitivamente seu relacionamento amoroso com Ophélia.
1932	44	<ul style="list-style-type: none"> 16 de setembro, concorre ao cargo de "Conserador-bibliotecário" no Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães, em Cascais, mas não é aceito; Novembro, publica na revista Fama, o artigo O Caso Mental Português.
1933	45	<ul style="list-style-type: none"> Fevereiro, enfrenta sérios problemas de saúde, passando por uma grave crise de neurastenia; Copia os originais de "Indícios de Ouro", de Mário de Sá-Carneiro, com a intenção de publicá-los na revista Presença.

1934	46	<ul style="list-style-type: none"> ● Fernando Pessoa, com o livro Mensagem, concorre ao prêmio "Antero de Quental" do Secretariado de Propaganda Nacional. Ganha o prêmio da "segunda categoria" devido ao número reduzido de páginas. O prêmio da "primeira categoria" é conferido ao sacerdote Vasco Reis, pela obra Romaria. Sobre esse episódio, Fernando Pessoa fez a seguinte anotação: "Publiquei em outubro passado, pus à venda, propositadamente, em 1 de dezembro, um livro de poemas, formando realmente um só poema, intitulado Mensagem. Foi este livro premiado, em condições especiais e para mim muito honrosas, pelo Secretário de Propaganda Nacional." Até hoje discute-se se a nota tem um caráter de orgulho ou ironia.
1935	47	<ul style="list-style-type: none"> ● Janeiro, escreve uma extensa carta a Adolfo Casais Monteiro. Nela explica o fenómeno da heteronímia; ● 29 de novembro, é internado no Hospital de São Luís por causa de uma cólica hepática; ● 30 de novembro, Fernando Pessoa falece deixando uma última frase escrita em inglês: "I Know not what tomorrow will bring" (Eu não sei o que o amanhã trará).
1935	-	<ul style="list-style-type: none"> ● <i>O "Diário de Notícias" publica, em 3 de Dezembro, a Nota de Falecimento de Fernando Pessoa.</i>
1942	-	<ul style="list-style-type: none"> ● A Editora Ática, de Lisboa, inicia a publicação das "Obras completas de Fernando Pessoa".
1982	-	<ul style="list-style-type: none"> ● O "Livro do Desassossego", de autoria do semi-heterônimo Bernardo Soares, é publicado integralmente.

[Anterior](#)



Fernando Pessoa

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [estudos](#) | [depoimentos](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ *Vida - Fernando Pessoa por ele mesmo*

Nome completo: Fernando António Nogueira Pessoa

Idade e naturalidade: Nasceu em Lisboa, freguesia dos Mártires, no prédio nº 4 do Largo de S. Carlos (hoje do Directório), em 13 de Junho de 1888.

Filiação: Filho legítimo de Joaquim Seabra Pessoa e de D. Maria Madalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do General Joaquim António de Araújo Pessoa, combatente das campanhas liberais, e de D. Dionísia Seabra; neto materno do Conselheiro Luís António Nogueira, jurisperito, e que foi director-geral do Ministério do Reino, e de D. Madalena Xavier Pinheiro. Ascendência geral - misto de fidalgos e de judeus.

Profissão: A designação mais própria será "tradutor", a mais exacta a de "correspondente estrangeiro em casas comerciais". O ser poeta e escritor não constitui profissão, mas vocação.

Funções sociais que tem desempenhado: Se por isso se entende cargos públicos, ou funções de destaque, nenhuma.

Obras que tem publicado: A obra está essencialmente dispersa, por enquanto, por várias revistas e publicações ocasionais. O que, de livros ou folhetos, considera como válido, é o seguinte: "35 Sonnets" (em inglês), 1918; "English Poems I-II" e "English Poems III" (em inglês também), 1922, e o livro "Mensagem", 1934, premiado pelo Secretariado de Propaganda Nacional, na categoria "Poema".

Educação: Em virtude de, falecido seu pai em 1893, sua mãe ter casado, em 1895, em segundas núpcias, com o Comandante João Miguel Rosa, Cônsul de Portugal em Durban, Natal, foi ali educado. Ganhou o prémio Rainha Vitória de estilo inglês na Universidade do Cabo da Boa Esperança em 1903, no exame de admissão, aos 15 anos.

Ideologia política: Considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação orgânicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes votaria, embora com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberal dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reaccionário.

Posição iniciática:

Posição patriótica: Partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida a infiltração católica-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo, que a substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lema: "Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação."

Posição social: Anticomunista e anti-socialista. O mais deduz-se do que vai dito acima.

Resumo destas últimas considerações: Ter sempre na memória o mártir Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Templários, e combater, sempre e em toda a parte, os seus três assassinos - a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania.

Lisboa, 30 de Março de 1933

■ ■ ■ *Imagens*

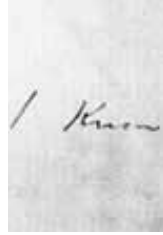
[1](#) | [2](#) | [3](#)



[Anterior](#) | [Próxima](#)

■ ■ ■ *Imagens*

[1](#) | [2](#) | [3](#)



[Anterior](#)

■ ■ ■ *Estudos - Ficções do Interludio*

A nota preliminar que segue é um apontamento solto de Fernando Pessoa, não datado e não assinado, publicado, pela primeira vez, na primeira edição da Obra Poética de Fernando Pessoa, RJ, Aguilar, 1960.

Nota preliminar

"Umás figuras insiro em contos, ou em subtítulos de livros, e assino com o meu nome o que elas dizem; outras projeto em absoluto e não assino senão com o dizer que as fiz. Os tipos de figuras distinguem-se do seguinte modo: nas que destaco em absoluto, o mesmo estilo, me é alheio, e se a figura o pede, contrário, até, ao meu; nas figuras que subscrevo não há diferença do meu estilo próprio, senão nos pormenores inevitáveis, sem os quais elas se não distinguiriam entre si.

Compararei algumas destas figuras, para mostrar, pelo exemplo, em que consistem essas diferenças. O ajudante de guarda-livros Bernardo Soares e o Barão de Teive - são ambas figuras minhamente alheias - escrevem com a mesma substância de estilo, a mesma gramática e o mesmo tipo e forma de propriedade: é que escrevem com o estilo que, bom ou mau, é o meu. Comparo as duas porque são casos de um mesmo fenômeno - a inadaptação à realidade da vida, e, o que é mais, a inadaptação pelos mesmos motivos e razões. Mas, ao passo que o português é igual no Barão de Teive e em Bernardo Soares, o estilo difere em que o do fidalgo é intelectual, despido de imagens, um pouco como o direi?, hirto e restrito; e o do burguês é fluido, participando da música e da pintura, pouco arquitectural. O fidalgo pensa claro, escreve claro, e domina as suas emoções, se bem que não os seus sentimentos: o guarda-livros nem emoções nem sentimentos domina, e quando pensa é subsidiariamente a sentir.

Há notáveis semelhanças, por outra, entre Bernardo Soares e Álvaro de Campos. Mas, desde logo, surge em Álvaro de Campos o desleixo do português, o desatado das imagens, mais íntimo e menos propositado que o de Soares.

Há acidentes do meu distinguir uns de outros que pesam como grandes fardos no meu discernimento espiritual. Distinguir tal composição musicante de Bernardo Soares de uma composição de igual teor que é a minha.

Há momentos em que o faço repentinamente, com uma perfeição de que pasmo; e pasmo sem imodéstia, porque, não crendo em nenhum fragmento de liberdade humana, pasmo do que se passa em mim como pasmaria do que se passasse em outros - em dois estranhos.

Só uma grande intuição pode ser bússola nos descampados da alma; só com um sentido que usa da inteligência, mas se não assemelha a ela, embora nisto com ela se funda, se pode distinguir estas figuras de sonho na sua realidade de uma a outra.

*

Nestes desdobramentos de personalidade ou, antes, invenções de personalidades diferentes, há dois graus ou tipos, que estarão revelados ao leitor, se os seguiu, por características distintivas. No primeiro grau, a personalidade distingue-se por ideias e sentimentos próprios, distintos dos meus, assim como, em mais baixo nível desse grau, se distingue por ideias, postas em raciocínio ou argumento, que não são minhas, ou, se o são, o não conheço. O Banqueiro Anarquista é um exemplo deste grau inferior; o Livro do Desassossego, e a personagem Bernardo Soares, são o grau superior.

Há o leitor de reparar que, embora eu publique (publicasse) o Livro do Desassossego como sendo de um tal Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, o não incluí todavia nestas "Ficções do Interlúdio". E que Bernardo Soares, distinguindo-se de mim por suas ideias, seus sentimentos, seus modos de ver e de compreender, não se distingue de mim pelo estilo de expor. Dou a personalidade diferente através do estilo que me é natural, não havendo mais que a distinção inevitável do tom especial que a própria especialidade das emoções necessariamente projecta.

Nos autores das "Ficções do Interlúdio" não são só as ideias e os sentimentos que se distinguem dos meus: a mesma técnica da composição, o mesmo estilo, é diferente do meu. Aí cada personagem é criada integralmente diferente, e não apenas diferentemente pensada. Por isso nas "Ficções do Interlúdio" predomina o verso. Em prosa é mais difícil de se outrar.

*

Dividiu Aristóteles a poesia em lírica, elegíaca, épica e dramática. Como todas as classificações bem pensadas, é esta útil e clara; como todas as classificações, é falsa. Os géneros não se separam com tanta facilidade íntima, e, se analisarmos bem aquilo de que se compõem, verificaremos que da poesia lírica à dramática há uma gradação contínua. Com efeito, e indo às mesmas origens da poesia dramática - Ésquilo por exemplo - será mais certo dizer que encontramos poesia lírica posta na boca de diversos personagens.

O primeiro grau da poesia lírica é aquele em que o poeta, concentrado no seu sentimento, exprime esse sentimento. Se ele, porém, for uma criatura de sentimentos variáveis e vários, exprimirá como que uma multiplicidade de personagens, unificadas somente pelo temperamento e o estilo. Um passo mais, na escala poética, e temos o poeta que é uma criatura de sentimentos vários e fictícios, mais imaginativo do que sentimental, e vivendo cada estado de alma antes pela inteligência que pela emoção. Este poeta exprimir-se-á como uma multiplicidade de personagens, unificadas, não já pelo temperamento e o estilo, pois que o temperamento está, substituído pela imaginação, e o sentimento pela inteligência, mas tão-somente pelo simples estilo. Outro passo na mesma escala de despersonalização, ou seja de imaginação, e temos o poeta que em cada um dos seus estados mentais vários se integra de tal modo nele que de todo se despersonaliza, de sorte que, vivendo analiticamente esse estado da alma, faz dele como que a expressão de um outro personagem, e, sendo assim, o mesmo estilo tende a variar. Dê-se o passo final, e teremos um poeta que sela vários poetas, um poeta dramático escrevendo em poesia lírica. Cada grupo de estados de alma mais aproximados insensivelmente se tornará uma personagem, com estilo próprio, com sentimentos porventura diferentes, até opostos, aos típicos do poeta na sua pessoa viva. E assim se terá levado a poesia lírica - ou qualquer forma literária análoga em sua substância à poesia lírica - até à poesia dramática, se todavia se lhe dar a forma de drama, nem explícita nem implicitamente.

Suponhamos que um supremo despersonalizado, como Shakespeare, em vez de criar o personagem de Hamlet como parte de um drama, o criava como simples personagem, sem drama. Teria escrito, por assim dizer, um drama de uma só personagem, um monólogo prolongado e analítico. Não seria legítimo ir buscar a esse personagem uma definição dos sentimentos e dos pensamentos de Shakespeare, a não ser que o personagem fosse falhado, porque o mau dramaturgo é o que se revela.

Por qualquer motivo temperamental que me não proponho analisar, nem importa que analise, construí dentro de

mim várias personagens distintas entre si e de mim, personagens essas a que atribuí poemas vários que não são como eu, nos meus sentimentos e ideias, os escreveria.

Assim têm estes poemas de Caeiro, os de Ricardo Reis e os de Álvaro de Campos que ser considerados. Não há que buscar em quaisquer deles ideias ou sentimentos meus, pois muitos deles exprimem ideias que não aceito, sentimentos que nunca tive. Há simplesmente que os ler como estão, que é aliás como se deve ler.

Um exemplo: escrevi com sobressalto e repugnância o poema oitavo do "Guardador de Rebanhos", com a sua blasfêmia infantil e o seu antiespiritualismo absoluto. Na minha pessoa própria, e aparentemente real, com que vivo social e objectivamente, nem uso da blasfêmia, nem sou antiespiritualista. Alberto Caeiro, porém, como eu o concebi, é assim: assim tem pois ele que escrever, quer eu queira, quer não, quer eu pense como ele ou não. Negar-me o direito de fazer isto seria o mesmo que negar a Shakespeare o direito de dar expressão à alma de Lady Macbeth, com o fundamento de que ele, poeta, nem era mulher, nem, que se saiba, histero-epiléptico, ou de lhe atribuir uma tendência alucinatória e uma ambição que não recua perante o crime. Se assim é das personagens fictícias de um drama, é igualmente lícito das personagens fictícias sem drama, pois que é lícito porque elas são fictícias e não porque estão num drama.

Parece escusado explicar uma coisa de si tão simples e intuitivamente compreensível. Sucede, porém, que a estupidez humana é grande, e a bondade humana não é notável."

Poemas de Alberto Caeiro

A introdução que segue é um apontamento solto de Ricardo Reis, publicado, pela primeira vez, na primeira edição da Obra Poética de Fernando Pessoa, RJ, Aguilar, 1960.

Introdução

"Nestes poemas aparentemente tão simples, o crítico, se se dispõe a uma análise cuidada, hora a hora se encontra defronte de elementos cada vez mais inesperados, cada vez mais complexos. Tomando por axiomático aquilo que, desde logo, o impressiona, a naturalidade e espontaneidade dos poemas de Caeiro, pasma de verificar que eles são, ao mesmo tempo, rigorosamente unificados por um pensamento filosófico que não só os coordena e concatena, mas que ainda mais prevê defeitos por uma integração deles na substância espiritual da obra. Assim, dando-se Caeiro por um poeta objetivo, como é, nós encontramos-lo, em quatro das suas canções, exprimindo impressões inteiramente subjetivas. Mas não temos a satisfação cruel de poder supor-nos a indicar-lhe que errou. No poema que imediatamente precede essas canções, ele explica que elas foram escritas durante uma doença, e que, portanto, têm por força que ser diferentes dos seus poemas normais, por isso que a doença não é a saúde.

E assim o crítico não chegue a conduzir aos lábios a taça da sua satisfação cruel. Se quiser Ter a alegria, um pouco menos concreta, de apontar outros pecados contra a teoria íntima da obra toda, vê-se confrontado por poemas como... e o ..., onde a sua objeção já está feita, e a sua questão respondida.

Só quem pacientemente, e com o espírito pronto, ler esta obra pode avaliar o que esta previsão, esta coerência intelectual (mais ainda do que sentimental) tem de desconcertante.

Tudo isto, porém, é verdadeiramente o espírito pagão. Aquela ordem e disciplina que o paganismo tinha, e o cristismo nos fez perder, aquela inteligência raciocinada das coisas, que era seu apanágio e não é nosso, está ali. Porque, se fala na forma aqui está a essência. E não é forma exterior do paganismo- repito - que Caeiro veio

reconstruir; é a essência que chamou do Averno, como Orfeu a Eurídice, pela magia harmônica (melódica) da sua emoção.

Quais são, para meu critério, os defeitos desta obra? Dois só, e eles pouco empanam o seu fulgor irmão dos deuses.

Falta, nos poemas de Caetano, aquilo que devia completá-los: a disciplina exterior, pela qual a força tomasse a coerência e a ordem que reina no íntimo da Obra. Ele escolheu, como se vê, um verso que embora fortemente pessoal - como não podia deixar de ser -, e ainda o verso livre dos modernos.

Não subordinou a expressão a uma disciplina comparável àquela a que subordinou quase sempre a emoção e sempre, a idéia. Perdoa-se-lhe a falta, porque aos inovadores muito se perdoa; mas não se pode omitir que seja uma falta, e não uma distinção.

Semelhantemente, a emoção enferma ainda um pouco do meio cristão em que surgiu para este mundo a alma do poeta. A idéia, sempre essencialmente pagã, usa por vezes um traje emotivo que não lhe é adequado. Em "O Guardador de Rebanhos" há um aperfeiçoamento gradual neste sentido: os poemas finais - e sobretudo os quatro ou cinco que precedem os dois últimos - são de uma perfeita unidade idéia-emotiva. Eu perdoaria ao poeta que ele houvesse assim permanecido ainda escravo de certos apetrechos sentimentais da mentalidade cristista, se ele nunca, até ao fim da obra, se conseguisse libertar deles. Mas se, a dada altura da sua evolução poética, ele o fez, culpo-o, e severamente o culpo (como severamente, em pessoa, o culpei) de não voltar aos seus poemas anteriores, ajustando-os à sua disciplina adquirida, e, se alguns a essa disciplina se não sujeitassem, riscando-os inteiramente. Mas a coragem de sacrificar o que se fez é a que mais escasseia ao poeta. Tão mais difícil é refazer que fazer a primeira vez. Verdadeiramente, ao invés do que diz o prólogo gálico, é o último passo o que mais custa.

Assim eu acho ...º poema, tão irritantemente enternecedor para um cristão, absolutamente deplorável para um poeta objetivo, para um reconstrutor da essência do paganismo. Nesse poema desce-se às últimas baixezas do subjetivismo cristista, indo até àquela mistura do objetivo com o subjetivo que é o distintivo doentio dos mais doentios dos modernos (desde certos pontos da obra intolerável do infeliz chamado Victor Hugo até à quase totalidade da magma amorfa que faz às vezes de poesia entre os nossos contemporâneos místicos).

Exagero, porventura, e abuso. Tendo aproveitado a ressurreição do paganismo que Caetano conseguiu, e tendo como todos os aproveitadores conseguido a fácil arte secundária de aperfeiçoar, é talvez ingrato que me revolte contra os defeitos inerentes à inovação com que aproveitei. Mas, se os acho defeitos, tenho, embora os desculpe, que os apelar de tais, *Magis amica veritas*."

Odes de Ricardo Reis

A nota preliminar que segue é um apontamento solto de Álvaro de Campos publicado, pela primeira vez, na primeira edição da Obra Poética de Fernando Pessoa, RJ, Aguilar, 1960.

"O nosso Ricardo Reis teve uma inspiração feliz se é que ele usa inspiração, pelo menos por fora das explicações, quando reduziu a seis linhas a sua arte poética:

Não a arte poética, mas a sua. Que ele ponha na mente activa o esforço só da «altura» (seja isso o que for), concedo, se bem que me pareça estreita uma poesia limitada ao pouco espaço que é próprio dos píncaros. Mas a relação entre a altura e os versos de um certo número de sílabas é-me mais velada. E, é curioso, o poema, salvo a história da altura, que é pessoal, e por isso fica com o Reis, que aliás a guarda para si, é cheio de verdade:

Que quando é alto e régio o pensamento,
Súbdita a frase o busca

E o escravo ritmo o serve.

Ressalvando que pensamento deve ser emoção, e, outra vez, a tal altura, é certo que, concebida fortemente a emoção, a frase que a define espontaneiza-se, e o ritmo que a traduz surge pela frase fora. Não concebo, porém, que as emoções, nem mesmo as do Reis, sejam universalmente obrigadas a odes sáficas, ou alcaicas, e que o Reis, quer diga a um rapaz que lhe não fuja, quer diga que tem pena de ter que morrer, o tenha forçosamente que fazer em frases súbditas que por duas vezes são mais compridas e por duas vezes mais curtas, e em ritmos escravos que não podem acompanhar as frases súbditas senão em dez sílabas para as duas primeiras, e em seis sílabas as duas segundas, num graduar de passo desconcertante para a emoção.

Não censuro o Reis mais que a outro qualquer poeta. Aprecio-o, realmente, e para falar verdade, acima de muitos, de muitíssimos. A sua inspiração é estreita e densa, o seu pensamento compactamente sóbrio, a sua emoção real se bem que demasiadamente virada para o ponto cardeal chamado Ricardo Reis. Mas é um grande poeta - aqui o admiro - , se é que há grandes poetas neste mundo fora do silêncio de seus próprios corações."

Poesias de Álvaro de Campos

A nota preliminar que segue é um apontamento solto de Ricardo Reis publicado, pela primeira vez, na primeira edição da Obra Poética de Fernando Pessoa, RJ, Aguilar, 1960.

Nota Preliminar

Um poema é a projecção de uma idéia em palavras através da emoção. A emoção não é a base da poesia: é tão-somente o meio de que a idéia se serve para se reduzir a palavras.

Não vejo, entre a poesia e a prosa, a diferença fundamental, peculiar da própria disposição da mente, que Campos estabelece. Desde que se usa de palavras, usa-se de um instrumento ao mesmo tempo emotivo e intelectual. A palavra contém uma idéia e uma emoção. Por isso não há prosa, nem a mais rigidamente científica, que não ressuma qualquer suco emotivo. Por isso não há exclamação, nem a mais abstratamente emotiva, que não implique, ao menos, o esboço de uma idéia.

Poderá alegar-se, por exemplo, que a exclamação pura - "Ah ", digamos - não contém elemento algum intelectual. Mas não existe um "ah ", assim escrito isoladamente, sem relação com qualquer coisa de anterior. Ou consideramos o "ah " como falado e no tom da voz vai o sentimento que o anima, e portanto a idéia ligada à definição desse sentimento; ou o "ah " responde a qualquer frase, ou por ela se forma, e manifesta uma idéia que essa frase provocou.

Em tudo que se diz - poesia ou prosa - há idéia e emoção. A poesia difere da prosa apenas em que escolhe um novo meio exterior, além da palavra, para projetar a idéia em palavras através da emoção. Esse meio é o ritmo, a rima, a estrofe; ou todas, ou duas, ou uma só. Porém meno que uma só não creio que possa ser.

A idéia, ao servir-se da emoção para se exprimir em palavras, contorna e define essa emoção, e o ritmo, ou a rima, ou a estrofe, são a projecção desse contorno, a afirmação da idéia através de uma emoção, que, se a idéia a não contornasse, se extravasaria e perderia a própria capacidade de expressão.

É o que, em meu entender, sucede nos poemas de Campos. São um extravasar de emoção. A idéia serve a emoção, não a domina. E o homem - poeta ou não poeta - em quem a emoção domina a inteligência recua a feição do seu ser a estádios anteriores da evolução, em que as faculdades de inibição dormiam ainda no embrião da mente. Não pode ser que arte, que é um produto da cultura, ou seja do desenvolvimento supremo da consciência que o homem tem de si mesmo, seja tanto mais superior, quanto maior for a sua semelhança com as manifestações mentais que distinguem os estados inferiores da evolução cerebral.

A poesia é superior à prosa porque exprime, não um grau superior de emoção, mas, por contra, um grau superior do domínio dela, a subordinação do tumulto em que a emoção naturalmente se exprimiria (como verdadeiramente diz Campos) ao ritmo, à rima, à estrofe.

Como o estado mental, em que a poesia se forma, é, deveras, mais emotivo que aquele em que naturalmente se forma a prosa, há mister que ao estado poético se aplique uma disciplina mais dura que aquela [que] se emprega no estado prosaico da mente. E esses artifícios - o ritmo, a rima, a estrofe - são instrumentos de tal disciplina. No sentido em que Campos diz que são artifícios o ritmo, a rima e a estrofe, se pode dizer que são artifícios: a vontade que corrige defeitos, a ordem que policia sociedades, a civilização que reduz os egoísmos à forma sociável.

Na prosa mais propriamente prosa - a prosa científica ou filosófica -, a que exprime diretamente idéias e só idéias, não há mister de grande disciplina, pois na própria circunstância de ser só de idéias vai disciplina bastante. Na prosa mais largamente emotiva, como a que distingue a oratória, ou tem feição descritiva, há que atender mais ao ritmo, à disposição, à organização das idéias, pois essas são ali em menor número, nem formam o fundamento da matéria. Na prosa amplamente emotiva - aquela cujos sentimentos poderiam com igual facilidade ser expostos em poesia - há que atender mais que nunca à disposição da matéria, e ao ritmo que acompanhe a exposição. Esse ritmo não é definido, como o é no verso, porque a prosa não é verso. O que verdadeiramente Campos faz, quando escreve em verso, é escrever prosa ritmada com pausas maiores marcadas em certos pontos, para fins rítmicos, e esses pontos de pausa maior, determina-os ele pelos fins dos versos. Campos é um grande prosador, um prosador com uma grande ciência do ritmo; mas o ritmo de que tem ciência, é o ritmo da prosa, e a prosa de que se serve é aquela em que se introduziu, além dos vulgares sinais de pontuação, uma pausa maior e especial, que Campos, como os seus pares anteriores e semelhantes, determinou representar graficamente pela linha quebrada no fim, pela linha disposta como o que se chama um verso. Se Campos, em vez de fazer tal, inventasse um sinal novo de pontuação - digamos o traço vertical (|) - para determinar esta ordem de pausa, ficando nós sabendo que ali se pausava com o mesmo gênero de pausa com que se pausa no fim de um verso, não faria obra diferente, nem estabeleceria a confusão que estabeleceu.

A disciplina é natural ou artificial, espontânea ou refletida. O que distingue a arte clássica, propriamente dita, a dos gregos e até dos romanos, da arte pseudoclássica, como a dos franceses em seus séculos de fixação, é que a disciplina de uma está nas mesmas emoções, com uma harmonia natural da alma, que naturalmente repele o excessivo, ainda ao senti-lo; e a disciplina da outra está em uma deliberação da mente de não se deixar sentir para cima de certo nível. A arte pseudoclássica é fria porque é uma regra; a clássica tem emoção porque é uma harmonia.

Quase se conclui do que diz Campos, de que o poeta vulgar sente espontaneamente com a largueza que naturalmente projetaria em versos como os que ele escreve; e depois, refletindo, sujeita essa emoção a cortes e retoques e outras mutilações ou alterações, em obediência a uma regra exterior. Nenhum homem foi alguma vez poeta assim. A disciplina do ritmo é aprendida até ficar sendo uma parte da alma: o verso que a emoção produz nasce já subordinado a essa disciplina. Uma emoção naturalmente harmônica é uma emoção naturalmente ordenada; uma emoção naturalmente ordenada é uma emoção naturalmente traduzida num ritmo ordenado, pois a emoção dá o ritmo e a ordem que há nela, a ordem que no ritmo há.

Na palavra, a inteligência dá a frase, a emoção o ritmo. Quando o pensamento do poeta é alto, isto é, formado de uma idéia que produz uma emoção, esse pensamento, já de si harmônico pela junção equilibrada de idéia e emoção, e pela nobreza de ambas, transmite esse equilíbrio de emoção e de sentimento à frase e ao ritmo, e assim, como disse, a frase, súdita do pensamento que a define, busca-o, e o ritmo, escravo da emoção que esse pensamento agregou a si, o serve.

■ ■ ■ *Estudos - Carta a Adolfo Casais Monteiro*

Lisboa, 13 de Janeiro de 1935

Meu prezado Camarada:

Muito agradeço a sua carta, a que vou responder imediata e integralmente. Antes de, propriamente, começar, quero pedir-lhe desculpa de lhe escrever neste papel de cópia. Acabou-se-me o decente, é domingo, e não posso arranjar outro. Mas mais vale, creio, o mau papel que o adiamento.

Em primeiro lugar, quero dizer-lhe que nunca eu veria «outras razões» em qualquer cousa que escrevesse, discordando, a meu respeito. Sou um dos poucos poetas portugueses que não decretou a sua própria infalibilidade, nem toma qualquer crítica., que se lhe faça, como um acto de lesa-divindade. Além disso, quaisquer que sejam os meus defeitos mentais, é nula em mim a tendência para a mania da perseguição. À parte isso, conheço já suficientemente a sua independência mental, que, se me é permitido dizê-lo, muito aprovo e louvo. Nunca me propus ser Mestre ou Chefe-Mestre, porque não sei ensinar, nem sei se teria que ensinar; Chefe, porque nem sei estrelar ovos. Não se preocupe, pois, em qualquer ocasião, com o que tenha que dizer a meu respeito. Não procuro caves nos andares nobres.

Concordo absolutamente consigo em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz com um livro da natureza de «Mensagem». Sou, de facto, um nacionalista místico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradição com isso, muitas outras cousas. E essas cousas pela mesma natureza do livro, a «Mensagem» não as inclui.

Comecei por esse livro as minhas publicações pela simples razão de que foi o primeiro livro que consegui, não sei porquê, ter organizado e pronto. Como estava pronto incitaram-me a que o publicasse: acedi. Nem o fiz, devo dizer, com os olhos postos no prémio possível do Secretariado, embora nisso não houvesse pecado intelectual de maior. O meu livro estava pronto em Setembro, e eu julgava, até, que não poderia concorrer ao prémio, pois ignorava que o prazo para entrega dos livros, que primitivamente fora até fim de Julho, fora alargado até ao fim de Outubro. Como, porém, em fim de Outubro já havia exemplares prontos da «Mensagem», fiz entrega dos que o Secretariado exigia. O livro estava exactamente nas condições (nacionalismo) de concorrer. Concorri.

Quando às vezes pensava na ordem de uma futura publicação de obras minhas, nunca um livro do género de «Mensagem» figurava em número um. Hesitava entre se deveria começar por um livro de versos grande – um livro de umas 350 páginas –, englobando as várias sub-personalidades de Fernando Pessoa ele mesmo, ou se deveria abrir com uma novela policiária, que ainda não consegui completar.

Concordo consigo, disse, em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz, com a publicação de «Mensagem». Mas concordo com os factos que foi a melhor estreia que eu poderia fazer. Precisamente porque essa faceta – em certo modo secundária – da minha personalidade não tinha nunca sido suficientemente manifestada nas minhas colaborações em revistas (excepto no caso do Mar Português, parte deste mesmo livro) –

precisamente por isso convinha que ela aparecesse, e que aparecesse agora. Coincidiu, sem que eu o planeasse ou o premeditasse (sou incapaz de premeditação prática), com um dos momentos críticos (no sentido original da palavra) da remodelação do subconsciente nacional. O que fiz por acaso e se completou por conversa, fora exactamente talhado, com Esquadria e Compasso, pelo Grande Arquitecto.

(Interrompo. Não estou doido nem bêbado. Estou, porém, escrevendo directamente, tão depressa quanto a máquina mo permite, e vou-me servindo das expressões que me ocorrem, sem olhar a que literatura haja nelas. Suponha – e fará bem em supor, porque é verdade – que estou simplesmente falando consigo.)

Respondo agora directamente às suas três perguntas: (1) plano futuro da publicação das minhas obras, (2) génese dos meus heterónimos, e (3) ocultismo.

Feita, nas condições que lhe indiquei, a publicação da «Mensagem», que é uma manifestação unilateral, tenciono prosseguir da seguinte maneira. Estou agora completando uma versão inteiramente remodelada do Banqueiro Anarquista; essa deve estar pronta em breve e conto, desde que esteja pronta, publicá-la imediatamente. Se assim fizer, traduzo imediatamente esse escrito para inglês, e vou ver se o posso publicar em Inglaterra. Tal qual deve ficar, tem probabilidades europeias. (Não tome esta frase no sentido de Prémio Nobel imanente.) Depois – e agora respondo propriamente à sua pergunta, que se reporta a poesia – tenciono, durante o verão, reunir o tal grande volume dos poemas pequenos do Fernando Pessoa ele mesmo, e ver se o consigo publicar em fins do ano em que estamos. Será esse o volume que o Casais Monteiro espera, e é esse que eu mesmo desejo que se faça. Esse, então, será as facetas todas, excepto a nacionalista, que «Mensagem» já manifestou.

Referi-me, como viu, ao Fernando Pessoa só. Não penso nada do Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos. Nada disso poderei fazer, no sentido de publicar, excepto quando (ver mais acima) me for dado o Prémio Nobel. E contudo – penso-o com tristeza – pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida. Pensar, meu querido Casais Monteiro, que todos estes têm que ser, na prática da publicação, preteridos pelo Fernando Pessoa., impuro e simples!

Creio que respondi à sua primeira pergunta.

Se fui omissos, diga em quê. Se puder responder, responderei. Mais planos não tenho, por enquanto. E, sabendo eu o que são e em que dão os meus planos, é caso para dizer, Graças a Deus!

Passo agora a responder à sua pergunta sobre a génese dos meus heterónimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente.

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histero-neurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher – na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e cousas parecidas – cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem – e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia...

Isto explica, tant bien que mal, a origem orgânica do meu heteronimismo. Vou agora fazer-lhe a história directa dos meus heterónimos. Começo por aqueles que morreram, e de alguns dos quais já me não lembro – os que jazem perdidos no passado remoto da minha infância quase esquecida.

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas cousas, como em todas, não devemos ser dogmáticos.) Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as cousas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar.

Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterónimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente – um certo Chevalier de Pas dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a saudade. Lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não sei em que, um rival do Chevalier de Pas... Cousas que acontecem a todas as crianças? Sem dúvida – ou talvez. Mas a tal ponto as vivi que as vivo ainda, pois que as relembro de tal modo que é mister um esforço para me fazer saber que não foram realidades.

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou. Dizia-o, imediatamente, espontaneamente, como sendo de certo amigo meu, cujo nome inventava, cuja história acrescentava, e cuja figura – cara, estatura, traje e gesto – imediatamente eu via diante de mim. E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto, vejo... E tenho saudades deles.

(Em eu começando a falar – e escrever à máquina é para mim falar –, custa-me a encontrar o travão. Basta de maçada para si, Casais Monteiro! Vou entrar na génese dos meus heterónimos literários, que é, afinal, o que V. quer saber. Em todo o caso, o que vai dito acima dá-lhe a história da mãe que os deu à luz.)

Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas cousas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia regularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis.)

Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a Chuva Oblíqua, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de

Fernando Pessoa-Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.

Criei, então, uma coterie inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria.

Quando foi da publicação de Orpheu, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugeri então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos – um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o Opiário, em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contacto com o seu mestre Caeiro. Foi dos poemas que tenho escrito, o que me deu mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive que desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão...

Creio que lhe expliquei a origem dos meus heterónimos. Se há porém qualquer ponto em que precisa de um esclarecimento mais lúcido – estou escrevendo depressa, e quando escrevo depressa não sou muito lúcido –, diga, que de bom grado lho darei. E, é verdade, um complemento verdadeiro e histórico: ao escrever certos passos das Notas para recordação do meu Mestre Caeiro, do Álvaro de Campos, tenho chorado lágrimas verdadeiras. É para que saiba com quem está lidando, meu caro Casais Monteiro!

Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu vejo diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa, mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão nem educação quase alguma. Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1,30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso), não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. Álvaro de Campos é alto (1,75 in de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos – o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; Reis de um vago moreno mate; Campos entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivía com uma tia velha, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É, um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem ao Oriente de onde resultou o Opiário. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre.

Como escrevo em nome desses três?... Caeiro, por pura e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular o que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação abstracta, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas cousas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de ténue à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer «eu próprio» em vez de «eu mesmo», etc., Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. O difícil para mim é escrever a prosa de Reis – ainda inédita – ou de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso.)

Nesta altura estará o Casais Monteiro pensando que má sorte o fez cair, por leitura, em meio de um manicómio. Em todo o caso, o pior de tudo isto é a incoerência com que o tenho escrito. Repito, porém: escrevo como se estivesse falando consigo, para que possa escrever imediatamente. Não sendo assim, passariam meses sem eu conseguir escrever. (1)

Falta responder à sua pergunta quanto ao ocultismo. Pergunta-me se creio no ocultismo. Feita assim, a pergunta não é bem clara; compreendo porém a intenção e a ela respondo. Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes desses mundos, em experiências de diversos graus de espiritualidade, subtilizando-se até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente Supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos coexistam com o nosso, interpenetradamente ou não. Por estas razões, e ainda outras, a Ordem Externa do Ocultismo, ou seja, a Maçonaria, evita (excepto a Maçonaria anglo-saxónica) a expressão «Deus», dadas as suas implicações teológicas e populares, e prefere dizer «Grande Arquitecto do Universo», expressão que deixa em branco o problema de se Ele é Criador, ou simples Governador do mundo. Dadas estas escalas de seres, não creio na comunicação directa com Deus, mas, segundo a nossa afinção espiritual, poderemos ir comunicando com seres cada vez mais altos. Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente ao nível da bruxaria, que é magia também), caminho esse extremamente perigoso, em todos os sentidos; o caminho místico, que não tem propriamente perigos, mas é incerto e lento; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a prepara, sem grandes riscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm. Quanto a «iniciação» ou não, posso dizer-lhe só isto, que não sei se responde à sua pergunta: não pertença a Ordem Iniciática nenhuma. A citação, epígrafe ao meu poema Eros e Psique, de um trecho (traduzido, pois o Ritual é em latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente – o que é facto – que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência desde cerca de 1888.(2) Se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do Ritual, pois se não devem citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho.(3)

Creio assim, meu querido camarada, ter respondido, ainda com certas incoerências, às suas perguntas. Se há outras que deseja fazer, não hesite em fazê-las. Responderei conforme puder e o melhor que puder. O que poderá suceder, e isso me desculpará desde já, é não responder tão depressa.

Abraça-o o camarada que muito o estima e admira.

Fernando Pessoa

P. S. (!!!)

14-1-1935


 ■ ■ ■ *Estudos - Carta a Armando Côrtes-Rodrigues;*

Lisboa, 19 de Janeiro de 1915

Meu querido Amigo:

Há tempos que lhe ando prometendo uma extensa carta. Não sei mesmo se, especificando, lhe não falei numa carta de género psicológico, a meu próprio respeito. Em todo o caso, é disso que se trata.

Eu ando há muito – desde que lhe prometi esta carta – com vontade de lhe falar intimamente e fraternalmente do meu «caso», da natureza da crise psíquica que há tempos venho atravessando. Apesar da minha reserva, eu sinto a necessidade de falar nisto a alguém, e não pode ser a outro senão a você – isto porque só você, de entre todos quantos eu conheço, possui de mim uma noção precisamente no nível da minha realidade espiritual. Dá-se esta sua capacidade para me compreender porque você é, como eu, fundamentalmente um espírito religioso; e, dos que de perto literariamente me cercam, você sabe bem que (por superiores que sejam como artistas) como almas, propriamente, não contam, não tendo nenhum deles a consciência (que em mim é quotidiana) da terrível importância da Vida, essa consciência que nos impossibilita de fazer arte meramente pela arte, e sem a consciência de um dever a cumprir para com nós próprios e para com a humanidade.

Nesta explicação aparentemente preliminar vai já exposta uma grande parte do problema. Não sei como lho hei-de expor ordenadamente, de modo perfeitamente lúcido. Mas, como isto é uma carta, eu irei expondo conforme possa; e você ordenará, em seu espírito, depois, os dispersos e alterados elementos.

A minha crise é do género das grandes crises psíquicas, que são sempre crises de incompatibilidade, quando não com os outros, por certo com nós próprios. A minha, agora, não é de incompatibilidade comigo próprio; a minha, gradualmente adquirida, autodisciplina, tem conseguido unificar dentro de mim quantos divergentes elementos do meu carácter eram susceptíveis de harmonização. Ainda tenho muito a emprender dentro do meu espírito; disto ainda muito de uma unificação como eu a quero. Mas, como disse, não é dessa banda que sopra o vento do meu desconsolo actual.

A crise de incompatibilidade com os outros - não, entenda-se desde já, uma incompatibilidade violenta, como a que resultasse de divergências declaradas, nítidas, de ambas as partes. Trata-se de outra cousa. A incompatibilidade é sentida por mim, dentro de mim, e é comigo que está o peso todo da minha divergência de aqueles que me cercam. O facto de eu estar agora vivendo só, por não ter aqui família próxima (minha tia, em cuja casa eu estava, está na Suíça, onde foi ficar com a filha, que casou há pouco com um rapaz estudante, pensionista do Estado) vem agravar este estado de espírito, por me deixar a nu com a minha alma, sem afeições e interesses familiares próximos a desviar de mim a minha atenção.

Temos pois que vivo há meses numa contínua sensação de incompatibilidade profunda com as criaturas que me cercam - mesmo com as próximas, amigos, literários é claro, porque os outros não são indivíduos com quem eu tenha que poder ter intimidade espiritual e por isso como, em matéria de relações sociais, me dou bem com toda a

gente, dou-me bem com eles.

Em ninguém que me cerca eu encontro uma atitude, para com a vida que bata certo com a minha íntima sensibilidade, com as minhas aspirações e ambições, com tudo quanto constitui o fundamental e o essencial do meu íntimo ser espiritual. Encontro, sim, quem esteja de acordo com actividades literárias que são apenas dos arredores da minha sinceridade. E isso não me basta. De modo que, à minha sensibilidade cada vez mais profunda, e à minha consciência cada vez maior da terrível e religiosa missão que todo o homem de génio recebe de Deus com o seu génio, tudo quanto é futilidade literária, mera arte, vai gradualmente soando cada vez mais a oco e a repugnante. Pouco a pouco, mas seguramente, no divino cumprimento íntimo de uma evolução cujos fins me são ocultos, tenho vindo erguendo os meus propósitos e as minhas ambições cada vez mais à altura daquelas qualidades que recebi. Ter uma acção sobre a humanidade, contribuir com todo o poder do meu esforço para a civilização vêm-se-me tornando os graves e pesados fins da minha vida. E, assim, fazer arte parece-me cada vez mais importante cousa, mais terrível missão - dever a cumprir arduamente, monasticamente, sem desviar os olhos do fim criador de civilização de toda a obra artística. E por isso o meu próprio conceito puramente estético da arte subiu e dificultou-se; exijo agora de mim muita mais perfeição e elaboração cuidada. Fazer arte rapidamente, ainda que bem, parece-me pouco. Devo à missão que me sinto uma perfeição absoluta no realizado, uma seriedade integral no escrito.

Passou de mim a ambição grosseira de brilhar por brilhar, e essa outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável, de querer épater. Não me agarro já à ideia do lançamento do Interseccionismo com ardor ou entusiasmo algum. É um ponto que neste momento analiso e reanaliso a sós comigo. Mas, se decidir lançar essa quase blague, será já, não a quase blague que seria, mas outra cousa. Não publicarei o Manifesto «escandaloso». O outro – aquele dos gráficos – talvez. A blague só um momento, passageiramente, a um mórbido período transitório, de grosseria (felizmente incaracterística), me pode agradar ou atrair. Será talvez útil – penso – lançar essa corrente como corrente, mas não com fins meramente artísticos, mas, pensando esse acto a fundo, como uma série de ideias que urge atirar para a publicidade para que possam agir sobre o psiquismo nacional, que precisa trabalhado e percorrido em todas as direcções por novas correntes de ideias e emoções que nos arranquem à nossa estagnação. Porque a ideia patriótica, sempre mais ou menos presente nos meus propósitos, avulta agora em mim; e não penso em fazer arte que não medite fazê-lo para erguer alto o nome português através do que eu consiga realizar. É uma consequência de encarar a sério a arte e a vida. Outra atitude não pode ter para com a sua própria noção do dever quem olha religiosamente para o espectáculo triste e misterioso do Mundo.

Tenho-lhe explicado tudo isto muito mal. Quase que me tenta a ideia de rasgar esta carta onde, até, pouca justiça fiz a mim próprio. Mas você deve compreender o que eu sinto, e, creio, regozijar comigo, através da sua amizade, por esta minha evolução ascendente dentro de mim.

Regresso a mim. Alguns anos andei viajando a colher maneiras de sentir. Agora, tendo visto tudo e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade. Oxalá me [não] desvie disto o meu perigoso feitio demasiado multilateral, adaptável a tudo, sempre alheio a si próprio e sem nexo dentro de si.

Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar pseudonimamente a obra Caeiro-Reis-Campos. Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica incontestavelmente, nas almas dos outros. O que eu chamo literatura insincera não é aquela análoga à do Alberto Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos (o seu homem, este último, o da poesia sobre a tarde e a noite). Isso é sentido na pessoa de outro; é escrito dramaticamente, mas é sincero (no mais grave sentido da palavra) como é sincero o que diz o Rei Lear, que não é Shakespeare, mas uma criação dele. Chamo insinceras às cousas feitas para fazer pasmar, e às cousas, também - repare nisto, que é importante - que não contêm uma

fundamental ideia metafísica, isto é, por onde não passa, ainda que como um vento, uma noção da gravidade e do mistério da Vida. Por isso é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito da vida, diverso em todos três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir. E por isso não são sérios os Paúis, nem o seria o Manifesto interseccionista de que uma vez lhe li trechos desconexos. Em qualquer destas composições a minha atitude para com o público é a de um palhaço. Hoje sinto-me afastado de achar graça a esse género de atitude.

Que pouco lúcido e explícito tudo isto! Mas eu tenho que lhe escrever tudo rapidamente; é hoje o dia 19 e eu não quero deixar de conversar com o seu espírito sobre estas cousas. Como já disse, você é o único dos meus amigos que tem, a par daquela apreciação das minhas qualidades que lhe permitirá não julgar esta carta um documento de megalómano, a profunda religiosidade, e a convicção do doloroso enigma da Vida, para simpatizar comigo em tudo isto.

Escuso agora de lhe explicar o quanto esta atitude – que eu, aliás, não revelo, por várias razões, desde a de ser ela uma cousa íntima até à de ser incompreensível às sensibilidades dos que me cercam - me incompatibiliza surdamente com os que estão em meu redor. Não é uma incompatibilidade violenta, disse; mas é uma impaciência para com todos quantos fazem arte para vários fins inferiores, como quem brinca, ou como quem se diverte, ou como quem arranja uma sala com gosto – género de arte este que dá bem o que eu quero exprimir, porque não tem Além nem outro propósito que o, por assim dizer, decorativamente artístico. E daí a minha «crise» toda. Não é crise para eu me lamentar. É a de se encontrar só quem se adiantou de mais aos companheiros de viagem – desta viagem que os outros fazem para se distrair e acho tão grave, tão cheia de termos de pensar no seu fim, de reflectir no que diremos ao Desconhecido para cuja casa a nossa inconsciência guia os nossos passos... Viagem essa, meu querido Amigo, que é entre almas e estrelas, pela Floresta dos Pavores... e Deus, fim da estrada infinita, à espera no silêncio da Sua grandeza...

Bem ou mal – mal, por certo - expus-lhe tudo. Sinto-me contente por lhe ter falado assim, e porque sei que o seu espírito acolhe com simpatia e amizade estas minhas tristezas de altura. Tudo isto, escuso dizer-lhe, é segredo... De resto, a quem o poderia você contar? ...

Termino, a tempo felizmente. Mande-me quando puder, cuidadosamente copiados dos originais, os inéditos de Antero de que me fala. Pode ser que, tendo-os aqui, seja conveniente publicá-los nalguma parte. Haverá autorização para isso ? É bom saber-se.

Mando-lhe alguns versos meus... Leia-os e guarde-os para si... A seu Pai, se quiser, pode lê-los, mas não espalhe, porque são inéditos. Amo especialmente a última poesia, a da Ceifeira, onde consegui dar a nota paúlca em linguagem simples. Amo-me por ter escrito

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso!...

e, enfim, essa poesia toda.

Tenho escrito mais, mas mando o que está completo e é mais fácil copiar. É pena que vá tudo em letra de máquina, que torna a poesia pouco poética, mas assim é mais rápido e nítido.

Escreva-me sempre, meu caro Côrtes-Rodrigues. Dê cumprimentos meus a seu Pai e receba um grande e fraterno

abraço do seu

Fernando Pessoa

P.S. – Vi há dias urna esplêndida composição – «um túmulo de Wagner» – do Norberto Correia. Bela deveras. Você gostaria imenso de a conhecer.

F. P.

P.S.2 – Não tenho tempo para reler esta carta. Naturalmente faltam palavras aqui e acolá, dada a rapidez com que eu escrevi. E a letra em altura nenhuma será muito legível. Você desculpe

F.P



■ ■ ■ *Estudos - Distinção entre heterônimo e pseudônimo*

O Fenômeno da heteronímia é, provavelmente, o mais intrigante e sedutor aspecto da obra de Fernando Pessoa. Muitas leituras já foram feitas sobre esse fenômeno e muitas outras ainda serão, pois qualquer estudioso que queira elaborar um trabalho pertinente da obra pessoana terá que abordar a questão da heteronímia em algum instante.

Para explicar a "gênese dos heterônimos", várias hipóteses foram levantadas, desde a carta escrita por Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, até questões sexuais, psicanalíticas e, até mesmo, ocultistas.

E qual é a hipótese mais pertinente?

Essa é uma pergunta difícil de responder, pois o mistério que envolve a figura de Fernando Pessoa possibilita a fundamentação de todas elas. No entanto, apesar de tão divergentes, essa hipóteses tem em comum a clara distinção entre pseudônimo e heterônimo.

Pseudônimo vem do grego pseudónymos e significa um nome falso ou suposto, em geral adotado por um escritor ou por um artista para assinar suas obras. Como exemplo pode-se citar As Cartas Chilenas, assinadas por Critilo, cuja autoria pertence realmente a Tomas Antônio Gonzaga.

Já heterônimo, apesar de ser uma palavra de origem grega e significar outros nomes heteros (outro) + onyma (nomes), na realidade significa uma outra personalidade, que tem a capacidade de produzir obras específicas com uma visão de mundo que não igual a do seu criador. Em outras palavras heterônimo é uma outra individualidade totalmente diferente da do seu criador.

Sabendo da importância dessa distinção Fernando Pessoa assim se manifestou:

"Nos autores das ficções do Interlúdio (Caeiro, Reis e Campos) não são só as idéias e os sentimentos que se distinguem dos meus: a mesma técnica da composição, o mesmo estilo, é diferente do meu. Aí cada personagem é criada integralmente diferente, e não apenas diferentemente pensada".



Fernando
Pessoa

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [estudos](#) | [depoimentos](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ *Estudos - Fernando Pessoa: Alquimia do Verbo*

"Quanto em mim haja de humano, eu o dividi
entre os autores vários de cuja obra tenho sido o executor.
Sou hoje o ponto de reunião de uma pequena humanidade só minha."

Fernando Pessoa

Fernando Antonio Nogueira Pessoa foi um poeta português nascido em 1888, em Lisboa. Aos cinco anos adoeceu de tuberculose, doença pulmonar que aguçava os sentidos (*ouvidos de tuberculoso* - diz o ditado popular).

Desde os sete anos escrevia poesias; menino solitário, lia muito e criava "amigos imaginários", aos quais chegava a escrever cartas e até mesmo as respostas deles, em estilos diferentes.

Seus mais famosos "duplos" são conhecidos como os *heterônimos*: Alberto Caeiro da Silva (poeta pagão do campo), Ricardo Reis (culto e helenista) e Álvaro de Campos (o engenheiro revoltado).

Cada um deles tinha biografia, horóscopo, peculiaridades e estilo próprio.

Já o autodidata Pessoa era um intelectual eclético, que lia de tudo, escrevia artigos, contos filosóficos, poemas, críticas de arte, ciências e ocultismo.

Trocava cartas com o polêmico mago inglês Aleister Crowley. Recebeu-o, inclusive, quando esteve de visita a Lisboa, envolvendo-se no misterioso desaparecimento deste na Boca do Inferno, em Cascais.

Pesquisando a história de Portugal, Pessoa escreveu sobre os Templários, a Maçonaria, a filosofia Rosa-Cruz, Cabala, Astrologia e Alquimia. Seu interesse pelo Ocultismo o levou a diversas fontes de pesquisa mística.

Nesta busca, encontrou o conceito de *Egrégora*, um tipo de entidade coletiva, resultado da somatória das mentes e das vontades de diversos indivíduos, algo como a *ânima mundi* dos magos medievais ou o Inconsciente Coletivo do psicólogo Carl G. Jung, uma antiga e enorme inteligência racial, memória genética (McConnel).

Ora, a Lusofonia, o conjunto de todas as pessoas que já falaram e que estão hoje falando, pensando e escrevendo no idioma português, compõe uma somatória que é a *Egrégora*, a mente coletiva, a Alma Portuguesa, o Espírito da Raça (*Volksgeist*).

Então, o gênio literário seria o *médium*, a pessoa que anula seu ego, sua mente individual e entrega-se a este turbilhão, a esta vontade maior; torna-se a "antena da raça", que serve de veículo para a expressão desta alma racial, deste complexo cultural de crenças e valores, folclore.

O gênio inspirado respira esta atmosfera-espírito-alma em cada suspiro e encarna o coletivo, avatar voluntário possuído por esta força da qual faz parte. O poeta não fala por si, ele é a voz das vozes, e por isto outras pessoas gostam, identificam-se, são tocadas por suas palavras.

O poeta é o eco de um trovão, que ressoa dentro de cada um dos leitores.

Nele se realiza o drama cósmico, por meio dele grita uma raça.

Por isto a verdadeira poesia sobrevive ao tempo, ela é eterna enquanto existir a *Egrégora*, o agregado, *Eclesia* (Igreja = Assembléia) que se manifesta no poema, através da Lusofonia.

Esta arte, livre do tempo, é o *Presente Permanente* dos alquimistas, a eterna juventude do elixir da longa vida, a saúde e felicidade da Panacéia Universal.

Pessoa, tal qual outro poeta, o jovem francês Artur Rimbaud, chegou misticamente a uma *Alquimia do Verbo*: quando um homem de letras emprega como matéria-prima a mais evidente e desprezada das matérias, o *idioma*, as palavras que todos usam no dia-a-dia, sem se aperceberem de seu poder latente, a Cabala dos sons e das letras.

O poeta faz das palavras o veículo de sua transformação interior, sua entrega e comunhão; mistura-se à *Egrégora Lusofônica* e deixa que esta flua através dele, fale por ele, como um médium em uma sessão espírita.

Este processo alquímico começa pelo *nigredo* (a "grande noite escura da alma" - depressão), que Pessoa descreveu como uma disciplina de "sentir tudo de todas as maneiras", que faz lembrar Rimbaud, com seu metódico "desregramento dos sentidos", e William Blake, com seu "os caminhos dos excessos levam à sabedoria". Ou seja, a hiperestesia, sensibilidade exagerada como descreve Poe na *Queda da Casa de Usher*, hipersensibilidade que faz sofrer e leva ao isolamento e solidão, à meditação profunda.

Segue-se daí o *putrefatio*, a dissolução, o solvente universal que divide e multiplica as percepções, o deus Osíris esquartejado, Tiamate, Ymir, o Templo de Salomão desmanchado e outros tantos mitos que, em nossa era, encarnam-se no monstro de Frankenstein, feito de partes de diversas pessoas e animais costurados. É também representado pela Geometria Fractal com sua auto-similaridade, em que cada parte do holograma reproduz o todo; é "o que está em cima é como o que está embaixo", da Tábua Esmeralda, e "meu nome é legião", do demônio bíblico.

Por fim, o arco-íris multicolor da *cauda do Pavão* reforça esta sensação de divisão, multiplicação, que vem antes do *albedo* (= branco; prata), somatória das cores, e do rubredo, vermelho emocional da Pedra Filosofal que transforma tudo ao seu redor em ouro puro.

Tal trajetória literária de Pessoa está registrada passo a passo em sua obra, cujo enorme conjunto de artigos, contos, poesias e cartas é um diário místico, um livro de receitas, um Grimório desta Alquimia do Verbo.

O caminho individual desta transformação, evolução mística é de responsabilidade de cada um de nós, pelo uso do livre-arbítrio, como explica didaticamente Pessoa no conto filosófico *O Banqueiro Anarquista*. A liberdade, como meta pessoana, é a liberdade para ser feliz.

Pessoa escreveu a receita-*Grimório* do seu "modelar a alma pelas palavras", e ao estudar a Lusofonia, a *Egrégora*, a alma racial portuguesa, concluiu que Portugal também é um deus partido, esquartejado como Osíris, uma alma

despedaçada que "cresceu e multiplicou-se", dividindo-se em países tão diversos como o Brasil (de um Tiradentes esquarterado), Macao (colônia portuguesa na China), várias colônias africanas, etc.

É desta divisão, multiplicidade cultural, tolerância para com outras culturas, que nascerá o *Quinto Império*, o desabrochar da *Egrégora* Lusofônica, de que Camões e Pe. Vieira foram os profetas primeiros e de cujo processo talvez Pessoa tenha sido de todos o mais consciente.

Então, como membro e parte da Lusofonia, da grande mente que pensa e sente o mundo em português, para realizar a *Alquimia do Verbo* é preciso repetir para si, vivenciar a história ibérica, ou melhor, ser "múltiplo em um" ou "várias vozes em uma só voz" - explica Pessoa.

Pessoa propõe um processo com três fases, que lembram os três graus da Maçonaria antiga (graus de *aprendiz, companheiro e mestre*):

1) *Neófito* - uma etapa de estudo devorador, quando se lê de tudo, construindo-se uma base de cultura geral bastante eclética, conhecendo a História, as artes, ciências, misticismo, etc. É o solve da Alquimia: indivíduo dividido, sem escolhas, sem ter preferências, múltiplo em um (*Omnia in Unum, En Tô Pan*).

2) *Adepto* - o unificador, que ama por igual todas as áreas do conhecimento, que se identifica com todos os sentimentos. É o *coagula* alquímico, que une tudo, aplicando os saberes acumulados à vida prática, que escreve este amor na forma de poesia lírica.

3) *Mestre* - destrói a unidade anterior em prol de outro nível mais elevado (Torá de Atzilut), escreve poesia épica e dramática, até alcançar formas além dos gêneros literários previstos, além das classificações, algo totalmente livre, pessoal, inovador.

O *Mestre* produz uma literatura com poder, é a *pedra filosofal* das letras, que desperta quem toca, quem as lê; é a Lusofonia, a alma racial portuguesa, manifestando-se com toda sua magnitude.

Grande demais para caber nos estreitos limites dos gêneros literários, e volumosa demais para caber em uma pessoa só - suas diversas facetas exigem as diversas faces dos heterônimos pessoanos.

Desta forma, ao seguir as receitas do diário-*grimório* de Pessoa, cada poeta pode livrar-se do pesado chumbo da insensibilidade e brilhar como o ouro filosofal da *Arte*.

Neste estágio de ouro, que os árabes chamaram *Kimyâ es-saâdah* (a *Alquimia da Felicidade*), ser feliz é estar livre do tempo, viver o presente sem remorsos do passado ou sofrimentos antecipados por planos de futuros prováveis, do que já foi ou do que será.

Este é o *Carpe Diem* romano, o *Nirvana* budista, o *Zen* japonês, o *Tao* chinês, o *Presente Permanente* dos alquimistas medievais, é a concentração na respiração do *Yogue*, o viver plenamente a cada instante, seguir a intuição, a espontaneidade, o instinto.

Para Pessoa, a *Pedra dos Filósofos*, a *Pedra Bruta* a lapidar, a matéria-prima do forno-Atanor emocional são as palavras da língua natal, que ele visitou até como tradutor do inglês e francês.

Este é o sentido oculto do trabalho literário.

Assim se forjam os grandes gênios da literatura.

E você, satisfaz-se sendo somente leitor?

Ou vai escrever algo de seu hoje, abrindo-se para a Lusofonia?

"Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje".

Flávio Calazans.

8/11/01

■ ■ ■ *Depoimentos***Costa Pinheiro****"O poeta Fernando Pessoa"**

É já a partir de quinta-feira, 11 (com inauguração às 18 horas), que o público português pode retomar o contacto com um artista de primeira linha há muitos anos a viver fora do país, e que traz até nós uma exposição já apresentada, com grande êxito, no passado mês de Abril, na Galeria Christoph Dürr, de Munique. O artista é Costa Pinheiro e a exposição intitula-se «O poeta Fernando Pessoa».

Nesta exposição Costa Pinheiro reúne pinturas, desenhos e gravuras que executou nos últimos anos e em que propõe um diálogo no espaço para entender o seu próprio país através de imagens de Fernando Pessoa. A este encontro com o poeta, e às representações de toda a pafernália de objectos iconográficos, à volta dele, chamou Costa Pinheiro «uma arqueologia inventada».

No restaurante «La Casera» do bairro de Schwading em Munique, cidade onde o artista português mora há cerca de 20 anos, Costa Pinheiro, numa conversa de amigos mais do que uma entrevista formal, dizia a Nelson Di Maggio sobre essa arqueologia inventada: «Não sei se está correcta ou não, mas penso que sim, onde a caneta aparece como o instrumento de trabalho do escritor. Quem é que presentemente escreve com uma caneta? Aos alemães chamou muito a atenção este aspecto iconográfico numa sociedade superindustrializada onde ninguém emprega a caneta, e consideram que, ao criar esta forma plástica, não só é uma maneira de dignificar um poeta em particular, mas todos os poetas do mundo na sua actividade estritamente operativa.»

Por sua vez, na abertura do catálogo de exposição (a não perder) da Gulbenkian, pode ler-se: «Este diálogo com a imaginação e a Poesia é dedicado àqueles que, consciente e inconscientemente, não perderam a sua identidade nem os seus recursos de luta pelas liberdades e direitos da pessoa humana.»



Fernando
Pessoa

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [estudos](#) | [depoimentos](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ *Vida - Nota de Falecimento*

Nota de falecimento de Fernando Pessoa publicada no "Diário de Notícias", em 3 de Dezembro de 1935

Morreu Fernando Pessoa – Grande poeta de Portugal

Fernando Pessoa, o poeta extraordinário da «Mensagem», poema de exaltação nacionalista, dos mais belos que se tem escrito, foi ontem a enterrar.

Surpreendeu-o a morte, num leito cristão do Hospital de S. Luís, no sábado à noite.

A sua passagem pela vida foi um rastro de luz e de originalidade. Em 1915, com Luís de Montalvor, Mário de Sá-Carneiro e Ronald de Carvalho – estes dois já mortos para a vida – lançou o «Orpheu», que tão profunda influência exerceu no nosso meio literário, e a sua personalidade foi-se depois afirmando mais e mais. Do fundo da sua «tertúlia», a uma mesa do Martinho da Arcada, Fernando Pessoa era sempre o mais novo de todos os novos que em volta dele se sentavam. Desconcertante, profundamente original e estruturalmente verdadeiro, a sua personalidade era vária como vário o rumo da sua vida. Ele não tinha uma actividade «una», uma actividade dirigida: tinha múltiplas actividades.

Na poesia não era só ele: Fernando Pessoa; ele era também Álvaro de Campos e Alberto Caeiro e Ricardo Reis. E era-os profundamente, como só ele sabia ser. E na poesia como na vida. E na vida como na arte.

Tudo nele era inesperado. Desde a sua vida, até aos seus poemas, até à sua morte.

Inesperadamente, como se se anunciasse um livro ou uma nova corrente literária por ele idealizada e vitalizada, correu a notícia da sua morte. Um grupo de amigos conduziu-o ontem a um jazigo banal do cemitério dos Prazeres. Lá ficou, vizinho de outro grande poeta que ele muito admirava, junto do seu querido Cesário, desse Cesário que ele não conhecera e que, como ninguém, compreendia.

Se Fernando Pessoa morreu, se a matéria abandonou o corpo, o seu espírito não abandonará nunca o coração e o cérebro dos que o amavam e admiravam. Entre eles fica a sua obra e a sua alma. A eles compete velar para que o nome daquele que foi grande não caia na vala comum do esquecimento.

Tinha 47 anos o poeta que ontem foi a enterrar. Quarenta e sete anos e um grande amor à Vida, à Arte e à Beleza. Quando novo, acasos do Destino, a que ele obedecia inteiramente – Fernando Pessoa teósofo, cristão, que conhecia todas as seitas religiosas e as negativistas, pagão como só os artistas sabem ser, Fernando Pessoa obedecia cegamente ao Destino – levaram-no para a África do Sul. E na Universidade do Cabo cursou o inglês. E de tal maneira estudou a língua que Shakespeare e Milton imortalizaram, que, anos passados, apresentava aos «cercles» literários da serena Albion quatro livros de poemas - «English Poems», I, II, III, IV; «Antinous» e «35 Sonnets». E num concurso de língua inglesa alcançou o primeiro prémio.

Depois, uma vez em Portugal, a sua actividade literária aumentou. É de então que data a sua colaboração na «Águia», onde o seu messianismo metafísico, num célebre e elevado estudo, anunciou o aparecimento do Super-Camões da literatura portuguesa.

1915. «Orpheu». Movimento intenso de renovação. Entretanto, colabora no «Centauro», «Exílio», «Portugal Futurista», «Contemporânea». Começa a ser amado e compreendido.

1924. Funda com Rui Vaz a revista «Athena». Depois, de então para cá, a sua actividade multiplica-se. Colabora em revistas modernistas, como «Presença», «Momento» e, há um mês ainda, no «Sudoeste», que Almada Negreiros fundou com notável desassombro. Traduziu Shakespeare e Edgar Poe. Estas são, em linhas muito esquemáticas e gerais, as obras que definem a sua personalidade. Quem o quiser compreender folheie a sua obra vasta e dispersa. Começará a amá-lo.

Da capela do cemitério dos Prazeres, para jazigo de família, cerca das onze horas de ontem, partiu o corpo do grande poeta. Alguns amigos de sempre acompanharam-no. Foram eles, pelo «Orpheu», Luís de Montalvor, António Ferro, Raul Leal, Alfredo Guisado e Almada Negreiros; pela «Presença», João Gaspar Simões; pelo «Momento», Artur Augusto e José Augusto; e Ferreira Gomes, Diogo de Macedo, Dr. Celestino Soares, António Botto, Castelo de Moraes, João de Sousa Fonseca, Dr. Jaime Neves, António Pedro, Albino Lapa, Silva Tavares, Vitoriano Braga, Augusto de Santa-Rita, Luís Pedro, Luís Moita, Manuel Serras, Dr. Boto de Carvalho, Rogério Perez, Celestino Silva, Telino Felgueiras, Nogueira de Brito, Dante Silva Ramos, Carlos Queiroz, Mário de Barros, Dr. Rui Santos, Marques Matias, Gil Vaz, Luís Teixeira e poucos mais.

O sr. capitão Caetano Dias, cunhado do poeta, representava a família.

Em frente do jazigo que Fernando Pessoa passa a habitar, Luís de Montalvor, seu companheiro de 24 anos de vida literária, proferiu simples e emotivas palavras em nome dos sobreviventes do grupo do «Orpheu».

E disse:

«Duas palavras sobre o trânsito mortal de Fernando Pessoa.

Para ele chegam duas palavras, ou nenhuma. Preferível fora o silêncio, o silêncio que já o envolve a ele e a nós, que é da estatura do seu espírito.

Com ele só está bem o que está perto de Deus. Mas também não deviam, nem podiam, os que foram pares com ele no convívio da sua Beleza, vê-lo descer à terra, ou antes, subir, ganhar as linhas definitivas da Eternidade, sem enunciar o protesto calmo, mas humano, da raiva que nos fica da sua partida.

«Não podiam os seus companheiros de «Orpheu», antes os seus irmãos, do mesmo sangue ideal da sua Beleza, não podiam, repito, deixá-lo aqui, na terra extrema, sem ao menos terem desfolhado, sobre a sua morte gentil, o lírio branco do seu silêncio e da sua dor.

«Lastimamos o homem, que a morte nos rouba, e com ele a perda do prodígio do seu convívio e da graça da sua presença humana. Somente o homem, é duro dizê-lo, pois que ao seu espírito e ao seu poder criador, a esses deulhes o Destino uma estranha formosura, que não morre.

O resto é com o génio de Fernando Pessoa.»

Os serviços fúnebres estiveram a cargo da Agência Barata.(1)



**Fernando
Pessoa**[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [estudos](#) | [depoimentos](#) | [Pessoas](#)**■ ■ ■ Depoimentos****Haroldo de Campos**

"(Fernando Pessoa) é o mais alto poeta moderno de sua língua(...). Pessoa pertence à linhagem dos poetas-engenheiros ou poetas-geômetras, que vem de Poe (que ele traduziu) e de Mallarmé (que ele leu bem e que influenciou, aparentemente, os sonetos herméticos da primeira fase da poesia pessoana, Passos da Cruz, 1914-1915. (...). É o poeta do verbo ser e de seus desdobramentos e desenvolvimentos, por alternativas de afirmação e negação(...).

Os heterônimos de Pessoa são um extraordinário recurso estilístico, por meio do qual ele conseguiu escrever sua poesia ao mesmo tempo em que a meditava de distâncias metalingüísticas diversas. Toda a questão da sinceridade e/ou mistificação, sobre a qual tem corrido tanta tinta, se resolve desde que se compreendam os desdobramentos da heteronímia pessoa à luz dessa função de metalinguagem, que exclui de debate as conotações difusas e irrelevantes desse par de conceitos. O heterônimo diversifica o código geral da poesia de pessoa num sub-código próprio, e assim fazendo, testa e critica as possibilidades de atualização desse código. Antes do que um fenômeno biográfico ou outro, trata-se de um fenômeno de texto ou de escritura."



**Fernando
Pessoa**



[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [estudos](#) | [depoimentos](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ *Depoimentos*

Jean-Pierre Thibaudat

O mais belo texto do mundo

Tomem-no como quiserem, pensem o que lhes apetecer, à hora em que escrevo estas linhas, Tabacaria é o mais belo texto do mundo...



Fernando
Pessoa



[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [estudos](#) | [depoimentos](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ *Depoimentos*

Jorge Luis Borges

Carta a Fernando Pessoa

"O sangue dos Borges de Moncorvo e dos Acevedo (ou Azevedo), sem geografia, podem me ajudar a te compreender, Pessoa. Nada te custou renunciar às escolas e aos dogmas, às vaidosas figura de retórica e ao trabalhoso empenho de representar um país, uma classe, ou uma época. Talvez nunca pensaste em teu lugar na história da literatura. Tenho certeza de que te assombram estas homenagens sonoras, de que te assombram e de que as agradeces, sorridente. És agora o poeta de Portugal. Alguém, inevitavelmente, pronunciará o nome de Camões. Não faltarão as datas, caras e toda comemoração. Escreveste para ti, não para a fama. Juntos, compartilhamos teus versos; deixa-me ser teu amigo."

Genebra, 2 de janeiro de 1985.

■ ■ ■ *Depoimentos*

Sobre Fernando Pessoa

"Era um homem que sabia idiomas e fazia versos. Ganhou o pão e o vinho pondo palavras no lugar de palavras, fez versos como os versos se fazem, isto é, arrumando palavras de uma certa maneira. Começou por se chamar Fernando, pessoa como toda a gente. Um dia lembrou-se de anunciar o aparecimento iminente de um super-Camões, um Camões muito maior do que o antigo, mas, sendo uma criatura conhecidamente discreta, que soía andar pelos Douradores de gabardina clara, gravata de lacinho e chapéu sem plumas, não disse que o super-Camões era ele próprio. Ainda bem. Afinal, um super-Camões não vai além de ser um Camões maior, e ele estava de reserva para ser Fernando Pessoas, fenómeno nunca antes visto em Portugal. Naturalmente, a sua vida era feita de dias, e dos dias sabemos nós que são iguais mas não se repetem, por isso não surpreende que em um desses, ao passar Fernando diante de um espelho, nele tivesse percebido, de relance, outra pessoa. Pensou que havia sido mais uma ilusão de óptica, das que sempre estão a acontecer sem que lhes prestemos atenção, ou que o último copo de aguardente lhe assentara mal no fígado e na cabeça, mas, à cautela, deu um passo atrás para confirmar se, como é voz corrente, os espelhos não se enganam quando mostram. Pelo menos este tinha-se enganado: havia um homem a olhar de dentro do espelho, e esse homem não era Fernando Pessoa. Era até um pouco mais baixo, tinha a cara a puxar para o moreno, toda ela rapada. Num movimento inconsciente, Fernando levou a mão ao lábio superior, depois respirou com infantil alívio, o bigode estava lá. Muita coisa se pode esperar de figuras que apareçam nos espelhos, menos que falem. E como estes, Fernando e a imagem que não era sua, não iriam ficar ali eternamente a olhar-se, Fernando Pessoa disse: "Chamo-me Ricardo Reis." O outro sorriu, assentiu com a cabeça e desapareceu. Durante um momento, o espelho ficou vazio, nu, mas logo a seguir outra imagem surgiu, a de um homem magro, pálido, com aspecto de quem não vai ter muita vida para gozar. A Fernando pareceu-lhe que este deveria ter sido o primeiro, porém não fez qualquer comentário, só disse: "Chamo-me Alberto Caeiro." O outro não sorriu, acenou apenas, frouxamente, concordando, e foi-se embora. Fernando Pessoa deixou-se ficar à espera, sempre tinha ouvido dizer que não há dois sem três. A terceira figura tardou uns segundos, era um homem do tipo daqueles que têm saúde para dar e vender, com o ar inconfundível de engenheiro diplomado em Inglaterra. Fernando disse: "Chamo-me Álvaro de Campos", mas desta vez não esperou que a imagem desaparecesse do espelho, afastou-se ele, provavelmente cansado de ter sido tantos em tão pouco tempo. Nessa noite, madrugada alta, Fernando Pessoa acordou a pensar se o tal Álvaro de Campos teria ficado no espelho. Levantou-se, e o que estava lá era a sua própria cara. Disse então: "Chamo-me Bernardo Soares", e voltou para a cama. Foi depois destes nomes e alguns mais que Fernando achou que era hora de ser também ele ridículo e escreveu as cartas de amor mais ridículas do mundo. Quando já ia muito adiantado nos trabalhos de tradução e de poesia, morreu. Os amigos diziam-lhe que tinha um grande futuro à sua frente, mas ele não deve ter acreditado, tanto que decidiu morrer injustamente na flor da idade, aos 47 anos, imagine-se. Um momento antes de acabar, pediu que lhe dessem os óculos: "Dá-me os óculos", foram as suas formais e finais palavras. Até hoje nunca ninguém se interessou por saber para que os quis ele, assim se vêm ignorando ou desprezando as últimas vontades dos moribundos, mas parece bastante plausível que a sua intenção fosse olhar-se num espelho para saber quem finalmente lá estava. Não lhe deu tempo a parca. Aliás, nem espelho havia no quarto. Este Fernando Pessoas nunca chegou a ter verdadeiramente a certeza de quem era, mas por causa dessa dúvida é que nós vamos conseguindo saber um pouco mais quem somos."

SARAMAGO, José, Cadernos de Lanzarote - Diário III. Lisboa, Editorial Caminho, 1996. pp. 204-206



**Fernando
Pessoa**



[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [estudos](#) | [depoimentos](#) | [Pessoas](#)

■ ■ ■ *Depoimentos*

Miguel Torga

3 de Dezembro - Morreu Fernando Pessoa. Mal acabei de ler a notícia no jornal, fechei a porta do consultório e meti-me pelos montes a cabo. Fui chorar com os pinheiros e com as fragas a morte do nosso maior poeta de hoje, que Portugal viu passar num caixão para a eternidade sem ao menos perguntar quem era.

**Fernando
Pessoa**[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [estudos](#) | [depoimentos](#) | [Pessoas](#)**■ ■ ■ Depoimentos*****Roman Jakobson***

"É imperioso incluir o nome de Fernando Pessoa no rol dos artistas mundial nascidos no curso dos anos oitenta (séc. XIX): Picasso, Joyce, Braque, Stravinski, Khliébnikov, Le Corbusier. Todos os traços típicos dessa grande equipe encontram-se condensados no grande poeta português (...).

Pessoa deve ser colocada entre os grandes poetas da 'estruturação': estes, na opinião dele próprio, 'são mais complexos' naquilo que exprimem, porque exprimem construindo, arquitetando, e estruturando' e um tal critério os situa adiante dos autores 'privados das qualidades que fazem a complexidade construtiva'.

A obra do escritor português é uma arte essencialmente dramática, cuja complexidade se acha submetida a uma estruturação integral. As supostas incoerências e contradições nos escritos poéticos e teóricos de Pessoa refletem em realidade o 'diálogo interno' do autor, que ele mesmo busca transformar numa complementariedade dialética dos três poetas imaginários, Alberto Caeiro, e seus discípulos Ricardo Reis e Álvaro de Campos"

■ ■ ■ *Carta Irreverente*

Lisboa, 4 de Junho de 1915
Exmo. Senhor Director do "Diário de Notícias",
E/V.

Regressado ontem a Lisboa, só então tive ocasião de ler uma crítica, há poucos dias publicada no jornal que V.Exa proficientemente dirige, ao extraordinário livro do sr. Mário de Sá-Carneiro, meu ilustre camarada do "Orpheu".

Não é à crítica que me quero referir, porque ninguém pode esperar ser compreendido antes que os outros aprendam a língua em que fala. Repontar com isso seria, além de absurdo, indício de um grave desconhecimento da história literária, onde os génios inovadores foram sempre, quando não tratados como doidos (como Verlaine e Mallarmé), tratados como parvos (como Wordsworth, Keats e Rossetti) ou como, além de parvos, inimigos da pátria, da religião e da moralidade, como aconteceu a Antero de Quental, sobretudo nos significativos panfletos de José Feliciano de Castilho, que, aliás, não era nenhum idiota.

Não é a isto que me quero referir. O que quero acentuar, acentuar bem, acentuar muito bem, é que é preciso que cesse a trapalhada, que a ignorância dos nossos críticos está fazendo, com a palavra futurismo. Falar em futurismo, quer a propósito do 1º nº de "Orpheu", quer a propósito do livro do sr. Sá-Carneiro, é a cousa mais disparatada que se pode imaginar. Nenhum futurista tragaría o "Orpheu". O "Orpheu" seria, para um futurista, uma lamentável demonstração de espírito obscurantista e reaccionário.

A atitude principal do futurismo é a Objectividade Absoluta, a eliminação, da arte, de tudo quanto é alma, quanto é sentimento, emoção, lirismo, subjectividade em suma. O futurismo é dinâmico e analítico por excelência. Ora se há cousa que [seja] típica do Interseccionismo (tal é o nome do movimento português) é a subjectividade excessiva, a síntese levada ao máximo, o exagero da atitude estática. "Drama estático", mesmo, se intitula uma peça, inserta no 1º número do "Orpheu", do Sr. Fernando Pessoa. E o tédio, o sonho, a abstracção são as atitudes usuais dos poetas meus colegas naquela brilhante revista.

A César o que é de César. Aos Interseccionistas, chame-se interseccionistas. Ou chame-se-lhes paúlicos, se se quiser. Esse termo, ao menos, caracteriza-os, distinguindo-os de outra qualquer escola. Englobar os colaboradores do "Orpheu" no futurismo é nem sequer saber dizer disparates, o que é lamentabilíssimo.

No 2º número do "Orpheu" virá colaboração realmente futurista, é certo. Então se poderá ver a diferença, se bem que seja, não literária, mas pictural essa colaboração. São quatro quadros que emanam da alta sensibilidade moderna do meu amigo Santa Rita Pintor.

Até aqui tenho falado em geral, mais pelos meus colegas do que por mim. O meu caso é diferente. Permita-me V.Exa que me refira a ele.

A minha Ode Triunfal, no 1º número do "Orpheu", é a única cousa que se aproxima do futurismo. Mas aproxima-se pelo assunto que me inspirou, não pela realização - e em arte a forma de realizar é que caracteriza e distingue as correntes e as escolas.

Eu, de resto, nem sou interseccionista (ou paúlico) nem futurista. Sou eu, apenas eu, preocupado apenas comigo e com as minhas sensações.

Espero da lealdade jornalística de V.Exa a inserção desta carta em lugar onde pelo menos os jornalistas a leiam. Na impossibilidade de fazer os nossos críticos compreender, tentemos ao menos levá-los a fingir que compreendem.

De V. Exa

Cdo. Venr. e Obgdo.

ÁLVARO DE CAMPOS

engenheiro e poeta sensacionista

Depoimentos

Alberto Caeiro Visto por Álvaro de Campos

«Conheci o meu mestre Caeiro em circunstâncias excepcionais - como todas as circunstâncias da vida, e sobretudo as que, não sendo nada em si mesmas, hão-de vir a ser tudo nos resultados.

Deixei em quase três quartos o meu curso escocês de engenharia naval; parti numa viagem ao Oriente; no regresso, desembarcando em Marselha, e sentindo um grande tédio de seguir, vim por terra até Lisboa. Um primo meu levou-me um dia de passeio ao Ribatejo; conhecia um primo de Caeiro, e tinha com ele negócios; encontrei-me com o que havia de ser meu mestre em casa desse primo. Não há mais que contar, porque isto é pequeno, como toda a fecundação.

Vejo ainda, com claridade da alma, que as lágrimas da lembrança não empanam, porque a visão não é externa... Vejo-o diante de mim, vê-lo-ei talvez eternamente como primeiro o vi. Primeiro, os olhos azuis de criança que não têm medo; depois, os malares já um pouco salientes, a cor um pouco pálida, e o estranho ar grego, que vinha de dentro e era uma calma, e não de fora, porque não era expressão nem feições. O cabelo, quase abundante, era louro, mas, se faltava luz, acastanhava-se. A estatura era média, tendendo para mais alta, mas curvada, sem ombros altos. O gesto era branco, o sorriso era como era, a voz era igual, lançada num tom de quem não procura senão dizer o que está dizendo - nem alta, nem baixa, clara, livre de intenções, de hesitações, de timidez. O olhar azul não sabia deixar de fixar. Se a nossa observação estranhava qualquer coisa, encontrava-a: a testa, sem ser alta, era poderosamente branca. Repito: era pela sua brancura, que parecia maior que a da cara pálida, que tinha majestade. As mãos um pouco delgadas, mas não muito; a palma era larga. A expressão da boca, a última coisa em que se reparava - como se falar fosse, para este homem, menos que existir - era a de um sorriso como o que se atribui em verso às coisas inanimadas belas, só porque nos agradam - flores, campos largos, águas com sol - um sorriso de existir, e não de nos falar.

Meu mestre, meu mestre, perdido tão cedo! Revejo-o na sombra que sou em mim, na memória que conservo do que sou de morto...

Foi durante a nossa primeira conversa... Como foi não sei, e ele disse: «Está aqui um rapaz Ricardo Reis que há-de gostar de conhecer: ele é muito diferente de si». E depois acrescentou, «tudo é diferente de nós, e por isso é que tudo existe».

Esta frase, dita como se fosse um axioma da terra, seduziu-me com um abalo, como o de todas as primeiras poses, que me entrou nos alicerces da alma. Mas, ao contrário da sedução material, o efeito em mim foi de receber de repente, em todas as minhas sensações, uma virgindade que não tinha tido. [...]

O meu mestre Caeiro, como não dizia senão o que era, pode ser definido por qualquer frase sua, escrita ou falada, sobretudo depois do período que começa do meio em diante de «O Guardador de Rebanhos». Mas, entre tantas frases que escreveu e se imprimem, entre tantas que me disse o relato ou não relato, a que o contém com maior simplicidade é aquela que uma vez me disse em Lisboa. Falava-se de não sei quê que tinha que ver com as relações de cada qual consigo mesmo. E eu perguntei de repente ao meu mestre Caeiro, «está contente consigo?» E ele respondeu: «Não: estou contente». Era como a voz da Terra, que é tudo e ninguém.

Nunca vi triste o meu mestre Caeiro. Não sei se estava triste quando morreu, ou nos dias antes. Seria possível sabê-lo, mas a verdade é que nunca ousei perguntar aos que assistiram à morte qualquer coisa da morte ou de como ele a teve.

Em todo o caso, foi uma das angústias da minha vida - das angústias reais em meio de tantas que têm sido

fictícias - que Caeiro morresse sem eu estar ao pé dele. Isto é estúpido mas humano, e é assim.

Eu estava em Inglaterra. O próprio Ricardo Reis não estava em Lisboa; estava de volta no Brasil. Estava o Fernando Pessoa, mas é como se não estivesse. O Fernando Pessoa sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro.

Nada me consola de não ter estado em Lisboa nesse dia, a não ser aquela consolação que pensar no meu mestre Caeiro espontaneamente me dá. Ninguém é inconsolável ao pé da memória de Caeiro, ou dos seus versos; e a própria ideia do nada - a mais pavorosa de todas se se pensa com a sensibilidade - tem, na obra e na recordação do meu mestre querido, qualquer coisa de luminoso e de alto, como o sol sobre as neves dos píncaros inatingíveis.»

Alberto Caeiro visto por Ricardo Reis

[...] A vida de Caeiro não pode narrar-se pois que não há nela de que narrar. Seus poemas são o que houve nele de vida. Em tudo mais não houve incidentes, nem há história. O mesmo breve episódio, improfícuo e absurdo, que deu origem aos poemas de «O Pastor Amoroso», não foi um incidente, senão, por assim dizer, um esquecimento.

A obra de Caeiro representa a reconstrução integral do paganismo, na sua essência absoluta, tal como nem os gregos nem os romanos, que viveram nele e por isso o não pensaram, o puderam fazer. A obra, porém, e o seu paganismo, não foram nem pensados nem até sentidos: foram vindos com o que quer que seja que é em nós mais profundo que o sentimento ou a razão. Dizer mais fora explicar, o que de nada serve; afirmar menos fora mentir. Toda obra fala por si, com a voz que lhe é própria, e naquela linguagem em que se forma na mente; quem não entende não pode entender, e não há pois que explicar-lhe. É como fazer compreender a alguém um idioma que ele não fala.

Ignorante da vida e quase ignorante das letras, quase sem convívio nem cultura, fez Caeiro a sua obra por um progresso imperceptível e profundo, como aquele que dirige, através das consciências inconscientes dos homens, o desenvolvimento lógico das civilizações. Foi um progresso de sensações, ou, antes, de maneiras de as ter, e uma evolução íntima de pensamentos derivados de tais sensações progressivas. Por uma intuição sobre-humana, como aquelas que fundam religiões, porém a que não assenta o título de religiosa, por isso que repugna toda a religião e toda a metafísica, este homem descreveu [??] o mundo sem pensar nele, e criou um conceito do universo que não contém uma interpretação. [?]

Parnasianismo

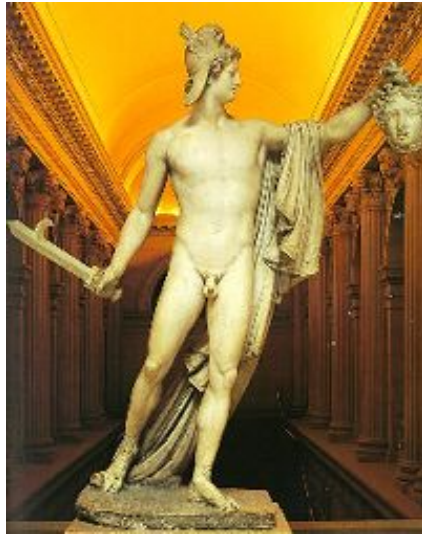
- [Preliminares](#)
- [Características](#)



Acima temos "Hebe" e à esquerda é "Cupid and Psyche", ambas de Antonio Canova. Expressões máximas do culto à forma.

Parnasianismo

- [Preliminares](#)
- [Características](#)



Perseus with the Head of Medusa
- Antonio Canova

O Parnasianismo foi um movimento estético que aconteceu no Brasil no mesmo período do Realismo. Por isso, é aconselhável consultar também o Momento Histórico e a Cronologia do Movimento Realista / Naturalista.

Devido aos vários pontos em comum existentes entre o Parnasianismo e o Realismo, alguns críticos literários chegaram a dizer que **o Parnasianismo não foi especificamente um movimento literário e sim apenas a manifestação poética da época do Realismo**. No entanto, se há muitas semelhanças entre essas estéticas, existem também alguns pontos, não cultivados pelo Parnasianismo, como por exemplo a questão da denúncia social, que distanciam as duas estéticas.

O Termo Parnasianismo, vem de Parnaso, Montanha da Fócida (Grécia antiga). Segundo a tradição antiga, os poetas vinham a essa montanha em busca de inspiração, pois nela vivam as Musas e o deus Apolo.

O movimento Parnasiano teve sua origem na França, sob denominação de "Parnase Contemporain", e os principais representantes, adotados como modelos por vários poetas brasileiros, foram: Leconte de Lisle, José Maria Heredia e Théophile Gautier.

Parnasianismo

- [Preliminares](#)
- [Características](#)

O Parnasianismo, que só foi cultivado na França e no Brasil, tem uma **postura anti-romântica**, ou seja, uma espécie de reação contra os excessos emotivos do Romantismo.

Como forma de negação ao individualismo ultra-romântico, considerado pouco objetivo e ridiculamente sentimental, os poetas Parnasianos passaram a se interessar por assuntos **universais** inspirados na **Antigüidade Clássica e no Renascimento**.

Pode-se dizer que essa fonte de inspiração também é uma espécie de oposição ao Romantismo, que era voltado ao medievalismo.

Assim os poetas desse período, além de valorizarem **objetividade temática**, a **impassibilidade (1)** e a **impessoalidade (2)**, passaram a encarar a poesia como um exercício da **arte pela arte**, ou seja, **o culto à forma na busca de atingir a perfeição**.



O resultado disso foi uma **poesia** escrita com **vocabulário refinado**, geralmente na **ordem indireta (3)**, **que retrata episódios históricos, fenômenos da natureza e que descreve de forma permenorizada objetos decorativos como vasos e bibelôs**.

Devido ao conceito da **arte pela arte**, ou seja, a arte só serve para criar beleza, e do distanciamento dos problemas morais, sociais, políticos e religiosos essa poesia tornou-se **fria e totalmente alienada**.



Em total oposição ao amor espiritual e à mulher idealizada pelos Românticos, os Parnasianos cultivaram o **amor mais carnal** e a **mulher passou a ser vista como um ser concreto**. Vênus, a deusa da beleza na mitologia grega, por ser pagã, passou a ser considerada o modelo ideal da figura feminina.

Dentre todas essas características, que em sua maioria se opõem ao valores cultivados pelos românticos, a mais marcante é o **culto a forma**.

Pintura de J. D. Ingres que retrata a figura feminina como um ser concreto e palpável.

Essa verdadeira obsessão levou os poetas desse período a trazerem de volta à moda o soneto(3) com versos alexandrinos (12 sílabas poéticas) ou decassílabos e rimas ricas e raras. Tudo isso em oposição à liberdade Romântica, caracterizada pelos versos brancos(sem rimas) e livres.

A primeira obra Parnasiana escrita no Brasil é "Fanfarras" (1882), de Teófilo Dias, porém, os principais representantes desse período foram [Olavo Bilac](#), [Alberto Oliveira](#) e [Raimundo Correia](#).

(1)Não sujeito a padecer, Indiferente à dor, às alegrias ou aos desgostos; imune às paixões; sereno.

(2)Que não se refere ou não se dirige a uma pessoa em particular, mas às pessoas em geral.

(3)Segundo os Parnasianos esse recurso enobrecia a poesia.

(4)Composição poética de forma fixa composta por 14 versos, dispostos ou em dois quartetos e dois tercetos.

:: Olavo Bilac (1865 - 1911)



Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro a 16 de dezembro de 1865. Segundo alguns dos seus mais fervorosos admiradores, o poeta nasceu predestinado à poesia clássica, pois seu nome completo é um verso alexandrino (12 sílabas poéticas). Aos 15 anos Bilac foi matriculado por seu pai no curso de medicina. Após alguns anos de estudo, abandonou esse curso e veio para São Paulo estudar Direito.

Essa empreitada durou apenas um ano, pois o poeta voltou para o Rio de Janeiro, onde dedicou-se ao jornalismo e à literatura. Em 1888 lançou o livro "Poesias" e, no ano seguinte, mostrando-se estar muito envolvido com os ideais Republicanos e nacionalistas, escreveu o Hino à Bandeira. Ainda nesse período escreveu outro hino: "Profissão de fé", considerado o hino dos poetas Parnasianos, uma vez que compara o trabalho do poeta ao de um ourives, que trabalha as jóias de forma minuciosa.

Em 1893, foi exilado em Ouro Preto, por fazer oposição ao Governo de Floriano Peixoto. Em 1907 foi eleito o primeiro "Príncipe dos Poetas do Brasil", em concurso realizado pela revista "Fon-fon". Devido ao sucesso que Olavo Bilac fazia entre os jovens, o presidente Venceslau Brás o convidou para liderar as campanhas cívicas de alfabetização e do serviço militar obrigatório. Essa última, devido a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Em 18 de dezembro de 1918 o poeta faleceu no Rio de Janeiro. Em 1919 foi publicado o volume "Tarde", que nos mostra um poeta mais nacionalista e consciente da morte que se aproxima.

Desde o início de sua carreira poética, Olavo Bilac buscou a forma perfeita. A maioria de seus poemas é escrito na forma fixa de soneto, com versos de 12 sílabas poéticas. Sua linguagem é extremamente elaborada e as inversões gramaticais são uma constante em sua obra. Bilac foi tão fiel às regras do parnasianismo que os acontecimentos sociais e políticos de seu tempo, inclusive o seu exílio, não influenciaram sua poesia. Sua obra é composta por: "Poesias"; "Poemas infantis" e "Tarde". Além disso, devem ser incluídos vários contos, novelas e crônicas

Veja Também:

Parnasianismo

- [Preliminares](#)
- [Características](#)

Confira alguns poemas de Bilac:

Via Láctea

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto,
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite enquanto
A via láctea, como um pátio aberto,
Cintila. E ao vir do Sol, saudoso e em pranto
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado-amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Têm o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem pode ter ouvido
Capaz de ouvir e entender estrelas."

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício.

Porque a beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimigo do artifício,
E a força e a graça na simplicidade.

Profissão de fé

Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem
azul-celeste
Torce, aprimora, alteia, lima
A frase; e, enfim,
No verso de outro engaste a rima.
Como um rubim.
Quero que a estrofe cristalina,
Dourada ao jeito
Do ourives, saia da oficina
Sem um defeito:
E que o lavor do verso, acaso,
Por tão sutil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril.
E horas sem conta passo, mudo,
O olhar atento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.
Porque o escrever - tanta perícia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer.
Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Forma!

Remorso

Às vezes uma dor me desespera...
Nestas ânsias e dúvidas em que ando,
Cismo e padeço, neste outono, quando
Calculo o que perdi na primavera.

Versos e amores sufoquei calando,
Sem os gozar numa explosão sincera...
Ah! Mais cem vidas! com que ardor quisera
Mais viver, mais penar e amar cantando!

Sinto o que espedicei na juventude;
Choro neste começo de velhice,
Mártir da hipocrisia ou da virtude.

Os beijos que não tive por tolice,
Por timidez o que sofrer não pude,
E por pudor os versos que não disse!

Nel mezzo del Carmim

Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha.

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada,
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

Língua Portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela.

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

A Velhice

Olha estas velhas árvores, mais belas
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres da fome e de fadigas:
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!
Envelheçamos rindo. Envelheçamos
Como as árvores fortes envelhecem,

Na glória de alegria e da bondade,
Agasalhando os pássaros nos ramos,
Dando sombra e consolo aos que padecem!

::: Alberto de Oliveira (1857 - 1937)



Antônio Mariano Alberto de Oliveira nasceu na cidade de Palmital de Saquarema (RJ) a 28 de abril de 1857. Após cursar medicina até o terceiro ano, abandonou o curso e optou pela área de farmacêutica, formando-se em 1883. Alberto de Oliveira, além de professor de Literatura Brasileira, exerceu a função de Diretor Geral de instrução do Rio de Janeiro e foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Em 1924 foi eleito, em pleno Modernismo, o "Príncipe dos Poetas Brasileiros" ocupando o lugar deixado por Olavo Bilac. Em 19 de janeiro de 1937, Alberto de Oliveira faleceu na cidade de Niterói (RJ).

Considerado pela crítica como sendo o mais Parnasiano dos poetas brasileiros, Alberto de Oliveira, durante seus oitenta anos vida, presenciou várias transformações políticas e sociais, porém, isso não alterou o seu estilo literário, que permaneceu sempre fiel ao Parnasianismo. Sua poesia sempre seguiu às rígidas regras da escola Parnasiana, ou seja, perfeição formal e métrica rígida. A sua linguagem é cuidadosamente trabalhada, chegando às vezes a ser rebuscada. Os temas giram em torno de bibelôs, como exemplo pode-se citar os sonetos "Vaso Grego" e "Vaso Chinês".

A sua obra, dedicada exclusivamente à poesia, é composta por: "Canções Românticas"; "Sonetos e Poemas"; "Versos e Rimas"; "Poesias"(em três séries, a última póstuma).

Veja Também:

Parnasianismo

- [Preliminares](#)
- [Características](#)

Confira alguns poemas:

Aspiração

Ser palmeira! existir num píncaro azulado,
Vendo as nuvens mais perto e as estrelas em bando;
Dar ao sopro do mar o seio perfumado,
Ora os leques abrindo, ora os leques fechando;

Só de meu cimo, só de meu trono, os rumores
Do dia ouvir, nascendo o primeiro arrebol,
E no azul dialogar com o espírito das flores,
Que invisível ascende e vai falar ao sol;

Sentir romper do vale e a meus pés, rumorosa,
Dilatar-se a cantar a alma sonora e quente
Das árvores, que em flor abre a manhã cheirosa,
Dos rios, onde luz todo o esplendor do Oriente;

E juntando a essa voz o glorioso murmúrio
De minha fronde e abrindo ao largo espaço os véus
Ir com ela através do horizonte purpúreo
E penetrar nos céus;

Ser palmeira, depois de homem ter sido esta alma
Que vibra em mim, sentir que novamente vibra,
E eu a espalmo a tremer nas folhas, palma a palma,
E a distendo, a subir num caule, fibra a fibra:

E à noite, enquanto o luar sobre os meus leques treme,
E estranho sentimento, ou pena ou mágoa ou dó,
Tudo tem e, na sombra, ora ou soluça ou geme,
E a distendo, a subir num caule, fibra a fibra;

Que bom dizer então bem alto ao firmamento
O que outrora jamais — homem — dizer não pude,
Da menor sensação ao máximo tormento
Quanto passa através minha existência rude!

E, esfolhando-me ao vento, indômita e selvagem,
Quando aos arrancos vem bufando o temporal,
— Poeta — bramir então à noturna bafagem,
Meu canto triunfal!

E isto que aqui digo então dizer: — que te amo,
Mãe natureza! mas de modo tal que o entendas,
Como entendes a voz do pássaro no ramo
E o eco que têm no oceano as borrascas tremendas;

E pedir que, o uno sol, a cuja luz referves,
Ou no verme do chão ou na flor que sorri,
Mais tarde, em qualquer tempo, a minh'alma conserves,
Para que eternamente eu me lembre de til

Taça de Coral

Lícias, pastor — enquanto o sol recebe,
Mugindo, o manso armento e ao largo espraia.
Em sede abrasa, qual de amor por Febe,
— Sede também, sede maior, desmaia.

Mas aplacar-lhe vem piedosa Naia
A sede d'água: entre vinhedo e sebe
Corre uma linfa, e ele no seu de faia
De ao pé do Alfeu tarro escultado bebe.

Bebe, e a golpe e mais golpe: — "Quer ventura
(Suspira e diz) que eu mate uma ânsia louca,
E outra fique a penar, zagala ingrata!

Outra que mais me aflige e me tortura,
E não em vaso assim, mas de uma boca
Na taça de coral é que se mata"

Vaso Chinês

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore lúcido,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,

Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura.

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

A Vingança da Porta

Era um hábito antigo que ele tinha:
Entrar dando com a porta nos batentes.
— Que te fez essa porta? a mulher vinha
E interrogava. Ele cerrando os dentes:

— Nada! traze o jantar! — Mas à noitinha
Calmava-se; feliz, os inocentes
Olhos revê da filha, a cabecinha
Lhe afaga, a rir, com as rudes mãos trementes.

Urna vez, ao tornar à casa, quando
Erguia a aldraba, o coração lhe fala:
Entra mais devagar... — Pára, hesitando...

Nisto nos gonzos range a velha porta,
Ri-se, escancara-se. E ele vê na sala,
A mulher como doida e a filha morta.

Vaso Grego

Esta de áureos relevos, trabalhada
De divas mãos, brilhante copa, um dia,
Já de aos deuses servir como cansada,
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que o suspendia
Então, e, ora repleta ora esvasada,
A taça amiga aos dedos seus tinha,
Toda de roxas pétalas colmada.

Depois... Mas, o lavor da taça admira,
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas
Finas há de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira
Fosse a encantada música das cordas,
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

Horas Mortas

Breve momento após comprido dia
De incômodos, de penas, de cansaço
Inda o corpo a sentir quebrado e lasso,
Posso a ti me entregar, doce Poesia.

Desta janela aberta, à luz tardia
Do luar em cheio a clarear no espaço,
Vejo-te vir, ouço-te o leve passo
Na transparência azul da noite fria.

Chegas. O ósculo teu me vivifica
Mas é tão tarde! Rápido flutuas
Tornando logo à etérea imensidade;

E na mesa em que escrevo apenas fica
Sobre o papel — rastro das asas tuas,
Um verso, um pensamento, uma saudade.

:: Raimundo Correia (1860 - 1911)



Raimundo Correia nasceu a 13 de maio de 1859, a bordo do navio São Luiz, ancorado em águas maranhenses. Filho de família de classe elevada, realizou o curso secundário no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Em 1882 formou-se Advogado pela Faculdade do Largo São Francisco e, logo depois, retornou ao Rio de Janeiro, onde fez um bem-sucedida carreira judiciária. Faleceu a 13 de setembro de 1911, em Paris, onde foi tratar da saúde.

Raimundo Correia iniciou sua carreira poética com o livro "Primeiros sonhos", revelando forte influência dos poetas Românticos Fagundes Varela, Casimiro de Abreu e Castro Alves. Em 1883 com o livro "Sinfonias", assume o Parnasianismo e passa formar, ao lado de Alberto Oliveira e Olavo Bilac, a famosa "Tríade Parnasina".

Os temas adotados por Raimundo Correia giram em torno da perfeição formal dos objetos. Ele se diferencia um pouco dos demais parnasianos porque sua poesia é marcada por um forte pessimismo, chegando até a ser sombrio. Ao analisar a obra de Raimundo Correia percebe-se que há nela uma evolução. Ele iniciou sua carreira como Romântico, depois adotou o Parnasianismo e, em algumas poemas aproximou-se da escola Simbolista.

A sua obra é composta por "Primeiros Sonhos"; "Sinfonias"; "Versos e Versões"; "Aleluias" e "Poesias"

Veja Também:

Parnasianismo

- [Preliminares](#)
- [Características](#)

Confira alguns poemas de Raimundo Correia

Saudade

Aqui outrora retumbaram hinos;
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças, hoje abandonadas,
Rodou por entre os ouropéis mais finos...

Arcos de flores, fochos purpurinos,
Trons festivos, bandeiras desfraldadas,
Girândolas, clarins, atropeladas
Legiões de povo, bimbalar de sinos...

Tudo passou! Mas dessas arcarias
Negras, e desses torreões medonhos,
Alguém se assenta sobre as lájeas frias;

E em torno os olhos úmidos, tristonhos,
Espraia, e chora, como Jeremias,
Sobre a Jerusalém de tantos sonhos!...

Tristeza de Momo

Pela primeira vez, ímpias risadas
Susta em pranto o deus da zombaria;
Chora; e vingam-se dele, nesse dia,
Os silvanos e as ninfas ultrajadas;

Trovejam bocas mil escancaradas,

Rindo; arrombam-se os diques da alegria;
E estoira descomposta vozeria
Por toda a selva, e apupos e pedradas...

Fauno, indigita; a Náiade o caçoa;
Sátiros vis, da mais indigna laia,
Zombam. Não há quem dele se condoa!

E Eco propaga a formidável vaia,
Que além por fundos boqueirões reboa
E, como um largo mar, rola e se espraia...

Ondas...

Ilha de atrozes degredos!
Cinge um muro de rochedos
Seus flancos. Grosso a espumar
Contra a dura penedia,
Bate, arrebenta, assobia,
Retumba, estrondeia o mar.

Em circuito, o Horror impera;
No centro, abrindo a cratera
Flagrante, arroja um volcão
Ígnea blasfêmia às alturas...
E, nas ínvias espessuras,
Brame o tigre, urra o leão.

Aqui chora, aqui, proscrita,
Clama e desespera aflita
A alma de si mesma algoz,
Buscando na imensa plaga,
Entre mil vagas, a vaga,
Que neste exílio a depôs.

Se a vida a prende à matéria,
Fora desta, a alma, sidérea,
Radia em pleno candor;
O corpo, escravo dos vícios,
É que teme os precipícios,
Que este mar cava em redor.

No azul eterno ela busca,
No azul, cujo brilho a ofusca,
Pairar, incendiada ao sol,
Espindo a crusta vil, onde
Se esconde, como se esconde
A lesma em seu caracol.

Contempla o infinito ... Um bando
De gerifaltos voando
Passou, desapareceu
No éter azul, na água verde...
E onde esse bando se perde,
seu longo olhar se perde...

Contempla o mar, silenciosa:
Ora mansa, ora raivosa,

Vai e vem a onda minaz,
E entre as pontas do arrecife,
Às vezes leva um esquite,
Às vezes um berço traz.

Contempla, de olhos magoados,
Tudo... Muitos degredados
Findo o seu degredo têm;
Vão-se na onda intumescida
Da Morte, mas na da Vida,
Novos degredados vêm.

Ó alma contemplativa !
Vem já, decumana e ativa,
Entre as ondas talvez,
A que, no supremo esforço
Da morte, em seu frio dorso,
Te leve ao largo, outra vez.

quanto esplendor! São aquelas
As regiões de luz, que anelas,
Rompe os rígidos grilhões,
Com que à Carne de agrilhoa
O instinto vital! E voa,
e voa àquelas regiões!...

As Pombas...

Vai-se a primeira pomba despertada ...
Vai-se outra mais ... mais outra ... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada ...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

Rima

Rondo pela noite
Imaginando mil coisas
Meditando sozinho
Até a madrugada

Isto tudo é tão contrário
Medo e coragem
Amor e ódio
Revolta e compreensão

Mas nada rima nesse mundo

Apenas eu e você restávamos
Resto do que o mundo já foi
Intensamente, imensamente, eternamente

Até mesmo nós sucumbimos
Reavaliamos nossa condição
Indiferentes, deixamos de rimar
Menos um casal no mundo

Agora ando sozinho
Meditando noite adentro
Imaginando e esquecendo mil e uma coisas
Rondando até a madrugada

Mal Secreto

Se a cólera que espuma, a dor que mora
N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
Tudo o que punge, tudo o que devora
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espírito que chora
Ver através da máscara da face,
Quanta gente, talvez, que inveja agora
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez, consigo
Guarda um atroz, recôndito inimigo,
Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez existe,
Cuja a ventura única consiste
Em parecer aos outros venturosa!

Ser Moça e Bela Ser

Ser moça e bela ser, por que é que lhe não basta?
Porque tudo o que tem de fresco e virgem gasta
E destrói? Porque atrás de uma vaga esperança
Fátua, aérea e fugaz, frenética se lança
A voar, a voar?...

Também a borboleta,
Mal rompe a ninfa, o estojo abrindo, ávida e inquieta,
As antenas agita, ensaia o vôo, adeja;
O finíssimo pó das asas espanja;
Pouco habituada à luz, a luz logo a embriaga;
Bóia do sol na morna e rutilante vaga;
Em grandes doses bebe o azul; tonta, espairose
No éter; voa em redor, vai e vem; sobe e desce;
Torna a subir e torna a descer; e ora gira
Contra as correntes do ar, ora, incauta, se atira
Contra o tojo e os sarcais; nas puas lancinantes
Em pedaços faz logo às asas cintilantes;
Da tênue escama de ouro os resquícius mesquinhos
Presos lhe vão ficando à ponta dos espinhos;
Uma porção de si deixa por onde passa,
E, enquanto há vida ainda, esvoaça, esvoaça,

Como um leve papel solto à mercê do vento;
Pousa aqui, voa além, até vir o momento
Em que de todo, enfim, se rasga e dilacera.
ó borboleta, pára! ó mocidade, espera!

Banzo

Visões que na alma o céu do exílio incubava,
Mortais visões! Fuzila o azul infando...
Coleia, basilisco de ouro, ondeando
O Níger... Bramem leões de fulva juba...

Uivam chacais... Ressoa a fera tuba
Dos cafres, pelas grotas retumbando,
E a estrelada das árvores, que um bando
De paquidermes colossais derruba...

Como o guaraz nas rubras penhas dorme,
Dorme em nimbos de sangue o sol oculto...
Fuma o saibro africano incandescente...

Vai com a sombra crescendo o vulto enorme
Do baobá... E cresce na alma o vulto
De uma tristeza, imensa, imensamente...

O Vinho de Hebe

Quando do Olimpo nos festins surgia
Hebe risonha, os deuses majestosos
Os copos estendiam-lhe, ruidosos,
E ela, passando, os copos lhes enchia...

A Mocidade, assim, na rubra orgia
Da vida, alegre e pródiga de gozos,
Passa por nós, e nós também, sequiosos,
Nossa taça estendemos-lhe, vazia...

E o vinho do prazer em nossa taça
Verte-nos ela, verte-nos e passa...
Passa, e não torna atrás o seu caminho.

Nós chamamo-la em vão; em nossos lábios
Restam apenas tímidos ressábios,
Como recordações daquele vinho.

Simbolismo

- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico - Europa](#)

Portugal

- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)
- [Cronologia](#)

Brasil

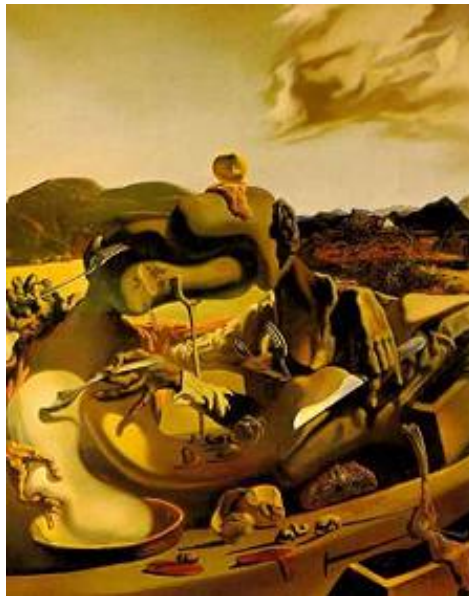
- [Momento Histórico](#)
- [A Literatura](#)



Vertigo, Magic Staircase - Leon Spilliaert

Vanguardas Européias

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cubismo](#)
- [Dadaísmo](#)
- [Expressionismo](#)
- [Futurismo](#)
- [Surrealismo](#)

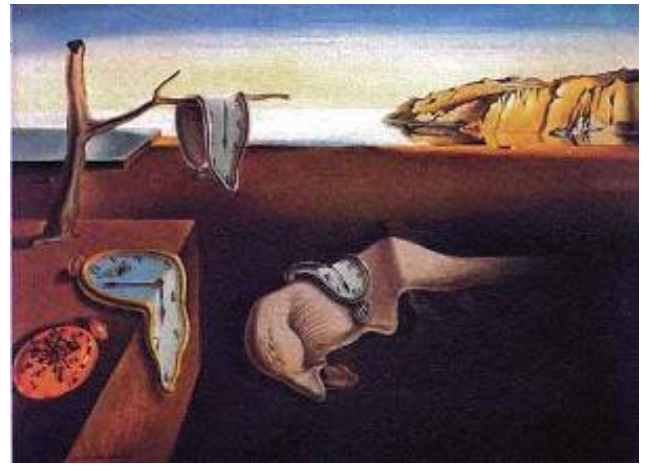


Canibalism - salvador Dalí

Vanguardas Europeias

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cubismo](#)
- [Dadaísmo](#)
- [Expressionismo](#)
- [Futurismo](#)
- [Surrealismo](#)

O termo vanguarda vem do francês **avant-garde**, termo militar que é usado para caracterizar o grupo de soldados que, durante as batalhas, vão à frente das tropas. A partir do início do séc. XX esse termo passou a ser usado para designar um grupo de indivíduos que, devido a seus conhecimentos ou por uma tendência natural, exercem o papel de precursor ou pioneiro em um determinado movimento cultural, artístico, científico etc. No campo das artes esse termo está sempre associado a ruptura, uma vez que, invariavelmente, se opõe ao estilo vigente em uma época.



The Persistence of Memory - Salvador Dalí

Vanguardas Europeias

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cubismo](#)
- [Dadaísmo](#)
- [Expressionismo](#)
- [Futurismo](#)
- [Surrealismo](#)

Nos primeiros 20 anos do séc. XX as espetaculares invenções - automóvel, cinema; máquinas voadoras etc.- provocaram uma euforia e crença no progresso exageradas. Dessa forma, o modo de viver e de encarar a realidade sofreu radicais transformações e a arte voltada para o sonho e para as idéias vigentes no século anterior (positivismo, cientificismo etc.) passaram a ser consideradas ultrapassadas.

A máquina tornou-se parte integrante de todos os setores sociais e o conforto passou a ser a preocupação fundamental do homem burguês da época. Esse momento de euforia vivido pela burguesia ficou conhecido como belle époque. Vale lembrar que essa vida agradável e fácil abrangia somente a classes dominantes, o proletariado continuou a ser marginalizado.



Todo esse progresso material provocou uma disputa acirrada pelo domínio do mercado consumidor entre as principais potências mundiais, que culminou com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Esse conflito, que durou até 1918 e envolveu praticamente quase todos os países do mundo, aliado a Revolução Russa de 1917, que levou o proletariado ao poder pela primeira vez, provocando pavor nas classes dominantes, gerou um forte sentimento de derrota perda, destruição e total desconfiança nos sistemas políticos vigentes.

Esse clima foi propício para que surgissem, no decorrer do século, novas correntes ideológicas baseadas no nacionalismo, como o **Nazismo** e o **Fascismo**.

Onze anos depois do término da Primeira Guerra o mundo enfrentou a terrível crise econômica de 1929, provocada pela especulação nas bolsas de valores e que culminou com a Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945). Esse curto período entre as duas Grandes Guerras ficou conhecido como "**entre-guerras**" ou "**anos loucos**" e é caracterizado pela ânsia de viver freneticamente, uma vez que a guerra despertou no homem a incerteza de uma paz duradoura.



Bolsa de Valores de Nova York na década de 20.

Vanguardas Européias

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cubismo](#)
- [Dadaísmo](#)
- [Expressionismo](#)
- [Futurismo](#)
- [Surrealismo](#)

O Cubismo surgiu em 1907, a partir das experiências do espanhol **Pablo Picasso** e do francês **Georges Braque**, e entrou em decadência com a Primeira Guerra Mundial. Esse movimento, que desenvolveu-se inicialmente na pintura, caracterizou-se pela valorização de formas geométricas como cubos, cones e cilindros.



Guernica, Pablo Picasso

Os cubistas defendiam a idéia de que o artista deveria ter toda a liberdade para decompor a realidade que está interessado em representar e depois recriá-la a partir de elementos geométricos sobrepostos. Ao fazer isso, o artista cubista oferece, ao mesmo tempo, vários ângulos para se ver o mesmo objeto.

Essa forma de expressão chocou-se diretamente com a perspectiva tradicional de pintura, que centrava-se na escolha de apenas um plano para representar um objeto.

Segundo Picasso, "**A arte é uma mentira que nos faz perceber a verdade**". Isso quer dizer que, para os cubistas, o artista não deve apenas copiar ou ilustrar o mundo real. Sua função é recriar a realidade e representá-la sob uma outra forma, revelando assim aspectos que geralmente passam despercebidos.

Na literatura, os artistas cubistas preocuparam-se com a **construção do texto e ressaltaram a disposição gráfica do poema**. Com isso, os **espaços em branco da folha de papel passaram a ter importância**. Além disso, o cubismo caracterizou-se por apresentar **uma linguagem bem humorada**, cheia de **inversões e elipses**, na qual os **substantivos são dispostos de forma aparentemente anárquica** e o **verbo, os adjetivos e a pontuação são desprezados**.



Femme en vert
Pablo Picasso

O principal representante dessa literatura é o poeta francês Guillaume Apollinaire. Sua principal composição é o poema "chove" reproduzido abaixo.

Chove

1ª linha

Chovem as vozes das mulheres como se elas estivessem mortas mesmo na lembrança

2ª linha

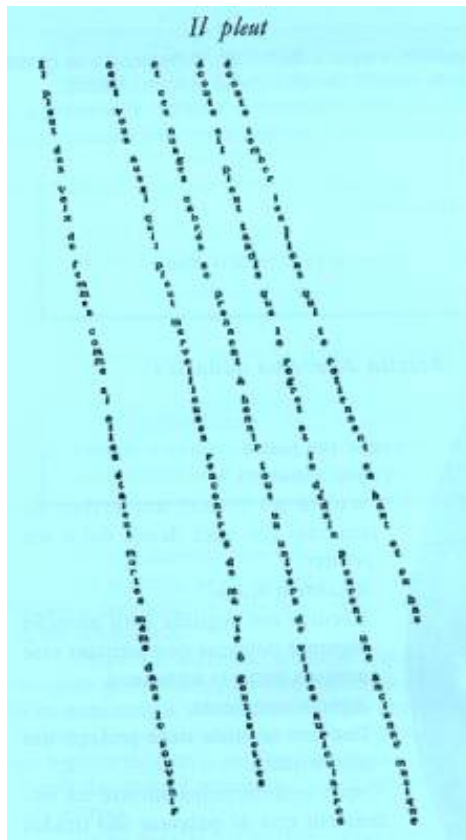
É você também que chove gotículas de maravilhosos encontros de minha vida

3ª linha

E essas nuvens turbulentas se põem a relinchar todo um universo de cidades sonoras

4ª linha

Escute se chove enquanto o remorso e o desprezo choram uma antiga música



5ª linha Escute caírem os laços que te predem no alto e embaixo

Vanguardas Europeias

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cubismo](#)
- [Dadaísmo](#)
- [Expressionismo](#)
- [Futurismo](#)
- [Surrealismo](#)



Christ Carrying the Cross - Hieronymous Bosch

O Dadaísmo, fundado na Suíça em 1916, foi o mais radical dos movimentos de vanguarda. A palavra "Dadá", escolhida por Tristan Tzara, líder do movimento, pode significar várias coisas, como por exemplo: rabo de vaca santa, ama de leite, mãe etc. No entanto, o próprio Tristan disse que "**Dadá**" **não significa nada**. Segundo ele essa palavra foi encontrada casualmente quando ele abriu um dicionário.

Por isso, pode-se dizer que os dadaístas não propõem nada, exceto a destruição do passado, do presente e do futuro. Tudo isso ocorre devido a total falta de perspectiva diante da guerra.

Os Dadaístas são contra as teorias, as ordenações lógicas, os manifestos e pouco se importavam com o leitor. O importante para eles era criar palavras pela sonoridade, que rompiam com as barreiras da sonoridade. O importante era o urro contra a guerra e contra o capitalismo burguês.

Para se ter uma idéia da importância do urro para os Dadaístas basta mencionar o prefácio da obra "Paulicéia Desvairada" de Mário de Andrade, onde ele diz o seguinte sobre o poema "Ode ao buguês": "Quem não souber urrar não leia 'Ode ao burguês'".

Confira a "receita" para se fazer um poema dadaísta dada Tristan Tzara

Para fazer um poema dadaísta

"Peque um jornal.

Peque a tesoura.

Escolha no jornal um artigo do tamanho que você deseja dar a seu poema.

Recorte o artigo.

Recorte em seguida com atenção algumas palavras que formam esse artigo e meta-as num saco. Agite suavemente.

Tire em seguida da pedaço um após o outro.

Copie conscienciosamente na ordem em que elas são tiradas do saco.

O poema se parecerá com você.

E ei-lo um escritor infinitamente original e de uma sensibilidade graciosa, ainda que incompreendido do público."



Kleine DADA Soiree (DADAsofie) - Kurt Schwitters

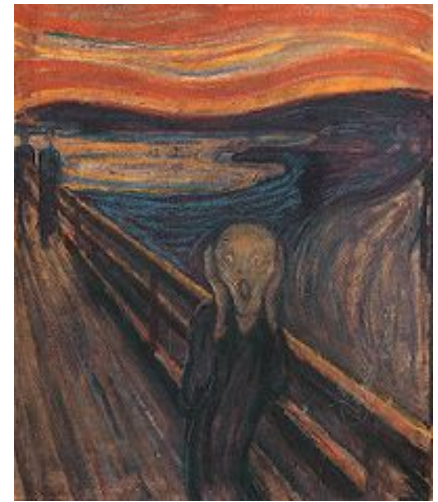
Vanguardas Européias

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cubismo](#)
- [Dadaísmo](#)
- [Expressionismo](#)
- [Futurismo](#)
- [Surrealismo](#)

O movimento Expressionista surgiu na Alemanha em 1910 e sua principal preocupação foi a forma de expressar as manifestações do mundo interior. Por isso, os expressionistas, preocupados em demasia com o sofrimento humano, pouco se importavam com os conceitos de **belo e feio**. O importante era a "expressão", ou seja, a forma de transportar para as telas e para o papel as imagens que nasciam no seu interior.

Como forma de expressar a visão pessoal do artista, os expressionistas, além de darem grande importância ao poder expressivo das cores e das formas, valorizaram as composições abstratas e as imagens distorcidas, próximas da caricatura.

Devido a essas características, o Expressionismo desenvolveu-se mais na pintura e os principais representantes desse movimento foram: Van Gogh, Cézanne, Gauguin e Much.



The Scream
Edvard Munch



Death at the helm
Edvard Munch

Essa nova forma de expressão, que atingiu seu ápice antes da Primeira Guerra Mundial, chocou-se com as diretrizes tomadas pela arte quando Hitler começou a sua ascensão na Alemanha. A partir daí, buscou-se fazer uma arte "limpa", que retratasse a superioridade germânica e não uma caricatura. Os artistas expressionistas passaram a ser vistos como subversivos e então a arte expressionista começou a declinar.

Em 1912, Anita Malfatti, uma jovem pintora paulista, foi para a Alemanha e entrou em contato com o movimento expressionista. Ao retornar ao País em 1914, realizou sua primeira exposição. Em 1917 realizou outra exposição e, devido às várias críticas recebidas, acabou sendo o fato gerador da Semana de Arte Moderna de 1922.

</html

Vanguardas Europeias

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cubismo](#)
- [Dadaísmo](#)
- [Expressionismo](#)
- [Futurismo](#)
- [Surrealismo](#)

O Futurismo, liderado pelo Italiano **Felipo Tommaso Marinetti**, é caracterizado por uma forte ruptura com o passado e pela exaltação da vida moderna, ou seja, da máquina, do automóvel, da eletricidade, da velocidade etc.

O primeiro, dos mais de trinta manifestos futuristas, foi publicado em 1909 e os fragmentos abaixo nos revelam os seus principais aspectos:

- nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito à energia e à temeridade;
- os elementos essenciais da nossa poesia serão a coragem, a audácia e a revolta;
- tendo a literatura, até aqui enaltecido a imobilidade pensativa, o êxtase e o sono, nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insônia febril, o passo ginástico, o salto perigoso, a bofetada e o soco;
- nós clamamos que o esplendor do mundo se enriqueceu com uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre adornado de grossos tubos como serpentes de fôlego explosivo...
- Não há mais beleza senão na luta. Nada de obra prima sem caráter agressivo;
- Nós queremos demolir os museus, as bibliotecas, combater o moralismo, o feminismo e todas as covardias oportunistas e utilitárias.



Dynamism of a Man's Head-1914,

Umberto Boccioni



Em 1912, Marinetti lançou o manifesto técnico da literatura Futurista, também conhecido como "**Palavras em Liberdade**". Nele, além de criticar a posição da arte literária do séc. XIX, propôs a destruição dos padrões da sintaxe gramatical.

Abaixo, os fragmentos desse manifesto revelam os principais aspectos desse manifesto:

•
é preciso destruir a sintaxe, dispondo os substantivos ao acaso, como nascem;

•
deve-se usar o verbo no infinitivo, para que se adapte elasticamente ao substantivo e não o submeta ao eu do escritor, que observa ou imagina. O verbo no infinitivo pode, sozinho, dar o sentido da continuidade da vida e a elasticidade da intuição que a percebe;

•
deve-se abolir o adjetivo para que o substantivo desnudo conserve a sua cor essencial. O adjetivo, tendo em si um caráter de esbatimento, é incompatível com a nossa visão dinâmica, uma vez que supõe uma parada, uma meditação;

•
Deve-se abolir o advérbio, velha fivela que une as palavras umas às outras. O advérbio conserva a frase numa fastidiosa unidade de tom.



Poema Futurista
Felippo Marinetti - 1919



States of Mind Those who go
Umberto Boccioni

A identificação do Futurismo com o seu líder, Marinetti, foi tanta que essas palavras tornaram-se quase sinônimos. A partir de 1919, Marinetti aderiu ao Fascismo e isso fez com que os modernistas brasileiros, apesar de aceitar algumas idéias futuristas, passassem a repudiar a posição política adotada por Marinetti. Em Portugal houve uma maior identificação entre os primeiros autores modernistas com o Futurismo. Nos primeiros números da revista "Orpheu" podem ser encontrados alguns textos futuristas de Fernando Pessoa e de Mário de Sá-Carneiro. Em 1917 foi publicado o primeiro e único exemplar da revista "Portugal Futurista" que continha, dentre outros textos, o poema "Ultimatum" de Álvaro de Campos.

Vanguardas Européias

- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cubismo](#)
- [Dadaísmo](#)
- [Expressionismo](#)
- [Futurismo](#)
- [Surrealismo](#)

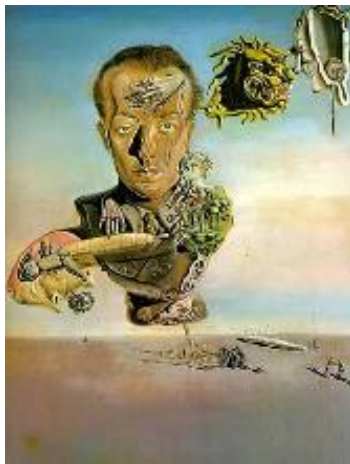
Em 1924 o poeta francês André Breton, ex-participante do Dadaísmo que rompeu com Tristan Tzara, lançou o Manifesto do Surrealismo, último movimento de vanguarda dos anos 20. Confira abaixo alguns fragmentos desse manifesto:

- 1) (...)as profundezas de nosso espírito abrigam forças estranhas capazes de aumentar as da superfície...
- 2) O sonho não pode ser também aplicado à solução das questões fundamentais da vida?
- 3) Conta-se que, diariamente na hora de adormecer, Saint-Pol-Roux mandava colocar sobre a porta de sua mansão(...) um aviso onde se lia: O POETA TRABALHA

O movimento Surrealista, surgido no período conhecido como entre guerras, possui características próximas do Expressionismo, pois valoriza o mundo interior e busca a libertação do inconsciente, ou seja, tentava alcançar uma realidade situada no subconsciente e o inconsciente.



Yung Virgin - Salvador Dalí



Portrait of Paul Eluard - Salvador Dalí

Por isso, a melancolia, a tristeza e a fantasia são valorizados pelos Surrealistas e, embora eles sejam muito mais radicais, acabam se aproximando dos Simbolistas e dos Românticos.

Para atingir as camadas do subconsciente e o inconsciente os Surrealistas adotaram a "escrita automática", ou seja, método pelo qual o artista deixa-se levar pelo seu impulso e registra tudo o que a inspiração lhe dita, sem se preocupar com a lógica.

Quando André Breton, fortemente influenciado pelo marxismo, optou pela arte revolucionária o Surrealismo sofreu uma forte ruptura. Muitos dos seguidores não acreditavam na arte engajada e o movimento foi dividido em duas partes: surrealistas comunistas e não comunistas.

Pré-Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- **Portugal**
- [Características Gerais](#)
- [Momento Histórico](#)

:: Pré-Modernismo no Brasil ::



Sob a ótica dos autores Pré-modernistas vemos um Brasil repleto de problemas culturais, políticos e, sobretudo, sociais.

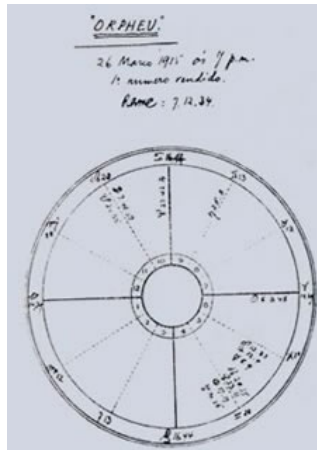
:: Saudosismo ou Pré-Modernismo em Portugal::



O Modernismo português foi antecedido por duas atitudes: uma Saudosista, encarado como uma atitude perante a vida que definia a "alma nacional". Algo como um elo com o passado que dava as diretrizes para a construção do futuro; e outra Pré-Modernista, manifestada na voz de Fernando Pessoa.

Modernismo

- Portugal
- Preliminares
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [1º Momento - Orphismo](#)
- [2º Momento - Presencismo](#)



Acima temos o horóscopo da Revista Orpheu elaborado por Fernando Pessoa. Essa revista foi o marco inicial do Modernismo português.

Modernismo

- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [1ª Fase](#)
- [2ª Fase](#)



Abaporu - Tarsila do Amaral

Modernismo

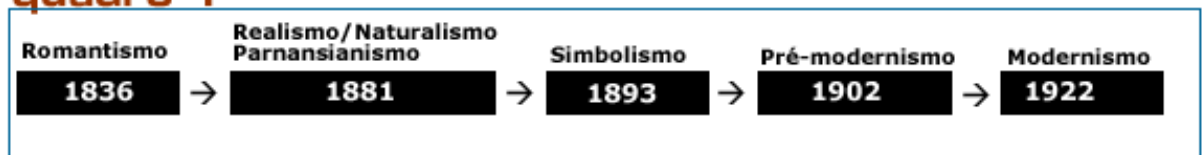
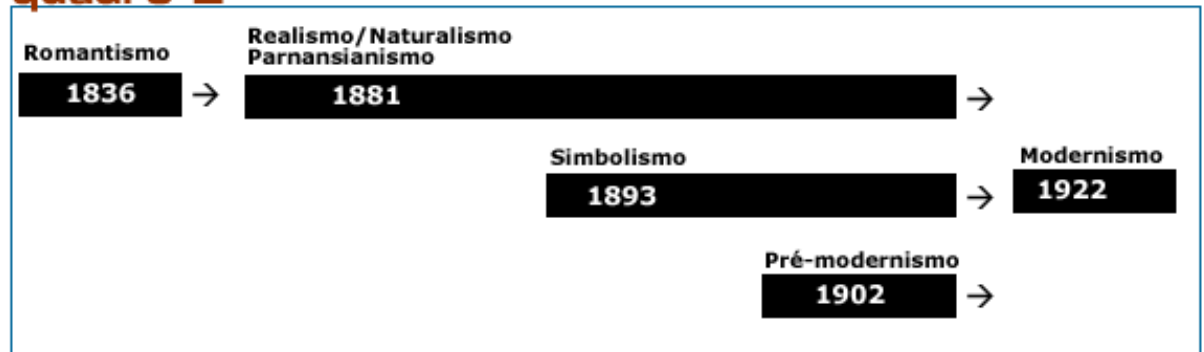
- **Brasil**
- [Preliminares](#)
- [1ª Fase](#)
- [2ª Fase](#)

Durante os primeiros vinte anos do século XX o cenário cultural brasileiro foi dividido por três tendências literárias, que caminharam paralelamente. Eram elas:

- o **agonizante Realismo** e suas ramificações (Naturalismo e Parnasianismo);
- o **Simbolismo**, que foi praticamente sufocado pelo Realismo e desenvolveu-se quase que exclusivamente no Sul do País; e
- o **Pré-Modernismo**, que, apesar de não ser especificamente uma escola literária, já dava mostras de rompimento com o estilo dominante, no caso o Realismo.

Todas essas correntes literárias somente foram neutralizadas com o advento do Modernismo, que definiu os novos rumos da literatura nacional.

Apesar de alguns estudiosos marcarem claramente o início e o fim desses movimentos literários como pode ser visto no quadro 1, o que aconteceu nesse período foi algo semelhante ao que pode ser observado no quadro 2.

quadro 1**quadro 2**

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)



Capa do catálogo da exposição da Semana de Arte Moderna.
Criação: Di Cavalcanti

"Dentro de pouco tempo -talvez bem pouco- o que se chamou, em fevereiro de 1922 em São Paulo, a **Semana de Arte Moderna**, marcará uma data memorável no desenvolvimento literário e artístico do Brasil"

Paulo Prado

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

O **PRIMEIRO MOMENTO MODERNISTA** tem como marco inicial a **Semana de Arte Moderna (SAM)**, que foi realizada no teatro Municipal de São Paulo nas noites de 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922. Esse evento foi organizado por um grupo de jovens intelectuais que tinha o **objetivo de elevar a cultura brasileira ao mesmo nível dos [movimentos de vanguarda europeus](#) e que defendia a tomada de uma nova consciência política e social**. Por isso, pode-se dizer que **a SAM foi um evento de caráter cultural, político e social**.

Colocar a cultura brasileira no mesmo nível da europeia foi uma idéia que não surgiu de forma abrupta, ou seja, da noite para o dia. Ela passou por uma espécie de [período embrionário](#), que teve início em 1911, com a fundação da revista "O Pirralho", que questionava a arte praticada no Brasil até então.

Cumprir essa "missão" também não foi nada fácil. Isso porque a sociedade brasileira da época estava muito atrasada culturalmente e não aceitava as novas idéias dos jovens modernistas. Além disso, a Academia Brasileira de Letras, que defendia a estética Parnasianista, tornou-se uma espécie "santo protetor" das antigas tradições acadêmicas, não deixando espaço para as novas propostas modernistas. No entanto, como pode ser observado no [Momento Histórico](#), **o Brasil desse começo de século era um país em estado de "ebulição"**: vários costumes e culturas foram incorporados aos nossos, graças a imigração europeia que estava em expansão. No campo político, a difusão das idéias anarquistas, o estouro das primeiras greves operárias e as intenções de se criar o Partido Comunista Brasileiro (o PCB foi criado em março desse mesmo ano), criaram um clima que favorecia aos jovens Modernistas e aos seus ideais.

Para vencer essa "batalha", que era elevar a cultura brasileira ao mesmo nível da europeia, **os Modernistas**, ou Futuristas, como também eram conhecidos na época, **adotaram a estratégia da "Destruição", ou seja, destruir as antigas tradições acadêmicas e "abrir caminho" para o "novo"**. Para isso, nada melhor do que irritar e inquietar a sociedade da época com "ataques", geralmente satíricos, aos textos consagrados da nossa literatura e com a realização de uma [Semana de Arte Moderna](#), realizada em fevereiro de 1922.

A estratégia deu certo. [A repercussão da SAM](#) foi tanta que seus ideais foram difundidos pelos principais centros culturais brasileiros. Com isso, as antigas tradições culturais começaram a ser esquecidas e a "vitória" dos Modernistas sobre o passadismo foi decretada.

Inicia-se então [a primeira fase do Modernismo Brasileiro](#), que, devido ao "heroísmo" de seus integrantes, em combater o passadismo para construir um processo de independência mental brasileiro, e ao seu sentido destruidor, também ficou conhecido como **"Fase Heróica"** e **"Fase de Destruição"**.

Essa primeira fase modernista, que tem como principais [características](#) à irreverência e as inovações da linguagem, **dura até o ano de 1930, que é considerado o marco inicial da segunda fase do Modernismo brasileiro**.



Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)



"O Café" - Cândido Portinari

NO ÂMBITO SOCIAL O BRASIL das duas primeiras décadas do séc. XX teve uma rápida transformação urbana e industrial. O número de indústrias chegou a ser quatro vezes maior, se comparada aos primeiros cinco anos desse mesmo século. Isso favoreceu o surgimento da burguesia industrial, cada dia mais forte, porém, marginalizada pelo governo federal, que só tinha olhos para a produção do café.

Graças ao número de imigrantes, principalmente os italianos, que vinham para o país em busca de trabalho na zona rural e na indústria. O Brasil ficou dividido em dois blocos: **o rural e o urbano.**

O Bloco urbano era dividido em duas partes: de um lado estavam os barões do café e a alta burguesia e do outro o proletariado, trabalhadores que se organizavam em torno de grupos anarquistas e que, para lutarem por melhores condições de trabalho e de vida, promoviam greves. A mais intensa delas foi a de 1917.

Já no campo político o ano de 1922 foi cheio de agitações. No governo de Epitácio Pessoa as comemorações do centenário da Independência foram marcadas **pela realização da SAM. Além disso, como consequência da [marginalização das classes operárias](#), surgiram muitas greves e o operariado se organizou em torno de lideranças sindicalistas e socialistas, resultando na formação do Partido Comunista Brasileira**, que diminuiu a influência anarquista sobre os movimentos operários. O final de sua administração foi, politicamente, agitadíssimo e a campanha do futuro presidente Artur Bernardes foi desenvolvida em meio a permanente ameaça revolucionária.

Ainda sob os ruídos provocados pela Semana de Arte Moderna, o Brasil vive um momento político muito importante: na eleição de 1º de março de 1922 foram escolhidos o presidente e o vice-presidente da República: Arthur Bernardes e Estácio Coimbra.

Nesse momento, a pequena burguesia, formada por burocratas, comerciantes e pequenos industriais, começa a manifestar seu descontentamento com a política praticada pelo governo.

Esse descontentamento também ocorria no Exército Nacional, que desde 1894 mostrava sua insatisfação com algumas revoltas. Durante o processo eleitoral, surge o **Movimento Tenentista**, que apoiava a candidatura de Nilo Peçanha. Com a vitória de Arthur Bernardes, que dava continuidade à política do café-com-leite, as forças armadas começam conspirar contra o governo.

Essa conspiração atinge o seu ápice em 5 de julho de 1922, quando os tenentes se rebelam no Rio de Janeiro, tentando ocupar a Vila Militar, a Escola Militar do realengo e o Forte de Copacabana. Nos dois primeiros locais a revolta logo foi controlada, mas no Forte de Copacabana os revoltosos ofereceram maior resistência, chegando a disparar os canhões contra a Ilha da Cobras, o Palácio do Catete e outros pontos da cidade.



A revolta dura apenas 24 horas. Depois de bombardeados por aviões e pelo encouraçado São Paulo, grande parte dos revoltosos se rende e sua saída do forte é facilitada.

Dos 300 rebeldes iniciais, restam apenas 17, que decidem ir ao encontro das tropas do governo.

Na caminhada fatal pelas ruas de Copacabana, recebem a adesão do civil Otávio Correia. Devido à

recusa de rendição, há um forte tiroteio, do qual só sobrevivem dois tenentes. Por causa desse episódio, conhecido como **Os 18 do forte**, muitos militares foram punidos, aumentando ainda mais o descontentamento dos tenentes contra o governo de Arthur Bernardes.

Apesar do estado de sítio, censura à imprensa e intervenções nos estados, os tenentes se reorganizaram e no dia 5 de julho de 1924, em homenagem aos acontecimentos de Copacabana, promovem outra revolução, agora em São Paulo.

Após assumir o controle da cidade por quase um mês, os tenentes, não resistindo à artilharia governista, retiram-se em direção ao interior, onde se encontram com tropas vindas do Rio Grande do Sul, comandadas pelo capitão Luís Carlos Prestes.

Depois de algumas vitórias, os revoltosos percebem que o cerco formado pelas tropas do governo estava ficando cada vez mais forte. Se eles continuassem na região seriam derrotados. Para dar continuidade à luta formou-se uma coluna revolucionária, conhecida como **Coluna Prestes: cerca de 1.500 homens percorreram quase 25.000 quilômetros nos sertões brasileiros, durante dois anos e meio de aventuras e sofrimentos, na esperança de contribuir para a deposição do governo.**



Nas cidades e nos vilarejos do sertão, os rebeldes promovem comícios e divulgam manifestos contra o regime oligárquico da República Velha e contra o autoritarismo do governo Washington Luís, que mantém o país sob estado de sítio desde sua posse, em novembro de 1926. Os homens liderados por Luís Carlos Prestes e Miguel Costa não conseguem derrubar o governo e os remanescentes da Coluna Prestes se embrenham em território boliviano.

Apesar disso, devido a reputação de invencibilidade adquirida nessa marcha vitoriosa, a Coluna Prestes ajuda a abalar ainda mais os alicerces da República Velha e preparar a Revolução de 30.

A Coluna Prestes também projetou a liderança de Luís Carlos Prestes, que, desde sua entrada para o Partido Comunista Brasileiro e sua participação na Intentona Comunista de 1935, se tornaria uma das figuras centrais do cenário político do país nas três décadas seguintes.

Além do desgaste sofrido com as revoluções promovidas pelos tenentes, o governo brasileiro teve que enfrentar o forte impacto gerado pelo colapso do sistema financeiro internacional, iniciado em 1928 e que atingiu o clímax com o "**crack**" da bolsa de valores de Nova York.

A grande Depressão, expressão pela qual ficou conhecido esse período, foi marcada por falências, altíssimos índices de desemprego, fome, miséria etc. Como cada país procurou solucionar internamente os problemas gerados pela crise, houve uma ruptura nas relações comerciais, que abalou fortemente a exportação do principal produto brasileiro: **o café**.

A continuação desses acontecimentos será descrita no "Momento histórico da segunda fase Modernista"

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

A **SEMANA DE ARTE MODERNA** marca a ruptura entre a arte antiga e a moderna. Mas esse processo não ocorreu de forma repentina, ou seja, da noite para o dia. Ele passou por uma espécie de período embrionário, ou gestação, que durou cerca de dez anos. Isso quer dizer que, a partir de 1911, várias atividades culturais começaram a questionar a arte praticada na Academia Brasileira de Letras, até então considerada intocada, gerando assim o clima necessário para a realização da Semana e Arte Moderna.

Portanto, para compreender melhor o que foi A Semana de Arte Moderna é necessário uma breve retrospectiva dos episódios que a antecederam.

1911

Oswald de Andrade e Emílio Menezes fundam a revista "O Pirralho", que tinha o objetivo de questionar a arte brasileira. Essa revista satirizou, sempre de forma irreverente e divertida, alguns textos consagrados da nossa literatura. "O Pirralho" circulou até o ano de 1917 e chegou a contar com a colaboração de Di Cavalcante.

Veja no fragmento do poema abaixo como Juó Bananere, pseudônimo de Alexandre Marcondes Machado, satiriza com seu português "macarrônico" o poema "Meus oito anos" de Casimiro de Abreu:



"Os meus Otto Anno"

O chi sodades che io tegno
D'aquillo gustoso tempigno,
Ch'io stava o tempo intirigno
Brincando c'oas mulecada.
Che brutta insugliambaçó,
Che troça, che bringadêra,
Imbaxo das bananêra,
Na sombra dus bambuzá.

Che sbornia, che pagodêra,
Che pandiga, che arrelía,
A genti sempre afazia
No largo d'Abaxo o Piques.
Passava os dia i as notte
Brincando di scondi-scondi,
I atrepáno nus bondi,
Bulino c'os conduttore.



Foto de Alexandre Marcondes Machado o Juó Bananere

[Clique aqui para ler o poema na íntegra](#)

1912

[Oswald de Andrade](#) retorna de sua primeira viagem à Europa trazendo consigo as idéias Cubistas e Futuristas. Impressionado com esses movimentos, escreve, em versos livres, o poema "Passeio de um tuberculoso, pela cidade, de bonde". A obra foi tão mal recebida pelo público que o autor a jogou fora. A ida de Oswald à Europa foi muito importante, pois conheceu a técnica do verso livre proposta por Paul Fort. Sentindo a necessidade de remodelar as artes brasileiras, ainda muito influenciadas pelo academicismo, Oswald afirmou:

"Estamos atrasados cinquenta anos em cultura, chafurdados ainda em pleno Parnasianismo."

1913

Lasar Segall, um pintor russo que fixou-se no Brasil, fez uma exposição de pintura Expressionista. Essa mostra, apesar de representar a ruptura com o passado acadêmico, teve pouca repercussão nos meios artísticos. Algum tempo depois, Mário de Andrade disse o seguinte sobre essa exposição:

"a primeira exposição de pintura não acadêmica em nosso país"



Ao lado temos a obra "Duas Amigas" de Lasar Segall.

1914

Anita Malfatti, também influenciada pelo Expressionismo, fez sua primeira exposição.

1915

Anita Malfatti viaja para os Estados Unidos, onde entra em contato com o Cubismo. Ainda nesse ano, em Portugal, é lançada a Revista "Orpheu", marco inicial do Modernismo Português, que contou com a participação de [Ronald Carvalho](#), um dos agitadores da Semana de Arte Moderna.

1917

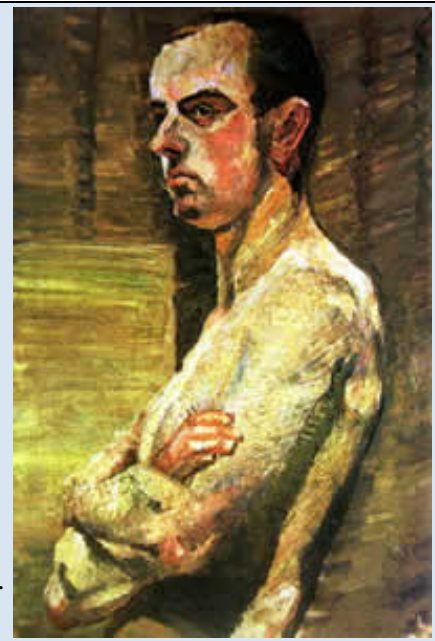
Esse é um ano fundamental para a realização da Semana de Arte Moderna. Primeiro porque [Mário de Andrade](#) e [Oswald de Andrade](#) tomam-se amigos, fato importante, uma vez que os dois participaram ativamente da comissão organizadora da Semana de 22. Além disso, nesse ano, foram publicadas as seguintes obras com inovações de linguagem, que, apesar de tímidas, já eram inovações:

- [Mário de Andrade](#), com o pseudônimo de Mário Sobral, publica o livro "**Há uma gota de sangue em cada poema**". [Manuel Bandeira](#), após ler essa obra, achou os poemas "ruins, mas de um ruim esquisito".
- [Menotti del Picchia](#) publica o poema regionalista "**Juca Mulato**";
- [Guilherme de Almeida](#) publica a obra "**Nós**";
- [Manuel Bandeira](#) lança o livro "**A cinza das horas**", ainda sob forte influência do decadentismo Simbolista;
- A revista "O Pirralho" publica "**Memórias sentimentais de João Miramar**" de [Oswald de Andrade](#);

No entanto, o **fato mais importante para o desencadeamento da Semana de 22 foi à exposição que Anita Malfatti organizou em São Paulo, reunindo 53 trabalhos com tendência Cubista**. Essa exposição gerou uma violenta crítica do escritor [Monteiro Lobato](#), publicada no Jornal "O Estado de São Paulo" na edição de 20 de dezembro. No artigo, intitulado "**Paranóia ou Mistificação**", que dividiu a opinião de artistas e público, Lobato, entre outras coisas, afirma:

"Estas considerações são provocadas pela exposição da Sra. Malfatti onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentimento das extravagâncias de Picasso e companhia. Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum. Poucas vezes, através de uma obra torcida para má direção, se notam tantas e tão preciosas latentes. (...) Entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama arte moderna, penetrou nos domínios dum impressionismo discutibilíssimo, e põe seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura..."

Ao lado temos a obra "O homem amarelo" de Anita Malfatti. Essa é uma das telas expostas, que provocaram a crítica violenta de Monteiro Lobato.



A investida de Lobato, que, apesar de ter idéias avançadas, era respeitadíssimo por toda intelectualidade da época, serviu para conscientizar todo um grupo de intelectuais em torno da idéia revolucionária do Modernismo.

1918/1919

São publicadas várias obras de autores que viriam a participar da Semana de Arte Moderna. Dentre elas destacam-se "A dança das horas" e "Messidor" de [Guilherme de Almeida](#).

[Manuel Bandeira](#) publica "Carnaval", já fazendo uso do verso livre. Além disso, o crítico Andrade Muricy publica o ensaio "Alguns Poetas Novos", no qual comenta a decadência do [Parnasianismo](#) e do [Simbolismo](#).

1920

O grupo modernista descobre o escultor **Victor Brecheret**, que retomou a São Paulo depois de ter estudado em Roma. Brecheret expõe a maquete do Monumento às Bandeiras, provocando nova efervescência entre os jovens Modernistas. A presença de Brecheret foi tão marcante que Mário de Andrade chegou a firmar o seguinte:

"Victor Brecheret, para nós, era no mínimo gênio"

Ao lado o Monumento às Bandeiras de Victor Brecheret.



1921

- No dia 9 de janeiro, realizou-se um banquete no Palácio Triunfo para comemorar o lançamento da obra "As máscaras", de [Menotti del Picchia](#). Nesse evento, Oswald de Andrade faz um discurso criticando os autores passadistas e exaltando a arte moderna;

- No Recife e no Rio de Janeiro, Vicente do Rego Monteiro expõe seus quadros;

- As idéias modernistas vão se intensificando. Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Cândido Mota Filho e [Mário de Andrade](#) publicam uma série de artigos divulgando as idéias do novo movimento. Entre agosto e setembro, Mário de Andrade publica no "**Jornal do Comércio**" a série "**Mestres do Passado**", na qual analisa a poesia de autores consagrados do Parnasianismo. Em um desses artigos Mário diz:

"Malditos para sempre os Mestres do Passado! Que a simples recordação de um de vós escravize os espíritos no amor incondicional pela forma! Que o Brasil seja infeliz porque os criou! Que o universo se desmantele porque vos comportou! E que não fique nada! Nada! Nada!"

- Ainda nesse ano [Oswald de Andrade](#) publicou um artigo no qual chamava Mário de Andrade de "**meu poeta futurista**". Isso se deu porque ele leu os originais de "Pauliceia Desvairada", livro que seria publicado no ano seguinte e representaria o primeiro livro de poemas modernistas brasileiro. Mário de Andrade respondeu negando sua condição de poeta futurista da seguinte forma:

"Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o Tenho pontos de contatos com o Futurismo. Oswald de Andrade chamou-me de futurista, errou. A culpa é minha. Sabia da existência do artigo e deixei que saísse."

Essa atitude de Mário é muito fácil de ser explicada: Nessa época Marinetti, líder do movimento Futurista, aderiu ao Fascismo e essa idéia era repudiada pelos escritores brasileiros.

- Em novembro acontece a exposição "**Fantoches da Meia-Noite**" de Di Cavalcanti. Durante a mostra, o pintor conhece Graça Aranha, que havia retornado da França, e surge a idéia de realizar a Semana de Arte Moderna.
- Nos anos de 1920 e 1921, [Menotti del Picchia](#), utilizando o pseudônimo de Helios, publicou no jornal Correio Paulistano, vários artigos que divulgavam as novas estéticas modernistas e promoviam o grupo vanguardista.

Como pode ser observado nessa breve retrospectiva dos principais fatos que antecederam a SAM, percebe-se que a intenção de elevar a cultura brasileira ao mesmo nível dos movimentos de vanguarda europeus foi originada por grupo de pessoas que integravam a burguesia culta de São Paulo e do Rio Janeiro. Somente um grupo de pessoas com curiosidade intelectual e com poder financeiro poderiam viajar à Europa, comprar bons livros, visitar museus e exposições de arte e retornar com idéias novas para efetivamente renovar o cenário cultural brasileiro.

Modernismo

- Brasil 1ª Fase

- Preliminares

- Momento Histórico

- Período Embrionário

- A Semana de Arte Moderna

- Os anos posteriores

- Características

- Cronologia

AS PRIMEIRAS [informações](#) sobre a Semana de Arte Moderna foram publicadas nos jornais "O Correio Paulistano" e no "O Estado de São Paulo" no dia 29 de Janeiro de 1922. Durante os dias que antecederam a realização do evento várias notícias circularam pelos jornais da cidade, gerando uma grande expectativa em torno do espetáculo. Isso explica a enorme presença de público na noite de 13 de fevereiro.

A abertura da SAM ficou por conta de [Graça Aranha](#), escritor Pré-modernista que aderiu ao movimento Modernista. Em sua conferência, "A emoção estética na arte moderna", acompanhada por poemas de [Ronald Carvalho](#) e [Guilherme de Almeida](#) e pela música de Ernani Braga, Graça Aranha criticou duramente a Academia Brasileira de Letras por seu conservadorismo, gerando protestos na platéia.

Ernani Braga, que executou "D'Edriophthalma", de Eric Satie, uma irreverente paródia da "Marcha Fúnebre" do compositor Romântico Chopin, também causou muitos protestos, dentre eles o da pianista Guiomar Novaes:

"Em virtude do caráter bastante exclusivista e intolerante que assumiu a primeira festa de arte moderna, realizada na noite de 13 do corrente, no Teatro Municipal, em relação às demais escolas de música, das quais sou intérprete e admiradora, não posso deixar de declarar aqui o meu desacordo com esse modo de pensar. Senti-me sinceramente contristada com a pública exibição de peças satíricas à música de Chopin."

Algum tempo depois, referindo-se a conferência proferida por Graça Aranha, [Oswald de Andrade](#), gozador como sempre foi, disse o seguinte:

"Bestética na Arte Moderna".

A noite continuou com a conferência "A pintura e a escultura moderna no Brasil" de Ronald Carvalho, seguida por três solos de piano, de Ernani Braga, e por três danças Africanas, de Villa Lobos.

No dia 15 de fevereiro foi realizado o segundo espetáculo que tinha o seguinte programa:

- Palestra de [Menotti Del Picchia](#), ilustrada com dança da senhorinha Yvinne Daumerie e por poesias e trechos de prosas de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Plínio Salgado etc;
- Solos de piano de Guiomar Novaes;
- Palestra de Mário de Andrade no saguão do teatro;
- Palestra de Renato de Almeida "Perenis poesia"; (um sátira ao culto das rimas ricas e à poesia de "fita métrica");
- Canto e piano por Frederico Nascimento Filho e Lucília Villa-Lobos - quarteto terceiro (cordas, 1916).

A grande atração da noite era a pianista Guiomar Novaes que, apesar do protesto, se apresentou. No entanto, as atenções concentraram-se em [Ronald Carvalho](#), que causou o maior escândalo ao declamar o poema "[Os Sapos](#)", de [Manuel Bandeira](#), numa crítica aberta ao modelo parnasiano. O público, em coro, respondeu ironizando o refrão de alguns versos: "Foi! Não foi! Foi! Não foi!". Em um certo momento um membro da platéia começa a latir. Então, [Ronald de Carvalho](#) interrompe a leitura e comenta:

"Meus senhores e minhas senhoras, tem um cachorro na platéia, mas ele não está do nosso lado"



Depois desse dia, o poema "[Os Sapos](#)" tornou-se uma espécie de hino modernista.

Durante o intervalo, em pé na escadaria, [Mário de Andrade](#) pronunciou uma breve palestra sobre exposição de artes plásticas e leu algumas páginas da obra "**A Escrava que não é Isaura**". O público, como já era esperado, reagiu com mais vaias.

Vinte anos depois, Mário de Andrade escreveu o seguinte sobre esse episódio:

"Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer?..."

O terceiro e último espetáculo foi realizado na noite do dia 17. O programa era o seguinte:

- Música de Villa Lobos;
- Canto e piano por Maria Emma e Lucília Villa-Lobos;
- Historietas de Ronald Carvalho;
- Sonata II para violino e piano com Paulina d' Ambrósio e Frutuoso de Lima Vianna;
- Solos de Piano por Emani Braga;
- Quarteto simbólico (impressões da vida mundana): flauta, saxofone, celesta e harpa ou piano com vozes femininas em coro oculto.

Nessa noite o público já não lotava as dependências do teatro, mas comportava-se "mais respeitadamente". Isso só se alterou quando **o maestro Villa Lobos entrou em cena de casaca e de chinelos. A platéia interpretou isso como uma atitude futurista e vaiou. Entretanto, o ato não se tratava de uma atitude futurista, mas de um problema no pé do músico.**

A Semana de Arte Moderna tinha o objetivo de chocar a burguesia, que estava acostumada a ir ao Teatro Municipal assistir as óperas e companhias dramáticas estrangeiras, e **dar uma sacudidela nas artes nacionais, que estavam estagnadas**. O alvo principal foi o [Parnasianismo](#). Isso se deu porque esse estilo, além de anteceder o Modernismo e estar muito apegado a regras e modelos, era muito apreciado pela burguesia, classe que se queria chocar.

O objetivo proposto foi plenamente alcançado: **ao ver seus valores culturais serem "destruídos", o público reagiu com vaias, assobios etc. Há quem diga que houve até agressões entre os espectadores**. No entanto, [o mais importante foi a longa repercussão na imprensa da época](#). Foi esse o clima que marcou a ruptura com o tradicionalismo em voga até o momento e colocou as artes nacionais em linha com os movimentos de vanguarda europeus.



Comissão organizadora da Semana de Arte Moderna. Passe o mouse sobre a imagem da pessoa desejada para saber o seu nome.

A idéia de organizar a SAM é atribuída ao pintor Di Cavalcanti. No entanto, foi graças ao

escritor [Graça Aranha](#) que ela pode ser realizada, pois ele conseguiu, além do dinheiro, o apoio de importantes artistas cariocas e garantiu a presença do governador Washington Luís. Dentre os principais membros da elite que financiaram a SAM destacam-se: Paulo Prado, Oscar Rodrigues Alves, Antonio Padro Junior etc. O jornal Correio Paulistano, do qual Menotti del Picchia era redator, também patrocinou o evento.

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

Clique sobre as imagens para vê-las em tamanho maior



APÓS A REALIZAÇÃO DA SEMANA DE ARTE MODERNA (SAM), inicia-se o primeiro e mais radical Momento Modernista. **Compreendido entre 1922 e 1930, esse período é marcado por uma série de manifestos e revistas, de duração efêmera, que divulgavam as novas idéias.** Confira o depoimento de [Mário de Andrade](#):

" A semana de Arte Moderna dava um primeiro golpe na pureza do nosso aristocracismo espiritual. Consagrado o movimento pela aristocracia paulista, si ainda sofreríamos algum tempo ataques por vezes cruéis, a nobreza regional nos dava mão forte e... nos dissolvia nos favores da vida. Está claro que não agia de caso pensado, e si nos dissolvia era pela própria natureza e o seu estado de decadência. Numa fase em que ela não tinha mais nenhuma realidade vital, como certos reis de agora, a nobreza rural paulista só podia nos transmitir a sua gratuidade. Principiou-se o movimento dos salões. **E vivemos uns oito anos até perto de 1930, na maior orgia intelectual que a história do país registra.**"

Por ser um período **de busca de definições**, essa fase compreendeu alguns grupos que se dividiram ideologicamente. Em São Paulo, **do lado mais engajado**, estavam [Mário de Andrade](#), [Oswald de Andrade](#), [Alcântara Machado](#), Sergio Milliet etc. **Esse grupo foi o responsável pela fundação das revistas [Klaxon](#), [Terra Roxa e Outras Terras](#).** Além disso, [Oswald de Andrade](#) escreveu o [Manifesto da Poesia Pau-Brasil](#) e [Manifesto Antropófago](#), que deu origem a [Revista de Antropofagia](#).

Do lado mais conservador estavam [Menotti Del Picchia](#), Cassiano Ricardo e Plínio Salgado. Eles foram os organizadores do [Grupo Verde Amarelismo](#), que **acentuou o seu teor reacionário com a formação da Escola da Anta.**

Além das revistas e manifestos mencionados acima, ainda destacam-se:

- A revista "**Estética**", lançada no Rio de Janeiro em 1924, liderada por Sérgio Buarque de Holanda. Essa revista, apesar de ter apenas 3 números, durou até 1925. O seu conteúdo era muito rico em material teórico. Foi nessa revista que [Graça Aranha](#) publicou artigos que revelavam a sua tentativa em atualizar-se dentro do movimento modernista e que marcavam também o seu rompimento com a Academia Brasileira de Letras. Confira um trecho do artigo "Mocidade e Estética":
"A ação do jovem moderno será eminentemente social. A estética que o inspira lhe patenteará pela análise do que é o Brasil e quais os trabalhos extremos a que se deve consagrar"
- A revista católica "**Festa**", também do Rio de Janeiro, da qual participavam Tasso da Silveira, Murilo Mendes e Cecília Meireles e com colaborações de [Mário de Andrade](#). Em sua primeira fase, de 1927 a 1929, foram publicados doze números. Sua diagramação era moderna: títulos em letras minúsculas e matérias organizadas de forma pouco convencional. A revista destaca-se devido ao seu caráter crítico, apresentados ao público em longos ensaios.
- O periódico "**A Revista**", responsável pela divulgação das idéias modernistas em Minas Gerais, contava com a participação de Carlos Drummond de Andrade. Apesar da publicação de apenas três números essa revista abriu o caminho para o surgimento da "**Revista Verde**" de Cataguazes.

Dentre os manifestos, destaca-se ainda o "Manifesto Regionalista", que não era bem um manifesto, pois reunia uma série de pronunciamentos feitos em 1926, quando foi realizado o Primeiro Congresso Regionalista do Nordeste. Liderados por Gilberto Freire, o "**Grupo de Recife**" trabalhava em **prol dos interesses da região nos setores sociais, econômicos e culturais.**

A forma de expressão que mais se destaca e a que mais apresenta inovações nesse Primeiro

Momento Modernista é a poesia. Os principais autores desse período são: [Mário de Andrade](#), [Oswald de Andrade](#), [Manuel Bandeira](#), [Menotti Del Picchia](#), [Alcântara Machado](#), Cassiano Ricardo e Plínio Salgado.

Nas outras artes (pintura, arquitetura, música e escultura), destacam-se Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Villa Lobos e Vitor Brecheret.

De 1930 a 1945, o movimento modernista vive um segundo momento, que reflete as transformações passadas pelo país.

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

O **PRIMEIRO MOMENTO MODERNISTA**, compreendido entre os anos de 1922 e 1930, **devido ao seu caráter anárquico e sentido destruidor, é o mais radical de todos os três momentos desse movimento**. Isso se dá devido à **necessidade de se romper com o tradicionalismo, ou seja, com a tradição acadêmica da época e chocar o público**. Para conseguir isso e para manifestar todas as idéias modernistas que as revistas e os manifestos da época propunham, os modernistas, no campo da literatura, fizeram uso de muitos recursos de linguagem: [liberdade formal](#), [aproximação da linguagem poética coma da prosa](#), [metalinguagem](#) (questionamento da língua literária), [valorização do cotidiano](#) etc.

Vale lembra que hoje em dia esses recursos são muito comuns e é difícil, para o leitor moderno, encontrar novidade e inovação neles. No entanto, para a época, esse recursos eram tão inovadores, que chegavam a chocar o leitor.

Além da **nova linguagem**, o Primeiro Momento Modernista também é caracterizado pelo **nacionalismo exacerbado**; pela **procura de uma "língua nacional"**, ou seja, **a língua falada pelo povo nas ruas**; pela **reescritura de textos do passado**, na forma de paródia; e pela **incorporação do humor e irreverência**.

Dentre todas essas características, **o humor e irreverência, foram as grandes marcas da literatura desse primeiro Momento**. Muita ironia e sarcasmo caracterizaram os poemas-piada, que satirizavam as antigas escolas literárias e os costumes do passado. Um exemplo disso pode ser observado na comparação dos dois textos abaixo. Repare que os dois textos têm como tema à velhice. No entanto, o texto de [Oswald de Andrade](#) trata desse assunto com muito humor.



"Engelhadas as faces, os cabelos Brancos, ferido,
chegas da jornada Revês da infância os dias..."
Olavo Bilac

Velhice
O netinho jogou os óculos Na Latrina
Oswald de Andrade

Nota: Comparação extraída da obra Língua e Literatura volume 3 - Faraco & Moura

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

Consulte também:

- [Cronologia do período Pré-Modernista](#);
- [Período embrionário da SAM](#)

Principais fatos da 1ª fase do período Modernista Brasileiro

1921	<ul style="list-style-type: none"> ● Fundação do jornal Folha da Noite.
1922	<ul style="list-style-type: none"> ● Arthur Bernardes assume a Presidência da República; ● Realização da Semana de Arte Moderna; ● Criação do Partido Comunista Brasileiro; ● Oswald de Andrade lança o livro "Alma"; ● Mário de Andrade lança "Paulicéia Desvairada"; ● Movimento Tenentista. Os tenentes militares se rebelam no Rio de Janeiro. Esse episódio ficou conhecido como Os 18 do forte.
1923	<ul style="list-style-type: none"> ● Victor Brecheret conclui o projeto do Monumento às Bandeiras.
1924	<ul style="list-style-type: none"> ● Rebelião em São Paulo contra o governo de Arthur Bernardes; ● Início da marcha da Coluna Prestes, liderada por Luís Carlos Prestes; ● Oswald de Andrade publica no jornal "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, o "Manifesto da Poesia Pau-Brasil"; ● Oswald de Andrade publica a obra "Memórias Sentimentais de João Miramar"; ● Manuel Bandeira publica a obra "Poesias".
1925	<ul style="list-style-type: none"> ● Mário de Andrade publica "A Escrava que não é Isaura"; ● Guilherme de Almeida viaja ao Recife para divulgar os ideais modernistas.
1926	<ul style="list-style-type: none"> ● Washington Luís assume a presidência da República; ● Mário de Andrade publica as obras "Primeiro Andar" e "Losango Cáqui"; ● Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Paulo Prado acompanham o poeta francês Blaise Cendrars em excursão pelo interior de Minas Gerais.
1927	<ul style="list-style-type: none"> ● Gregori Warchavchik, arquiteto Russo, constrói a primeira casa modernista do país, localizada em São Paulo; ● Oswald de Andrade publica "A Estrela do Absinto"; ● Antônio de Alcântara Machado publica "Brás, Bexiga e Barra Funda"; ● Mário de Andrade publica "Amar, Verbo Intransitivo".
1928	<ul style="list-style-type: none"> ● Oswald de Andrade lança o Manifesto Antropofágico; ● Mário de Andrade publica "Macunaíma"; ● Começa a circular a "Revista de Antropofagia"; ● Cassiano Ricardo publica "Martin-Cererê"; ● Menotti del Pichia lança a obra "República dos Estados Unidos do Brasil";
1929	<ul style="list-style-type: none"> ● Quebra da Bolsa de Nova York. Como consequência a exportação do café foi prejudicada

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

"Foi como se esperava, um notável fracasso a récita de ontem da pomposa Semana de Arte Moderna, que melhor e mais acertadamente deveria chamar-se Semana de Mal às artes. O futurismo tão decantado não é positivamente de futuro... No presente, diante da ignorância de tal semana por parte da sonolenta sociedade, ainda é possível que dê alguma coisa; depois, porém, de conhecer a droga, ninguém penetrará a botica em que foi transformado o Municipal..."

Folha da Noite - 16/2/1922.

"A Semana de Arte Moderna esta para acabar. E pena, porque, com franqueza, se ponto de vista artístico aquilo representa o definitivo fracasso da escola futurista, como divertimento foi insuperável".

Jornal do Comércio - 18/2/1922.

A teratologia* futurista

"Não é só um problema de estética, mas deve ser estudado como fenômeno de patologia mental. Todas as extravagâncias do Futurismo originam-se de um verdadeiro estado de espírito mórbido. O desejo incontido de "chamar a atenção" e a ingenuidade de certos espíritos desprovidos de qualquer preparo, o desequilíbrio de alguns cérebros e o verdor da mocidade não são os principais motivos e o que caracteriza os adeptos desta escola.

Futurismo e teratologia são expressões sinônimas. Os espíritos fracos que por incapacidade mental não alcançaram o verdadeiro sentido da arte e atingiram a espiritualidade dos grandes gênios atiram-se ao Futurismo na ilusão de serem "incompreendidos", pois todo futurista se julga gênio iludido pela pretensa vaidade".

* Estudo das monstruosidades.

Folha da Noite 15/2/1922.

"O futurismo é o artritismo mental de uma geração"

A Gazeta 17/2/1922.

"Ao público chocado diante da nova música tocada na Semana, como dos quadros expostos e dos poemas sem rima(...) sons sucessivos sem nexos estão fora da Arete musical: são ruídos, são estrondos; palavras sem nexos estão fora do discurso: são disparates como tantos e tão cabeludos que nesta semana conseguiram desopilar os nervos do público paulista, que raramente ri a bandeiras despregadas."

A Gazeta 17/2/1922.

"Precisa-se de um moço honesto que saiba fazer versos futuristas. Exige-se um atestado de ignorância"

Anúncio veiculado no jornal do Comércio em 18/02/1922.

"É preciso que se saiba que nos manicômios se produzem poemas, partituras, quadros e estátuas, e que essa arte de doidos tem o mesmo característico da arte dos futuristas e cubistas que andam soltos por aí"

Jornal do Comércio 22/2/1922.



"Em música são ridículos, na poesia são malucos e na pintura são borradores de telas"

Oscar Guanabara - Jornal do Comércio.

Como se pode notar nos fragmentos de notícias de jornais acima, a repercussão da SAM ficou quase que restrita aos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Isso, para o grupo modernista tinha uma explicação:

"As artes florescem sempre nas terras que apresentam um apogeu de progresso de civilização. As terras inertes e decadentes não podem apresentar tais paroxismos. São Paulo toma pois também nas artes a dianteira arrogante que lhe cabe. A hegemonia artística da corte não existe mais no comércio como no futebol, na riqueza como nas artes. São Paulo caminha na frente"

::: Oswald de Andrade (1890-1954)

OSWALD DE ANDRADE, poeta, romancista e dramaturgo, nasceu em São Paulo em 11 de janeiro de 1890. Filho de família rica, estuda na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e, em 1912, viaja para à Europa. Em Paris, entra em contato com o Futurismo e com a boemia estudantil. Além das idéias Futuristas, conhece Kamiá, mãe de Nonê, seu primeiro filho, nascido em 1914.

De volta a São Paulo faz jornalismo literário. Em 1917, passa a viver com Maria de Lourdes Olzani (ou Deise), conhece Mário de Andrade e defende a pintora Anita Malfatti de uma crítica devastadora de Monteiro Lobato. Ao lado deles, e de outros intelectuais, organiza a Semana de Arte Moderna de 1922.

Em 1924 publica, pela primeira vez, no jornal "Correio da manhã", na edição de 18 de março de 1924, o Manifesto da [Poesia Pau-Brasil](#). No ano seguinte, após algumas alterações, o Manifesto abria o seu livro de poesias "Pau-Brasil".

Em 1926, Oswald casa-se com a Tarsila do Amaral e os dois tornam-se o casal mais importante das artes brasileiras. Apelidados carinhosamente por Mário de Andrade como "**Tarsiwald**", o casal funda, dois anos depois, o Movimento Antropófago e a [Revista de Antropofagia](#), originários do [Manifesto Antropófago](#). A principal proposta desse Movimento era que o Brasil devorasse a cultura estrangeira e criasse uma cultura revolucionária própria.

O ano de 1929 é fundamental na vida do escritor. A crise de 29 abalou as suas finanças, ele rompe com Mário de Andrade, separa-se de Tarsila do Amaral e apaixonou-se pela escritora comunista Patrícia Galvão (Pagu). O relacionamento com Patrícia Galvão intensifica sua atividade política e Oswald passa a militar no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Além disso, o casal funda o jornal "O Homem do Povo", que durou até 1945, quando o autor rompeu com o PCB. Do casamento com Patrícia Galvão, nasceu Rudá, seu segundo filho.

Depois de separar-se de Pagu, casou-se, em 1936, com a poetisa Julieta Bárbara. Em 1944, mais um casamento, agora com Maria Antonieta D'Aikmin, com quem permanece junto até a morte, em 1954.

Nenhum outro escritor do Modernismo ficou mais conhecido pelo espírito irreverente e combativo do que Oswald de Andrade. Sua atuação intelectual é considerada fundamental na cultura brasileira do início do século. A obra literária de Oswald apresenta exemplarmente as características do Modernismo da primeira fase.

A poesia de Oswald é precursora de um movimento que vai marcar a cultura brasileira na década de 60: o Concretismo. Suas idéias, ainda nessa década, reaparecem também no Tropicalismo.

"**Memórias sentimentais de João Miramar**" chama a atenção pela linguagem e pela montagem inédita. O romance apresenta uma técnica de composição revolucionária, se comparado aos romances tradicionais: são 163 episódios numerados e intitulados, que constituem capítulos-relâmpagos (tudo muito influenciado pela linguagem do cinema) ou, mais precisamente, como se os fragmentos estivessem dispostos num álbum, tal qual fotos que mantêm relação entre si. Cada episódio narra, com ironia e humor, um fragmento da vida de Miramar. "Recorte, colagem, montagem", resume o crítico Décio Pignatari.



Oswald de Andrade por Tarsila do Amaral



Oswald de Andrade por Tarsila do Amaral



::: Principais Obras

Além dos manifestos da [Poesia Pau-Brasil \(1924\)](#); [Manifesto Antropófago \(1928\)](#), Oswald escreveu:

Poesia:

- Pau-Brasil (1925);
- Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade (1927);
- Cântico dos cânticos para flauta e violão (1945);
- Ô escaravelho de ouro (1945).

Romance:

- Os condenados (trilogia) (1922-34);
- Memórias sentimentais de João Miramar (1924);
- Serafim Ponte Grande (1933);
- Marco Zero -a revolução melancólica (1943).

Teatro:

- O homem e o cavalo (1934);
- A mona (1937);
- O rei da veia (1937).

::: Confira abaixo alguns poemas de Oswald de Andrade

- [A Descoberta](#)
- [Canto de Regresso à Pátria](#)
- [Pronominais](#)
- [Erro de Português](#)
- [O Capoeira](#)
- [Oferta](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)



::: Mário de Andrade (1893 -1945)

MÁRIO RAUL DE MORAIS ANDRADE é filho de Carlos Augusto de Moraes Andrade e Maria Luísa Leite Moraes Andrade e nasceu no dia 9 de outubro de 1839, na Rua Aurora, 320, em São Paulo.

Representante fundamental do modernismo, Mário de Andrade, após cursar as primeiras letras, matricula-se na Escola de Comércio Álvares Penteado, mas logo abandona o curso para ingressar, em 1911, no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

No ano de 1917 ocorrem quatro fatos importantes em sua vida:

- a morte de seu pai;
- a sua estréia literária: sob o pseudônimo de Mário Sobral é publicada a obra "Há uma Gota de Sangue em Cada Poema";
- a conclusão do curso de piano;
- o início da amizade com Oswald de Andrade.

Em 1920 já é integrante do grupo modernista de São Paulo. Em 1921 está presente no lançamento do Modernismo no banquete do Trianon. Ainda nesse Oswald de Andrade publicou um artigo, no jornal do Comércio, no qual chamava Mário de Andrade de "**meu poeta futurista**", Isso se deu porque ele leu os originais de "Pauliceia Desvairada", livro que seria publicado no ano seguinte e representaria o primeiro livro de poemas modernistas brasileiro. Mário de Andrade respondeu negando sua condição de poeta futurista da seguinte forma:

"Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o Tenho pontos de contatos com o Futurismo. Oswald de Andrade chamou-me de futurista, errou. A culpa é minha. Sabia da existência do artigo e deixei que saísse."

Essa atitude de Mário é muito fácil de ser explicada: Nessa época Marinetti, líder do movimento Futurista, aderiu ao Fascismo e essa idéia era repudiada pelos escritores brasileiros. Entre agosto e setembro, Mário de Andrade publica no "Jornal do Comércio" a série "Mestres do Passado", na qual analisa a poesia de autores consagrados do Parnasianismo. Em um desses artigos Mário diz:

"Malditos para sempre os Mestres do Passado! Que a simples recordação de um de vós escravize os espíritos no amor incondicional pela forma! Que o Brasil seja infeliz porque os criou! Que o universo se desmantele porque vos comportou! E que não fique nada! Nada! Nada!"

No ano de 1922, junto com Oswald de Andrade, participa ativamente da Semana de Arte Moderna de 1922. No segundo dia de espetáculos, durante o intervalo, em pé na escadaria, Mário de Andrade lê algumas páginas da obra "**A Escrava que não é Isaura**". O público, como já era esperado, reagiu com vaias.

Ainda nesse ano publica **Paulicéia Desvairada**, cujo "**Prefácio Interessantíssimo**" lança as bases estéticas do Modernismo. Ainda nesse período colabora com as revistas Klaxon, Estética, Terra Roxa e Outras Terras e é nomeado professor catedrático do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

Em 1925, com o livro de ensaios "A Escrava Que Não é Isaura" afirma-se no cenário literário como um dos grandes teóricos do modernismo. Três anos depois, em Macunaíma, misto de romance, epopéia, mitologia, folclore e história, traça um perfil do brasileiro, com seus defeitos e virtudes, criando a saga do "herói sem caráter".

Por volta de 1934, Mário torna-se chefe do Departamento de Cultura de São Paulo. Quatro anos depois, por motivos políticos, afasta-se do cargo e muda-se para o Rio de Janeiro, onde exerce o cargo de



Mário de Andrade por Lasar segal



Capa da obra Pauliceia Desvairada

professor da Universidade do Distrito Federal. Lá fica pouco tempo, a forte ligação com São Paulo o fez regressar. A Segunda Guerra Mundial parece ter afetado profundamente o poeta, que falece na tarde de 25 de fevereiro de 1945.

Em seu livro de estréia "Há uma gota de sangue em cada poema", feito sob o impacto da Primeira Guerra, Mário apresenta poucas novidades estilísticas. Mas isso já foi o suficiente para incomodar a crítica acadêmica. Sua poesia modernista só vem a tona no livro **"Paulicéia Desvairada"**, inspirada na análise da cidade de São Paulo e seu provincianismo. Nessa obra o autor rompe definitivamente com todas as estruturas do passado.

Além de poesia, Mário de Andrade escreveu contos e romances. Os contos mais significativos acham-se **em "Belazarte" e em "Contos novos"**. No primeiro, a escolha do assunto predominante (o proletariado em seu problemático dia-a-dia) mostra a preocupação do autor na denúncia das desigualdades sociais. No segundo, constituído de textos esparsos reunidos em uma publicação póstuma, estão os contos mais importantes como **"Peru de Natal" e "Frederico Paciência"**.

Em seu primeiro romance, "Amar, verbo intransitivo", Mário desmascara a estrutura familiar paulistana. A história gira em torno de um rico industrial que contratou uma governanta (Fräulein) para ensinar alemão aos filhos. Na verdade, essa tarefa era apenas uma fachada para a verdadeira missão de Fräulein: a iniciação sexual de Carlos, filho mais velho do industrial.

Na obra "Macunaíma", classificada na primeira edição como uma "rapsódia" (1) temos, talvez, a criação máxima de Mário de Andrade. A partir da figura de Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, temos o choque do índio amazônico com a tradição e a cultura européia.

O romance pode ser assim resumido: Macunaíma nasce sem pai, na tribo dos índios Tapanhumas. Após a morte da mãe, ele e os irmãos (Maamape e Jinguê), partem em busca de aventuras. Macunaíma encontra Ci, Mãe do Mato, rainha das Icamiabas, tribo de amazonas, faz dela sua mulher e torna-se Imperador do Mato-Virgem. Ci dá à luz um filho, mas ele morre e ela também, (Ci se transforma na estrela beta do Centauro). Logo em seguida, Macunaíma perde o amuleto (muiraquitã) que ela lhe dera.

Sabendo que o amuleto está nas mãos de um mascate peruano que morava em São Paulo e que na verdade é Piaimã, o gigante antropófago, Macunaíma, acompanhado dos irmãos (Jinguê e Maanape), rumam ao seu encontro. Após inúmeras aventuras em sua caminhada, o herói recupera o amuleto, matando Piaimã. Em seguida, Macunaíma volta para o Amazonas e, após uma série de aventuras finais, sobe aos céus, transformando-se na constelação da Ursa Maior.

(1) rapsódia:

1. Cada um dos livros de Homero
2. P. ext. Trecho de uma composição poética.
3. Entre os gregos, fragmentos de poemas épicos cantados pelo rapsodo.
4. Mús. Fantasia instrumental que utiliza temas e processos de composição improvisada tirados de cantos tradicionais ou populares:

Fonte: Dicionário Aurélio

:: Principais Obras

Poesia:

- Há uma Gota de Sangue em Cada Poema (1917);
- Paulicéia Desvairada (1922);
- Losango Cáqui (1926);
- Clã do Jaboti (1927);
- Remate de Males (1930);
- Poesias (1941).

Prosa:



Capa da obra O Losango Cáqui

**"Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquisila,
Porém essa culpa é fácil
De se acabar de uma vez:
E só tirar a cortina
Que entra luz nesta
escuridez. "**

- Primeiro Andar (1926);
- Amar, Verbo Intransitivo: idílio (1927);
- Macunaíma, o herói sem nenhum caráter (1928);
- Belazarte (1934);
- Os Filhos da Candinha (1943);
- Contos Novos (1947).

Ensaios:

- A Escrava que não é Isaura (1925);
- Ensaio sobre a Música Brasileira (1928);
- O Aleijadinho e Álvares de Azevedo (1935);
- Namoros com a Medicina (1939);
- O Baile das Quatro Artes (1943);
- Aspectos da Literatura Brasileira (1943);
- Padre Jesuíno de Monte Carmelo (1945);
- O Empalhador de Passarinhos (1946).

::: Confira abaixo algumas obras de Mário de Andrade

- [O Peru de Natal \(conto\)](#)
- [Ode ao burguês](#)
- [Descobrimento](#)
- [Lundu do Escritor Difícil](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

::: Manuel Bandeira (1886-1968)

MANUEL CARNEIRO DE SOUZA BANDEIRA FILHO nasceu em Recife, em 19 de abril de 1886. Ainda jovem, muda-se para o Rio de Janeiro, onde faz seus estudos secundários. Em 1903 transfere-se para São Paulo, onde inicia o curso de Engenharia na Escola Politécnica. No ano seguinte, interrompe os estudos por causa da tuberculose e retorna ao Rio de Janeiro. Desenganado pelos médicos, passa longo tempo em estações climáticas do Brasil e da Europa, onde toma contato com a poesia simbolista e pós-simbolista.

Nessa fase é que inicia-se realmente a produção poética de Manuel Bandeira, conforme explica o crítico Davi Arrigucci Jr.:

"A poesia de Bandeira (..) tem início no momento em que sua vida, mal saída da adolescência, se quebra pela manifestação da tuberculose, doença então fatal. O rapaz que só fazia I versos por divertimento ou brincadeira, de repente, diante do ócio obrigatório, do sentimento de vazio e tédio, começa a fazê-los por necessidade, por fatalidade, em resposta à circunstância terrível e inevitável".

Em 1917 publica seu livro de estréia "A cinza das horas", de nítida influência parnasiana e simbolista. Ainda nesse período fixa-se no Rio de Janeiro, onde escreve poesia e prosa, faz crítica literária e leciona na Faculdade Nacional de Filosofia. **Em 1919 publica a obra "Carnaval"**. **Nessa obra já faz uso do verso livre. Por isso, os Modernistas viram em Manuel Bandeira um precursor do movimento Modernista.** Bandeira influenciou tanto os jovens modernistas que Mário de Andrade chamava-o de **"São João Batista do modernista brasileiro"**. Apesar disso, em 1922, por não concordar com a intensidade dos ataques feitos aos parnasianos e simbolistas, **não participa diretamente da Semana de Arte Moderna.** No entanto, seu poema **"Os Sapos"**, lido por Ronald de Carvalho, **provocou reações radicais na segunda noite do acontecimento.**

Entre 1916 e 1920, enquanto lutava contra a tuberculose, perde a mãe, a irmã e o pai, passando a viver solitariamente, apesar dos amigos e das reuniões na Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1940. Devido a todas essas desilusões, Manuel Bandeira tinha todos os motivos do mundo para ser um sujeito mal-humorado. Não era. Ele sempre teve um sorriso simpático e, apesar da miopia e de ser "dentuço", adorava **"ser fotografado, traduzido, musicado..."**. Apesar de ser um homem apaixonado por mulheres, nunca se casou, ele dizia que **"perdeu a vez"**.

Em 13 de outubro de 1968, o poeta, que já contava mais de 80 anos, faleceu na cidade do Rio de Janeiro, vítima de parada cardíaca, e não de tuberculose, doença o acompanhou durante quase toda a sua vida.

Em toda a sua trajetória poética Bandeira nos mostra a preocupação com a constante busca por novas formas de expressão. **Em seu livro de estréia, "A cinza das horas" temos poemas classificados como parnasiano-simbolistas. Já em "Carnaval", 1919, e "O ritmo dissoluto", 1924, percebermos que o poeta vai mais e mais se engajando com os ideais modernistas.** Em "Carnaval" temos ainda o início da libertação das formas fixas e a opção pela liberdade formal, que se tornaria uma das marcas registradas de sua poesia. **Em 1930, com a publicação de "Libertinagem" temos um poeta totalmente integrado ao espírito modernista.**

A obra "Libertinagem" apresenta alguns poemas fundamentais para se entender a poesia de Bandeira: "Vou-me embora pra Pasárgada", "Poética", "Evocação do Recife" etc. Nessa obra surgem ainda os grandes temas de sua poesia: a família, a morte, a infância no Recife e os indivíduos que compõem as camadas mais baixas do país: os mendigos, as prostitutas, os carregadores de feira-livre etc.

A principal característica da obra de Bandeira é, sem sobra de dúvidas, o emprego do verso livre. No entanto, isso não significa que Bandeira não fizesse uso das formas fixas. Nas suas últimas obras ele utilizou-se muito da forma mais clássica de todas: o soneto.

Os versos livres de Bandeira sempre foram escritos sem preocupações. Ele não gostava de modificar nada. Até mesmo, segundo o próprio poeta, o poema "Vou me embora para Pasárgada" foi escrito dessa forma. **"Saiu sem esforço, como se estivesse pronta dentro de mim"**



Manuel Bandeira em 1954

Assinatura de Manuel Bandeira



Manuel Bandeira por Cândido Portinari



Capa da obra Estrela da Manhã

Os principais temas de seus poemas foram: solidão, dor e o medo da morte. O cotidiano de Santa Tereza, local onde morava, era constantemente transformado em crônicas.

::: Principais Obras

Poesia:

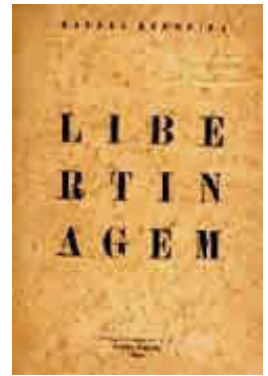
- A cinza das horas (1917);
- Carnaval (1919);
- O ritmo dissoluto (1924);
- Libertinagem (1930);
- Estrela da manhã (1936);
- Lira dos cinquent'anos (1940);
- Belo, belo (1948);
- Mafuá do malungo (1954);
- Estrela da tarde (1963);
- Estrela da vida inteira, incluindo todas essas obras, é de 1966 e foi lançada para comemorar os 80 anos do poeta.

Prosa:

- Crônicas da província do Brasil (1937);
- Itinerário de Pasárgada (1954);
- Andorinha, andorinha (1966).

::: Confira abaixo alguns poemas de Manuel Bandeira

- [Retrato](#)
- [Poemeto Erótico](#)
- [Os Sapos](#)
- [Pneumotórax](#)
- [Vou-me Embora pra Pasárgada](#)
- [Irene no Céu](#)
- [O Bicho](#)
- [Poética](#)
- [Poema Tirado de uma Notícia de Jornal](#)
- [Trem de Ferro](#)
- [Testamento](#)



Capa da obra
Libertinagem



Manuel Bandeira,
desenho de Cândido
Portinari



Veja Também:

[Modernismo](#)

- [Brasil 1ª Fase](#)
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

::: Menotti Del Picchia (1892-1988)

PAULO MENOTTI DEL PICCHIA nasceu em São Paulo, em 20 de março de 1892. Filho de Luiz del Picchia e Corina del Corso del Picchia, Menotti foi agricultor, advogado, editor, industrial, banqueiro, deputado estadual e federal, chefe do Ministério Público do Estado de São Paulo, jornalista, poeta, romancista, ensaísta, teatrólogo e primeiro diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado de São Paulo.

Menotti Del Picchia inicia seus estudos no Grupo Escolar de Itapira. Em 1903 faz o curso ginásial em Campinas, de onde se transfere para Pouso Alegre (MG). Nesta cidade, aos 14 anos, funda o periódico "**Mandu**", nele publica suas primeiras produções literárias. Aos 16, já tinha escrito um romance, que, segundo ele, não passou de um "terrível pastiche do Conde de Monte Cristo".

Em 1913, lança o livro de poemas "**Poemas do Vício e da Virtude**". Nesse mesmo ano forma-se advogado pela Faculdade de Direito de São Paulo. Logo depois da conclusão de seus estudos em São Paulo, volta para Itapira, onde exerce as atividades de agricultor e dirige o jornal "Cidade de Itapira". Algum tempo depois funda o jornal político "**O Grito**", no qual foram publicados o romance "Laís" e os poemas "Moisés" e "**Juca Mulato**", sua obra de maior repercussão, que já teve dezenas de edições. O poema "Juca Mulato", publicado em 1917, foi tão importante e fez tanto sucesso **que Menotti afirmou que era um autor perseguido por um personagem**. (A força de "Juca Mulato" é tanta que Itapira, para homenagear Menotti, deu o nome de "Juca Mulato" a um parque. As homenagens de Itapira não param por aí. O nome do poeta foi dado a uma praça e foi criado o memorial "Casa de Menotti Del Picchia".)

Algum tempo depois, muda-se para Santos, onde dirige o jornal "A Tribuna". Ao regressar à cidade de São Paulo, exerce a função de redator em diversos jornais como "A Gazeta" e o "Correio Paulistano". Ainda em São Paulo funda o jornal "A Noite", dirige, com Cassiano Ricardo, os mensários "São Paulo" e "Brasil Novo". Em 1920 e 1921, Menotti Del Picchia, utilizando o pseudônimo de Helios, publica no jornal Correio Paulistano, vários artigos que divulgavam as novas estéticas modernistas e promoviam o grupo vanguardista.

Em 1922, junto com Oswald de Andrade, Mário de Andrade e outros jovens, participa ativamente da Semana de Arte Moderna. Nessa época já era considerado um poeta de prestígio. Após a SAM, junto com Cassiano Ricardo e Plínio Salgado, é um dos mentores do movimento nacionalista e literário do verde-amarelismo. Depois, com Cassiano Ricardo e Mota Filho, chefia o movimento cultural da Bandeira.

Em 1º de abril de 1943 é eleito para a cadeira 28 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Xavier Marques. Em 20 de dezembro de 1943 é recebido na ABL pelo acadêmico e amigo Cassiano Ricardo.

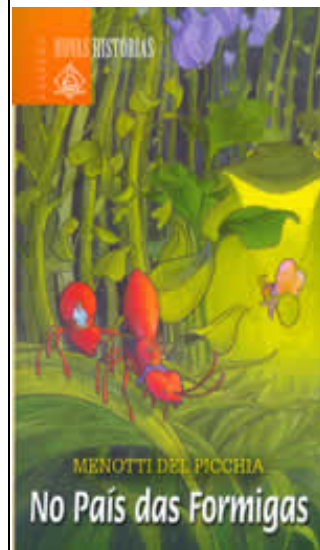
Em 1982, é proclamado Príncipe dos Poetas Brasileiros. Esse título só havia sido concedido a mais três poetas: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Olegário Mariano.

Em 1988, no dia 23 de agosto, o poeta morreu em São Paulo.

::: Principais Obras

Poesia:

- Poemas do vício e da virtude (1913);
- Moisés (1917);
- Juca Mulato (1917);
- Máscaras (1919);
- A angústia de D. João (1922);
- O amor de Dulcinéia (1926);
- República dos Estados Unidos do Brasil (1928);
- Chuva de pedra (1925);



Capa da Obra "No país das Formigas"

- Jesus, tragédia sacra (1958);
- Poesias, seleção (1958);
- O Deus sem rosto, introdução de Cassiano Ricardo (1968).

Romance:

- Flama e argila (1920; após a 4a ed., intitulou-se A tragédia de Zilda);
- Laís (1921);
- Dente de Ouro (1923);
- O crime daquela noite (1924);
- A república 3000 (1930; posteriormente intitulado A filha do Inca, 1949);
- A tormenta (1932);
- O árbitro (1958);
- Kalum, o mistério do sertão (1936);
- Kummunká (1938);
- Salomé (1940).

Literatura Infanto-Juvenil:

- No país das formigas;
- Viagens de Pé-de-Moleque e João Peralta;
- Novas aventuras de Pé-de-Moleque e João Peralta.

Teatro:

- Suprema conquista (1921);
- Jesus

::: Confira abaixo alguns poemas de Menotti Del Picchia

- [Noite](#)
- [Beleza](#)

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

::: Guilherme de Almeida (1890-1969)

GUILHERME DE ALMEIDA nasceu em 24 de julho de 1890 na cidade paulista de Campinas. Filho do jurista e professor de Direito Estevam de Almeida, estuda nos ginásios Culto à Ciência, de Campinas, e São Bento e N. Sra. do Carmo, de São Paulo.

No ano de 1912 forma-se em direito e passa a exercer as atividades tanto no ramo da advocacia como na área jornalística. Trabalha ainda como cronista social e crítico cinematográfico, além de atuar como redator de diversos jornais paulistanos, entre eles "O Estado de S. Paulo".

No ano de 1917 faz sua estréia literária com a publicação do livro "**Nós**". Nessa obra percebe-se claramente que o poeta ainda influenciado pela cultura neoclássica. No entanto, "o trato pessoal do verso e a liberdade das imagens" já revelam que estamos diante de um precursor do modernismo. Logo em seguida Guilherme de Almeida publica mais quatro livros, ainda com características neoclássicas: A Dança das Horas (1919); Messidor (1919); A suave colheita, Livro de Horas de Sórora Dolorosa (1920) ; Era uma vez... (1922).

Sobre esses cinco primeiros livros escritos por Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira referiu-se assim:

"Todos cinco pertencentes ao clima parnasiano-simbolista, todos cinco revelando um habilíssimo artista do verso, que, com mais fundamento ainda do que Bilac, poderia dizer que imita o ourives quando escreve".

O motivo de tantos elogios vindos de Manuel Bandeira não é em vão. Isso porque Guilherme de Almeida é um sonetista exímio que possui um estilo bem pessoal, pois trata o verso com extrema habilidade e, ao mesmo tempo, dá liberdade às imagens. Quando Manuel Bandeira diz que Guilherme de Almeida tem "mais fundamento ainda do que Bilac", ele refere-se a formação do poeta, pois ele sabia latim, grego e era um profundo conhecedor da cultura renascentista.

Depois desses primeiros livros, inicia-se a fase modernista do poeta: em 1922 participa da Semana de Arte Moderna e funda a [revista Klaxon](#). Viaja pelo país fazendo conferências e palestras nas quais defende e divulga os princípios da renovação artística e estética do modernismo. No ano de 1924 publica a obra "A Fruta que Eu Perdi (subtítulo: Canções Gregas). No ano seguinte publica "Meu" e "Raça". Nessa fase percebe-se que os seus versos são livres e há também o uso de recursos como a sonoridade e a disposição gráfica. No entanto o significado desses versos, que volta e meia ainda possuem rima, não é muito agudo.

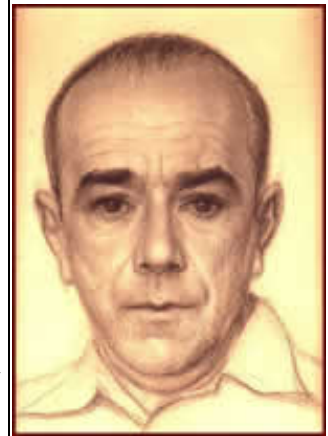
Em 1928 entra para a Academia Paulista de Letras. Ocupa a cadeira que pertencera a seu pai. No ano de 1930, é eleito para ocupar a Cadeira n. 15, na sucessão de Amadeu Amaral, na Academia Brasileira de Letras. Foi recebido, em 21 de junho de 1930, pelo acadêmico Olegário Mariano. Ainda em 1930, com a publicação da obra "Você", percebe-se que a fase "modernista" do poeta chegou ao fim. Os poemas voltam a ter a forma fixa de soneto, como versos voltam a ser metrificados e rimas raras.

Em 1932, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, Guilherme de Almeida, defensor da causa constitucionalista, alistou-se como soldado na revolução de 1932. Devido a esse ato, foi exilado por oito meses em Portugal, onde foi recebido com herói e como um dos maiores poetas da língua.

Em 1933, em 1º de agosto, retorna do exílio e vai morar na Rua Pamplona em São Paulo.

No ano de 1936 Guilherme de Almeida encontro-se com o cônsul japonês no Brasil, Kozo Ichige. Coincidência ou não, nesse mesmo ano começou a escrever "**haicais em português**".

Os haicais são poemas japoneses compostos por três versos. No ano seguinte, publicou o artigo "[Os Meus Haicais](#)". Nele, além de expor suas Idéias de como seria o haikai em português, também os sistematizava da seguinte forma:



"RETRATO DE GUILHERME DE ALMEIDA"
Dimitri
Ismailovitch, 1954.

Os haicais contêm:

- título;
- dezessete sílabas dispostas em três versos sendo que o primeiro verso possui cinco sílabas, o segundo sete e o terceiro cinco.

O esquema de rimas usado pelo poeta era o seguinte: o primeiro verso rima com o terceiro e existe também uma rima interna no segundo verso, entre a segunda e a sétima sílaba. Representado graficamente esse esquema fica assim:

```
___X  
_0___0  
___X
```

Exemplo:

Infância:

**Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se "Agora".**

Em 1945 funda o Jornal de São Paulo, que é temporariamente fechado pelo Estado Novo. Em 1949, junto com Franco Zampari, ajuda a fundar o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC). No ano seguinte, é nomeado chefe de gabinete do Prefeito de São Paulo, Lineu Prestes.

Em 1959 Guilherme de Almeida é eleito, em concurso instituído pelo Correio da Manhã, o "Príncipe dos Poetas Brasileiros". Falece, na cidade de São Paulo, no dia 11 de julho de 1969.

::: Principais Obras

Poesia

- Nós (1917);
- A dança das horas (1919);
- Messidor (1919);
- Livro de horas de Soror Dolorosa (1920);
- Era uma vez... (1922);
- A flauta que eu perdi (1924);
- Meu (1925);
- Raça (1925);
- Encantamento (1925);
- Simplicidade (1929);
- Você (1931);
- Poemas escolhidos (1931);
- Acaso (1938);
- Poesia vária (1947);
- Toda a poesia (1953).

Ensaios:

- Do sentimento nacionalista na poesia brasileira, (1926);

- Ritmo, elemento de expressão (1926);

::: Confira alguns poemas e alguns haicais escritos por Guilherme de Almeida

- [Nós](#)
- [Flor do Asfalto](#)
- [Haicais](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)



"Diversos intelectuais de São Paulo, devido à iniciativa do escritor Graça Aranha, resolveram organizar uma semana de arte moderna dando ao nosso público a perfeita demonstração do que há em nosso meio de escultura, pintura, música e literatura sob o ponto de vista rigorosamente atual.

A comissão que patrocina essa iniciativa está assim organizada: Paulo Prado, Alfredo Pujol, Oscar Rodrigues Alves, Numa de Oliveira, Alberto Penteado, René Thiollier, Antônio Prado Júnior, José Canos Macedo Soares, Martinho Prado, Armando Penteado e Edgard Conceição. Assim será aberto o Teatro Municipal durante a Semana de 11 a 18 de fevereiro próximo, instalando-se aí uma curiosa e importante exposição, para a qual concorrem os nossos melhores artistas modernos.

Os programas até agora contam com os seguintes nomes:

Música - Villa-Lobos, Guiomar Novaes, Paulina Ambrósio, Emâni Braga, Alfredo Gomes, Frutuoso, Lucília Villa-Lobos.

Literatura - Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Álvaro Moreyra, Elyσιο de Carvalho, Oswald de Andrade, Menotti del Pichia, Renato de Almeida, Luiz Aranha, Ribeiro Couto, Deabreu, Agenor Barbosa, Rodrigues de Almeida, Afonso Schidt, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida, Plínio Salgado.

Escultura - Victor Brecheret, Hildegardo Leão Velloso, Haarberg

Pintura - Anita Malfatli, Di Cavalcanti, Ferrignac, Zina Aita, Martins Ribeiro, Oswald Gueld, Regina Graz, John Graz, Castello e outros.

Arquitetura - A. Moya e George Przyrembel.

A parte literária e musical será dividida em três espetáculos, contando com o prestígio de Graça Aranha, que fará uma conferência inaugurando a Semana de Arte Moderna. A parte musical, além de apresentar a São Paulo o extraordinário compositor brasileiro Villa-Lobos, que traz do Rio o seu quinteto, tem o apoio da gloriosa intérprete, que é Guiomar Novaes".

O Correio Paulistano 29/01/1922..

"Por iniciativa de festejado escritor, Sr. Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras, haverá em São Paulo uma "Semana de Arte Moderna" em que tomarão parte os artistas, que em nosso meio, representam as mais modernas correntes artísticas"

Fragmento publicado no jornal "O Estado de São Paulo", reproduzido pelo historiador Mário da Silva Brito.

::: Alcântara Machado (1901 -1935)

ANTÔNIO CASTILHO DE ALCÂNTARA MACHADO D'OLIVEIRA nasceu em São Paulo em 25 de maio de 1901. De família ilustre, o pai fora escritor e professor da Faculdade de Direito de São Paulo. Forma-se em direito no ano de 1924, mas não exerce a profissão, pois se dedica ao jornalismo, chegando a ocupar o cargo de redator-chefe do Jornal do Comércio.

No ano de 1925 realiza sua segunda viagem à Europa, onde já estivera quando criança. De lá traz crônicas e reportagens que originaram seu livro de estréia, **Pathé-Baby (1926)**, prefaciado por Oswald de Andrade.

Em 1922 não participa da Semana de Arte Moderna, mas, no ano de 1926, junto com A.C. Couto de Barros, funda a revista [Terra Roxa e Outras Terras](#). Em 1928 publica a obra "**Brás, Bexiga e Barra Funda**". Na primeira edição dessa obra o prefácio é substituído por um texto intitulado "**Artigo de fundo**", disposto em colunas, como as de uma página de jornal, onde afirmava:

"Este livro não nasceu livro: nasceu jornal. Estes contos não nasceram contos: nasceram notícias. E este prefácio portanto também não nasceu prefácio: nasceu artigo de fundo".

Essa introdução revela uma característica fundamental de sua obra: a narrativa curta, muito semelhante à linguagem jornalística. Nessa obra Alcântara Machado revela a sua preocupação em descrever os habitantes e os costumes das pessoas que habitam os bairros humildes da capital paulistana. Assim, fez surgir um novo tipo de personagem na literatura brasileira: o ítalo-brasileiro.

Em 1928 une-se a Oswald de Andrade para fundar a [Revista de Antropofagia](#). Alcântara Machado, juntamente com Raul Bopp, foi o diretor dessa revista no período de maio de 1928 a fevereiro de 1929. Ainda em 1929 lança a obra "Laranja da China".

Em 1931 dirige a Revista Hora, junto com Mário de Andrade. Ingressando na política, muda-se para o Rio de Janeiro, onde exerce também a crítica literária. Candidata-se ao cargo de deputado federal. Eleito, não chega a ser empossado, pois falece em consequência de complicações de uma cirurgia de apêndice, no Rio de Janeiro, em 14 de abril 1935.

::: Principais Obras

Romances:

- Pathé-Baby (1926);
- Mana Maria (inacabado)

Contos:

- Brás, Bexiga e Barra Funda (1927);
- Laranja da China (1928)

Ensaio:

- Cavaquinho e Saxofone



Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

::: Revista Klaxon

A **KLAXON - Mensário de Arte Moderna** - foi a primeira revista Modernista do Brasil e começou a circular logo após a realização da Semana de Arte Moderna. O primeiro, dos seus nove números, foi publicado em 15 de maio de 1932 e o último, (edição dupla, de números 8 e 9) em janeiro de 1933.

A palavra Klaxon, segundo o Dicionário Aurélio, é de origem inglesa e seu significado é "Buzina de Automóvel". Por isso e por estar sempre aberta à experimentação, pode-se dizer que a Klaxon anunciava, de forma barulhenta, as novidades do mundo moderno.

"É uma buzina literária, fonfonando, nas avenidas ruidosas da Arte Nova, o advento da falange galharda dos vanguardistas".

Menotti del Picchia

A revista Klaxon inovou em vários sentidos:

- Sua organização era muito diferente da dos jornais e revistas da época, pois não tinha diretor, redator-chefe, secretário etc. Ela era uma espécie de órgão coletivo, onde todos participam das diversas fases da sua produção;
- O seu projeto gráfico era inovador;
- Conteúdo bem diversificado. Nela eram publicados artigos e poemas de autores nacionais como [Manuel Bandeira](#) e Sérgio Milliet e também de autores franceses, italianos e espanhóis, todos em suas línguas originais.

Além disso, também eram publicados ensaios, crônicas, críticas de arte, piadas, gravuras e anúncios sérios como os da "Lacta", que contrastavam com anúncios satíricos como os da "Panthosopho, e Pateromnium & Cia", uma empresa que fabricava sonetos.

É óbvio que fabricar sonetos só pode ser uma sátira direta aos poetas Parnasianos. Afinal eram eles que cultivavam uma poesia de notável perfeição formal. Essa obsessão pela forma era tanta, e para os Modernistas, uma coisa tão absurda, que eles comparavam os poemas Parnasianos a objetos produzidos por uma fábrica, ou seja, todos iguais.



Clique sobre a imagem para vê-la em tamanho maior

Os principais colaboradores da Klaxon foram:

[Guilherme de Almeida](#), [Mário de Andrade](#) e [Oswald de Andrade](#), Rubens Borba de Moraes, Luís Aranha, Sérgio Milliet. A revista também tinha correspondentes no Rio de Janeiro (Sérgio Buarque de Holanda), Suíça, França e Bélgica.

O edital do primeiro número da revista Klaxon, assinado por vários colaboradores, afirmava os caminhos que os modernistas pretendiam seguir. Abaixo você encontra alguns trechos desse edital. [Para ter acesso versão integral, clique aqui.](#)

"Klaxon sabe que a vida existe. E, aconselhado por Pascal, visa o presente. Klaxon não se preocupará de ser novo, mas de ser atual. Essa é a grande lei da novidade.

(...)

Klaxon sabe que o progresso existe. Por isso, sem renegar o passado, caminha para adiante, sempre, sempre. (...)

Klaxon não é exclusivista. Apesar disso jamais publicará inéditos maus de bons escritores já mortos.

Klaxon não é futurista.

Klaxon é Klaxista.

(...)

Klaxon cogita principalmente de arte. Mas quer representar a época de 1920 em diante. Por isso é polimorfo, onipresente, inquieto, cômico, irritante, contraditório, invejado, insultado, feliz."

A revista Klaxon sobrevivia sem receber qualquer espécie de auxílio concedido pelos poderes públicos e sem a venda de assinaturas. **O principal motivo da sua desativação foi o fato de a revista não mais fascinar nem divertir seus componentes.**

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)



::: Revista Terra Roxa e Outra Terras

LANÇADA NO ANO DE 1926, em São Paulo, a **Revista Terra Roxa e Outra Terras**, chama a atenção devido ao seu formato diferenciado (48 centímetros por 33 centímetros) e por seu título. Os principais objetivos dessa Revista eram:

- Buscar a afirmação nacional, o próprio título já faz isso, pois "Terra Roxa" é um "terreno vermelho-escuro, originado pela decomposição de lençóis de rochas efusivas basálticas e famoso por sua fertilidade", muito comum no interior do Estado de São Paulo, onde encontravam-se as principais plantações de café;
- Definir o espírito moderno. O primeiro número dessa revista deixa isso bem claro: **"os trabalhos publicados obedecerão a uma linha geral chamada de espírito moderno, que não sabemos bem o que seja, mas que está patentemente delineada por suas exclusões"**;
- Interiorizar os debates, ou seja, trazê-los para dentro do Brasil.

Dirigida por A.C. Couto de Barros e [Antônio de Alcântara Machado](#), a revista contou ainda com a colaboração de [Mário de Andrade](#) e [Oswald de Andrade](#). Apesar disso, a "Terra Roxa e Outras Terras" não teve grande expressão e logo parou de circular. O último exemplar publicado refere-se ao mês de setembro de 1926.

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)



::: Revista de Antropofagia

SURGIDA A PARTIR do [Manifesto Antropófago](#), escrito por [Oswald de Andrade](#), a revista de Antropofagia teve duas fases, ou "dentições", como queriam os seus participantes.

A **primeira "dentição"**, sob a direção de [Alcântara Machado](#) e Raul Bopp, teve dez números publicados, que circularam de maio de 1928 a fevereiro de 1929. Nessa primeira fase os principais colaboradores foram: Plínio Salgado, [Mário de Andrade](#), Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, [Manuel Bandeira](#), [Menotti del Picchia](#), Murilo Mendes, Augusto Meyer, Pedro Nava etc. Como se pode ver, os autores que escreveram nessa primeira fase da Revista de Antropofagia representam a "nata" do primeiro momento modernista.

Já a segunda "dentição", sob liderança de Geraldo Galvão Vaz, teve 15 números publicados no jornal "Diário de São Paulo". O primeiro número foi publicado em 17 de março de 1929 e o último, em 1 de agosto de 1929.

A primeira fase da revista não tinha uma linha ideológica bem definida. Em seus exemplares eram encontrados artigos de [Oswald de Andrade](#) e de [Mário de Andrade](#) que "contrastavam" com poesias típicas da Escola das Antas.

"A revista de antropofagia não tem orientação ou pensamento de espécie alguma: só tem estômago"

A segunda fase, ou dentição, da revista apresentava uma linha ideológica mais definida. Essa fase é marcada por críticas agressivas a literatos e artistas modernistas.

"Não fazemos crítica literária. Intriga, sim!"

Freuderico - pseudônimo de Oswald de Andrade.

Toda essa agressividade de Oswald acaba por causar uma ruptura com vários colaboradores da Revista, como por exemplo: Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Os "antropófagos" que continuaram nessa segunda fase foram: Oswald de Andrade, Raul Bopp, Geraldo Ferraz, Tarsila do Amaral e Patrícia Galvão (Pagu).

A atuação da revista nessa segunda fase não foi apenas no campo literário. Os "antropófagos" passaram a direcionar suas críticas contra: à sociedade, à cultura em geral e à história do Brasil.

Confira abaixo uma crítica publicada na Revista de Antropofagia direcionada contra a Escola da Anta:

"Combinação de Cores"
Verdamarelo
Dâ azul?
Não dá azar."
Jacob Pum-Pum

Modernismo

- **Brasil 1ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Período Embrionário](#)
- [A Semana de Arte Moderna](#)
- [Os anos posteriores](#)
- [Características](#)
- [Cronologia](#)

::: Grupo Verde-Amarelismo

FORMADO POR Plínio Salgado, Guilherme de Almeida, [Menotti Del Picchia](#) e Cassiano Ricardo, o **grupo Verde-Amarelismo** surgiu em 1926, como resposta ao grupo Pau-Brasil. O grupo Verde-Amarelismo, além de criticar o "nacionalismo importado" de [Oswald de Andrade](#), propunha um nacionalismo primitivista e ufanista, que acabou evoluindo, em 1932, para o Integralismo, um movimento político de extrema-direita baseado nos moldes fascistas. O integralismo foi extinto por volta de 1937.

Além de idolatrar o Tupi, esse grupo elegeu a "anta" como símbolo nacional. Por isso, mais tarde, autodenominou-se Escola da Anta.

Como resposta às críticas feitas pelo grupo Verde-Amarelismo, Oswald de Andrade escreveu o artigo "Antalogia" publicado no Jornal do Comércio em fevereiro de 1927. Nesse artigo, Oswald utilizou uma série de palavras iniciadas ou terminadas com "anta" para criticar o grupo "Verde Amarelismo". A resposta de Oswald não parou por aí. No ano seguinte ele publicou o manifesto antropófago, que deu origem à Revista de Antropofagia.

Em 1929 o grupo Verde-Amarelismo retoma essa discórdia e publica no jornal Correio Paulistano, na edição de 17 de maio de 1929, o manifesto "[Nhengaçu Verde-Amarelo \(Manifesto do Verde-Amarelismo ou da escola da Anta\)](#)", que, entre outras coisas afirmava:

"O grupo "verdamaré", cuja regra é a liberdade plena de cada um ser brasileiro como quiser e puder; cuja condição é cada um interpretar o seu país e o seu povo através de si mesmo, da própria determinação instintiva; o grupo "verdamaré", à tirania das sistematizações ideológicas, responde com a sua alforria e a amplitude sem obstáculo de sua ação brasileira. (...) Aceitamos todas as instituições conservadoras, pois é dentro delas mesmo que faremos a inevitável renovação do Brasil, como o fez, através de quatro séculos, a alma da nossa gente, através de todas as expressões históricas. Nosso nacionalismo é "verdamaré" e tupi. (...)"

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)



*"Você é bicho,
Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim
senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades"*

Vidas Secas - Graciliano Ramos

» Menino Morto - Cândido Portinari

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)



A bomba atômica lançada sobre Hiroxima no dia cinco de agosto de 1945 formou uma enorme nuvem radioativa, que foi vista a muitos quilômetros de distância.



Catedral Metropolitana de Brasília - Projeto de Oscar Niemeyer.

COMPREENDIDO ENTRE 1930 E 1945, o Segundo Momento Modernista, tanto na poesia quanto na prosa, gira em torno de um conturbado momento histórico: o Brasil vive uma dura realidade, gerada pela depressão econômica, originada pelo "crack" da Bolsa de Valores de 1929. Aliado a isso, a ditadura Vargas é instaurada e, no plano internacional, que também causou impacto no Brasil, temos o avanço do nazifascismo, que culmina com a eclosão da Segunda Grande Guerra Mundial.

Assim, as obras modernistas dessa fase passaram a refletir, de acordo com o ponto de vista de cada autor, as preocupações e agonias desse conturbado momento histórico. Esse panorama só é alterado no ano de 1945, quando há o fim da Segunda Grande Guerra, a queda da Ditadura Vargas e a criação da ONU (Organização das Nações Unidas).

Apesar das explosões atômicas em Hiroxima e Nagasaki, esses fatos geram uma perspectiva positiva em relação ao futuro e, dessa forma, abrem-se as portas para um novo período na história literária do país.

As principais manifestações artísticas e os principais artistas desse período foram:
Literatura:

Poesia: Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, Jorge de Lima, Mário Quintana e Murilo Mendes.

Prosa: [José Lins do Rego](#), [Graciliano Ramos](#), Jorge Amado, [Érico Veríssimo](#), Raquel de Queirós e José Américo de Almeida.

Pintura: Cândido Portinari, cuja obra denuncia conseqüências das desigualdades sociais do Brasil.

Teatro: No teatro o destaque desse período é a "O bailado do morto", que por utilizar elementos das escolas expressionistas e surrealistas é considerada a primeira peça "moderna" do teatro brasileiro. No entanto, a peça saiu logo de cartaz, pois foi considerada uma ofensa ao pudor público.

Música: Villa-Lobos destaca-se pela ousadia de fundir a música de Bach ao folclore nacional, as famosas Bachianas Brasileiras. Além disso, destacam-se também as obras de autores como Lamartine Babo, Ary Barroso, Noel Rosa e Pixinguinha, que colaboraram muito para engrandecimento da música popular brasileira.

Cinema: Em 1930 é lançado o filme "Limite" de Mário Peixoto. Essa obra, é considerada um marco de vanguarda do cinema nacional devido ao uso de técnicas não usuais. Ainda em 1930, Adhemar Gonzaga funda a Cinédia, no Rio de Janeiro. Esse é o primeiro estúdio cinematográfico brasileiro. As obras filmadas são, em sua maioria, comédias musicais e dramas populares. Em 1933 Humberto Mauro, o mais famoso diretor entre os pioneiros do cinema no Brasil, finaliza a obra "Ganga Bruta", que relata o drama de um homem que, após ser absolvido do assassinato da mulher, vai para outra cidade e se envolve com uma garota casada.

Em 1940 é fundado estúdio cinematográfico Atlântida, no Rio de Janeiro, que se especializou na produção de chanchadas. A partir desta data, grandes clássicos da nossa literatura são adaptadas à linguagem cinematográfica.

Arquitetura: A Casa Modernista, projetada por Gregori Warchavchi, é inaugurada em São Paulo. Em 1934, Oscar Niemeyer, o maior arquiteto do Brasil e um dos melhores do mundo, forma-se. Durante esse período o ensino da arquitetura no Brasil passou por um grande processo de reformulação. O início desse processo se deu com Lucio Costa pois, ao dirigir a Escola Nacional de Belas-Artes, modificou radicalmente o ensino da instituição.

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

O SEGUNDO MOMENTO MODERNISTA, COMPREENDIDO ENTRE 1930 A 1945, foi um dos períodos em que ocorreram muitas transformações no Brasil e em todo o mundo. No início dos anos 30 a "Grande Depressão econômica", originada pelo "crack" da bolsa de valores de Nova York, provocou rupturas nas relações comerciais, falências, desemprego e, até mesmo, fome e miséria. Como esse quadro de maneira generalizada em quase todo o mundo, cada país procurou solucionar os seus problemas internamente. Por isso, houve a queda abrupta do nosso principal produto de exportação: o café, que levou muitos fazendeiros e empresas a falirem, ou seja, a economia praticada elite entrou em decadência. Para complicar um pouco mais a vida dos produtores de café, em 1931 as "supersafras" provocaram ainda mais a queda do preço desse produto, gerando uma crise que duraria até 1944. Para amenizar um pouco essa situação, o governo, com a intenção de deter a queda dos preços, chegou a comprar e queimar milhares de sacas de café.

Paralelamente a esse cenário, os partidos e ideais socialistas e comunistas começaram a crescer. Todo esse "avanço" comunista/socialista acaba chocando-se contra os interesses defendidos pela burguesia, que por sua vez, passa a apoiar o militarismo e sua postura e ideais autoritários, imperialistas, anticomunistas e antidemocráticos. Surge assim o Fascismo, que ocorreu nos seguintes países:

Itália - liderado por Benito Mussolini (1883-1945);



» Benito Mussolini, (1883-1945), instaurou na Itália o primeiro regime fascista europeu. Para isso, inspirou-se no sentimento nacionalista dos italianos.



Alemanha - também conhecido como nazismo, liderado por Adolf Hitler (1889-1945).

» O Nazismo tinha como doutrina uma mistura de dogmas e preconceitos a respeito da pretensa superioridade da raça ariana, sistematizados por Hitler em seu livro *Minha Luta*.

Espanha - Conhecido também por "Franquismo", foi instalado em 1936, pelo General Francisco Franco (1892-1975).

» O governo de Francisco Franco durou quase quatro décadas. Os primeiros anos foram marcados pela repressão as tentativas liberalizantes e democráticas. Durante o seu governo, a Espanha teve um desenvolvimento econômico acelerado: a renda per capita foi duplicada, o que fortaleceu o regime. No entanto, o desenvolvimento político do país ficou estagnado.



Portugal - Conhecido por "Salazarismo", foi instalado pelo político Antônio de Oliveira Salazar (1889-1970).

» O regime ditatorial imposto por Salazar em Portugal durou cerca de 36 anos. Após a morte do ditador em 1970, o regime instituído por ele sobreviveu por mais quatro anos antes de ser abolido definitivamente pelo movimento militar de 25 de abril.

Ao lado temos uma foto de uma criança retirando o quadro de Salazar de uma parede. Essa foto simboliza o término do regime Salazarista.



No Brasil, que já havia sofrido com as revoluções promovidas pelos tenentes (vide [Momento Histórico do Primeiro Momento Modernista](#)) e com a Grande Depressão, o fascismo também ocorreu.

Em 1930, o país assistiu a disputa para a sucessão presidencial de Washington Luís, que foi disputada entre Júlio Prestes, líder do governo na câmara, e Getúlio Vargas, representante da "Aliança Liberal", resultante de entendimentos entre os políticos de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba.

O resultado das eleições foi favorável a Júlio Prestes, que não chegou a assumir o poder, pois, 22 dias antes de terminar o mandato de Washington Luís, estourou a Revolução de 30, que levou Getúlio Vargas ao poder, por um período provisório. Como a Revolução de 30 foi apoiada pela burguesia industrial, o governo Vargas praticou uma política de incentivo a industrialização e à entrada de capital norte-americano, em substituição ao inglês. Como essas medidas prejudicaram a oligarquia cafeeira e a burguesia temia agitações sociais, Vargas nomeou um interventor pernambucano para São Paulo.



» Getúlio Vargas à direita, a esquerda o general Miguel Costa e em pé o coronel Gois Monteiro, após a vitória na revolução de 30

Já insatisfeitos com o resultado da [Revolução de 30](#), esses fatos foram mais do que suficientes para que os políticos paulistas desencadeassem uma grande propaganda contra o Governo Federal, que culminou com a [Revolução Constitucionalista de 1932](#). Apesar de vencer a Revolução, Getúlio Vargas convocou, em 1933, eleições para Constituinte, visando seu fortalecimento no poder.

No ano seguinte, promulgou-se a nova Constituição e Getúlio Vargas é eleito, pela Constituinte, o presidente da república. Com isso, as principais tensões são controladas: o Tenentismo é superado por completo e as oligarquias conservadoras são restauradas no poder.

A partir de 1932, surgem no Brasil duas tendências políticas, que começariam a crescer em 1934. A primeira delas era o nazi-fascismo; a segunda, o socialismo marxista. Ambas criticavam "democracia" do praticada pelo Estado, porém, possuíam diferenças muito grandes entre si.

O nazi-fascismo brasileiro, também conhecido pela sigla de AIB -Ação Integralista Brasileira, teve sua origem no nacionalismo exacerbado do Grupo Verde-Amarelo. Liderada por Plínio Salgado, a AIB prega a criação de um país ditatorial ultranacionalista e anticomunista. Os Integralistas pretendiam atingir o poder com o apoio de Vargas. Já a corrente socialista marxista era formada pelas forças de esquerda e denominou-se ANL -Aliança Nacional Libertadora. Liderados por Luís Carlos Prestes, esse grupo pregava a criação de um Estado democrático e popular em que a seriam extintos as propriedades privadas nos meios de produção.

O rápido crescimento da ANL, que contou com a associação do PCB, incomodou muito às elites governistas e a AIB. Então, essas correntes pressionaram o Governo, que iniciou uma forte repressão contra a ANL, obrigando seus membros a agirem na clandestinidade. Nesse ano foi aprovada a Lei de Segurança Nacional, que permitia ao governo o poder de reprimir atividades tidas como subversivas.

Diante disso, a ANL decidiu tomar o poder por meio de uma revolução armada, que, segundo previsões dos revoltosos seria acompanhada por revoltas populares. No entanto, devido ao seu mau planejamento e má execução, a rebelião, também conhecida como Intentona Comunista, foi sufocada no final de 1935. Milhares de pessoas foram presas e o Governo teve um bom pretexto para decretar Estado de Sítio (Suspensão temporária de certos direitos e garantias individuais).

No início de 1937, várias correntes políticas iniciam as movimentações para as eleições à Presidência da República. No entanto, Getúlio Vargas, apoiado pelos Integralistas e militares, decreta o "estado de guerra" por 90 dias. Além disso, cerca o congresso a 10 de novembro de 1937 e o fecha. Iniciava-se assim o Estado Novo, ditadura baseada em um nacionalismo conservador e na idolatria de um governante único, no caso, o próprio Getúlio Vargas.

Durante o Estado Novo o governo apoiou a industrialização e implementou uma ampla legislação trabalhista. Para ter manter o controle do País e impedir novas revoluções, Getúlio Vargas tomou as seguintes medidas:

- criação, em 1938, do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), que tinha o objetivo de controlar da burocracia oficial;
- criação, em 1939, do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), cujo objetivo era controlar ideologicamente os meios de comunicação;
- criação do imposto sindical, do salário mínimo e Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). O objetivo dessas medidas era manipular os sindicatos, que por sua vez manipulariam os trabalhadores.



» Lampião, o Rei do Cangaço, e sua companheira, Maria Bonita, são mortos durante batalha no sertão de Sergipe

Ainda em 1938 o governo mata Lampião e Maria Bonita. Com isso, o fenômeno do cangaço, que começava a incomodar o governo foi destruído.

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939, ao lado dos Aliados, que defendiam a democracia e eram contra o totalitarismo nazista e fascista, gerou uma certa desestabilidade na Ditadura Vargas. A oposição social e política ao Estado Novo entre intelectuais, estudantes, religiosos e empresários cresceu vertiginosamente. No ano de 1940 a polícia, por ordem do governo, apreendeu o jornal O Estado de São Paulo, que só retornou aos seus donos no ano de 1945.

Para tentar controlar a situação, Vargas usa de repressão: várias prisões, assassinatos e deportações. Frustrada essa tentativa, Vargas anuncia eleições gerais para o final de 1945, tendo o general Eurico Gaspar Dutra como seu candidato.

No entanto, as pressões de setores da burocracia e do trabalhismo para que o próprio Getúlio dispute as eleições criam a desconfiança das oposições, que se unem à cúpula militar e desferem o golpe de 29 de outubro de 1945: Os ministros militares destituem Getúlio Vargas e país passa a ser presidido por José Linhares, até a eleição e posse do novo presidente da República, o general Eurico Gaspar Dutra, em janeiro de 1946.

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

CARACTERÍSTICAS DA POESIA DA GERAÇÃO DE 30

O Segundo Momento Modernista inicia-se em 1930 quando surge no cenário literário brasileiro um grupo de poetas que, de uma forma ou de outra, dava continuidade ao trabalho dos primeiros Modernistas. Durante certo tempo, essa nova geração, conhecida como **Geração de 30**, caminhou junto com a antiga, não havendo assim uma ruptura muito acentuada entre elas.

Cabe aqui uma pergunta: se não houve uma ruptura abrupta entre essas gerações, **o que a Geração de 30 tem de tão especial que merece um lugar de destaque na história da literatura brasileira?**

A resposta, além de essencial, é simples: **a Geração de 22 teve que romper com o academismo**. Para isso, buscou uma nova linguagem, que manifestasse todas as propostas de renovação expostas nos vários manifestos e revistas da época.

Já a Geração de 30, encontrou uma linguagem poética formada, ou seja, o público já não se chocava mais com as ousadias da geração de 22. **O trabalho dessa nova geração foi o de aprimorar essa linguagem**. Isso quer dizer que, além do cultivo do verso livre e da poesia sintética, conquistas formais da geração anterior, os poetas da Geração de 30 incorporaram algumas novidades a sua linguagem como, por exemplo, a liberdade de pontuação e a substituição do humor agressivo e do poema piada por uma ironia cortante.

Além disso, **os poetas de 30** não viveram o clima eufórico da vitória conseguida na Semana de Arte Moderna, eles **são mais problemáticos**, ou seja, têm a necessidade de compreender o mundo, transformado pela guerra e pelas crises. Assim, a poesia da Geração de 30, mais especificamente a de **Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes**, passa a analisar o ser humano como um todo, assumindo um caráter mais construtivo, politizado e, nitidamente, social.

Essa tentativa de interpretar as razões do mundo, leva ao surgimento de uma corrente mais intimista, voltada para a espiritualidade ou então para a reflexão amorosa, como é o caso de **Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Jorge de Lima**.

Pode-se então sintetizar as características dessa geração da seguinte forma:

- **Liberdade de pontuação;**
- **A ironia cortante substitui o humor agressivo do poema piada;**
- **Temas universalistas, ou seja, a preocupação com o homem em geral e com os problemas do mundo em que ele habita. Exemplo: fome, guerra etc.;**
- **O verso livre torna-se parte integrante da nossa poesia, mas não é mais uma espécie de obrigação. Algumas formas fixas, como o soneto, voltam a ser usadas;**
- **Surgimento de uma corrente mais intimista, voltada para a espiritualidade ou então para a reflexão amorosa.**

Cabe aqui um parêntese: Alguns poetas da geração de 22 também podem ser considerados como poetas dessa nova geração. Isso porque eles, além de darem continuidade a sua produção artística, também evoluíram muito. É o caso de poetas como [Mário de Andrade](#), [Oswald de Andrade](#), [Cassiano Ricardo](#) e [Manuel Bandeira](#).

Tomemos como exemplo o escritor [Manuel Bandeira](#), que se destacou nos dois períodos:

Em seu poema "[Os sapos](#)" (declamado por Ronald Carvalho na Semana de Arte Moderna) nota-se uma crítica aberta ao academismo, característica típica da Primeira Geração Modernista. Já no poema "[Bicho](#)", percebe-se a existência de um poeta inquieto e sensibilizado com os problemas do mundo.

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)



Retirantes - Cândido Portinari

CARACTERÍSTICAS DO ROMANCE DA GERAÇÃO DE 30

A literatura no Brasil nos anos 30 e meados dos 40 marca a estreia de alguns dos mais importantes romancistas brasileiros: [José Lins do Rego](#), [Graciliano Ramos](#), [Jorge Amado](#), [Erico Veríssimo](#), [Raquel de Queirós](#) e [José Américo de Almeida](#).

Como na poesia, os romances desse período gravitam em torno da difícil realidade vivida pelo país em decorrência da ditadura Vargas e da Grande Depressão Mundial, originada pelo "crack" da Bolsa de Valores de Nova York. Assim, **cada autor dessa época trouxe para sua obra o problema social vivido em uma determinada região do país, gerando assim uma literatura regionalista crítica, que tinha o objetivo de denunciar uma realidade brasileira, provocando a conscientização e, assim, contribuir para a sua solução.** Para atingir esse objetivo e aproximar ainda mais as suas histórias da realidade local **a linguagem dos romancistas regionalistas aproximou-se muito da fala típica de cada região. Outra novidade nos romancistas desse período é a nítida influência das idéias socialistas.**

Dentre os principais temas explorados pelos autores desse período, o que mais destaca é a opressão dos grandes latifundiários sobre o homem do campo, encontrando, na maioria das vezes, em estado miserável. Além disso, destaca-se ainda a seca, que além de acentuar as desigualdades sociais, gera miséria, fome e a migração para os grandes centros urbanos, única alternativa possível para os sofridos nordestinos.

Essa tendência regionalista crítica iniciou-se no ano de 1928, com a publicação da obra "**A Bagaceira**" de **José Américo de Almeida**. Apesar de ter valores literários questionáveis, esse romance é importantíssimo para a literatura nacional, pois sua temática gira em torno da seca e dos retirantes. Temas esses que passariam a ser explorados com frequência na literatura dos anos 30.

A literatura regionalista crítica desse período pode ser esquematizada da seguinte maneira:

- Romances da seca - são aqueles cujos temas são centrados na seca;
- Romances do ciclo da cana de açúcar - são aqueles em que a temática gira em torno das oligarquias da cana do açúcar e do marginalismo cangaceiro;
- Romances do sul - giram em torno do passado histórico do Rio Grande do Sul;
- Romances baianos - gravitam em torno da Bahia, seu povo e sua cultura;
- Romances urbanos - são aqueles em que o tema é centrado no dia-a-dia das cidades.

Além da prosa regionalista, surge também nessa segunda fase do Modernismo Brasileiro a "prosa intimista", que é influenciada pelas teorias psicanalíticas de Freud. Os autores que desenvolveram esse tipo de literatura pretendem analisar o mundo interior dos seus personagens e revelar os conflitos e angústias internos. Os autores que mais se destacaram foram: **Lúcio Cardoso**, **Cornélio Pena e Dionélio Machado**. No entanto, a maior expressão dessa tendência é **Clarice Lispector**, que se enquadra na terceira fase do Modernismo Brasileiro.

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

Principais fatos da 2ª fase do período Modernista Brasileiro

1930	<ul style="list-style-type: none"> ● Rachel de Queiroz faz sua estréia na literatura com a obra "O Quinze"; ● Estoura a Revolução de 1930 liderada por Getúlio Vargas que culmina com a deposição de Washington Luís; ● Mário Peixoto dirige o filme "Limite", considerado um marco de vanguarda do cinema nacional; ● Adhemar Gonzaga funda a Cinédia, o primeiro estúdio cinematográfico brasileiro; ● Getúlio Vargas que cria o Ministério do Trabalho; ● Manuel Bandeira publica a obra Libertinagem; ● A Casa Modernista, projetada por Gregori Warchavchi, é inaugurada em São Paulo; ● O curso de Arquitetura Moderna é introduzido na na Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro por Lúcio Costa;
1931	<ul style="list-style-type: none"> ● Para controlar a queda do preço do café, O governo brasileiro queima 80 milhões de sacas do produto
1932	<ul style="list-style-type: none"> ● É criada a AIB - Ação Integralista Brasileira. De influência fascista, a AIB prega a criação de um país ditatorial ultranacionalista e anticomunista; ● Estoura a Revolução Constitucionalista de 1932; ● O novo Código Eleitoral Brasileiro é instituído. Por meio dele são estabelecidos voto secreto e o direito da mulher de votar e ser votada; ● Lasar Segall funda a Sociedade Pró-Arte Moderna; ● Flávio de Carvalho, funda o Clube dos Artistas Modernos;
1933	<ul style="list-style-type: none"> ● Humberto Mauro finaliza a obra "Ganga Bruta"; ● Gilberto Freyre lança a obra "Casa Grande & Senzala", onde a miscigenação do povo brasileiro é teorizada; ● Tarsila do Amaral pinta a obra "Os Operários"; ● A previdência social é começa a ser organizada no Brasil;
1934	<ul style="list-style-type: none"> ● Getúlio Vargas é eleito, pela Assembléia Constituinte, o Presidente da República; ● Após assumir o poder, Vargas estabelece a jornada de trabalho de oito horas diárias e o uso obrigatório da carteira profissional; ● Em São Paulo é fundada a USP (Universidade de São Paulo) e é contruído o Viaduto do Chá; ● Ocorre, em São Paulo, a primeira greve de funcionários públicos do Brasil; ● A constituição é promulgada;
1935	<ul style="list-style-type: none"> ● É criada a Aliança Nacional Libertadora (ANL); ● Intentona Comunista (Comunistas tentam derrubar Vargas);
1936	<ul style="list-style-type: none"> ● Manuel Bandeira publica a obra "Estrela da Manhã"
1937	<ul style="list-style-type: none"> ● Getúlio Vargas instaura o Estado Novo, ditadura baseada em um nacionalismo conservador e na idolatria de um governante único. ● É outorgada a quarta Constituição brasileira; ● Jorge Amado publica a obra "Capitães de Areia"; ● Renato Silva publica a obra "A Garra Cinzenta" e torna-se o precursor das histórias de terror;

1938	<ul style="list-style-type: none">• Criação do Conselho Nacional do Petróleo;• Graciliano Ramos publica a obra "Vidas Secas";• Lampião, o Rei do Cangaço, é morto durante batalha no sertão de Sergipe;• Criação do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), que tinha o objetivo de controlar da burocracia oficial;
1939	<ul style="list-style-type: none">• O samba "Aquarela do Brasil" é composto por Ary Barroso e gravado por Francisco Alves;• O Governo Vargas estabelece o controle estatal do sindicalismo; organiza a Justiça do Trabalho e cria o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), cujo objetivo era controlar ideologicamente os meios de comunicação;• Início da II Guerra Mundial;• Dorival Caymmi faz grande sucesso com o samba "O Que É Que a Baiana Tem?";
1940	<ul style="list-style-type: none">• O Governo Vargas institui a lei do salário mínimo;• Fundação do estúdio cinematográfico Atlântida, no Rio de Janeiro, que se especializou na produção de chanchadas;
1941	<ul style="list-style-type: none">• Carmem Miranda torna-se a cantora brasileira a fazer sucesso no exterior;• É criada a Companhia Siderúrgica Nacional;
1942	<ul style="list-style-type: none">• Navios mercantes brasileiros são torpedeados por submarinos alemães. Esse fato fez com que o Brasil entrasse definitivamente na II Guerra Mundial;• Fundação do Serviço Nacional da Indústria (Senai);
1943	<ul style="list-style-type: none">• Surgem a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) e os sindicatos são oficializados;• Clarice Lispector publica a obra "Perto do Coração Selvagem";• Estréia a peça "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues, que pode ser considerada a obra inaugural da moderna dramaturgia brasileira;
1944	<ul style="list-style-type: none">• Candido Portinari pinta o quadro Menino Morto;• Soldados Força Expedicionária Brasileira (FEB) vão para a Itália lutar a favor da Força Aliada;
1945	<ul style="list-style-type: none">• Os EUA lançam a bomba atômica sobre Hiroshima e Nagasaki;• Carlos Drummond de Andrade lança "A Rosa do Povo";• Termina a II Guerra Mundial;• Heitor Villa-Lobos conclui a obra "Bachianas Brasileiras N° 5";• Getúlio Vargas é deposto. Chega ao fim o Estado Novo;• Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente da República;• Luís Carlos Prestes é libertado após passar dez anos na prisão por causa da sua participação na Intentona Comunista;

::. José Lins do Rego (1901 -1957)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

josé lins do rego



"Não sou mau pagador. Se tenho, pago, mas se não tenho, não pago, e não perco o sono por isso. Afinal de contas, sou um homem como os outros. E Deus queira que assim continue."

José Lins do Rego

::. Graciliano Ramos (1892 -1953)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [análise](#) | [links](#)

graciliano ramos



*"Quem dormiu no chão
deve lembra-se disto,
impor-se de disciplina,
sentar-se em cadeiras
duras, escrever em tábuas
estreitas. Escreverá talvez
asperezas, mas é delas
que a vida é feita: inútil
negá-las, controná-las,
envovê-las em gaze. "*

**Graciliano Ramos -
Memórias do Cárcere**

::. **Érico Veríssimo (1905 -1975)**

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

érico veríssimo



"Érico Veríssimo é um homem quieto, caseiro, mas costuma ver muita gente, pois sua casa vive cheia de visitantes. Houve um ano em que se recebeu mais de mil estudantes, desde os do curso primário até aos do universitário. Costuma dizer que é um pintor frustrado que, não sabendo pintar com tinta, pinta com palavras. Outra de suas paixões é a música. Não nega que gosta mais de ler que de escrever. Aborrece o que se chama de "aspectos festivos da literatura", e não tem nenhum apreço por títulos e condecorações. "

Érico Veríssimo

::: José Lins do Rego (1901 -1957)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» VIDA



Filho de João do Rego Cavalcanti e de Amélia Lins Cavalcanti, **JOSÉ LINS DO REGO CAVALCANTI** nasceu em 3 de julho de 1901 no Engenho do Corredor, município de Pilar, na Paraíba.

Após passar sua infância nesse lugar e ver de perto os engenhos de açúcar perderem espaço para às usinas, provocando muitas transformações sociais e econômicas, foi para João Pessoa, onde fez o curso secundário e depois, para Recife, onde matriculou-se, em 1920, na faculdade de Direito, formando-se três anos depois.

Nesse período colaborou na imprensa local e fez amizade com Gilberto Freyre, que o influenciou e, em 1922, fundou o semanário Dom Casmurro.

Em 1924 casou-se com d. Filomena Masa Lins do Rego. No ano seguinte, foi para Manhuaçu MG exercer as funções de Promotor. Cargo esse que abandonou em 1926, quando seguiu para Maceió para ser fiscal de bancos, função essa que exerceu até 1930, quando passou a ocupar o cargo de fiscal de consumo.

Durante sua estada em Maceió, além de tornar-se amigo de vários intelectuais locais (Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, Aurélio Buarque, Jorge de Lima e outros), integrou o grupo Regionalista do Nordeste.

Em 1932 publicou "**Menino de Engenho**", seu primeiro romance. Obra essa que lhe rendeu o "Prêmio da Fundação Graça Aranha". Em 1935, transferiu-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde exerceu a diplomacia e colaborou em vários jornais locais. No ano de 1943 publicou "**Fogo Morto**", considerado sua obra prima e síntese do ciclo do açúcar. No ano de 1944, em missão oficial, vai a Argentina e o Uruguai, onde pronuncia várias conferências sobre literatura brasileira.

Apaixonado por futebol, José Lins do Rego pertenceu à diretoria do Clube de Regatas Flamengo e chegou até a chefiar a Delegação Brasileira de Futebol no campeonato Sul-Americano de 1953.

Em 15 de setembro de 1955 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, passando a ocupar a Cadeira nº 25, na sucessão de Ataulfo de Paiva. Em 15 de dezembro desse mesmo ano foi recebido na

academia por Austregésilo de Athayde. Graças ao sarcasmo com que José Lins do Rego tratou o seu antecessor em seu discurso, instituiu-se na ABL a censura prévia aos discursos de posse.

"Ataulfo de Paiva chegou ao Supremo Tribunal Federal sem ter sido um juiz sábio e à Academia sem nunca ter gostado de um poema."

A 12 de setembro, aos 56 anos, José Lins do Rego morre, no Rio de Janeiro, no Hospital dos Servidores do Estado, vítima de hepatopatia.

A respeito de si próprio, José Lins do Rego traçou o seguinte retrato:

"Dezembro de 1947.

"Tenho quarenta e seis anos, moreno, cabelos pretos, com meia dúzia de fios brancos, um metro e 74 centímetros, casado, com três filhas e um genro, 86 quilos bem pesados, muita saúde e muito medo de morrer. Não gosto de trabalhar, não fumo, durmo com muitos sonhos, e já escrevi 11 romances. Se chove, tenho saudades do sol, se faz calor, tenho saudades da chuva. Vou ao futebol, e sofro como um pobre diabo. Jogo tênis, pessimamente, e daria tudo para ver meu clube campeão de tudo. Sou homem de paixões violentas. Temo os poderes de Deus, e fui devoto de Nossa Senhora da Conceição. Enfim, literato da cabeça aos pés, amigo de meus amigos e capaz de tudo se me pisarem nos calos. Perco então a cabeça e fico ridículo. Não sou mau pagador. Se tenho, pago, mas se não tenho, não pago, e não perco o sono por isso. Afinal de contas, sou um homem como os outros. E Deus queira que assim continue."

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: José Lins do Rego (1901 -1957)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» ESTILO



José Lins do Rego valoriza linguagem cotidiana, ou seja, procura escrever da forma como os seus personagens falariam se eles realmente existissem. Isso porque, o autor está preocupado mais com a "veracidade" do que em "fazer estilo". Dessa forma, percebe-se que José Lins nos narra o que viu e o que conhece sobre a vida no Nordeste. Assim temos, sobretudo:

- A decadência dos engenhos que é "engolido" pela usina moderna;
- A agonia das que habitam esse mundo;
- As intrigas da política local;
- A arbitrariedade dos coronéis;
- A luta do progresso contra o atraso; o cangaço.

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: José Lins do Rego (1901 -1957)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» IMAGENS



Clique sobre as imagens ao lado para ampliá-las.



[José Lins do Rego - 1918](#)



[José Lins do Rego - 1940](#)



[José Lins e Austregésilo de Athayde - 1955](#)



[José Lins sendo "empossado na ABL" - 1955.](#)



[José Lins e José Américo.](#)



[Retrato de José Lins do Rego](#)



[Foto de José Lins do Rego](#)



[Caricatura de José Lins do Rego](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: José Lins do Rego (1901 -1957)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» OBRA



Os romances de José Lins do Rego são classificados, por ele mesmo, em três ciclos:

Ciclo da cana de açúcar

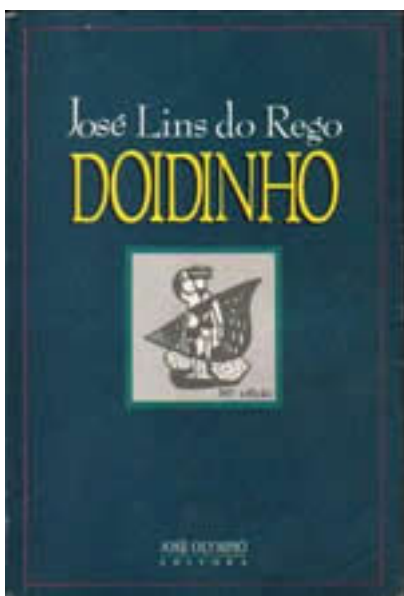
- » Menino de engenho (1932);
- » Doidinho (1933);
- » Bangüê (1934);
- » Usina (1936);
- » Fogo Morto (1943).

Ciclo do cangaço, misticismo e seca

- » Pedra Bonita (1938);
- » Cangaceiros (1953).

Obras independentes

- » O moleque Ricardo (1935);
- » Pureza (1937);
- » Riacho Doce (1939);
- » Água-mãe (1941) - Obra agraciada com o Prêmio Felipe d'Oliveira.
- » Eurídice (1947) - Obra que recebeu o Prêmio Fábio Prado.



» Capa de Doidinho

Segundo o autor esses dois últimos romances são os únicos "desligados dos ciclos da cana de açúcar, misticismo e seca", pois têm como cenário o Rio de Janeiro.

No ciclo da cana de açúcar José Lins do Rego apela para a recordação melancólica da infância e da adolescência. Esse ciclo, bem com o ciclo do cangaço, misticismo e seca, gravita em torno da decadência da sociedade patriarcal, durante o período de transição do engenho para a usina.

Em seus romances, José Lins do Rego incorpora o tom oral da língua. Assim vemos um artista preocupado mais com a veracidade dos fatos do que com o próprio estilo. Algumas dessas obras foram traduzidas para o alemão, espanhol, inglês, francês, coreano etc.

Além de romances José Lins do Rego escreveu ainda:

Memórias

» Meus verdes anos (1956).

Literatura Infantil

» Histórias da velha Totônia (1936).

Crônicas

» Gordos e magros (1942);

» Poesia e vida (1945);

» Homens, seres e coisas (1952);

» A casa e o homem (1954);

» Presença do Nordeste na literatura brasileira (1957);

» O vulcão e a fonte (1958).

Viagem

» Bota de sete léguas (1951);

» Roteiro de Israel (1955);

» Gregos e troianos (1957).

Algumas obras de José Lins do Rego se transformaram em filmes:

» Pureza, direção de Chianca de Garcia (1940);

» Menino de engenho, direção de Valter Lima (1965);

» Fogo morto, direção de Marcos Farias (1976).

Correspondência:

» Cartas – 1962

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**

- [Preliminares](#)

- [Momento Histórico](#)

- [Características - Poesia](#)

- [Características - Prosa](#)

- [Cronologia](#)

:: José Lins do Rego (1901 -1957)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» SINOPSES



» Fogo Morto



Fogo Morto é considerado pela crítica como a "obra-prima de José Lins do Rego". Esse romance, que faz parte do ciclo da cana de açúcar, gira em torno do engenho Santa Fé, desde a sua fundação e ascensão até a sua decadência, quando o engenho é transformado em "fogo morto", ou seja, é desativado.

O romance, que devido à descrição da vida social e psicológica dos engenhos da Paraíba pode ser aproximado aos romances realistas, tem também várias características do Modernismo, dentre as quais destaca-se: a linguagem cotidiana, ou seja, o autor procura aproximar o seu texto da linguagem falada. Fogo Morto é dividido em três partes, cada uma delas com foco em um personagem diferente:

O Mestre José Amaro

O Mestre seleiro José Amaro foi trazido por seu pai, o velho Amaro, ao Engenho Santa Fé. Trabalha em frente de casa, à beira da estrada, por onde passam os diversos moradores do engenho. José Amaro é um homem revoltado e que tem um enorme problema de adaptação com o mundo. Devido ao seu costume de andar sozinho no meio da noite, o povo das redondezas passou chamá-lo lobisomem. Sujeito infeliz, coloca a culpa dessa infelicidade em sua esposa, Sinhá, e na filha Marta, que ficou louca. José Amaro apoiava o cangaceiro Antônio Silvino, pois ele "levava justiça aos pobres" e

"colocava medo nos grandes".

Não suportando as frustrações e a solidão causadas, sobretudo, pela intimação recebida para abandonar o Engenho, devido as desavenças com o "negro Floripes", e por ter sido abandonado pela esposa e pela filha, Mestre José Amaro suicida-se.

O Engenho de Seu Lula

Na segunda parte do Romance há um longo flashback, ou seja, o autor retrocede no tempo para narrar as origens do Engenho de Santa Fé, que foi fundado pelo capitão Tomás Cabral de Melo. O engenho prosperou muito durante o período em que era dirigido pelo capitão Tomás, mas, quando o seu genro, Luís César de Holanda Chacon, o seu Lula, assumiu o controle do Engenho, o Santa Fé declinou rapidamente. Seu Lula é um coronel falido, que mantém a pose da época áurea da escravatura. Ele sempre maltratou os negros. Por isso, logo após a abolição, todos o abandonaram exceto o negro Macário.

Capitão Vitorino Carneiro da Cunha

A terceira parte gira em torno da figura do Capitão Vitorino, compadre de Mestre Amaro e que, até a segunda parte do romance, era visto apenas como motivo de zombaria. O capitão Vitorino falava de tudo o que não gostava, inclusive do governo, do cangaço e dos senhores de engenho.

Na terceira parte do romance o Coronel Vitorino é apresentado como uma espécie de Dom Quixote, ou seja, um homem "valente" que passa situações sublimes como também por outras totalmente ridículas. Apesar disso, ele vive lutando e brigando por justiça e igualdade, sempre em defesa dos humildes contra os poderosos da terra.

» Menino do engenho



Na obra "Menino do engenho" Carlos Melo narra, com um tom saudoso, a infância vivida no engenho Santa Rosa. Carlos, ou melhor, Carlinhos, ficou órfão de pai e mãe e foi viver no engenho Santa Rosa, que pertencia ao seu avô materno, o Coronel José Paulino. A infância de Carlinhos "dividida" entre o "bem e o mal", ou seja, na companhia de sua tia seu comportamento era mais terno, já quando convivia com seus primos era extrovertido e libertino dos primos.

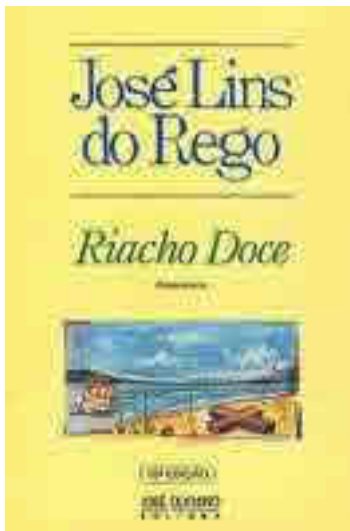
Vivendo no engenho, Carlinhos conheceu as desigualdades sociais entre os senhores de engenho e os seus empregados; o cangaço, ele chegou a pedir ao cangaceiro Antônio Silvino para segui-lo junto ao bando; e, ali, Carlinhos conheceu também o amor, primeiro com a prima Lili, que veio a falecer ainda criança e, depois com outra prima, chamada Maria Clara, que morava no Recife e foi passar alguns dias no engenho. Maria Clara era um pouco mais velha que Carlinhos e, contava a ele as diversões e novidades da cidade. Mas o romance durou pouco, a prima voltou para Recife e, logo em

seguida, Carlinhos perdeu a sua "segunda mãe", sua tia Maria casou-se e o garoto ficou aos cuidados da fria e austera tia Sinhazinha.

No entanto, a Austeridade da tia Sinhazinha faz com que Carlinhos torne-se ainda mais libertino a ponto de o garoto, com apenas doze anos, ficar gálico (sífilis).

A saída encontrada para colocar o garoto nos "eixos" foi enviá-lo para o colégio.

» Riacho doce



Neste obra, José Lins do Rego une amor e petróleo. Um casal de suecos vem para Alagoas - Brasil e a loura Edna se extasia com a força tropical do Brasil, que ela descobre. Apaixona-se por um mestiço nordestino, Nô, uma das figuras mais empolgantes de toda a ficção numerosa e rica José Lins. O amor de Edna e Nô é o núcleo desse romance que é um dos mais ardentemente humanos de mestre José Lins do Rego, esse contador de histórias inesgotável, impregnado de oralidade.

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: José Lins do Rego (1901 -1957)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» CRÍTICA



"O grande valor da obra de José Lins do Rego reside nisto: o seu assunto e o seu estilo correspondem-se plenamente. Assim, e só assim, conta-se a decadência do patriarcalismo no Nordeste do Brasil, com as suas inúmeras tragédias e misérias humanas e uns raros raios de graça e humor."

Carpeaux, Otto Maria. O brasileiríssimo José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. Fogo morto. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. p. 7-13.

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: José Lins do Rego (1901 -1957)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» LINKS



» [Fundação Joaquim Nabuco](#) - Contém informações literárias e biográficas.

» [Itaú Cultural](#) - Contém informações biográficas.

Para adicionar novos endereços de sites relacionados a Graciliano Ramos, envie um email [para o Mundo Cultural](#).

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

:: Graciliano Ramos (1892 -1953)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [análise](#) | [links](#)

» VIDA**Origens**

GRACILIANO RAMOS DE OLIVEIRA nasceu a 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrangulo, Alagoas. Graciliano, considerado pela crítica como um dos maiores romancistas brasileiros, é o primeiro dos 16 filhos do casal Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ferro Ramos.

Dois anos depois, se muda com a família para Buíque, interior de Pernambuco. Em 1900, quando tinha 8 anos, voltou para Alagoas. A cidade agora é Viçosa. Nesse local, junto com um primo, dirige jornalzinho O Dilúculo, no qual publica sua primeira obra: o conto **“Pequeno mendigo”**.

Nota: Em algumas obras sobre o autor esse conto também é intitulado de **“Pequeno pedinte”**.

Literatura de Balcão

No ano de 1904 vai para o Internato em Maceió, onde permaneceu por seis anos. Nesta época, dedica-se ao estudo do inglês, do francês, e do italiano. Em 1910, quando sai do internato, vai para Palmeira dos Índios. A família mudara-se de Viçosa. Nessa época Graciliano trabalha na loja do pai e, devido à profunda paixão pela literatura, passa a escrever no Balcão da loja.

No ano de 1914 Graciliano muda-se para o Rio de Janeiro, onde, sem ter cursado nenhuma faculdade, começa a trabalhar como revisor em alguns jornais. Dentre eles o “O correio da manhã” e “A tarde”. Nessa assina seu trabalho com o pseudônimo de Ramos de Oliveira (R.O).

A permanência no Rio dura pouco. Um ano depois volta a Palmeira dos Índios, devido a uma situação nada agradável: em um só dia morreram, vítimas da peste bubônica, duas de suas irmãs, um irmão e um sobrinho. Ainda em 1915 casa-se com Maria Augusta de Barros e retoma as atividades de comerciante, agora como proprietário da loja “Sincera”.

Caetés

Em 1920, fica viúvo, sua esposa morreu no parto. Responsável pelos quatro filhos menores, nessa época Graciliano também escreve crônicas para vários jornais. Em 1925 inicia a obra "Caetés", que seria finalizada em 1928 e publicada em 1933.

Devido à participação ativa na vida política da cidade, é eleito prefeito em 1927. Em 7 de janeiro de

1928, Graciliano assume a prefeitura de Palmeira dos Índios e investe em educação, pois abre três escolas. Além disso, mostra-se um excelente administrador.

A política também ajudou Graciliano nos meios literários: seus ofícios chamam a atenção de um editor carioca, que o convida para publicar a obra "Caetés".

Ainda em 1928 casa-se com Heloísa de Medeiros.

Literatura na Sacristia

Em 1930, renuncia ao cargo de prefeito, sendo, em seguida, nomeado diretor da Imprensa Oficial do Estado, de onde se demite em dezembro de 1931 por motivos políticos. No ano seguinte, em Palmeira dos Índios, começa escrever a obra São Bernardo. Um fato curioso sobre essa obra é que boa parte dela foi escrita na sacristia da igreja Matriz da cidade.

Devido a problemas de saúde a obra teve que ser interrompida e Graciliano vai para Maceió, onde é operado. O período que ficou no hospital resulta no conto "O relógio do hospital" e do livro "Insônia".

Quando sai do hospital volta a escrever São Bernardo. Em 1933 Graciliano deixa definitivamente Palmeira dos Índios, pois é nomeado diretor de Instrução Pública de Alagoas (esse cargo hoje corresponde ao de secretário de Estado da Educação).

No ano de 1934 lança a obra "São Bernardo", considerada por muitos críticos como a sua obra prima. Em 1936 lança "Angústia" que é considerado o romance tecnicamente mais complexo de Graciliano Ramos, no qual o autor retrata a cidade de Maceió daquela época.

Memórias do Cárcere

Durante o período que permaneceu na secretaria da educação revolucionou os métodos de ensino da época. No entanto, devido as suas idéias, consideradas "extremistas", foi demitido em 1936.

Ainda nesse ano, precisamente no dia 3 de março, é preso sob a acusação de ligação com o Partido Comunista. A acusação é falsa, pois Graciliano se entraria para o PCB em 1945. Mesmo sem acusação formal ou julgamento, é deportado para o Rio de Janeiro, onde permanece encarcerado até 1937. Dessa experiência resultou a obra "Memórias do cárcere", que só começou a ser escrita em 1946 "Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos".

A obra "Memórias do cárcere", publicada somente em 1953, foi transformada em filme por Nelson Pereira dos Santos.

Depois de ser libertado da prisão, Graciliano ficou morando no Rio de Janeiro em um quarto de pensão, com a mulher e os filhos menores.

Vidas Secas

Em 1938 publica o livro que se tornaria sua obra-prima: *Vidas secas*, seu quarto e último romance, que é voltado para o drama social e geográfico de sua região - melhor expressão de seu estilo, com ênfase regionalista.

Em 1939 volta a assumir um cargo público, dessa vez como inspetor Federal do Ensino Secundário. Em 1942 ganha o prêmio Filipe de Oliveira. Em 1945, com o término da Ditadura Vargas, filia-se ao Partido Comunista.

Seis anos depois é eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE). Em 1952 viaja pela antiga União Soviética e parte da Europa. Dessa viagem resulta o livro “*Viagem*”, publicado postumamente.

Em 1953, já de volta ao país, Graciliano Ramos, o Mestre Graça, como era carinhosamente tratado, morre, vítima de morte de câncer no pulmão, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 30 de março de 1953, aos 61 anos.

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Graciliano Ramos (1892 -1953)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [análise](#) | [links](#)

» ESTILO



QUANTO AO ESTILO, destaca-se em Graciliano Ramos a capacidade de síntese, ou seja, a habilidade de dizer o essencial em poucas palavras. Graciliano reescrevia seus livros varias vezes com o intuito de retirar deles tudo o que era desnecessário. Desse cuidado resulta o seu estilo “enxuto”, que é considerado um exemplo de elegância e de elaboração.

Em suas obras o substantivo é muito privilegiado, o que não ocorre da mesma forma com o adjetivo. Apesar de Graciliano centrar obra na região nordestina, a análise que o autor faz da condição humana faz com que sua obra universalize-se.

Graças a esse estilo, Graciliano Ramos é considerado pela critica literária como um dos maiores romancistas brasileiro, ficando atrás apenas de Machado de Assis. A sua obra, considerada a melhor ficção produzida na segunda fase do Modernismo brasileiro, é presença garantida em quase todos os exames vestibulares do Brasil.

Entre todas obras de um grande autor, geralmente há um ponto de contato que as transformam em uma unidade maior, que é um reflexo da compreensão da vida da arte que cada autor possui. No caso de Graciliano Ramos esse ponto de intersecção é a luta pela sobrevivência.

Os temas mais comuns na obra de Graciliano Ramos são os grandes latifundiários; a opressão sofrida pelo sertanejo e a seca e suas conseqüências dramáticas. Segundo o crítico Antônio Candido, pode-se dividir a toda a obra de Graciliano Ramos em três grandes grupos:

Romances narrados em primeira pessoa:

- » *Caetés*;
- » *São Bernardo*;
- » *Angústia*.

Nessas obras temos um verdadeiro mergulho na alma humana e uma análise do contexto social e política em que vive cada personagem.

Romances narrados em terceira pessoa:

» *Vidas Secas*

Nessa narrativa o enfoque se dá sobre a realidade social das personagens. Se nos romances narrados em primeira pessoa o ponto de interesse é o homem, ficando o contexto social segundo plano, em "Vidas secas" o ponto de interesse é o homem vinculado ao seu meio natural, no caso o sertão.

Autobiografias:

» *Infância;*

» *Memórias do cárcere.*

Essas obras transcendem o individual, passando pelo plano social e político e atingindo o plano universal. Por isso, pode-se dizer que "Memórias do cárcere" não é simplesmente um livro de memórias que relata o período em que Graciliano Ramos ficou preso. Essa obra vai além disso, pois retrata o Brasil no período da ditadura Vargas e as humilhações e sofrimentos de vários presos políticos.

Ainda com relação ao estilo, Graciliano Ramos é assim definido na Enciclopédia Barsa:

"Alguns personagens de Graciliano Ramos -- como Paulo Honório, de São Bernardo, e Fabiano, Sinhá Vitória e a cachorra Baleia, de Vidas secas -- estão entre os mais significativos da literatura brasileira do século XX. A prosa em linguagem simples e coloquial, de estilo marcante e seco, fez do escritor um dos consolidadores da língua portuguesa usada no Brasil."

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Graciliano Ramos (1892 -1953)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [análise](#) | [links](#)

» IMAGENS



Clique sobre as imagens ao lado para ampliá-las.



[Graciliano - Rio de Janeiro, 1948](#)



[Graciliano Ramos, \(aproximadamente 1932\)](#)



[Graciliano Rio de Janeiro, 1948](#)



[Caricatura de Graciliano feita pelo cartunista Alvarus.](#)



[Retrato de Graciliano, de Cândido Portinari.](#)



[Foto de Graciliano](#)



[Graciliano na Livraria José Olympio Rio de Janeiro, 1942](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Graciliano Ramos (1892 -1953)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [análise](#) | [links](#)

» OBRA



» Capa de Vidas Secas

Romance:

- » Caetés – 1933
- » São Bernardo – 1934
- » Angústia – 1936
- » Vidas Secas – 1938
- » Brandão Entre o Mar e o Amor (romance escrito em parceria com Jorge Amado, José Lins do Rego, Aníbal Machado e Raquel de Queirós) – 1942

Conto:

- » Insônia – 1947
- » Alexandre e outros heróis - 1962

Memórias:

- » Infância – 1945
- » Memórias do Cárcere – 1953
- » Viagem (obra póstuma) – 1954

Crônica (obras póstumas):

- » Linhas Tortas – 1962
- » Viventes das Alagoas - 1962

Literatura Infantil:

- » Histórias de Alexandre – 1944
- » Histórias Incompletas – 1946

Correspondência:

- » Cartas – 1962

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Graciliano Ramos (1892 -1953)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [análise](#) | [links](#)

» SINOPSES



Vidas Secas

Em “Vidas Secas, considerado pela maioria dos críticos literários como a principal obra de Graciliano Ramos, é praticamente impossível não se emocionar com o sofrimento de uma família de retirantes que tenta sobreviver à seca.

O grupo, que quase não se comunica e mais se parece com bichos, é liderado por Fabiano que, para manter a família viva, humilha-se diante do soldado amarelo e do proprietário das terras onde trabalha como vaqueiro. Além dele, o sofrido grupo é composto por: Sinha Vitória, a esposa, cujo único desejo era possuir “*uma cama real, de couro e sucupira*”; os meninos, o mais velho e o mais novo, que, por não terem nome próprio, representam a condição de anonimato em que vivem os sertanejos; a cachorra Baleia que é humanizada e faz contraponto à animalização da família que ela acompanha; e o papagaio que só sabia latir e foi sacrificado para que o grupo não morresse de fome.

Pode-se dizer que o romance é marcado pela idéia da fuga constante, o caminhar sem fim. “...*A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como um judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca.*” ..

Um dos aspectos que mais impressionam na obra é o seu tema sempre atual. O romance, escrito entre 1937 e 1938, enfoca o problema da seca e as condições de vida miseráveis do sertanejo brasileiro. Condições essas que praticamente não se alteraram.

Memórias do Cárcere

Escrito em quatro volumes, “Memórias do Cárcere” narra acontecimentos da sua e da vida de outras pessoas que estiveram presos durante o Estado Novo. A narrativa é amarga, mas sem exageros ou invenções, nessa obra Graciliano Ramos é fiel aos acontecimentos. Se há amarguras e sordidez, é porque as situações vividas foram sórdidas e amarguradas.

Memórias do Cárcere é o testemunho da realidade nua e crua de quem, sem saber por quê, viveu em porões imundos, sofreu com torturas e privações provocadas por um regime ditatorial chamado de

ESTADO NOVO.

O discurso, regido pela égide da opressão, é caracterizado pelo desdobramento: pois é psicológico, e, ao mesmo tempo, um documentário; é particular, mas universaliza-se. Lei abaixo um trecho da obra:

“O mundo se tornava fascista. Num mundo assim, que futuro nos reservariam? Provavelmente não havia lugar para nós, éramos fantasmas, rolaríamos de cárcere em cárcere, findaríamos num campo de concentração. Nenhuma utilidade representávamos na ordem nova. Se nos largassem, vagaríamos tristes, inofensivos e desocupados, farrapos vivos, fantasmas prematuros; desejaríamos enlouquecer, recolhermo-nos ao hospício ou ter coragem de amarrar uma corda ao pescoço e dar o mergulho decisivo. Essas idéias, repetidas, vexavam-me; tanto me embrenhara nelas que me sentia inteiramente perdido.”

São Bernardo

São Bernardo é um dos romances mais densos da literatura brasileira. Isso porque o social e o psicológico se fundem na obra e resultam em uma profunda análise das relações humanas.

Com uma narrativa seca e sem rodeios, Paulo Honório, um homem duro e ambicioso, narra, em primeira pessoa, a sua trajetória: de vendedor de doces, guia de cegos, trabalhador rural a proprietário da bela fazenda São Bernardo.

Para tornar-se proprietário da fazenda São Bernardo Paulo utiliza-se de meios moralmente discutíveis: aproveita-se das dificuldades financeiras e dos vícios de Padilha, antigo proprietário. Depois de conquistar a fazenda, torna a propriedade rentável e consegue estabilizar-se financeiramente. Falta-lhe, no entanto, um herdeiro. Então Paulo Honório se casa com Madalena. No entanto, o ciúme doentio que sentia por Madalena leva a esposa ao suicídio.

No final, Paulo Honório acaba sozinho. Como ele mesmo diz, não possuirá sequer a amizade do filho. Resta-lhe apenas escrever suas memórias e reconhecer a culpa pela morte da mulher e pelo estrago que fez em sua vida. Mesmo assim ainda tenta se justificar: "A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste."

Caetés

Primeiro romance escrito por Graciliano Ramos que observa criticamente seus heróis João Valério e Luísa. História de um amor ilícito numa vila perdida do interior brasileiro. Drama sentimental e histórico dos caetés ilustrado por Poty.

O crítico Wilson Martins afirma que, em seu primeiro trabalho literário, Graciliano Ramos foi

influenciado por Eça de Queirós. Mesmo assim, a história de João Valério e Luísa tem a mesma força de universal de Anna Karenina ou Madame Bovary. No final desta história de amor de caetés, o autor combina a essência da "A ilustre casa de Ramires" e "O primo Basílio". A primeira obra de Eça absorveu a construção em dois planos, superpondo o drama contemporâneo ao drama histórico dos caetés. De "O primo Basílio", a influência se dá no episódio do adultério e no nome da heroína. Qualquer que seja a visão da crítica, Graciliano nos oferece a oportunidade de não podermos distinguir no autor, no homem e na obra o que é inventado do que é recordado.

Angústia

Marco do romance moderno brasileiro, "Angústia" é a expressão máxima do embate, entre a subjetividade do escritor e a realidade objetiva e sempre opressora, que se revela na figura de um pequeno funcionário e sua consciência de condenado à mediocridade.

"Angústia", juntamente com os romances anteriores, "Caetés" e "São Bernardo", leva a termo a obsessiva pesquisa de Graciliano Ramos sobre a alma humana. Dela sobrevêm a ebulição do eu que se oculta nos subterrâneos e que necessariamente se opõe à aparente tranqüilidade da superfície conformada ao mundo. A subjetividade que surge desse embate, a dos desejos reprimidos, aspirações frustradas, consciência de danação, personifica-se em Luis da Silva, frustrado funcionário que se apaixona por sua vizinha, a fútil Marina, pela qual, após ter acertado casamento, é abandonado por seu duplo e opositor Julião Tavares. A disposição mórbida do narrador em relação ao mundo e a si mesmo transparece na estrutura da obra que se enriquece ao dividir-se entre o tempo presente da objetividade, o tempo pretérito das reminiscências e a atemporalidade da subjetividade deformadora. É em delírio que Luis da Silva nos conta sua história, imerso em uma atmosfera sufocante e opressiva de autodestruição moral que se estende ao mundo e aos seus semelhante

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Graciliano Ramos (1892 -1953)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [análise](#) | [links](#)

» ANÁLISE



» [Análise da animalização do homem e do descaso do Governo com o problema da seca no Nordeste brasileiro em comparação com a obra “Vidas Secas” de Graciliano Ramos.](#)

Análise elaborada pelos professores: Antônio Carlos Pinho, Adilson Oliveira e Genival Meira Benevides.

Atenção: Para acessar a análise é necessário a instalação do software Acrobat Reader, que pode ser adquirido gratuitamente no site do fabricante (www.adobe.com)

Veja Também:

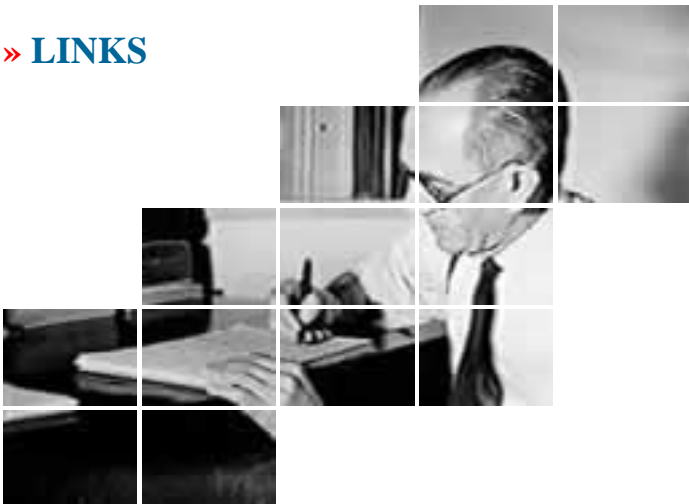
[Modernismo](#)

- [Brasil 2ª Fase](#)
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Graciliano Ramos (1892 -1953)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [análise](#) | [links](#)

» LINKS



» [Site Oficial](#) - Site criado e mantido pela família de Graciliano Ramos. Contém informações literárias e biográficas e um bom acervo de fotos.

Para adicionar novos endereços de sites relacionados a Graciliano Ramos, envie um email [para o Mundo Cultural](#).

Veja Também:

[Modernismo](#)

- [Brasil 2ª Fase](#)
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Érico Veríssimo (1905 -1975)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» VIDA



Filho de Sebastião Veríssimo da Fonseca e Abegahy Lopes Veríssimo, **ÉRICO LOPES VERÍSSIMO** nasceu em 17 de dezembro de 1905, em Cruz Alta, Rio Grande do Sul. Filho de família rica e tradicional, Érico amarga desde cedo à ruína de seus pais.

Após completar os primeiros estudos no colégio no Colégio Elementar Venâncio Aires, ingressou no curso secundário no Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre. Devido à separação dos pais, ocorrida em dezembro de 1922, muda-se, junto com a mãe, para a residência dos avós maternos em Cruz Alta.

Devido à necessidade de trabalhar, larga os estudos e vai trabalhar no armazém do tio materno (Americano Lopes).

Em 1925 tornar-se bancário ingressando no Banco Nacional do Comércio. No ano seguinte, torna-se sócio de uma farmácia, que acaba falindo no ano de 1930. Em 1931, transfere-se para Porto Alegre, onde é convidado por Mansueto Bernardi para trabalhar na "Revista do Globo". Durante sua estada nessa publicação, faz "de tudo um pouco", pois foi paginador, ilustrador, redator e diretor.

Em 1932, já casado Mafalda Halfen Volpe, publica o livro de contos "Fantoches" e, no ano seguinte, seu primeiro romance: "Clarissa". A partir daí, e devido ao relativo sucesso dessas obras, inicia uma intensa atividade literária. Em 1935 nasce sua filha Clarissa. Ainda nesse ano recebe os seguintes Prêmios:

- Prêmio concedido pela Fundação Graça Aranha pela obra Caminhos Cruzados;
- Prêmio de Romance Machado de Assis, concedido pela Companhia Editora Nacional pela obra Música ao Longe;

Em 1936 nasce o filho Luis Fernando Veríssimo, que também se tornou escritor. Ainda nesse ano, cria e passa a apresentar, na Rádio Farroupilha, o programa infantil "Clube dos 3 Porquinhos", sob o pseudônimo de Amigo Velho. O programa permanece no ar até o ano seguinte.

Em 1941 viaja para os Estados Unidos, país para o qual retorna em 1943 para lecionar Língua

Portuguesa e Literatura Brasileira, durante dois anos, na Universidade de Berkeley. Em 1953, volta aos Estados Unidos, dessa vez para ocupar o cargo de Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. No ano seguinte, recebe o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, concedido pela Academia Brasileira de Letras.

Em 1956 Érico volta ao Brasil, onde se dedica exclusivamente à literatura. Em pouco tempo ele já é um dos escritores mais populares do País. Em 1967 seu sucesso é coroado com **Prêmio Juca Pato de "Intelectual do Ano"**, concedido pela União Brasileira dos Escritores. No ano de 1973 publica o livro de memórias "Solo de clarineta".

Em 28 de novembro 1975, em Porto Alegre, Érico Veríssimo falece, vítima de infarto do miocárdio. Após sua morte, Carlos Drummond de Andrade escreveu o seguinte poema:

A falta de Érico

Falta alguma coisa no Brasil
depois da noite de sexta-feira.
Falta aquele homem no escritório
a tirar da máquina elétrica
o destino dos seres,
a explicação antiga da terra.

Falta uma tristeza de menino bom
caminhando entre adultos
na esperança da justiça
que tarda - como tarda!
a clarear o mundo.

Falta um boné, aquele jeito manso,
aquela ternura contida, óleo
a derramar-se lentamente.
Falta o casal passeando no trigal.

Falta um solo de clarineta.

Para conhecer um pouco mais sobre Érico Veríssimo, nada melhor do que ler sua "Autobiografia"

"Érico (Lopes) Veríssimo. Nasceu a 17 de Dezembro de 1905, na cidade de Cruz Alta, situada a noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. Seu pai era farmacêutico diplomado, homem de boas leituras, voltado como quase todos os seus contemporâneos brasileiros para a cultura francesa. Seus avós foram quase todos estancieiros, grandes proprietários de terras, mas quando o futuro escritor nasceu ambos estavam praticamente falidos. Boêmio, esbanjador, o pai de Érico Veríssimo gastou fortunas na pequena cidade onde vivia. Sua mulher entretanto, trabalhando como modista,

pôde pagar para o filho o ginásio, que ele entretanto não conseguiu terminar.

Pode-se, pois, dizer que E.V. é um autodidacta. Trabalhou num armazém que fornecia alimentos para a guarnição federal. Depois passou a ser pequeno funcionário de banco, com um salário ínfimo. Mais tarde, ajudado pela mãe, tornou-se sócio de uma farmácia, que durou quatro anos, ao cabo dos quais faliu. E.V. decidiu então fazer o que queria, isto é, tornar-se escritor. Mudou-se sozinho para a capital do Estado, Porto Alegre.

Ora, até então ninguém no Brasil podia viver do produto dos seus próprios livros, mas E.V. insistiu nos seus propósitos. Começou como secretário e mais tarde foi feito director da revista "Revista do Globo". Voltou à sua cidade natal para casar com a sua namorada, uma menina de olhos azuis que morava na casa à frente de sua antiga farmácia, e retornou a Porto Alegre.

Em 1932 publicou seu primeiro livro, "Fantoches", colecção de contos, na maioria em forma de pequenas peças teatrais. (Influências: Shaw, Oscar Wilde, Anatole France, Pirandello.) O livro teve uma crítica "misturada", mas suas vendas foram positivamente um fracasso.

Já com a sua primeira novela, "Clarissa", o êxito foi maior ou, antes, o desastre não foi tão grande. Com "Caminhos Cruzados", romance de protesto social, (1934) Veríssimo ganhou um importante prémio literário nacional. Seguiram-se outros romances, num ritmo de um por ano, mas só em 1938, com "Olhai os Lírios do Campo" é que lhe veio a popularidade, e dessa data em diante o autor começou a ver mais de perto a possibilidade de viver de seus próprios livros. Em 1941 visitou os Estados Unidos, a convite de seu Department of State. Essa viagem resultou no livro "Gato Preto em Campo de Neve", que teve muito boas vendas.

Afirma Veríssimo que todos os romances que todos os romances que escreveu entre 1933 e 1943 pouco mais foram do que "exercícios" com que se preparou para produzir o livro dos seus sonhos, a saber, uma espécie de painel de sua terra e sua gente. Começou esse trabalho em 1947 e em 1949 tinha pronto o primeiro volume, intitulado, "O Continente". Em 1951 publicou o segundo tomo, "O Retrato" e em 1962 o último, o Arquipélago".

Entre o segundo e o terceiro, sofreu um sério enfarte do miocárdio que, quase o matou, e confessa que entre os "motivos" desse incidente cardíaco estavam suas preocupações com a marcha do trabalho no volume, iniciado em 1952, interrompido durante os três anos e cinco meses que seu autor passou em Washington, como director do Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos - continuado e novamente interrompido entre 1956 e 1960 e finalmente terminado em 1962. A trilogia tem o título geral de "O Tempo e o Vento" e é considerada o mais importante trabalho do autor. (...) Conhecidos são também seus livros de viagens: "A Volta do Gato Preto" (1946, "México" (1957), "Israel em Abril" (1969).

A Última obra que E.V. publicou foi "Solo de clarineta", um livro de memórias. No momento o autor trabalha no segundo tomo dessa autobiografia informal.

Vários dos seus livros têm sido traduzidos em países como França, Itália, Inglaterra, áustria, URSS, Estados Unidos, Holanda, Argentina, México, Hungria e Noruega.

Érico Veríssimo é um homem quieto, caseiro, mas costuma ver muita gente, pois sua casa vive cheia

de visitantes. Houve um ano em que se recebeu mais de mil estudantes, desde os do curso primário até aos do universitário. Costuma dizer que é um pintor frustrado que, não sabendo pintar com tinta, pinta com palavras. Outra de suas paixões é a música. Não nega que gosta mais de ler que de escrever. Aborrece o que se chama de "aspectos festivos da literatura", e não tem nenhum apreço por títulos e condecorações.

Tem dois filhos e seis netos. Está casado ainda com a "menina dos olhos azuis". Odeia a violência e a injustiça. Gosta muito da vida.

Jornal de Letras Artes e Ideias, Ano XI, n°483, 8-14/X/1991"

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Érico Veríssimo (1905 -1975)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» ESTILO



Érico Veríssimo iniciou sua carreira de romancista abordando temas social-urbanos, nos quais lança um olhar crítico sobre os hábitos e costumes dos indivíduos que habitam as cidades.

Com a publicação da série "O Tempo e o Vento" o autor busca recompor a história do Rio Grande do Sul. Assim, Érico pode ser considerado o "**representante gaúcho**" do **regionalismo modernista**.

No entanto, diferente do regionalismo Nordestino, que buscava aproximar a fala típica da região à linguagem literária, Érico Veríssimo quase não faz uso desse recurso, seu regionalismo está muito mais no conteúdo de seus trabalhos do que na linguagem.

Apesar de sua forte ligação com o Rio Grande do Sul, Érico Veríssimo é um autor comprometido com os problemas sociais não só do seu Estado Natal, mas também com os do Brasil e do mundo. No âmbito nacional, isso fica claro quando Érico, na própria série "O Tempo e o Vento", aborda temas político-sociais como a renúncia do presidente Jânio Quadros. No cenário Internacional essa preocupação fica explícita na obra "O Prisioneiro", que tem como tema a guerra do Vietnã.

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Érico Veríssimo (1905 -1975)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» IMAGENS



[Érico aos vinte anos.](#)



[Érico e Villa Lobos](#)



[Foto 1](#)



[Érico Verissimo sendo agraciado com o Título de Doutor Honoris Causa Literatura conferido pelo Mills College, California em 1944.](#)



[Foto 2](#)



[Foto 3](#)



[Foto 4](#)

Veja Também:

Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Érico Veríssimo (1905 -1975)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» OBRA



A obra de Érico Veríssimo, para fins didáticos, pode ser dividida da seguinte maneira:

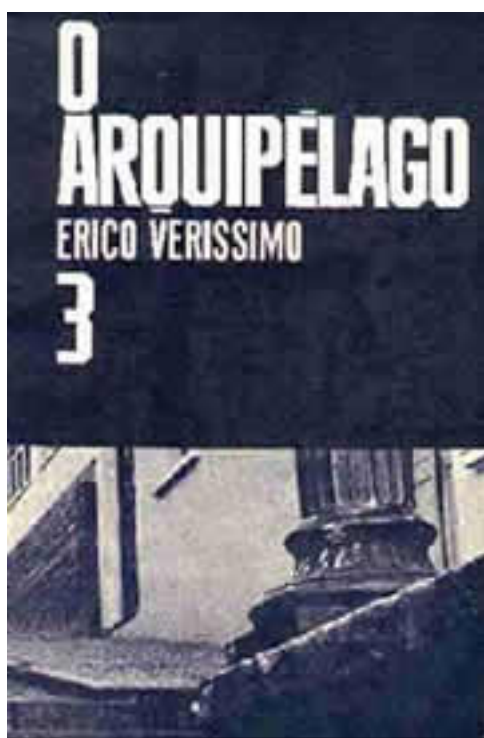
Romances Urbanos - São aqueles em que o Assunto gira em torno do cotidiano das grandes cidades como a crise da sociedade moderna e a falta de solidariedade etc. Fazem parte desse grupo os Romances:

- » Clarissa - 1933;
- » Caminhos Cruzados- 1935;
- » Música ao Longe - 1935;
- » Um Lugar ao Sol - 1936;
- » Olhai os lírios do campo - 1938;
- » Saga - 1940;
- » O Resto é Silêncio - 1942;
- » Noite - 1954

Romances Históricos - São aqueles em que Érico Veríssimo monta um verdadeiro painel histórico do Rio Grande do Sul, abrangendo as formações sociais, políticas e econômicas. Fazem parte desse grupo:

» **O tempo e o vento - trilogia épica, dividida em:**

- **O continente (1945)** - engloba o período que vai do século XVIII até 1895;
- **O retrato (1951)** - retrata as primeiras décadas do século XX;
- **O arquipélago (1961)** - vai até o governo Vargas.



» Capa da obra "O arquipélago" 1961

Romances Políticos - São aqueles que gravitam em torno da política contemporânea ao período em que Érico Veríssimo viveu. Fazem parte desse grupo as obras:

- » O Senhor Embaixador - 1965;
- » O Prisioneiro - 1967;

» Incidente em Antares - 1971.

Literatura Infantil e Juvenil

- » A Vida de Joana D'Arc (1935) - literatura infano-juvenil
- » As Aventuras do Avião Vermelho - 1936;
- » Os Três Porquinhos Pobres - 1936;
- » Rosa Maria no Castelo Encantado - 1936;
- » Meu ABC - 1936;
- » As Aventuras de Tibicuera (romance didático) - 1937;
- » O Urso com Música na Barriga - 1938;
- » A Vida do Elefante Basílio - 1939;
- » Outra Vez Os Três Porquinhos - 1939;
- » Viagem à Aurora do Mundo - 1939;
- » Aventuras no Mundo da Higiene - 1939;
- » Gente e Bichos - 1956.

Contos

- » Fantoches, 1932

Viagem

- » Gato Preto em Campo de Neve - 1941;
- » A Volta do Gato Preto - 1946;
- » México - História de uma viagem - 1957;
- » Israel em Abril - 1969.

Memórias

- » Solo de Clarineta I - 1973;
 - » Solo de Clarineta II - 1976;
- nota: as datas das obras referem-se ao ano de publicação

Algumas das obras de Érico Veríssimo foram traduzidas e publicadas nos EUA, Inglaterra, França, Itália, Alemanha, Áustria, México, URSS, Argentina etc. Além disso, algumas de suas obras foram adaptadas para a televisão:

Olhai os Lírios do Campo - Novela exibida pela Rede Globo em 1980 sob direção de Herval Rossano.
O Tempo e o Vento - Minissérie exibida pela Rede Globo em 1985 sob direção de Paulo José, Walter

Campos e Denise Saracene. Essa mesma obra também foi adaptada para Telenovela, exibida pela TV excelsior em 1967.



Na foto: Elíseo de Albuquerque, Geórgia Gomide (como Ana Terra), Silvio Francisco e Davi José (de costas).

Incidente em Antares - Minissérie exibida pela Rede Globo em 1994 sob direção de Paulo José e Nelson Nadotti

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

:: Érico Veríssimo (1905 -1975)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» SINOPSES



» INCIDENTE EM ANTARES

A obra, *Incidente em Antares*, teve sua primeira edição publicada em 1971, pleno auge da Ditadura Militar Brasil. Nela, Érico Veríssimo ironiza a imponente postura de alguns oficiais brasileiros. "Dessa vez, abri a veia da sátira e deixei seu sangue escorrer livre e abundantemente"

A obra é dividida em duas partes: na primeira parte, iniciada na pré-história, no período pleistoceno. Em seguida, em um salto de um milhão de anos, o leitor é transportado para o ano de 1831, na imaginária cidade de Antares, que localiza-se às margens do rio Uruguai, fronteira do Brasil com a Argentina.

Nessa parte temos a rivalidade entre as famílias dos Vacarianos, liderada por Francisco Vacariano, e dos Campolargos, cujo líder era Anacleto Campolargo. Os dois fundam, respectivamente os partidos Conservador e Liberal, o que aumenta ainda mais a rivalidade entre as famílias.

Em síntese, nessa parte temos o progressivo acomodamento das duas oligarquias rivais que a dominam política e a economia local por mais de cem anos, às oscilações da política nacional e a união das duas famílias frente à "ameaça comunista", representada pela classe operária que reivindica seus direitos.

A segunda parte inicia-se na sexta-feira, 13 de dezembro de 1963 com a greve dos coveiros. Inesperadamente, morrem sete pessoas em Antares, dentre elas a matriarca dos Campolargo.

Com a intenção de aumentar a pressão sobre os patrões, os coveiros se negam a efetuar o enterro. Ao escurecer, existem uma tentativa de roubo do caixão de D. Quitéria, pois os ladrões acreditavam que ela havia sido enterrada com suas jóias. No entanto, quando os ladrões abrem o caixão se deparam com a senhora de olhos abertos e, assustados, fogem do local.

D. Quitéria, sem saber ao certo o que esta acontecendo abre o caixão que onde estava o Dr. Cícero Branco. Em seguida, os dois abrem os outros cinco caixões restantes. Os mortos insepultos, recordam-se da greve e decidem e sair para encontrar os parentes e amigos. Antes de ir eles combinam que deverão se encontrar no outro dia na praça da cidade. Durante o "passeio" os mortos descobrem a

extrema podridão moral da sociedade:

- D. Quitéria, por exemplo, vai até sua casa e vê que seus familiares já estavam brigando pela herança sem se importar nenhum pouco por ela;
- Dr. Cícero Branco vê sua mulher na cama com um outro homem.

Como as personagens são cadáveres e, dessa forma livres das pressões sociais, podem criticar aberta e violentamente a sociedade.

No local e hora marcados, os mortos se encontram na praça, os demais moradores da cidade também estão lá e os defuntos contam os malfeitos de alguns membros da sociedade que se encontram vivos. As notícias são recebidas com os mais diversos tipos de sentimentos (ira, nervosismo, rancor etc). Quando as acusações terminam, os mortos dizem que se não tivessem um enterro digno ficariam ali até apodrecerem, o que acaba, por final, acontecendo.

» CLARISSA

O romance Clarissa, publicado pela primeira vez em 1933, narra a história da adolescente Clarissa que mora na pensão da tia Eufrasina enquanto estuda em Porto Alegre. Ela, como a maioria das jovens, é curiosa e está em fase de descobrimento do Mundo. Assim, a obra aborda temas como da iniciação sexual, o amor, a amizade, a solidão, a morte e as relações humanas.

Clarissa não gosta muito da escola e se aborrece com algumas matérias, sente saudades de Jacarecanga, sua cidade natal e é muito observadora. Por meio desse poder de observação, o perfil psicológico das pessoas que moram na pensão nas vizinhanças são revelados: Como exemplo pode-se citar os seguintes personagens:

- Ondina, a esposa infiel;
- Barata, marido de Ondina. Homem displicente e bonachão;
- Amaro, o músico triste e contemplativo;
- O major aposentado. Homem distraído que sempre diz alguma frase de sabedoria;
- As disputas religiosas do judeu Levinsky e do protestante Gamaliel;
- Etc.

O músico Amaro vive contemplando a jovem Clarissa, que, a cada dia que passa, fica mais bonita. Clarissa, por sua vez descobre que Amaro é uma doce e sensível. Quando Clarissa completa 14 anos e termina seus estudos, retorna a Jacarecanga. Durante a viagem relembra com saudade tudo o que viveu na pensão. Quanto a Amaro, vendo que seu amor não se concretizará, entrega a sua rigorosa solidão.

» OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO

A obra *Olhai os Lírios do Campo*, publicada pela primeira vez em 1938, é dividida em duas partes de doze capítulos cada. Na primeira parte o jovem e ambicioso médico de nome Eugênio revela o seu passado por meio de flashbacks durante o percurso que faz até o hospital onde Olívia, sua amada, está hospitalizada. Assim, conhecemos a sua infância pobre e o quanto ele foi humilhado na escola de medicina devido a sua classe social. Na faculdade conhece Olívia que se torna sua amiga e seu amor. Os dois têm uma noite de amor no dia do estouro da Revolução de 30.

No entanto, Eugênio conhece Eunice, um mulher fútil e vazia, porém rica, muito rica. Eugênio casa-se com Eunice apenas para ascender socialmente e sua vida muda: Ele consegue um ótimo emprego na fábrica do seu sogro e vive com uma mulher que não ama.

Algum tempo depois, Eugênio reencontra Olívia, que vivia em uma colônia de italianos. Ela apresenta-lhe Anamaria, sua filha.

Votando ao tempo presente, Eugênio chega ao hospital e recebe a notícia de que ela morreu.

A segunda parte do romance acontece no tempo presente, e inicia-se logo após a morte de Olívia. No entanto, existem também alguns flashbacks que ocorrem por meio das partes de algumas das cartas que Olívia escreveu para Eugênio, mas que nunca lhe enviou. Eugênio decide separar-se da esposa e vai viver com a filha. Ele também volta a exercer a medicina, cuidando dos pobres. Assim, pouco a pouco, Eugênio se passa a valorizar as coisas simples da vida, como passear na companhia de sua filha em um dia ensolarado de verão.

Para melhor explicar a obra "*Olhai os Lírios do Campo*", nada melhor do que as palavras do seu próprio autor:

"Com a publicação de *Olhai os Lírios do Campo* operou-se uma mudança considerável em minha vida. O romance obteve tão grande sucesso de livraria, que se esgotaram dele várias edições em poucos meses, deixando editores e escritor igualmente satisfeitos e perplexos. Tamanha foi a influência desse livro no espírito de certos leitores, que ele teve a força de arrastar consigo os romances que o autor publicara até então em tiragens modestas que levavam quase dois anos para se esgotarem. Posso afirmar que só depois do aparecimento de *Olhai os Lírios do Campo* é que pude fazer profissão da literatura.

Como explicar o êxito desse livro? Talvez se deva à sua natureza romântica e ao fato de ter uma "intriga". Olívia transformou-se numa espécie de ídolo dum vasto público, feito principalmente de mulheres. Suas cartas passaram a ter para muita gente um sabor evangélico.

Confesso, entretanto, que não tenho muita estima por esse romance. Acho-o hoje um tanto falso e exageradamente sentimental. Sua popularidade às vezes chega a me deixar constrangido.

Vejamos claramente o que tenho contra ele. Para principiar, a construção. A primeira parte é intensa e cheia dum interesse que jamais enfraquece. Na segunda, porém, esse interesse declina, e a história se dilui numa série de episódios anedóticos sem unidade emocional. Eu mesmo já tratei de justificar esse defeito dizendo que a vida no fim de contas é assim, isto é, não se trata de algo simétrico e arrumado como nos romances bem-feitos. A verdade é que nem eu mesmo consegui aceitar a validade de meus próprios argumentos.

A dedicação, o altruísmo e a nobreza de Olívia me parecem inumanos. Não convencem. Pouco convincente também é a covardia de Eugênio. A cena em que o vemos a fazer a sua primeira operação, do ponto de vista da mera redação, está razoavelmente bem feita; do ponto de vista da verdade psicológica, porém, é um absurdo. Um homem de estômago fraco e que tem horror ao sangue jamais se dedicaria à cirurgia e, se se dedicasse, com o tempo acabaria por habituar-se a cortar a carne dos pacientes sem que isso lhe provocasse arrepios, náusea ou medo. Acaso não teria ele, como estudante, freqüentado o necrotério e os ambulatórios da Santa Casa?

Ao dar com Florismal, na última releitura que fiz de Olhai os Lírios do Campo, lembrei-me do Cuca Lopes de O Tempo e o Vento. (A parecença, no entanto, é meramente física.)

O pavor de Eugênio ao despertar no quarto escuro do internato numa noite de tempestade (Quem sou? Onde estou?), havia de repetir-se muitos anos mais tarde em O Continente, com Bolívar Cambará na sua noite de angústia, na véspera do enforcamento do negro Severino.

Como Bolívar, o Mr. Tearle de Olhai os Lírios do Campo vivia assombrado pela lembrança dum homem que matara na guerra.

E, como muitas de minhas personagens em diversos romances, Eugênio sente quase todas as emoções no estômago, na forma duma náusea.

Há em Olhai os Lírios do Campo uma filosofia salvacionista barata que me faz perguntar a mim mesmo como pude escrever tais coisa, mesmo levando-se em conta o fato de ter atribuído essa filosofia a personagens do livro.

Não posso, no entanto, afirmar que o romance me desagrade de princípio a fim. Encontro nele páginas que ainda hoje me comovem e parecem das melhores dentre quantas este autor haja escrito em su perra vida, como diria Don Pepe García. Entre elas destaco a cena em que Eugênio à hora do jantar encara o pai, depois de ter fingido não conhecê-lo na rua àquela tarde; e a da visita do mesmo a Florismal, que está à morte num leito da Santa Casa de Misericórdia; e ainda muitos dos diálogos entre Olívia e Eugênio.

Talvez Olhai os Lírios do Campo deva ser considerado mais uma parábola moderna na forma de romance do que um romance propriamente dito.

Seja como for, aqui está o livro, com algumas correções no que diz respeito à linguagem.

Se a história deu prazer a tanta gente (a julgar pelos milhares de cartas que até hoje venho recebendo e por manifestações pessoais de viva voz da parte de incontáveis leitores), não vejo razão para impedir que ela continue a sua carreira."

Érico Veríssimo, 1966

» O TEMPO E O VENTO

O tempo e o vento é uma trilogia épica, dividida em três partes:

O continente, 1945

Publicado originalmente em 1945, "O continente" narra cento e cinquenta anos da história do Rio Grande do Sul, por meio da trajetória de uma família, os Terra Cambará, e do nascimento de uma cidade, a fictícia vila de Santa Fé.

A narrativa cíclica abre e fecha com o cerco dos federalistas ao sobrado do republicano Licurgo Cambará, em 1895. Intercalando-se a esse momento que culminou na vitória das forças da República, descreve-se a gênese da família desde 1745, quando o índio Pedro Missioneiro, criado no território dos Sete Povos das Missões, assiste estupefocado ao massacre de seu povo.

A obra é marcada por fortes figuras femininas, a começar por Ana Terra, que se une a Pedro Missioneiro, e Bibiana, neta de ambos. Bibiana se casa com Rodrigo Cambará, grande herói (ou anti-herói) do romance, dando origem à dinastia. Não se deve esquecer também da bela e cruel Luzia, por quem Bolívar, filho de Bibiana, apaixona-se, e que é comparada a Teiniaguá, jovem bruxa transformada em lagartixa pelo diabo. É com ela, segundo o filósofo francês Jacques Leenhardt, da École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, que nasce o elemento romanesco no interior dessa epopéia de Erico Verissimo.

O retrato, 1951

No verdadeiro painel histórico em forma de ficção que é "O tempo e o Vento", "O Retrato", segunda parte da saga da família Cambara, começa com o retorno de Rodrigo Cambará, neto do legendário e heróico Capitão Rodrigo, ao seu Rio Grande do Sul natal, depois de passar todo o Estado Novo no Rio de Janeiro. Aliado à ditadura varguista, Rodrigo viveu na capital dias de luxo, jogo e farra. Em seguida, o autor descreve as tensas e intensas lutas políticas que acompanharam a consolidação do regime republicano no Brasil. Por fim, de novo a trama foca o retorno de Rodrigo para sublinhar sua doença e também mostrar a divisão política que seus filhos simbolizavam.

O interesse histórico, central e decisivo para a interpretação do livro, torna-se ainda mais rico com a passagem constante pela narrativa de ícones de nossa história como o já citado Getúlio Vargas, o gaúcho Borges de Medeiros e o líder comunista Luís Carlos Prestes. Assim, "O retrato" é, além de uma excelente literatura, um relato documental de certo momento da história brasileira.

O arquipélago, 1961

Abrangendo um período que vai de 1920 a 1945, O arquipélago relata o declínio da família Terra Cambará na cidade de Santa Fé. A situação política ainda é a mesma apresentada de O Retrato, no qual Getúlio Vargas renuncia à presidência e o Brasil se prepara para novas eleições.

O pano de fundo dessa última parte da trilogia tem como pano de fundo alguns episódios políticos que marcaram a época. O último ano do governo Artur Bernardes, a Revolução de 1923, as transformações sócio-culturais provocadas pela Primeira Guerra Mundial, a Revolução de 1930, a instalação do Estado Novo e, finalmente, a Segunda Guerra Mundial.

Filho de Rodrigo Cambará, Floriano tem sua história narrada nessa saga em que seu pai está doente. Entre os personagens centrais encontra-se Flora, sua esposa, que lhe dedica um misto de amor e ódio.

Os demais protagonistas são Silvia - a cunhada a quem ele ama ocultamente, mas que evita para que ela se entregue plenamente ao marido e ao filho que está para nascer -, Bibi, sua irmã, sempre ausente e irresponsável, criada em Copacabana, e, finalmente, Marcos Sandoval, marido de Bibi.

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::: Érico Veríssimo (1905 -1975)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» CRÍTICA



"Só há um romancista brasileiro que partilha com Jorge Amado o êxito maciço junto ao público: Érico Veríssimo. E apesar disso, a sua obra tem conhecido amiúde de reservas da crítica mais sofisticada. "

Bosi, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. Editora Cultrix, São Paulo, 2ª edição - p. 457 - 458.

“Érico Veríssimo começou pelo romance social urbano, na linha de crítica aos costumes citadinos. Abordava situações vividas pelos seus numerosos leitores, em que a degenerescência do processo de urbanização levava os indivíduos a uma crise de identidade. Com a série O Tempo e o Vento, Érico Veríssimo reconstitui a formação histórica de seu estado, o Rio Grande do Sul.

As reflexões históricas dessa série permitiram a análise de problemas sociais que não se restringem ao Rio Grande do Sul. São problemas brasileiros. Na década de 1960, a crítica social de Érico Veríssimo se torna mais abrangente, abordando a radicalização política no país a partir da Campanha pela Legalidade, cujo centro foi o Rio Grande do Sul, instaurada para dar a posse ao vice-presidente constitucional João Goulart após a renúncia do presidente Jânio Quadros.

Essa abrangência da crítica social corresponde no plano externo ao período de envolvimento norte-americano na guerra do Vietnã. O Prisioneiro, por exemplo, representa uma expansão político-ideológica do escritor, indicando um compromisso com o momento histórico de outros países.”

Abdala, JR., Benjamin. O romance social brasileiro. São Paulo, Sicipione, 1993.

Veja Também:

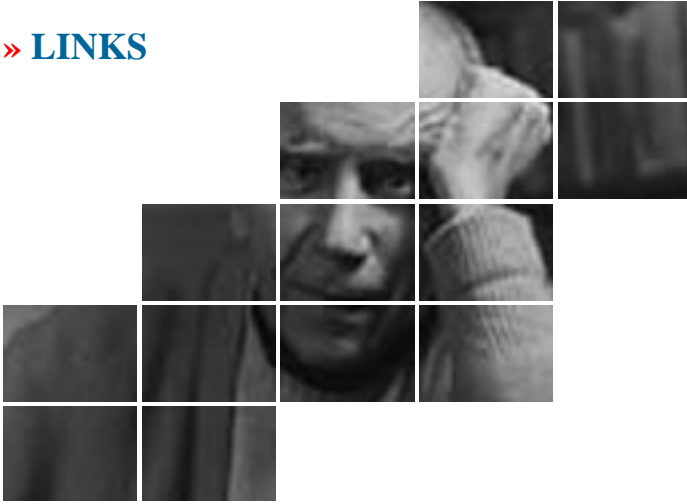
Modernismo

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)

::. Érico Veríssimo (1905 -1975)

[home](#) | [vida](#) | [estilo](#) | [imagens](#) | [obra](#) | [sinopse](#) | [crítica](#) | [links](#)

» LINKS



» [Itaú cultural](#) - contém: biografia, cronologia

» [Editora Globo](#) - contém: Biografia e venda pela web das principais obras do autor.

» [Universidade de Cruz Alta](#) - Contém uma boa Biografia

Para adicionar novos endereços de sites relacionados a Graciliano Ramos, envie um email [para o Mundo Cultural](#).

Veja Também:

[Modernismo](#)

- **Brasil 2ª Fase**
- [Preliminares](#)
- [Momento Histórico](#)
- [Características - Poesia](#)
- [Características - Prosa](#)
- [Cronologia](#)



Literatura Contemporânea

- **Portugal**
- [Momento Histórico](#)
- [Cronologia](#)
- [Neo-Realismo](#)
- [Surrealismo](#)



Biografia

Programação do **Circuito Erico em Cena** - Mês de Junho

Erico Verissimo nasceu em **Cruz Alta**, Rio Grande do Sul, no dia 17 de dezembro de 1905. Era filho de Sebastião Veríssimo (farmacêutico) e Dona Abegahi Lopes Veríssimo. Pertenciam os pais de Erico Verissimo a famílias tradicionais, das mais antigas do Rio Grande do Sul, ascendência portuguesa (provêm o sobrenome de Verissimo de um Manoel Verissimo, chegado de Portugal, em meados de 1810, e que se casou com uma moça de Ouro Preto). Afora grave doença que o prostrou aos três anos de idade, quando teve à beira da morte, Erico Verissimo teve uma infância despreocupada e mesmo opulenta, não só pelo avô materno – Aníbal Lopes, fazendeiro riquíssimo – de quem era o neto preferido, mas também pelo pai (filho de um dos mais importantes médicos de Cruz Alta – Franklin Veríssimo), que desfrutava de privilegiada situação financeira social. Iniciou os estudos no Grupo Escolar Venâncio Aires em 1913, dirigido por dona Margarida Pardelhas. Residia na casa paterna, na Avenida General Osório, mas era na casa do avô materno, situada na mesma rua, que praticamente vivia em brincadeiras com o irmão mais moço – Ênio. No balanço do jardim do casarão em estilo português, costumava o menino passar as tardes.



Erico Verissimo aos 20 anos



Casa de Erico Verissimo

Apaixonado pelas coisas inglesas, pretendia Sebastião Verissimo que o filho fosse cursar a Universidade de Edimburgo, na Escócia. Mas, quando o rapaz chegou aos dezoito anos, um dos avós se encontrava arruinado, e o outro havia morrido na pobreza. Acresce a isso, a situação provocada pelo próprio pai, homem de temperamento aventureiro e que, levado por estranhos caminhos, malbaratou a vida. Tal estado de coisas veio modificar, completamente, a vida da família, passando D. Abegahi a uma situação de penúria extrema. Para sustentar os filhos, vê-se obrigada a costurar para fora; e os planos para Erico traçados aos oito anos, são substituídos por outros, bem mais modestos: em vez da Escócia, vai estudar no Ginásio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre. Mas as conseqüências da ruína da família se apresentam ainda mais penosas para o escritor, quando ele retorna à cidade natal: "Fui dar com meus dezoito anos cheios de sonhos num armazém de secos e molhados, onde encontrei as primeiras desilusões amargas" – contará mais tarde o romancista. "Tinha eu alguma inclinação para pintura e até então alimentara sonhos de um dia pintar na tela, sob as



vistas ilustres de um mestre europeu, as doces colinas da Inglaterra. No entanto, lá estava agora a pintar letreiros em sacos de batatas, sob o olhar sem ternura de um chefe de escritório melancólico e seco, um tipo amarelo, de bigodes caídos, fugido talvez de algum romance de Dickens.” “Fui humilhado” – continua . “Julguei que todos os meus sonhos de arte e beleza estavam para sempre destruídos, ignorando que para um romancista mais vale tomar lições particulares com a grande mestra vida do que fazer um curso completo em qualquer universidade do mundo.

“O balcão me punha em contato com gente de toda espécie: operários, soldados, empregados do comércio, funcionários públicos, caixeiros- viajantes, pequenos burgueses, estancieiros, trabalhadores do campo, caudilhos e vagabundos. . . Era uma parada singular. “Estávamos ainda no tempo dos coronéis truculentos, da violência e do banditismo. Vi cadáveres cobertos de geada estendidos na lama sangrenta de minha rua. Ouvi histórias de degolamentos e crueldades sem nome.

[↑ Topo da Página](#)

Assisti a espetáculos de degradação. Conheci homens que se sujeitavam às atitudes mais abjetas para atingirem os seus objetivos de lucro, mando ou mera vaidade, ou então para conseguirem simplesmente o pão de cada dia. E comecei a compreender que a vida é muito diferente dos nossos sonhos e do que nos prometem as novelas românticas.”

Do armazém , transfere-se Erico para um banco, cujo trabalho também abomina; mas aí, à custa de serões, consegue reunir uma pequena soma, com a qual abre uma farmácia com o antigo sócio do pai – Miguel de Paoli. Mas, decididamente, não é o comércio a sua vocação. E o rapaz estaria fadado a um destino bem melancólico, não fosse a arte, na qual se refugia e que lhe serve de alento para as horas de abatimento. Ao lado do desenho, que desde cedo o fascinava, a literatura e a música começam a seduzi-lo:



Erico Verissimo recebendo o Título de Doutor Honoris Causa Literatura conferido pelo Mills College, na cidade de Oakland, California em 1944

“No meio dessas lutas e desses desenganos se abriam clareiras luminosas. Eram a descoberta de uma peça de música, dum escritor, dum quadro, dum livro – imagens, idéias, sons, formas e personalidades que eu incorporava ao meu mundo interior. Aos vinte anos, descobri Machado de Assis, cuja filosofia amarga me deu esquisito prazer.

Pouco tempo depois encontrei em meu caminho um velho de barbas brancas, pele rosada e olho irônico. Chamava-se Bernard Shaw, e ria-se dos homens e do mundo. Fiz-me amigo dele, como já o era de outro velhote amável, de pêra também branca e sorriso malicioso – Anatole France. Pouco tempo, depois Swift reuniu-se ao bando; e com ele, na mesma coleção barata de Tauchnitz, veio a mais perigosa e inelutável das influências literárias: Oscar Wild.

A essa relação será acrescida dentro de pouco tempo uma outra figura que terá também influência marcante na primeira fase de sua obra: Ibsen.

Naturalmente, a farmácia não progrediu. Erico vendia muito fiado, e, a cuidar seriamente do negócio, preferia discutir música e literatura com os amigos. Chegava mesmo a se irritar quando algum freguês vinha afastá-lo de seu mundo. Já então bom conhecedor de inglês, monta, nos fundos do estabelecimento, um curso daquela língua; e durante algum tempo, o local se torna ponto de reunião de estudantes, da nata da oficialidade de Cruz Alta e, até, de juizes de Direito.

O resultado natural de tudo isso é a falência da farmácia e o apego de Erico cada vez maior à literatura. Mas a farmácia lhe dá ainda outra



Erico Verissimo e Villa Lobos

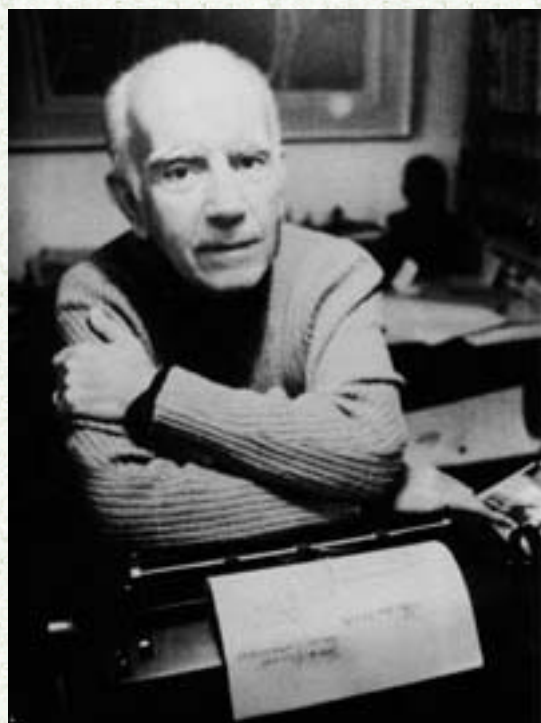
compensação: é lá que conhece e namora Mafalda Volpi – filha de um italiano, morador na casa em frente, e que será sua futura esposa.

[↑ Topo da Página](#)



Além dos desenhos, de vez em quando o rapaz fazia contos; e quando os afazeres o permitiam, ia até a capital, onde procurava o grupo de jovens que compunha a revista *Madrugada*, e que então se reunia no bar Antonello, presidido por Augusto Meyer; João Santana, Teodomiro Tostes, Paulo de Gouveia, Sotero Cosme. Através de Meyer, começou Erico a publicar seus contos e desenhos na página literária do *Diário de Notícias*, e do *Correio do Povo*. Em 1930, muda-se para Porto Alegre, e começa a procurar trabalho como desenhista. Sua situação financeira é ainda precária; e as conseqüências de um complicado caso sentimental vem atormentar-lhe ainda mais a vida. As dificuldades econômicas crescem, e para pagara a conta da pensão, vê-se o rapaz obrigado a pintar as vitrinas de Natal de uma loja de brinquedos.

Mas a salvação acaba por chegar – não através do desenho, que acreditava ser a sua vocação, mas por um caminho inesperado: a literatura. Seus contos haviam chamado a atenção e, em janeiro de 1931, é convidado para secretariar a *Revista do Globo* (de que seria, em pouco tempo, o diretor). Coincide essa época com a dos planos de Henrique Bertaso de desenvolvimento de sua empresa editorial, e Erico, bom conhecedor do inglês e interessado em literatura, é chamado para trabalhar como tradutor e selecionador de obras a serem publicadas pela editora. Em 1932, por sugestão de amigos, Erico Veríssimo reúne os seus contos e sketches, que, sob o título geral de *Fantoches* são publicados pela Editora Globo. Esse livro com muita intenção literária, reflete bem as influências dessa primeira fase do escritor: “Ponha-se numa coqueteleira alguns conceitos de arte adquiridos na leitura dos ensaios de Wilde, mais a irreverência de Shaw, e mais ainda alguns problemas e situações ibsenianas; junte-se a essa mistura umas pitadas do elegante ceticismo anatoliano – mexa-se tudo ao ritmo apressado e irregular dos vinte anos e teremos no fim aquele coquetel que é o primeiro livro *Fantoches*” - diz, sobre o volume, o próprio Erico Veríssimo. Bem recebido pela crítica especializada, o livro tem, entretanto, uma carreira precária; para cúmulo da má sorte, a edição é inutilizada por um incêndio, que destrói os depósitos da editora.



Erico com a máquina com a qual escreveu muitas de suas obras

[↑ Topo da Página](#)

No ano seguinte, ainda pela Editora Globo, publica o escritor o seu primeiro romance – Clarissa, que marca um rumo novo na sua obra nascente. Para isso, muito concorre o conhecimento dos autores ingleses, principalmente de Katherine Mansfield: “Em Clarissa, não só procurei satisfazer a uma necessidade íntima de poesia, como também dar um passo na direção das coisas, como quem se aproxima dum inimigo, sorrindo, e lhe estende a mão”. O livro, reconfortante, cheio de lirismo e de juventude, é aplaudido pela crítica. Enquanto no Nordeste uma literatura aparecia, brutal, com gosto de terra, apresentava o escritor gaúcho o seu mundo, poético e azul, satisfazendo necessidade interior de lirismo. E o escritor continua, fiel a si mesmo, pouco a pouco se enriquecendo com a aquisição de novas conquistas. Aproveitando algo da técnica utilizada pôr Huxley, em Contraponto, escreve Caminhos Cruzados, que a Globo publica em 1935. Livro ousado, pelo tema e pela técnica, Caminhos Cruzados se impõe, e o seu autor, já revelado em Clarissa, adquire súbita notoriedade. Erico Veríssimo é acusado de amoral, de comunista. . . Na realidade, o livro é inquietante, e o público não lhe pode permanecer indiferente. A própria crítica o eleva e a consagração oficial lhe chega, através do prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras. Ainda em 1935, alcança o romancista nova e significativa vitória: concorrendo ao Grande Prêmio de Romance Machado de Assis, para obras inéditas, instituído pela Companhia Editora Nacional, classifica-se em primeiro lugar, juntamente com Marques Rebelo, João Alphounsus e Dionélio Machado. Seu livro é Música ao Longe, no qual, retomando a personagem título do primeiro romance, apresenta uma das histórias mais ternas de nossa literatura. Aparecem, na obra, novas personagens que, pelo conteúdo



Erico Verissimo, sua filha Clarissa e Mario Fagundes, junto ao portão do museu em outubro de 1975.



Outro momento da visita de Erico Verissimo a sua terra natal.

humano, se fixarão: Vasco, João de Deus, Jovino, Amâncio – uma série de tipos que breve correrão o Brasil, apaixonando o leitor – personagens como até então nenhum de nossos escritores modernos fora capaz de criar. A caricatura feliz que faz o romancista da pequena sociedade provinciana de Jacarecanga é uma outra razão do sucesso desse romance, vazado em estilo sereno e leve, e cheio da poesia da adolescência.

Mas a atividade do escritor continua intensa. Enveredando pelo terreno da biografia, publica pela Globo – que será a editora de toda a sua obra – *A Vida de Joana D'arc*, e começa a publicar uma série de histórias infantis (*Rosa Maria no Castelo Encantado*, *O Urso com Música na Barriga*, *Aventuras do Avião Vermelho*, *Os Três Porquinhos Pobres*, *A vida do Elefante Basílio*, *Outra vez os Três Porquinhos*). Na Rádio Farroupilha, onde comparece pessoalmente para fazer as narrações, seu programa “Clube dos Três porquinhos” tem um auditório numerosíssimo. A criançada acompanha entusiasmada as aventuras dos pequenos personagens de Erico, que se revela, também neste setor da literatura, um admirável contador de histórias.

 [Topo da Página](#)

Em 1936, em *Um Lugar ao Sol*, prossegue o romancista a saga obscura da pequena família gaúcha – abordando agora, o drama de sua decadência: páginas rudes, que muito crítico apontará como produto de influências estrangeiras, mas que não são retiradas, senão, de sua própria vida, da atormentada adolescência em Cruz Alta. Esse volume firma, definitivamente, a sua posição como romancista. As edições de seus livros são imensas, únicas no país. Em 1937, escreve um romance didático – *Aventuras de Tibicuera*, premiado pelo Ministério da Educação. Em 1938, publica *Olhai os Lírios do Campo*, que consegue tiragens fabulosas: 62.000 mil exemplares. Continuando a entremear a produção de romances com livros didáticos, lança no ano seguinte *Viagem à Aurora do Mundo*. Em 1940, com *Saga*, conclui finalmente a história de Vasco e Clarissa. Nesse romance, que consegue a tiragem inicial de 20.000



Erico Verissimo e netos em Cruz Alta

exemplares (extraordinária na época), transporta o escritor a sua personagem Vasco para a Espanha, devastada pela guerra civil: escreve um livro diferente e exhibe, além das qualidades apresentadas em seus trabalhos anteriores, capacidade rara de imaginação.

Em 1941, o escritor visita os Estados Unidos, publicando, ao regressar, Gato Preto em Campo de Neve, impressões de viagem, de volta a Porto Alegre, lança em 1942 o seu sétimo romance: O Resto é Silêncio, onde, de certo modo torna à técnica utilizada em Caminhos Cruzados, e onde devemos, principalmente, salientar a madureza alcançada pelo estilo simples e envolvente, e que é, também, uma das razões do extraordinário sucesso alcançado pela sua obra.

Em 1943, Erico Veríssimo volta aos Estados Unidos, convidado para ensinar português e literatura brasileira na Universidade de Berkeley, Califórnia. Pronuncia conferências em mais de cinquenta cidades norte-americanas e recebe, no Mills College o Grau de Doutor Nonoris Causa em Literatura. Para a casa editora MacMillan, escreve, diretamente em inglês, Brazilian Literature. A essa altura, seus romances: Caminhos Cruzados, O Resto é Silêncio e Olhai os Lírios do Campo – já traduzidos para o castelhano, são lançados nos Estados Unidos. Mais tarde, como quase toda a sua obra de ficção, eles aparecerão em Francês, italiano, húngaro, holandês, finlandês, sueco e norueguês, sendo assim o escritor, depois de Jorge Amado, o romancista brasileiro de maior penetração no estrangeiro. De volta ao Brasil, em 1945, Erico Veríssimo escreve um novo livro de observações sobre a vida americana – A Volta do Gato Preto, publicado no ano seguinte.

[↑ Topo da Página](#)

Em 1948, Erico Veríssimo lança O Continente – primeiro volume de sua trilogia: O Tempo e o Vento, onde faz o levantamento da história social do Rio Grande do sul, através de várias gerações. Nesse livro – ao qual é acrescido em 1951 a Segunda parte, O Retrato, atinge o romancista o seu ponto mais alto: a capacidade narrativa e a arte na composição de tipos e episódios adquirem aí uma grandeza inédita, na fusão com os elementos épicos que compõem o romance. E a própria crítica, que lhe fizera



Erico Verissimo passeando pelas ruas de Cruz Alta com sua família

restrições anteriormente, inclina-se diante da evidência de sua força de romancista. Em 1953, Erico Veríssimo volta aos Estados Unidos, a fim de substituir Alceu Amoroso Lima no cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana (Organização dos Estados Americanos), onde permanece até outubro de 1956. Nesse ínterim, publica a novela Noite (1954). De volta ao Brasil, e ao Rio grande, publica Erico Veríssimo, em fins de 1957, um volume de impressões sobre o México. Em 1959, vai pela primeira vez à Europa. E lá se encontra ainda quando é lançado, no Brasil, o seu livro de novelas: O Ataque. Em 1961 e 1962 apresenta finalmente o romancista em três tomos, O Arquipélago, parte final da grande trilogia O Tempo e o Vento. Erico Veríssimo, detentor do prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, para o conjunto de obra, publicou ainda em 1965, O Senhor Embaixador; em 1967, O Prisioneiro, ambos romances; e, em 1969, Israel em Abril, impressões de viagem.

Cronologia da vida e da obra

- 1905** – 17 de dezembro. Nascimento na cidade de Cruz Alta, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Filho de Sebastião Veríssimo da Fonseca e Abegahi Lopes Veríssimo.
- 1908** – 04 de maio. Nascimento de seu único irmão, Ênio.
- 1909** – Gravemente enfermo, desenganado pelos médicos. Salva-se graças à intervenção do Dr. Olinto de Oliveira, então um dos maiores clínicos do país.
- 1920** – Interno no Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre. Não chega, porém, a terminar o curso ginasial.
- 1922** – 02 de dezembro. Separação dos pais. A mãe e os dois filhos vão viver com o avô materno Aníbal Lopes da Silva.
- 1924** – Encontro com Maurício Rosenblatt, que viria a ser um de seus maiores amigos.
- 1925** – Funcionário da filial do Banco Nacional do Comércio, com o ordenado de oitenta mil-réis por mês.
- 1926** – Sócio duma farmácia, na Rua do Comércio. Não sente, porém, nenhuma vocação para o

comércio.

1928 – Graças a Manoelito de Ornellas, publica o seu primeiro conto, “Ladrão de Gado”, que aparece nas páginas da Revista do Globo, editada pela Livraria do Globo de Porto Alegre.

1929 – Noivado com a menina que costumava ver debruçada numa janela, do outro lado da rua, na frente de sua farmácia: Mafalda, filha de Vicente Volpe, natural do sul da Itália, e Emma Halfen Volpe, de origem alemã mas nascida no Brasil.

1930 – Falência da Farmácia Central de Erico Veríssimo e Cia. Erico encontra-se desempregado, sem profissão certa, sem dinheiro. . . e noivo. No fim do ano decide mudar-se para Porto Alegre e tentar a profissão das letras. Chega à capital de seu Estado a 07 de dezembro. Consegue o posto de secretário da Revista do Globo.

1931 – 15 de Julho . Casamento em Cruz alta com Mafalda e embarque para Porto alegre. Erico tem no bolso apenas trezentos mil-réis.

1932 – Publica Fantoches, conjunto de contos, em sua maioria em forma teatral.

1933 – Continua sua atividade como secretário e, pouco depois, diretor da Revista do Globo que, praticamente, redige e organiza sozinho. Começa a traduzir livros do inglês, francês e espanhol: em geral novelas policiais e de aventuras. Só trabalha nos seus próprios romances nas tardes de Sábado e nos domingos. Publica sua primeira novela, Clarissa. Traduz o Point Counterpoint de Aldous Huxley.

1934 – Escreve Caminhos Cruzados, que permanece inédito numa gaveta durante quase um ano. Prepara as pressas, para concorrer ao Prêmio Machado de Assis, da Cia Editora Nacional, a novela Música ao Longe, que obtém a láurea, juntamente com Os Ratos, de Dionélio Machado, Marafa, de Marques Rebelo e Teotônio Pacheco, de João Alphonsus.

- Simultaneamente com suas funções na revista, colabora com Henrique Bertaso no departamento editorial da Globo. Estabelece-se entre ambos uma excelente camaradagem que viria a transformar-se em duradoura amizade.

1935 – 09 de março. Nascimento da primeira filha, Clarissa. Neste ano publica Música ao Longe, a novela premiada, como também Caminhos Cruzados, que recebe o prêmio anual de romance concedido pela Fundação Graça Aranha, e A Vida de Joana D’Arc, escrita em princípios deste mesmo ano.

- Encabeça as assinaturas dum manifesto antifascista. Faz sua primeira viagem ao Rio de Janeiro.

1936 – Escreve e publica o romance Um Lugar ao Sol. A 26 de setembro nasce-lhe o filho, Luís Fernando.

1937 – Publica As Aventuras de Tibicuera, livro dedicado a meninos e meninas entre 8 e 14 anos.

1938 – Escreve e publica Olhai os Lírios do Campo, que consegue um grande êxito de vendas e que constitui um marco na vida do escritor, pois desde o aparecimento desse romance pode começar a viver do produto de seus livros. Aos poucos começa a interessar-se menos pela revista e mais pelo departamento editorial, em que exerce as funções de conselheiro literário

1939 – Escreve e publica uma fantasia, Viagem a Aurora do Mundo, história romanceada dos monstros antediluvianos.

1940 – Como convidado do Department of State, faz sua primeira visita aos Estados Unidos, onde permanece três meses, visitando grande número de cidades. Na volta escreve suas impressões em Gato Preto em Campo de Neve, publicado neste mesmo ano.

1943 – Publica O Resto é Silêncio. Aceita o convite do Department of State para dar um curso sobre literatura brasileira na universidade dos Estados Unidos, a sua escolha. Veríssimo elege a Universidade da Califórnia, em Berkeley onde, além do curso regular, que cobriu o ano letivo de 1943-1944, fez várias conferências públicas.

1944 – É convidado para lecionar literatura e história do Brasil no curso de verão do Mills College, de Oakland, Califórnia. Neste ano publica o seu livro “Brazilian Literature: An Outline”, escrito diretamente em inglês. Recebe um diploma de doutor em literatura, honóris-cause, conferido pelo Mills College.

1945 – Passa vários meses em Los Angeles, Califórnia. Volta no verão deste ano ao Mills College e, durante abril e maio, faz uma excursão de conferências pelos Estados da Califórnia, Oklahoma, Arizona, Índia e Texas.

- Em setembro regressa ao Brasil com toda a família.

1946 – Publica suas impressões dessa segunda visita nos Estados Unidos: A volta do Gato Preto.

1947 – Seu livro Olhai os Lírios do Campo, que já havia aparecido em espanhol, na Argentina, é publicado em inglês. Um filme nele baseado é feito na Argentina e exibido em toda a América Latina.
- Começa a escrever o livro com que havia muito sonhava: uma saga do Rio Grande do Sul, desde seus primeiros fundadores (1745 até 1945). Essa obra, que a principio ia chamar-se O Punhal de Prata e depois Caravana, recebeu o título definitivo de O Tempo e o Vento.

1948 – continua a trabalhar no primeiro volume da sua trilogia: O Continente.

1949 – Publica O Continente, que obtém grande êxito não só de vendas como também de crítica. O livro é apontado como a obra mais importante do autor.

1950 – Erico começa a escrever O Retrato, o segundo volume da trilogia.

1951 - Publica O Retrato.

1953 – Entre janeiro e fevereiro deste ano, Veríssimo escreve Noite. Aceitando, por sugestão do Ministro das Relações Exteriores do Brasil, João Neves da Fontoura, o convite de Lleras Camargo para ocupar o posto de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, secretaria da Organização dos Estados Americanos – Veríssimo embarca com toda a família para Washington.

1954 – Noite é publicado no Brasil Veríssimo faz centenas de conferências através dos Estados Unidos, em colégios e universidades. Toma parte em congressos, mesas-redondas e simpósios em diversos países das Américas, como Venezuela, Panamá, Peru, Equador, Puerto rico, México.

1955 – Continua seu trabalho à frente do Departamento de Assuntos Culturais. Visita o México, em férias.

1956 - Volta ao Brasil. Sua filha Clarissa casa-se com o físico norte-americano David Jaffe. O jovem casal fixa residência em Washington.

1957 – Escreve e publica México, livro de impressões de viagem a esse país.

1958 – Prepara-se par visitar a Europa pela primeira vez. Escreve uma noveleta, A Ponte, que, com os contos Esquilos de outono, Sonata e um trecho de O Arquipélago, foram reunidos no livro O Ataque, que inaugurou a coleção Cata-vento da Editora Globo.

- Nasce Michel , o primeiro neto de Erico Veríssimo e Mafalda.

1959 – Aparece O Ataque. Com mulher e filho visita Portugal, onde faz várias tardes de autógrafos e conferências, através de boa parte do país. Visitam depois a Espanha, a Itália, a França, a Alemanha, a Holanda e finalmente a Inglaterra. Em junho deste ano chega aos Estados Unidos para visitar a “metade americana” da família.

1960 – Nasce Paul, segundo filho de Clarissa e David. Regresso ao Brasil.

1961 – Trabalha intensamente em O Arquipélago. Em março desse ano sofre um sério enfarte do miocárdio. Durante o período de convalescença faz as correções finais nos manuscritos de O Arquipélago, que vai ser publicado em três tomos. Dois deles são publicados no fim deste ano.

- Em outubro, acompanhado da esposa, embarca para os Estados Unidos.

1962 – Entre novembro de 1961 e março deste ano, termina a parte final de O Arquipélago, cujo terceiro tomo aparece em 1962. Visita a Grécia, a Itália e a França. Nasce Edward, o terceiro neto.

- Em outubro, Veríssimo volta para o Brasil.

1963 – Pensa em escrever suas impressões sobre a Grécia num pequeno livro que deverá intitular-se Sol e Mel. Vem lhe, porem, a idéia para o romance no qual começa a trabalhar imediatamente.

- Falece D. Abegahi.

1964 – Erico trabalha durante todo o ano , com algumas interrupções, no novo romance, que vai chamar-se O Senhor Embaixador. Luís Fernando casa-se, no Rio de Janeiro, com Lúcia Helena Massa.

1965 – Nasce Fernanda, filha de Luís Fernando e Lúcia. Publica O Senhor Embaixador. A Editora Globo lança o livro com uma tarde de autógrafos. O autor e sua senhora seguem para São Paulo e Rio, onde o escritor também comparece à sessão grandiosa de autógrafos.

- Os Veríssimo embarcam para os Estados Unidos.

- Trabalhando num canto de cozinha, cercado de netos barulhentos, começa uma autobiografia especialmente para esta edição de suas obras de ficção.

1966 – Em fevereiro termina O Escritor Diante do Espelho

- A Editora Aguilar publica em cinco volumes, a “Ficção Completa” de Erico Veríssimo, acompanhada da autobiografia O Escritor Diante do Espelho. Recebe o “Prêmio Jabuti” da União Brasileira de Escritores.

- Parte par Israel, a convite do governo deste país. Visita novamente a Europa
- 1967 – Publicação de O Prisioneiro, romance nitidamente político, verdadeiro libelo contra a guerra no Vietname.
- 1968 – É eleito Intelectual do Ano, recebendo o “Prêmio Juca Pato” da Câmara Brasileira do Livro.
- 1969 – Após viagem a Israel, publica suas impressões em Israel em Abril.
- 1971 – Publica Incidente em Antares, romance decisivo no panorama brasileiro deste momento pelo candente chamamento à liberdade.
- 1972 – Recebe o “Prêmio do Pen Club”. Publica Um Certo Henrique Bertaso, biografia que resulta em verdadeiro diagnóstico intelectual de sua geração. Em comemoração ao transcurso dos 40 anos de vida literária é editado o livro O Contador de Histórias, reunindo depoimentos e estudos dos principais nomes da crítica brasileira sobre a obra de Erico Veríssimo . Também em homenagem, dá-se a reedição do seu primeiro livro, Fantoches.
- 1973 – Publicação do primeiro volume das memórias, Solo de Clarineta. Pelo conjunto da obra literária, recebe o maior laurel nacional, “Prêmio da Fundação Moinhos Santista”.
- 1975 – Visita, pela última vez Cruz Alta, sua cidade natal. Falece em Porto alegre a 28 de novembro. Deixa inconclusa a redação de suas memórias; caberá a Flávio Loureiro Chaves a organização dos originais do segundo volume do Solo de Clarineta, que virá à luz no ano seguinte.

 [Topo da Página](#)

José Lins do Rego

■ **BIOGRAFIA**
■ **CRONOLOGIA**
■ **CONTEXTO**
■ **CRÍTICA**
■ **REFERÊNCIAS**
■ **LINKS**

BIOGRAFIA

José Lins do Rego Cavalcanti
(Pilar PB 1901 - Rio de Janeiro RJ 1957)

É um dos autores mais importantes da literatura regionalista brasileira. Em livros como *Menino de Engenho* (1932) e *Fogo Morto* (1943), retratou a decadência do patriarcalismo no Nordeste do Brasil. Parte do mesmo grupo intelectual que Rachel de Queiroz e Jorge de Lima, José Lins foi um dos principais interlocutores de Gilberto Freyre, que o incentivou a escrever seu primeiro livro. Formado em direito em Recife em 1923, o autor colaborou com assiduidade na imprensa nordestina, principalmente com artigos sobre literatura. Nomeado fiscal do imposto de consumo, transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1935, onde residiria até a morte. Na então capital da República, escreveu para os jornais dos *Diários Associados*, *O Globo* e *Jornal de Esportes*. Fanático por futebol, exerceu também cargos de direção no Clube de Regatas do Flamengo, na Confederação Brasileira de Desportos e no Conselho Nacional de Desportos. Sobre sua atividade de cronista, o crítico Valdemar Cavalcanti escreveu: "José Lins tornou-se no Rio uma espécie de cronista da cidade: aquele que seria capaz de denunciar o estrago que faziam os urubus na paisagem da lagoa Rodrigo de Freitas; capaz de alertar prefeito e vereadores quanto a determinado projeto de lei que poderia vir a prejudicar interesses do povo; capaz de botar a boca no mundo contra uma derrubada de árvores, contra um ato injusto ou uma iniciativa infeliz."

CRONOLOGIA

NASCIMENTO/MORTE

1901 - Engenho Corredor, município de Pilar PB - 3 de junho
1957 - Rio de Janeiro RJ - 12 de setembro

LOCAIS DE VIDA/VIAGENS

1901 - Pilar PB
1911 - Itabaiana PB
1912 - João Pessoa PB
1918 - Recife PE
1925 - Manhuaçu MG
1926/1935 - Maceió AL
1935 - Rio de Janeiro RJ - mudança
1944 - Uruguai e Argentina em missão oficial realizando conferências sobre literatura brasileira
1950 - França - viagem a convite do governo francês
1951 - Suécia, Dinamarca e Portugal - viagem chefiando uma delegação esportiva
1954 - Europa - viagem com passagem pela Finlândia
1955 - Europa - viagem com passagem pela Grécia
1956 - Europa - viagem com estada de três meses na Grécia
1957 - Rio de Janeiro RJ

VIDA FAMILIAR

Filiação: João Rego Cavalcanti e Amélia do Rego Cavalcanti, de famílias tradicionais do Nordeste açucareiro
1902 - Morte da mãe, o menino é criado no Engenho Corredor, de seu avô materno, sob os cuidados da tia Maria; com casamento desta, passa aos cuidados da tia Naninha
1924 - Casa-se com Filomena Massa (Naná), filha do senador Antonio Massa, com quem tem três filhas: Maria Elizabeth, Maria da Glória e Maria Christina

OBRAS

Livros de crônica

- ☐ 1942 - Gordos e Magr...
- ☐ 1945 - Poesia e Vida
- ☐ 1952 - Bota de Sete ...
- ☐ 1952 - Homens, Seres...
- ☐ 1954 - A Casa e o Ho...
- ☐ 1955 - Roteiro de Is...
- ☐ 1957 - Gregos e Troi...
- ☐ 1957 - Presença do N...
- ☐ 1958 - O Vulcão e a ...
- ☐ 1981 - Dias Idos e V...

VER TAMBEM

Movimento Literário

- ▶ Modernismo (Segunda Geração)

✉ [Envie sua sugestão](#)

FORMAÇÃO

- 1909 - Itabaiana PB - É matriculado no Internato Nossa Senhora do Carmo, onde permanece por três anos
 1912 - João Pessoa PB - Inicia curso ginásial no Colégio Diocesano Pio X
 1915 - Recife PB - Cursa o Instituto Carneiro Leão e o Ginásio Pernambucano.
 1919 - Recife PB - Ingressa na Faculdade de Direito de Recife PE
 1923 - Recife PE - Termina seus estudos na Faculdade de Direito

CONTATOS/INFLUÊNCIAS

Aos 8 anos, lê o livro de cavalaria *Os Doze Pares de França*, que muito o impressiona. Aos 15, entra em contato com as obras de Raul Pompéia, Machado de Assis, Stendhal e Rousseau. Amizade com Olívio Montenegro, José Américo de Almeida, Osório Borba, Cícero Dias. No início da década de 1920, conhece Gilberto Freyre, que o incentiva a escrever seu primeiro romance. Amigo também de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, Valdemar Cavalcanti.

ATIVIDADES LITERÁRIAS/CULTURAIS

- 1912 - João Pessoa PB - Publica artigo sobre Joaquim Nabuco na *Revista Pio X*
 1917 - João Pessoa PB - Publica no *Diário do Estado* artigo sobre Aluísio Azevedo
 1918 - Recife PE - Publica o primeiro artigo com o tema *Rui Barbosa*
 1920 - João Pessoa PB - Escreve a coluna literária *Ligeiros Traços* no *Diário do Estado da Paraíba*
 1922 - Recife PE - Colabora semanalmente no *Jornal do Recife*
 1923 - Recife PE - Funda com Osório Borba o semanário *Dom Casmurro*, onde publica seus primeiros trabalhos literários
 1924 - Escreve na seção bibliográfica da *Revista Era Nova*
 1926/1935 - Maceió AL - Escreve *Menino de Engenho* e publica crônicas polêmicas no *Jornal de Alagoas*
 1932 - Rio de Janeiro RJ - Publica o romance *Menino de Engenho* às próprias custas
 1933 - Rio de Janeiro RJ - Publica o romance *Doidinho*
 1934 - Rio de Janeiro RJ - Publica o romance *Bangüê*
 1935 - Rio de Janeiro RJ - Fixa residência no Rio de Janeiro e colabora em jornais como *O Globo*, *Diários Associados* e *Jornal de Esportes*
 1935 - Rio de Janeiro RJ - Lança o romance *Moleque Ricardo*
 1936 - Rio de Janeiro RJ - Publica o romance *Usina e História da Velha Totônia*, literatura infantil, ilustrado pelo pintor e cenógrafo Santa Rosa
 1937 - Rio de Janeiro RJ - Publica o romance *Pureza*
 1938 - Rio de Janeiro RJ - Publica *Pedra Bonita*, romance que dá início ao ciclo do cangaço, fanatismo religiosos e seca
 1939 - Rio de Janeiro RJ - Publica o romance *Riacho Doce*
 1940 - Rio de Janeiro RJ - Traduz e publica *A Vida de Eleonora Duse*, de E.A. Reinhardt
 1941 - Rio de Janeiro RJ - Publica o romance *Água Mãe*, seu primeiro livro que não tematiza o Nordeste
 1942 - Rio de Janeiro RJ - Publica *Gordos e Magros*, reunião de crônicas e ensaios literários
 1943 - Rio de Janeiro RJ - Publica o romance *Fogo Morto* e a conferência *Pedro Américo*
 1946 - Rio de Janeiro RJ - Publica *Conferências no Prata*, sobre as tendências do romance brasileiro
 1947 - Rio de Janeiro RJ - Publica o romance *Eurídice*
 1952 - Rio de Janeiro RJ - Inicia a publicação na revista *O Cruzeiro* do romance *Cangaceiros* em folhetins; os folhetins são ilustrados por Cândido Portinari
 1952 - Rio de Janeiro RJ - Publica o volume de crônicas *Homens, Seres e Coisas e Bota de Sete léguas*, impressões de viagem
 1953 - Rio de Janeiro RJ - Publica em volume o romance *Cangaceiros*, encerrando o ciclo do cangaço, fanatismo religioso e seca
 1954 - Rio de Janeiro RJ - Publica *A Casa e o Homem*, coletânea de crônicas e ensaios
 1955 - Rio de Janeiro RJ - Publica o livro de viagem *Roteiro de Israel*
 1956 - Rio de Janeiro RJ - Publica *Meus Verdes Anos*, livro de memórias
 1957 - Rio de Janeiro RJ - Publica *Presença do Nordeste na Literatura*, o livro de impressões de viagem *Gregos e Troianos* e *Discursos de Posse e Recepção na Academia Brasileira de Letras*

OUTRAS ATIVIDADES

- 1925 - Manhuaçu MG - Nomeado Promotor Público
 1926/1935 - Maceió AL - Torna-se funcionário do Ministério da Fazenda na função de Fiscal de Bancos, desistindo da magistratura
 1935 - Rio de Janeiro RJ - É nomeado Fiscal do Imposto do Consumo

HOMENAGENS/TÍTULOS/PRÊMIOS

- 1932 - Rio de Janeiro RJ - Recebe o Prêmio Graça Aranha
 1941 - Prêmio Felipe de Oliveira pelo livro *Água Mãe*
 1947 - Prêmio Fábio Prado pelo romance *Eurídice*
 1955 - Rio de Janeiro RJ - É eleito para a Academia Brasileira de Letras

VERSÕES/ADAPTAÇÕES

- 1965 - *Menino de Engenho* tem adaptação para o cinema com direção de Walter Lima Júnior
 1969 - *José Lins do Rego*, curta-metragem com roteiro e direção de Valério Andrade
 1976 - *Fogo Morto* tem adaptação para o cinema com direção de Marcos Farias
 Várias de suas obras estão traduzidas na Alemanha, França, Inglaterra, Argentina, Rússia, Espanha, Itália, Coréia.

CONTEXTO

MOVIMENTOS LITERÁRIOS

Modernismo (Segunda Geração)

CRÍTICA

LEITURAS CRÍTICAS

"(...) o que José Lins do Rego praticou, no terreno do ensaio e da crônica, da confissão jornalística e do artigo de jornal, pode ser considerado como o seu Diário de Escritor, apesar de sua imediata destinação pública. Dos seus anos de homem de letras, na Paraíba, no Recife e em Maceió, até o fim de sua vida, ele produziu um grande diário de sua existência de escritor e cidadão, um jornal onde fixou, preferentemente, a biografia intelectual, a história de sua inteligência, 'ce fagotage de tant de diverses pièces' que se entranha na própria biografia individual.

Os que, por desatenção ou hábito, têm de José Lins do Rego apenas uma visão uniforme, a do grande criador desprovido de espírito crítico, deitado no berço esplêndido de seu entusiasmo, devem ser advertidos de que cultivam uma imagem falsa. Confundem um sistema de criação com uma atitude do espírito."

Ivo, Lêdo. O ensaísta José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1958. p. 11-12.

"O grande valor da obra de José Lins do Rego reside nisto: o seu assunto e o seu estilo correspondem-se plenamente. Assim, e só assim, conta-se a decadência do patriarcalismo no Nordeste do Brasil, com as suas inúmeras tragédias e misérias humanas e uns raros raios de graça e humor."

Carpeaux, Otto Maria. O brasileiroíssimo José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943. p. 7-13.

REFERÊNCIAS

FONTES DE PESQUISA

- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. José Lins do Rego. In: *Presença da literatura brasileira. III: modernismo*. São Paulo: Difel, 1975. p. 246-247.
- CANDIDO, Antonio. Um romancista da decadência. In: *Brigada ligeira*. São Paulo: Martins, 1945. p. 63-70.
- CARPEAUX, Otto Maria. José Lins do Rego. In: *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 13 set. 1957. p. 3.
- CARPEAUX, Otto Maria. José Lins do Rego. Em sua: *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1951. p.256-258. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964. p.312-314.
- CAVALCANTI, Valdemar. José Lins, cronista. In: *Jornal literário*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960. p. 237-247. Reproduzido em REGO, José Lins do. *Água-Mãe*. Rio de Janeiro: J. Olympio, em convênio com o Instituto Nacional do Livro, 1980. p. VII. (Romances reunidos e ilustrados, 9)
- FREYRE, Gilberto. José Lins do Rego e eu: qual dos dois influenciou sobre o outro? In: *Alhos & bugalhos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 33-55.
- LINS, Álvaro. Um novo romance dos engenhos. In: *Os mortos de sobrecasaca*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. p. 131-136.
- REGO, José Lins do. *José Lins do Rego*. Sel. notas, est. biogr. hist. e crít. Benjamin Abdala Jr. São Paulo: Abril Educação, 1982. (Literatura comentada)

LINKS

Fundação Joaquim Nabuco

Academia Brasileira de Letras

Literatura

Copyright © Instituto Itaú Cultural